

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ ALEXANDRE GUIMARÃES COUTO

**CRONISTAS ESPORTIVOS EM CAMPO: LETRAS, IMPRENSA E CULTURA NO
JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)**

CURITIBA

2016

ANDRÉ ALEXANDRE GUIMARÃES COUTO

**CRONISTAS ESPORTIVOS EM CAMPO: LETRAS, IMPRENSA E CULTURA NO
JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em História, no Curso de Pós-Graduação em História, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. André Mendes Capraro

CURITIBA

2016

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Couto, André Alexandre Guimarães

Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no
Jornal dos Sports (1950-1958) / André Alexandre Guimarães Couto –
Curitiba, 2016.

346 f.

Orientador: Prof. Dr. André Mendes Capraro

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Esportes e Estado - Crônicas. 2. Jornalismo esportivo. 3.
Comunicação de massa e esportes. 4. Jornal dos Sports. I. Título.

CDD 070.796



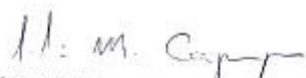
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, Junc/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: ppghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br


PARECER DA BANCA EXAMINADORA


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **ANDRÉ ALEXANDRE GUIMARÃES COUTO** intitulada: **Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de Doutor em História.


Curitiba, vinte e seis de agosto de dois mil e dezesseis.


Prof. Dr. André Mendes Capraro (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen (IIFMG)
1º examinador – (via Skype)


Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)
2º examinador – (via Skype)


Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior (UEPG)
3º examinador


Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro (UFPR)
4º examinador

Aos meus pais, Jorge Marques Guimarães (*In Memoriam*) e Rosalina Ferreira Couto

AGRADECIMENTOS

É sempre uma grande dificuldade, após a elaboração de um trabalho de fôlego como este sermos justos nos agradecimentos com todos os envolvidos nesta empreitada. Durante quatro anos e meio, foram inúmeras leituras, análises de fontes, indicações bibliográficas, pesquisas na Biblioteca Nacional e viagens múltiplas na *Internet*. Todavia, um trabalho acadêmico não se faz apenas com pesquisas, métodos e estudos no tema envolvido. Se faz também com o contato direto com as pessoas que de alguma forma estiveram juntas neste período específico de nossas vidas.

Tentarei fazer uso da minha memória pessoal e já adianto que muitas outras pessoas também contribuiram para esta pesquisa e que, portanto, no momento em que escrevo estas linhas seus nomes poderão passar despercebidos, mas que estarão presentes nos meus agradecimentos mais profundos.

Primeiramente, lembro do apoio e amizade com os meus colegas de turmas nas aulas do Programa de Pós-Graduação em História no grupo de alunos que ingressou em 2012. Doutorandos e mestrandos se misturavam, sem hierarquia ou melindres nas discussões e debates, sejam nas salas de aulas, sejam nos demais ambientes sociais em que nos encontrávamos (filas do restaurante universitário, bares e cafés). Para mim, que vinha de outra cidade, o Rio de Janeiro, foi extremamente importante ter conhecido um grupo de pessoas que desde os primeiros minutos em que me tornei aluno da Universidade Federal do Paraná (UFPR), estava pronto para oferecer amizade e companheirismo nesta longa jornada. No primeiro ano de Doutorado, durante dois semestres, ia todas as semanas para Curitiba, retornando ao Rio, logo após as aulas. Meu sacrifício pessoal e financeiro era compensado pelas alegrias e brincadeiras que fazíamos neste grupo e mesmo nas horas mais tensas, o temor por um mau desempenho acadêmico em um seminário ou trabalho escrito era minimizado pela certeza de que estávamos em um caminho certo.

Desta forma, serão sempre lembrados os colegas e amigos: Ernesto, Jonathan (Cidão), Naymme, Flora, Mateus, Pérola, Sabrina, Cristiane, Eduardo, Marilane, Néli, Reginaldo, Thiago e Everton que estavam por lá nestes dias celebrados e que tornavam a bela e fria Curitiba numa cidade mais aquecida e receptiva. Aliás, apesar de já ter conhecido a cidade em momento anterior, não poderia deixar de agradecer-las por ter me acolhido durante

um breve momento de minha vida. Passei a respeitar e a gostar mais ainda desta capital, por conta de suas belezas e das pessoas que se tornaram minhas amigas.

Não menos importantes foram as aulas dos professores do Programa de Pós-Graduação em História. Cientes que tinham um grupo heterogêneo de alunos, sejam nas propostas de pesquisas, sejam nas suas origens acadêmicas e locais, conseguiram realizar um trabalho com muito êxito, onde o debate em torno de questões caras da linha “Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História” fora bastante profícuo. Tive o prazer e o privilégio de ser aluno de brilhantes professoras como a Prof.^a Dr.^a Ana Paula Vosne Martins e a Prof.^a Dr.^a Karina Kosicki Bellotti, responsáveis na ocasião pelas disciplinas Seminário de Tese I e II, respectivamente, dentro da linha de pesquisa supracitada. Portanto, tive contato com textos que proporcionaram um conhecimento profundo sobre temas e dimensões que tratavam conceitos de subjetividade e sentimentos na história, por exemplos.

Destaco também as aulas do Prof. Dr. Euclides Marchi, cuja disciplina formalmente se chamava Estudos Avançados em História III, mas que essencialmente aprofundava o debate em torno da análise do discurso como metodologia de pesquisa de fontes históricas. A partir desta disciplina pude ter acesso a uma série de autores e conceitos relevantes que foram fundamentais para a análise de nossas fontes principais: as crônicas esportivas do *Jornal dos Sports (JS)*.

Na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História, agradeço à servidora Maria Cristina, que sempre de forma atenciosa e simpática me esclareceu todos os detalhes e informações necessárias para o pleno desenvolvimento da minha vida acadêmica na UFPR. Seu trabalho foi muito importante para mim, principalmente porque estava sitiado em outro estado, e os contatos por *e-mail* e telefone me orientavam sobre as minhas obrigações administrativas e acadêmicas com o Curso e com o respectivo Programa.

No Rio de Janeiro, voltei a ter mais uma oportunidade única: poder fazer uma disciplina com a Prof.^a Dr.^a Márcia de Almeida Gonçalves, no Programa de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Na ocasião, como aluno externo, pude aprofundar um estudo sobre a relação entre a biografia e a história, que me foi bastante útil para entender as subjetividades presentes nas obras dos autores de crônicas que elegi para a

minha pesquisa. Além disso, foi importante conhecer outros estudantes deste Programa além do próprio Curso de Doutorado em História de outra universidade para além da qual eu estava vinculado.

Para chegar até este momento, minha participação nos grupos de pesquisa foi crucial para o pleno desenvolvimento da pesquisa. Antes de 2012, já participava de dois grupos dedicados ao estudo do esporte. O primeiro, Laboratório de História do Esporte e do Lazer (SPORT), vinculado ao Programa de Pós-Graduação de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e sob a Coordenação do Prof. Dr. Victor Andrade de Melo tem como primazia de suas ações a pesquisa profunda sobre a história do esporte, ao mesmo tempo em que promove um companheirismo acadêmico raríssimo na universidade. Posso dizer que além do orgulho de participar deste grupo do ponto de vista acadêmico, tenho grandes amigos que acompanharam o desenrolar deste meu último trabalho. Em especial, sem me esquecer da importância dos demais, agradeço a colaboração, as críticas, as sugestões e a amizade dos professores e pesquisadores Victor Melo, Álvaro do Cabo, Maurício Drummond, Rafael Fortes, Luiz Carlos Santanna, Viviane, Eduardo, Ricardo Pinto, Fábio Peres, Karina Cancelli, Nei Santos e Edônio Alves. As idas ao bar no pós-reunião são tão fraternas quanto nossas reuniões e complementavam as discussões profundas sobre o esporte e que se tornaram um aprendizado para a minha formação enquanto pesquisador da área. É isso, as terças-feiras passariam a se tornar noites de aprendizado com altas doses de amizade e respeito mútuo.

O segundo grupo, da qual já participava, é o Núcleo de Estudos sobre Esporte e Sociedade (NEPESS), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Com uma lógica de apresentações de trabalhos seguidas de comentários e debates, pude fazer uma explanação da pesquisa (já em sua parte final de elaboração) da qual surgiram questões importantes para fazer o que a academia deve realizar: colocar a dúvida, aprofundar o debate, instigar um posicionamento diferente e já cristalizado das nossas “verdades históricas”. O contato com os colegas da área de Antropologia, Educação Física e Letras resultou em discussões saudáveis para a complementação da minha formação em História. Deste grupo, destaco os professores e pesquisadores Luiz Rojo (Coordenador atual do NEPESS), Simoni Guedes, Martin, Leda Costa, Ingrid, Renato Lanna e David (este último participando também do SPORT). Além de toda a importância deste grupo, sempre era e ainda é uma satisfação pessoal retornar ao local

onde fiz minha graduação no Curso de História da UFF, na cidade de Niterói. As reuniões de segunda-feira a tarde me fazem pensar sempre nos tempos da década de 1990, quando estive por lá. O espírito que carrego é de uma nostalgia positiva.

Ao entrar na UFPR, fui convidado a integrar o Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade (NEFS), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História desta universidade e coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro. Participei pouco das reuniões presenciais devido à distância da minha cidade de origem, mas atuei com envio de informações e crônicas para o *blog* do Núcleo assim como participei do Encontro da Anpuh/PR em Londrina (2014), na Universidade Estadual de Londrina (UEL), cujo Simpósio de História do Esporte fora organizado pelos Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro e Prof. Dr. Miguel Arcanjo Jr. Assim como nos demais grupos dos quais participo, a solidariedade e amizade do NEFS sempre foi uma característica importante desta equipe, seja nas aulas das quais participei com alguns deles, na defesa do nosso campo de pesquisa e estudo, seja nos encontros e conversas sobre a nossa proposta acadêmica. Desta forma, agradeço aos professores e pesquisadores Luiz Carlos Ribeiro, André Capraro, Miguel Arcanjo Jr., Ernesto Marczal, Jonathan, Natasha, Rick, Daniel e Bruno. Posso dizer hoje que tenho um grupo de colegas e amigos verdadeiros no estado do Paraná e que serão sempre companheiros na jornada acadêmica ao longo da vida.

No período do meu doutoramento, tive grandes amigos no ambiente do meu trabalho como docente. Na Prefeitura de São Gonçalo, onde atuei até fevereiro de 2014, contei com o coleguismo, a amizade e o apoio de vários profissionais, dos quais destaco os professores Warley, Jacqueline Marins, Patrícia Lannes e o saudoso Veloso, além dos inspetores Vicente e Rafael. No Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) onde atuo como docente (a partir de fevereiro de 2014) me divido entre duas grandes equipes. Como Chefe do Departamento de Extensão e Assuntos Comunitários (DEAC), lidero uma equipe de docentes, técnicos administrativos em educação, alunos bolsistas e estagiários e todos de alguma forma contribuíram com o término deste trabalho, pela paciência nos momentos mais tensos assim como pelo cumprimento de suas funções e ações a bem do serviço público, em particular, pelo pleno desenvolvimento da Extensão e da Assistência Estudantil de nossa instituição, me deixando um pouco mais tranquilo para que eu me dedicasse mais à pesquisa. Agradeço a todos pela grande ajuda e colaboração: Prof. Manoel Maravalhas, Clara Alves, Jorgete, Márcia Azeredo, Sandro Sgambatto, Maria Helena, Thainá,

Sonia Vasconcellos, Márcia Cristina, Jonatas, Fernanda e os vários alunos que colaboraram com o DEAC. Um agradecimento também especial é dedicado a Maria Alice Caggiano e Marcelo Aguirre, da Diretoria de Extensão (DIREX) do CEFET/RJ a qual o meu departamento está vinculado, que sempre tiveram muita paciência com a minha condição de doutorando sem licença para a dedicação à pesquisa. Além da confiança em minha gestão, depositaram uma camada grande de amizade e respeito em nossa relação.

Pelo CEFET/RJ, participo de dois importantes fóruns das universidades públicas brasileiras: o Fórum de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis (FONAPRACE), de onde participo da Coordenação Regional Sudeste e o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), de onde participo da Coordenação do Projeto Corredor Cultural (Regional Sudeste). Ambos os fóruns contribuíram para a minha formação profissional como gestor e por lá conheci servidores fantásticos que me apóiam até hoje nas minhas ações institucionais assim como sempre deram muita força para que eu concluísse a tese. No FONAPRACE, tive grande apoio de vários colegas dos quais destaco os colegas de Coordenação Regional, Márcia Feres (CEFET/MG) e Maria de Fátima (UFU). E no Projeto Corredor Cultural, agradeço Margareth, Malú e João Frederico (UNICAMP), Dalva e Lú de Laurentis (UFU), Ivanei Salgado (UNIFAL) e Aline e Telma (UFSJ).

Após aprovação em concurso público para docente na mesma instituição em que já atuava, mantivesse meu cargo no DEAC e passei a atuar também no colegiado de História, integrando uma equipe de excelentes professores dos quais posso destacar a amizade e o respeito por todos eles. Agradeço a todos, por inclusive me apoiar no pedido de diminuição de carga horária de aulas no ano de 2015 e 2016, para que me dedicasse à pesquisa e ao cargo de direção no DEAC. Seria injusto da minha parte se não mencionasse os nomes dos professores Mário Souza, Renato Lanna, Álvaro Senra, Renilda Barreto, Vanessa Brunow, Nadson, Alcidésio, Ingrid, Mariana e Samuel, pelo companheirismo nas nossas discussões acadêmicas e pedagógicas e por representar uma gama de outros colegas docentes e técnicos administrativos em educação que vez ou outra tinham um tempo, mínimo que seja, para dar apoio, fazer uma brincadeira, dizer que uma hora ou outra o trabalho seria concluído e tantas outras formas de me apoiar. Neste mesmo caminho, agradeço aos alunos que me apoiaram durante todo este período, sendo inclusive pacientes e compreensivos nos momentos onde demonstrava mais cansaço e falta de humor. Também aprendi muito com os colegas e alunos

do Curso de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET/RJ, no qual atuo como Tutor a Distância e Professor Pesquisador, sendo bolsista da CAPES pela Universidade Aberta do Brasil (UAB).

O período de doutoramento não foi nada fácil em minha jornada, pois vários fatos ocorreram neste período (falecimento de meu pai, separação, necessidade de apoio a minha irmã e outras dificuldades pessoais e familiares). Neste caminho, nunca pensei em desistir, mas admito que pensei em várias vezes como teria forças para chegar até o final deste trabalho. Tenho a certeza de que as minhas “baterias” foram recarregadas com apoio de vários amigos e familiares, dos quais destaco minha irmã Leninha, minha mãe Rosalina, meus filhos do coração Pedro Henrique e Hortência e outras pessoas importantes que passaram pela minha vida (e ainda passam) como Nilcéa Couto, Núbia Alves e Valéria Rodrigues. Sem falar de meu pai, Jorge, que esteja onde estiver, está em algum lugar torcendo por mim e me indicando não o caminho mais fácil, mas o mais certo e justo. Sem vocês, a caminhada seria muito mais íngreme e difícil. Obrigado, com todo o coração.

No campo da pesquisa, foi muito importante o serviço cortês e profissional oferecido pelo Setor de Periódicos da Biblioteca Nacional, quando pude pesquisar arduamente os jornais microfilmados do *JS*, tendo em vista que muitos períodos deste jornal não se encontram na hemeroteca digital, no Portal desta instituição.

Finalmente e não menos importante, muito pelo contrário, agradeço a valiosíssima contribuição em minha banca de qualificação do Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro (UFPR) e do Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ), que apontaram sugestões, críticas e possibilidades de reestruturação do trabalho em andamento. As experiências de ambos no estudo da história do esporte iluminaram as partes mais relevantes desta pesquisa, contribuindo bastante para que eu encaminhasse a conclusão da mesma.

Deixei por último um agradecimento super especial: trata-se do meu orientador, o Prof. Dr. André Mendes Capraro. Desde o Encontro Nacional da ANPUH em São Paulo (2011), na Universidade de São Paulo (USP), em que deu atenção às minhas intenções de adentrar em um programa de doutorado, continuando pela colaboração e confiança em todos os processos acadêmicos e administrativos pelos quais tive que passar ao longo do Curso. Por várias vezes, se disponibilizou a me atender durante muitas noites e madrugadas pelo *skype*,

identificando possíveis falhas, debatendo questões e nortes específicos do trabalho, cobrando de uma forma justa e gentil em todos os momentos destes quatro anos e meio. Além disso, foi bastante rica a troca de informações, via *e-mail* e, quando possível, *in loco* dos textos enviados. Mesmo quando o orientador realizou um trabalho de Pós-Doutoramento na Itália, continuou a me atender via *skype* com a mesma presteza, gentileza e atenção. Acredito que os momentos mais iluminados desta tese surgiram com as ideias e apoio do Prof. André, sendo os mais obscuros os de minha pontual autoria.

Muitos colegas, amigos e familiares me perguntaram várias vezes neste período porque escolhi um programa de pós-graduação em História fora da cidade do Rio de Janeiro (alguns achavam inclusive que o Curso era na modalidade EaD!). Bem, assim como expliquei lá, esclareço aqui: dentre os dois motivos principais, o primeiro é de que seria um privilégio me tornar aluno de uma das principais universidades federais do Brasil, tendo o seu Programa de Pós-Graduação em História uma nota muito boa de avaliação e um corpo docente excelente com o qual poderia aprender muito. O segundo é que teria a possibilidade da orientação do Prof. André, que é um especialista em crônicas esportivas, tendo realizado uma tese sobre o assunto e se tornado uma referência no assunto. Discussões envolvendo a área da História, Esporte, Comunicação e Literatura pareciam um desafio muito grande para que eu pudesse empreender sem a devida orientação. Todavia, fiquei mais tranquilo, porque teria a oportunidade de dialogar com um pesquisador que pudesse oportunizar debates envolvendo as áreas supracitadas.

Não sei se o trabalho ficou a altura de sua orientação, mas caso não, tenho a certeza de que os ensinamentos seguirão para toda a vida, me obrigando a aprimorar a capacidade de pesquisar e desenvolver ainda mais os estudos sobre a relação entre o esporte, o jornalismo e a literatura.

O trabalho de redação de uma tese, assim como as demais produções acadêmicas, é uma ação muitas das vezes solitária e intranquila. Portanto, agradeço a Deus por estar ainda por aqui e capaz de usufruir o apoio de todas as pessoas que citei (e também as que não citei) para o término deste trabalho.

É que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo (...).

Antonio Candido

RESUMO

O presente trabalho investiu na investigação de um gênero híbrido de narrativa textual, no limite entre o jornalismo esportivo e a literatura: a crônica sobre os esportes. Para tanto, escolhemos uma série de autores/cronistas que atuaram no *Jornal dos Sports*, ao longo da década de 1950. O objetivo central da pesquisa foi perceber em que medida estes narradores tinham a autonomia suficiente para criar e recriar representações culturais e sociais em torno dos esportes, além de descobrir quais eram estas posições. Apesar de o futebol ter dominado as pautas da imprensa esportiva ao longo de todo o século XX, como os campeonatos regionais, as Copas do Mundo e a Copa Rio, entendemos que outros assuntos foram debatidos por estes cronistas como a cobertura dos Jogos Olímpicos, tudo isso sob a luz da linha editorial deste jornal, que valorizava a prática do denunciamento e a do clubismo, dentre outras.

Desta forma, poderemos ter uma visão mais ampla e profunda da história da imprensa esportiva, que não passe necessariamente pela exclusiva atuação de um único jornalista, Mário Filho, espécie de mito fundador da comunicação esportiva.

Palavras-chave: Crônica Esportiva – *Jornal dos Sports* – Hibridismo literário

ABSTRACT

This work invested in research of a hybrid genre of textual narrative, the boundary between sports journalism and literature: a chronicle of sports. Therefore, choose a number of authors/writers who worked in the *Jornal dos Sports*, throughout the decade of 1950. The central objective of the research was to see to what extent these narrators had sufficient autonomy to create and recreate cultural and social representations about sports, and find out what were these positions. Although football has dominated the agendas of the sporting press throughout the twentieth century, as the regional championships, the World Cup and the Rio Cup, we understand that other issues were discussed by these chroniclers as the coverage of the Olympic Games, all that in the light of the editorial of this newspaper, which valued the practice of denunciation and the clubism, among others.

In this way, we can have a broader and deeper view of the history of the sports press, which does not necessarily pass by the exclusive action of a single journalist Mário Filho, a kind of founding myth of sports communication.

Keywords: Chronicle Sports - *Jornal dos Sports* - literary hybridity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 (INTER)SUBJETIVIDADES, SENTIMENTOS E HIBRIDISMOS DA CRÔNICA ...39	
1.1 A CRÔNICA COMO ELEMENTO INTER(SUBJETIVO) DE COMUNICAÇÃO.....	40
1.2 USOS E ABUSOS DOS SENTIMENTOS NAS CRÔNICAS ESPORTIVAS.....	63
1.3 O HIBRIDISMO ENTRE LITERATURA E JORNALISMO E OS USOS DA HISTÓRIA.....	87
2 O JORNAL DOS SPORTS E A “CASA” DAS CRÔNICAS	109
2.1 O <i>JORNAL DOS SPORTS</i> : DA FUNDAÇÃO AO APOGEU DAS CRÔNICAS.....	110
2.2 UM BREVE PANORAMA DA GRANDE IMPRENSA.....	134
2.3 “ARRUMANDO A CASA”: UMA ANÁLISE INTERNA DO <i>JS</i> NOS ANOS 1950...138	
3 OS DONOS DAS LETRAS – CRONISTAS ESPORTIVOS EM FOCO	150
3.1 APONTAMENTOS BREVES SOBRE HISTÓRIA E BIOGRAFIA.....	151
3.2 OS LITERATOS E ERUDITOS DO ESPORTE.....	156
3.3 OS JORNALISTAS DE PLANTÃO TAMBÉM QUEREM CRIAR.....	170
3.4 OS JORNALISTAS POLEMISTAS: POPULARES E IRREVERENTES.....	177
3.5 AS MULHERES E SUAS “VOZES”: UM CASO A PARTE.....	183
4 POR QUEM OU POR QUE OS CRONISTAS DOBRAM?	192
4.1 MOMENTOS DE EUFORIA, CHOQUE E CRIATIVIDADE: AS COPAS DO MUNDO.....	193
4.2 A COPA RIO: O BRASIL EM EVIDÊNCIA PELOS CLUBES.....	249
4.3 O <i>JS</i> É OLÍMPICO? UMA VISÃO DE ADEQUAÇÃO AO UNIVERSO ESPORTIVO.....	275
4.4 DE DENÚNCIA EM DENÚNCIA: REGULANDO O CAMPO?.....	293
4.5 O CLUBE ACIMA DE TUDO: O SENTIMENTO CLUBÍSTICO.....	305

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	319
REFERÊNCIAS.....	326
FONTES.....	337
ANEXOS.....	345

INTRODUÇÃO

Iniciar qualquer discussão acerca da imprensa esportiva em nosso país é não só avançar a fronteira do conhecimento, mas acompanhar uma área pouco explorada pela historiografia e pelas demais áreas das ciências sociais e humanas. Felizmente, os estudos acadêmicos tanto nos grupos que estudam o esporte como aqueles que investem nas pesquisas sobre imprensa têm percebido a importância deste tema para compreendermos a própria sociedade.

Entendemos que é necessário pensarmos sobre as identidades e idiossincrasias criadas pela imprensa esportiva, tendo em vista que esta explora(va) um universo cada vez mais importante para boa parte da população, ou seja, o interesse pelas práticas esportivas, mesmo quando estas não eram exercidas pelos próprios leitores. Ou seja, o campo esportivo se espraiava para todos os cantos das cidades brasileiras, envolvendo uma relação que ia para além da prática. A leitura e o interesse por mais informações e notícias sobre os esportes possibilitaram a ampliação de uma grande imprensa que incorporou o tema como um dos principais elementos de suas propostas editoriais, criando uma linha de profissionais específicos para esta empreitada. Desta forma, jornalistas, repórteres, fotógrafos que atendiam uma série de assuntos para os jornais, iniciaram um processo de especialização, a partir do momento que a práxis exigia uma dedicação maior aos esportes.¹ Apesar de não termos como delimitar em que momento exato tal processo tenha ocorrido, levamos em conta que vários jornalistas esportivos na década de 1930 eram oriundos de outras pautas como as policiais, por exemplo, o que nos leva a crer que esta especialização na prática se deu na passagem da década anterior, os anos 1920, para aquele período.

Nosso interesse pelo tema nasceu não só com as explicações supracitadas, mas de uma necessidade de investigar mais a fundo o tema que nos deparamos em nossa Dissertação de Mestrado em História Social, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), denominada “A hora e a vez dos esportes: a criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da

¹ Utilizamos aqui o conceito marxista de práxis, não exatamente como sinônimo de “prática” ou simplesmente oposição à teoria. Mas, a adotamos como fundamento da teoria e da transformação material da realidade por meio dos instrumentos que possibilitam as mudanças das estruturas sociais.

imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)”.² Na ocasião, discutimos em um período bem largo (as décadas de 1930 e 1940) a formação de uma imprensa esportiva especializada em um período importante para o desenvolvimento das práticas esportivas brasileiras, como foi o processo de profissionalização do futebol no país. Em 1931, a criação do *Jornal dos Sports (JS)* tornava-se um marco para a imprensa esportiva, por ter se tornado o primeiro periódico diário no Brasil e que continuou a existir ao longo de todo o século XX, tendo finalizado seus trabalhos apenas no início dos anos 2000. Mais do que investir na publicização dos eventos e informações do esporte, um mercado das comunicações que só aumentava em meados do século passado, o jornal conseguiu sobreviver como empresa ao longo de vários períodos da história, muito por conta das suas estratégias de aproximação com o Estado brasileiro. Tal acompanhamento das discussões ideológicas trazidas e impostas pelos governos que se sucederam a partir da década de 1930, como o Estado autoritário de Getúlio Vargas (1930-1945), de democracia liberal de Eurico Gaspar Dutra (1946-1950) e de nacionalismo desenvolvimentista (1951-1954) e (1955-1960) do segundo governo Vargas e de Juscelino Kubistchek, moldara o jornal e seus respectivos discursos em torno de adesão e não necessariamente por enfrentamentos, mesmo quando um tema gerava críticas moderadas.³

Na ocasião pudemos compreender o papel deste periódico na consolidação da imprensa esportiva como um todo, assim como entender como este periódico tornava-se um *locus* de formação na prática de profissionais que vinham de outras áreas de atuação, como a cobertura policial ou dos fatos urbanos, por exemplo. Não por acaso, já naquela ocasião nos chamava a atenção um setor importante do jornal que conseguia aliar a capacidade de cobrir os fatos e notícias esportivas com a habilidade de criar e inventar histórias: as crônicas. Pouco exploradas na década de 1930, a exceção das crônicas produzidas nos editoriais, a década seguinte catapultou espaços cada vez maiores nas páginas do *JS*.⁴ Percebemos que eram textos que conseguiram transitar entre a necessidade de atender a uma exigência do jornalismo, a de noticiar os fatos, com a construção de textos que tinham uma liberdade de

² COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social. Este projeto fora aceito na linha de pesquisa em “Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais”.

³ Um dos fatores que possibilitaram a adesão ao Estado foi a trajetória de alguns jornais que foram “empastelados” e destruídos, em períodos anteriores como, por exemplo, o jornal *Crítica* da família Rodrigues. Ver em: CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁴ Os editoriais do *JS* eram escritos na segunda página do jornal e se chamava “Críticas e Sugestões”. Eram assinados de 1931 a 1936 por Argemiro Bulcão e de 1936 em diante, por Mário Rodrigues Filho.

criação narrativa. Ou seja, para debater determinados temas, a narrativa transcendia o jornalismo ao trazer elementos importantes do discurso literário, tornando-se, então um texto híbrido ou de fronteira.⁵

Todavia, no projeto de pesquisa da Dissertação de Mestrado a nossa intenção era discutir o periódico como um todo, como veículo de comunicação, como um caso a ser estudado e pesquisado com mais profundidade. As crônicas, que se tornaram muito relevantes para o contexto daquele trabalho, mereciam um trabalho a parte que pudesse investigá-las com mais detalhes e cuidados metodológicos que estas fontes merecem. Nascia, assim, nosso projeto de pesquisa para o Doutorado em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR), voltado para a linha de pesquisa “Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História”.

Como de alguma forma trabalhamos com o período das décadas de 1930 e 1940 na pesquisa anterior, procuramos avançar um pouco mais e discutir os anos seguintes, tendo em vista que a década de 1950 se apresentava como um momento de consolidação da crônica esportiva e de construção de textos híbridos e diversos no campo esportivo. Não por acaso, é também o período da história da imprensa brasileira que trazia uma série de modificações tecnológicas e gráficas, tornando a circulação dos jornais mais ágil e eficiente e aumentando a continuidade das empresas de comunicação e seus respectivos títulos de periódicos.⁶ Do ponto de vista das orientações editoriais para o texto jornalístico, os anos 1950 conheceriam uma “onda objetiva”, ou seja, as técnicas de construção dos textos deveriam apontar para um caminho de objetividade, neutralidade e imparcialidade, mas principalmente o primeiro destes elementos. Ou seja, o texto do jornal deveria na medida do possível evitar o formato opinativo e aderir à proposta de informar acerca dos fatos.⁷ As crônicas, então, iam de encontro a esta orientação tendo em vista seu caráter subjetivo e ficcional, principalmente aquelas que

⁵ Daqui para frente, chamaremos o texto das crônicas como uma narrativa híbrida, devido a esta mescla de jornalismo e da literatura. Agradecemos a contribuição/sugestão do Prof. Élcio Loureiro Cornelsen, da Faculdade de Letras da UFMG, ao nosso trabalho ao propor o uso de gênero híbrido, mais correto do que o literário, por exemplo. Em sua opinião, por conta das interrelações entre o universo da literatura e o da comunicação/mídia. Neste trabalho, e ciente da necessidade de aprofundar esta questão, usamos bastante esta expressão.

⁶ Lembramos que a efemeridade dos jornais nas décadas anteriores era uma constante e que mesmo tendo uma variedade de títulos, isto não significava uma continuidade, tendo em vista uma série de fatores, como a conformação de um público leitor, as dificuldades gráficas, as crises de importação de papel e de outros equipamentos, dentre outros fatores.

⁷ Nitidamente temos uma influência das técnicas do jornalismo norte-americano de meados do século XX, que visavam a objetividade do texto comunicacional.

poderiam explorar emoções, sentimentos e sensações do universo esportivo. A modernidade trazida pelos avanços tecnológicos da indústria gráfica, das orientações editoriais do campo jornalístico de então e do desenvolvimento da formação dos profissionais dos jornais e revistas era reinventada pela capacidade narrativa das crônicas. Ou seja, defendemos neste trabalho que não temos, pelo menos para o mundo da imprensa esportiva, uma única modernidade, tendo em vista que nossas fontes nos levam para outro caminho. Não era um espaço do retrógrado, da opinião conservadora (apesar de que poderia ser em determinados momentos) e de uma “contramodernidade”. Mas, sim, de uma vertente moderna de produzir notícias: a de aliar narrativa literária e ficcional com o relato atento dos fatos, possibilitando a criação de uma verdade mediada. Em ambas as intenções, a postura de observador apurado da vida cotidiana é condição *sine qua non* para uma atuação bem sucedida na área. Como isso, podemos almejar a desconstrução de uma modernidade racional e objetiva, tendo em vista as experiências da própria narrativa da crônica em propor outras formas de adequação ao novo.

Apontadas estes devidos esclarecimentos sobre a origem de nosso objeto, procuramos neste trabalho responder acerca da problemática central de nossa pesquisa, ou seja, quais eram os temas de maior interesse dos cronistas que atuavam no *JS* ao longo da década de 1950 e em que medida suas atuações e atenções empreendiam campanhas em favor da organização e da consolidação do esporte carioca, com mais atenção ao futebol. Ao fazer isso, podemos compreender a heterogeneidade de estilos e narrativas destes cronistas, tendo em vista que nossa hipótese é de que a diversidade destes textos consolidou o cronismo esportivo carioca, devido à importância do periódico em que eram publicados e das redes sociais dos quais estes autores eram partícipes. Portanto, tais análises caminham para descortinar e desconstruir mitos acerca da criação e do desenvolvimento do cronismo esportivo, mas também da própria imprensa especializada.

Desta forma, as crônicas tornaram-se fonte e objeto desta nossa pesquisa devido não só às suas especificidades de composição narrativa, mas do seu caráter de apresentar histórias que, por sua vez, nos permitem conhecer um fragmento da história da cidade do Rio de Janeiro e das práticas esportivas que se desenvolviam neste local específico. Para tanto, chegamos a um ponto crucial em nosso trabalho: a de compreender a importância do *JS* na construção destas histórias, pois o jornal conseguiu aglutinar em suas páginas um grupo significativo de autores cujas formações pessoais variavam entre o mundo da literatura e da

política e a experiência no campo jornalístico. Suas respectivas relações sociais envolviam as redações dos jornais, os espaços de organização e disciplinarização dos esportes e os órgãos formais da política tradicional, dentre outros.

Ao conhecer os grandes temas e preocupações dos cronistas do *JS*, assim como seus respectivos estilos narrativos, nosso interesse central neste trabalho, procuramos também desconstruir a ideia de que Mário Filho teria sido praticamente o único responsável pelo sucesso da popularização da imprensa esportiva e até mesmo da crônica esportiva carioca e brasileira. Tal construção mítica foi absorvida pela própria imprensa (esportiva ou não), assim como ganhou eco no discurso acadêmico, principalmente, nas áreas de História, Jornalismo e Letras. A partir da supervalorização de sua narrativa, em parte pela perpetuação de sua memória por seu irmão Nelson Rodrigues, em parte pelos usos acadêmicos e jornalísticos que sua obra inspiraria nas últimas décadas do século XX, a imagem de Mário Filho fora lembrada como o grande “criador de multidões” ou “maior jornalista brasileiro”.⁸

Mesmo reconhecendo a importante participação deste jornalista na mudança narrativa de se noticiar os esportes no Brasil, buscaremos pesquisar a obra de outros interlocutores e contemporâneos de Mário Filho como Manuel Vargas Netto, José Lins do Rego, Álvaro do Nascimento, Geraldo Romualdo da Silva, Everaldo Lopes, dentre outros cronistas que tinham colunas fixas nas páginas deste jornal. Portanto, a escolha do *JS* de forma alguma fora aleatória para esta pesquisa, pois seu sucesso editorial estava diretamente relacionado com as crônicas publicadas diariamente, sendo da autoria de diversos autores e não somente de Mário Filho. Se as manchetes exageradas e exclamativas vendiam bem, a leitura das colunas e crônicas poderia fidelizar o aficionado por esportes, principalmente pelo futebol. A “tradição” do jornal de reunir literatos e autores que circulavam pelo mundo da cultura e política (às vezes, era o caso de uma única pessoa: veja o exemplo de Manuel Vargas Netto, poeta, deputado federal e dirigente esportivo), já havia obtido sucesso na década anterior.

⁸ Uma breve procura pelo nome do jornalista na *Internet* releva expressões como esta. À guisa de usarmos um destes exemplos, podemos conferir o texto jornalístico de: FILIPPO, Leonardo. Há 100 anos, nascia Mário Filho, o “Criador das multidões”. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL587551-9825,00-HA+ANOS+NASCIA+MARIO+FILHO+O+CRIADOR+DAS+MULTIDÕES.html>>. Acesso em: 25/07/2016. Vale a pena também, conferir o debate em torno dos usos acadêmicos da principal obra de Mário Filho (*O Negro no Futebol Brasileiro*) em: SOARES, Antonio Jorge. História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

Nos anos 1950, então, temos uma linha de continuidade do jornal com o período anterior na constituição de um “time” que pudesse narrar e comentar os esportes por meio das crônicas. Todavia, o corte se dá por meio dos temas a serem tratados, exigindo cada vez mais destes autores uma visão mais completa do Brasil, seja remetendo seus discursos à questão da identidade nacional em momentos de Copa do Mundo (tanto as que resultaram em frustração, como a que trouxe regozijo e redenção), na busca por ampliação do interesse pelo esporte preferido – o futebol, na elasticidade do campo esportivo⁹ como um todo, com comentários sobre o desenvolvimento de outros esportes, ou, finalmente, pela associação da prática dos esportes com a vida política nacional e regional. A visão mais ampla, entretanto, não se desalinha com o olhar mais pontual, individual e próximo (do ponto de vista mais geográfico) da realidade urbana e local, aproximando o autor do leitor. No entanto, cabe lembrar que mesmo nas pautas nacionais, o universo a ser contemplado era mais voltado para um olhar esportivo carioca, fazendo referências a São Paulo, e menos dos demais estados da federação.

Sobre esta associação, devemos acrescentar que o período a ser abordado na pesquisa trata de um momento ímpar na história da sociedade brasileira, por conta de ser uma conjuntura de democracia liberal, e que contava com uma forte tendência (e necessidade) de modernização da indústria brasileira e de aumento da burocratização do Estado. Tanto o governo Vargas (1951-1954) quanto o governo JK (1956-1961) primaram por suas políticas desenvolvimentistas (sendo o primeiro considerado como nacional-desenvolvimentista-trabalhista¹⁰), com o claro objetivo de transformar a infraestrutura nacional em um setor mais moderno e dinâmico, mesmo correndo riscos financeiros, como o crescente aumento da inflação, por exemplo.

Para realizarmos este trabalho procuramos dialogar com uma historiografia que discutiu a relação entre imprensa e esporte. No entanto, na historiografia existem poucos trabalhos sobre o papel da imprensa esportiva no Brasil, mesmo porque os estudos da história

⁹ Cabe informar que estamos utilizando neste trabalho o conceito de campo esportivo de Pierre Bourdieu. Para este autor, os esportes, assim como em outras áreas, passou a se constituir em um campo de práticas específicas, dotado de lutas e regras próprias e do investimento peculiar de determinadas competências. Ver em BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983 e, em especial, o capítulo “Como é possível ser esportivo?”. Apesar do uso deste conceito, dentre outros de Bourdieu, devemos, ao analisar e historicizar as nossas fontes, ter a cautela de perceber o limite de autonomização do campo esportivo em relação ao meio político, econômico e até mesmo, religioso, em que se encontra.

¹⁰ BASTOS, Pedro Paulo Z.; FONSECA, Pedro Cezar D. (Org.). *A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

ou sociologia dos esportes são recentes e agora, felizmente, mais livres do preconceito do mundo acadêmico sobre o tema. Para termos uma ideia, um estudo recente de duas pesquisadoras da UNICAMP revelou que não havia, até 2005, um único livro contando a história da imprensa esportiva no Brasil, e sim, capítulos, partes de livros e artigos.¹¹ Inclusive, o trabalho de Michelli Gonçalves e Vera Camargo fez um levantamento bibliográfico para, entre outras finalidades, facilitar as pesquisas na área de Educação Física e Comunicação. Não se pensava, a princípio, todavia, na disciplina História.

Posteriormente, em 2007, foi lançado um livro do jornalista André Ribeiro, com a pretensão de explicar a trajetória histórica da imprensa esportiva.¹² Todavia, o autor prioriza uma história centrada nos relatos da imprensa paulista e não relaciona do ponto de vista historiográfico e, principalmente, metodológico a sua narrativa com as fontes pesquisadas. O também jornalista Paulo Vinícius Coelho lançou um manual de imprensa esportiva e, no seu início, trata, muito brevemente, de uma história desta especialidade da imprensa.¹³ Carece, entretanto, de um aprofundamento maior, mesmo sabendo que as intenções do autor não fossem trilhar uma história da imprensa esportiva e sim apresentar orientações para o texto desta especialidade de imprensa, enfim, a proposta como o próprio título informa é a de construção de um manual. Em ambos os casos, a proposta dos jornalistas não se encaixam na elaboração de um trabalho mais sério do ponto de vista acadêmico, com o objetivo de articular a investigação histórica com uma proposta metodológica de tratamento das fontes consultadas.

Felizmente, recentemente, novos trabalhos fugiram desta lógica de simples divulgação de ideias e memórias de uma pretensa história. O trabalho organizado por Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Victor Andrade de Melo, “O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil”, traz uma série de artigos que procuram dissecar importantes periódicos esportivos ao longo do século XX, além de um apanhado geral sobre a imprensa esportiva no

¹¹ GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade e CAMARGO, Vera Regina Toledo. *A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura*. Trabalho apresentado no V Encontro de Núcleos de Pesquisa da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-2.pdf>. Acesso em: 27/12/2008.

¹² RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo – histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

¹³ COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

século XIX.¹⁴ Com o mesmo objetivo de ampliar a historiografia sobre o tema, André Mendes Capraro e Miguel Arcanjo de Freitas Jr. organizaram um importante trabalho sobre as crônicas esportivas, chamado “Passe de Letra: Crônica Esportiva e Sociedade Brasileira” que apresenta uma gama de discussões em torno dos usos e abusos desta fonte de pesquisa.¹⁵

Portanto, a escolha deste tema de pesquisa se justifica, em parte, por questionar o porquê de um vazio historiográfico e, até mesmo bibliográfico, tendo em vista a repercussão social que causava a imprensa esportiva na vida cotidiana dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro à época, assim como nas demais grandes cidades brasileiras.

Tentar fugir da efemeridade da manutenção dos jornais, aderir ao propósito de um jornal-empresa e conseguir atingir a seu público, mesmo ao não leitor, foram os desafios que esta modalidade de imprensa se propôs a alcançar ao longo da primeira metade do século XX. Tudo isto com o objetivo de publicizar, ou seja, de tornar público novos símbolos e códigos de valores que passariam, também, a contribuir para forjar um novo modelo de indivíduo, criando identidades vinculadas a um novo projeto de modernidade, e este, por sua vez, associado, também, a um novo ou moderno valor social de se praticar esportes.

Finalmente, importantes e recentes trabalhos sobre a história e análise das crônicas esportivas apontam caminhos valiosos para a nossa pesquisa. É o caso da Tese de André Mendes Capraro, “Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX”, que dentre outras perspectivas nos revela a importância do papel do pesquisador em não minimizar o texto literário como fontes de nossos trabalhos.¹⁶ Sob a luz do trabalho de Sevcenko, Capraro aponta que a análise das crônicas deve seguir alguns parâmetros de análise como, por exemplo, a linguagem, a visão de mundo e a perspectiva social.¹⁷

Outra análise instigante para o estudo das crônicas pode ser vista no trabalho de Bernardo Buarque de Hollanda sobre a obra de José Lins do Rego e sua trajetória como

¹⁴ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

¹⁵ CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. (Orgs.). *Passe de Letra: Crônica Esportiva e Sociedade Brasileira*. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012.

¹⁶ CAPRARO, André Mendes. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Curitiba: UFPR, 2007. Tese de Doutorado em História. Ainda sobre esta relação ente imprensa e esportes cabe lembrar o trabalho de FORTES, Rafael. *O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

¹⁷ *Ibidem*. P. 17.

cronista esportivo no *Jornal dos Sports*.¹⁸ Lidando com a ideia de que modernismo e regionalismo podiam caminhar juntos, reforça a noção de que a crônica esportiva adquire, na verdade, uma miríade de qualificações tanto jornalísticas, quanto literárias.

O corte cronológico desta pesquisa se justifica por conta de uma nova etapa do jornalismo esportivo brasileiro, o de acompanhar a organização de uma Copa do Mundo em território nacional (1950) e a expectativa de vencer esta mesma competição neste final da década (1958), em outra edição, já em território europeu. Não analisaremos apenas os textos que trataram da cobertura das Copas do Mundo de futebol (inclusive a de 1954), mas também os assuntos e temas discutidos nos diálogos dos cronistas com os seus leitores diários.

Enfim, nosso trabalho visou aprofundar os estudos sobre a importância das crônicas esportivas e as representações sociais criadas por seus escritores em torno de questões diversas como, por exemplo, a relação entre indivíduo e a identidade nacional, a rivalidade entre torcedores de uma cidade e entre estados próximos como Rio de Janeiro e São Paulo, a opinião feminina nos esportes como no raro caso das cronistas do *JS*, o papel organizativo e disciplinador dos esportes dentre outros temas pesquisados. Neste aspecto, as escolhas por estes temas, passavam necessariamente pela cobertura de determinados eventos e campanhas empreendidas pelo *JS*.

Apesar do lapso na historiografia mais geral sobre a imprensa brasileira sobre os esportes, esta pesquisa só foi possível por conta de uma vasta investigação sobre o jornalismo do período. Muitos estudos, sejam livros ou artigos, nos ajudaram a compreender os vários matizes da imprensa brasileira, na conformação da profissão, na evolução das técnicas de redação e de fotografia, no cotidiano das redações, dentre outras informações acerca do tema. Alguns estudos, já considerados clássicos, contribuíram bastante para este trabalho e dos mesmos nos apropriamos de conceitos e reflexões teóricas, que foram fundamentais para a elaboração desta investigação. Sobre a visão da imprensa como produto do capitalismo industrial e moderno, utilizamos o trabalho de Nelson Werneck Sodré.¹⁹ Uma das ideias centrais deste autor é justamente associar o surgimento da imprensa com o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Porém, na quarta edição da obra *História da Imprensa no Brasil*, há

¹⁸ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O Descobrimento do Futebol: Modernismo, Regionalismo e Paixão Esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

¹⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad. 1999. 4. ed.

um capítulo em que o autor propõe o processo de crise nos chamados grandes jornais. Apesar de importante em sua análise sobre o jornalismo brasileiro, Sodré não investe muito em temas mais cotidianos como os esportes, por exemplo. Além disso, o autor transmite uma dura crítica ao período político da Primeira República, momento quando ocorria ausência de liberdade de expressão e instituições democráticas. Todavia, nos auxilia para entender a evolução da imprensa com a política desenvolvimentista dos anos 1950, período que nos propomos a estudar.

Para complementar esta visão da imprensa no Brasil, utilizamos a leitura de Marialva Barbosa, que propõe uma análise da imprensa como porta-voz das agruras cotidianas (incluindo aqui, dos interesses mais específicos) da população.²⁰ Além disto, a autora faz uma análise apurada sobre o discurso particular e modernizante da imprensa do século XX. No entanto, Barbosa também ignora a imprensa esportiva. Mas, apesar disto, nos ajuda a compreender a imprensa como integrante de um processo social da qual ela tenta apreender como tradutora de significados. A imprensa, todavia, também cria os seus próprios sinais de codificação da sociedade.

Também trabalhamos a instituição imprensa, em especial a esportiva, tratando-a como território cultural. Para tanto, nos apropriamos do conceito de “campo simbólico” descrito por Pierre Bourdieu.²¹ Vemos a imprensa como uma instituição de formar e de constituir um espaço autônomo em relação ao resto da sociedade, com uma lógica de funcionamento peculiar e particular em relação a outros campos e instituições. Ora criadora de mitos e lógicas culturais próprias, ora difusora do que interessa, de fato, à sociedade. É nesta dicotomia que transita o veículo de comunicação, tendo, ainda, o desenvolvimento capitalista como motor, ou seja, o que pode e deve vender.

Bourdieu também nos auxilia na compreensão da relação entre a imprensa e o poder governamental. Para este autor, a história da vida intelectual das sociedades europeias passou, a partir da era moderna, pelo processo de uma autonomização do campo intelectual.²² Uma nova categoria social seria constituída de forma distinta por artistas e intelectuais profissionais, liberando sua produção e seus produtos de toda e qualquer dependência social

²⁰ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P. 58.

²¹ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

²² BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* P. 100-104.

mais coercitiva, seja das censuras morais e programas estéticos da Igreja, ou dos controles acadêmicos. Apesar desta compreensão do conceito de autonomização do campo, entendemos que Bourdieu explicita-o como um processo, do qual não seria descolado do ambiente cultural, econômico, social e político em que é gerado.

Do ponto de vista de espaço de atuação e da profissionalização prática dos jornalistas, podemos entender que houve sim este processo de autonomização intelectual. Porém, este processo, para o nosso caso, a imprensa carioca e brasileira, encontrou obstáculos no dia-a-dia destes veículos de comunicação. Os jornais tornaram-se independentes em seus caminhos (o que escrever, como se dirigir ao público, que linguagens são criadas e que tradução do aspecto cultural faz-se da sociedade), porém carregaram práticas de dependência com o poder público e governamental. É, em nossa visão, uma dicotomia interessante e intrigante. Bourdieu não refletiu sobre este conceito especificamente para a imprensa, pois pensou muito mais no mundo das artes, da literatura e do teatro. Todavia, descreve o desenvolvimento de uma verdadeira indústria cultural que trouxe uma série de mudanças como a constituição de um público de consumidores cada vez maior e diversificado, possibilitando uma autonomia econômica aos produtores de bens culturais. Além disso, o autor afirma que a profissionalização destes últimos possibilitou a regulação e o controle, por meio de normas e regras específicas, e a criação de uma identidade coletiva própria. Neste ponto, concordamos que a identidade, ou melhor, as identidades coletivas do mundo jornalístico seriam calcadas na tentativa de criar e manter uma autonomia intelectual e de pensamento. Se em alguns momentos políticos a imprensa sofreria com a dicotomia adesão/perseguição, ou seja, tomando partido ou perseguindo políticos e governos, não podemos generalizar e entender que os outros temas fossem tratados dessa forma. Os assuntos policiais e esportivos, por exemplo, foram searas propícias para o desenvolvimento de uma prática de cobertura (e às vezes até criação) de questões importantes para o público leitor.

Também achamos pertinente traçar algumas linhas sobre as fontes utilizadas neste trabalho. A base documental principal da pesquisa foi formada pelas crônicas publicadas pelos jornais, principalmente, pelo *Jornal dos Sports*, no período de janeiro de 1950 a agosto de 1958, procurando “viajar” pela década de 1950, justamente no período entre duas Copas do Mundo que tiveram um grande impacto na conformação do campo esportivo brasileiro, em especial o futebolístico. Para tanto, e ciente de que o jornal em análise é um diário, utilizamos

várias edições do mesmo, porém selecionando-as de acordo com um determinado critério. Escolhemos uma edição por semana, tendo o cuidado de, a cada edição, dar conta de todos os dias da semana. Desta forma, todas as semanas foram cobertas e todos os dias da semana (segundas-feiras, terças-feiras, etc). Em muitas oportunidades, também, percebemos a necessidade de acompanhar a discussão em torno de um tema ao longo de vários dias seguidos e, por vezes, por semanas.

Em relação a estas fontes primárias, após visitar a seção de periódicos da Biblioteca Nacional, percebi que, para o período estudado, a grande maioria das edições do *JS* encontrava-se microfilmada e à disposição para análise e pesquisa. Inclusive, mais recentemente, esta instituição proporcionou a digitalização quase completa de seu acervo de periódicos e jornais como o *JS*, por exemplo, e que pode ser acessada no *site* da Biblioteca Nacional.²³ O tratamento dado a estas fontes segue uma proposta pontual, que é a utilização da metodologia da análise do discurso.

As crônicas, vistas como gênero literário, nos auxilia na compreensão de uma realidade em particular, próxima do cotidiano do leitor e que o aproxima no entendimento das intencionalidades ideológicas do autor. Este, por sua vez, utiliza a crônica como um espaço de criação, sem tentar ser algo estritamente ficcional, no limite entre a cobertura jornalística e a imaginação literária. É nesta chave de análise de nossas fontes que tratamos as crônicas: uma materialidade, um *corpus documental* que é na verdade um limite entre a realidade e a ficção e que se tornam mais independentes por não estarem amarradas em nenhum destes dois campos, ganhando liberdade literária e comunicativa pois estão presentes em ambos.

Poderíamos destacar outras características importantes deste gênero como a opção pela brevidade na escrita da mensagem, na minimização das questões tratadas (a opção pela visão micro e tentando, assim, compreender o macro), na narrativa privilegiada das situações inusitadas e na escolha por questões quase casuísticas e que geram, muitas vezes, percepções carregadas de emotividade. Além disto, podemos também destacar, como veremos a seguir, a proposta de encampar grandes projetos ideológicos em determinadas situações e conjunturas históricas específicas. Desta forma, o esporte retratado nestas crônicas estudadas aliava a junção de elementos pontuais e corriqueiros da vida urbana com preocupações mais amplas e nacionais de seus respectivos autores, como a ideia de aperfeiçoamento da saúde e a

²³ Trata-se da Hemeroteca Digital. No caso do *JS*, a periodicidade disponível atualmente para consulta no *site* é de 1931 a 1952.

conformação de uma identidade nacional, além da proposta de organização e disciplinarização do campo esportivo.

Para o tratamento com as crônicas, utilizamos o conceito de cena, de Maingueneau.²⁴ Este autor, uma das principais referências no estudo da análise do discurso, nos propõe entender a mensagem do enunciador sob a luz não apenas de uma dada conjuntura, mas a partir de um cenário, de uma posição específica do autor (no caso, do cronista).

Maingueneau explica que a cena é o local de onde devemos visualizar a posição do discurso produzido, e não apenas uma inversão do mundo real. Ou seja, para este autor:

É preciso admitir que a “encenação” não é uma máscara do “real”, mas uma de suas formas, estando este real investido pelo discurso. Aliás, se fosse diferente, a AD não teria razão de existir, ela seria apenas um anexo da sociologia ou da história, totalmente dedicada a mostrar como as conjunturas se traduzem em enunciados.²⁵

A linguagem, então, tem um protagonismo mais do que crucial em nossa análise, já que ela influi decisivamente nas escolhas dos autores das crônicas esportivas e de como as palavras, expressões e colocações linguísticas podem nos fornecer dados e impressões que traduzem uma relação de diálogo entre enunciador e enunciatário bastante significativa. No entanto, a linguagem por si não explica tudo, mas sim nos auxilia a compreender a chamada subjetividade enunciativa, pois de acordo com Maingueneau, devemos analisar a fonte levando-se em conta o sujeito/autor de seu próprio discurso, em um processo simultâneo de assujeitamento do discurso, assim como o de atribuição de uma autoridade legitimada e institucionalizada.

Para os nossos cronistas, o discurso produzido é legitimado por duas formas de autoridade: a de um escritor que transitava entre o jornalismo e a literatura em um veículo comunicativo, que neste período era bastante popular e já se tornava uma referência em mídia esportiva; e a de uma pessoa pública que tinha relações estreitas com o círculo de poder, seja este de instituições mais cristalizadas como a Câmara dos Deputados ou o Conselho Nacional de Desportos (CND) ou de instâncias mais pontuais como associações e clubes esportivos.²⁶

²⁴ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989.

²⁵ *Ibidem*. P. 34.

²⁶ Cabe lembrar que a década de 1950 era um momento de conformação dos estilos e movimentos literários anteriores. Todavia, um dos movimentos de destaque deste período é o chamado concretismo, que convivia com os grandes nomes da poesia, prosa e romance já estabelecidos, mas trazia, de acordo com Dora Rocha, algumas novidades como, por exemplo, “(...) Valorizar a construção verbo-visual do poema, substituindo a estrutura frásica do verso por estruturas nominais capazes de estabelecer relações espaciais (...)”. Ver: ROCHA, Dora. O

Portanto, o discurso destes cronistas deve ser analisado sob o ponto de vista de um personagem que não só comenta uma situação, mas a cria também, seja no imaginário dos leitores, mas também no aspecto da atuação política de determinadas campanhas e projetos.

Os cronistas esportivos, por meio de sua autoridade investida de capital simbólico, utilizavam uma argumentação carregada de emotividade e de legitimidade no meio jornalístico e político. De acordo com Bourdieu,

(...) todos os esforços para encontrar na lógica propriamente linguística das diferentes formas de argumentação, de retórica e de estilística, o princípio de sua eficácia simbólica, estão condenados ao fracasso quando não logram estabelecer a relação entre as propriedades do discurso, as propriedades daquele que se o pronuncia e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciá-lo.²⁷

Concordamos com Bourdieu acerca da institucionalização do discurso e vemos em nossas fontes a possibilidade de compreender como os locutores dos textos apresentados devem ser analisados de acordo com a sua cena específica (que por sua vez, está compreendida em uma determinada conjuntura histórica) e das suas escolhas linguísticas e simbólicas, ou seja, compondo e interferindo no próprio campo. Além disso, nossa análise poderia ficar incompleta se não levássemos em conta as propriedades da instituição de origem destes autores. Não só o periódico em questão, mas também as instituições mais amplas como a imprensa, entendida aqui como campo simbólico e intelectual de atuação, e até a esfera pública da qual a mídia tem uma presença fundamental.²⁸

Nossas fontes de análise assim como outros documentos históricos necessitam de um entrelaçamento maior com os estudos literários, até mesmo para entendermos que o discurso pela crônica não é um discurso qualquer, mas sim dialogado com este tipo específico de gênero literário, ou melhor dizendo, híbrido.

Talvez, o grande recurso metodológico que a análise do discurso possa oferecer aos historiadores é justamente pensar, como nos afirma Vanice Sargentini, que “(...) o fato histórico é uma singularidade” e que “(...) é preciso partir da análise de tudo o que os homens

Brasil de JK>Literatura. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Literatura>>. Acesso em: 24/09/2016.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. P. 89.

²⁸ Cf. BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999. E também: HABERMAS, Jürgen. *Op. Cit.*

puderam dizer e fazer em diversas épocas, trabalhando com uma noção de discurso ampliada, que nos leve a estudar o enunciado linguístico, mas também o conjunto de imagens, gestos, expressões, modos de circulação dos discursos, entre outros.”²⁹

Desta forma, pensamos as crônicas como documentos mas também como discursos, opções linguísticas e culturais de determinados autores que pretendiam traduzir sob alguns pontos de vista uma realidade urbana e esportiva e, portanto, buscando tornarem-se modernos. Do seu lugar de fala, devemos, sobretudo, compreender a lógica de sua produção discursiva alinhando as representações sociais e culturais das individuais, reflexo direto da relação autor/instituição.

Finalmente e não menos importante, é preciso entender como dividimos o nosso trabalho para que possamos seguir a nossa linha de raciocínio, e possibilitar o entendimento do trabalho como um todo. As escolhas de divisão desta pesquisa levaram em conta a necessidade de diálogo, discussão e debate entre as áreas de História, Comunicação (no caso, mais precisamente na área do Jornalismo) e a Literatura (ou mesmo as linguagens). Por vezes, até mesmo a investigação mereceu um mergulho em alguns conceitos psicanalíticos, para compreendermos a percepção subjetiva de nossas fontes.

No primeiro capítulo, discutimos alguns conceitos importantes para a compreensão de nosso trabalho, como a ideia de subjetividade e intersubjetividade. Sempre procurando compreender a crônica, nossa fonte e objeto de pesquisa, como uma narrativa híbrida, conectada entre os limites do jornalismo e da literatura, é fundamental compreender como os textos das crônicas do *JS* apresentavam uma visão específica dos esportes e do próprio futebol. O caráter subjetivo das crônicas, muito presente no discurso deste gênero, tem no campo esportivo uma ampliação de sua potencialidade tendo em vista que as interpretações individuais acerca dos esportes tendem a se tornar coletivas e, por vezes, a criar também determinadas identidades mais amplas.

Para discutir estas questões, utilizamos o trabalho de duas autoras que vem sendo utilizado por diferentes áreas do conhecimento, como a História, a Literatura e a Filosofia.

²⁹ SARGENTINI, Vanice. As relações entre a Análise do Discurso e a história. In: GASPAR, Nádía Regina e MILANEZ, Nilton (Orgs.). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010. P. 95-102.

Tratam-se de Beatriz Sarlo e de Leonora Arfuch.³⁰ A primeira nos apresenta a ideia de modos de subjetivação de um determinado passado, quando a memória e a narrativa subjetiva podem muito mais ser uma fonte riquíssima de construção da história, do que de um entrave ao conhecimento científico e pretensamente objetivo. A experimentação, para esta autora, seria um instrumento significativo de análise para estes textos e narrativas subjetivas. Para tanto, também nos interessa perceber que uma temporalidade construída possibilita a sustentação destes discursos. Como veremos, mais adiante, a crônica esportiva geralmente tentava alinhar suas enunciações a partir do desenho de uma relação entre tempo e espaço bastante peculiar, no limiar de uma adequação ao tema principal a ser discutido e na própria criação destes elementos quando, por exemplo, memórias temporais e locais específicos são chamados ao debate.

A partir do trabalho de Arfuch, nos fizemos a seguinte pergunta: é possível que as crônicas sejam fontes de narrativas autobiográficas? Nossa linha de raciocínio caminha para uma resposta afirmativa, além de todas as possibilidades de experiência subjetiva, presentes nos textos dos cronistas esportivos. Além disso, Arfuch nos auxilia na discussão em torno das intersubjetividades, presentes nesta relação entre o autor e seus leitores ou mesmo entre o cronista e seus pares. Desta forma, a ideia de outridade é trazida ao nosso trabalho, tendo em vista que esta construção híbrida dos cronistas esportivos fazia sentido (e muito) quando era projetada para uma outra re(interpretação): a do próprio leitor e dos demais cronistas.

Para completar esta tríade de referências acerca da noção de subjetividade, utilizamos também o trabalho de Sonia Regina Vargas Mansano, que a partir de um olhar psicanalítico e tendo uma das suas bases teóricas o estudo de Deleuze, propõe que as interpretações subjetivas estão diretamente vinculadas às mudanças históricas e conjunturais da contemporaneidade.³¹ Para tanto, autores como Laclan propõe que estas discussões estão intrinsecamente vinculadas às mudanças da linguagem (o que nos possibilita utilizá-lo também como uma boa referência para o nosso trabalho).

³⁰ SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. E também: ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

³¹ MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. In: *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2). 2009. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>>. Acesso em: 05/01/2015.

Ainda neste capítulo, percebemos que era preciso discutir a importância dos usos dos sentimentos e das emoções na análise da realidade histórica e social, assim como entendê-los nas nossas fontes/objetos de pesquisa. Neste ponto, nos ajudou bastante o trabalho de Claudine Haroche.³² Para tanto, procuramos discutir nosso tema com a produção historiográfica recente sobre as crônicas esportivas como os trabalhos de André Mendes Capraro e Miguel Arcanjo Jr.³³ À guisa de já analisarmos nossas fontes sob a luz destas pesquisas recentes, procuramos neste capítulo inicial apresentar alguns exemplos de crônicas do *JS* e de já reconhecer nelas os traços significantes e marcantes do discurso das mesmas na década de 1950.

Um dos pontos centrais dos temas a serem explorados por elas no período e objeto de nossa pesquisa é a questão da identidade nacional. Apesar de não esgotarmos esta característica (já que trataremos melhor dela no último capítulo deste trabalho) utilizamos a discussão trazida por Stuart Hall, no que diz respeito a uma identidade construída a partir de narrativas da nação, que é o que veremos em parte das crônicas esportivas do jornal.³⁴ Não queremos como isso, todavia, suprimir as identidades forjadas ao longo deste período como a urbana, individual e esportiva da cidade do Rio de Janeiro.

Para trabalhar com as crônicas, foi fundamental o aporte teórico e literário proposto por dois significativos autores. Antonio Candido, especialista em estudos literários, é um autor clássico que aponta vários caminhos ao longo das últimas décadas acerca das características e funcionalidades das crônicas, mesmo que de forma mais ampla, sem tratar exatamente das esportivas.³⁵ Porém, a relação de sua análise com o papel exploratório das emoções (e complementaríamos: dos sentimentos e afetividades) das crônicas foi fundamental para este trabalho. Estudo mais recente, mas também mais geral, é a obra de Jorge de Sá, que nos auxilia também a compreender o “tamanho” das mesmas, estudadas como textos

³² HAROCHE, Claudine. Les Manières de sentir ont une Histoire. In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, n.º 59, Jul./Dez. 2013. Editora da UFPR. P. 15-57.

³³ CAPRARO, André Mendes. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Curitiba: UFPR, 2007. Tese de Doutorado em História. E também: CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. (Orgs.). *Passe de Letra: Crônica Esportiva e Sociedade Brasileira*. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012.

³⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

³⁵ CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. Outra obra importante deste autor é: *Literatura e Sociedade – estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Quatro, 2000.

pequenos, mas marcantes em seus efeitos, principalmente no que diz respeito à criação de representações culturais e, por vezes, do mapeamento cultural e geográfico das cidades.³⁶

Acerca do futebol, modalidade esportiva importante no nosso trabalho, tendo em vista que era um dos maiores temas explorados pelas crônicas, tivemos que nos apropriar de textos que lidassem com esta perspectiva. Portanto, para compreender a paixão do torcedor pelo esporte e entender a importância no mesmo na sociedade brasileira, foi preciso ter como base os textos que trabalham com o futebol sem percebê-lo como algo exógeno à sociedade ou mesmo um fenômeno social mítico, descrito muito mais por suas representações imaginativas do que reais. Infelizmente, muitos trabalhos percorrem esta última linha de interpretação. Não é o caso dos autores Luiz Carlos Ribeiro, Bernardo Buarque Borges de Hollanda e Roberto da Matta.³⁷ Seja pela compreensão dos sentimentos do futebol na sociedade, das paixões e organização sublevadas pelas torcidas deste esporte ou mesmo uma compreensão mais antropológica e geral desta prática, realizamos um debate acerca do tema, que é, por sua vez, bem discutido e trabalhado pelas nossas fontes.

Estas interpretações sobre o futebol nos permitem compreender uma história cultural, proposta, dentre outros, por Peter Burke que aponta para a capacidade da construção do conhecimento histórico para além das explicações macro econômicas e políticas.³⁸ A proposição e usos de fontes como os jornais, revistas e textos literários ampliaria a possibilidade de não só reconhecer uma história social, mas, em nossa opinião da própria história.

Como precisamos trabalhar com a memória, inclusive subjetiva dos cronistas, conforme utilizamos com o apoio teórico de Sarlo e Arfuch, cabe-nos também apontar como o conceito de Maurice Halbwachs sobre lembrança e memória e os seus respectivos usos fora

³⁶ SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1987. 3 ed.

³⁷ RIBEIRO, Luiz Carlos (Org.) *Futebol e globalização*. Jundiaí: Ed. Fontoura, 2007. Ver também: O futebol no campo afetivo da história. In: *Revista Movimento*. Porto Alegre, Vol. 10, N o 3, set/dez de 2004, P. 99-111. DA MATTA, Roberto. Futebol: Ópio do Povo X Drama de Justiça Social. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, V. 1, Nº 4, Novembro/1982. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1960. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de e MELO, Victor Andrade de. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

³⁸ BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

útil para nós.³⁹ Para tanto, precisamos entender o processo de reconhecimento e re(construção) da memória, que seria amplamente utilizado nas crônicas esportivas.

Finalmente, ainda neste primeiro capítulo, procuramos discutir um ponto que nos parece central em nossa pesquisa: a capacidade híbrida entre a literatura e o jornalismo. E, para tanto, aprofundamos o debate não só nos estudos literários como o de Antônio Cândido.⁴⁰ Tal debate recai na própria interlocução entre História e Literatura e de que como aquela pode ser ajudada por esta, quando ultrapassamos o limite do conteúdo e alcançamos a etapa da análise do discurso. Apesar do trabalho de Sidney Chalhoub e Leonardo Afonso de Miranda Pereira gerar bastante polêmica, talvez pela exigência de excesso de objetividade no tratamento dos textos literários como fonte, utilizamos o mesmo para compreender, nos vários exemplos apresentados, as aproximações entre as duas áreas do conhecimento.⁴¹ Márcia Naxara e Antonio Celso Ferreira, em obras distintas, estão, para nós, mais próximos dos usos subjetivos destas fontes literárias, e também contribuem para o avanço deste entendimento.⁴² Também fomos aos textos que trabalham as fronteiras entre as narrativas jornalísticas e literárias, sob o ponto de vista da comunicação social. Interessante é perceber que se a ideia de objetividade avançou na imprensa brasileira a partir da década de 1950, principalmente vinda do jornalismo norte-americano, é justamente nos Estados Unidos que surge a proposta do *new journalism* ainda na década de 1960, com a presença de uma visão mais autoral, opinativa e subjetiva dos fatos.⁴³

Já no capítulo 2, procuramos conhecer um pouco mais sobre o periódico em que eram publicadas as crônicas esportivas, ou seja, entender um pouco mais da história e da dinâmica de funcionamento do *Jornal dos Sports*. Infelizmente temos pouquíssimos trabalhos acadêmicos disponíveis sobre este jornal. Daí, tivemos que utilizar o nosso próprio trabalho anterior, na conclusão de Mestrado em História Social, assim como o artigo de Bernardo

³⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

⁴⁰ CÂNDIDO, Antonio. *Op. Cit.*

⁴¹ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

⁴² NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e Texto Literário: Alguns Apontamentos. In: *História: Questões e Debates*. Nº. 44. Curitiba, Editora UFPR, 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/issue/view/564>> e FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

⁴³ Porém, cabe a ressalva de que este tipo de jornalismo era restrito a autores e literatos com experiência e com boa aceitação no mercado editorial de livros.

Buarque Borges de Hollanda sobre a história do mesmo.⁴⁴ Ao percebermos o quanto a trajetória do jornal contribuiu para a popularização do gênero crônica esportiva, vimos que estes textos ampliaram não só uma forma de publicizar os esportes de modo subjetivo, mas como influenciaram a própria consolidação da imprensa esportiva brasileira.

Neste momento, percebemos o quanto o mito em torno de Mário Filho produziu um processo de apagamento da memória dos cronistas que trabalhavam no *JS*, como também a própria lembrança do jornal em sua gestão inicial (1931-1936) sob a administração do jornalista Argemiro Bulcão. Neste trabalho, enfatizamos muito o quanto esta visão, que é até hoje divulgada pela imprensa (esportiva ou não), quando não por pesquisadores deste tema, é equivocada e não tem fontes suficientes que sustentem a assertiva de que Mário Filho seria o pai de uma nova forma de se fazer o jornalismo esportivo no Brasil. Nossa pesquisa reconhece o esforço e a contribuição significativa deste jornalista para a consolidação da imprensa esportiva, mas traz para o debate uma série de outros autores que também poderiam ser estes “pais”. E boa parte deles publicava seus textos no *JS*.

Neste capítulo, vários autores nos ajudaram a compreender o panorama geral da imprensa brasileira, dos quais destacamos Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart Ribeiro, cujas pesquisas específicas para a década de 1950 nortearam parte de nossa análise, principalmente a mais conjuntural.⁴⁵

Apesar de boas obras historiográficas sobre a imprensa, acreditamos que ainda não temos um grande volume de pesquisas seja sobre questões mais gerais, menos ainda sobre os periódicos de nosso país ao longo da história. E, sobre os jornais e revistas esportivas, temos um deserto acadêmico ainda maior. Mais do que uma fonte rica de produção do conhecimento, é também um objeto de pesquisas que precisa ser mais valorizado.

Na parte final do segundo capítulo, procuramos esmiuçar com bastante cuidado o *JS* ao longo da década de 1950, tentando compreendê-lo com suas manchetes criativas e exageradas e crônicas produzidas pelo seu diretor chefe, Mário Filho. Boa parte dos seus

⁴⁴ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* E HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

⁴⁵ BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* E RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História. Imprensa do Rio de Janeiro de 1950*. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2000. Tese de Doutorado em Comunicação.

textos procurava narrar uma visão do esporte e do futebol de acordo com um processo evolutivo do campo esportivo, quicá de sociedade. Certamente, um projeto de modernidade que se apresentava ao lado das demais crônicas, procurando de alguma forma, dar uma orientação de como os esportes deveriam ser retratados. Mesmo assim, como veremos dos demais capítulos, a diversidade de estilos narrativos e a atuação destes cronistas no mundo esportivo, para além da(s) redação(ões) permite que possamos pensar em uma relativa autonomia dos cronistas diante do mandatário do *JS*.

O terceiro capítulo possibilita o avanço em duas direções que convergem mais a frente. Por um lado, nos propomos a compreender a importância de estudos biográficos (neste caso, mais ainda autobiográficos, devido à subjetividade dos textos produzidos) para a produção historiográfica e o quanto as fontes nos permitem conhecer um pouco mais sobre os seus autores. É o que Jacques Revel chamaria de “biografia reconstruída a partir de um texto”.⁴⁶ A partir daí, poderíamos avançar e entender melhor a ideia de biografias coletivas, por mais paradoxo que esta expressão possa inicialmente sugerir.

A outra direção deste capítulo tem a pretensão de dar conta da trajetória de alguns cronistas que compunham um conjunto de autores de estilos diversos além da análise de alguns textos publicados no *JS*. Desta forma, escolhemos alguns principais nomes, levando-se em conta aqueles que já tinham participação no jornal, desde a década anterior, como Manoel Vargas Netto, José Lins do Rego e Geraldo Romualdo da Silva, Everardo Lopes e Álvaro do Nascimento. Alguns ainda foram incorporados ao trabalho no *JS* posteriormente, como, por exemplo, Inah de Moraes e Florita Costa, raros exemplos de cronistas femininas no jornal.

Finalmente, no quarto e último capítulo, levantamos alguns temas importantes tratados por cronistas diversos e que nos ajudaram a pensar como o *JS* se inseria em grandes discussões nacionais ao passo que pretendia pensar uma identidade mais local, carioca e urbana. Esta relação entre a identidade nacional com a local será uma das questões que trataremos neste capítulo, assim como o pensamento acerca da organização e disciplinarização das práticas esportivas, a idealização do futebol e sua relação com as demais modalidades e, finalmente, o debate sobre o futebol em momentos como as Copas do Mundo na década de 1950 e dos demais esportes nos Jogos Olímpicos de 1952 e 1956. Cabem

⁴⁶ REVEL, Jacques. A biografia com problema historiográfico. In: REVEL, Jacques. *História e historiografia. Exercícios críticos*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010.

também dois pontos de discussão fundamentais nesta tese: o caráter denunciante e clubístico que as crônicas apresentaram, gerando debates interessantes acerca da organização e capacidade associativa do esporte, sem falar na exploração das paixões e sentimentos gerados pelo futebol.

Enfim, pretendemos, então que este trabalho possa se inserir na busca pela construção de uma jornada em torno destes objetos de pesquisa, as crônicas esportivas, seja como forma de valorização das mesmas como fontes históricas e legítimas para tanto, seja e principalmente, para entendermos um pouco mais a sociedade carioca na década de 1950 assim como o campo esportivo e comunicacional de então. Tarefa árdua e pretenciosa, mas extremamente prazerosa.

1 (INTER)SUBJETIVIDADES, SENTIMENTOS E HIBRIDISMOS DA CRÔNICA

Neste capítulo teórico da pesquisa pretendemos discutir a nossa principal fonte e objeto de estudo: a crônica. Para tanto, precisamos entendê-la sob a luz de uma bibliografia em torno do conceito de subjetividade e intersubjetividade, ou seja, da capacidade destes textos serem retratos ou, pelo menos, compreendidos como representações dos valores e percepções pessoais de seus autores/sujeitos e da possibilidade de interação destas construções subjetivas dialogarem com outras, sejam com os próprios leitores, sejam com os seus colegas cronistas. O diálogo entre os autores, por exemplo, permitia um movimento de criação de discussões em torno de um assunto ou debate que poderia durar algumas semanas nas páginas do *Jornal dos Sports (JS)* e dos demais jornais na cidade do Rio de Janeiro.

Faz-se necessário, também, refletir como as crônicas devem ser analisadas a partir da ideia de que são catalisadoras dos sentimentos do campo esportivo. Pensar o esporte e a sua respectiva cobertura midiática esbarra em como a carga emotiva deste campo foi bastante explorada pela imprensa especializada. Em nossa opinião, as crônicas tornaram-se um palco privilegiado de atuação de sentimentos e expectativas emotivas produzidas pelo mundo dos esportes, em especial, o futebol.

Não menos importante, cabe ainda neste capítulo pensarmos a crônica como um elemento de hibridismo entre a capacidade literária de criação de textos e o fator comunicacional de informar o leitor acerca da realidade, mesmo que esta pudesse ser representada sob outras formas mais lúdicas e ficcionais.⁴⁷ Assim como a literatura não perde a sua capacidade de dialogar com a informação ao longo da História e, muito menos, o jornalismo deixa de lado a sua qualificação criativa de produção textual, a nossa discussão aprofunda mais este diálogo entre campos culturais e propomos algo maior do que uma

⁴⁷ Entendemos aqui a realidade como o conjunto de fatos vividos pela população, leitora ou não. Todavia, não temos uma visão ingênua de uma realidade única, monolítica ou puramente sensorial ou mesmo científica. Compreendemos a ideia de realidade como algo que provem dos indivíduos e não necessariamente das coisas ou fatos. De acordo com Saldanha: “Para existir conhecimento sobre a realidade que se pretende verificar, é necessário que haja uma relação entre dois elementos básicos: um sujeito conhecedor (mente) e um objeto que se pretende conhecer (a realidade). No entanto, só haverá conhecimento se o sujeito conseguir apreender o objeto, isto é, representá-lo mentalmente, no caso a realidade.” Ver mais em: SALDANHA, Ana Cláudia. A realidade em uma abordagem epistemológica. In: *Revista Jus Navigandi*. Teresina, ano 15, nº. 2.589, 3 ago. 2010. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/17107/a-realidade-em-uma-abordagem-epistemologica>>. Acesso em: 23/07/2015.

interpretação dicotômica entre uma literatura criativa e uma comunicação jornalística realista e pragmática. Na verdade, o que este trabalho propõe, dentre outras opções de análise, é perceber como esta dicotomia no mundo jornalístico não existe. Pelo menos em se tratando das crônicas.

1.1 A CRÔNICA COMO ELEMENTO INTER(SUBJETIVO) DE COMUNICAÇÃO

Como já anunciamos, esta pesquisa procurou discutir um determinado conjunto de fontes históricas – as crônicas esportivas oriundas do *JS* – sob a luz de algumas discussões teóricas e metodológicas em pauta na atualidade, como sobre a (inter)subjetividade e sentimentos, por exemplos.⁴⁸

A historiografia sobre o período aponta para a década de 1950 como a propulsora de uma sociedade que passa a consumir cada vez mais bens culturais como o rádio (consolidado em décadas anteriores), a televisão⁴⁹ e o cinema. A imprensa neste período também alcança um número significativo de leitores e de diversificação editorial, aumentando ainda mais o interesse por este veículo de comunicação em várias camadas da sociedade.

O aumento do processo de espetacularização dos esportes, em especial do futebol, permitiu um desenvolvimento cada vez maior destas práticas, com a popularização das visitas aos jogos e aos estádios como algo cada vez mais comum e incorporado ao cotidiano da população carioca.⁵⁰ Tal fenômeno também podia ser visto em outros grandes centros urbanos, como São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife, sem falar nas cidades do interior do Brasil.⁵¹ Todavia, nossa intenção é trabalhar com o impacto desta

⁴⁸ Linha de Pesquisa Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimentos na História do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, pela qual este projeto de pesquisa fora aceito e aperfeiçoado ao longo do período de 2012/2015.

⁴⁹ A televisão ainda não se consolidara como um veículo de comunicação na mesma proporção que os demais, mas já iniciara este processo.

⁵⁰ Sobre uma visão marxista do processo de espetacularização da sociedade, ver: DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

⁵¹ Não nos interessa muito neste momento discutir a questão da centralidade das capitais ou dos grandes centros das regiões sudeste ou sul em relação à autonomia e capacidade de desenvolvimento dos esportes no interior do Brasil. Maior ou menor influência dos grandes centros não são pontos cruciais para percebermos o quanto a década de 1950 foi importante para o crescimento do campo esportivo brasileiro e sim, o quanto estes movimentos, juntos, possibilitaram tal fenômeno.

conjuntura na cidade do Rio de Janeiro, o que não exclui um olhar mais amplo sobre este fenômeno.

Também não poderíamos deixar de destacar que o período estudado é peculiar no que diz respeito às mudanças políticas, econômicas e culturais em nosso país. Mais do que entendermos estas transformações apenas por uma conjuntura histórica dada, como um plano de fundo desfocado, procuramos compreender o nosso objeto de pesquisa como produto direto desta realidade.⁵² São produções de uma lógica capitalista moderna, de um país que tentava de todas as formas, inclusive no campo esportivo, enviar uma mensagem de modernidade e de avanço capitalista/desenvolvimentista para o resto do mundo. Para a imprensa, também, era um desafio e tanto buscar cada vez mais o aperfeiçoamento entre a união entre o jornal/empresa e o jornal/produtor de ideias e subjetividades.

Ou seja, nossa perspectiva de análise procura entender que os autores das crônicas esportivas eram homens que trabalhavam em seus textos no limite entre a literatura e a imprensa, entre a ficção e a realidade, entre a vida esportiva e a cultural sem, todavia, procurar sobrepor uma destas dimensões sobre a outra. Realizavam, sem nenhuma pretensão acadêmica, uma análise social por meio do esporte e dos diversos assuntos que cercavam as práticas desportivas, principalmente o futebol. Temas como saúde, sociabilidades, identidades, regionalismos, disciplina social e outros poderiam ser encontrados nas linhas das crônicas esportivas. Mais adiante, e ao longo dos próximos capítulos, poderemos identificar alguns destes temas em alguns exemplos analisados.

Tais autores procuraram re(criar) representações sociais a partir de uma visão que idealizava uma adesão ao campo esportivo por meio das relações entre indivíduo/nação, localidade/nacionalidade, celebração do esporte/organização esportiva, futebol/demais modalidades esportivas, dentre outras que poderão ser discutidas ao longo deste trabalho.⁵³

⁵² Para entender um pouco mais este período, em todos os seus aspectos (político, econômico, social e cultural) poderíamos citar muitas obras interessantes. Estes textos procuram compreender a conformação da sociedade capitalista no Brasil, o que para nós é bastante apropriado, pois tratamos com a indústria do espetáculo e da comunicação. Ficamos, então, com MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil*. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras. Todavia, para dar conta de uma história da imprensa, não poderíamos deixar de citar duas importantes obras: a clássica de SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 4. ed. e também BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

⁵³ Cabe informar de que não tratamos aqui de dualismos, mas sim de dualidades, ou seja, da natureza de determinadas relações terem diversas naturezas de análise e não apenas simples contradições antagônicas.

Sobre o último ponto, cabe reforçar o forte sentido organizativo e disciplinar que interpretavam acerca dos esportes, principalmente o futebol. Lembramos, mais uma vez, que tal fato ocorria em um período de democracia liberal e pluripartidarismo político, além de plena vigência de uma série de políticas econômicas voltadas para a ampliação do parque industrial e da infraestrutura interna brasileira por meio de medidas desenvolvimentistas de governo.⁵⁴ No entanto, a conjuntura histórica de uma recente democracia liberal, ainda engatinhando no início da década de 1950, nos revela por muitas vezes um discurso que ainda versava sobre o período anterior: no qual a ordem e a disciplina organizativa dos esportes eram expressões importantes por parte do governo Vargas (1930-1945) e da própria imprensa especializada como o *JS*, por exemplo.

As crônicas esportivas, assim como a própria imprensa, procuravam ampliar o seu espaço na sociedade brasileira, não só por conta da investida autoral destes sujeitos no campo cultural e intelectual da época, mas porque o jornal/instituição estava inserido numa lógica de crescimento industrial e empresarial, incentivado pela necessidade de crescimento econômico e urbano neste país. As crônicas, já importantes em década anterior, ou seja, a de 1940; agora, caminhavam para a sua consolidação como produto cultural de uma sociedade de massas e voltado para uma crescente industrialização e urbanização.⁵⁵

Portanto, o que nos interessa por aqui no momento, é entender quem são estes autores e cronistas e sua visão de sociedade a partir das obras deixadas – as crônicas esportivas do *Jornal dos Sports*. Não temos a intenção de criar um profundo estudo biográfico neste presente trabalho, mas sim, compreender e interpretar as suas leituras de esporte e de cidade, por meio das representações criadas por estes autores. Todavia, podemos informar que os mesmos tinham um destaque nas páginas do jornal, e, na maior parte das vezes, eram escritores que escreviam para o periódico e tinham outras ocupações na sociedade, como literatos, dirigentes esportivos e políticos, por exemplo.

Eram homens de um espetáculo cada vez mais vendável – o jornalismo esportivo brasileiro – e suas obras se tornavam um canal de comunicação direto com o público leitor e

⁵⁴ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995. MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. *Op. Cit.*

⁵⁵ Sobre o processo de industrialização e urbanização no Brasil, ver: SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: EdUSP, 2005. 5. ed.

comentador.⁵⁶ Este “fenômeno” no mundo da imprensa esportiva se tornou ainda mais popular a partir da década de 1940, por diversos fatores, dos quais destacamos o próprio crescimento do público em torno do futebol e, também, o desenvolvimento do aparato tecnológico das empresas de comunicação.⁵⁷ Ocorreu, em certa medida, um processo de fidelização do leitor que acompanhava as páginas dos jornais por conta das crônicas de determinados autores, seja pela escolha de seus respectivos estilos textuais, seja porque muitos encarnavam a defesa de seus próprios times do coração. A identificação clubística acelerava o processo de diálogo com o leitor, tornando a relação autor/leitor cada vez mais intersubjetiva.

Para entender os nossos sujeitos históricos, e por que não, os nossos objetos de pesquisa, precisamos compreender também que o periódico em questão foi escolhido pela sua importância no mundo esportivo e das comunicações. O *Jornal dos Sports*, criado em 1931, se tornou em poucas décadas o principal diário esportivo brasileiro, tornando-se uma referência para a divulgação do que ocorria de mais importante nos estádios, quadras, ringues e piscinas esportivas. Apesar da dedicação em torno do futebol, por conta da popularidade deste esporte, o jornal nascera com a intenção de abrir espaços para todas as modalidades esportivas, o que realmente ocorreria.⁵⁸

Por mais que saibamos que as notícias procuravam dar conta de uma visão carioca de entender o futebol e os demais esportes, inclusive no sentido de estimular rivalidades regionais como a com a cidade de São Paulo, por exemplo, ainda assim arriscamos pontuar o *JS* como exemplar, por conta de sua estrutura, de sua relação com o público leitor e comentador e, muito importante para nós, de suas crônicas.

⁵⁶ Entendemos o público comentador como aquele que não tinha acesso direto ao jornal, seja por questões econômicas, seja por questões sociais, como as altas taxas de analfabetismo, por exemplo. Em nossa compreensão, no entanto, não ficavam necessariamente distantes das discussões em torno do esporte ou mesmo dos demais temas da cidade, do país e do mundo. Levamos em conta aqui a noção de circularidade das ideias e de que como os espaços físicos como cafés, bares, filas, barbearias, bancas de jornais e painéis de destaque nas portas das empresas de comunicação se tornavam ambientes de troca e de discussão do que era vivido no mundo esportivo e de que como eram interpretados pela imprensa especializada.

⁵⁷ Cabe destacar o aumento do interesse pelo futebol a partir da *performance* da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, na França, quando terminou o torneio na terceira colocação. Além disto, esta competição elevou a importância de um ídolo nacional do futebol: Leônidas da Silva, o Diamante Negro. Outros fatores relevantes para este período é a conformação de algumas torcidas organizadas, além de uma maior organização dos clubes, associações e seus respectivos torneios e campeonatos estaduais.

⁵⁸ Ver mais informações em COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

Desta forma, cabe discutir, então, o nosso objeto específico: as crônicas esportivas. Para compreendermos um pouco mais este tipo de narrativa literária (ou híbrida, como veremos mais adiante), utilizamos a base teórica de Antonio Candido, que propõe um trabalho de análise não só da funcionalidade da crônica, mas, principalmente da realidade social em que esta obra está inserida.⁵⁹ A crônica, para Candido, possibilita re(criar) representações sociais baseadas nas escolhas destes observadores cotidianos e contar acerca do que veem e do que vivem em determinados períodos da História. Porém, a fronteira entre ficção e realidade é uma das principais características das crônicas, sejam esportivas ou não.⁶⁰

Para este autor, a crônica propunha um olhar microscópico sobre uma realidade mais ampla e geral. De acordo com ele, o cronista “(...) Portanto, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. É amiga da verdade e da poesia (...).”⁶¹

Aqui, interpretamos não só como uma ampliação de uma análise social mais complexa a partir de uma história pontual, específica e, a princípio, considerada menor, mas também como é possível, para um autor/cronista, tornar algo simples, corriqueiro e, muitas das vezes, sem um interesse maior, em uma minióbra literária, carregada de um lirismo e com um conteúdo poético e lúdico.

A crônica pode ser considerada, então, uma microscopia subjetiva e autoral da sociedade em questão, procurando no minúsculo, no personagem (fictício ou real), uma identidade cultural individual que se reflete em um todo, em uma conjuntura mais dinâmica e dialética da qual possamos compreender um pouco mais as instituições e as relações sociais existentes e, dependendo do aprofundamento da análise, até mesmo das redes que se estabelecem entre elas.

Portanto, podemos retornar às questões mais pontuais que queremos tratar neste trabalho, ou seja, a relação entre o nosso objeto de pesquisa e a discussão teórica acerca do conceito de subjetividade.

⁵⁹ CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. E também: CANDIDO, Antonio et al. *Literatura e Sociedade – estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Queroz, 2000.

⁶⁰ A obra de Candido não discute a crônica esportiva de forma pontual, mas sim a crônica de forma geral. Porém, nos apropriamos do arcabouço teórico deste autor, assim como de outros também, para olharmos as crônicas esportivas sob um aspecto mais geral, sem perder de vista as suas especificidades.

⁶¹ CANDIDO, Antonio. 1992. *Op. Cit.* P. 14.

Após apresentarmos a nossa proposta de pesquisa do ponto de vista macro nestas páginas iniciais, a partir de agora discutiremos as características de nossas crônicas tendo como foco principal a relação dos autores com as suas respectivas obras. Ou seja, poderemos refletir acerca dos aspectos subjetivos que a crônica pode oferecer à nossa análise e, desta forma, contribuir para a compreensão dos seus respectivos conteúdos e de sua importância para a própria imprensa do período.

Conforme já tratamos, as crônicas são um gênero literário que transita entre a ficção e a realidade. Desta forma, acreditamos que este tipo de narrativa está em certa medida carregada de percepções subjetivas. Ou seja, o autor/cronista tem a liberdade da criação de representações sociais e até mesmo individuais a partir de uma leitura específica, de sua interpretação pessoal, de seus interesses e desejos.⁶² Esta discussão é até um pouco mais ampla se pensarmos que outros gêneros literários são obras que também possuem um alto grau de subjetividade como o romance, por exemplo.⁶³ Porém, no caso de nosso objeto, lembramos que existe uma necessidade clara de apoio em algo concreto, cotidiano e de interesse geral. Se outras obras ou gêneros literários são vistas como fruto de uma realidade por meio de uma ótica estritamente artística e/ou cultural, a crônica não se posiciona desta forma, tendo em vista a sua orientação no campo do jornalismo.

A crônica possibilita o trânsito entre estas duas dimensões da realidade: o que é fato e o que é inventado. Apesar de consideramos que nem sempre esta separação é tão monolítica e diametralmente oposta e dicotômica, também não podemos aceitar uma interpretação da sociedade, principalmente do ponto de vista historiográfico, a qual não possamos saber o limite entre o que é arte e o que é análise crítica e social. Concordamos com Antonio Celso Ferreira de que: “(...) toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria em seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem.”⁶⁴

Desta forma, consideramos a análise deste material literário uma fonte inesgotável não só para compreendermos mais a sociedade brasileira e as devidas relações sociais em

⁶² Apenas para esclarecer, estamos trabalhando com o conceito de representação social sob a luz de Serge Moscovici. Para maiores informações, consultar a nota 87 deste trabalho.

⁶³ Podemos citar, dentre alguns textos que ilustram esta questão, a obra de FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012. P. 61-91.

⁶⁴ FERREIRA, Antonio Celso. *Op. Cit.* 67.

determinados momentos na história, como também de valorizar a própria produção historiográfica, ao adotarmos novas formas de compreensão do passado e da memória.

Se a crônica é uma forma subjetiva de compreender determinados fatos, não é exatamente por um método ou escolha aleatória do autor, mas sim porque faz parte de um todo conjuntural, pois vale lembrarmos que o cronista se cerca de seus pares, que por sua vez mantem relações sociais, políticas e econômicas com outros indivíduos de uma determinada sociedade, cria uma rede social, retroalimentando a produção cultural dos mesmos. Portanto, cabe entender melhor a subjetividade do próprio autor, que torna o seu respectivo objeto (os assuntos por ele tratados) em sujeitos de uma história. Tais usos destas fontes, caras para a disciplina histórica, possibilitam ampliar o espectro de interpretações subjetivas do papel da imprensa na sociedade, do olhar sobre a importância do esporte para a construção de identidades culturais coletivas, das relações sociais que dialogavam ou se travavam no JS e do próprio poder da crônica em se estabelecer como o “palanque” das discussões emotivas do mundo esportivo carioca, e que almejava ser nacional.

A despeito de toda uma discussão acerca do caráter relativista dos estudos sobre as subjetividades de novas fontes ou mesmo novas formas de interpretação de outras já bem utilizadas, a historiografia vem discutindo, inclusive para além, mas com amplo apoio de uma História estritamente cultural, as possibilidades destes “olhares” de pesquisa. De acordo com Beatriz Sarlo, esta “guinada subjetiva” surgiu a partir das décadas de 1970 e 1980, quando houve uma preocupação do mundo acadêmico em valorizar as narrativas na primeira pessoa, assim como as identidades dos sujeitos, diferenciando-se da década anterior (1960), quando a preocupação maior era com as estruturas.⁶⁵ Tal iniciativa mais recente não visava destituir a influência da ideologia marxista na produção historiográfica e acadêmica, mas sim avançar em novas possibilidades de entender o passado.

Nossa análise sobre as crônicas podem, desta forma, propor um diálogo entre um sujeito (o cronista) e diversos outros sujeitos de uma mesma história: a pauta do autor está devidamente vinculada às suas intenções e desejos, mas também à observação de um contexto.

⁶⁵ SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. P. 18-19.

Como apoio à nossa hipótese, dialogamos com Sarlo a respeito destas formas subjetivas de testemunho do passado:

A idéia de entender o passado a partir de sua lógica (uma utopia que moveu a história) emaranha-se com a certeza de que isso, em primeiro lugar, é absolutamente possível, o que ameniza a complexidade do que se deseja reconstituir; e, em segundo lugar, de que isso se alcança quando nos colocamos na perspectiva de um sujeito e reconhecemos que a subjetividade tem um lugar, apresentado com recursos que, em muitos casos, vêm daquilo que, desde meados do século XIX, a literatura experimentou como primeira pessoa do relato e discurso indireto livre: **modos de subjetivação do narrado**.⁶⁶

A narrativa literária, portanto, possibilita, mesmo com altas doses de ficcionalidade, reconstruir um passado histórico e compreender uma dada realidade, desde que saibamos que ela está carregada de subjetivação. Esta, não se coloca como um entrave à ciência ou ao fazer histórico, mas é um elemento possível e frutífero de trabalho analítico.

Também nos chama a atenção a relação entre narrativa e experiência, pois ambas as ideias estão, de acordo com a autora supracitada, em constante diálogo. Se pensarmos novamente em nossos cronistas esportivos, podemos acrescentar que esta função cabia invariavelmente aos mais experientes, veteranos e influentes no círculo jornalístico, sem falar, como já tratamos, que eram atuantes em demais redes sociais que constituíam como a política, por exemplo. Para Sarlo,

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no **comum**. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar.⁶⁷

⁶⁶ SARLO, Beatriz. *Op. Cit.* P. 18. Grifo nosso.

⁶⁷ *Ibidem.* P. 24-25. Grifo da autora.

Sarlo trata experiência não apenas como um acúmulo de tempo vivido, mas o ato de experimentar, de estar no tempo e no local adequados. Todavia, no caso das crônicas, não só a noção de experiência *in loco*, discutida pela autora supracitada, mas o acúmulo de informações e vivência sobre o esporte era importante para o sucesso de uma coluna no *JS*, por exemplo.⁶⁸ A vivência dos cronistas era formada pelas relações sociais entre estes, pela proximidade com os clubes, associações e agremiações esportivas e pela prática política de alguns deles.

A ideia de uma temporalidade reconstruída também é interessante para pensarmos sobre os poderes de uma narrativa: o tempo do que é narrado é plenamente alterado de acordo com vários fatores. Em uma crônica, por exemplo, dependerá de quando vai ser lida, de que tempo trata o texto, quais memórias estão sendo revividas e comparadas com um tema atual. Além disto, temos o tempo inventado, um subterfúgio muito comum entre os cronistas esportivos.

À guisa de exemplificarmos esta relação subjetiva de temporalidade, temos uma crônica de Manoel Vargas Netto⁶⁹:

Controle Médico

Os rapazes que jogam football quando sofrem qualquer restrição do médico, entendem que é perseguição ou má vontade do clínico. Em vez de agradecer ao médico pelo cuidadoso exame feito, o jogador, recusado ou posto em quarentena, revolta-se, fica zangado com o facultativo, como se este fosse o culpado das enfermidades ou deficiências físicas que outros apresentem.

Não é raro, em tais casos de recusa, ouvir-se de interessados torcedores ou do próprio atleta, que o médico errou, que aquilo é besteira, que o atleta jogou sempre, e nunca sentiu nada!

Muitos até insistem na prática desaconselhada deste ou daquele esporte.

⁶⁸ Quando tratamos aqui de sucesso da crônica ou de um determinado texto escrito pelos cronistas, levamos em conta a discussão prolongada entre os pares (os demais cronistas do jornal), as discussões na sessão “carta dos leitores” ou mesmo a longevidade da crônica ou coluna em si. Ou seja, não utilizamos, neste trabalho, a possibilidade de estudos exatos de recepção.

⁶⁹ Manuel do Nascimento Vargas Netto era sobrinho de Getúlio Vargas, e filho do Ministro Viriato Dorneles Vargas e, como o restante da família, nascera em São Borja (RS). Vargas Netto também era escritor, autor de uma série de poemas regionalistas. Vargas Netto foi presidente durante quase uma década da Federação Metropolitana de Futebol (FMF). Foi membro do CND (Conselho Nacional de Desportos) e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) por oito anos. Também era advogado e foi Deputado Federal e Procurador do Estado do Rio de Janeiro. Fonte: HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. P. 94-95.

Um dia a casa cai...

Quando o médico acusa um defeito é porque o encontrou. E se o encontrou é porque prestou boa atenção ao exame, teve zelo, e por isso só pode ser elogiado. O interesse não é de quem examina, mas do examinado. Tentar iludir o médico é iludir-se a si mesmo.

Agora no Rio Grande do Sul aconteceu um fato sobre o qual devem meditar todos os atletas.

Um rapaz de vinte e dois anos, forte, entusiasta, que era dianteiro de um clube de Osorio, morreu em pleno impulso de um lance esportivo. Apoderou-se da bola, driblou toda a defesa adversária, e quando entrou na área do goal, sozinho, frente a frente com o keeper sem defesa, e todos esperavam o goal, o dianteiro caiu morto, fulminado por um ataque cardíaco.

Se esse rapaz se sujeitasse a controle médico e o obedecesse, talvez, estivesse vivo até hoje, ou quem sabe, até muitos anos.

O controle médico é uma necessidade para o desportista.⁷⁰

A temporalidade discutida pelo cronista neste caso, ou seja, o presente, é trazida para a discussão central: a preocupação com a saúde e a relação entre esporte e preparação física (símbolo de modernidade). A palavra “agora” é usada para que o fato contado – a morte do atleta – esteja no tempo mais próximo do leitor, criando um clima de proximidade não só com a situação trágica, carregada de emotividade, mas também com o eixo temporal da narrativa.

Porém, o próprio cronista se trai no final de seu texto, quando informa que o jogador “talvez, estivesse vivo até hoje”, revertendo a temporalidade para o passado, indefinido e dúbio. Se o atleta morreu de fato ou não, ou se morreu do modo como Vargas Netto conta, neste caso, é um mero detalhe para o cronista. O objetivo fora alcançado ao tratar da necessidade científicista de cuidados com a atividade física para os atletas. Cabe lembrar que este texto se assemelha com a ideia de fábula, por apresentar uma clara lição de moral, quase infantil.⁷¹

⁷⁰ VARGAS NETTO, Manoel. Controle Médico. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 5.429, 04/05/1947. P. 7. Coluna A Crônica de Vargas Netto. Esta crônica, assim como outras, fora analisada anteriormente em COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 167-168. Na ocasião, todavia, a discussão principal era o debate em torno do científicismo no esporte por parte do cronista e não exatamente do caráter temporal da crônica. Apesar desta ter sido publicada no período anterior ao eixo cronológico desta pesquisa, entendemos que se trata de um exemplo peculiar para a nossa análise, sem falar que o cronista em questão é um dos principais personagens de nosso trabalho.

⁷¹ De acordo com Sabrina Vilarinho, “A fábula é uma narrativa figurada, na qual as personagens são geralmente animais que possuem características humanas. Pode ser escrita em prosa ou em verso e é sustentada sempre por uma lição de moral, constatada na conclusão da história. A fábula está presente em nosso meio há muito tempo

Desta forma, se acreditamos que a crônica é de fato uma narrativa criativa, explica-se, para tanto, dentre outros motivos, pelas possibilidades do uso e abuso da noção de temporalidade.

Se para Norbert Elias, o conceito de tempo (ou mesmo conceitos, no plural) merece um tratamento especial, pois trata-se de uma construção social simbólica e, portanto, é fruto da aprendizagem humana e, no limite, fator de um processo civilizatório⁷²; cabem, todavia, algumas considerações: para este autor, o indivíduo dispõe de uma certa autonomia em relação ao seu poder de decisão mas, todavia, também possui sérios limites. O foco desta análise, portanto, não está no aspecto individual da percepção da sociedade e sim na capacidade de interação com a mesma. Apesar de considerarmos esta perspectiva de visão da sociedade e de sua relação com a temporalidade um modelo aparentemente monolítico, concordamos com Elias quando o mesmo dissecar as possibilidades de interação individual (e acrescentaríamos subjetiva) com a sociedade:

Relacionar diferentes processos sob a forma do “tempo” implica, pois, a ligação de pelo menos três conjuntos contínuos: os seres humanos, autores do estabelecimento da relação, e dois (ou mais) processos, dentre os quais um, para determinado grupo, desempenha o papel de conjunto padrão e quadro de referência. Ali onde um único indivíduo do grupo constitui a si mesmo como quadro de referência, como quando sua própria vida lhe serve de continuum padronizado para a determinação temporal de outros processos, a relação funcional é tripolar: o indivíduo está presente, primeiro, como a pessoa que estabelece e mantém relações (que “determina o tempo”); segundo, como aquela continuidade evolutiva entre nascimento e morte que serve de conjunto padrão; e por fim, há um grande número de outros processos cuja duração ele mede em referência à duração de sua própria vida, isto é, a ele mesmo como continuidade evolutiva.⁷³

Entendemos que a perspectiva de Elias seja muito mais macro em relação à nossa apropriação de temporalidade construída pelos cronistas, pois a discussão gira em torno da análise da própria sociedade, da qual o autor não privilegia o indivíduo, muito menos a noção ou ideia de sujeito. No entanto, nosso objetivo aqui é tão somente enfatizar a característica

e, desde então, é utilizada com fins educacionais. Muitos provérbios populares vieram da moral contida nessa narrativa alegórica, como, por exemplo: ‘A pressa é inimiga da perfeição’ em ‘A lebre e a tartaruga’ e ‘Um amigo na hora da necessidade é um amigo de verdade’ em ‘A cigarra e as formigas.’” Ver em: VILARINHO, Sabrina. *Fábula*. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/redacao/fabula.htm>>. Acesso em: 23/07/2015.

⁷² ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

⁷³ *Ibidem*. P. 40.

temporal na construção da subjetividade textual das crônicas esportivas. A referência subjetiva e o pseudodomínio do tempo são ferramentas presentes em vários destes textos, conforme, inclusive, pudemos observar na crônica de Vargas Netto.

Se a própria noção de tempo é subjetivada pelas intencionalidades do autor, podemos, de alguma forma, entender que a crônica é um espaço de possibilidades de narrativas biográficas do campo literário? Tentando responder esta questão, nos apoiamos na obra de Arfuch (2010), que trata do conceito de espaço biográfico.⁷⁴ Para esta autora, a autobiografia tornou-se um gênero que marcou a subjetividade burguesa por possibilitar a leitura de sociedade a partir da diluição rígida e fixa do muro que separava a esfera pública e privada. Sobre esta última dimensão, o romance, por exemplo, abria a abertura de hábitos, ações, comportamentos e ambientes privados para um público cada vez mais amplo.⁷⁵

E as crônicas, em especial as esportivas? Tornam-se, de alguma forma, integrantes deste espaço? Acreditamos que sim, pois se este gênero não tem necessariamente a intenção de ser auto(biográfico) na maioria das vezes, no entanto, é narrada em primeira pessoa, em um discurso direto ao leitor, sem intermediários ou mediadores. Esta relação entre autor, obra e público, possibilita, em nossa opinião, uma re(interpretação) das próprias subjetividades destes protagonistas, pois a interação, o diálogo e a recepção das informações são dinâmicas e constantes.⁷⁶

Enfim, esta invasão do público pelo privado possibilita, no campo esportivo, a apreensão e o compartilhamento de determinados sentimentos e afetividades que tornam-se coletivos ou ressignificados pelas individualidades envolvidas. De acordo com Arfuch,

Essa visibilidade do privado, como requisito obrigatório de educação sentimental, que inaugurava ao mesmo tempo o olho voyeurístico e a modelização – o aprender a

⁷⁴ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

⁷⁵ Trabalhamos a partir de um ponto de vista mais amplo da atuação da imprensa como elemento de ampliação da esfera pública. Sobre isto, nos apoiamos na obra de HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. A crônica, por questões amplas – como parte da imprensa – e por questões mais pontuais que tratamos brevemente neste trabalho, faz parte deste processo.

⁷⁶ Ainda acerca do romance, Arfuch informa que “O que se estava produzindo nesse tipo de escrita, que capitalizava tanto a prática do diário íntimo como a forma epistolar, era uma mudança substancial nas relações entre autor, obra e público, que adquiriam assim um caráter de ‘inter-relações íntimas’ entre pessoas interessadas no conhecimento do ‘humano’ e, conseqüentemente, no autoconhecimento”. ARFUCH, Leonor. *Op. Cit.* P. 46-47.

viver através dos relatos mais do que pela “própria” experiência-, aparece como um dos registros prioritários na cena contemporânea, embora quase já não seja necessário espiar pelo buraco da fechadura: a tela global ampliou de tal maneira nosso ponto de observação que é possível nos encontrarmos, na primeira fila e em “tempo real”, diante do desnudamento de qualquer segredo. (...)”⁷⁷

Segredos, impressões e sentimentos não faltavam nas crônicas do *JS*, assim como o desnudamento de um mundo privado – o da organização esportiva, do cotidiano dos clubes e dos atletas, das relações individuais entre autoridades do mundo político e da vida esportiva, etc. O campo dos esportes tornava-se um ambiente mesclado pela interrelação entre a esfera pública e a privada.

Algo em comum entre a análise de Arfuch e a de Elias é destacado por Laclau no prefácio da obra desta primeira autora: “O descentramento do sujeito assume em sua obra uma formulação especial que se vincula à “razão dialógica”, de raiz bakhtiniana: o sujeito deve ser pensado a partir de sua “outridade”, do contexto de diálogo que dá sentido a seu discurso.”⁷⁸

Ou seja, pensamos a subjetividade a partir da existência do conceito de intersubjetividade, da relação com o outro, com a definição de uma outridade. Por mais que possamos valorizar as representações culturais criadas pelos cronistas esportivos, a importância de suas respectivas produções só nos traz sentido por conta da direção em que tomam e do contexto em que são criadas. Conforme ilumina Arfuch, “(...) relato da experiência é, num ponto, **coletivo**, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade.”⁷⁹ Desta forma, a narrativa em si, que beira a realidade e a ficção, não constrói ou cria uma identidade ilusória ou estritamente artística, ou mesmo, forjada em si mesma, mas uma identidade pautada no que há de comum entre os sujeitos.

Desta forma, pensamos no caráter inter(subjetivo) das crônicas a partir do conceito de outridade, da projeção do diálogo entre a construção criativa do texto e a sua devida re(significação) por parte dos leitores ou mesmo pelos seus pares do jornal. A continuidade ou não de um determinado debate, causado por um tema específico, poderia ser estimulado pelo

⁷⁷ *Ibidem*. P. 48.

⁷⁸ LACLAU, Ernesto. Prefácio. *In*: ARFUCH, Leonor. *Op. Cit.* P. 11.

⁷⁹ ARFUCH, Leonor. *Op. Cit.* P. 100.

termômetro da repercussão de certos fatos no mundo esportivo, por exemplo. Todavia, o canal de comunicação entre o autor e os leitores também mantinha-se aberto para discussões menores e corriqueiras, características constantes deste gênero.

Ou seja, a leveza e a agilidade da crônica permitiam que o autor tanto ousasse vãos maiores nas páginas do *JS*, ao tratar de temas nacionais e polêmicos, o que permitia a ele mesmo explorá-los em mais de um texto, por vezes ao longo de alguns dias, como também pontuar temas “menores” e considerados a princípio menos importantes. Ainda assim, é justamente nesta segunda investida que identificamos grandes discussões acerca do esporte na sociedade brasileira como as identidades nacional e regionais, as paixões clubísticas, etc. Desta forma, pensamos que estas escolhas tinham um significado ímpar pois remetia à visão do cronista acerca de determinado assunto.

Neste caso, a apreensão subjetiva da realidade poderia ser dividida e re(interpretada) pelo público leitor que, também pela significação subjetiva, definia os padrões de comportamento social e da própria compreensão do mundo esportivo em que vivia. Não estamos afirmando aqui que havia uma concordância direta com os discursos e interpretações produzidas pelos cronistas, tendo em vista que as cartas dos leitores, por vezes publicadas pelos próprios autores, revelavam uma incongruência de ideias acerca de determinada questão ou opinião. Porém, o caminho estava aberto e era aceito como troca de percepções da realidade esportiva da sociedade carioca e brasileira.⁸⁰ Devemos levar em conta, também, a ideia que transitava nas colunas esportivas (assim como em outras áreas discutidas pela imprensa, como os culturais, econômicos e políticos) de que o enunciador possuía uma autoridade no que dizia, ou seja, era detentor de um capital simbólico e cultural. Desta forma, lia-se um texto de alguém que era o “especialista” ou “autoridade” no assunto, apesar do tema sugerir comentários gerais e amplos dos leitores.

⁸⁰ Quando nos referimos à sociedade brasileira, levamos em conta dois aspectos: o primeiro era que em relação ao campo esportivo, podemos considerar o Rio de Janeiro como uma das caixas de ressonância para o resto do país, não só pelas práticas esportivas existentes e do periodismo especializado desde o século XIX, como também pelas intenções em liderar este processo no plano nacional, inclusive na construção de discursos para tanto. Em segundo lugar, e corroborando com o raciocínio da primeira hipótese, podemos afirmar que o *JS*, a despeito do diálogo com outros veículos de comunicação e sua cobertura jornalística em outros estados da federação, fazia questão de produzir representações culturais e interpretações sociais legitimamente cariocas para um universo maior – o nacional.

Para compreendermos o “eu” cronista, com todas as suas possibilidades de criação, representação e idiosincrasias, acreditamos que a nossa interpretação só faz sentido quando projetamos o papel das crônicas para uma outridade. E de acordo com Arfuch:

(...) mesmo o “retrato” do eu aparece, em diversas acentuações, como uma posição enunciativa dialógica, em constante desdobramento em direção à outridade de si mesmo. Não haveria “uma” história do sujeito, tampouco uma posição essencial, originária ou mais “verdadeira”. É a multiplicidade dos relatos, suscetíveis de enunciação diferente, em diversos registros e coautorias (a conversa, a história de vida, a entrevista, a relação psicanalítica), que vai construindo uma urdidura reconhecível como “própria”, mas definível só em termos relacionais: eu sou tal aqui em relação a certos outros diferentes e exteriores a mim.⁸¹

Concordamos de que a própria ideia de “sujeito” só nos faz sentido de uma maneira coletiva e dialogada e que a construção de um “eu” se dá pelo processo das coautorias, ou seja, pela apreensão, negociação e troca de experiências e interpretações de vida, mesmo quando estas se dão de forma inconsciente.

Se não acreditamos neste “eu” sozinho, individual e sem conexões com a multiplicidade de conexões a seu redor, também não o é, sem seus significados particulares e suas próprias identidades. Ou seja, é possível sim termos uma história das subjetividades de um determinado autor, desde que a mesma fosse investigada sob o aspecto relacional e dialético com a outridade (inclusive, de si mesmo).

Sob este último aspecto, é importante entender que o reconhecimento do sujeito perpassa pela análise de suas múltiplas identidades e que seu discurso textual, que é o que mais nos interessa no momento, está eivado destas características identitárias. Se é uma tarefa árdua dissecar estas camadas de identidade, preferimos compreender o sujeito como um todo, mas multicolorido, forjado por um amálgama de posições subjetivas.

A discussão em torno do ato comunicacional das crônicas nos traz aqui uma parada reflexiva e estratégica. Narrar a realidade por meio das crônicas é também comunicar. Para alguns autores como Arfuch e Derrida, o ato da comunicação não é construído pela total

⁸¹ ARFUCH, Leonor. *Op. Cit.* P. 129. Grifos da autora.

perfeição.⁸² Enquanto narrar significa “contar um fato”, ou mesmo “descrever algo” (com as subjetividades do autor, diga-se de passagem), ao comunicar estará um passo além: “compartilhar”, “estar em comunhão com”.⁸³

Esta interpretação dissonante para o ato da comunicação, do próprio texto em si, nos remete a uma ousada conclusão: devido ao caráter informacional e inter(subjetivo) das crônicas, podemos acreditar que as mesmas tendem a cumprir o seu papel de narrar assim como o de comunicar. Se utilizarmos o conceito de comunicar, descrito acima, podemos dizer que o cronista mais do que narra ou informa de acordo com um determinado ponto de vista, já que ele divide uma interpretação real com uma carga emotiva e lírica capaz de ser compartilhada por seus leitores e pares.

Este compartilhamento se dá a luz de uma continuidade, de uma expectativa temporal, de uma sequência de uma série de outros textos que dão uma identidade tanto para o cronista, como para a própria coluna em que é publicada. O acesso a estes textos possibilita, no limite, a comunhão de um modo de vislumbrar a sociedade, pelo menos do ponto de vista do campo esportivo. Desta forma, se estabelece uma fidelidade de leitura e de diálogo subjetivo entre o autor e os seus leitores, ultrapassando o ato de narrar e estabelecendo o próprio processo do ato comunicacional. Características a parte, a comunicação se configura de forma lúdica, tendo em vista as possibilidades de criações ficcionais e das suas respectivas interpretações subjetivas.

É possível, então, compreendermos a História por meio de fontes subjetivas, pois visam interpretar uma suposta realidade. Porém, conforme estamos discutindo neste texto, precede o reconhecimento das subjetividades dos autores de nossas fontes e de sua multiplicidade de componentes. De acordo com Mansano,

Esses componentes são resultantes da apreensão parcial que o humano realiza, permanentemente, de uma heterogeneidade de elementos presentes no contexto social. Nesse sentido, valores, ideias e sentidos ganham um registro singular, tornando-se matéria prima para expressão dos afetos vividos nesses encontros. Essa produção de subjetividades, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de

⁸² ARFUCH, Leonor. *Op. Cit.* P. 130 e DERRIDA, Jacques *Apud* ARFUCH, Leonor. *Op. Cit.* P. 100. Nota 25.

⁸³ *Ibidem.* P. 130.

subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva.

É necessário acrescentar que a difusão desses componentes se dá a partir de uma série de instituições, práticas e procedimentos vigentes em cada tempo histórico. É nessa dinâmica mutante que os processos de subjetivação vão tomando forma, contando com a participação das instituições, da linguagem, da tecnologia, da ciência, da mídia, do trabalho, do capital, da informação, enfim, de uma lista vasta que tem como principal característica o fato de ser permanentemente reinventada e posta em circulação na vida social. Assim, esses componentes ganham importância coletiva e são atualizados de diferentes maneiras no cotidiano de cada vivente. Por isso mesmo, eles podem ser abandonados, modificados e reinventados em um movimento de misturas e conexões que não cessa. Pode-se dizer, então, que os múltiplos componentes de subjetividade difundem-se como fluxos que percorrem o meio social, dando-lhe movimento.⁸⁴

A ideia de movimento é alimentada não só pela discussão em torno do sujeito e das subjetivações do texto, mas também pela própria conjuntura histórica que estamos estudando. Ou seja, a década de 1950 seria muito importante para a construção de um país mais desenvolvido do ponto de vista industrial e financeiro. As medidas políticas e econômicas estabelecidas no período levaram o país a um patamar tecnológico e capitalista, criando um novo modelo de sociedade, ou pelo menos, apurando os desejos e aspirações industriais que o Brasil já rascunhava pelo menos desde 1930.⁸⁵

As instituições, inclusive e principalmente a imprensa, aumentavam a sua capacidade de produção (econômica e intelectual) e de circulação monetária (um dos resultados para o período foram as altas taxas de inflação). No caso da indústria jornalística, os periódicos aumentavam a capacidade de circulação de seus produtos, incentivados pela política de importação de máquinas e papéis.⁸⁶

A procura por mais e melhores informações tornava-se uma constante na vida do homem comum, em especial nos centros urbanos como o Rio de Janeiro. O aperfeiçoamento dos programas de rádio e, posteriormente, o surgimento da televisão na vida do brasileiro ampliava o espectro dos meios de comunicação e de entretenimento.⁸⁷ O resultado é que a sociedade brasileira se transformava e criava um novo modelo de indivíduo, recriando, desta forma, novas formas de subjetividade.

⁸⁴ MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. In: *Revista de Psicologia da UNESP*. V. 8(2). Assis: UNESP, 2009. P. 111. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>>. Acesso em: 05/01/2015.

⁸⁵ FAUSTO, Boris. *Op. Cit.*

⁸⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit.*

⁸⁷ A televisão brasileira surgiu a partir das iniciativas de Assis Chateaubriand, que fundou em 18 de setembro de 1950 a TV Tupi. Durante a década de 1950, a televisão ainda era um equipamento caro e, portanto, restrito às classes mais ricas da sociedade. O rádio, então, ainda era o veículo síncrono mais popular de acesso às informações.

A própria noção de tempo, ou de ritmo de vida, se modificava com as possibilidades de reinvenção da vida cotidiana, dos anseios de uma vida domiciliar carregada de aparelhos domésticos até então somente imaginados e de uma perspectiva de modernização da sociedade em diversos aspectos (econômicos, financeiros e culturais).⁸⁸ Apesar destas mudanças, a política desenvolvimentista no país teve como resultado o aumento significativo do custo de vida por conta do aumento da inflação em todo o período.⁸⁹ Ou seja, a política implementada pelo governo federal, em especial na segunda metade da década de 1950, a partir do Governo de Juscelino Kubistchek (JK), comprou a modernização brasileira, pelo menos nos grandes centros urbanos, com uma alta da inflação e do custo de vida.⁹⁰

Desta forma, o sujeito da década de 1950, provisoriamente ou não, acostumava-se com rápidas e dinâmicas modificações na sociedade e que possibilitavam reinterpretar a sua própria atuação na mesma. Tudo isso em um ritmo de produção que colocava o Brasil com um crescimento do PIB *per capita* três vezes maior do que os nossos vizinhos na América Latina.⁹¹ Se por um lado, a economia apresentava este duplo aspecto, ou seja, bom para o crescimento do país, mas com impactos sociais desvantajosos para a maior parte da população, no campo político o país experimentava um momento de relativa presença de instituições liberais, durante um período de democratização (1945-1964).⁹²

Desta forma, em diversos campos as mudanças significativas eram apresentadas à sociedade, inaugurando uma nova relação do sujeito com o seu entorno, com as relações sociais e com as instituições daquela conjuntura. O movimento, do qual nos lembrou

⁸⁸ Cabe lembrar a importante influência da cultura norte-americana, inclusive, no acesso aos bens culturais e comunicacionais como, por exemplo, na divulgação das obras de cinema e música daquele país de forma massiva, assim como nos modelos de programas de rádio e da produção jornalística, inclusive nos jornais e revistas de entretenimento.

⁸⁹ Para compreender um pouco mais este período histórico, informamos que a inflação no período variou de 12,4% (1950) a 20,8% (1953). Dados de SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Que Brasil é este? Manual de Indicadores Políticos e Sociais*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1990. P. 40. Outro dado interessante nos revela que o aumento do custo de vida, no período de 1949 a 1951, foi de 15% em São Paulo e de 23% no Rio de Janeiro, enquanto o salário mínimo cresceu apenas 10,5% em São Paulo e 12% no Rio de Janeiro. Fonte: FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995. P. 404. Em 1959, a taxa de inflação girava no patamar mais alto até então: 39,5%. *Ibidem*. P. 432.

⁹⁰ Cabe ressaltar que entre 1955 e 1961, o valor da produção industrial, descontada a inflação cresceu cerca de 80%, com grandes altas da indústria do aço (100%), mecânicas (125%), eletricidade e comunicações (380%) e material de transporte (600%). De acordo com Fausto, o PIB brasileiro, no período de 1957 a 1961, cresceu a uma taxa anual de 7% ao ano. *Ibidem*. P. 427.

⁹¹ *Ibidem*. P. 427.

⁹² A palavra relativa explica-se pelo fato de que apesar do país viver em um momento de democracia liberal, ultrapassando o período anterior, de ditadura (até 1945), em alguns momentos da década de 1950, tivemos crises de instabilidade política como os últimos meses do Governo Vargas (que o levaria até o suicídio) e a posse de Juscelino Kubistchek, que precisou abafar algumas tentativas golpistas de setores militares, por exemplo.

Mansano⁹³, possibilitava uma maior interação do indivíduo com a imprensa, instituição que sofreria grandes mudanças não só em termos estruturais como o jornal/empresa, mas também na tecnologização de todo um aparato técnico, com a introdução de novos equipamentos e formas de produção gráfica, tornando mais ágil a impressão e a logística de distribuição dos jornais.

Em suma, a relação do leitor com o periódico mudou como mudara também a percepção da sociedade, já que esta trazia avanços em várias áreas do conhecimento, a despeito (mais uma vez) da elevação do custo de vida. O otimismo e a confiança depositados do Governo JK, por exemplo, escondia boa parte das agruras pelas quais passavam a população mais pobre e até mesmo a classe média do país.⁹⁴

As subjetividades presentes nas crônicas eram, sobretudo, reflexos destas mudanças maiores na sociedade, possibilitando resgatar discussões no âmbito esportivo que ousavam incrementar debates contemporâneos e pelos quais pudessem ser compartilhados com os leitores do jornal. Os esportes, desta forma, tornavam-se um nicho de percepções subjetivas que se transformavam em diálogo com a sociedade e que impregnavam as páginas do *JS*, por exemplo, com o lirismo e a criatividade textual das crônicas. As representações deste gênero híbrido eram frutos legítimos de sua época, mas também traduziam a necessidade de experimentação criativa e literária, ambas apoiadas com um “pé” no jornalismo, aliás, diríamos com os “dois pés” por lá.⁹⁵ O campo esportivo, em particular o futebol, era o espaço ideal para que as crônicas pudessem discutir questões amplas com debates mais comuns, cotidianos e particulares. O interesse pelos esportes ao longo da década de 1950 só tendia ao crescimento devido à afirmação de uma indústria do lazer e do entretenimento, resultantes de um processo político e econômico do Estado em lidar com as massas.

A própria Copa do Mundo em 1950 pode ser considerada como um dos projetos brasileiros de ampliar a imagem do Brasil para o cenário internacional, não mais como um país agro-exportador, com uma indústria frágil e insuficiente, e uma população carente de cultura e educação. Para o *JS*, sediar uma Copa do Mundo da FIFA era, sobretudo, a oportunidade de mostrar um outro país: moderno, grande e voltado ao futuro. Se o passado

⁹³ MANSANO, Sonia Regina Vargas. *Op. Cit.*

⁹⁴ SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Op. Cit.* Ver ainda o trabalho de BENEVIDES, Maria Victoria. O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991. P. 9-22.

⁹⁵ No item 1.3, iremos detalhar mais a capacidade híbrida das crônicas, abrindo um diálogo entre a literatura e o jornalismo, além dos usos pela História.

condenava até então a nossa estabilidade econômica, política e social, o presente (a década de 1950) seria o início de outra etapa para o Brasil, a alavanca para o desenvolvimento e o respeito internacional.

A engenharia civil empregada na construção do estádio do Maracanã seria alvo de cotidianas matérias e crônicas no *JS* no final da década de 1940. O concreto e o cimento, a urbanização, a capacidade de organizar um grande evento seriam símbolos do ideário modernizador que o esporte poderia criar na conjuntura de virada de década.⁹⁶ E o *JS*, liderado por seu proprietário e editor, Mário Filho, soube aproveitar este momento para empreender esta importante campanha para fins próprios, ou seja, incrementar os seus negócios a frente do jornal.⁹⁷ Todavia, cabe ressaltar que um dos objetivos mais centrais deste nosso trabalho é compreender como vários outros cronistas/autores se destacaram ao longo da década de 1950 com debates que ampliavam a inserção do jornal no dia a dia da sociedade carioca. Ou seja, nossa intenção também é desconstruir a ideia de que Mário Filho é o único responsável pela reestruturação da imprensa esportiva brasileira e que todos os demais que trabalhavam com ele estavam apenas sob sua fama e sombra. Esta ainda é uma equivocada interpretação corroborada por parte de estudos sobre o jornalismo esportivo e a história dos esportes, sejam produzidos por historiadores e/ou especialistas em literatura e comunicação.

Mais do que coadjuvantes, os cronistas analisados nesta pesquisa e sua respectiva produção, possibilitam compreender não só a importância deste gênero para o jornal, como para a própria sociedade. Entender as subjetividades destes autores é compreender um pouco mais do papel da imprensa, deste gênero híbrido e da própria sociedade carioca que, pelo menos no campo esportivo, quiçá em outros, pretendia espelhar um modelo nacional de modo de vida. Neste aspecto, a construção de representações culturais nas crônicas esportivas do *JS* contribuiu bastante para a continuidade desta pretensão.

⁹⁶ Para ilustrar este exemplo, segue um trecho de uma crônica de um de nossos importantes narradores, Geraldo Romualdo da Silva: (...) O Estádio Municipal não é só um monumento para o campeonato do mundo. Não é só um cartão postal do Brasil para o Mundo. É o maior estádio do mundo para os clubes e entidades do Brasil. Um estádio que abriga uma nova era para o esporte brasileiro. (...) O Rio de Janeiro, com o Estádio Municipal, se transformará na Meca do football mundial. Não há temporada que não se torne possível com o Estádio Municipal. Para que se tenha uma ideia do que será o Estádio Municipal: com um único jogo um clube poderá pagar um grande team, os contratos de um ano de grande team. (...) *In: SILVA, Geraldo Romualdo da. De Wembley ao Derby Club; História de Estádios Famosos. In: Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, nº 6.095, 07/07/1949. P. 5.*

⁹⁷ Sobre a campanha que o *JS* empreendeu para a construção do estádio na Zona Norte do Rio de Janeiro, ver em COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* Em especial o item 3.3, “A Copa não pode se esconder na zona Oeste: análise de uma campanha vitoriosa.” P. 170-184.

Nossos sujeitos históricos permeavam o imaginário social e cultural do Rio de Janeiro, por meio de histórias carregadas de criatividade e sentimentos. Como nos ajuda a refletir, a autora Mansano traz para nós o que compreende pelo conceito de sujeito:

O sujeito, nessa perspectiva de análise, só pode ser analisado a partir de uma processualidade, de um vir a ser que não se estabiliza de maneira definitiva. Ele é construído à medida que experiencia a ação das forças que circulam no fora, e que, por diferentes enfrentamentos, afetam o seu corpo e passam, em parte, a circular também do lado de dentro. Sob essa ótica, a produção do sujeito envolve um movimento que não conhece sossego, pois ele não está dado de uma vez por todas. Dessa maneira, ele pode ser sentido e percebido como uma existência particular e histórica, à medida que desenha territórios subjetivos que são investidos desejantemente. Entretanto, esses territórios nada mais são do que composições provisórias de forças.⁹⁸

Neste enfrentamento entre os desejos individuais do sujeito e a apreensão das percepções coletivas, é que entendemos como a construção das representações acerca do esporte foi importante neste período. O campo esportivo se tornou, desta forma, uma grande “tela de desenhos” para os territórios subjetivos, conforme termo da autora supracitada. Os desejos individuais e coletivos acerca do acesso às práticas esportivas, sejam estes realizados por vezes única e exclusivamente pelas páginas da imprensa esportiva, reforçavam a ideia de intersubjetividade, como o dia a dia da redação da crônica propunha. Ou seja, da interação entre o discurso produzido nas páginas do *JS* e das suas diversas formas de re(interpretação) por parte dos leitores, reforçavam-se ou rebatiam-se uma série de representações sobre o esporte e a sociedade carioca. Ainda segundo Manzano, não só de composições com o coletivo, e nós acrescentaríamos com as instituições, como a imprensa, por exemplo, se forja o sujeito (superando a ideia de indivíduo), mas também de enfrentamentos, gerando “uma série de estranhamentos, incômodos e angústias”.⁹⁹

Apesar do estudo de Lacan ter se voltado para um conceito de intersubjetividade para a prática da psicanálise, cabe compreender a importância da experiência e da linguagem nesta nossa adaptação para a relação entre autor/leitor quando este “(...) diz que a linguagem, por si só, inclui a subjetividade quando um fala ao outro.”¹⁰⁰ Desta forma, reforçamos a ideia de

⁹⁸ MANSANO, Sonia Regina Vargas. *Op. Cit.* P. 115-116. O conceito utilizado por esta autora tem base nas obras de Deleuze, que por sua vez, discute Foucault. Para maiores aprofundamentos ver: DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988 e DELEUZE, Gilles. *Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001.

⁹⁹ *Ibidem*. P. 115.

¹⁰⁰ PIVA, Ângela; PONSI, Andréia; SALDANHA, Carime et al. Origens do conceito de Intersubjetividade: Uma trajetória entre a Filosofia e a Psicanálise Contemporânea. *In: Contemporânea - Psicanálise e*

outridade com a de subjetividade, tendo a linguagem um papel essencial nesta relação. Portanto, “(...) Nesta fala-história contada pelo paciente na análise, os conteúdos inconscientes não são trazidos à consciência, mas são apropriados pelo sujeito analisado através da assunção de sua história ou da maneira como a conta na relação intersubjetiva.”¹⁰¹

Obviamente que nossa atenção sobre a intersubjetividade está voltada para a interação da linguagem textual e suas múltiplas interpretações e não propriamente na linguagem psicanalítica que dispõe de outras ferramentas para tanto. Porém, a relação de confiança estabelecida entre o autor e seus leitores, mesmo quando a mensagem contradiz as percepções do receptor, causando, como já vimos, as possibilidades de estranhamento, nos remete a uma associação entre o analista e o analisado.¹⁰²

Para terminarmos esta parte da nossa análise, apresentamos, ainda no universo da psicanálise, o trabalho de Berestein que:

(...) desenvolve a concepção de que a relação do sujeito com os outros e do sujeito com o mundo social implica em duas tarefas: inscrever sua pertença e optar pela forma de pertencer. Tal situação modela sua subjetividade, objeta a relação com os outros e altera o mundo que o rodeia.

A partir da idéia de um aparelho psíquico que se organiza em zonas diferenciadas, definem-se três espaços: intra, inter e transpsíquico.

O Espaço intrapsíquico é o mundo interno com representações, imagens, sonhos, fantasias. Tal espaço precisa do outro para se constituir, mas se move independentemente da presença deste.

O Espaço intersubjetivo é o espaço interpessoal no qual o sujeito está com o outro e com ele intercambia amor, ódio, ternura. Neste espaço, a presença do outro é imprescindível.

O Espaço transubjetivo representa o sociocultural no qual se estabelecem relações com a sociedade através de seus valores, crenças, ideologias, história, tragédias sociais.¹⁰³

Os espaços criados por este autor nos remetem ao campo de atuação entre cronistas e seus leitores. Será que os espaços psicanalíticos descritos acima poderiam ser compartilhados em uma outra abordagem, o do enlace entre o mundo da comunicação e o da literatura?

Transdisciplinaridade. Porto Alegre, n.º 09, Jan/Jun 2010. P. 77. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo234.pdf>>. Acesso em: 06/01/2015.

¹⁰¹ *Ibidem*. P. 77.

¹⁰² Piva, Ponsi, Saldanha et al citam a obra de Ogden, que reforça esta relação que acabamos de expor: “Em consonância com esta perspectiva está Ogden (1992), ao introduzir o conceito do terceiro analítico, no qual analista e analisando, nascem no processo de criação do sujeito analítico. O analista dá voz e participa da criação da experiência que é o passado vivo do analisando e, desta maneira, não só escuta sobre a experiência do analisando, mas também vivencia sua própria criação desta. Simultaneamente, o analisando vivencia seu próprio passado vivo, enquanto criado intersubjetivamente no terceiro analítico. Assim ele não vivencia novamente o seu passado, mas o vivencia como sendo criado pela primeira vez no processo de estar sendo vivido no e por intermédio deste terceiro analítico.” *Ibidem*. P. 84.

¹⁰³ *Ibidem*. P. 86.

Acreditamos que sim e podemos ir além, se levarmos em conta o universo de paixões, emoções e sentimentos diversos partilhado pela criação subjetiva e compartilhado com as interpretações intersubjetivas.

Se levarmos em conta o momento de nascimento de uma crônica podemos supor que a mesma acompanha o ritmo do jornal, dinâmico, apressado, cumpridor de prazos industriais e comerciais. Por outro lado, a pressa de quem está lendo pode ser uma constante, na urgência da leitura corriqueira, no caminho do trabalho, nos intervalos da vida, nas esquinas dos momentos possíveis. Desta forma, a dinâmica da construção do texto possibilita uma leveza, não tão bem vista no jornalismo, mas aceita com restrições na literatura. Esta proximidade entre língua escrita e oralidade coloquial, caminho próprio de uma relação intersubjetiva entre autor e leitor, promove um espaço para além da leitura fria de um texto.

De acordo com Sá, “(...) O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata”.¹⁰⁴ Desta forma, concluímos que a crônica possibilita o diálogo entre o autor e seus leitores e, mais do que isso, transcende uma relação vazia, sem interpretações do que é vivido e explorado no cotidiano da sociedade, equilibrando o coloquial e o literário. Espaço de (inter)subjetividades, a crônica se assume de forma espontânea e sensível ao mundo em que nos rodeia, “(...) tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que o nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância.”¹⁰⁵

Os esportes, desta forma, abriram espaços para a proliferação de crônicas voltadas para esta relação dialógica, pois carregadas de paixões e emoções, aproximavam por meio da leitura e dos comentários, uma vivência e uma experimentação do campo esportivo para além das “quatro linhas”.

Para alimentar o interesse pelo campo, as emoções impregnadas nos textos jornalísticos tornaram-se uma característica peculiar deste gênero. No próximo item, exploramos os usos dos sentimentos neste gênero literário e jornalístico, ou seja, híbrido.

¹⁰⁴ SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1987. 3 ed. P. 11.

¹⁰⁵ *Ibidem*. P. 11.

1.2 USOS E ABUSOS DOS SENTIMENTOS NAS CRÔNICAS ESPORTIVAS

Uma das principais características da imprensa esportiva, a partir das décadas de 1930 e 1940, é o apelo à emotividade e aos usos dos sentimentos nos textos jornalísticos. Neste caso, o espaço dado às crônicas nestas publicações esportivas tornou-se o ambiente privilegiado para o diálogo intersubjetivo, com o debate das questões cotidianas, com a mistura entre os mundos da ficção e o da realidade e, também, com o trabalho com uma matéria-prima importante para a imprensa: o universo das emoções.

A crônica esportiva, dentro do universo jornalístico e esportivo, tornava-se, então, um ingrediente a mais, que nos leva a entender que o futebol, por exemplo, era um objeto de análise carregado de paixões identitárias (nacionais, locais, individuais, urbanas etc) para o autor e que à medida que o esporte se tornava um dos principais elementos no aumento da venda de periódicos, o tratamento e a disponibilização de espaços internos nos jornais mudavam de forma significativa.¹⁰⁶

Desta forma, não podemos compreender o desenvolvimento deste gênero e tipo literário, a crônica esportiva, apenas do ponto de vista das mudanças discursivas de determinado período histórico, mas também em um contexto de desenvolvimento de uma indústria cultural de massas. Não uma qualquer, mas a que pudesse agregar em seu discurso a interação entre observação e apoio ao fenômeno esportivo que “batia a porta” dos jornais.

Portanto, para além dos conteúdos e temas retratados por este objeto de análise, a relação entre os fatores emoção/sentimento/criação autoral é um dos elementos chave para a compreensão do todo. De acordo com Capraro, podemos entender que:

Além da reflexão sobre identidade nacional, outra característica típica das crônicas, independente ao período, é o envolvimento emocional. Ora na tentativa de um discurso racionalizado, ora com uma proposital passionalidade, transbordando sentimentos, principalmente o de paixão. É raríssimo, encontrarmos literatos sem um engajamento definido a respeito do futebol. No momento inicial, por exemplo,

¹⁰⁶ Ver em COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* Sobre esta divisão entre o texto jornalístico esportivo e a crônica esportiva, trabalharemos mais adiante esta questão, numa perspectiva de microanálise, pois várias características entre os dois apresentam muitas semelhanças. Todavia, optamos por privilegiar as crônicas como fonte principal do nosso trabalho. No capítulo 2, no item 2.3, poderemos comparar estes dois caminhos do jornalismo esportivo do JS.

com a tensa discussão intelecto-científica sobre a sensatez, ou não, da juventude elitista, que aderiu quase consensualmente ao esporte de origem inglesa; posteriormente com os posicionamentos sobre o significado social do selecionado brasileiro (se era ou não, um símbolo de pátria); e depois com o debate acerca da espetacularização do esporte (o cronista nostálgico versus o futurista).¹⁰⁷

Desta forma, este autor nos ajuda a pensar, apesar de não ser a sua preocupação principal, uma unicidade ou mesmo uma característica mais própria da crônica esportiva: a paixão. Os sentimentos oriundos da passionalidade que o futebol e os esportes como um todo podem oferecer na relação autor/leitor corroboram para sustentação quase magnética que este gênero pode causar nos aficionados esportivos. E traduzem e criam muitas das representações sociais que transitam no tripé esportes/sociedade/literatura.

De acordo com Ribeiro, sobre o futebol, “É preciso compreendê-lo no campo da dimensão afetiva da vida política, dos sentimentos comuns e das paixões individuais e coletivas”.¹⁰⁸ A crônica esportiva, portanto, assume esta responsabilidade imposta pelos seus respectivos autores. De um discurso em torno de sentimentos, sejam eles positivos ou não, de pertencimento ou de desagregação, de afetividade ou agressividade, de identificação com heróis e vilões (o que poderia ocorrer com um mesmo personagem, em momentos distintos), daí por diante.

Não estamos, neste trabalho, tentando causar uma separação entre o discurso da crônica esportiva das demais crônicas, tendo em vista todo o nosso esforço neste primeiro capítulo em (re)conhecer todas as especificidades deste gênero híbrido. Todavia, faz-se necessário pensar também sobre como os esportes, e o futebol em especial, tornaram-se um elemento muito importante para a produção de textos, os componentes do jornal, as manchetes, as crônicas, por sua característica emotiva e passional. Ou seja, se as crônicas, enquanto gênero discursivo, já eram capazes de estabelecer estes parâmetros de exploração dos sentimentos e das emoções, os esportes tenderam a ampliar este espectro, devido ao seu impacto no ser humano, nas paixões clubísticas, na rivalidade entre times, nas consequências de determinadas derrotas e vitórias, nas alegrias e tristezas do homem e cidadão comum ao mais rico, etc. Portanto, entender a crônica esportiva, para além de dissecarmos o gênero, é

¹⁰⁷ CAPRARO, André Mendes. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Curitiba: UFPR, 2007. Tese de Doutorado em História. P. 42.

¹⁰⁸ RIBEIRO, Luiz Carlos. A crônica esportiva como fonte para o estudo histórico. In: CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. (Orgs.). *Passe de Letra: Crônica Esportiva e Sociedade Brasileira*. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012. *Op. Cit.* P. 32.

compreender a especificidade e a unicidade que este tipo de discurso merece em sua respectiva análise e que nos permite compreender um pouco mais da sociedade em questão.

Mosko também agrega o mesmo raciocínio nesta empreitada de reconhecer na crônica esportiva as possibilidades potenciais de análise dos sentimentos e afetividades da sociedade:

(...) as crônicas sobre o futebol ou as crônicas esportivas exerceram (e ainda exercem) o mesmo sentido simbólico da crônica social, cuja proximidade com o objeto e com o cotidiano é fato quase sempre consumado. Com um adendo: a crônica esportiva tem a tendência de aflorar ainda mais os sentimentos e perspectivas, já que trabalha com um elemento onde a paixão não é negada, tampouco tem um significado pejorativo, como na política; ao contrário, é mais do que necessário que o autor tenha um posicionamento, exponha preferências – como a clubística, ou por determinado jogador – mantendo, possivelmente, um vínculo de afeto positivo como determinado grupo de torcedores que se identifica com as suas preferências e de afeto negativo em relação ao outro segmento, aquele que fica contrito com as suas opiniões e preferências.¹⁰⁹

Para o cronista esportivo do *JS*, o mais importante não era esconder as suas preferências clubísticas, mas tornar isto um fato de aproximação com os seus respectivos leitores, independente da identificação com o time do coração do autor. Cabe lembrar que o jornal já tinha desde a década de 1930, período de sua fundação, colunas diárias cujo objetivo era dar notícias e informações sobre os clubes da cidade do Rio de Janeiro, não só os grandes, mas os menores também.¹¹⁰ Tal fato demonstra a estratégia do jornal na aproximação com as principais torcidas da cidade do Rio de Janeiro, criando espaços nas páginas para que as novidades e informações dos clubes fossem publicizadas.

As crônicas aqui pesquisadas demonstram uma linha editorial de mais independência autoral do que informacional, ou seja, tratamos o cronista em nossa análise como autor e não como o repórter ou mesmo o colunista que acompanhava as informações dos clubes da capital e seguiam, necessariamente, uma orientação do periódico. Logo, eles eram detentores de capital simbólico suficiente para que pudessem criar a própria pauta ou temática do dia. Portanto, a paixão clubística imbricada nos textos é por vezes suave, dependendo do cronista,

¹⁰⁹ MOSKO, José Carlos. A relação entre a crônica e o futebol: alguns apontamentos históricos. In: CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Arcaño de. (Orgs.). *Op. Cit.* P. 91.

¹¹⁰ Além de Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo e América, outros clubes menores tinham seus espaços como, por exemplo, o São Cristóvão, Madureira e Olaria.

obviamente.¹¹¹ Tal fato nos revela uma das importantes chaves interpretativas de nossa pesquisa. Tendo o cronista do *JS* toda esta liberdade autoral e identitária, além de toda a qualidade do texto e o processo de fidelização dos mesmos junto aos leitores, cabe ainda pensarmos em um sucesso editorial produzido por um único personagem, o jornalista, editor chefe e proprietário, Mário Rodrigues Filho? Ou ainda pior: a imprensa esportiva nasceu antes, mas só cresceu e se desenvolveu a partir das ideias deste homem? O *JS* era um periódico que só reproduzia o pensamento e as representações culturais e sociais de seu líder?

Obviamente, não acreditamos na resposta afirmativa destas importantes questões, mas cabem incluí-las nesta discussão por conta da espinha dorsal de nosso trabalho que é de pensar a importância destes cronistas para a imprensa esportiva do Rio de Janeiro, no período da década de 1950, e até mesmo para a sociedade carioca. Importância que se refletiria da construção de representações culturais baseadas muitas das vezes em personagens interessantes.

Para termos mais um exemplo da crônica de Vargas Netto e sua capacidade de recriar a realidade, construindo, por vezes, mitos e heróis, citamos a epopeia de Milton Braga Rolla:

Vem de Rio Branco, lá do longínquo território do Acre o Sr. Milton Braga Rolla, presidente do Clube de Football Fortaleza, da capital daquele território. O Fortaleza está sem campo. Tem o terreno, mas precisa de um auxílio para as instalações e o seu presidente veio do Acre ao Rio de Janeiro na esperança de conseguir esse auxílio.

O Brasil é grande, mas a abnegação, a perseverança e o idealismo desse desportista não se intibiam com as distâncias territoriais. Veio à sua custa lutar pelo seu pequeno clube, em nome dos seus duzentos e tantos socios. As lonjuras do nosso país não foram obstáculo para seu presidente de um clubezinho acreano, que acredita na solidariedade dos seus patrícios.

E acredita mais porque está na fronteira, quero dizer, face a face com o estrangeiro, vendo outra bandeira panejando em frente à sua, ouvindo língua diferente, confrontando interesses diversos.

É esse sentimento de extremo, de vanguarda, de testa de tropa, que dá, do fronteirista, uma afetuosa confiança nos irmãos “mais para dentro”. Não deixam esse homem voltar desconsolado! Não o desamparem! Não o desiludam! Ele é o tipo de herói confiante. Ele acredita no amparo do C.N.D. e, portanto, do Governo.

É um homem pobre que trabalha pelo seu ideal desportivo. Atravessou milhares de milhas e veio ao Rio pedir que o ajudem no seu trabalho de construção. Não pede nada para ele. Pede para o seu clube, que vai adestrar aquela mocidade dos confins

¹¹¹ Tal conclusão não se refere a José Lins do Rego, apaixonado pelo Flamengo e que não deixava escapar tal sentimento em suas crônicas, sendo muitas das vezes, citado por isso pelos seus pares. Outros cronistas como veremos nos próximos capítulos também tinham comportamento/estratégia semelhante.

da pátria! Ele pede para o Brasil! Ele é um desportista, senhores! Correspondam ao seu esforço, porque é por um ideal.¹¹²

Esta crônica também compreende uma série de ideias e sentimentos que Vargas Netto e o próprio *JS* criava ao longo de sua jornada. O texto acima possibilita não só uma análise do seu respectivo conteúdo, ou seja, uma conclamação em nome da nacionalidade e da necessidade da presença brasílica nos confins de nossas fronteiras, mas também uma análise discursiva, ou seja, como o texto fora construído. Desta forma, notamos uma forte presença emotiva nas palavras acima, procurando sobretudo apelar para um sentimento de nacionalidade, mas não de uma forma fria ou protocolar, mas sim de forma imperativa, como no trecho “Não deixem este homem voltar desconsolado! Não o desamparem! Não o desiludam!” e “Ele pede para o Brasil! Ele é um desportista, senhores!”¹¹³

O uso do ponto de exclamação é uma ferramenta muito utilizada nas crônicas esportivas de Vargas Netto, além de outros autores do *JS*, conforme podemos observar no exemplo acima e nos demais que veremos nos capítulos seguintes. Não por acaso, o discurso do cronista fora construído para um diálogo, não só para um público leitor, mas, neste caso, para as autoridades desportivas e políticas brasileiras, como o próprio CND.¹¹⁴

A crônica, portanto, tornava-se uma espécie de palanque de questões sociais, políticas e culturais, que giravam em torno dos esportes (por ser um periódico esportivo), mas extrapolavam este universo ao direcionar a discussão para grandes campanhas e debates mais amplos. Porém, por mais que este fosse um direcionamento do jornal, de levar em conta os sentimentos nacionais e discussões mais gerais, convivia quase diariamente com a utilização das paixões clubísticas, como poderemos ver mais adiante.

De acordo com Couto:

¹¹² VARGAS NETTO. Desportista do Acre. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.432, 08/05/1947. P. 4. Coluna A Crônica de Vargas Netto. Para maiores detalhes sobre a análise do conteúdo desta crônica ver em COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 169-170. Enquanto lá a discussão girava em torno do futebol no *JS*, aqui a nossa perspectiva é entender o sentimento e as emoções presentes no discurso das crônicas esportivas.

¹¹³ *Ibidem.* P. 4.

¹¹⁴ CND era o Conselho Nacional de Desportos, criado pelo Decreto-Lei n. 3.199.41, durante o primeiro Governo Vargas (1930-1945). Era o órgão do governo federal responsável pelas decisões acerca dos esportes no Brasil. Foi extinto em 1993.

Percebemos que Vargas Netto e o próprio JS criavam, por meio das crônicas e das próprias notícias, um mundo a parte, na fronteira da realidade com a ficção, não pelo simples desejo de furtrar o fato real, mas pela necessidade de construir representações sociais e culturais que pudessem continuar alavancando o interesse pelos esportes. Mais do que uma mediação, o JS exercitava, diariamente, o seu poder de persuasão e de intervenção na sociedade carioca e brasileira.

O futebol, então, era uma matéria-prima valiosa para esta missão institucional do JS, por ser o esporte de maior interesse na sociedade brasileira, assim como ser um campo de criação de um grande imaginário social e de interpretações da realidade que possibilitavam a criação de mitos, heróis, vilões, epopeias e boas histórias esportivas e, acima de tudo, humanas.¹¹⁵

Mais do que uma ficção em si, sem conexão com a realidade a ser apresentada, a crônica procurava estabelecer uma relação de diálogo intersubjetivo e sentimental com os seus interlocutores e, para tanto, as histórias eram criadas para ser tornarem cada vez mais humanas e próximas dos leitores. Uma leitura fácil, de rápida interpretação e de apelo à afetividade que os esportes poderiam fornecer. Nesta última crônica, explorava-se um pouco mais a identidade nacional; em outras, como veremos, temos as rivalidades e identidades clubísticas. Porém, em ambos, o sentimento de pertencimento era um alvo a ser alcançado e explorado no dia a dia do jornal.

Sentimentos de pertença e de uma identidade nacional em construção são elementos chave para compreender o combustível deste gênero híbrido. Para nos ajudar a entender um pouco mais estas questões, utilizamos dois trabalhos importantes que possibilitam o diálogo com os nossos objetos de pesquisa. Elias e Scotson, ao tratarem da relação entre estabelecidos e *outsiders*, alertam de que o processo de construção de fantasias e experiências afetivas escapa de nosso campo conceitual.¹¹⁶

Desta forma e de acordo com os autores supracitados,

No estágio atual do conhecimento, chegamos ao ponto de reconhecer que as experiências afetivas e as fantasias dos indivíduos não são arbitrárias – que têm uma estrutura e dinâmica próprias. Aprendemos a perceber que essas experiências e fantasias individuais, num estágio primitivo da vida, podem influenciar profundamente a moldagem dos afetos e a conduta em etapas posteriores. Mas ainda estamos por elaborar um arcabouço teórico passível de verificação para ordenar as

¹¹⁵ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 170.

¹¹⁶ ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. P. 36-37.

observações sobre as fantasias coletivas relacionadas com o desenvolvimento dos grupos.¹¹⁷

Por mais que o objetivo do trabalho destes autores seja estabelecer uma base mínima de compreensão das relações sociais de determinados grupos, inclusive para descobrirem as origens do processo de união e exclusão dos mesmos, acreditamos que estas fantasias individuais são vivenciadas de forma coletiva, tendo, em muitas das vezes um compartilhamento nas experiências em conjunto.

Experimental, vivenciar, ler e discutir as questões trazidas pelas crônicas possibilitavam ampliar o arsenal de fantasias e representações culturais em torno da prática desportiva e da própria sociedade carioca. Para tanto, o uso e abuso dos sentimentos coletivos e individuais mesclavam emotividade e racionalidade no texto e no discurso, o que não tem necessariamente a ver com a característica híbrida entre o jornalismo e a literatura. Se achássemos isso, teríamos que pensar numa dicotomia maniqueísta entre a emotividade/literatura e a racionalidade/jornalismo. Nem uma nem outra.

Nesta última crônica de Vargas Netto, o sentimento de pertencimento é utilizado a partir da divulgação de uma experiência individual, de um dirigente esportivo na fronteira do país.¹¹⁸ A identidade do Brasil, por exemplo, é tema frutífero das crônicas esportivas e, sendo um “lugar-comum” ou não, inconclusa ou não, tornava-se fator de criação para as representações construídas de nossa sociedade.¹¹⁹ Cabe lembrar também que é um tema que perpassa a história da imprensa esportiva, sejam em períodos autoritários, sejam em regimes democráticos, ou, no nosso caso, períodos de afirmação de nacionalidade em um quadro de democracia liberal com respectivo crescimento econômico.

Finalmente, em colaboração com este nosso pensamento, e não menos importante, temos a obra de Stuart Hall que nos auxilia na compreensão não apenas da ideia de sujeito na

¹¹⁷ *Ibidem*. P. 37.

¹¹⁸ Vargas Netto, como poderemos aprofundar adiante, também tinha como característica fundamental a valorização do clube, como ícone de uma representação social significativa, modelo de esporte disciplinado e organizado. O apelo à identidade nacional nesta última crônica se coaduna com a necessidade de maximizar a importância do clube. Chamaremos este fenômeno daqui para adiante como “clubismo”.

¹¹⁹ Sobre a questão da construção das identidades nacionais no Brasil e a própria ideia destas serem fatores de “lugares-comuns”, ver o trabalho de BRESCIANI, Maria Stella. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – Fundamentos de um lugar-comum”. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, M. (Orgs.) *Memória e (re)sentimento*. Campinas: EdUnicamp, 2009. P. 399-426.

era pré, durante e a pós-modernidade, como também na construção de identidades nacionais. Hall declara que “(...) as identidades nacionais não são coisas com a quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*.”¹²⁰ A ideia de pertencimento a uma nação são lembradas e reafirmadas pelas representações sociais construídas por determinadas instituições como o Estado, a família e, acrescentamos também, a imprensa, por exemplos.

A crônica, então, deve ser compreendida como uma ferramenta discursiva que privilegia uma série de sentimentos, inclusive, como já vimos e exemplificamos, o de pertença. Hall informa que “(...) as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.”¹²¹

Esta cultura nacional, então, de acordo com Hall, pode ser contada em cinco principais elementos, dos quais destacamos, apenas o primeiro:

(...) há a **narrativa da nação**, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou **representam** as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. (...) Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte.¹²²

Os esportes, desta forma, reavivam os sentimentos nacionais que já discorriam pela sociedade, tanto na ideia de uma modernidade legitimamente brasileira como na percepção de que o Brasil, na década de 1950 ingressava de vez no rol das nações cuja meta era o desenvolvimento constante. As políticas econômicas do período mostravam a tentativa do aparelho de Estado e do próprio mercado de deixar um passado agrário e atrasado para trás e voltar a nação para o crescimento industrial e urbano. O sentimento de país que buscava o seu

¹²⁰ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. P. 48. Grifo do autor.

¹²¹ *Ibidem*. P. 50. Grifos do autor.

¹²² *Ibidem*. P. 52. Grifos do autor.

espaço entre as grandes nações do mundo era o de uma certa euforia e de esperança em uma melhor colocação no *ranking* internacional.

Para que isso ocorresse de forma mais efetiva, pelo menos do ponto de vista discursivo, o avanço brasileiro passava pelo distanciamento dos seus vizinhos, uma forma de distinção geopolítica e econômica no continente sulamericano. Nos esportes, a imprensa especializada soube captar de forma bem eficiente esta estratégia discursiva, adotando o tom emotivo e sentimental acerca de nossas pretensas diferenças identitárias e nacionais.

Para reforçarmos este debate, e corroborando com esta discussão entre identidade e sentimentos, apresentamos mais este exemplo singular de crônica publicada no *JS*, na década de 1950:

Não podemos estar culpando o Paraguai pelas inconveniências que alguns torcedores metidos a jornalistas estão escrevendo em Assunção.

É claro que tem saído muita tolice, muita incongruência, muita inverdade, muita coisa incoerente e precipitada em algumas folhas da capital paraguaia. Mas esses são os despeitados por uma derrota que não esperavam nem admitiam.

O mal dos desportistas dirigentes da República irmã, isto é, dos que conduzem os destinos da Federação Paraguaia de Foot-Ball, foi a superestimação de suas possibilidades. A seleção guarani considerou que sua força técnica muito acima do que realmente era.

Os mesmos torcedores cronistas, que agora buscam explicações, as mais estapafúrdias, para a sua retumbante derrota, lançando acusações injustas contra os brasileiros, exagerando pequenas faltas ao mesmo tempo que olvidam inteiramente as próprias, foram culpados da impressão errada em que laboravam os nossos vizinhos.

É sempre um mal pretender diminuir o adversário. Deve-se sempre considerá-lo maior, pois se o vencermos será sempre uma grande vitória. Em caso de derrota não haverá recalques. Os cronistas torcedores de Assunção elevaram a tal altura o virtuosismo de sua seleção que perderam o contacto com a terra. Quase se julgaram Deuses. Depois viram que não eram nada disso, nem parecido. Perderam lá mesmo, fazendo pressão com sua torcida, com suas pedradas e garrafadas, com seus pontapés e cusparadas... Vieram cá, achando ainda que venceriam. Levaram um baile e perderam por 4 tentos a um. Não restou a menor dúvida sobre a superioridade do foot-ball brasileiro. Mas eles precisavam de justificação para o seu erro, e de explicação para a derrota. Por isso surgiram todas essas tolices. São apenas desculpas de torcedores de “cabeça inchada”...¹²³

¹²³ VARGAS NETTO, Manoel. Inconvenientes. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 06/04/1954. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto. Vargas Netto faz alusão a dois importantes jogos da Seleção Brasileira, ambos pelas

Não só os sentimentos de pertença, mas o de indignação em relação ao mau perdedor são retratados acima, além do fato dos paraguaios serem incompetentes, não só no futebol apresentado por sua seleção, mas na construção de textos jornalísticos, por não saberem dissociar a função de torcedor (passional) com a de cronista (racional). Interessante é que a racionalidade exigida por Vargas Netto passava ao largo de seus textos como já pudemos observar e como ainda veremos mais adiante. A dissociação de cronistas e jornalistas do lado emocional e sentimental e o rigor profissional de isenção e neutralidade faz parte do discurso do lado de cá, ou seja, de quem pretensamente sofreu um desatino, uma pseudoinjúria, uma ação injustificada, de acordo com o autor do *JS*.

Um dos temas mais centrais em nosso rol de objetos discutidos nesta pesquisa foi o da relação entre o esporte e a identidade nacional/sentimento de pertencimento. Todavia, exploramos mais este tema no quarto e último capítulo deste trabalho, quando poderemos tratar da cobertura das Copas do Mundo da década de 1950. Por ora, cabe discutir o caráter emotivo e sentimental das crônicas, das quais emergem estes importantes temas nacionais como a questão da nossa identidade.

Se a questão nacional é deveras importante para nós, não podemos deixar escapar as paixões clubísticas, das quais já pudemos fazer uma leve referência até aqui. O *JS* estimulava e muito o sentimento que já transitava nas ruas e principais meios sociais: a rivalidade entre os torcedores. Apesar das brigas entre os mesmos, o jornal não era acusado por incentivar a violência, mesmo porque em casos de atos de agressão coletiva, o *JS* se empenhava em cobrir a matéria com uma séria repreensão aos envolvidos. A paixão deveria ficar restrita às provocações, às piadas, às galhofas e às brincadeiras, inclusive entre os próprios cronistas. O sentido disciplinar que o jornal impunha na defesa do esporte brasileiro não dava brechas para uma desconfiança do seu papel na sociedade.

eliminatórias da Copa de Mundo de 1954, que seria disputada na Alemanha. O primeiro foi no dia 07/03/1954 em Assunção, no Estádio do Libertad. Naquela ocasião o Brasil ganhou do Paraguai por 1 x 0, com gol de Baltazar. E o segundo jogo, em 21/03/1954, no Maracanã (Rio de Janeiro), ocorreu uma nova vitória brasileira, pelo placar de 4 x 1, com dois gols de Julinho, 1 de Baltazar e 1 de Maurinho, descontando Martínez para os paraguaios. Fonte: SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção: As Seleções Brasileiras de Futebol – 1914-2002*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002. P. 341-342.

Desta forma, os autores estavam “livres” de exercer a sua paixão nas páginas diárias do jornal e conseguir, desta forma, a adesão do leitor/torcedor. Do ponto de vista deste último, passava-se a torcer, no campo do *JS*, pelo seu autor de identificação clubística, aumentando ainda mais o processo de fidelização que a crônica exercia entre os leitores. Como empresa, também era uma excelente estratégia de vendas, mantendo e criando novos adeptos para o campo esportivo e gerando um impacto na área industrial gráfica.

Um dos autores mais identificados com esta estratégia e com esta forma de discurso identitário, e trazendo as paixões para o diálogo da crônica era José Lins do Rego, um grande torcedor e promotor do Flamengo. À guisa de compreendermos um pouco mais o seu *modus operandi* de redigir os textos, trazemos aqui um exemplo peculiar:

Não vejo porque considerar os operários do Estádio Municipal maus brasileiros, porque no último treino, deram demonstrações de torcedores, aplaudindo os jogadores do Flamengo. Lá estive e ouvi, de fato, a gritaria da multidão. Mas a culpa não cabe aos operários. A culpa cabe aos dirigentes que permitiram que entrasse em campo a camisa rubro-negra. Aí a coisa muda de figura. O torcedor que levou a vida nas arquibancadas, vendo as cores do Flamengo, a razão de seus entusiasmos, perturba-se e chega até a esquecer que aquilo não passava de um treino. E vão ao exagero das vaias e dos aplausos exorbitantes. Não devemos brincar com a paixão das massas.¹²⁴

Nesta crônica, o autor ressignifica um jogo sem muita importância, ou seja, um jogotreino entre a Seleção Brasileira e o clube do Flamengo, às vésperas da estreia na Copa do Mundo de 1950, no Estádio do Maracanã.¹²⁵ Porém, este texto privilegia o embate entre o sentimento nacional e o sentimento clubístico. Ou seja, José Lins do Rego brinca com a possibilidade de pessoas do povo, operários da área da construção civil escolherem torcer para o seu time do coração, da sua respectiva paixão, do que pela seleção nacional que iria brigar por um sonho dos brasileiros: tornar-se campeão mundial de futebol, jogando em sua própria casa.

¹²⁴ REGO, José Lins do. Não tem culpa os operários. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 24/06/1950. Coluna Esporte e Vida. Trabalharemos mais com este autor no capítulo 3 e 4 desta pesquisa, quando poderemos analisar com mais detalhes o estilo do mesmo, além de identificar os seus principais assuntos de interesse.

¹²⁵ Cabe lembrar que um dos primeiros nomes do Estádio do Maracanã, foi Estádio Municipal, devido ao investimento que a Prefeitura do Rio de Janeiro fizera na ocasião de sua construção.

Para apanhar os sentimentos que vinham das arquibancadas semiacabadas do Maracanã, o autor destila muita ironia, como de costume, e aproveita para realizar a defesa dos trabalhadores dizendo que os mesmos não eram contra o selecionado brasileiro, mas sim, apaixonados por uma força maior, um time de massas, um clube cuja “camisa” tinha uma força simbólica impressionante, capaz de ser tornar a prioridade para o seu respectivo torcedor.

Obviamente, que o cronista não escreve de um lugar qualquer, mas de uma plataforma de discurso que já o tornava conhecido pelos leitores do jornal e, como já tratamos e explicamos, também pelos comentadores do veículo. Seus textos, apesar de tratar de uma série de temas, invariavelmente possibilitavam debates interessantes na defesa do Flamengo, dos seus jogadores e, também, de sua torcida. Por vezes, debatia com outros cronistas e jornalistas acerca do que se passava no Flamengo, quase sempre em modo de defesa de sua paixão, já que era declaradamente torcedor.

Realçamos aqui mais uma vez uma importante característica das crônicas do *JS* que era o processo de autonomia pelo qual viviam os autores dos textos, ou seja, tinham muita liberdade para escrever suas respectivas representações sociais e culturais sem uma censura, mesmo porque o uso e abuso dos sentimentos e das emoções dos esportes nas páginas do jornal era uma excelente estratégia de vendas e de fidelização do leitor. Porém, mais do que pensar em um modelo de veículo de comunicação editorado e liderado exclusivamente por um “cérebro mor”, um homem fora de série, ou seja, Mário Filho, cuja participação nas estratégias de publicação e de venda do jornal era significativa, devemos pensar na qualidade da produção literária e jornalística destes autores, que viabilizavam o projeto da direção do jornal. Não reduzimos a capacidade de gerenciamento e produção discursiva de Mário Filho, apenas (se é que podemos utilizar aqui esta palavra) refutamos a ideia, hoje impregnada no mundo jornalístico esportivo, de que a imprensa se resumia a seus projetos e intenções.

Porém, apenas para esclarecer o nosso raciocínio: se os cronistas tinham autonomia para compartilhar suas paixões e sentimentos como torcedores com os seus leitores e com os próprios pares, cabe lembrar que esta não era uma norma editorial, ou seja, podemos concluir que outros autores eram mais comedidos em relação aos seus interesses clubísticos de torcedor. Todavia, expressavam as emoções e os sentimentos de outras formas, utilizando o

exagero, a criação literária, a exclamação, o apelo à imaginação do leitor e o uso constante de metáforas.

O que apontamos como uma característica forte das crônicas como gênero híbrido, é a sua capacidade de expor os sentimentos por meio de uma linguagem específica, a que mais aproxima, por vezes de um coloquialismo, mas, por certo de um tom de oralidade, como nos aponta Antonio Candido: “O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra de artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo (...).”¹²⁶ Ou seja, não podemos descolar o caráter da oralidade das crônicas de suas outras funções e intencionalidades com as quais algumas já tratamos. A capacidade (inter)subjativa, emotiva, narrativa e temporal das mesmas coaduna com o seu aspecto oral. Desta forma, como podemos “amarrar” no pensamento de Candido, a crônica permite o que de mais humano se possa produzir nos textos jornalísticos: “(...) Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo dia.”¹²⁷

Concluimos que a crônica não só possibilita conhecer as visões do homem sobre si mesmo e sobre o que o cerca, como sua linguagem atinge um número significativo de leitores por tratar, por muitas das vezes, de seus sonhos, fantasias e representações, porém, muito próximo de sua realidade, muito ao chão. Provavelmente, esta é a lição que Candido nos traz em seu texto; “ao rés do chão” não expõe uma hierarquia da crônica em relação a outros textos literários, pela sua insignificância, ou pelas suas possíveis deficiências, mas porque está próxima do homem, em sua base de idiossincrasias e no seu dia a dia.¹²⁸

A crônica é, sobretudo, reveladora das “coisas humanas”, do cotidiano da cidade e da possibilidade de suas possíveis (re)leituras. O que fazer, então, quando juntamos a capacidade de aproximação intersubjetiva da crônica com as paixões e emoções promovidas pelo esporte? Temos, de fato, um nicho de diálogo com múltiplas possibilidades de criação textual.

Apesar do *JS*, desde a sua criação em 1931, promover a divulgação de diversas práticas esportivas, é o futebol que protagonizaria as matérias e temas para as crônicas do jornal. E o futebol promoveria os usos das paixões, dos medos e de outros sentimentos nos

¹²⁶ CANDIDO, Antonio. 1992. *Op. Cit.* P. 16.

¹²⁷ *Ibidem.* P. 16.

¹²⁸ Nos referimos ao título do texto de Antonio Candido: “A vida ao rés-do-chão”. *Ibidem.* P. 13.

textos, tornando os autores dos mesmos, os interpretadores de emoções alheias e, mais do que isso, os partícipes ativos da criação, da promoção e do desenvolvimento destas sensações. Por que o futebol teria esta capacidade? De acordo com Da Matta, “(...) o futebol (como tudo o que funciona na sociedade brasileira) é um veículo para dramatizações de problemas importantes”.¹²⁹ O objetivo deste autor, porém, é compreender o futebol na sociedade brasileira, do ponto de vista mais macro, inclusive o interpretando como simbólico ao diferenciá-lo entre esporte e jogo (como em outras sociedades) e analisando o caráter da sorte no dia a dia do desporto.¹³⁰ Todavia, não concordamos por completo com a análise deste autor, pois ele dá ao futebol um poder simbólico muito mais presente na sociedade do que ele é de fato, mesmo considerando-o como um elemento chave para a cultura brasileira. Há que se levar em conta o grau relativo de autonomia do campo esportivo e o poder de refração deste enquanto campo estruturado. O que queremos dizer neste nosso trabalho é que apesar de considerarmos o futebol como integrante fundamental para compreender o Brasil, não podemos deixar de dizer que, por premissa, o mesmo deve ser visto como um esporte e aí sim, pensarmos o quanto a prática esportiva pode interferir e sofrer interferências da sociedade em questão.

Tratá-lo apenas como jogo dos deuses, campo de batalhas, duelo de xadrez e outras denominações, num esforço de reificar o esporte de forma metafórica do ponto de vista de uma análise social e histórica é, para nós, desnecessário e pouco produtor do ponto de vista historiográfico. O discurso, todavia, por parte dos cronistas é válido, já que lidamos com fonte de caráter híbrido, no limite entre o jornalismo e a literatura.

Mas, tem um elemento forte no trabalho de Da Matta que chama a nossa atenção e nos aproxima de nossa análise acerca da capacidade de uso e abuso das emoções nas crônicas esportivas: a relação entre a sorte e o azar.¹³¹ Ou seja, o imprevisível, o imponderável e o inimaginável são integrantes da estrutura de análise jornalística do esporte brasileiro. A surpresa e a possibilidade de algo novo na expectativa de uma partida de futebol, por

¹²⁹ DA MATTA, Roberto. Futebol: Ópio do Povo X Drama de Justiça Social. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, V. 1, n.º 4, Novembro/1982. P. 55.

¹³⁰ Para DA MATTA, o futebol no Brasil é muito associado à palavra “jogo”, enquanto em outros países como Estados Unidos e Inglaterra, os esportes são tratados como “*sports*”, sendo a eficiência, a capacidade e a habilidade, elementos mais importantes do que a relação sorte/azar. Ver em: DA MATTA. *Op. Cit.* P. 55-56.

¹³¹ Apesar de reconhecer que nos faltam mais subsídios acadêmicos para compreendermos a relação entre sorte e azar em outras sociedades no mundo dos esportes, assim como a diferença e aproximação entre esporte e jogo, não estamos convencidos de que em países como Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, esta última relação seja tão distante quanto o autor propõe.

exemplo, eram aspectos criativos de acompanhamento da matéria jornalística, não só nas crônicas, mas também nos demais textos do *JS*.

As crônicas, porém, por tudo o que já tratamos e pelo que ainda discutiremos neste trabalho, se apropriaria das emoções e paixões do mundo do futebol, inclusive, com o elemento duplo: sorte/azar.¹³² Várias partidas e decisões esportivas serão discutidas e debatidas pela chave do acaso e do imprevisível, tornando o palco esportivo ainda mais passível de expectativas em torno dos sentimentos dos torcedores e leitores do *JS*.

E a recepção deste jogo (de azar)? Não temos estudos relevantes sobre as torcidas no período estudado, mas como tratamos da capacidade e possibilidade das crônicas em explorar os sentimentos e afetividades nos textos esportivos, não poderíamos deixar de apontar as impressões destes autores acerca do fenômeno social que se tornariam as torcidas, organizadas ou não. Pensar nas emoções do esporte, especialmente do futebol, sem refletirmos sobre as formas de torcer, nos parece uma grande dificuldade. O que nos ajuda a analisar esta relação entre a crônica e as torcidas é o texto de Bernardo Buarque de Hollanda, que se propõe a discutir a formação das torcidas organizadas do Rio de Janeiro, a partir da década de 1950.¹³³

Neste aspecto, chama-nos a atenção a relação entre a formação das torcidas e a construção do Estádio do Maracanã, que possibilitaria ampliar as identidades clubísticas e a formação de uma nova estrutura que além de arquitetônica e esportiva, passaria a ser um palco de emoções e sentimentos, matéria-prima para a construção de histórias e textos jornalísticos, entre a realidade da cobertura esportiva e futebolística e a narração de mitos e lendas.¹³⁴ De acordo com Hollanda,

Ao lado de um estádio de dimensões superlativas – o Maracanã recebeu logo a alcunha de Gigante do Derby e depois de “o maior estádio do mundo” – uma outra entidade grandiosa parecia colocar sob alerta as autoridades e os cronistas esportivos

¹³² Para lembrarmos esta relação sorte/azar, inclusive no ponto de vista científico e médico, reveja a crônica de Manoel Vargas Netto, apresentada neste trabalho na página 49.

¹³³ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1960. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de e MELO, Victor Andrade de. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

¹³⁴ Vale a pena, também, ler o trabalho de MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. Ver também, o texto “A Copa não pode se esconder na zona Oeste: análise de uma campanha vitoriosa”, presente na obra de COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 170-184.

para potenciais desordens nos jogos transcorridos nos anos 1950 e 1960. Este ente não tinha materialidade de uma estrutura física, mas a ele se associava como um epifenômeno, como uma virtualidade, como uma espécie de vir a ser fantasmático. A torcida, ser tão abstrato quanto coletivo, representava tal personagem e adquiria proporções até certo ponto metafísicas, capazes de inquietar alguns repórteres, responsáveis por crônicas regulares nos periódicos da época.¹³⁵

Violência, alegria, tristeza, raiva e paixão seriam elementos subjetivos de uma materialidade nova, a de um estádio que já nascera sob as disputas políticas na cidade do Rio de Janeiro, tendo a imprensa como o palco da mesma. Estádio e torcida(s) fundiam-se, então, como personagens quase míticos dos cronistas esportivos. Como veremos, mais adiante, alguns cronistas acumulavam a função de repórteres de campo, ou seja, também acompanhavam o dia a dia dos clubes e também cobriam os jogos na parte mais próxima do gramado. O interesse pelo comportamento da torcida, seja pela irracionalidade da mesma, seja pela festa que promovia no Maracanã seria um tema bem explorado pelos cronistas do *JS*.

O jornalista Inezil Penna Marinho apresentava uma série de matérias sobre a torcida e, em uma delas, opinava acerca da conjunção entre atitudes individuais e comportamentos coletivos, quando da condição do torcedor:

(...) O torcedor é, em geral, um indivíduo habitualmente morigerado, que trabalha durante toda a semana, cumpre fielmente as suas obrigações, obedece à ordens de seus superiores, é incapaz de ofender uma pessoa a quem não conhece e nada lhe fez e muito menos agredi-la: afável, bem educado na acepção comum da expressão. Mas, quando na multidão, como integrante da torcida, ele sofre transformação radical.¹³⁶

Para além da interpretação do comportamento do torcedor, podemos compreender que as emoções como a ira e o ódio do indivíduo poderiam ser elementos chave para

¹³⁵ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Op. Cit.* P. 96.

¹³⁶ MARINHO, Inezil Penna. O comportamento da torcida. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1953, P. 7. *Apud* de HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Op. Cit.* P. 97. Ainda de acordo com o jornalista, o torcedor “(...) É capaz de dirigir os maiores insultos ao juiz ou aos jogadores da equipe adversária, atirar-lhes garrafas ou pedras, agredi-los se tiver oportunidades e estiver em boa situação; torna-se exaltado, perde inteiramente o controle sobre si mesmo e não lhe será impossível depredar o estádio (...), incendiá-los e até matar aqueles que se opuserem aos seus intentos ou se tiverem transformado em alvo de sua ira.” Sobre o cronista em questão, ver os trabalhos de MELO, Victor Andrade de: Inezil Penna Marinho: notas biográficas. *In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). Pesquisa histórica na educação física*. Aracruz: Editora da Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998. V.3; e também: DALBEN, André. Inezil Penna Marinho: formação de um intelectual da educação física. *In: Movimento*. Porto Alegre, n.º 17, 2011. P. 59-76.

compreender a paixão pelo futebol por meio dos cronistas esportivos e que, portanto, tratava-se de um tema que não poderia ser desprezado na publicação do jornal.

Por vezes, a insatisfação do cronista diante da capacidade agressiva e transgressora do torcedor é apontada como uma ação de repreender e educar o verdadeiro e real comportamento do aficionado por futebol. Todavia, o limite entre a paixão e a irracionalidade era explorado durante muitas edições do jornal, demonstrando que se por vezes o discurso tendia ao conservadorismo disciplinar, a matéria em si, o tema da torcida, permitia o aprofundamento de bons debates e de textos bem criativos e lúdicos.

Se lembrarmos mais uma vez de que a crônica esportiva tem em sua estrutura textual e simbólica as características de qualquer crônica, conforme nos adiantou Mosko e com o qual concordamos, podemos pensar que a efemeridade da história contada, das representações criadas e da visão parcial e imaginativa da cidade permite trazer ainda mais contextualização à nossa análise.¹³⁷

O tempo é apreendido de forma a isolar um momento da história, como se a instantaneidade do fato pudesse ser captada em uma espécie de foto, uma imagem coletada quase de repente, sem intenção(ões), por mero acaso de um viajante urbano. Esta coleta “invisível” dos sentimentos e emoções do esporte reforça o laço intersubjetivo entre o autor e o leitor, estreitando ainda mais a capacidade de confiança deste por aquele.

Mas, este não seria o papel do texto literário? Mapear e criar uma rede de afetividades expressada em uma boa história e rodeada de personagens (fictícios ou não) que nos ajudariam a compreender um determinado enredo? Por certo que sim, mas qual seria o ingrediente a mais do cronismo esportivo em relação à sua identidade literária? Ou seria um item a menos? Para darmos conta desta resposta, alguns autores trabalham com a ideia de verossimilhança ou, como nos propõe Ivan Cavalcanti Proença, a “desrealização do real”.¹³⁸ Ou seja, para este autor, o conceito clássico de literatura afastaria alguma possibilidade de aproximação da crônica como um gênero literário, pois ela teria uma responsabilidade com o real. Apesar das ressalvas de Proença sobre as mudanças interpretativas sobre o papel da literatura ao longo da História, abrindo espaços para um campo literário menos monolítico e mais “miscigenado”, discordamos desta visão unidirecional de crônica, pois impõe a ela

¹³⁷ Rever citação do referido autor e nossa discussão na página 66.

¹³⁸ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981.

limites que não conseguimos ver na riqueza dos seus textos e no diálogo com outros autores como Antonio Candido e Jorge de Sá, por exemplos.

Para Proença, a crônica esportiva estaria longe da ficção por se aproximar do real, o que vai de encontro à nossa interpretação de análise, não só em relação a este gênero, como também ao conjunto de nossas respectivas fontes, com todas as suas particularidades, ou seja, de diferentes autores e seus estilos. O hibridismo, que trabalharemos mais no próximo item, é uma característica da crônica, inclusive reforçada principalmente pelo campo esportivo, capaz de explorar o universo das paixões e sentimentos individuais e coletivos em torno do esporte.

Talvez por enfatizar autores mais recentes do jornalismo esportivo como Armando Marques e João Saldanha, apesar de também citar Nelson Rodrigues, Proença procura alinhar o caráter jornalístico, e portanto, real e verdadeiro às observações dos cronistas. Todavia, ao citar estes, se esquece de que várias características dos mesmos já eram utilizadas pelos jornais, principalmente o *JS*, desde a década de 1940, como a valorização da identidade nacional, a tendência ao texto hiperbólico e ao coloquialismo, sendo esta característica restrita aos estilos de determinados autores. Ou seja, a linguagem coloquial não era uma unanimidade entre os cronistas que estudamos neste trabalho, mas, nem por isso, mesmo quando o texto era construído mais formalmente, o apelo e apego aos usos e abusos dos sentimentos estão por ali.

Proença chega ao limite de sua análise defasada, ao apontar para duas décadas de produção rica das crônicas esportivas, a de 1940 e 1950, com a seguinte discussão: “(...) E, se pensarmos bem, não pega mal certo orgulho no futebol (no caso, ressaltadas patriotadas, alguns ufanismos, explorações do futebol para fins outros e vários); até que, de fato somos os melhores mesmo, e até por origens e fatores não muito ‘decantáveis’.”¹³⁹ Ou seja, o apelo de Nelson Rodrigues ao nacionalismo futebolístico exagerado (ou “patriotada”, segundo aquele autor) seria justificado devido a uma mudança radical da relação entre a cobertura jornalística do futebol nacional e do internacional (neste caso, dos nossos vizinhos uruguaios e argentinos).¹⁴⁰ Teríamos uma visão de valorização do futebol platino em detrimento do nosso, o que levaria Nelson Rodrigues a se apoiar em um discurso mais inflamado e exagerado.

¹³⁹ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Op. Cit.*

¹⁴⁰ Para uma análise sobre as crônicas de Nelson Rodrigues e a questão da valorização da identidade nacional, ver o trabalho de SANTOS, Natasha. *O Futebol em Nelson Rodrigues: uma Pesquisa Historiográfica acerca de*

O que o autor se esquece é que o exagero de Nelson Rodrigues, assim como de outros cronistas é um legado estilístico com várias matizes, como a experiência de reportar e escrever em páginas policiais, a estratégia de exploração de sensações e emoções de forma épica, trágica e efusiva e a criação de mitos, heróis e vilões que explicariam a identidade única de nosso futebol. Ainda segundo Proença,

(...) vale lembrar que nas décadas de 40 e 50 também havia comentaristas (“representando” grupos e faixas do pensamento popular) que se babavam diante dos argentinos e uruguaios, decorando-lhes times inteiros, não só de seleção, mas de clubes também, numa subserviência e implícita demonstração de aceitação passiva de colonialismo (até aí!), tão lamentável quanto o “civismo futebolístico” mais recente.¹⁴¹

Por fim, faltou ao autor uma análise mais comprometida com a historicidade em que estas obras foram produzidas, apresentando um panorama mais amplo das condições em que os textos em ambos os períodos foram escritos. Se a década de 1940 tornou-se o momento de consolidação do jornalismo esportivo brasileiro e do avanço das crônicas esportivas em quase todos os jornais dos grandes centros urbanos, a década seguinte ampliaria este espectro, possibilitando a convivência de novos estilos de redação com o conservadorismo relativo do período anterior. A mudança da conjuntura política e econômica obviamente tem um papel decisivo nestes novos olhares sobre a realidade urbana brasileira e sobre o próprio desenvolvimento do campo esportivo, com o processo de espetacularização dos eventos de massa, em especial numa década que se tornou um divisor de águas do esporte nacional como foi a Copa do Mundo de 1950 e seus respectivos estádios criados/reformulados.

Desta forma, procuramos analisar as crônicas do *JS* sob a luz de uma conjuntura específica, mas sem sobrepô-la ao seu conteúdo textual. Ou seja, os estudos sobre o esporte ou, mais especificamente, de como um setor da imprensa passou a cobrir o campo esportivo no limite, na fronteira entre a ficção e a realidade, não podem estar subjugados por uma interpretação histórica restrita aos usos e abusos do poder. Para esclarecer esta questão, Luiz

Literatura e Identidade Nacional. In: CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. (Orgs.). *Op. Cit.* P. 99-117. Ver ainda, em um estudo mais aprofundado, o trabalho de SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O Mundo do Futebol nas Crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. Dissertação de Mestrado em Letras – Estudos Literários.

¹⁴¹ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Op. Cit.*

Carlos Ribeiro propõe que os estudos sobre o esporte e o futebol não podem ser determinados pela grande política, muito menos que se ignore a autonomia do campo.¹⁴² De acordo com este autor, “(...) Sem dúvida esses elementos estruturais são fundamentais no estudo do futebol, mas não podem ser exclusivos ou determinantes, pois há um sério risco de soterrarmos a experiência e retermos apenas aquilo que pode ser traduzido pela razão da política ou da economia (...)”¹⁴³

Se por décadas a macroestrutura dos estudos sociais e históricos, em especial aqueles influenciados diretamente pela ideologia marxista, ignoraram as possibilidades de compreensão de uma sociedade mais próxima do olhar do pesquisador, das relações cotidianas e da exceção social, as pesquisas em torno da História Cultural (ou da Nova História Cultural) ampliaram as visões e objetos de análise, acusando uma revolução importante na busca por uma História vivida, mesmo que recontada.

Peter Burke insere esta virada da História Cultural pela preocupação dos pesquisadores em torno de redimensionar uma história das práticas, que, segundo ele, poderia trazer novos conhecimentos para a área.¹⁴⁴ Dentre estas possibilidades, a história das práticas de leitura e, nos apropriando desta teoria, das práticas de redação e narração da imprensa. E, com estas novas perspectivas, chegamos a uma história das representações, que, no nosso caso, são produzidas por estes cronistas.

Burke ainda contribui com o nosso trabalho, ao tratar de uma história das emoções, que, mesmo que não seja o objetivo central desta pesquisa, está intrinsecamente ligada à capacidade narrativa da crônica enquanto objeto e fonte discursiva.¹⁴⁵ Ou seja, podemos mapear a carga emotiva que as crônicas se propunham a narrar não só para conhecermos melhor a realidade re(contada) pelos autores mas, ao fazermos isso, pensarmos acerca da importância que uma parcela da imprensa esportiva, a que transitava na fronteira da literatura e do jornalismo, significava para a circulação das ideias e para o aumento do interesse do campo esportivo.

¹⁴² RIBEIRO, Luiz Carlos. *Op. Cit.* P. 32.

¹⁴³ *Ibidem.* P. 32.

¹⁴⁴ BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. De acordo com Burke, “(...) Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como *International Journal for the History of Sport.*” P. 78.

¹⁴⁵ Ver o item “A história cultural das emoções”. In: BURKE, Peter. *Op. Cit.* P. 141-143.

Para tanto, já avisados por Burke, acreditamos na historicidade destas paixões e emoções, captadas pelas crônicas esportivas do *JS*, tendo em vista não só a capacidade do jornal em captar as mesmas e vendê-las diariamente, em um processo industrial e cultural construído, mas também no desenvolvimento do esporte carioca e nacional, além da conjuntura ampliada de uma indústria do espetáculo de massas. Desta forma, devemos refletir: os sentimentos emanados no período pelas práticas esportivas e narradas pelos cronistas são os mesmos de outros momentos históricos? Acreditamos que não, tendo em vista que se não podemos captar os sentimentos específicos de cada indivíduo na sociedade; podemos, através das fontes, perceber quais representações poderiam ser criadas em torno do esporte e, desta forma, das paixões e emoções criadas neste campo.

Estes sentimentos poderão ser interpretados a partir da valorização da fonte narrativa, que se é negada por historiadores sociais mais radicais, tem, na história cultural, uma discussão mais ampla de análise e de construção do conhecimento histórico e social. Segundo Burke, “(...), o atual interesse histórico pela narrativa é, em parte, um interesse pelas práticas narrativas características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura ‘contam a si mesmas sobre si mesmas’.”¹⁴⁶

Desta forma, entendemos as particularidades de uma cultura ampla e urbana como a cidade do Rio de Janeiro, sem a pretensão de conhecê-la como um todo, mas com a real intenção de analisar as representações criadas por uma parcela da imprensa em torno do esporte. Concordamos com Burke novamente de que a narrativa das fontes possibilita reconhecer de que cultura estamos tratando, com as suas devidas peculiaridades, singularidades e, portanto, diversidades: “(...) Tais “narrativas culturais”, como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas.”¹⁴⁷

Enfim, as crônicas possibilitam, por meio de narrativas específicas, fronteiriças, do ponto de vista cultural e híbrido, cunhar identidades coletivas em torno de temas diversos vinculados ao esporte e que, por ser um gênero quase instantâneo, constrói uma memória coletiva. Estas vinculações a um passado recente se identificam com as lembranças dos leitores, por meio da vivência e da experiência dos mesmos, e que, agora, poderiam ser acompanhados pela narrativa no jornal. De acordo com Maurice Halbwachs,

¹⁴⁶ *Ibidem*. P. 158.

¹⁴⁷ *Ibidem*. P. 158.

(...) Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.¹⁴⁸

No caso das crônicas do *JS*, percebemos que há remissão tanto a uma memória recente, ocorrida no pós-jogo ou pós-evento, quanto a uma lembrança mais antiga, trazida a tona pelo cronista com um discurso por vezes saudosista, por vezes eufórico. No entanto, em ambos os casos, há uma vinculação proposital de acessar a memória individual do leitor por conta das histórias contadas e (re)criadas pelos cronistas, como se o mesmo pudesse conduzir e levar a memória individual dele mesmo (enquanto testemunha e vivente de um determinado passado) a interagir com a memória coletiva do conjunto de pessoas com as quais seu texto seria compartilhado.

Desta forma, menos pela reconstituição de elementos pontuais da memória e sim por chaves comuns de lembrança, ocorria uma identificação intersubjetiva entre o autor e os seus leitores, dividindo impressões e representações, criações e fatos, de acordo com a narrativa proposta. Defendemos, portanto, um olhar mais aguçado sobre os sentimentos e afetividades que são explorados nesta relação entre a memória individual e a coletiva, tanto no texto redigido como no contexto em que era apresentado.

Os estudos históricos têm avançado bastante sobre as possibilidades de compreender os sentidos e as maneiras de sentir em cada período histórico. As próprias capacidades sensoriais humanas sofreram uma grande interferência do avanço tecnológico dos meios de comunicação de massa, ao longo do século XX, em especial a partir de 1950.¹⁴⁹ Audição e visão humanas ampliaram suas possibilidades, inclusive cognitivas o que resultou em novas

¹⁴⁸ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990. P. 34.

¹⁴⁹ HAROCHE, Claudine. Les Manières de sentir ont une Histoire. In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, n.º 59, Jul./Dez. 2013. Editora da UFPR. P. 15-57.

formas de apreensão do conhecimento e da realidade por parte da população, principalmente a urbana.

O desenvolvimento de técnicas audiovisuais e gráficas permitiu com que houvesse uma escala ampliada do universo de interação e de percepção dos recursos sensoriais das pessoas, o que nos faz refletir sobre a capacidade específica de sentir da sociedade carioca por meio da leitura das crônicas e na vivência de emoções e paixões específicas por meio dos esportes. É possível, então, historicizar esta capacidade cognitiva e sensorial do leitor destas crônicas. De acordo com Haroche, é possível perceber o quanto a década de 1950 permitiu um crescimento de uma sociedade voltada para uma indústria cultural de massas, conceito amplamente explorado por Adorno e Horkheimer.¹⁵⁰ Para aquela autora,

A evolução dos modos de sentir foi acompanhada de uma evolução da personalidade contemporânea. As sociedades de consumo de fato impuseram um movimento incessante, uma atividade contínua, a precipitação intensa, o frenesi, a urgência que dificultam a capacidade de julgar e, conseqüentemente, levar a superficialidade tanto dos bens culturais como nas relações entre os indivíduos.¹⁵¹

Apesar do trabalho de Haroche levar em conta as discussões de Adorno e Horkheimer, cabe dizer que não concordamos com a visão globalizante destes últimos, quando informam que a indústria cultural voltada para as massas impossibilitaria uma ação individual de crítica ou de julgamento diante das informações ou posições ideológicas impostas pela grande mídia ou indústria de comunicações. Nos parece que tal explicação da sociedade, que leva em conta o alto grau de persuasão e de tentativas de controle por parte das classes mais altas da sociedade e do próprio Estado e do qual concordamos parcialmente, não considera a capacidade subjetiva do indivíduo ao re(interpretar) o posicionamento da imprensa, sejam nas grandes questões ditas nacionais, sejam em fatos mais próximos como o interesse pelo jogo, pela paixão clubística, pelo futebol, pelos esportes.

¹⁵⁰ De acordo com estes autores, este tipo de sociedade seria marcada por uma indústria cultural que desarticula a ação, o indivíduo e que, portanto, o submete aos interesses monopolizantes e hegemônicos sociais e de Estado, impedindo uma mobilização mais crítica de massas. Ver em BAHIA, Ricardo. *Das Luzes à Desilusão – O conceito de Indústria Cultural em Adorno e Horkheimer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

¹⁵¹ HAROCHE, Claudine. *Op. Cit.* P. 31. No original, temos: “L’évolution des manières de sentir s’est accompagnée d’une évolution de la personnalité contemporaine. Les sociétés de consommation imposent en effet un mouvement incessant, une activité continue, intense, la précipitation, la frénésie, l’urgence qui entravent la capacité de juger, et, en conséquence, entraînent la superficialité tant des biens culturels que des relations entre les individus.” Tradução nossa.

Concordamos com Haroche que a metade do século XX, e frisamos que a década de 1950 é relevante neste processo, trouxe uma nova sociedade de consumo, ou acrescentando e melhor dizendo, novas formas e estratégias de atuação desta mesma sociedade. A urgência, a rapidez, o tempo ágil e dinâmico impactaram não só na produção industrial mundial e brasileira, mas também nas relações entre os indivíduos e entre estes e as instituições sociais. No caso da imprensa, tal processo não foi diferente. Por que não concordamos, então, com a pseudo inatividade do indivíduo e a fraqueza da sua atuação?

Porque, dentre outros motivos, tal análise interpretativa não considera a capacidade do indivíduo se adaptar a uma sociedade cada vez mais rápida e dinâmica, sem perder suas identidades e memórias individuais e coletivas e, ao mesmo tempo, possibilitando criar outras, aglutinando novos interesses e posições ideológicas. É justamente nesta sociedade que cria peças, informações e conhecimentos culturais em prol das massas, visando obviamente a ampliação dos interesses capitalistas, que atinge uma gama de representações criadas por novas identidades do sujeito. Desta forma, os esportes, nesta relação entre os sujeitos e a imprensa, abriam caminho para a valorização destas interpretações de sociedade, pois levavam em conta o apelo e a aproximação com as emoções e paixões em torno dos mesmos.

Como não pensarmos em uma história que seja voltada também para estas sensações e sentimentos individuais e coletivos? Para tanto, recuperarmos uma análise mais microscópica da produção das crônicas esportivas, no limite e no trânsito entre o jornalismo e a literatura nos parece um caminho não só para conhecermos parte de como a indústria cultural de massas se estabelecia por caminhos diversos e subjetivos, como também, com isso, valorizarmos a atuação do próprio indivíduo. Ou seja, tanto o autor como o leitor, por meios destas relações intersubjetivas ampliavam o interesse pelo campo esportivo e, desta forma, no limite, crescia o desenvolvimento de uma imprensa especializada, assim como a consolidação de um gênero que já era um sucesso editorial desde a década anterior.

Inter(subjetividades), narrativas, sentimentos e representações coletivas e individuais percorriam diariamente as páginas do *JS*, possibilitando identificar não só um pouco da realidade que em viviam determinados grupos sociais como também escrutinar a vida cotidiana do cidadão do Rio de Janeiro no final da década de 1940 e nos idos de 1950. A crônica esportiva, portanto, é uma aliada importante para tal tarefa e seguindo as orientações de Pierre Ansart, assumimos o papel do historiador que se propõe a “acumular o estudo dos

indícios, dos signos, dos traços” e também de “estudar as linguagens, os modos de comunicação e transformá-los em sintomas (...)”.¹⁵² Se Ansart está mais preocupado, neste texto que acabamos de citar, com os estudos dos ressentimentos na História, nós, por outro lado, temos a mesma preocupação epistemológica, porém, nosso olhar também estará voltado para outras manifestações afetivas da imprensa, como o próprio sentimento de pertencimento, a paixão e a felicidade, e até mesmo a tristeza, por exemplos.

1.3 O HIBRIDISMO ENTRE LITERATURA E JORNALISMO E OS USOS DA HISTÓRIA

Chegamos até aqui discutindo algumas das características importantes de nosso objeto de análise, as crônicas e, em especial, as esportivas. Cabiam, portanto, algumas questões para que pudéssemos aprofundar o nosso estudo. Por que consideramos as crônicas como um instrumento revelador de um determinado tipo de discurso sobre e na sociedade? Quais sentimentos podemos captar neste universo midiático que possibilita o conhecimento, mesmo que parcial, sobre a nossa História? Há alguma relação direta entre as características literárias da crônica com a sua vertente esportiva, ou seja, existe uma “cola” entre crônicas e esportes, que enriquecem a consolidação do campo esportivo e, por sua vez, o próprio universo jornalístico?¹⁵³

Desde já, podemos informar que a escolha das crônicas como um elemento integrador de diferentes discursos, presentes em vários outros veículos comunicativos, como as outras partes do jornal e o rádio, por exemplo, se justifica pelo lugar da possibilidade da análise sobre o processo de criação autoral, do limite entre ficção/realidade, mundo literário/jornalístico, dentre outros diálogos possíveis sem, no entanto, perdermos de vista o caráter multifocal destas relações.

¹⁵² ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, M. (Orgs.) *Op. Cit.* P. 29.

¹⁵³ Apenas para lembrar que estamos utilizando o conceito de campo esportivo de Pierre Bourdieu. Ver a nota 75.

Desta forma, este item possibilitará compreender um pouco mais a essência da crônica, sua relação entre autor e realidade, sua inclusão em um mundo literário e, no caso específico desta pesquisa, também na esfera jornalística.

Para tanto, vamos discutir um pouco mais sobre a crônica, a partir de uma conceituação mais ampla, sob a luz de alguns estudos literários como, por exemplo, o de Antonio Candido.¹⁵⁴ Posteriormente, podemos relacionar a crônica e o campo esportivo por meio da discussão sobre esta forma específica da expressão jornalística e comunicativa.

Portanto, acreditamos que seja possível avançar no debate sobre o papel da imprensa esportiva em nossa sociedade, inclusive, que vem sendo recuperado por vários pesquisadores. Porém, poucos historiadores têm se detido sobre a análise destes discursos e, principalmente, destas representações que são criadas em torno dos esportes e, por consequência, da própria sociedade.¹⁵⁵

Desta forma, nosso objetivo aqui é, sobretudo, traçar alguns elementos característicos deste gênero literário e narrativo que possam nos alertar sobre a necessidade de reflexão posterior acerca de nossas fontes. Porém, nossa defesa é de que a crônica é mais do que um gênero literário, mas sim uma forma híbrida de discurso, transitando entre a literatura e o jornalismo.

Para darmos continuidade à análise sobre a crônica, como já antecipamos, vamos utilizar principalmente as orientações teóricas de Antonio Candido.¹⁵⁶ Este autor dialoga com as possibilidades que este gênero propõe em duas grandes obras, que se tornaram clássicas para os estudos literários (*A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil e Literatura e Sociedade – estudos de teoria e história literária*). Apesar da obra e das discussões em torno deste autor terem sofrido algumas críticas ao longo das últimas décadas, ainda acreditamos que Candido seja uma das principais referências acerca do estudo das crônicas, principalmente porque não pretendemos aqui propor um estudo amplo e aprofundado em literatura.

¹⁵⁴ CANDIDO, Antonio. 1992 e 2000. *Op. Cit.*

¹⁵⁵ Cabe sempre lembrar que a historiografia clássica sobre imprensa não dedica muito espaço de análise para o campo dos esportes, como a obra de SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit.* Este fenômeno, inclusive, é compartilhado por autores especialistas e mais contemporâneos como BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.*

¹⁵⁶ CANDIDO, Antonio. 1992 e 2000. *Op. Cit.*

Este autor, apesar da importância deste gênero, alerta que por muitas vezes, a crônica era considerada uma forma menor de interpretação literária. Aqui, cabe uma tripla reflexão: “menor” significa dizer não só no seu tamanho espacial, mas em termos de conteúdo/tema e, até mesmo, de importância literária também. Como o tamanho é a dimensão mais óbvia para a análise preliminar das crônicas, cabe apenas pensar que a mensagem é dita de forma rápida e direta, sem ocupar muitas linhas no veículo em que é publicada.

Candido aponta um caráter microscópico da sociedade e da própria realidade e, para tanto, utiliza ferramentas discursivas que transitam entre a verdade e a ficção, entre o lirismo e o fato vivido. Porém, como pensar em uma verdade não lírica? Ou uma ficção que não dialogue com a realidade, com a vivência ou com a experimentação? Como veremos, não temos como fazer estas dissociações impróprias que só traziam uma imagem desfocada de nossos objetos e principalmente da realidade que queremos historicizar.

Outras possibilidades de interpretação da obra deste autor é a ideia de recuperar/criar uma história minúscula, quase individual, mas que possa servir de parâmetro para uma visão mais ampliada de sociedade, refletindo uma conjuntura histórica mais dinâmica e dialética e, se possível, compreender as redes estabelecidas por ela. Além disso, os efeitos e os diálogos inter(subjetivos) com os leitores das crônicas estabelecem novas relações simbólicas e culturais, tornando as interpretações dos textos e dos temas tratados como formas diversas e dialéticas de compreender a sua História. Desta forma, é possível fazer uma análise social e histórica a partir destas fontes e compreender um pouco mais a sociedade em questão?

Apesar de concordarmos com esta ideia de ampliação dos efeitos de sentido que uma crônica pode alcançar em seu leitor/enunciário, por vezes encontramos uma interpretação deste objeto de pesquisa da qual discordamos parcialmente como, por exemplo, o trabalho de Paulo Eduardo de Freitas.¹⁵⁷

Freitas, ao discorrer sobre a importância de se estudar a crônica como um gênero específico dos estudos literários, informa que “Na primeira acepção, a crônica assume o papel de registrar os fatos reais. Sendo assim, a crônica pode ser considerada uma forma preliminar da historiografia moderna.”¹⁵⁸ Ou seja, o fato da crônica ter surgido como um elemento de se pensar o cotidiano das ações em determinadas sociedades, é interpretado pelo autor como uma forma de se construir a própria disciplina histórica. Entendemos que, para o referido autor, o

¹⁵⁷ FREITAS, Paulo Eduardo. *Faces de um Eu Enunciador*. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2004. Dissertação de Mestrado em Letras.

¹⁵⁸ FREITAS, Paulo Eduardo. *Op. Cit.*

valor da crônica além de ser dado como fonte é também visto como uma produção de uma memória impressa e aceitamos que tal análise seja muito mais valorizada no campo da Literatura do que na História. Em nossa visão, mais do que um erro clássico de interpretação metodológica, Freitas nos propõe o estudo da crônica como possibilidade de compreensão do real de forma direta, mesmo que construído de maneira quase lúdica. Trazendo esta tensão analítica para o campo da História, olhamos para a crônica ou qualquer outro documento como uma fonte específica e não como transcrição exata do real. O trabalho de pesquisa com estes documentos, obviamente, necessita de cuidados metodológicos como considerar a crônica, por exemplo, um dos discursos possíveis em determinada conjuntura histórica, principalmente por ser um instrumento de descoberta das (inter)subjetividades presentes em sociedades específicas.

Na tentativa de discutirmos estas interrelações entre História e Literatura nos apropriamos da obra de dois importantes historiadores, Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira.¹⁵⁹ Como uma pesquisa que se propõe a analisar as fontes como testemunho da História, nossa visão aproxima-se dos autores supracitados à medida que os mesmos propõem um olhar mais objetivo para o estudo das obras literárias. Todavia, em hipótese alguma, desconsideramos as (inter)subjetividades e os sentimentos, autorais e coletivos, presentes nas mesmas. Portanto, consideramos a discussão trazida por estes autores deveras interessante aos nos apontar um momento de inflexão, talvez até de ruptura para se pensar uma pesquisa cujo objeto beira o mundo da História e da Literatura:

A crença na “transcendência” ou autonomia da literatura, ou da obra de arte em geral – ou seja, a ideia de que para tais obras vale, em última análise, o postulado da inexplicabilidade, pois resultariam da atividade de “criadores singulares”, atemporais, cujas obras seriam validadas por critérios estéticos absolutos-, é tomada aqui como um problema histórico a ser explorado e analisado.¹⁶⁰

Concordamos mais uma vez com os autores por conta da necessidade de operarmos nossos objetos de análise em uma dimensão temporal, até para que possamos historicizá-los sob a luz de uma determinada conjuntura, estabelecendo, com isso, padrões de interpretação histórica e social. Porém, se tratamos logo acima de inflexão e ruptura, preferimos para o nosso próprio trabalho, a palavra diálogo. Cabe, então, uma brevíssima explicação: se também

¹⁵⁹ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

¹⁶⁰ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Op. Cit.* P. 7.

pensamos a crônica como fonte e devemos, então, contextualizá-la com a sociedade que nos propomos a conhecer, por outro lado, desconsiderar as (inter)subjetividades específicas do autor ou mesmo de uma suposta tendência artística interfere no produto final. Neste caso, nos ajuda muito a pensar, objetivando uma análise mais ampla da fonte mas, sobretudo, que dialogue no campo da intertextualidade e unicidade da mesma, uma análise que seja mais voltada para o discurso e não somente do conteúdo.¹⁶¹

Desta forma, as crônicas possuem uma natureza específica no campo da literatura por apresentar mais do que o conteúdo do texto, mas sim também de representações sociais e culturais construídas sob um olhar específico de um autor. Some-se também que estas obras estavam contidas em um veículo, o *JS*, que elevava ainda mais o caráter ficcional do jornalismo esportivo.¹⁶²

Com isto, podemos vislumbrar as crônicas como fonte literária e histórica sem perder de vista a visão ou o discurso subjetivo das mesmas. Nos parece, entretanto, que Chalhoub e Pereira fazem questão de “pesar a mão” na primeira assertiva, contrariando as interpretações mais vinculadas ao campo da Literatura, como a de Freitas. Todavia, levam em conta, de forma mais branda, porém coerente, o aspecto subjetivo de uma obra de arte, conforme podemos observar logo abaixo:

(...) a questão central não é o caráter manifestamente ficcional ou não de determinado testemunho histórico, mas a necessidade de destrinchar sempre a especificidade de cada testemunho. Assim, por exemplo, ao historiador resta descobrir e detalhar com igual afincamento tanto as condições de produção de uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal, quanto as de um conto, crônica ou outra peça literária. Cabe o mesmo interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este representa a si mesmo a relação entre aquilo que diz e o real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo, investigar as interpretações ou leituras suscitadas pela intervenção (isto é, a obra) do autor; enfim, é preciso buscar a lógica social do texto.¹⁶³

A lógica social do texto, de acordo com estes autores, é algo a ser percebido pelos historiadores, independente do tipo de fonte com a qual estamos lidando. Sobre as fontes literárias, devemos interrogar quais características e especificidades se sobressaem neste

¹⁶¹ Neste ponto faz diferença acenar para o conceito de análise do discurso. Neste sentido, algumas obras são fundamentais para as escolhas metodológicas de nossa pesquisa. Nesta linha podemos citar, dentre outras: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996 e MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989.

¹⁶² COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.*

¹⁶³ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Op. Cit.* P. 8.

gênero. Dentre estas, podemos acrescentar também que a interpretação autoral destas obras não pode ser desprezada. Se para Chalhoub e Pereira “Autores e obras literárias são acontecimentos datados, historicamente condicionados, (e) valem pelo que expressam aos contemporâneos”, o que obviamente concordamos, não devemos omitir a dimensão artística e até mesmo estética de uma determinada obra e seus respectivos autores.¹⁶⁴ Enfim, o entendimento mais amplo deste discurso narrativo permite muito mais aproximações na construção de uma pesquisa científica e acadêmica, do que possíveis afastamentos.

Nesta discussão, o texto de Márcia Naxara possibilita lembrarmos das origens discursivas tanto da História, quanto da Literatura:

Se consideramos literatura e história como tendo produzido interpretações fundadoras e fundantes sobre o Brasil, verificamos que a história bebeu nos recursos da narrativa literária, aproximando-se ora do rigor de verdade científica, ora do ensaio, com bases fortemente científicas; e que a literatura alimentou-se da história para a composição do romance, em especial o histórico, assim como a poesia, principalmente quando de caráter épico. Os dois campos tendo como foco de preocupação a compreensão dos homens na sua relação com a natureza e entre si, suas formas de expressão culturais, suas instituições, organização e visões de mundo, com acento maior ou menor no recorte nacional. Desse amálgama resultaram as diferentes e simultaneamente aproximadas interpretações do Brasil, num movimento e oscilar constantes entre seduções e armadilhas, tanto da razão como da sensibilidade, razão pela qual resulta uma autocompreensão e auto-imagem, pelo colocar-se no mundo de forma objetiva e apresentada como racional; sensibilidade pela imaginação, valores e vertentes de significação simbólica, presos ao domínio dos sentidos, sentimentos e sensações. Domínios estes construídos, também, pela ambição de compreender – razão e sensibilidade – racionalmente.¹⁶⁵

Apesar de a autora estar preocupada com os discursos do século XIX e mais especificamente sobre outro gênero literário, o romance, cabe aqui uma reflexão acerca das aproximações históricas na construção da narrativa literária e historiográfica, processos diferenciados, mas que coadunam e partilham campos muito semelhantes. As interpretações de um Brasil transitavam por uma tentativa de compreensão das sensibilidades e

¹⁶⁴ *Ibidem*. P. 9.

¹⁶⁵ NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e Texto Literário: Alguns Apontamentos. In: *História: Questões e Debates*. n.º 44. Curitiba, Editora UFPR, 2006. P. 39. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/issue/view/564>>. Em outro artigo, podemos compreender a argumentação da autora em relação às aproximações entre História e Literatura de duas principais formas: “(...) um, em que o literário é tomado como substrato de inquirição pelo historiador, tendo em vista a reconstituição do que é identificado pelo nome de História, como algo que o antecede em existência; outro, em que é tomado como substrato para o escrutínio de percepções, representações, figurações, por meio das quais se buscam os movimentos de instituição de imaginários e da própria temporalidade enquanto tal.” (P. 15). Ver em: CAMIOTTI, Virgínia e NAXARA, Márcia Regina Capelari. História e Literatura: Fontes Literárias na Produção Historiográfica Recente no Brasil. In: *História: Questões e Debates*. n.º 50. Curitiba, Editora UFPR, 2009. P. 15-49.

racionalidades impostas por uma sociedade que produzia diversas “formas de expressão cultural” em devido tempo.

Para tanto, tornamos a nos apoiar em Candido, pois nos situa de acordo com a necessidade de tornar a crônica uma obra de seu tempo, produto das representações sociais criadas por homens que atuavam entre a literatura e a imprensa:

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século passado chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos. Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem. De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.¹⁶⁶

Desta forma, propomos situar a crônica a partir desta visão dialética entre texto e contexto, entre meio interno e externo, conceitos arduamente trabalhados pelo autor citado acima. Esta relação estabelece uma forma de enxergar a crônica como produto de sua contemporaneidade sem lançar mão da análise subjetiva do autor e do seu respectivo estilo literário.

Outro autor que nos possibilita compreender, inclusive do ponto de vista metodológico, que há mais aproximações entre a História e a Literatura é Antonio Celso Ferreira. Em seu artigo, tratando de estudos de prosas como fontes históricas, podemos entender que os textos literários são riquíssimos para os historiadores: “Passou-se a enfatizar não tanto o conteúdo das obras, mas o modo *como* a literatura se realiza, ou seja, as formas de

¹⁶⁶ CANDIDO, Antonio. *Op. Cit.* P. 13-14.

linguagem utilizadas para a criação artística.”¹⁶⁷ Se esta iniciativa surgiu nos estudos linguísticos a partir da segunda metade do século XX, o campo historiográfico não passou despercebido. Historiadores passaram a valorizar a chamada literariedade que, de acordo com Ferreira, seria o termo “(...) segundo o qual a literatura se distingue de outras expressões escritas pela utilização de signos verbais *polivantes*, isto é, por *metáforas* (...)”¹⁶⁸

Da polêmica acerca da análise estética da obra literária, Ferreira propõe ignorá-la enquanto formação de um juízo por parte do historiador, mas complementa que tal fato pode compor as nossas opções de pesquisa: “(...) o estabelecimento dos juízos estéticos não cabe numa pesquisa histórica. É facultado ao historiador, isso sim, procurar compreender como tais avaliações são constituídas no interior das sociedades, de que maneira se formam e disseminam os gostos, como repercutem no coletivo e permanecem ou não historicamente.”¹⁶⁹

Voltando a nossa atenção para a análise da crônica, pois percebemos também que a mesma, de acordo com Freitas, sugere que neste gênero a narrativa é permeada pela união de dois tipos de texto: o ensaio e o folhetim:

Na crônica brasileira, pode-se cogitar que ocorre uma espécie de fusão de dois tipos de textos: o ensaio, do qual retoma um certo desprezo pelo rigor acadêmico, levando a um tratamento mais informal dos assuntos abordados, e o folhetim de onde absorve a dimensão ficcional dos eventos e temas descritos por esta forma literária. Essa mescla ratifica a identidade da crônica brasileira, como espaço heterogêneo.¹⁷⁰

A identidade da crônica, então, para nós, assume aqui mais uma característica muito importante para a nossa análise: a heterogeneidade. Não só em diversidade de temas e discussões da realidade pensada, mas também na pluralidade de diálogos com o leitor. O rigor acadêmico, mas do que ser desprezado, é desconstruído por uma conversa mais leve, objetiva e direta porque a crônica tem um tempo que não o é dos tratados ou mesmo dos discursos científicos e eruditos. Estes podem continuar existindo, de alguma forma intertextual no mundo das crônicas, mas são reescritos por um meio de comunicação que pretende alcançar um público cada vez maior de leitores, em se tratando de uma sociedade de massas. Cabe refletir também que estes autores que se afastam de um discurso mais polido e acadêmico do

¹⁶⁷ FERREIRA, Antonio Celso. *Op. Cit.* P. 66. Grifo do autor.

¹⁶⁸ *Ibidem.* P. 66. Grifo do autor.

¹⁶⁹ *Ibidem.* P. 71.

¹⁷⁰ FREITAS, Paulo Eduardo. *Op. Cit.* E também: FREITAS, Paulo Eduardo. A Crônica: sua trajetória, suas marcas. P. 1. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/205/284>>. Acesso em: 17 de junho de 2012.

mundo das letras, são justamente os que de alguma forma representam este universo. Ou seja, selecionamos para esta pesquisa os cronistas do *JS*, que eram representantes do mundo da literatura, da política (inclusive da esportiva) e do jornalismo e, portanto, acostumados com o universo dos textos formais, “sérios” e, por vezes, carregados de muita objetividade.

Desta forma, não podemos pensar este gênero híbrido sem disassociá-lo com o veículo que o carrega e que o compõe: a imprensa. A crônica tende a ser ampliada para um universo do qual o livro, por exemplo, não o alcança por completo.¹⁷¹ Por outro lado, o jornal possui em seu conteúdo, outras formas de comunicação diferentes da crônica, como: a manchete, a notícia, a carta do leitor, as imagens.¹⁷² Assim como o próprio jornal ou revista torna-se heterogêneo, a crônica por sua vez também percorre este mesmo caminho. Todavia, o caráter folhetinesco da crônica, ou ficcional (termo que preferimos por ser conceitualmente mais apropriado), revela uma informação bem significativa: o cronista, em muitas ocasiões, vinha de uma formação erudita. O espaço do jornal/revista que era destinado para a crônica era ocupado por pessoas já consagradas no meio literário ou em franco caminho para tanto.

Característica ensaísta e erudição literária são combinações que, a princípio, parecem contraditórias, mas que encontram na crônica uma força narrativa interessante e peculiar. Uma união que se consolidara nas páginas de periódicos de algumas principais cidades brasileiras desde o século XIX e das quais poderíamos citar nomes como Machado de Assis e José de Alencar, como exemplos.¹⁷³

Apesar disto, cabe refletir que apesar da presença de vários literatos nos jornais escrevendo crônicas, esta não é uma condição *sine qua non*. O cronista não se torna erudito ou um literato respeitável, apenas pelo fato de ser um escritor. Por outro lado, vários destes homens escreviam crônicas com dois principais objetivos: a popularização e reconhecimento como autor e, também, uma forma mais ágil de adquirir recursos financeiros. No início deste item, apresentamos a crônica como um elemento menor em termos de importância literária, de

¹⁷¹ Capraro informa que as origens dos cronistas é bem eclética do ponto de vista dos movimentos, gêneros e veículos literários e comunicativos: “(...) do romantismo ao modernismo, da prosa à poesia parnasiana, do realismo ao simbolismo, do teatro ao rádio, enfim, escritores expoentes de todas as escolas literárias contemporâneas se dedicaram à escrita do gênero crônica”. Ver em CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de (Orgs.). *Op. Cit.* P. 13.

¹⁷² No capítulo seguinte, trabalharemos as demais partes do jornal, até para fazermos um exercício de comparação entre o espaço reservado para as crônicas e o que era publicado no restante do *JS*.

¹⁷³ Nesta linha, cabe citar mais uma vez o importante trabalho organizado por Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *A História Contada*, que propõe a estudar a relação entre História e Literatura. Ver especialmente o estudo sobre as crônicas de Machado de Assis chamado “A Língua engenhosa: o narrador de Machado de Assis, entre a invenção de histórias e a citação da História”, assinado por Lúcia Granja. P. 67-94.

acordo, é claro, com os padrões academicistas da institucionalização da literatura enquanto obra de arte. Apesar de discordarmos desta visão em relação à diminuição da crônica em relação às demais obras literárias, é sabido que alguns cronistas/literatos ganharam destaque nos jornais da época, ou seja, a partir da segunda metade do século XIX até os dias mais atuais. Tal fato ocorria muito mais por conta do contato quase diário com seus leitores do que, muitas das vezes, pelo reconhecimento acadêmico.

Esta questão está mais associada com a escolha dos temas a serem discutidos pelos cronistas e que são geralmente simplificados por estes autores, conforme Candido nos informa:

(...) a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do zigzague de uma aparente conversa fiada. Mas igualmente sérias são as descrições alegres da vida, o relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o mero registro daquele inesperado que surge de repente...¹⁷⁴

Espontaneidade e lirismo também são duas características definidoras deste gênero híbrido. O tom de uma “conversa fiada”, “papo de bar” ou “papo furado” podem ser algumas expressões que nos auxiliam a imaginar um lugar específico da crônica no mundo das palavras. A oralidade também pode ser considerada como um integrante definidor deste tipo de narrativa, sendo invariavelmente utilizada como uma linguagem mais coloquial, voltada para o discurso oral, mas aplicado na escrita.

A escolha por situações simples do cotidiano, merecedoras da atenção do cronista, pode ser interpretada simultaneamente como uma capacidade ímpar do escritor de perceber no simples, possibilidades subjetivas e autorais de exercitar suas capacidades literárias, assim como aplicar a sensibilidade presente na relação entre a observação e a criação. Temos, então, uma dupla orientação para a análise da crônica: as fontes do autor estão bem próximas de todos nós. A realidade se funde com a ficção. Os personagens e lugares citados e principalmente as histórias suscitadas por eles estão, muitas das vezes, próximos do mundo real e poderiam ser observados por qualquer um de nós, mas que muitas das vezes passam despercebidos ou são considerados óbvios demais para uma análise mais crítica, social ou macro.

É preciso, agora, tentar entender como a crônica esportiva utilizou várias destas características e acrescentando também alguns elementos específicos do campo esportivo.

¹⁷⁴ CANDIDO, Antonio. 1992. *Op. Cit.* P. 20.

Capraro e Freitas Jr. nos adiantam que um elemento pode ser uma das chaves para a compreensão da crônica que é o seu caráter momentâneo e inacabado e, incluiríamos, a sua instantaneidade: “Ao contrário do romance que apresenta um desfecho após o clímax, ou do conto que não tem um sentido contínuo, a crônica se auto-ajusta, pois, do presente (aquela que foi publicada hoje) se expõem os pré-requisitos para as próximas que virão.”¹⁷⁵

Desta forma, se a característica pode ser generalista, a esportiva alcança um grau acima, tendo em vista que o futebol, ou mesmo outras discussões em torno do esporte, como grandes campanhas em torno da construção de uma praça de esportes, por exemplo, possibilitam o acompanhamento diário, uma expectativa cotidiana do que viria logo a seguir nas páginas do jornal.

Todavia, antes de iniciarmos a discussão em torno da crônica esportiva, e valendo-se do que já fora tratado neste item sobre as questões mais gerais sobre a crônica, faz-se necessária uma breve explicação acerca dos motivos que nos levaram a discutir um tipo de documento que dialogasse com o campo do jornalismo, da literatura e dos esportes. Por que, inclusive, consideramos esta fonte como relevante na abertura de uma nova visão de uma História social, e que possa se comprometer com a análise dialogada entre o micro e o macro de uma realidade específica?

Durante muitos anos e até os dias de hoje, os estudos sobre esportes foram alvos de certo preconceito acadêmico por ser um tema menos importante do que aqueles proporcionados pela política e economia. Felizmente, estudos mais recentes, a partir do final do século XX têm apontado para a necessidade de conhecermos um pouco mais a realidade social em que homens e mulheres viveram, por meio de uma série de questionamentos que o estudo clássico de uma História mais macro não poderia, em essência, responder.¹⁷⁶

Portanto, podemos considerar que os estudos sobre o esporte podem e devem ser pensados pelos vieses políticos, econômicos e culturais, aproximando nossas lentes de pesquisa para um mundo cujas representações precisam ser descortinadas. Hoje, felizmente,

¹⁷⁵ CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de (Orgs.). *Op. Cit.* P. 13.

¹⁷⁶ Dentre as referências mais utilizadas ao longo de nosso trabalho acadêmico podemos destacar os trabalhos de microhistória de LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000 e REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escalas. A Experiência da Microanálise*. FGV. Na linha de ampliar as perspectivas de análise na história dos esportes podemos citar, dentre outros, os trabalhos de BOOTH, Douglas. *The Field: Truth and Fiction in Sport History*. New York: Routledge, 2005 e MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001. E pensando num novo olhar sobre a história da imprensa esportiva, destacamos a pesquisa de HILL, Jeffrey. *Anedotal Evidence: Sport, the Newspaper Press, and History*. In: PHILLIPS, Murray (Org.). *Deconstructing Sport History*. New York: State University of New York Press, 2006.

os estudos sobre esporte se consolidaram e não há, em nossa opinião, como pensar a sociedade sem discutir o interesse do sujeito pelas práticas esportivas ou mesmo pelas possibilidades que a imprensa esportiva têm de re(criar) novos discursos e representações culturais e sociais.

Desta forma, a nova história cultural, a história das mentalidades e a micro-história possibilitaram uma revolução no fazer História na medida em que discutem a ampliação dos domínios desta disciplina, além de propor um arsenal metodológico mais apurado e específico para cada fonte que o historiador venha a utilizar em seus trabalhos.

O estudo da história dos esportes também se insere nesta perspectiva de percorrer uma análise social e histórica das relações e redes mais amplas da sociedade, além de possibilitar a problematização de fontes pouco exploradas, como as crônicas esportivas, por exemplo.

Portanto, a nossa pesquisa visa utilizar a narrativa destas obras como fonte de análise de um importante discurso que procurava re(criar) representações sociais baseadas no campo esportivo, principalmente no mundo do futebol.¹⁷⁷ A leitura da sociedade por meio dos esportes não pode ser realizada fora da conjuntura histórica mais ampla. Obviamente a parte, também é importante refletir sobre como estes discursos são compreendidos a luz de seu tempo, de sua forma narrativa e de suas análises autorais e subjetivas.

Ao tentarmos entender a relação entre as letras e os esportes, percebemos que desde o século XIX, as práticas corporais, de lazer e esportivas tinham seus espaços nas páginas de livros e periódicos. No início do século XX e com a consolidação das práticas esportivas nos grandes centros urbanos do Brasil, principalmente por conta da criação/organização/disciplinarização das associações ligadas ao esporte, os jornais passaram a dar mais espaço e tempo para a publicação das histórias e notícias ligadas a tais práticas competitivas.¹⁷⁸

¹⁷⁷ O conceito de representação social do qual mais nos aproximamos é o de Serge Moscovici, oriundo da área de psicanálise, e está principalmente relacionada com o estudo das simbologias sociais a nível tanto de macro como de micro análise, ou seja, o estudo das trocas simbólicas infinitamente desenvolvidas em nossos ambientes sociais; de nossas relações interpessoais, e de como isto influencia na construção do conhecimento compartilhado e da cultura. Ver mais em: MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

¹⁷⁸ MELO, Victor Andrade de. *História da Educação Física e do Esporte no Brasil: Panorama e Perspectivas*. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1999. Especialmente o capítulo que trata da relação entre esportes e imprensa.

A partir da afirmação de uma civilidade moderna e de uma busca pela identidade nacional por meio do futebol, as crônicas se tornaram um elemento muito importante nesta construção narrativa que ganhava força em sua vertente esportiva.¹⁷⁹ Ou seja, ao tentar cunhar um padrão narrativo para além da descrição dos jogos e das informações mais gerais sobre o jogo, as crônicas construía um universo literário para além da descrição, deslocando o eixo das questões tratadas sobre o esporte na criação de personagens e situações que beiravam dois universos: o ficcional e o real.

Por que, então, tratamos a crônica esportiva neste trabalho de forma diferenciada? Ou melhor, o que torna este tipo de crônica tão diferente das demais? Para além de tudo o que tratamos até aqui, ou seja, o que assemelha o texto esportivo das demais crônicas (a relação inter(subjetiva) entre autor/leitor, a possibilidade de exploração dos sentimentos e emoções e a capacidade híbrida de informar/comunicar), podemos lidar com os esportes, ou seja, um tema que atravessa perspectivas de compreensão de uma dada realidade pelos vieses políticos, econômicos, sociais e culturais, sem que necessariamente deixe o seu lugar na área do entretenimento e do lazer, nichos em que geralmente são mais facilmente identificados.

As crônicas esportivas, então, a partir de determinado período da história da imprensa brasileira, no caso, a década de 1940, ganharam mais espaços e tornaram-se aliadas, nos jornais, das análises mais técnicas e objetivas, juntamente com as imagens.¹⁸⁰ Obviamente, devemos deixar a ingenuidade de lado e afirmar que esta característica inventiva e ficcional estava presente em todo o periódico. No entanto, a crônica era o espaço apropriado para tanto, pois contava com autores que já transitavam no meio literário, além de alguns pertencerem ao meio político e organizativo do esporte.

Já na década de 1950, com o avanço de políticas públicas e privadas para modernizar a indústria brasileira, sob a égide de um capitalismo tardio, o campo jornalístico ganhou novas cores e nuances provenientes da necessidade de ampliação de seu mercado consumidor.¹⁸¹ A

¹⁷⁹ Todavia, concordamos com Ribeiro em relação aos perigos teórico-metodológicos em se pensar o estudo das crônicas apenas do ponto de vista de se buscar um discurso em torno de questões macro como a identidade nacional: “Agindo desse modo, corre-se o risco de se perder a riqueza e a autonomia da criação literária”. Ver em: RIBEIRO, Luiz Carlos. A crônica esportiva como fonte para o estudo histórico. In: CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. (Orgs.). *Op. Cit.* P. 30.

¹⁸⁰ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* Informamos que esta periodização é do autor em questão, a partir de um trabalho comparativo com alguns jornais de grande circulação em períodos anteriores à década de 1940.

¹⁸¹ BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* Ver também: RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Op. Cit.*

própria formação do profissional de imprensa se tornou uma preocupação e uma tendência a partir da criação de cursos universitários voltados para dar conta desta plena consolidação do campo.¹⁸²

No entanto, de acordo com Marialva Barbosa, procurava-se cada vez mais ampliar a atuação dos profissionais da comunicação impressa pelo distanciamento da narrativa literária.¹⁸³ A modernidade presente no *slogan* do governo Juscelino Kubitschek (JK), por exemplo, “50 anos em 5”, casava com o discurso, criado pelo próprio campo jornalístico, de uma imprensa mais objetiva e neutra. Para esta autora: “Nada melhor também para conseguir audiência do que divulgar ao extremo que produzem um discurso que apenas espelha o mundo. E conseguir audiência é sempre conseguir poder”.¹⁸⁴ Mesmo que saibamos que ainda hoje cria-se uma ilusão de que a imprensa é o lugar da objetividade e da neutralidade, percebemos, a partir da década de 1950, um esforço de estabelecer a imprensa como portadora de um discurso (in)formativo e afastado do mundo das emoções e sentimentos.

Neste vácuo de aceitação dos textos mais subjetivos, a crônica esportiva é entendida, dentre outros lugares da imprensa, como o local privilegiado para o exercício da experimentação narrativa e simbólica da sociedade moderna. Modernidade não só pelas técnicas literárias em ebulição desde o início do século XX¹⁸⁵, mas também pelo próprio conteúdo de que tratava: os esportes.

Mais do que um paradoxo, portanto, percebemos a crônica esportiva como elemento de uma dualidade, ao entendemos que ela transitava entre uma exigência de um jornalismo mais técnico e objetivo, mas com uma larga tendência à aproximação com o ficcional. Enquanto o discurso jornalístico da grande imprensa, de forma geral, visava o afastamento, a imprensa esportiva ganhava força com o papel de aproximação da narrativa simbólica e criativa das crônicas. Ser moderno, nas crônicas, era criar cada vez mais personagens fictícios e identificados com a própria sociedade, aproximando os universos da ficção e da realidade.

Todavia, o poder em ambas as interpretações de jornalismo se fazia presente seja na forma de angariar mais e mais audiência do que era publicado, mas também de avançar na

¹⁸² BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* e SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. Cit.*

¹⁸³ BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* Especialmente Capítulo VI. P. 149-173.

¹⁸⁴ *Ibidem.* P. 153.

¹⁸⁵ SUSSEKIND, Flora. *O Cinematógrafo das Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

interpretação de um mundo e de uma sociedade em particular: tratava-se da visão da imprensa. Em ambos os casos, no momento histórico em que o Brasil corria contra a “desvantagem do atraso”, ser moderno era, para cada um dos lados da imprensa, ter o poder da linguagem, seja mais fria, objetiva e neutra, de acordo com a interpretação mítica da chamada grande imprensa, seja de forma mais emotiva, ficcional e interpretativa, como a crônica esportiva costumava revelar.

Se ousarmos aperfeiçoar o entendimento deste hibridismo entre o texto literário e o jornalístico, podemos encontrar algumas explicações interessantes. Para Proença Filho, o texto literário se insere em um universo de linguagem que, por sua vez, está incluído em uma dada cultura compreendida e reproduzida por um determinado povo.¹⁸⁶ Já o discurso não literário (e incluímos aí o jornalístico), para este autor, tem um compromisso maior com a reprodução, com a informação e não exatamente com a criação. De acordo com esta interpretação sobre as diferenças entre os tipos de texto temos uma questão em torno da significação. Enquanto que o literário se caracteriza pela multissignificação, o texto não literário poderia e deveria ter uma visão monosignificativa.¹⁸⁷

Segundo Proença Filho (2001), a liberdade na criação é uma característica do discurso literário. Ele lembra que mesmo nos momentos em que era necessário obedecer às normas reguladoras, a literatura abriu novos caminhos renovadores. Com isso, o autor afirma que não há gramática normativa para o texto literário e que seu único espaço de criação é o da liberdade. Já no texto não-literário é necessário obedecer às normas que regulamentam a escrita. Do contrário, pode-se correr o risco de o leitor não entender o que está sendo dito. A ênfase no significante mostra que o texto literário está apoiado ao significado e também ao significante, mas principalmente a este último.¹⁸⁸

A visão de Proença Filho nos ajuda a pensar um pouco mais nesta diferença quase monolítica entre o texto literário e o jornalístico. Quase. Pois tanto um quanto outro podem ser dissecados sob o ponto de vista da análise do discurso, ou seja, as possibilidades de balancearmos texto e contexto, de discutirmos a relação enunciador/enunciatário e, principalmente, de entendermos as intenções e subjetividades dos referidos autores. A

¹⁸⁶ PROENÇA FILHO, Domício. *A Linguagem Literária*. São Paulo: Ática, 2001.

¹⁸⁷ *Ibidem*.

¹⁸⁸ FRANÇA, Viviane Amaral. *Jornalismo e Literatura: Uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould*. Monografia de Conclusão de Curso em Jornalismo. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, 2008. Orientado por Juarez Dias. P. 18. Ler com atenção o item 2.3, que trata da “Linguagem literária”. P. 17-20.

liberdade colocada em xeque pelo autor supracitado como grande divisor de águas (ou pelo menos, um deles), nos indaga sobre a questão estética inserida na criação artística. Apenas artística, podemos dizer, já que o jornalismo mesmo em momentos de vertente de informação “neutra” era carregado de muita criatividade e liberdade narrativas.

Apesar disto, também não pretendemos construir a ideia de um jornalismo puramente criativo, estético e imaginativo. Se a palavra liberdade não nos convence de ser um fator diferencial entre os dois tipos de textos analisados, poderíamos inserir com um pouco mais de cautela os usos da noção de verdade. Esta palavra seria uma forma de compararmos os textos literários e jornalísticos? Literatura está fora do contexto de uma busca por uma verdade? E o jornalismo poderia se tornar o porta voz desta ideia? Bem, estas são questões bem difíceis de serem respondidas, porém, se a literatura não tem compromisso direto com a ideia de uma verdade absoluta, pois trata-se de uma manifestação artística, nela podemos conhecer um pouco mais das intenções subjetivas do autor, assim como as representações culturais presentes na sociedade e na realidade em que foram construídas e sedimentadas. Por um lado inverso, considerar o jornalismo, não importa de qual área, a manifestação do que é de fato a realidade, é uma ingenuidade absurda, não permitida em trabalhos acadêmicos sérios.

Mais um elemento nos chama a atenção para o trabalho de análise proposto por Proença Filho na defesa de uma legitimidade do texto literário: a atuação do ambiente na composição dos personagens e da própria história narrada.¹⁸⁹ Aqui cabe mais um questionamento: o ambiente também não influi na construção do texto jornalístico? Por certo que sim, apesar de compreender que o autor quis explorar mais o ambiente da trama fictícia do que do local onde o texto é produzido. Mas, nos faz pensar também o quanto nosso objeto de estudo, com sua capacidade híbrida de composição, pode estar inserido tanto na utilização da exploração do ambiente inventado, ficcional, criativo (elemento da imaginação ou recriação do autor) quanto do ambiente externo à obra, nascedouro influente das relações individuais e coletivas pelas quais são vivenciadas pelo autor e seus pares.

Enquanto a crônica possui uma temporalidade efêmera, quase instantânea e imediata, o tempo do texto literário, de acordo com Proença Filho, tende a possuir um início, meio e fim, apesar do autor ressaltar que “o texto pode não se fechar, deixando-o em aberto à imaginação do leitor ou ouvinte a solução para as tensões ou os conflitos nele

¹⁸⁹ De acordo com França, Proença Filho propõe que o ambiente dê forma aos traços dos personagens e da própria história. Ver em: FRANÇA, Viviane Amaral. *Op. Cit.* P. 19.

apresentados.”¹⁹⁰ Apesar desta lembrança, a temporalidade da crônica, neste caso, se aproxima mais da instantaneidade do texto jornalístico, sem perder de vista as possibilidades subjetivas de reinventar um tempo, conforme tratamos em páginas anteriores deste trabalho.

O conceito mais puro da temporalidade da literatura, de acordo com Marisa Lajolo, que diz respeito à linguagem literária, a condiciona na possibilidade de instauração de “(...) um universo, um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, ao predizível e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana.”¹⁹¹ Se concordamos que as crônicas têm uma alta carga literária por conta das suas vertentes inter(subjetivas), não concordamos que as mesmas possam necessariamente fugir do imediatismo, de um tempo mais acelerado, seja pela necessidade industrial e moderna de produção textual de um veículo de comunicação, seja pela urgência das escolhas temáticas do autor.

Como vemos, as crônicas têm aproximações ora com as funções específicas do texto literário, ora com o texto jornalístico, o que nos remete à nossa defesa da capacidade híbrida deste discurso. De acordo com Ferreira Júnior e Rocha,

Sim, o texto jornalístico pode usar elementos próprios da literatura para dar àquele discurso uma nova plástica, nova roupagem e, se nos permitem a metáfora, despir a informação do terno e gravata enrijecido, formal do jornalismo editorial e das matérias jornalísticas diárias e vesti-la com roupas de banho, trazendo informalidade, pessoalidade e sensibilidade, tão próprias a formatos como o comentário e a crônica. Não se trata apenas de usar elementos próprios da literatura, mas de permitir uma hibridização de fronteiras, uma mestiçagem que plasma novas negociações de sentido e oferece ao leitor algo além de um texto marcado pelo rigor do mito da verdade e que o respeita em sua capacidade receptiva e intelectual.¹⁹²

Os autores supracitados se propõem a analisar as aproximações do jornalismo com o texto literário, incluindo o primeiro no universo das letras formais e impessoais, não dando espaço para as emoções, sensibilidades e subjetividades do discurso. Como já dissemos, não concordamos com esta visão tão monolítica em ambos os campos de atuação, seja na interpretação dos teóricos da literatura como os da comunicação social. Todavia, a ideia de

¹⁹⁰ *Ibidem*. P. 19-20.

¹⁹¹ LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982. *Apud* de: MARQUES, Fabrício. *Literatura e jornalismo: convergências, divergências*. In: *Temas: ensaios de comunicação*. v. 1, n.º 1, P. 15-17, 2002.

¹⁹² FERREIRA JÚNIOR, José e ROCHA, Larissa Leda F. *Jornalismo e literatura: hibridismos culturais no comentário*. In: *Revista Contracampo*. n.º 18. Niterói: UFF, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/336/140>>. Acesso em: 17/02/2015. P. 98.

uma “hibridização de fronteiras”, uma “mestiçagem”, coloca em xeque a noção de um jornalismo sinônimo de verdade absoluta, mesmo que de antemão esta noção possa parecer uma utopia.

Uma fronteira entre os campos permite, por vezes, a não identificação de uma vertente pura, mas sim misturada, miscigenada, com características de ambos os lados e, por conta disso, a possibilidade da formação de uma nova identidade, híbrida por si só. Mais do que a apropriação de elementos literários na construção do discurso da crônica, temos a composição de um texto único, forjado no limite da historicidade e das re(significações) de ambas as áreas do conhecimento e, por que não, de atuação profissional. Talvez, a defesa dos discursos puros da literatura e do jornalismo não permita reconhecer no hibridismo cultural das crônicas, uma possibilidade de criação de algo novo e, por vezes, desta forma, estas serem “apequenadas” diante de outras narrativas.¹⁹³

Outra questão significativa para a nossa reflexão, da qual pudemos discutir parcialmente no item anterior, é a ideia de que o mundo jornalístico não deve ser o porta-voz do trato com as emoções, paixões, sensibilidades, afetos e sentimentos. Estes seriam ingredientes para o discurso literário e, portanto, mais lúdico e sensível. Obviamente, não concordamos com esta separação formal e mesmo em uma narrativa mais rígida e impessoal, as subjetividades presentes no texto podem ser analisadas na relação entre o texto e o contexto.

Além da formação híbrida, no limiar entre a literatura e o jornalismo, as crônicas esportivas vão encontrar nas emoções das práticas desportivas e do ato de torcer, um campo de atuação que, no caso do *JS*, já era experimentado em outros laboratórios como as páginas policiais, por exemplo.¹⁹⁴ Ou seja, a experiência de alguns jornalistas em outros assuntos

¹⁹³ Sobre as possibilidades de considerarmos a formação de algo novo, cabe a citação do *New Journalism*, de origem norte-americana, a partir de 1960 com nomes relevantes como Truman Capote, Gay Talese, Norman Mailer e Tom Wolfe e periódicos como a revista *The New Yorker*. Com esta tendência, permitia-se uma forma de narrar no mundo jornalístico com mais liberdade autoral e imaginativa. Todavia, em nossa opinião, tal narrativa foi bem aceita no universo da comunicação, a partir dos seus respectivos autores, ou sejam, a escritores e jornalistas mais consagrados do que seus pares menos conhecidos e, portanto, menos reconhecidos. Para um aprofundamento maior ver: RESENDE, F. *Textuações: ficção e fato no Novo Jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002. Uma leitura mais ágil mas também bem interessante é o texto de RITTER, Eduardo. *New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura*. In: *Rizoma*. V. 1 n.º 1. Santa Cruz do Sul: UNISC. Julho, 2013. P. 56-70. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/3459/2763>>. Acesso em: 17/02/2015.

¹⁹⁴ Nos referimos aqui à experiência de determinados jornalistas e repórteres na cobertura policial da cidade do Rio de Janeiro, em especial à família Rodrigues, nas páginas do jornal *A Manhã* e *Crítica*. Muitos destes, posteriormente, transferiram-se para as manchetes e matérias esportivas. Para tanto, ver a obra de COUTO,

urbanos, como a violência e as emoções humanas oriundas de tragédias pessoais e familiares, levaria a uma nova forma de noticiar os esportes, enfatizando as paixões, a exclamação, a ansiedade.

O hibridismo da crônica, como já adiantamos, também se reflete na ausência da necessidade de se estabelecer uma objetividade no discurso, tendo em vista que as disposições e intenções autorais, características clássicas da literatura, se manifestam com mais liberdade, conforme nos apontam Ferreira Júnior e Rocha:

Apagar as marcas do sujeito, como faz o jornalismo ao narrar sempre na terceira pessoa garantindo a impessoalidade do discurso, produz uma fala esvaziada, que oculta o processo social de criação da notícia e cria um efeito de objetividade, uma ilusão de autonomia. Efeito falso, este. O relato jornalístico é ficcional ao, por exemplo, causar a impressão de que o evento está acontecendo no momento da leitura, valorizando-se o instante (...).¹⁹⁵

Apesar de o relato ser uma função tanto na literatura como no jornalismo, este último possibilita uma noção falsa de tempo, de instantaneidade da leitura, do momento que fora captado pelo sujeito, pelo autor. A crônica, mais do que o texto literário clássico, terá a característica de “brincar” com esta temporalidade, mesclando os usos de abusos subjetivos da relação entre o fato e a ficção, uma realidade re(inventada) e re(criada) a partir dos interesses do autor.

Nesta comparação temporal entre o texto literário e o narrativo, trazemos para a discussão uma importante análise de Vicchiatti:

O jornalismo está sempre em um presente, narrando o que é passado, porém um passado muito próximo, atual. Faz uma reconstrução desse passado, mas sem jamais conseguir recuperar o real em sua totalidade. Enquanto a literatura pode transfigurar a pessoa real em personagem fictícia, utilizando-se do real possível, o jornalismo busca o real/verdade para compor a narrativa, mas enfrenta a influência de conhecimentos anteriores, de conceitos pré-concebidos, de histórias de vida, de experiências que antecederam o fato. (...) A verossimilhança pode ocupar o lugar da verdade como matéria-prima do texto jornalístico.¹⁹⁶

A ideia de verossimilhança é aceita por diversos autores da área da comunicação social, apesar de não ser exatamente um consenso. Enquanto isso, o texto literário teria mais

André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* e CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁹⁵ FERREIRA JÚNIOR, José e ROCHA, Larissa Leda F. *Op. Cit.* P. 99.

¹⁹⁶ VICCHIATTI, C. A. *Jornalismo: Comunicação, Literatura e Compromisso Social*. São Paulo: Paulus, 2005. P. 92. Grifo do autor. *Apud* de FERREIRA JÚNIOR, José e ROCHA, Larissa Leda F. *Op. Cit.* P. 100.

autonomia e liberdade para criar tanto a realidade como um tempo próprio. A crônica, na fronteira da criação, torna estes dois mundos mais próximos, ao colocar os fatos e as pessoas em um discurso mais humano, informal e impessoal. Se existe um passado a ser narrado, o mesmo pertence a uma discussão mais presente, enquanto o próprio presente é levado a um passado recriado, específico para a compreensão do leitor. Passado e presente nas crônicas são fundidos e perdem suas identidades temporais pois, na verdade, são ferramentas e instrumentos da narrativa. O compartilhamento de uma história, de um fato, de personagens e das representações culturais criadas pelo autor são mais relevantes neste processo de intersubjetivação do texto. A crônica aproxima, desta forma, o mundo da informação com a re(significação) da realidade, tornando-a mais próxima dos leitores, mais humana, permeada pela subjetividades, emoções e hibridismos culturais.

Se a crônica pode informar, comunicar e ser compartilhada, de formas múltiplas, a sua peculiaridade narrativa mescla o narrado entre o real e a criação. De acordo com Fonseca e Vieira, a partir de uma base teórica de Bakhtin, e sobre o produto final do texto jornalístico, temos que:

Mesmo que com o objetivo comum de informar, a forma como isto é feito se esbarra na escolha da maneira de como fazê-lo e tem impacto direto na rotina do jornalista, assim como na do leitor que recebe a informação. Tomando a comunicação como essência da linguagem, numa ótica bakhtiniana, a forma como o acontecimento é narrado atribui a ele o status de notícia ou de ficção.¹⁹⁷

As autoras citadas acima dão uma ênfase muito forte e clara para a subjetividade autoral, assim como as relações intersubjetivas entre autor e leitor, o que impacta no texto final. Só não concordamos com a palavra “ou”. Esta conjunção coordenativa, neste caso, remete a uma única opção, excluindo a outra parte. As crônicas transitam entre ambas as esferas e, portanto, cabe-nos corrigir tal assertiva, informando que o fato, a história e os personagens, de acordo com a maneira narrada, pode se tornar uma notícia e uma ficção.

Em resumo, ao pretendermos estudar a crônica (esportiva) devemos levar em conta não só as suas respectivas características, mas também as suas devidas possibilidades. À guisa de conclusão, podemos destacar, dentre outras, a ligação direta com a vida cotidiana; a

¹⁹⁷ FONSECA, Bárbara Ribeiro e VIEIRA, Soraya Maria Ferreira. Construção da memória urbana: uma comparação entre as narrativas jornalística e literária. In: *9º Encontro Nacional de História da Mídia*. Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/construcao-da-memoria-urbana-uma-comparacaoentre-as-narrativas-jornalistica-e-literaria>>. Acesso em: 18/02/2015.

narrativa informal e intimista; o uso da oralidade na escrita e a linguagem coloquial; a sensibilidade no contato com a realidade; a capacidade de síntese; a observação microscópica; o exercício da criatividade a partir de um fato específico; grandes doses de lirismo (por vezes de poesia, por muitas, de licença poética); relação entre ensaio e o folhetim; leveza, clareza e objetividade; relação entre “texto sério” e “conversa fiada”; frequência do humor na escrita, dentre outras características.

Além de todas estas informações, a crônica esportiva desloca o mundo das paixões e dos sentimentos para o campo da racionalidade jornalística. Tal dado, porém, se justifica no âmbito de um mundo de rápida transformação e de ampla discussão sobre a sociedade moderna.

De acordo com as proposições de Monica Velloso, o papel do historiador refina a interpretação da realidade como “processo sócio histórico marcado pela coexistência tensa de diferentes mundos e códigos simbólicos”.¹⁹⁸ Nesta chave de interpretação da História e do fazer História, concebemos a crônica esportiva como uma possibilidade de entendimento de uma realidade calcada não em uma verdade absoluta, mas sim de verdades aproximadas.¹⁹⁹ Se a crônica e o sujeito criador desta não tinha a intenção de traduzir um fato real assim como se deu, de forma descritiva; o nosso papel, sob a luz de um arsenal teórico-metodológico também é de produzir uma narrativa que possa captar parte de um passado que deixou vestígios para exame e análise. Ao pesquisarmos, então, sobre os limites e fronteiras entre a realidade e a ficção, nos deparamos com o nosso próprio discurso, que esbarra entre uma operacionalização científica e acadêmica com o ato de recriar uma dada realidade.

Enfim, chegamos até aqui tentando dialogar as múltiplas características do gênero literário em questão – a crônica – com a sua vertente que lida com o campo esportivo. Mais do que chegarmos a algumas conclusões definitivas, apresentamos algumas possibilidades de análise deste tipo de discurso, ao pensarmos algumas de suas características principais. Outras, no entanto, deverão ser levantadas pois são necessárias para aprofundarmos ainda mais nossa jornada nesta relação entre história, literatura e jornalismo.

Crônicas esportivas e jornal fundiam-se nesta associação que visava ampliar as possibilidades de visão sobre o esporte e, de fato, sobre a própria sociedade carioca. Nossa

¹⁹⁸ VELLOSO, Monica Pimenta. História, literatura e memória: uma discussão sobre universos fronteiriços. In: *Mouseion*. n.º 11, jan./abril, 2012. P. 19. Disponível em: <www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/.../274>.

¹⁹⁹ *Ibidem*. P. 20.

missão, todavia, é de tentar levantar nas intersubjetividades e intertextualidades destes discursos, um novo olhar de análise sobre estas fontes. Que ora contemple a natureza literária e jornalística do mesmo, mas que não menospreze a qualidade ímpar de toda a crônica: o olhar micro, mas que visa enxergar o todo.

Para tanto, precisamos conhecer um pouco mais o *habitat* destas crônicas, compreender tanto internamente no jornal, como comparando a sua produção em outros periódicos desta conjuntura histórica, qual era o espaço destinado a este gênero específico para dentro e para fora do *JS*, além de conhecer um pouco da história deste veículo de comunicação. É o que faremos no próximo capítulo.

2 O JORNAL DOS SPORTS E A “CASA” DAS CRÔNICAS

Depois de explorarmos o universo amplo e, por vezes, sofisticado das crônicas, em especial das esportivas, devemos então conhecer de forma mais direta o nosso principal objeto de pesquisa. Porém, poderemos antes entender um pouco mais do veículo em que as crônicas eram publicadas, ou seja, o próprio *JS*.

Conheceremos o periódico em questão, tratando um pouco de sua história, desde a sua fundação até os seus principais momentos e as décadas iniciais de sua existência, percebendo os seus principais interesses acerca dos esportes e, melhor dizendo, até mesmo o que este periódico representava em suas páginas como o que seriam as práticas esportivas organizadas. Para tanto, dividiremos nossa análise em dois momentos distintos: o inicial, da sua fundação em 1931 até 1936, período sobre administração de Argemiro Bulcão, e daí até o ano de 1950, quando seria gerenciado por Mário Rodrigues Filho.

A ideia inovadora de criar um diário esportivo torna o *JS* um veículo peculiar inclusive nas escolhas de seus principais temas, na dicotomia de tentar ser um periódico poliesportivo mas, ao mesmo tempo, se rendendo ao sucesso editorial que o futebol causava no público leitor e comentador. Apesar da febre em torno do futebol e dos seus principais personagens - jogadores, treinadores, torcidas e estádios – o *JS* conseguia oportunizar e publicizar notícias, discussões e debates sobre outros esportes como o boxe, o basquetebol, o atletismo, dentre outros.

Se é muito importante conhecer a história do jornal no qual eram publicadas as crônicas que estamos analisando, também cabe analisar a conjuntura da imprensa de um ponto de vista mais amplo, com a presença das emissoras de rádio e televisão, e do aparato tecnológico que avançava sobre as redações dos principais jornais das grandes cidades como o Rio de Janeiro. Tal perspectiva se dá com o objetivo de termos uma reflexão mais ampla e horizontal, assim como profunda, sobre o jornalismo e o cronismo esportivo da conjuntura histórica da década de 1950, mesmo sabendo da dificuldade de compararmos um periódico esportivo com seus “irmãos” da grande imprensa, mais gerais. Após esta breve análise conjuntural externa, não poderíamos deixar de destacar a necessidade de entendermos de forma mais vertical o próprio jornal na década de 1950, conhecendo e dissecando de forma

mais analítica as partes que compunham o *JS*. O objetivo é procurar saber em que condições editoriais os textos eram publicados, quais espaços eram os vizinhos e “concorrentes” das crônicas esportivas, assim como saber se as matérias principais acompanhavam o debate disponível nas mesmas.

2.1 O *JORNAL DOS SPORTS*: DA FUNDAÇÃO AO APOGEU DAS CRÔNICAS

Nossa escolha pelo *JS* como periódico de pesquisa se deu por uma série de razões, dentre elas a experiência de análise sobre o mesmo em trabalho anterior.²⁰⁰ Naquela ocasião, todavia, escolhemos um período histórico diferente da atual pesquisa, ou seja, as décadas de 1930 e 1940. Portanto, nossa intenção na ocasião era mapear a importância deste periódico para a consolidação de uma imprensa esportiva na cidade do Rio de Janeiro e, inclusive, no cenário nacional. Porém, para compreendermos como as crônicas esportivas do jornal se tornaram as partes mais importantes do mesmo, temos que pensar como o próprio periódico colaborou neste processo de formação de uma cultura esportiva e literária entre os aficionados por esporte e pela leitura dos jornais cariocas.

Desta forma, voltamos ao ano de 1931 quando da fundação do *JS*, ocorrida em uma conjuntura em que não existiam muitos periódicos esportivos pela cidade e muito menos um único que fosse um diário especializado. Então, o jornal inaugurava uma nova forma de comunicação entre as práticas esportivas e a camada de pessoas da sociedade que cada vez mais ansiava por informações e histórias sobre esporte, saúde e atividades físicas, sem falar da publicação das chamadas de cinema e teatro, o que era frequente desde o início da sua jornada.²⁰¹

A fundação do jornal no início da década de 1930 coadunava com o processo de profissionalização do futebol, que já caminhava desde a década de 1920 e atingia um ápice acalorado no debate entre os principais clubes do Rio de Janeiro e de outras cidades

²⁰⁰ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.*

²⁰¹ Percebemos que a imprensa esportiva era vista também como um nicho da cultura do lazer e do entretenimento, mesmo em um momento onde ainda se engatinhava o processo de massificação dos espetáculos, incluindo o futebol. Desta forma, nada mais coerente que o espaço para o cinema, o teatro e a música fosse compartilhado com as páginas esportivas.

brasileiras.²⁰² Desta forma, o futebol e os esportes de forma geral ampliavam seus limites de organização de suas estruturas e, conseqüentemente, dos interesses do grande público da cidade do Rio de Janeiro. Mesmo que a prática esportiva não fizesse parte do cotidiano de boa parte da população carioca, a mesma era vivida e resignificada de outras formas, como pela leitura e comentários de tudo que fosse publicado pelos periódicos especializados (jornais e revistas), pelo debate em ambientes públicos e de convivência social como praças, bares, cafés, bancas de jornal, barbearias e etc.

Portanto, o ambiente era o mais propício possível para a criação do JS tendo em vista a ampliação dos interesses pelo esporte e pelo crescimento do parque gráfico na cidade do Rio de Janeiro, além da ampliação da economia industrial no período, o que atingia diretamente os grandes centros urbanos brasileiros. No plano nacional, o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) inaugurava uma nova fase na política e economia do país, com projetos desenvolvimentistas de Estado, tendo como premissa a centralização do poder político. O motor da economia brasileira ainda girava em torno da produção cafeeira, atingida de forma intensa pela crise mundial de 1929. Todavia, a intenção do Estado, a partir da Revolução de 1930, era centralizar as decisões políticas e econômicas e, também, implementar uma política trabalhista que pudesse impedir movimentos sociais reivindicatórios, tendo em vista o crescimento de greves e paralisações da produção industrial ao longo da década de 1920.

No campo educacional, as políticas do governo Vargas procuravam promover uma ideologia autoritária e centralizadora, partindo do centro para a periferia do país.²⁰³ Educação e saúde estariam envolvidas em uma mesma pasta ministerial, e seriam temas que se entrelaçariam nas práticas esportivas, sejam nas atividades promovidas no ambiente educacional, seja no aperfeiçoamento na formação do profissional de Educação Física ou, ainda, e o que nos chama muito a atenção, na organização disciplinada do campo esportivo. Ordem e disciplina eram palavras chave, por meio da influência direta do Estado nas instituições reguladoras dos esportes, inclusive com a criação posterior de algumas delas.

²⁰² Para um estudo sobre este processo de profissionalização do futebol, na cidade do Rio de Janeiro, ver o trabalho de MORAES, Hugo da Silva. *Jogadas Insólitas: o Amadorismo e o Processo de Profissionalização do Futebol Carioca (1922-1924)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014. Ver ainda o trabalho clássico de PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma História Social do Futebol do Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

²⁰³ Cabe informar que a própria criação do Ministério da Educação e Saúde, logo em novembro de 1930, demonstrava as intenções do Estado getulista em entender que a formação educacional da população brasileira, de modo universal e mais amplo, poderia fortalecer as bases de um novo Estado, liderado por outras categorias sociais como as classes médias urbanas.

De acordo com Boris Fausto,

(...) o Estado tratou de organizar a educação de cima para baixo, mas sem envolver uma grande mobilização da sociedade; sem promover também uma formação escolar totalitária que abrangesse todos os aspectos do universo cultural. Mesmo no curso da ditadura do Estado Novo (1937-1945), a educação esteve impregnada de uma mistura de valores hierárquicos, de conservadorismo nascido da influência católica, sem tomar a forma de uma doutrinação fascista.²⁰⁴

Para o autor supracitado, fica clara a intenção do Estado em não caminhar pela influência direta de ideologias fascistas, que já mostravam força em alguns países da Europa. Porém, também estava longe de promover o acesso à política educacional de forma democrática e aberta. De qualquer forma, ressaltamos que a educação neste governo fora planejada para ser um veículo universal de formação do povo brasileiro, tendo os aspectos mais amplos da cultura nacional incorporados aos poucos, e sendo valorizados como integrantes da ideologia do Estado.

Os esportes, então, tornavam-se um caminho para o fortalecimento desta política ideológica do Estado, tendo em vista sua capacidade de aglutinar elementos nacionalistas com as sensibilidades e interesses emotivos da população, sem falar nas possibilidades de lazer e entretenimento. Desta forma, uma imprensa que pudesse alinhar a ideologia do Estado getulista com a possibilidade de criar uma cobertura diária dos esportes poderia ser um investimento de longo prazo. E, realmente, foi. O jornalista Argemiro Bulcão, que já administrara outros jornais em períodos anteriores, fundava, então, um jornal especializado em esportes e este, de forma vanguardista, tornava-se o primeiro diário neste tema na cidade do Rio de Janeiro e um dos primeiros do Brasil.²⁰⁵

A criação do jornal fora possível devido a uma parceria de Bulcão com Oséas Mota, dono de oficinas e encarregado pela impressão de jornais da cidade do Rio de Janeiro, como tinha sido com o *Rio Sportivo*, primeira experiência na área daquele jornalista. A efemeridade das publicações esportivas nas primeiras décadas do século XX não impediu que no dia 13 de

²⁰⁴ FAUSTO, Boris. *Op. Cit.* P. 337.

²⁰⁵ Argemiro Bulcão tinha sido proprietário do jornal *Rio Sportivo*, porém este não era um diário, mas chegava às bancas em apenas duas vezes por semana. Infelizmente, até o presente momento, não há notícias de exemplares deste periódico para pesquisa e consulta, inclusive na Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional.

março de 1931, com um ativo financeiro de seis contos de réis, o *JS* pudesse iniciar uma jornada no ramo da comunicação.²⁰⁶

Cabe lembrar, também, que a década de 1930 inaugurava uma nova forma de fazer imprensa, com a aquisição de novos equipamentos tecnológicos gráficos e que possibilitaram aumentar e qualificar tanto a produção dos jornais dos principais centros urbanos, como o Rio de Janeiro, como ampliar a necessidade por mais mão de obra especializada para tanto. Além disso, de acordo com Flora Sussekind, as técnicas literárias se modificaram no contato com o cinema, a fotografia, os cartazes, ou seja, os recursos audiovisuais ou simplesmente visuais, explorando nas letras a capacidade de aumentar a captação dos sentimentos e das sensibilidades.²⁰⁷

Apesar da resistência de alguns autores/literatos na aquisição e qualificação tecnológica na produção literária e jornalística, a onda de modernidade nesta área avançou e possibilitou ampliar a discussão em torno de temas que já eram apresentados na imprensa e que ganhavam novas “roupagens” na década de 1930: era o caso dos esportes.²⁰⁸ Se no período anterior, a prática desportiva, os clubes e os jogos eram retratados de uma maneira bem formal, com uma linguagem rebuscada e com notas curtas, objetivas e descritivas sobre os esportes, o *JS* inauguraria uma nova relação neste ofício, explorando a narrativa mais dinâmica, ágil e moderna, propondo uma aproximação cada vez maior com os aficionados por seus clubes e esportes preferidos.

De qualquer forma, podemos afirmar que a imprensa esportiva só pôde se desenvolver nesta nova conjuntura nacional, a partir de uma experiência das poucas décadas anteriores do século XX, e até mesmo no final do século XIX, de retratar a prática desportiva e o interesse desta pela população. Ou seja, a partir de 1930, temos um processo de consolidação deste tipo de imprensa, que acompanhava três principais fatores importantes: a

²⁰⁶ Esclarecemos que nas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro, assim como em outras importantes cidades brasileiras, existia uma grande quantidade de títulos de jornais, sejam da grande imprensa, de classes trabalhadoras ou entidades partidárias específicas e até mesmo esportivas. Porém, diante das vicissitudes da indústria comunicativa e gráfica do período e de uma economia nacional em frequente desequilíbrio e instabilidade, várias destas empresas/jornais faliam e apenas as primeiras edições conseguiam ser publicadas. Outro fator importante era a dependência das empresas em relação ao Estado no processo de controle dos valores do papel importado para a fabricação dos jornais.

²⁰⁷ SUSSEKIND, Flora. *O Cinematógrafo das Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²⁰⁸ Como exemplos destes autores, de acordo com Sussekind, podemos citar: Olavo Bilac, Rodrigo Rangel e Lima Barreto.

conjuntura política e econômica da década que se inaugurava, a modernização da prática literária e jornalística (não só do ponto de vista tecnológico, mas também da forma de escrever, influenciada por um campo cultural mais amplo, como nos aponta Sussekind)²⁰⁹ e, finalmente, pelo crescimento do interesse em torno dos esportes, em especial o futebol. Poderíamos destacar também a preocupação pelas práticas de atividade física que garantiriam uma saúde melhor para a população de forma geral, incentivado, inclusive, pelo Estado com a criação de novas políticas públicas e grandes campanhas voltadas para esta área.

É justamente neste contexto histórico que surge o *JS* com o objetivo de se tornar o primeiro diário esportivo, não só no Rio de Janeiro, mas no Brasil.²¹⁰ Ao ocupar um nicho da área jornalística que poderia ser explorado em momento propício para tanto, o jornal nascia com uma boa expectativa de sucesso, o que não ocorrera antes com outras tentativas, inclusive do seu proprietário, Argemiro Bulcão. Desde os primeiros números, a proposta do jornal era buscar dar conta de uma série de modalidades esportivas, apesar de maior parte da atenção das matérias e colunas estar voltada para o futebol. Todavia, uma característica, na cobertura jornalística do *JS*, ilumina a nossa análise: a ideia de que os esportes e mesmo o futebol não deveriam ser representados apenas pelos grandes clubes, cujos espaços nas páginas eram evidentes e privilegiados, mas também pelas práticas e clubes esportivos suburbanos, na periferia da cidade do Rio de Janeiro.

Se as transformações urbanas no Rio de Janeiro aumentavam ainda mais o dinamismo e modificavam as relações sociais e de trabalho, esta perspectiva de modernidade alcançava por meio dos esportes até os bairros mais distantes do centro da cidade e, neste caso, o jornal se propunha a acompanhar esta mudança de ritmo, independente da região em que as práticas se davam. Obviamente, como em qualquer empresa capitalista, o objetivo central era possibilitar o aumento da venda do jornal para um número de interessados por esportes cada vez maior, em qualquer canto da cidade, seja pela paixão por seu clube, seja pelo interesse na cobertura das práticas esportivas que ocorriam na vizinhança, notícias de

²⁰⁹ SUSSEKIND, Flora. *Op. Cit.*

²¹⁰ Observamos que apesar de existirem outros jornais esportivos com uma certa regularidade de circulação, como uma ou duas vezes na semana, notadamente o *JS* era o primeiro jornal especializado em esportes a se tornar um diário. Todavia, por diversas semanas, ao longo da década de 1930, em alguns momentos pontuais, algumas edições não circulavam por problemas diversos como não acertos com os sindicatos dos gráficos (por estes estarem impedidos de trabalhar aos domingos, inviabilizando a edição de segunda-feira), dificuldades com importação de papel, etc.

pouca repercussão nos periódicos de grande circulação - os chamados jornais da grande imprensa.

Cabe discutir também que a gestão de Bulcão a frente do *JS* tem sido esquecida pelos historiadores do esporte, que lidam com uma história da imprensa esportiva, ou mesmo com a história de determinados jornais específicos.²¹¹ Ou seja, o que queremos dizer é que o *JS*, na maior parte dos discursos acerca de sua história, é referenciado com uma figura que também o gerenciou, a partir de 1936, que é a do jornalista Mário Rodrigues Filho (ou simplesmente, como ficou mais conhecido, Mário Filho). Todavia, nossa hipótese acerca da história do jornal é de que houve um apagamento da memória acerca da primeira gestão do mesmo, tendo em vista que a trajetória vitoriosa de Mário Filho a frente do *JS* transformou-se numa espécie de momento de ouro da imprensa esportiva e, mais problemático do que isso, ele acabou se tornando, para muitos, como marco fundador de uma forma de noticiar os esportes.

Por mais que concordemos com a importância de Mário Filho em sua atuação no *JS* e na própria imprensa esportiva, é preciso reconhecer todo um trabalho realizado no período anterior e que possibilitou um salto na qualidade de noticiar os esportes e diríamos também na própria relação com o desenvolvimento do campo esportivo da cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade da década de 1930. Portanto, compreender esta primeira fase do jornal é mais do que recuperar uma memória perdida da imprensa esportiva carioca, mas resgatar uma parte da história da cidade e dos esportes que ficou apagada na mesma medida em que se procurava valorizar outra de uma forma excessiva.

Voltando ao período inicial do *JS*, podemos descrever algumas características centrais de sua jornada inaugural, como nos revela Couto:

O jornal seguia os padrões da época, impresso em preto e branco, possuindo poucas páginas. Inicialmente, a edição diária era composta por quatro páginas, apesar de alguns problemas que, invariavelmente, ocorriam. (...)

Suas medidas eram em formato de página inteira, divergindo do modelo tablóide. As fotografias eram comuns em seu corpo, porém, em muitas edições ainda eram privilegiadas as poses estáticas de jogadores e dirigentes, apesar de existirem

²¹¹ Se entre os próprios historiadores do esporte, a associação de Mário Filho com o *JS* tem apagado uma memória da atuação do jornal em um período anterior, o que dizer dos jornalistas esportivos, pesquisadores ou não, tendo em vista que há um consenso entre os mesmos em supervalorizar a figura deste jornalista.

também algumas fotos dos eventos esportivos, como as partidas de futebol, por exemplo.

O logotipo do nome do jornal dava um tom de pluralidade esportiva, pois apresentava figuras de homens praticando várias modalidades esportivas, sem, no entanto, hierarquizá-las. As figuras, que se entrelaçavam com as letras do título do jornal (uma criação artística interessante e uma novidade gráfica para a época), eram do mesmo tamanho e representavam vários esportes. Estavam presentes, em ordem de apresentação, o lançamento de disco, o levantamento de peso, o tênis, o futebol, o golfe, a natação, o remo, a corrida (atletismo), o boxe e o hipismo.

Desta forma, o jornal anunciava seu objetivo: o de privilegiar qualquer prática que se identificasse com o esporte e com o corpo, mesmo que não houvesse ainda uma identificação com a cultura nacional, como o golfe, por exemplo. Outros esportes também não cabiam nesta classificação, mas eram olímpicos, e mereciam destaque numa publicação que pretendia ser a voz dos esportes.²¹²

Desta forma, podemos analisar o *JS* a partir de suas primeiras páginas e edições, identificando uma série de informações oportunas como a pequena quantidade de páginas até mesmo pelos usos de imagens (invariavelmente, fotografias de personalidades estáticas) que iam de um formalismo no vestuário (usos de ternos e gravatas para dirigentes e até mesmo alguns atletas) a um panorama visual mais esportivo (uniformes, presença de campos de futebol, quadras e piscinas). Autores de cunho jornalístico como Ruy Castro, por exemplo, tendem a acreditar que nestes anos iniciais do jornalismo esportivo, as imagens mais estáticas eram opções da direção do jornal e que somente a partir da gestão Mário Filho, o movimento esportivo fora captado não só nas letras das matérias e crônicas mas, também, nas imagens fotografadas.²¹³

Os usos das imagens, todavia, merecem uma discussão mais profunda já que combinava com a própria proposta do jornal que, apesar de privilegiar o futebol, como todos os demais veículos de imprensa da época, sejam especializados, sejam da grande imprensa, abarcava toda uma gama de modalidades esportivas, procurando dar conta de um campo que, na prática, aumentava de importância a cada dia.

As imagens evoluíam para um plano mais estático na imprensa brasileira, à medida que novas técnicas de fotografia eram desenvolvidas no mundo, mas essencialmente no cenário nacional.²¹⁴ Obviamente, a aquisição de equipamentos que pudessem registrar de

²¹² COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 45.

²¹³ CASTRO, Ruy. *Op. Cit.*

²¹⁴ Cabe lembrar que apesar da profissão já contar nos quadros dos principais jornais cariocas do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, a formação destes profissionais era praticamente inexistente, sendo um

forma mais profissional os fatos e notícias da imprensa brasileira dependia e muito da capacidade administrativa e financeira do chamado jornal/empresa. No início da década de 1930, com um empreendimento recém lançado no competitivo e incerto mercado editorial, o *JS* contava com apenas um profissional nesta área e, apesar de poucas informações a seu respeito e a de seu respectivo equipamento de trabalho, procuramos analisar a conjuntura mais ampla e chegamos à seguinte conclusão: não era uma opção editorial captar imagens com mais ou menos movimento e dinamismo esportivo e sim, uma possibilidade limitada de atuação nesta área por razões técnicas, econômicas e financeiras.

A gestão Bulcão, todavia, do ponto de vista imagético, inovava ao apresentar uma logomarca do jornal com várias modalidades, desde as mais populares como o futebol e o boxe, passando para esportes mais elitistas como o tênis e o golfe e atingindo outros de identificação olímpica como o atletismo e a natação. Práticas esportivas que tinham um passado na história da própria cidade do Rio de Janeiro, como o remo e o hipismo, também estavam representadas neste cartão de visitas do *JS*. Passado e presente, classes mais abastadas e mais populares se misturavam neste caleidoscópio esportivo criado por Argemiro Bulcão e por uma equipe bastante reduzida de funcionários.

Bernardo Buarque de Hollanda amplia a nossa visão sobre a conjuntura do referido período e possibilita que possamos pensar acerca do momento de criação de uma “indústria cultural” justamente em um ambiente de plena centralização política e econômica do Estado brasileiro, além do fato do Rio de Janeiro se beneficiar e se aproximar fisicamente do centro

trabalho de iniciativa voluntária ou de necessidade da empresa, o preenchimento destas vagas. Com a vinda de profissionais europeus, sobretudo alemães, a partir de 1939, ocorreu a possibilidade de um grande conhecimento de novas técnicas e equipamentos fotográficos. Estes imigrantes foram influenciados pelo movimento Bauhaus, que valorizava e enfatizava o grafismo e as formas, além do uso de recursos como ampliação, montagem, dupla exposição e solarização. Deste grupo, destacam-se nomes como Hildegard Rosenthal, Hans Gunter Flieg, Fredi Kleeman e Alice Brill. Somente na década seguinte, em 1946, foi publicado o primeiro importante texto sobre o desenvolvimento da fotografia no Brasil: “A Fotografia no Brasil” de Gilberto Ferrez na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Fonte: História da Fotografia no Brasil. Disponível em: <<http://www.girafamania.com.br/montagem/fotografia-brasil1.htm#topo>>. Acesso em: 31/03/2015. Não por acaso, no mesmo ano de 1946, seria criada a Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos (ARFOC) no Rio de Janeiro, assim como, posteriormente, em São Paulo (1948) e em Minas Gerais (1950). Para outras informações ver o verbete “Fotografia no Brasil”, disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3787/fotografia-no-brasil>>. Acesso em: 31/03/2015. Outros estudos mais profundos sobre o tema podem ser vistos em: COELHO, Maria Beatriz Ramos de Vasconcelos. *A Construção da imagem da nação Brasileira pela fotodocumentação: 1940-1999*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. E ainda: COSTA, Helouise e RODRIGUES, Renato. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

do poder.²¹⁵ Ou seja, temos aqui a confluência do início da centralização do Estado varguista, deixando para trás a estrutura do Brasil da Primeira República com a posição de capitalidade da cidade.²¹⁶

Hollanda também destaca outro ponto importante: a influência do periodismo esportivo internacional, a partir da década de 1930, tanto de forma direta como indireta. De acordo com este autor, “(...) Periodistas brasileiros, em meio a um país galvanizado pela crescente popularidade do futebol, mostraram-se sintonizados com muitas das características e estratégias adotadas pelo periodismo europeu, tal como a invenção de prêmios, torneios e taças que mobilizavam as ‘comunidades imaginadas’ de cada país.”²¹⁷ Cabe lembrar que esta forma encontrada pela imprensa para noticiar e comentar os esportes era também estimulada por um crescente movimento nacionalista europeu, desde a década anterior, tornando-se muito forte em determinados países como França, Alemanha, Itália e Espanha.

A ideia de tornar-se um veículo voltado exclusivamente para os esportes aumentava, por outro lado, a possibilidade de exploração de uma série de modalidades até então pouco vistas na imprensa brasileira. Apesar disso, como já adiantamos, o futebol era a principal coluna estrutural do jornal. Daí, poderiam ser discutidos temas como a cobertura dos times estrangeiros em suas excursões pelos principais centros brasileiros, o campeonato estadual do Rio de Janeiro e a rivalidade entre paulistas e cariocas.

Seu editorial “Críticas e Sugestões” apresentava uma coluna no limite entre a posição da administração do jornal sobre determinado assunto e o cronismo esportivo, pendendo, no entanto, mais para o primeiro do que para o segundo. Os usos de palavras estrangeiras eram comuns, tanto no editorial como nas demais partes do periódico, como, por exemplo, “*football*”, “*match*” e “*record*”, além é claro do título do jornal: *Jornal dos Sports*

²¹⁵ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *Op. Cit.* P. 80-84.

²¹⁶ Aqui utilizamos o conceito de capitalidade explorado por Marly Silva da Motta, ou seja, “... da função de representar a unidade e a síntese da nação, (...) transformada em uma tradição única e exclusiva da cidade do Rio de Janeiro, marcando, simultaneamente, o que lhe é próprio e o que a separa das outras regiões do país.” Ver mais em MOTTA, Marly da Silva. O Rio de Janeiro Continua Sendo? In: AZEVEDO, André Nunes (Org.). *Anais do Seminário Rio de Janeiro: Capital e Capitalidade, Rio de Janeiro, 23 a 26 de outubro de 2000*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. P. 159-170.

²¹⁷ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *Op. Cit.* P. 82. O autor cita os exemplos de *L'Équipe*, da França e *Gazzeta dello Sport* da Itália. Lembro ainda que o periodismo europeu até hoje influencia o jornalismo esportivo brasileiro, chegando, inclusive a ter pequenas colunas em jornais brasileiros.

(este último perdurando até os dias finais de sua existência, na primeira década dos anos 2000).²¹⁸

Outras colunas importantes era “Turf”, que apresentava uma seleção das principais dicas de apostas desta modalidade esportiva já consolidada na cidade do Rio de Janeiro e “Últimas Notícias”, que revelava um resumo das notícias recém-apuradas pelos repórteres de campo e que, portanto, era publicada nas últimas páginas do jornal.²¹⁹ As crônicas ainda não eram presentes neste jornal como seriam na década posterior, a de 1940, mas podemos dizer que já existiam “rascunhos” deste gênero, com a presença de colunas que apresentavam o dia a dia de vários clubes cariocas, inclusive suburbanos e de periferia. As festas, treinos e informações diversas eram dispostas para o leitor, estimulando uma afeição de aproximação com os clubes preferidos do mesmo.

Além destas colunas e das próprias matérias e notícias, a veiculação de propaganda era comum e motivo de arrecadação de recursos financeiros que ajudavam na manutenção do jornal e no pagamento dos funcionários e da infraestrutura. Dentre as empresas que compravam espaço publicitário nas páginas do *JS*, podemos destacar as que produziam cigarros, doces e roupas (alfaiatarias, por exemplo), além de teatros, farmácias, cursos e colégios, lojas de eletrodomésticos, etc. Ou seja, uma diversidade interessante de produtos e serviços do universo essencialmente masculino (mas não exclusivamente) associados à ideia de saúde, lazer e educação, sem falar na associação com produtos tecnológicos recém apresentados à sociedade carioca nas lojas Electro-Bal. Se o cigarro destoa a princípio, da noção de saúde e bem estar que o *JS* apresentava em suas páginas, inclusive nos editoriais chamando a atenção de que o esporte melhorava a raça humana, devemos lembrar que ainda era naquele momento um fator importante de distinção social.²²⁰

Do ponto de vista ideológico, podemos destacar o apoio a um processo de disciplinarização dos esportes e das práticas corporais e saudáveis, que se coadunava com as

²¹⁸ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 46.

²¹⁹ Também é importante frisar os anúncios dos filmes, peças de teatro, bailes de carnaval e outras apresentações artísticas e culturais que compunham o universo de possibilidades de lazer e entretenimento de parte dos cariocas que podiam pagar ingressos para estes espetáculos. Apesar de estas informações constarem em outros jornais não especializados, as ideias de esporte, lazer e entretenimento se aproximavam bastante nas páginas do *JS*. O campo de consumo e vivência destas atividades atingiam a um mesmo público, apesar da pretensão do jornal em alcançar camadas mais pobres da população ao cobrir as notícias de eventos nos subúrbios e nas associações, ligas e clubes menos privilegiados em relação aos recursos financeiros e número de sócios.

²²⁰ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 47 e 48.

ações intervencionistas de Estado que propunha medidas públicas nas áreas de saúde e de educação, operando em uma conjuntura histórica de construção de um projeto nacionalista por meio do governo de Getúlio Vargas. De acordo com Couto,

Desta forma, de maneira um tanto quanto dramática, e não por acaso, mas já como construção de uma técnica literária específica, o jornal compreendia que a prática de esportes deveria passar por um modelo de organização, com criação de entidades e associações, com regras e legislações específicas, mesmo que estas viessem a sofrer críticas do próprio JS e da sociedade. Mais do que valorizar a disseminação do esporte pelos subúrbios cariocas e pelas classes menos favorecidas, era preciso, sobretudo, organização, disciplina e um mínimo de planejamento para que pudesse se desenvolver.²²¹

Aqui chegamos, então, a um ponto importante de nossa reflexão: a proposta do *JS* já se alinhava a este projeto, antes mesmo do sucesso da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1938, na França, ponto de exaltação da identidade nacional esportiva, por parte da imprensa especializada desde aquele período até os dias de hoje. Ou seja, para muitos jornalistas, nosso projeto nacional esportivo, por parte da imprensa, teria sido inaugurado por Mário Filho em larga escala, tendo a Copa do Mundo de 1938, como um marco significativo. Todavia, ao analisar a primeira fase do *JS*, ou seja, a partir da gestão Argemiro Bulcão, concluímos que o tom ufanista e nacionalista estava presente em quase todo o tempo, inclusive em esportes que tinham poucos espaços em outros jornais, como o atletismo, por exemplo.²²²

Palavras como “orgulho”, “Pátria”, “progresso”, “nação” eram facilmente encontradas nas notícias e editoriais do jornal, criando um glossário de alinhamento ideológico com o Estado, o que era associado com campanhas fortes e planejadas neste período: o processo de associativismo e regulamentação disciplinar das práticas desportivas.

Exemplo significativo destas intenções editoriais do *JS* é o editorial da edição nº 2, de 16/03/1931, que apresentava uma crítica à legislação da AMEA (Associação Metropolitana de

²²¹ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 51.

²²² Cabe lembrar a vitória brasileira no Campeonato Sulamericano de Remo no ano de 1931, ocorrido no Uruguai, quando o *JS* exaltou até as últimas possibilidades as razões da vitória brasileira. Ou seja, nossa capacidade de formar uma raça forte e vigorosa seria um dos motivos para a conquista não apenas de nossos atletas, representantes brasileiros, mas também de toda uma nação, de uma “Pátria”, palavra literalmente escrita com o “P” maiúsculo.

Esportes Athleticos) pois não concordava com o período de 2 anos de “quarentena” quando um jogador se transferisse de um clube para outro, o que impedia um projeto de modernidade que o jornal defendia para os esportes.²²³ Tal medida tinha a intenção de evitar uma prática de circulação de atletas de um clube para outro, enfranquecendo o elenco de uns e causando um possível desequilíbrio entre as equipes associadas.²²⁴ Os jogadores transferidos, então, poderiam jogar no “segundo quadro”, um misto de reservas e jogadores mais jovens, porém, estavam impedidos de jogar no time principal. Tal imposição ainda era resquício de anos anteriores onde a prática do futebol ainda se valia, para estes clubes, como um esporte não profissional e não comerciável, voltado para os verdadeiros *sportsmen*.

Todavia, o momento e a conjuntura histórica eram outros e mesmo com um discurso inflamado e pretensamente revolucionário, de onde podemos ler a ideia de uma circulação maior de interesses e formação de novas equipes, com boas possibilidades de aquisição de outros atletas, o debate girava em torno de disciplinar e organizar o esporte. Ou seja, a luta editorial e principal do *JS* era tornar os esportes vendáveis e, para tanto, nada melhor do que torná-lo mais planejado e disciplinado. Não uma disciplina carcomida pelo tempo e por outras eras do elitismo no futebol, mas pela possibilidade real de ampliação do campo, tanto o esportivo como o comunicacional.

Cabe lembrar que mesmo com as regras antigas, os clubes associados da AMEA constantemente não se posicionavam a favor das mesmas, inclusive agindo na prática de forma contrária e diferente do que fora acordado nas reuniões com os dirigentes interessados. Na verdade, então, podemos compreender que o debate trazido em voga pelo jornal iluminava uma discussão que já era travada pelas próprias entidades participantes da AMEA, ganhando um maior vulto, porém, por conta da publicação dos argumentos favoráveis pelas mudanças na legislação do futebol.

Para que possamos compreender como este debate se encaixava no projeto editorial do jornal, podemos conferir no editorial de 18/03/1931, uma outra discussão pertinente à

²²³ Cabe explicar que a edição n.º 1 do *JS* não pode ser analisada pois a mesma não se encontra à disposição do Setor de Periódicos da Biblioteca Nacional.

²²⁴ As Inscrições dos Amadores na AMEA. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 02, 16 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. P. 2.

proposta anterior.²²⁵ Com o título de “Precisamos de entidades especializadas!”, com ponto de exclamação e tudo, o editorial chamava a atenção para a falta de entidades e instituições verdadeiramente comprometidas com os esportes no Rio de Janeiro. Percebemos aqui não só mais uma oportunidade de implementar mais uma ação efetiva de sua “campanha” em prol da organização e disciplinarização dos esportes, como também a ideia de um discurso (ou de pelo menos de uma estratégia discursiva) de tratar o Rio de Janeiro como centro das discussões nacionais. Tal dado se revela não só para pensar e retratar em suas páginas diárias que manifestações esportivas (além de suas respectivas estruturas, idiossincrasias, sentimentos, etc) eram as privilegiadas, mas também para reforçar a ideia de centralidade e capitalidade que o Rio de Janeiro usufruía naquele momento histórico. Desta forma, percebemos, desde a administração de Bulcão, que o *JS* pensava os esportes com uma forte e clara manifestação da identidade cultural da nação brasileira, porém, manifestada pelos olhos voltados para o Rio de Janeiro.

O editorial usava inclusive a comparação com São Paulo, quando refletia sobre o processo de organização do esporte, sem falar as citações do panorama deste tema em outros países. A pergunta quase que direta levava o leitor a pensar: como o Rio de Janeiro pode ser moderno e dinâmico, sem organizar minimamente a prática esportiva? E como não ser um absurdo que o Rio perdesse esta posição organizativa para outros cenários brasileiros como São Paulo, por exemplo? Se a competição pela modernização dos esportes era com São Paulo, o espelho em que deveríamos mirar vinha da Europa, berço do espírito olímpico moderno e de onde vinham notícias de organização dos esportes como não se via falar por aqui, principalmente no atletismo.

No editorial de 20 de março de 1931, ainda nesta linha e ritmo inaugurais, o jornal criticava a ausência de provas significativas de atletismo que pudessem valorizar o campo esportivo, formar atletas e criar público que pudesse acompanhar estas atividades de perto.²²⁶ A hoje famosa Corrida São Silvestre, criada em 1925, pelo jornalista e advogado Cásper Líbero foi citada como uma iniciativa de sucesso de um evento esportivo paulista e que fora

²²⁵ Precisamos de entidades especializadas! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 04, 18 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. P. 2.

²²⁶ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 05, 20 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. P. 2.

pensada por um homem da imprensa.²²⁷ A novidade de uma prova de atletismo noturna trazia a tona um elemento presente em toda a trajetória do *JS*: o moderno trazia o novo e o novo podia ser pensado para dentro do universo esportivo, assim como a própria imprensa assimilava as técnicas europeias de impressão, fotografia e cobertura jornalística.

Outro ponto importante para a nossa reflexão era a ideia da capacidade interventora da instituição imprensa no projeto de modernização e ampliação do campo esportivo, não só na função (e por vezes, tratada na prática como missão) de noticiar os eventos, práticas e modalidades, mas também de interferir neles, organizando e/ou patrocinando algumas competições esportivas. Neste editorial do dia 20/03/1931, além da valorização da Corrida de São Silvestre, outra competição de atletismo é descrita como uma bela iniciativa, apesar de ainda isolada: a Taça Correio da Manhã, organizada pelo jornal homônimo. Posteriormente, o próprio *JS* investiria nesta estratégia de divulgar a sua marca/empresa e ao mesmo tempo contribuindo com o desenvolvimento dos esportes no Rio de Janeiro.

Ainda sobre esta primeira fase do *JS*, ou seja, da administração Argemiro Bulcão (1931-1936), podemos enfatizar também em nossa análise o forte sentimento nacionalista presente no discurso do jornal. Não por acaso, a conjuntura brasileira propiciava um novo caminho para repensar uma série de instituições, principalmente o Estado. A Revolução de 1930 e mesmo os movimentos que vieram *a posteriori*, como a Revolução Constitucionalista de 1932, criaram a ideia de que a nação deveria ser repensada ou, no limite, recriaram a própria ideia de nação. Desta forma, os esportes como símbolo de uma sociedade moderna e dinâmica, por meio desta imprensa especializada, utilizavam várias matérias, editoriais e crônicas (apesar do forte destas ser mesmo a década de 1940) para ensejar um movimento de apoio ao Estado getulista e, por consequência, ao imaginário de uma possível cultura nacional que valorizasse a capacidade do brasileiro em ser forte e belo como qualquer outro povo. As manifestações culturais presentes em nossa sociedade apenas mostrariam a riqueza da diversidade do povo brasileiro, mas que estaria unido em torno de um propósito político e ideológico, capitaneado por um Estado que soubesse destas capacidades e que pudesse liderar o processo de crescimento da nação e do país.

²²⁷ Cabe lembrar que a Corrida de São Silvestre fora criada por Cásper Líbero (1889-1943), jornalista e proprietário de *A Gazeta* e do importante suplemento, *A Gazeta Esportiva* (este criado em 1947), a partir de uma viagem à Paris, quando conheceu pela primeira vez de perto uma prova de atletismo noturna.

Todavia, cabe-nos lembrar que este processo de construção de um discurso nacionalista está aliado ao movimento de metropolização das grandes cidades, do qual obviamente a imprensa tem um lugar nada desprezível. De acordo com Luiz Henrique de Toledo, acerca do processo de crescimento metropolitano das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo:

Ambas as cidades deram vazão às novas formas de expressividades corporais de massa impulsionando estilizações culturais que marcaram profundamente as percepções sobre a ideia de nação capturada pelas elites, a notar os festejos carnavalescos e os esportes. Enredado em formas institucionalizadas que o consolidou na paisagem urbana, o carnaval constituiu síntese estética e política hegemônica identificada na então capital federal, que perdurou por décadas até a massificação midiática de outras corporalidades lúdicas gestadas em cidades fora do eixo Rio-São Paulo, tais como Salvador. Já os esportes, especificamente o futebol como prática corporal de grande apuro estilístico e apelo ritualístico e emocional, rapidamente se universalizou país afora num outro movimento mais espreado pelos Estados nacionais, mas que teve na cidade de São Paulo alguns dos momentos decisivos na luta pela consolidação de seu campo institucional.²²⁸

O trabalho de Toledo enfatiza a atuação do futebol na cidade de São Paulo como prática mais decisiva na consolidação dos esportes e de como estes possibilitaram uma nova percepção de nação, principalmente pelas elites. Se o argumento de diferenciação em torno das terras paulistanas for a ideia de um caminho simultâneo entre o movimento em torno da modernização urbana e industrial, em conjunto com o desenvolvimento de nossas percepções e identidades culturais, podemos concordar com o autor. Porém, por outro lado, em que medida estes movimentos possibilitaram um maior ou menor comprometimento com a ideia de nação que se inaugurava nos inícios dos anos 1930? A posição de centralidade política e administrativa da cidade do Rio de Janeiro colaborou bastante com estas percepções de repensar a nação? Estamos convencidos de que sim, apesar dos argumentos de que a cidade de São Paulo devido ao processo de metropolização mais avançado possibilitasse um maior desenvolvimento das práticas esportivas. Talvez devêssemos levar em conta as vantagens de uma infraestrutura urbana que fosse mais voltada para o processo de massificação de determinadas práticas como o futebol. Mas, como aponta o próprio autor, e como exploramos

²²⁸ TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade e o jornal: a *Gazeta Esportiva* e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. P. 52.

um pouco no capítulo anterior, as emoções e sentimentos causados por esta prática esportiva derivam da própria subjetividade humana, da qual comportam múltiplas interpretações, inclusive regionais.

Todavia, a ideia do Governo Vargas e do Estado pós-1930 era de criar, desenvolver e valorizar uma cultura nacional, como nos informa novamente Toledo:

A onda nacionalista inaugurada no pós-30 estaria amparada em políticas concertadas que inventariaram e esquadriharam uma “cultura nacional”, confinando-a em nichos de brasilidade legados por uma espécie de testamento cultural a-histórico. Assim, sentenciava-se que a autêntica capoeira seria a baiana, que o samba que importava seria o carioca e à cidade de São Paulo apresentavam-se algumas metáforas que, se em princípio forjaram autoestima coletiva local, açambarcando as elites e segmentos expressivos da classe média intelectualizada, revelaram-se depreciativas e desgastadas ao longo do tempo. Desenvolvimento econômico e urbanização foram os fenômenos que primeiro redefiniram as representações sobre a cidade na era moderna sob o espírito do trabalho.²²⁹

Desta forma, o futebol se tornava um elemento desta invenção de cultura nacional do pós-1930 e que merecia destaque nas discussões e debates em torno de nossa “verdadeira” identidade. Além de se tornar uma peça de constituição de nossa nacionalidade, construída pelo Estado e alimentada pela imprensa, dentre outras instituições, o futebol e os esportes arregimentavam as pautas dos jornalistas e dos cronistas nas páginas esportivas em ambas as cidades, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

O *JS* discutia os esportes como um elemento da modernidade nacional e, para tanto, palavras como “progresso” e “desenvolvimento” eram frequentes no período inicial de sua existência. Porém, outras como “emoção” e “beleza” também eram presentes, o que nos permite concluir que modernidade e sentimentos são conceitos que retroalimentavam-se na visão do jornal. De acordo com Couto, “(...) A racionalidade da tecnologização do meio urbano, por conta dos avanços nas áreas de transporte, comunicações, urbanização e mundo do trabalho, não contrastava com o discurso em busca da emoção encontrada nos esportes”.²³⁰

E essa relação entre emoção e racionalidade poderia ser encontrada no tom nacionalista e ufanista que o jornal empregava na cobertura dos jogos, campeonatos e demais

²²⁹ *Ibidem*. P. 53.

²³⁰ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 52.

eventos esportivos como, por exemplo, na primeira página da edição n.º 7, do dia 22/03/1931: “SALVE, BRASILEIROS! Estuante de patriotismo, sentindo vibrar em nós, a alma heroica do nosso povo, regosijamo-nos immensamente, hontem. Sentimos, como nunca, o orgulho de ser brasileiros, de haver nascido ao abrigo dessa Patria grandiosa de predestinados!”.²³¹ No caso, a matéria tratava de exaltar a participação da seleção brasileira de remo no Campeonato Sulamericano da categoria, quando nas águas do Rio do Prata, no Uruguai, o Brasil conseguira superar seus vizinhos, principalmente os considerados favoritos pelo próprio jornal, que eram os selecionados argentino e chileno, além dos próprios donos da casa.

A emoção no discurso do jornal misturava em suas linhas e letras a hipervalorização dos esportes na constituição da identidade do brasileiro, assim como incutia a ideia da própria formação de nosso povo, miscigenado e voltado para vitórias difíceis e, por vezes, quase impossíveis como nesta ocasião. O discurso em torno da raça (a palavra é utilizada por duas vezes, em uma matéria de capa) e da força do povo, aliado à estratégia discursiva de exaltar os sentimentos e as emoções em torno do esporte era uma combinação moderna que o jornal trazia nesta nova empreitada empresarial. Portanto, desconstruímos a ideia tão mitificada na história da imprensa esportiva brasileira e na própria sociedade brasileira de que tais características seriam apresentadas nos jornais brasileiros por Mário Filho, após contato com as discussões trazidas por Gilberto Freyre. Por certo, também não chegamos a ponto de negar a participação daquele jornalista na construção de um novo modelo de publicizar os esportes, muito menos de minimizar os efeitos da interpretação freyriana na compreensão do futebol brasileiro, por exemplo, apesar de discordamos e muito desta. Mas, não concordamos com o apagamento da memória no período pós e durante a administração Mário Filho a frente do *JS* e principalmente com uma história da imprensa esportiva desvinculada de uma realidade vivida e construída de mitos e ideários familiares.²³²

Outro ponto importante em torno dos debates proporcionados pelo *JS* era o discurso em prol da saúde e do bem estar físico que, de acordo com o jornal, deveria estar acima de qualquer interpretação moralista ou mesmo ingênua. Um exemplo da atuação do *JS* neste

²³¹ Os brasileiros campeões sul-americanos de remo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 07, 23 de março de 1931. P. 1.

²³² Sobre estes ideários, podemos explicar a partir da lembrança da memória mítica criada pela família Rodrigues, em especial, Nelson Rodrigues, irmão mais novo de Mário Filho. Nelson foi um dos responsáveis pelo processo de mitificação do seu irmão, chegando a ponto de dizer que a imprensa esportiva antes de Mário Filho, praticamente inexistia.

sentido era a campanha contra a ação das autoridades municipais do Rio de Janeiro que proibiram na ocasião que os homens utilizassem vestuário deixando os peitos nus.²³³ Ou seja, em nome de um comportamento mais adequado à moral em ambientes abertos e sociais como a praia, os homens deveriam abrir mão de usar roupas mais leves e abertas. O jornal, portanto, ia de encontro a esta tentativa de controlar os corpos, os desejos e a moral da população que frequentava estes espaços de sociabilidade e projetava no discurso um canal de defesa de seu respectivo projeto de modernidade. Desta forma, a defesa dos esportes passava ao largo de uma interpretação conservadora ou moralista de comportamento social. Pelos menos, em nome da saúde e do desenvolvimento da prática dos esportes e das atividades físicas. O cientificismo presente nos discursos, tanto nas matérias, como nas crônicas, brigava com um conservadorismo comportamental mas, por outro lado, esta mesma narrativa discursiva promovia uma interpretação hoje considerada conservadora, se levarmos em conta que a prática dos esportes nem sempre pode ser identificada com um hábito estritamente saudável. Naquele momento, porém, era importante a defesa dos espaços de sociabilidade onde o lúdico e os esportes poderiam se encontrar, como nas praias, por exemplo, além dos estádios, *jockeys clubs* e outros.

Desde a primeira administração do *JS* notamos uma forte tendência de valorização da divulgação de uma cultura poliesportiva, com matérias, fotografias, colunas e crônicas tentando dar conta de um universo esportivo esquecido por boa parte da chamada grande imprensa. A partir de 1936, já com a direção de Mário Filho, esta política editorial se mantém, apesar da ênfase na cobertura futebolística. Ou seja, o que queremos dizer é que o futebol sempre foi a principal “estrela” da imprensa esportiva a partir pelo menos da década de 1910 e em se tratando do *JS*, podemos afirmar que desde sua criação até o seu término, nos anos 2000, o futebol seguiu liderando os interesses dos leitores, retrato do que pensava boa parte da sociedade brasileira ao longo do século XX.

A administração de Mário Filho a frente do *JS* manteve o futebol em um produto vendável, assim como ocorria na gestão anterior, sob a direção de Argemiro Bulcão. Podemos dizer que no final da década de 1930, o futebol já era um fenômeno esportivo bem sucedido

²³³ A heliotherapia como factor sportivo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 08, 25 de março de 1931. P. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

em todas as partes da cidade do Rio de Janeiro.²³⁴ Cada vez mais o esporte em questão se organizava em clubes, campeonatos e ligas mais organizadas e com regras bem definidas, além de todo o apoio que o Estado daria em prol da defesa da saúde e da identidade cultural em torno da nossa forma de jogar, discussão polêmica e que era alimentada por boa parte da imprensa.²³⁵ Desta forma, pensamos que Mário Filho adotou estratégias de valorizar o futebol por meio de campanhas em torno de causas maiores como a que ocorreria na construção do estádio do Maracanã.²³⁶ Tal empreendimento se dava em torno de alguns fatores importantes como o desenvolvimento da indústria cultural de massas e dos negócios do mundo da comunicação, relevantes para a implementação e perpetuação da empresa/jornal, tão caras na primeira metade do século XX.

Mário Filho, então, a partir de sua chegada ao *JS*, iria empreender, numa conjuntura específica de interesse pelo futebol e por outros esportes, estratégias de *marketing*, tanto para vender jornais e fazer crescer sua empresa, quanto para que o campo esportivo pudesse cada vez mais se consolidar num processo de retroalimentação entre o primeiro e o segundo objetivos. Para tanto, aproveitou-se de uma experiência familiar que lhe possibilitou compreender os caminhos da empreitada jornalística e, desta forma e não menos importante, das táticas de aproximação com o Estado e o círculo de poder, político e econômico.

Sobre esta experiência familiar, herdada do pai, Mário Rodrigues, cabe lembrar que Mário Filho teve a oportunidade de trabalhar em dois importantes jornais da cidade do Rio de Janeiro: *A Manhã* e *Crítica*, ambos, e cada um em um período específico, sendo de propriedade de seu pai. Apesar do forte destes jornais ter sido as notícias mais urbanas como a violência e os casos policiais, por exemplo, Mário Filho iria participar da cobertura esportiva, adotando um texto mais ágil e dinâmico em relação ao objetivismo exagerado e comum neste tipo de reportagem.²³⁷ Posteriormente, diante da crise que se abateria em sua família,

²³⁴ Cabe lembrar a importância das ligas e campeonatos realizados em todos os cantos da cidade carioca, divulgadas inclusive no *JS* na administração de Argemiro Bulcão. Apesar da cobertura se limitar a notas, pequenas matérias e colunas sobre o futebol suburbano, ou seja, aquele que era promovido ao largo dos campeonatos e clubes principais, não poderemos achar outras referências em outros jornais do período referido.

²³⁵ Não acreditamos em uma forma legítima e muito menos inata do brasileiro jogar futebol, nem em suas origens nem nos dias de hoje. No máximo, podemos pensar em estratégias e planos táticos de pensar e de jogar este esporte, como nos demais, por exemplo.

²³⁶ Ver este debate em MOURA, Gisella de Araujo. *Op. Cit.* E o item 3.3, “A Copa não pode se esconder na zona Oeste: análise de uma campanha vitoriosa.” In: COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 170-184.

²³⁷ É importante entender que as matérias que tratavam de esporte nos principais jornais do Rio de Janeiro, o que nos faz pensar que era algo comum em outras grandes cidades brasileiras (apesar de não podermos afirmar por falta de exame apurado e detalhado em outras fontes empíricas), apresentavam um texto muito formal e deveras

encontraria apoio de uma importante família do mundo da imprensa e dos negócios: os Marinho. O encontro de Roberto Marinho com Mário Filho possibilitaria uma amizade frutífera que poderia se ver com o trabalho do segundo nas páginas de *O Globo*, propriedade daquela família.

Outro ponto importante antes de explorarmos um pouco mais a gestão deste último no *JS*, é percebermos o quanto os esportes estavam presentes na vida deste jornalista, a ponto do ano de 1931 ser significativo para ambos, seja para ele mesmo, quando tenta criar um periódico esportivo chamado de *Mundo Sportivo* e quando também começara a trabalhar no jornal da família Marinho; seja para o jornalismo esportivo, já que neste ano, temos a fundação do *JS*, pela dupla Argemiro Bulcão e Oséas Mota. Além da capacidade de criação literária e jornalística de Mário Filho, seu círculo de relações pessoais colaborou e muito para a aquisição do *JS*. Além do apoio da família Marinho, o jornalista em questão também mantinha uma proximidade com a família Guinle e a família Padilha, sendo a primeira vinculada ao Fluminense e a segunda, ao Flamengo. Não por acaso, estes dois clubes eram privilegiados na cobertura esportiva dos jornais em que atuava, apesar de ele também ter boas entradas nos demais clubes do Rio de Janeiro. É justamente por causa das boas relações com estas famílias da elite carioca, que este jornalista conseguiu recursos financeiros para comprar o *JS* e seguir, a partir de então, uma trajetória vitoriosa no âmbito da imprensa esportiva e da própria sociedade do Rio de Janeiro.

Os recursos não só possibilitaram a compra do jornal, mas também ampliou logo no início o efetivo de profissionais na redação e demais postos de trabalho.²³⁸ A edição do dia 17/10/1936, de número 2.171, inaugurava, então, uma nova fase do jornal e curiosamente não houve um texto ou editorial de despedidas de Bulcão ou mesmo de boas vindas de Mário Filho. Acreditamos, com isso, que a nova direção não queria mostrar mudanças abruptas para o público leitor e fiel, mas aos poucos introduzir as primeiras transformações na estrutura e nas páginas do jornal.

objetivo. Ou seja, a ideia naquele momento era o texto voltado apenas para informar os detalhes da apresentação ou do evento esportivo, como datas, local, atletas e clubes envolvidos, valores dos ingressos, etc.

²³⁸ Não temos como comprovar os motivos da venda do *JS* por Argemiro Bulcão, tendo em vista que a conjuntura da imprensa esportiva era positiva em relação às vendas e à aceitação do público, em decorrência da ampliação do interesse do público leitor. Sobre o aumento da quantidade de profissionais no jornal, de acordo com Couto, “(...) houve um aumento de profissionais em todas as áreas da empresa, sejam elas a redação, publicidade e cobrança, por exemplo, além da atuação significativa de representantes no exterior”. In: COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 118.

Seja por estratégia de sobrevivência, seja por acreditar na ideologia autoritária impregnada na sociedade pelo período pós-1930, o que se viu em ambas as gestões (Bulcão e Mário Filho) era a adesão do *JS* ao Estado e ao governo de Getúlio Vargas. O debate em torno de políticas públicas de educação e saúde mais abrangentes, e obviamente envolvendo as práticas de atividades físicas, eram temas de grande relevância, além, é claro, de um discurso nacionalista, beirando e muito o ufanismo radical. No caso de Mário Filho, ainda havia a experiência familiar que o jornalista tinha aprendido: aproximação com o círculo do poder, tentando realizar uma leitura de permanência no mundo competitivo dos negócios gráficos e de comunicação. Lição que fora apreendida da pior forma possível, quando seu pai e sua família passaram por sérias dificuldades a partir da década de 1920 e após a Revolução de 1930.²³⁹ Os esportes, em especial o futebol, o lazer e as práticas culturais eram possibilidades de inserção de uma importante propaganda de Estado da qual os jornais, as rádios e outras instituições eram “convidadas” a participar. Neste aspecto, não por acaso, esportes e cultura se uniam neste projeto, com a promoção e divulgação de eventos artísticos e culturais, como shows, cinema e teatro. Inclusive, era comum ter colunas sobre estes últimos, uma espécie de crítica e comentário sobre os valores desta cultura.²⁴⁰ De acordo com Couto,

Esportes e estas manifestações casariam perfeitamente nas páginas do *JS*, tendo em vista que o jornal pretendia tornar-se ainda mais popular. A própria ideia do esporte como entretenimento e lazer é estendida e incorporada pela sociedade carioca como prática cada vez mais comum, com os estádios e competições aumentando de importância por conta dos espaços de sociabilidade já existentes convergirem para a necessidade de lazer de uma sociedade mais produtiva e dinâmica, que estão, neste momento, atingindo um auge de apoio por parte da política e da ideologia do governo de Getúlio Vargas.²⁴¹

O futebol, associado à cultura e à educação nacionais, seria como já dissemos, o protagonista desta jornada nacionalista do *JS*, mesmo quando no período pós-1945, o nacionalismo institucional de Estado perdera um pouco da sua força. Neste aspecto, as crônicas esportivas possibilitaram, na década de 1940, um aumento significativo da

²³⁹ Ver mais detalhes em CASTRO, Ruy. *Op. Cit.*

²⁴⁰ Um exemplo desta política cultural interna do jornal era a coluna “Jazz”, que a princípio poderia ser um título contraditório, por conta da existência de um nacionalismo exacerbado na realidade brasileira daquele momento e a identificação daquele ritmo musical com os Estados Unidos. Todavia, a ideia era usar a noção de mistura, de influência múltipla de estilos e de valorização da música e da cultura de forma geral.

²⁴¹ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 126.

importância do jornal/empresa esportiva pois acreditamos que o processo de fidelização do leitor com o periódico foi alargado com a elaboração destes textos em uma nova ordem social e cultural. Ou seja, percebemos, e este é um dos pilares deste trabalho, que as crônicas aumentaram a importância da própria imprensa esportiva na medida em que as subjetividades presentes no texto se aproximavam das identidades criadas, inventadas e vividas pela sociedade brasileira, em especial nesta pesquisa, na carioca.

Sobre estas, todavia, assim como já trabalhamos no primeiro capítulo as suas questões gerais, vamos analisá-las um pouco mais a frente, quando analisaremos os seus principais autores no capítulo 3, assim como os chamados “grandes temas” no capítulo 4. Por ora, e caminhando para a conclusão deste item, podemos nos voltar para perceber o que significava a cobertura do futebol para o jornal. Enquanto na primeira gestão, era muito comum a defesa da organização, da disciplina e da profissionalização no esporte, inclusive, exclamando em diversas edições o quanto a violência no futebol era daninha à nobreza esportiva e o valor que as práticas desportivas tinham para a educação do homem; na segunda gestão, de Mário Filho, há um ingrediente a mais neste caldeirão de letras e emoções proporcionadas pelo *JS*: a ideia de um esporte legitimamente profissional poderia mostrar ao mundo as qualidades de uma verdadeira representatividade nacional, como a seleção brasileira de futebol, por exemplo.

Os entraves regionais (São Paulo X Rio de Janeiro) ou de regimes de trabalho (amadores X semiprofissionais X profissionais), que não permitiram criar uma boa seleção brasileira, agora diminuiriam no que dizia respeito à construção da ideia de futebol nacional.²⁴² Desta forma, a cobertura da seleção brasileira de futebol demonstrou uma oportunidade única de associar as qualidades do povo brasileiro com este esporte, que apesar de não ter sido criado por aqui, passara a compor a identidade da nação.

Por conseguinte, a cobertura em torno dos clubes e das competições regionais, no caso o campeonato carioca, era o momento de atizar os sentimentos mais vibrantes do leitor e os aproximar do universo das emoções que os esportes poderiam criar. Para tanto, e de acordo com Couto:

²⁴² Obviamente, não estamos dizendo aqui que a rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo fora esquecida, mesmo porque era um tema a ser explorado em matérias posteriores. Todavia, em termos de construção de uma identidade da seleção, era importante não alimentar esta distensão, devido aos erros de planejamento e organização vistos na participação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1930 e 1934. Não por acaso, pela primeira vez, o *JS* conseguiu enviar correspondentes para acompanhar a delegação brasileira.

Nesta mesma linha editorial, um simples jogo, de campeonato oficial, ou mesmo um amistoso, era noticiado ao longo de uma semana, dividido em três tempos específicos: com uma chamada prévia do jogo, mostrando a expectativa dos jogadores, dos dirigentes e dos jornalistas; com a descrição comentada do que ocorrera logo no dia seguinte ao jogo, com todos os detalhes disponíveis e, finalmente, nos dias subsequentes, com a repercussão do jogo na cidade, trazendo as consequências principais. O JS noticiava a frustração da torcida, a punição de jogadores que utilizaram a violência durante ou depois da partida e, por vezes, transformava o acontecimento em crônica esportiva.

Como exemplo desta forma de trabalhar a notícia, na edição seguinte, de 02/01/1938, foi publicado o resultado do jogo, mostrando, de forma exclamativa, que o evento poderia render mais páginas e, conseqüentemente, vender mais edições: “Vencedor O Fluminense – Numa Batalha De Panorama Sem Brilho – Dois A Um A Contagem Pela Qual Tombou O Botafogo”. Apesar da partida ter sido descrita como insípida e sem graça, o JS dava um destaque especial em manchetes com letras garrafais. Ou seja, até um jogo morno virava uma batalha.²⁴³

A estratégia clara de enriquecer o campo da imprensa esportiva com os exageros da cobertura jornalística, por meio de textos hiperbólicos, manchetes garrafais e invenções identitárias possibilitou ao *JS* liderar o movimento de noticiar os esportes, suas práticas e eventos, e tornar-se o principal diário esportivo no Rio de Janeiro e um dos mais importantes no Brasil.

Neste universo de criar formas e maneiras de noticiar o futebol, por exemplo, o papel do jornal não era somente de publicizar um novo olhar da imprensa esportiva, mas sim e principalmente de intervir diretamente neste meio. Ou seja, por meio de gincanas e campanhas em prol dos esportes e de questões sociais além da proposição de novos torneios e campeonatos, o periódico se colocava acima de um veículo de comunicação cuja missão seria cobrir estes mesmos eventos.²⁴⁴ Na verdade, a intenção era tornar-se parte intrínseca deste mesmo universo, numa relação de objeto e sujeito, difusor e produtor das ideias e ações esportivas na cidade do Rio de Janeiro, uma espécie de protetor da organização esportiva e um consultor vigilante em nome deste campo.

²⁴³ COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* P. 155.

²⁴⁴ Como exemplo destas intervenções, temos a criação do “Bolo Sportivo”, que era uma rede de apostas sobre os resultados dos jogos de futebol que premiava os maiores acertadores e cuja finalidade maior era apoiar obras na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Outra intervenção ou mesmo “invenção” do *JS* fora a proposição do Campeonato de Reservas, para que os jogadores não utilizados pelos clubes pudessem manter a forma e estarem preparados fisicamente para atuar entre os titulares.

O futebol, então, menina dos olhos de toda a imprensa esportiva brasileira, deveria ser aprimorado não apenas na composição de uma seleção, mas no cotidiano dos clubes, dos campeonatos e até mesmo nos treinos. Após a Copa do Mundo de 1938, na França, com o bom desempenho do Brasil no torneio, ou seja, a partir do final da década de 1930 e ao longo dos anos 1940, o jornal se adaptaria a esta crescente demanda por informações e expectativas ao redor do futebol. Para tanto, as colunas específicas dos clubes, as charges e caricaturas (incluindo a associação entre a identidade entre o time e o torcedor por meio da criação/divulgação dos mascotes) e, principalmente, das crônicas escritas por homens que abusavam das histórias subjetivas e emotivas, uma mistura entre a realidade vivida pelo leitor e a ficção criada pelo autor e, ambas, repartidas pelos dois lados. Para Mário Filho,

Nada que se faz com esse espírito de cooperação para um objectivo de alto alcance nacional constitue um “déficit”: Pelo contrario.

Sem o Campeonato do Mundo não haveria esse movimento unânime e admiravel que se observa. O foot-ball está na ordem do dia, absorvendo o entusiasmo do brasileiro. Dessa maneira, o campeonato extra canalizará para as suas pelepas, todo o desejo de que se acha possuído o publico para assistir foot-ball, para conhecer foot-ball, para vibrar com o foot-ball.

Estamos, por assim dizer, não em um instante decisivo para o sport brasileiro – pois não poderíamos condicionar o destino do sport brasileiro a uma victoria final no Campeonato do Mundo – mas em uma phase excepcional pelas perspectivas que descortina. Tal instante exige ainda mais a noção de responsabilidade, o espírito de disciplina, o esbanjamento de todas as energias, de todos os entusiasmos pelo objectivo commum, verdadeiramente nacional.²⁴⁵

Identidade nacional colada com as expectativas dos leitores/torcedores/aficionados era um mote e tanto para o desenvolvimento de um modelo de noticiar que ganhava força nas páginas do *JS*. Se Mário Filho não inaugurou este modelo, tendo em vista que o jornal já adotara esta posição desde a sua criação, em 1931, não podemos deixar de compreender a sua contribuição ao criar novas tradições para o futebol carioca e brasileiro, em um fluxo constante de aproximação com o leitor por meio de estratégias específicas de participar e intervir no campo esportivo.

²⁴⁵ O Orgulho de Lutar por um Objetivo Nacional. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 2646, 13/04/1938. P. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

As crônicas do *JS* tornaram-se “estrelas” deste jogo, mas para que possamos avançar em nossa análise de sua atuação na década de 1950, precisamos entender melhor o panorama mais geral da imprensa e suas especificidades no período.

2.2 UM BREVE PANORAMA DA GRANDE IMPRENSA

Na década de 1950 a imprensa esportiva já havia se consolidado e desempenhava um papel importante na sociedade brasileira. A procura por informações acerca dos esportes entrara de vez na rotina dos leitores e as rádios já tinham programas dedicados aos mesmos, o que permitiu uma ampliação significativa do campo que um pouco mais tarde incluiria também a televisão. Apesar de considerarmos o “boom” da televisão brasileira na década de 1960, não podemos nos esquecer dos primeiros programas jornalísticos televisivos como, por exemplo, “O seu Repórter Esso”, que já fazia sucesso nas rádios e que foi ao ar na televisão no dia 4 de maio de 1952, na TV Tupi.²⁴⁶ Apesar de não termos acesso a estas fontes, podemos pensar que se a grande imprensa impressa já tornava os esportes como tema de grandes matérias e lugar de espaços privilegiados em suas páginas, com *lay out* de páginas inteiras, a televisão não se omitiria em retratar os eventos e notícias esportivas em seus programas jornalísticos.

O surgimento das primeiras emissoras de televisão nas grandes cidades trouxe uma revolução não só do ponto de vista da tecnologia e das comunicações, como também permitiu novos hábitos culturais e familiares. Desta forma, a pequena mas insipiente concorrência entre as empresas televisivas nos faz crer numa corrida pela procura de informações mais “vendáveis” e “digeríveis” pelo público expectador. De acordo com Sousa, “(...) a cobertura esportiva na televisão é um produto que foge ao conceito de Jornalismo tradicional porque incorpora marcas identitárias muito fortes do entretenimento, porém, sem deixar de ser

²⁴⁶ KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso: A Síntese Radiofônica Mundial que Fez História*. Porto Alegre: AGE/EDIPUC, 2008. P. 145. Há uma controvérsia acerca da inauguração deste programa na televisão brasileira, já que outras fontes indicam a data de 17 de junho de 1953, às 19h 45min. Ver em: ANOS 50 – A história da televisão no Brasil. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv50.htm>>. Acesso em: 16/06/2015. Uma informação importante deste último texto nos revela que em 1954 “(...) a TV Record tornava-se imbatível na cobertura esportiva na década de 50”. Klöckner informa ainda que o programa ainda seria transmitido pela TV Difusora (São Paulo), TV Itacolomi (Belo Horizonte), TV Piratini (Porto Alegre), TV Itapoã (Salvador) e TV Vitória (Vitória). *Ibidem*. P. 145.

Jornalismo, (...).²⁴⁷ Apesar de esta autora nos trazer uma discussão acerca do jornalismo televisivo nos anos 2000 (mais precisamente, em 2005), a televisão brasileira surge como uma proposta de entretenimento do qual a cobertura esportiva se encaixara nesta perspectiva desde o surgimento dos primeiros jornais que tinham o esporte como assunto, privilegiado ou não. Como dissemos, em momento anterior no *JS*, por exemplo, era comum a convivência com as principais informações culturais da cidade do Rio de Janeiro, sejam as peças de teatro, shows musicais, saraus culturais, sessões de cinema e as diversas festas (sejam esporádicas como os bailes de Carnaval, sejam as demais que ocorriam em diversas partes da cidade ao longo do ano). Ainda segundo Sousa, “(...) a noticiabilidade é constituída a partir da complementação entre o que identificamos como valores jornalísticos, de um lado, e como estratégias de mobilização da indústria do entretenimento, por outro.”²⁴⁸

Lembramos também que os anos 1950 seriam palco do desenvolvimento da indústria cultural de massas, que já se desenhava nas décadas anteriores. A televisão, então, seria um elemento que germinaria dentro desta conjuntura, apesar de ainda ser um meio de comunicação restrito a determinadas classes sociais, devido ao alto custo dos aparelhos receptores.²⁴⁹ A partir da segunda metade desta década, no entanto, teremos um crescimento tanto da indústria nacional como da importação destes aparelhos, mostrando um processo de diminuição do elitismo do acesso a este bem. Em 1950, por exemplo, havia uma quantidade estimada de 2.000 aparelhos de televisão, chegando em 1959, com um número também estimado de 500.000 (sendo 90.000 produzidos no Brasil).²⁵⁰

²⁴⁷ SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_li_chang_sousa.pdf>. Acesso em: 16/06/2015. P. 15.

²⁴⁸ *Ibidem*.

²⁴⁹ Na década de 1950 o Brasil tinha cerca de 50 milhões de habitantes, sendo apenas 6 milhões de eleitores e com um número de impressionantes 70% de analfabetos. Informação retirada de: KLÖCKNER, Luciano. *Op. Cit.* P. 143. Outras fontes, todavia, e inclusive mais confiáveis como o Censo Demográfico do IBGE, apontam a taxa de analfabetismo na ordem de 50,6%. Cabe lembrar que o IBGE calcula a taxa de analfabetismo a partir dos 15 anos de idade. De acordo com José Inácio de Melo Souza, “(...)Fazendo-se igual exercício de comparação com o valor do salário mínimo (SM) praticado entre 1950 e 1960, vê-se que na abertura da Tupi os aparelhos GE anunciados pela Sears, Mappin ou Loja H. Lopes equivaliam de 30,4 a 35,9 SM, isto é, um operário que se atrevesse a comprar um televisor levaria quase três anos trabalhando unicamente para pagá-lo, abstando-se de pensar em outras necessidades básicas para a sua sobrevivência.” P. 162. Para mais detalhes sobre as marcas, tamanhos e, principalmente, da evolução dos preços dos aparelhos receptores, além da comparação com o meio radiofônico, ver: SOUZA, José Inácio de Melo. E as famílias na sala de jantar: aprendendo a ver televisão na década de 1950. *In: Revista USP*. São Paulo, n.º 69, março/maio 2006. P. 159-180.

²⁵⁰ Anuário Estatístico, 1958 e Associação dos Fabricantes de Rádios e Televisores (Afrate), 1959. *Apud* de SOUZA, José Inácio de Melo. *Op. Cit.* P. 169.

No campo da imprensa impressa, que é o que mais nos interessa no momento, podemos analisar com mais profundidade as principais características do período, principalmente porque é um momento histórico que traz uma série de transformações tecnológicas na indústria gráfica e das comunicações. Mudanças estas que possibilitaram uma relação com a leitura mais ampla devido ao crescimento desde a década anterior de políticas públicas voltadas para a educação, apesar da persistência das altas taxas de analfabetismo. A Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) aponta que no Brasil, “Entre 1950 e 1960, o país conheceu as maiores taxas de expansão da alfabetização. Isto se deve ao fato de que, a partir de 1947, foram instaladas classes de ensino supletivo na maior parte dos municípios”.²⁵¹ Além do aumento significativo dos leitores e da presença de novos jornais e revistas para a sociedade brasileira, os equipamentos tecnológicos chegavam de forma mais ágil e dinâmica nas empresas, inclusive favorecidas por uma conjuntura política e econômica de descentralização do poder nas instituições políticas, e das medidas favorecendo a importação de determinados produtos eletroeletrônicos.

No âmbito de ampliação de uma modernidade mais contemporânea e que se inseria já em um plano internacional de globalização, principalmente no que concerne às importações de produtos gráficos, a imprensa da década de 1950 inaugurava estratégias de noticiabilidade baseadas na rapidez e no dinamismo que as técnicas de jornalismo e mesmo a redação jornalística exigiam. De acordo com Klöckner, “A globalização, nos anos 50, se reflete na industrialização como um todo. No jornal impresso, as linotipos, com velocidade tradicional de três linhas por minuto, saltam para 12, 30, 75, 120, 700 linhas por minuto.”²⁵² Toda esta agilidade tecnológica exigia uma cobertura jornalística mais atenta com o cotidiano das

²⁵¹ Ver em: BREVE EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO SISTEMA EDUCACIONAL. OEI/MEC. Disponível em: <<http://www.oei.es/quipu/brasil/historia.pdf>>. P. 24. Acesso em: 16/06/2015. Ainda de acordo com este documento, “(...) tal ensino incentivou a matrícula em cursos profissionais ou pré-profissionais de nível primário. As classes de supletivo e as de ensino complementar (pré- profissional e profissional) em conjunto foram freqüentadas por mais de 400 mil alunos cada ano, por treze anos consecutivos. Assim, o supletivo composto por duas séries escolares, entre 1947 e 1959, alfabetizou cerca de 5,2 milhões de alunos (...). A taxa de analfabetos que, em 1950, era de 50%, atingiu 33,1% em 1970. Assim, as mudanças foram sensíveis: a população total quase atingiu a casa dos 100 milhões, a população urbana cresceu e o índice de alfabetização acompanhou a modificação do perfil populacional.” P. 24. Outro estudo bem importante e que vai ao encontro destas reflexões pode ser visto em: PINTO, José Marcelino de Rezende; BRANT, Liliane Lúcia Nunes de Aranha Oliveira; SAMPAIO, Carlos Eduardo Moreno e PASCUM, Ana Roberta Pati. Um Olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, V. 81, n.º 199, setembro/dezembro 2000. P. 511-524. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/137/137>>. Acesso em: 16/06/2015.

²⁵² KLÖCKNER, Luciano. *Op. Cit.* P. 145. A título de esclarecimento, a linotipo é uma máquina criada no final do século XIX pelo alemão Ottmar Mergenthaler, que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos. Apesar de ainda utilizada em pequenas gráficas, foi substituída pela técnica de *offset*.

ações humanas mais próximas do leitor, assim como a continuidade, porém mais aprofundada das grandes questões nacionais e internacionais.

No aspecto mais analítico da produção dos textos deste período, nos chama a atenção por meio do trabalho de Marialva Barbosa, uma característica bem interessante nos principais jornais: a ideia de objetividade e neutralidade.²⁵³ De acordo com esta autora, “O que se procurava construir naquele momento é a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a autoconstrução da legitimidade da própria profissão.”²⁵⁴ Desta forma, os jornais passaram a impor técnicas de redação, inclusive com proposição de manuais para tanto, que tornassem o jornalismo o local de apreensão direta e objetiva da realidade que o cercava. Em resumo, a modernidade da narrativa jornalística fora interpretada e executada como um caminho de distanciamento da narrativa literária e, por sua vez, longe da criatividade e imaginação subjetiva e ficcional.²⁵⁵

Todavia, e é o que nos propomos a estudar neste trabalho, a crônica urbana e esportiva (especialmente esta) ia de encontro a esta orientação redacional e editorial, seja porque tinha a legitimidade da permissão da empresa para ter mais liberdade autoral em relação às demais partes do jornal, principalmente as notícias, seja porque se tratava de um campo já consolidado de mediação híbrida entre o jornalismo e a literatura e, portanto, pétreo para a conformação de uma imprensa como um todo. Como já tratamos, a modernidade sustentada pela narrativa da crônica caminhava, desde a década de 1940, como o espaço para a imaginação e criatividade subjetiva do autor, sem grandes pretensões em acompanhar a onda objetiva e neutra que atingia a grande imprensa.

Desta forma, tanto o discurso jornalístico como a crônica, tornavam-se caminhos de leitura de uma realidade e, principalmente, de uma interpretação de sociedade a partir de um olhar específico – o da imprensa, que se autodenominava como a legítima instituição capaz de registrar, publicizar e, por vezes, analisar os fatos e construir pretensamente uma verdade. Para tanto, de acordo com Barbosa, “O que os jornais pretendem é não apenas atuar no campo político, lugar onde se geram problemas, programas, análises, comentários, conceitos e

²⁵³ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P. 150.

²⁵⁴ *Ibidem*. P. 150.

²⁵⁵ Outro importante trabalho que vai nesta linha de raciocínio é o de RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História. Imprensa do Rio de Janeiro de 1950*. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2000. Tese de Doutorado em Comunicação.

acontecimentos, entre os quais os ‘consumidores’ devem escolher, mas, sobretudo, conseguir mobilização cada vez maior do público”.²⁵⁶ A conquista por audiência passava não só por uma garantia de manutenção da empresa e dos seus respectivos postos de emprego, mas a de sustentação institucional de porta-voz da sociedade. Daí o discurso de neutralidade, objetividade e imparcialidade serem lemas de uma modernidade jornalística que avançava pelas redações dos jornais. Não só como prática de exercício profissional, mas também como próprio símbolo de uma modernidade mais geral.²⁵⁷

Para termos uma ideia mais ampla do mercado da imprensa, no caso os jornais diários, da cidade do Rio de Janeiro, recorremos aos trabalhos de Barbosa e Goulart, para descobrirmos os títulos e as suas respectivas circulações. Ao todo, tínhamos no início da década de 1950, 18 títulos (13 matutinos e 5 vespertinos) com uma tiragem total de 1.245.335 exemplares.²⁵⁸ Dentro desta lógica industrial e empresarial, podemos, então, compreender o periódico de nossa pesquisa.

2.3 “ARRUMANDO A CASA”: UMA ANÁLISE INTERNA DO JS NOS ANOS 1950

Compreender o jornalismo esportivo na década de 1950 passa necessariamente por entender o avanço de uma indústria da cultura de massas, assim como uma indústria do entretenimento. A oferta de lazer e cultura avança na sociedade brasileira, contando com o otimismo empresarial, apesar de a situação socioeconômica inspirar desconfiança da população por conta das altas taxas de inflação do período. Os clubes e torneios ganharam cada vez mais popularidade e o grande marco entre a década de 1940 e 1950 seria justamente a formação de públicos maiores, torcidas organizadas e, sem dúvida, toda a expectativa e preparação para a Copa do Mundo de 1950 disputada no Brasil. Desta forma, seja no âmbito da cidade do Rio de Janeiro (com a disputa do campeonato carioca, entre os grandes clubes e

²⁵⁶ BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* P. 153.

²⁵⁷ *Ibidem.* P. 153. Para esta autora, “Nada melhor também para conseguir audiência do que divulgar ao extremo que produzem um discurso que apenas espelha o mundo. E conseguir audiência é sempre conseguir poder”. P. 153.

²⁵⁸ *Ibidem.* P. 154 e 155. Esta mesma autora, a partir de dados da UNESCO de 1951, nos traz um dado muito importante à guisa de comparação: no Brasil inteiro existiam 230 jornais com 5.750.000 de exemplares. A partir deste dado, podemos compreender a importância significativa da imprensa carioca em termos de produção, diversidade e regularidade no espectro nacional do jornalismo.

os considerados pequenos, dos subúrbios); seja na disputa de amistosos e torneios envolvendo os clubes brasileiros ou mesmo na continuidade do chamado campeonato brasileiro ou ainda nos jogos disputados pela seleção brasileira, o futebol invadia as páginas dos grandes jornais brasileiros, criando uma necessidade perene de publicar as notícias em torno deste esporte.²⁵⁹ Destaque-se também, apesar da pouca adesão e da resistência da grande imprensa em noticiar outras modalidades, o desenvolvimento e organização dos demais esportes, como o basquetebol, o atletismo, a natação e o automobilismo, dentre outros, sem falar na manutenção da importância que o turfe tinha, principalmente porque envolvia o sistema de apostas nos páreos.

Portanto, o *JS* já estava consolidado como um periódico que procurava ampliar a visão de noticiar o mundo poliesportivo, tendo o futebol como sua principal “estrela”. E, para tanto, utilizava artifícios que já eram conhecidas pelo grande público leitor nas páginas policiais dos demais jornais: o uso e abuso do exagero, da exclamação e da maximização ao extremo da importância das notícias para a sociedade carioca.

Manchetes que gritam: o esporte em ação

Um dos elementos mais importantes dos jornais que se posicionaram com um modelo mais sensacionalista entre os anos de 1930 e 1950 foi a manchete. Ao longo dos anos 1920 e 1930, a proposta de alguns periódicos era justamente utilizar a chamada da primeira página para chocar e/ou alertar o leitor com um grave problema, geralmente uma tragédia, seja ela ocasionada por um acidente, seja por um crime (e neste caso, o uso da passionalidade e da emoção, eram ingredientes fortes para a escolha da chamada principal).

Obviamente, estas mudanças iam ao encontro de uma vida cotidiana e urbana cada vez mais associada a um ritmo acelerado e dinâmico de sociedade, com mudanças significativas nos transportes, nas comunicações, nas malhas urbanas, nas relações de trabalho e nos comportamentos. De acordo com Tania Regina de Luca, “Eficiência, pressa, velocidade

²⁵⁹ Informamos que dentro desta iniciativa de ampliar o campo de notícias em torno do esporte e também do reconhecimento das práticas desportivas em várias partes da cidade do Rio de Janeiro, o *JS* noticiava os campeonatos e torneios dos clubes e ligas suburbanas. Quanto ao campeonato brasileiro, trata-se aqui, na verdade do campeonato brasileiro de seleções, envolvendo equipes de futebol formadas por representantes dos estados e das federações estaduais. O primeiro campeonato data do ano de 1925, tendo sido vencida por São Paulo.

e mobilidade tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano, e a imprensa tomou parte ativa nesse processo de aceleração”.²⁶⁰ Portanto, o recurso à mensagem extrema, exclamativa e chamativa, traduzida no formato destas novas manchetes, cabia em um contexto mais geral e abrangente, do qual podemos incluir as transformações que passavam as grandes cidades, como o Rio de Janeiro. Inclusive, podemos acrescentar neste rol de mudanças as novas estratégias de publicidade que seriam mais desenvolvidas a partir da década de 1950 (com a criação de agências específicas para tanto).

Desta forma, neste contexto crescente de mudanças estruturais, sociais e comportamentais na cidade, a imprensa reage e interage com estes apelos à emotividade rápida e às subjetividades que seriam exploradas, tendo como fim a procura de uma venda mais crescente dos jornais. Os esportes, então, propícios para os usos da imprensa no sentido de dialogar com estas emoções, sentimentos e sensações também fizeram uso desta estratégia de apresentação das notícias. Lembramos que o *JS* mesmo antes da gestão de Mário Filho (que ocorreu a partir de 1936), já utilizava este recurso.²⁶¹ Interessante é perceber que mesmo quando o assunto não era uma decisão de um torneio, campeonato ou competição importante, o apelo às manchetes “garrafais” era uma constante nas primeiras páginas. Mas, em casos inversos, em momentos decisivos e derradeiros de eventos esportivos, inclusive para acompanhar o aumento nas vendas nestes momentos, o capricho com a diagramação visual do jornal era mais fácil de ser reconhecido. Como exemplo deste formato, podemos citar a chamada que trata da fase final do primeiro campeonato mundial de basquetebol, realizado na Argentina em 1950:

ESFORÇO EXAUSTIVO!

Jogarão Os Basketballers, Seguidamente, De 29 a 31. E, Depois, A 2 E 3 De Novembro

Buenos Aires, 26 (De Melo Junior, enviado especial de JORNAL DOS SPORTS, via Western)

Verdadeira maratona será a parte final do Campeonato Mundial, com vários concorrentes, como Brasil e Argentina, atuando três e quatro dias consecutivos. Trata-se de um esforço verdadeiramente exaustivo, e que exigirá de todas as equipes colocadas nesta situação, grandes dispêndios de energia e vitalidade.

²⁶⁰ LUCA, Tania Regina de. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. P. 150.

²⁶¹ Conforme COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.*

Para acentuar o esforço que nossa equipe terá de fazer, basta verificar-se que o Brasil enfrentará no domingo, 29, a equipe dos Estados Unidos, e a 30, a da Argentina, exatamente os dois mais perigosos e fortes competidores do campeonato, voltando à quadra, a 31, para lutar com o Egito. (...) ²⁶²

Chama-nos a atenção a forma como o *lead* era impresso, com todas as palavras iniciadas em letras maiúsculas mesmo as de ligação (“E”) ou preposição (“De”). Entendemos também como uma forma de manter a exclamação da notícia. Neste caso, o que se tornava mais importante na proposição da notícia era a continuidade da cobertura do evento, já que na edição anterior, o destaque seria a estreia e a vitória brasileira sobre o Peru. ²⁶³ O desafio daí para diante era criar uma expectativa em torno da participação brasileira, que apesar de não ser favorita, poderia fazer uma boa campanha. O que publicar, então, além dos resultados e das informações acerca da seleção brasileira? Como tornar a notícia esportiva mais interessante para os leitores (principalmente porque o tema futebol dominava as maiores notícias)? Neste caso, a intenção não era exatamente deixar a discussão em torno da identidade nacional de lado, mas, sim, agregar a isso a capacidade do atleta em dispor de energia e vitalidade para conquistar um determinado objetivo. Tornar o jogador de basquete próximo de um personagem mítico, super-humano devido às exigências do referido torneio, possibilitava maximizar seus feitos, independente do resultado obtido. Ao fazer isto, havia uma mistura de identificação do leitor com as dificuldades do dia a dia do trabalhador com a valorização da capacidade de superação humana.

Outro bom exemplo desta estratégia do *JS* pode ser visto na publicação de 17 de novembro de 1950, acerca de uma punição imposta a um jogador do Flamengo:

SUSPENSO JUVENAL POR 15 DIAS!

Motivo: Indisciplina Técnica do Zagueiro

²⁶² MELO JUNIOR. Esforço Exaustivo! *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.498, 27 de outubro de 1950. P. 1.

²⁶³ MELO JUNIOR. Estreou Vencendo o Brasil! *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.497, 26 de outubro de 1950. P. 1. Cabe lembrar que a fórmula de disputa deste campeonato era mais curta e a vitória na fase preliminar poderia encaminhar o vencedor para a fase final. O torneio apresentava uma série de repescagens, tornando a compreensão da competição um tanto quanto confusa. Mais detalhes sobre ela, ver: FIBA. *FIBA World Championships History*. Disponível em: <http://www.fiba.com/downloads/v3_abouFiba/mp/FIBA_world_championships_history.pdf>. Acesso em: 03/07/2015.

O D.T. Do Flamengo Não Se Conformou Com Suas Atitudes No Match Com O Grêmio De Porto Alegre

Juvenal vem jogando bem no Flamengo. Havia tido porém um período negativo, quando sua disciplina deixou muito a desejar. Ultimamente, entretanto, a eficiência da defesa se baseava muito em sua regularidade. Mas, no encontro de quarta-feira, com o Grêmio o atlético zagueiro sulino empenhando-se em fugir da derrota, à certa altura do encontro, por sua conta e risco, deslocou-se para centro-avante, passando Dequinha para back e Hélio para center-half. Mas, como não podia deixar de acontecer, tal fato não deu resultado favorável: ao contrário, acabou redundando no terceiro goal dos “gremistas”.

Indisciplina Técnica

Quando deixava o campo Juvenal teve forte desentendimento com Hélio. E por pouco não foram às vias de fato, (...).²⁶⁴

Como de hábito, o *JS* explorava as jornadas esportivas sob uma ótica individual, elemento que percebemos em toda a sua linha editorial, desde as crônicas, editoriais e nas próprias matérias principais (como, neste caso, na composição das manchetes e dos *leads*). O tom disciplinar de relatar os fatos ocorridos na partida entre Flamengo e Grêmio não esconde as qualidades do jogador, descrito como atlético, voluntarioso e incapaz de não desistir de vencer a partida ou de pelo menos, não perdê-la. No entanto, a manchete destacava justamente a punição como característica principal, de consequência de um ato imprudente e, de acordo com o jornal, alheio ao universo do futebol; uma forma de moldar o comportamento das massas por meio de um discurso ordenador. Apesar do constante discurso em torno da disciplina, da ordem e do respeito às regras e instituições organizativas do esporte, os fatos que iam de encontro a este discurso, eram muito explorados e divulgados em destaque, porque proporcionavam um diálogo mais direto com o leitor.²⁶⁵ Lembramos mais uma vez, a capacidade de circulação e vendagem dos jornais que tinham no sensacionalismo, principalmente por meio da valorização dos temas ligados aos desastres e à violência (como nos jornais *O Dia* e *Última hora*, por exemplos).²⁶⁶ Estes jornais, que iniciavam seus trabalhos na década de 1950, se apropriavam de uma experiência bem sucedida de outros

²⁶⁴ SUSPENSO Juvenal por 15 Dias! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.515, 17 de novembro de 1950. P. 1.

²⁶⁵ Outro exemplo desta orientação editorial, pode ser visto na edição n.º 6.516, de 18 de novembro de 1950 com uma manchete bem semelhante: “SUSPENSO ZIZINHO POR DOIS JOGOS”. Neste caso, o jogador do Bangu fora suspenso por ter ignorado o apito do árbitro de paralisação em uma jogada e concluíra a mesma, chutando a bola para o fundo das redes. SUSPENSO Zizinho Por Dois Jogos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.516, 18 de novembro de 1950. P. 1 e 6.

²⁶⁶ SIQUEIRA, Carla. *Op. Cit.*

periódicos, que a partir da década de 1920 tinham esta linha editorial como mote (um bom exemplo é o jornal *A Manhã*, criado por Mário Rodrigues, pai de Mário Filho).

Estratégias de venda, técnicas subjetivas e opção pela exploração das emoções e sensibilidades, além da valorização das histórias e fatos em torno de indivíduos, heróis ou vilões (ou os dois, dependendo de como é contada a história) tornavam as manchetes uma apresentação de um periódico que visava amplificar a importância do mundo dos esportes. Não uma visão qualquer, mas uma que se identificava na relação entre as questões nacionais e os debates mais locais. Desta forma, cabe-nos compreender nesta mesma linha de raciocínio os principais textos e crônicas assinadas por seu proprietário, Mário Filho, para continuarmos nossa investigação e na compreensão do *JS* e suas demais crônicas.

Mário Filho: personalismo e visão mítica do futebol

Nossa pesquisa vem insistindo em reconhecermos não só a importância do *JS* como periódico especializado e antenado com as principais discussões sobre o esporte, e deste com outras questões como a identidade nacional e a regional, a visão de futebol, a disciplinarização e organização das práticas esportivas, dentre outros temas; assim como, para tanto, o quanto as crônicas possibilitaram avançar nesta direção, ou seja, na ideia do jornal autodeclarar-se como uma espécie de paladino da modernidade. Desta forma, como textos híbridos entre a literatura e o jornalismo, as crônicas tornavam-se lugar do debate esportivo recheado de subjetividades, em um universo da grande imprensa que era tomado pelas exigências dos manuais de objetividade, neutralidade e imparcialidade.

Uma de nossas principais hipóteses, senão a maior delas, é a de que é um equívoco acreditar que a imprensa esportiva, ou mesmo o cronismo esportivo, seria redefinido por Mário Filho nos periódicos em que atuara, principalmente no *JS*, relegando aos demais autores como meros protagonistas em seu trabalho. Ao analisarmos os textos destes cronistas conhecemos uma variedade de estilos narrativos e de interpretação sobre o campo esportivo e eles, também, mantinham uma periodicidade regular de produção, mesmo antes da gestão de Mário Filho.

Todavia, nem de longe podemos minimizar a importância deste jornalista na história da imprensa esportiva brasileira e, para tanto, podemos analisar a partir daqui alguns textos importantes que foram publicados no *JS* e que demonstram, dentre outras características, a tentativa de explicar o futebol brasileiro (seja nas suas origens, seja no seu desenvolvimento). Porém, diferentemente das décadas de 1930 e 1940, quando Mário Filho assinava o editorial do *JS*, denominado “Críticas e Sugestões” (que aliás fora criado por Argemiro Bulcão, em 1931, na primeira gestão do jornal), na década de 1950 o diretor assinava grandes matérias, sejam textos de caráter mais geral e/ou nacional, ou alguma questão mais pontual sobre o campeonato do Rio de Janeiro, por exemplo. Todavia, em ambos os casos, o formato para tanto poderia ser por meio de grandes reportagens ou de crônicas, separadas por parágrafos como no modelo que era apresentado em *O Globo Sportivo*.

À guisa de entendermos mais estes modelos, seguimos com o exemplo abaixo:

O Football como Profissão (2)

Assim nasceu o marronismo que afastou ainda mais o estudante e o rapaz de boa família dos campos de football. Sendo que muito rapaz fino se tornou, estudante e tudo, amador marrom, recebendo bicho e se blasonava do amador. Mesmo assim, já pagando, embora às escondidas, os clubes tiveram de ceder mais. Havia os clubes que só admitiam brancos no team e que começaram a perder campeonatos. (...) ²⁶⁷

O texto de Mário Filho seguiria dando vários exemplos, passando em revista os times campeões do campeonato carioca a partir de 1923, a vitória do Vasco com uma equipe composta por negros e mulatos. A discussão do autor, mais do que de distinção racial, é sobre o profissionalismo e como as novas relações de trabalho no mundo do futebol brasileiro, possibilitou um avanço significativo para a melhoria e desenvolvimento deste esporte. Porém, o cronista diverge da ampla maioria da imprensa defensora do profissionalismo em um ponto significativo: o atleta, infelizmente, seria tratado como um empregado e não como um desportista. Ou seja, o caráter subjetivo, emotivo e lúdico do esporte seria abandonado por uma nova relação de trabalho. O interessante é perceber que Mário Filho fazia esta crítica

²⁶⁷ RODRIGUES FILHO, Mário. O Football como Profissão (2). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.878, 27 de janeiro de 1952. P. 9.

sem, todavia, defender o amadorismo como era nos primórdios do futebol, tendo em vista o seu caráter elitista.

Desta forma, o autor aponta que:

(...) O profissionalismo devia ser uma evolução natural do desenvolvimento de um esporte. Não foi compreendido dessa maneira. Os clubes queriam exigir mais dos jogadores e não podiam exigir mais porque os jogadores já na sua maioria marrons, posavam de amadores. De amadores que viviam a se queixar de ingratidão dos clubes. Então a solução era pagar para exigir. O jogador seria um empregado do clube. Esta expressão empregado foi usada oficialmente. O profissional não seria sócio do clube, não poderia ser sócio do clube: era um empregado. E quem dizia isso muitas vezes era um empregado. Não de um clube mas de uma firma. Usava-se a expressão empregado no pior sentido. Por isso muito jogador marrom ficou com vergonha de se tornar profissional. Poucos amadores assinaram um contrato. Mesmo pobre, precisando de dinheiro. E o curioso é que os que assinaram contrato, entre os de boa família, como se dizia, eram estudantes. Estudantes pobres que queriam terminar os seus estudos. Os que não estudavam nem trabalhavam, mas que eram tidos por finos, de boa família, preferiram ficar como estavam. Foi isso que dificultou uma compreensão do profissionalismo. Que fez o football ser olhado como uma profissão. Como um emprego. Como um trabalho. Qual é o trabalho do jogador de football? É conservar a melhor saúde, o melhor estado atlético, é apurar todas as virtudes físicas e técnicas para poder dar o maior e o melhor esforço para a vitória do clube. Sem o profissionalismo os jogadores de football não cuidariam tanto de sua saúde. Nem se submetiam aos monótonos treinos individuais. Talvez brincassem mais com a bola. É o que não se quer entender: o jogador de football ama o football. Não saberia viver sem ele. Se não lhe pagassem jogaria da mesma forma. Mas acabaria tuberculoso. Como tanto jogador dos tempos do amadorismo. Mal comido, mal dormido, mal treinado. Mas que não resistia ver uma bola. Têm-se a impressão falsa de que o jogador profissional só joga por dinheiro. Quanto maior for o jogador mais gosta do football. De brincar com a bola. Quem passar num sábado à tarde por Copacabana há de ver jogador que tem de atuar no dia seguinte correndo atrás de uma bola numa pelada da praia. Ali ele não ganha nada e joga com o mesmo entusiasmo. Por isso os clubes tomam tanta conta dos jogadores. Para que eles não se cansem à toa.²⁶⁸

A explicação do texto gira acerca do futebol brasileiro e dos ganhos e perdas com a chegada do profissionalismo no esporte. A ideia de recriação de uma memória do futebol seria uma das principais características deste cronista, o que o levaria a inventar uma série de mitos ao longo de sua carreira.²⁶⁹ Chama-nos a atenção também a proposta de trazer o leitor para o

²⁶⁸ *Ibidem*. P. 9.

²⁶⁹ Parte destes mitos, principalmente aqueles publicados em *O Globo* e *O Globo Sportivo* seria publicado no livro que se tornou clássico nos estudos sobre o futebol: RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 4ª ed. Um olhar crítico sobre esta obra pode ser visto em: SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, 1999, n.º 23. P. 119-146. Este artigo assim como outros, também podem ser vistos em: HELAL, Ronaldo;

universo das sensações e emoções que os esportes podem trazer. O amor pela bola, assim como a paixão do torcedor é trazida ao debate, sem necessariamente precisar de explicações racionais. O racionalismo, todavia, está presente no texto a partir da defesa da saúde do atleta que veio com o profissionalismo do futebol, de acordo com o autor. Mais abaixo, na continuação do texto, o “amor” à bola e ao jogo, mais do que o próprio dinheiro são elementos de continuidade do bom futebol. Ingredientes que seriam reconhecidos pelos próprios torcedores que iriam para os estádios em busca de uma arte, de uma prática corporal lúdica. Ou seja, o profissionalismo não substituiria de forma alguma as emoções e devoções do atleta em torno do esporte e sim ampliaria estas capacidades por conta do aumento do público e das idolatrias decorrentes destas paixões. Outra chave de compreensão das crônicas esportivas é o uso de pontos geográficos da cidade do Rio de Janeiro, como propósito de mapear as áreas que compunham a urbanidade desportiva assim como de trazer a cidade para dentro da discussão em torno dos esportes. A Praia de Copacabana, por exemplo, é este *locus* utilizado no texto e é levada ao leitor como espaço próximo de sua memória e vida cotidianas.

(...) Há quem se escandalize vendo nesse desperdício de energia uma absoluta falta de responsabilidade. Mais do que falta de responsabilidade é amor à bola, ao football. No fundo a maior diferença que existe entre um amador e um profissional é que o amador ama o clube, o profissional ama o football.

(...) A maioria absoluta não quer ouvir falar em dinheiro na hora de um match. Um diretor chega, começa a falar no bicho, o jogador levanta os braços: Pelo amor de Deus, não fale em dinheiro. É como se o dinheiro estragasse tudo ou desse azar. Depois sim, depois da vitória o jogador pode até achar pouco, pode resmungar. Geralmente não resmunga: o clube manifesta a sua gratidão de todas as formas. O jogador recebe quase sempre mais do que espera. Porque há sócio que não resiste, que dá um agrado a um, a outro. Para que o jogador fique mais do clube, saiba que tem amigos no clube. Não há diferença no entusiasmo despertado pelas vitórias do tempo do amadorismo e as de hoje, em pleno profissionalismo. E se houver é a favor do profissionalismo que popularizou ainda mais o football, que arrasta cada vez mais multidões aos estádios. O football é a paixão do povo e o povo sabe que com o profissionalismo os jogadores podem viver para o football. E a verdade é esta: os jogadores, por mais que ganhem, vivem mais para o football do que do football.²⁷⁰

SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

²⁷⁰ RODRIGUES FILHO, Mário. O Football como Profissão (2). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.878, 27 de janeiro de 1952. P. 9 e 10.

Por fim e não menos importante, temos uma estratégia narrativa de usar possíveis diálogos e reações dos personagens envolvidos (mesmo quando estes não estão devidamente nominados, como no texto acima), como se o diálogo entre eles pudessem ser ouvidos pelos leitores. O narrador/cronista torna-se então praticamente um confidente, uma testemunha de uma conversa que, de fato, não ocorreu.

Podemos dar outro exemplo com uma estrutura textual bem parecida: uma história envolvendo o esporte, subdividida em várias partes e tendo como foco o chamamento de uma memória espacial do leitor e, ainda, a descrição de uma possível fala dos personagens descritos:

A República Paz e Amor (1)

Ainda peguei a velha garage do Flamengo. Passava por lá, de quando em quando, espiava pela porta grande, sempre aberta, entre duas janelas. Por fora nada mudara. O prédio tinha dois andares, via-se bem o primeiro, de três janelas, o segundo ficava um pouco recuado. A garage era em baixo, os barcos pareciam dormir um sono pesado, emborcados nos altos cavaletes. Era a velha garage e não era. De manhã cedo os remadores carregavam os barcos para a rampa, de noite o grupo de vime do “hall”, um sofá, três ou quatro cadeiras, ia para a calçada. Pela calçada, porém, passeavam moças de braço dado, despreocupadas. Em outros tempos, o ponto terminal do “footing” das moças era uns três prédios antes. Contava-se uma porção de coisas da gente que vivia no número 22. Era tudo verdade. Tão verdade que o colégio de freiras, que ficava pegado, se mudara.²⁷¹

Aqui, o autor tratava de uma descrição cuidadosa da primeira sede do Flamengo, localizada no número 22 da Praia do Flamengo. Mário Filho se autoprotomava como uma testemunha do cotidiano não só dos remadores e de suas práticas esportivas, mas do cotidiano do carioca e das relações humanas, urbanas e amorosas travadas no mesmo. Conforme podemos observar, na continuação do texto, há um avanço narrativo em relação à descrição, quando os próprios fatos são rememorados com detalhes de testemunha ocular, do qual o enunciatário tenta convencer:

Também os remadores do Flamengo gostavam de andar nus pelo quintal. Alguns trepavam nas árvores. Os galhos se curvavam, era a hora do recreio no colégio de

²⁷¹ RODRIGUES FILHO, Mário. A República Paz e Amor (1). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.122, 13 de novembro de 1952. P. 5.

freiras, as irmãs olhavam para cima, mandavam as meninas e as moças baixar os olhos. “Não olhem, não olhem”. Pobres irmãs! E o pior é que elas sabiam que aquelas almas do 22 não estavam inteiramente perdidas. Uma vez o mar crescera, parecia que a terra ficava cá em baixo, e o mar lá em cima. As ondas iam bater na porta do colégio, não havia mais praia, nem avenida, nem calçada nem nada, só havia mar. As irmãs juntaram as mãos, levantaram os olhos para o céu. E o milagre se fez. Aquela gente do 22, que parecia sem coração, apareceu com barcos para levar as irmãs e as meninas e as moças para longe dali, para um lugar seguro. (...) ²⁷²

Tal fato relatado por Mário Filho teria ocorrido na primeira década do século XX e por que está sendo contado nos anos 1950? A ideia de hegemonia de uma memória transformou o grupo de remadores, desconfiados pela sociedade conservadora de então, em heróis e esta mesma história é contada e recontada até hoje pelos historiadores e memorialistas do Flamengo. Verdade ou mito ²⁷³, devemos nos ater ao texto e aos diálogos reconstruídos quase quarenta anos depois, que nos dá a sensação de uma temporalidade subvertida, como se a praia que está bem ali, próxima do leitor, fosse uma chave espacial para compreender o tempo. Um tempo próximo de quem está lendo mesmo quando se trata de uma memória distante.

Enfim, tratamos aqui de alguns principais elementos das crônicas como um todo, além de reconhecer nos textos de Mário Filho, traços de uma narrativa peculiar do autor e do próprio jornal, que apesar de influenciar os demais cronistas, também se deixava absorver pelas questões tratadas por aqueles, numa relação dialética e dialógica, mas não necessariamente de hierarquia, como veremos ao analisar suas respectivas obras no capítulo seguinte. Para reafirmar a nossa argumentação, trazemos à tona a análise de Freitas Junior sobre esta interação/discordância de Mário Filho com os demais cronistas do *JS*:

As crônicas de Mario Filho constantemente fomentavam polêmicas. Inúmeras vezes, isso aconteceu entre os próprios literatos do Jornal dos Sports, que apresentavam posicionamentos conflitantes sobre uma determinada temática. Hipoteticamente, pode-se acreditar em duas possibilidades: 1) as polêmicas internas eram mais uma das estratégias desse articulista e empresário, visando garantir a atenção dos leitores; 2) o Jornal dos Sports era realmente um periódico

²⁷² *Ibidem*. P. 5.

²⁷³ De acordo com Mora, o conceito de mito compreende: “(...) um relato de algo fabuloso que se supõe ter acontecido num passado remoto e quase sempre impreciso. Os mitos podem referir-se a grandes feitos heróicos (no sentido grego de heróicos) que são considerados, com frequência, como o fundamento e o começo da história de uma comunidade ou do gênero humano em questão. (...)” Fonte: MORA, José Ferrater. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998. P. 478.

democrático, em que os articulistas tinham liberdade de expressão, independente do posicionamento adotado.²⁷⁴

Levando-se em conta a multiplicidade e diversidade de origens formativas dos cronistas e suas respectivas intencionalidades, ficaremos neste trabalho com o apoio à segunda hipótese, sem, todavia, compreender que a primeira não necessita ser esquecida. Com o intuito de aprofundarmos este debate e conhecermos os quadros dos cronistas que atuavam no jornal, propomos conhecê-los minimamente no capítulo seguinte.

²⁷⁴ FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *No Meio do Caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Curitiba: UFPR, 2009. Tese de Doutorado em História. P. 202.

3 OS DONOS DAS LETRAS – CRONISTAS ESPORTIVOS EM FOCO

Chegamos até aqui pensando não somente nas características e nuances do nosso objeto e fonte de pesquisa, as crônicas esportivas, mas também em que conjuntura histórica e editorial elas eram publicadas, ou seja, como era o jornal em que os textos eram parte integrante e importante do mesmo, assim como foi relevante conhecer um breve panorama deste tipo de produção literária e jornalística na cidade do Rio de Janeiro.

A partir de agora, poderemos refletir, finalmente, sobre a produção dos nossos cronistas do *JS* e, desta forma, traçar um quadro das principais formas de estilos textuais das crônicas e dos cronistas no referido jornal. Apesar da orientação editorial do *JS* voltada para uma defesa irrestrita do esporte organizado e dos interesses dos clubes do Rio de Janeiro, dentre outras campanhas do jornal, podemos perceber a forma autônoma dos cronistas de contar boas histórias e, portanto, de criar representações culturais e sociais em torno do universo esportivo.

Desta forma, procuramos trabalhar com os cronistas que mais se destacavam no *JS*, seja pelo estilo diferenciado dos seus respectivos textos, seja pela experiência no trabalho desde a década de 1940 (e, portanto, levamos em conta a longevidade do seu ofício), ou ainda pela importância que tinham no mundo do dirigismo esportivo, da política e da literatura. Não foi um processo fácil a escolha e a delimitação dos cronistas pesquisados. Apoiados em nossa hipótese de acessar e analisar a produção destes autores e contextualizadas com o seu fazer subjetivo híbrido, sabíamos que não poderíamos trabalhar com todos nesta pesquisa e, desta forma, deixaríamos de fora do nosso olhar, outros autores relevantes e que muito contribuíram para a elevação do jornal a se tornar um dos principais na imprensa esportiva brasileira. Portanto, apesar das escolhas, comuns em qualquer trabalho acadêmico, chamo a atenção para um quantidade significativa de cronistas que não foram selecionados nesta pesquisa, mas que merecem um aprofundamento sobre suas respectivas produções em trabalhos posteriores.²⁷⁵

²⁷⁵ Cabe informar que apesar do *JS* ser um jornal esportivo importante na história brasileira, surpreendentemente existem poucos trabalhos sobre o mesmo. Desta forma, nos apoiamos nos trabalhos de COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* e de HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

Porém, antes de iniciarmos o nosso mergulho pela vida e obra dos cronistas, principalmente nas obras que eram publicadas no *JS*, precisamos refletir, mesmo que brevemente, sobre a importância da relação entre História e a biografia de determinados personagens. Mesmo que a nossa intenção não seja inicialmente aprofundar a biografia dos cronistas e mais precisamente suas obras em determinado periódico, faz-se necessário entender a contribuição desta relação entre a subjetividade proposta pelo indivíduo e a compreensão histórica de uma determinada realidade. Alguns autores, então, nos favorecem com esta análise, nos convencendo da necessidade de mais atenção metodológica sobre as fontes que nos ajudam a reconstruir uma conjuntura histórica.

Como já vimos, percorrer os caminhos híbridos entre a comunicação e a literatura, sem falar nas possibilidades de compreender um pouco mais o fenômeno esportivo, é um dos objetivos de nosso trabalho ao optar pela análise desta rica fonte não só de histórias cotidianas, como da própria disciplina histórica. Todavia, antes de apresentarmos alguns exemplos de nossas fontes com a discussão em torno de determinadas crônicas, faz-se necessário identificar e discutir alguns elementos importantes para a nossa pesquisa. Iniciaremos, portanto, com a questão da relação entre História e biografia.

3.1 APONTAMENTOS BREVES SOBRE HISTÓRIA E BIOGRAFIA

Neste item não pretendemos escrever biografias de nossos cronistas mas, sim, utilizarmos alguns dados biográficos dos autores (históricos e literários) além de nos apropriarmos de algumas discussões importantes para a compreensão dos nossos objetos de análise. Se as nossas fontes históricas, as crônicas, são produtos de determinados indivíduos e inseridos em uma dada conjuntura, estes por sua vez dialogam não só com a realidade que procuram retratar, mas, principalmente, com seu público leitor.

Cabem então algumas questões importantes como, por exemplo: quem são estes sujeitos? Como se inter-relacionam com os seus pares? Aliás, quem são seus pares?

Se podemos entender, mesmo que de forma breve, as intencionalidades destes atores sociais, ainda nos cabe compreender um pouco mais sobre suas funções e ocupações sociais para além do jornal. A maioria destes homens, como já informamos, tinha uma série de ocupações e funções sociais e, a partir desta diversidade ocupacional e também cultural, poderiam construir um conjunto de textos com semelhanças e diferenças, enriquecendo o diálogo e a própria discussão entre eles. É justamente nesta diversidade e no debate intersubjetivo, que o crescimento do interesse pela leitura e debate sobre as crônicas esportivas encontravam no *JS* um palco por excelência.

Em quem medida, porém, o interesse pelos estudos biográficos se articula com o nosso trabalho, principalmente se já declaramos que não faremos exatamente uma biografia de nossos objetos/sujeitos de análise? Para tentar responder a esta questão, nos apropriamos de uma classificação de biografias realizada por Jacques Revel.²⁷⁶ Neste trabalho, chama-nos a atenção dois elementos importantes: o primeiro diz respeito à “biografia reconstruída em contexto”. Segundo Revel: “(...) biografias não são nunca a narrativa de uma trajetória individual estudada por si mesma. Elas consistem antes em interrogar-se sobre o que tornou possível e pensável tal trajetória em um dado contexto que é necessário reconstruir”.²⁷⁷

Desta forma, apesar do nosso foco ser as obras de determinados autores, pensamos que é importante conhecê-los em um contexto mais amplo mesmo porque estamos analisando discursos e narrativas cujas origens nos remetem às subjetividades intrínsecas dos mesmos. No entanto, estas trajetórias pessoais devem ser pensadas em uma conjuntura mais esgarçada, mesmo porque o sujeito só pode ser entendido pela sua relação com os demais, o que nos leva ao conceito de intersubjetividade, que exploraremos mais adiante.

A classificação/explicação de Revel nos remete a uma necessidade de compreender a História como uma ciência que garanta a reconstrução de uma história individual, com toda a importância que esta mesma possui, sem perder de vista as inter(relações) sociais promovidas pelo indivíduo com seus pares e contemporâneos. Pensar biografia, para Revel, e com o qual concordamos, é pensar em sociedade, no coletivo, em não necessariamente, dar conta de uma história pessoal e desfocada do todo.

²⁷⁶ REVEL, Jacques. “A biografia com problema historiográfico”. In: *História e historiografia. Exercícios críticos*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010. P. 235-248.

²⁷⁷ *Ibidem*. P. 244.

Também cabe considerar outros usos do trabalho de Revel como o conceito de “biografia reconstruída a partir de um texto”.²⁷⁸ Apesar do próprio autor nos informar de que esta modalidade é realizada com frequência em textos autobiográficos, o mesmo aponta que nem sempre isto será uma regra. Se pensarmos em nossas fontes de análise, as crônicas, chegamos a uma breve conclusão: de que o texto poderá ser enquadrado como autobiográfico, a partir do princípio de que o processo de criação do texto, as identidades e idiossincrasias construídas pelas palavras, aliás, a própria escolha das mesmas referem-se a uma opção (ou opções) do autor. Se tal assertiva vale para todos os textos, o que dizer de um gênero literário ou híbrido cuja narrativa transita entre a ficção e a realidade e que necessariamente exige do seu autor uma observação atenta do que ocorre ao seu lado, mesmo que este a transforme em outra coisa?

Mais uma vez citando Revel, “O alvo visado é de restituir a espessura social de uma biografia a partir de um texto ou de um *corpus* de textos cuja explicação é buscada através de um trabalho de interpretação contextual”.²⁷⁹ Pensando mais uma vez em nossas crônicas, trataremos os seus autores não somente por suas biografias, ou melhor, não apenas por suas informações biográficas, espaçadas e cheias de interrogações, mas privilegiando as suas obras, suas (re)leituras da cidade e de seus fatos e personagens. As crônicas do *JS* nos possibilitam compreender um pouco mais não só da cidade do Rio de Janeiro, mas também de como parte considerável da imprensa esportiva ressignifica valores cariocas em representações sociais e culturais nacionais.²⁸⁰

Ao seguirmos esta direção, nos apropriamos de um elemento caro para a própria História: a aproximação com os estudos literários. O que queremos dizer é que a nossa disciplina histórica ainda carece de um diálogo maior com a Literatura sem necessariamente pensarmos em uma narrativa histórica idêntica à narrativa literária.²⁸¹ Para tanto, podemos usar o trabalho de Guilherme Pereira das Neves como suporte aos nossos usos (e abusos)

²⁷⁸ *Ibidem*. P. 244.

²⁷⁹ REVEL, Jacques. *Op. Cit.* P. 245.

²⁸⁰ Aqui cabe informar que não só o fato de ser a Capital Federal contribuía para este olhar da imprensa esportiva e mesmo a chamada “grande imprensa”, mas também de como a circularidade das ideias e mentalidades culturais representada pelos eventos que ocorriam na cidade, além de toda a ampliação do campo esportivo, possibilitava a envergadura desta visão cosmopolita.

²⁸¹ Cabe lembrar o trabalho de WHITE, Hayden. *Meta-história. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992. Esta importante obra gerou e ainda gera bastante polêmica por conta da aproximação proposta pelo autor das duas narrativas: histórica e literária/ficcional. Em nossa visão, White incentiva a criatividade do historiador e não propriamente a falência da disciplina histórica enquanto ciência.

biográficos, principalmente quando este autor dialoga neste limite entre História e Literatura.

Para ele:

(...) o que distingue a história da literatura ou, se quisermos, a variedade dos sapos que povoam os jardins imaginários dessas duas criações humanas, são os instrumentos a que historiadores e literatos recorrem para assegurar aquela verossimilhança de que falei. Estes, os literatos, não têm limites para sua fantasia e podem, até mesmo, imaginar situações que nunca existiram, como na ficção científica.²⁸²

Ora, mas e o papel do historiador? Como construir uma narrativa histórica que seja criativa e que ainda possa ser creditada como uma ciência que busca uma verdade? A pergunta, cuja resposta nos parece bem difícil, pode ser pensada com outra orientação de Neves: a de que os historiadores não podem deixar de utilizar um procedimento referencial.²⁸³ Ou seja, o apego às fontes é que nos permite recriar um passado próximo da verdade. Como nos informa este autor: “(...) as fontes não garantem a realidade do passado, mas impedem que se faça do passado *qualquer passado*.”²⁸⁴

Tendo assimilado esta questão, podemos imaginar que podemos trabalhar com textos literários ou híbridos (ou ainda no limiar entre a realidade e a ficção) sem precisarmos nos justificar em relação aos seus usos, desde que os cuidados instrumentais e metodológicos sejam devidamente respeitados. As crônicas são fontes riquíssimas por conta de sua natureza específica e também pela sua capacidade de interação subjetiva com o leitor.

Neves conclui seu trabalho informando que “(...) toda história e toda a literatura é – alargando-se bastante o conceito da palavra – uma biografia, no sentido de que constituem esforços para recuperar o que há de individual, de particular, no *outro*: num indivíduo, sim, mas, também num evento, numa situação, num período.”²⁸⁵

Apesar do próprio aviso do autor de que o conceito foi bastante ampliado, é um ponto para que possamos refletir: se o significado oriundo da língua grega e que quer dizer, no final das contas, de que é a “escrita da vida”, seja de uma ou mais pessoas, a assertiva de Neves faz

²⁸² NEVES, Guilherme Pereira das. *História, teoria e variações*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011. P. 82.

²⁸³ *Ibidem*. P. 82.

²⁸⁴ *Ibidem*. P. 82. Grifo do autor.

²⁸⁵ *Ibidem*. P. 83. Grifo do autor.

bastante sentido, tendo em vista que a História se propõe a contar não qualquer coisa e em qualquer lugar e tempo, mas principalmente a História de alguém, a História dos outros, e, portanto, a História do vivido.

Finalmente, podemos pensar que se as crônicas contam muito sobre os seus respectivos autores, estas mesmas podem nos trazer mais informações ainda sobre a vida de quem é narrado, citado, comentado ou representado nas colunas diárias do *JS*, por exemplo. Pensando neste conceito mais alargado, podemos utilizar as crônicas como fontes para compreender a própria “biografia da cidade” ou, pelo menos, uma história biográfica da vida esportiva desta mesma localidade.

Desta forma, propomos nas páginas seguintes uma análise mais profunda e específica dos textos produzidos por determinados autores do *JS*, tentando compreender do ponto de vista do enunciador a sua visão específica do mundo esportivo que o cercava além de tentarmos comparar as diversas formas narrativas do cronismo neste periódico. Obviamente, por uma questão de fôlego científico, tivemos que optar por alguns autores em detrimento de outros. Nossos critérios de elegibilidade passam pela longevidade dos autores na redação dos textos, os tipos de estilos narrativos (diferenciados, característicos, personalísticos) e a importância do autor em relação ao dirigismo esportivo ou ainda seu posicionamento social em outros ambientes do Rio de Janeiro.

Portanto, apesar de deixarmos de lado outros autores, tivemos o cuidado de pontuar os mais presentes ao longo da década de 1950, sem falar na possibilidade de diálogo entre eles e que, por vezes, geravam debates interessantes sobre determinada questão mais polêmica ou ainda popular entre os leitores. Para tanto, como uma escolha metodológica que fizesse sentido em nossa análise, procuramos separar os cronistas trabalhados aqui em quatro principais grupos: aqueles que chamados de os eruditos literários, os jornalistas/repórteres, os jornalistas mais polêmicos e as mulheres do cronismo. Logo a seguir, vamos dar mais detalhes acerca destas escolhas.

Antes, todavia, e justificando ainda mais as escolhas que fizemos, nos apoiamos no texto de José Carlos Marques, que citando Michel Foucault, nos informa que:

O discurso de um escritor, filósofo ou jornalista atingirá o status da “função autor” se conseguir ser recebido de maneira especial pelo seu público, alcançando, em determinados lugares, um estatuto que o singulariza. O autor define-se, para Foucault, como um campo de coerência teórica ou conceitual, e mantém uma unidade de escrita que, mesmo nas diferenças que provoca, faz-se entender como evolução de seu ato criador.²⁸⁶

3.2 OS LITERATOS E ERUDITOS DO ESPORTE

O regionalista disciplinador do esporte: Manuel Vargas Neto

Antes de mais nada, é preciso pontuar porque informamos Vargas Neto com a alcunha de regionalista no título deste item. Ou seja, de acordo com analistas literários, como, por exemplos, Mário da Silva Brito e Antonio Miranda, o autor em questão pode ser considerado um modelo de poeta regionalista do Rio Grande do Sul, produzindo textos que tinham o objetivo de realçar as características de sua terra gaúcha e natal.²⁸⁷

Ao longo de sua trajetória como autor, escreveu uma série de livros com esta identidade narrativa como, por exemplos, “Tropilha crioula: versos gauchescos” (1925), “Joá” (1927), “Tu” (1928), “Gado Xucro” (1929) e “Poemas Farrapos” (1978).²⁸⁸ O lapso de produção literária refere-se a opções de vida e também à virada político-institucional que o Brasil deu a partir da Revolução de 1930 e da presença da família Vargas em âmbito nacional. Mais adiante, todavia, poderemos comentar sobre as influências da literatura regionalista em suas crônicas.

Vargas Neto, nascido como Manuel do Nascimento Vargas Neto (1903-1977), era sobrinho de Getúlio Vargas e filho do Ministro Viriato Dorneles Vargas. Assim como boa parte da família Vargas, era originário da cidade de São Borja (RS). Dentre as suas formações e ocupações podemos destacar a área do Direito e do Jornalismo. Foi um importante poeta

²⁸⁶ MARQUES, José Carlos. A função autor e a crônica esportiva no Brasil: representações da Copa do Mundo em alguns jornais cariocas e paulistas. In: *Logos*. Rio de Janeiro, Edição 33, V. 17, n.º 2, 2010.

²⁸⁷ BRITO, Mário da Silva. Vargas Neto. In: *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

²⁸⁸ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. 2012. *Op. Cit.* P. 94. As primeiras obras ainda no final da década de 1920 foram publicadas pela Editora Globo, responsável pela maior parte dos livros dos grandes autores literários do Rio Grande do Sul. Já sua última obra, publicada logo após sua morte, foi editorada pela Civilização Brasileira. Ainda de acordo com críticos literários, as suas principais obras foram “Tropilha crioula: versos gauchescos” e “Gado Xucro”. A partir de 1955, foram reunidas em um único volume.

gaúcho e também atuou como radialista, além de ter enveredado pelo cronismo esportivo. Antes disso, teve atuação como magistrado, procurador do Estado do Rio de Janeiro e deputado federal. Mas, qual era a sua relação direta com o esporte? Porque um poeta se aproximou desta área do jornalismo e da própria sociedade? De acordo com Hollanda, Vargas Neto foi presidente durante quase dez anos da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), além de membro efetivo do Conselho Nacional de Desportos (CND) e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) por oito anos.²⁸⁹ Sua ligação com seu tio, Getúlio Vargas, possibilitou que tivesse ampla participação no dirigismo esportivo, dentro de uma lógica de intervenção estatal no esporte, proveniente da década de 1930, durante o Estado Novo.²⁹⁰

Ainda com o apoio na obra de Hollanda, Vargas Neto no *JS* “abordou os mais diversos aspectos da realidade esportiva, de questões ético-desportivas a comentários sobre circunstâncias das partidas”.²⁹¹ Ao analisarmos sua linha narrativa ao longo do jornal, a partir da década de 1940, percebemos um discurso comprometido com a disciplina e com a regulamentação do esporte, pontuando a necessidade de estabelecer uma relação legalista com as práticas desportivas. Ou seja, sua atuação na área do Direito e da Política tornava-o um enunciador de como o esporte deveria ser praticado e vivenciado. Em sua visão autoral, privilegiaria a defesa dos clubes, associações e agremiações esportivas, espaço de conformação legal e organizado das práticas esportivas.

Também acreditamos que sua vivência literária possibilitou criar um estilo de narrativa sobre os esportes de forma peculiar: temos em sua origem, no trabalho de construção dos textos poéticos, a relação com um importante movimento cultural tradicionalista das raízes gaúchas – a Estância da Poesia Crioula de Porto Alegre. Ou seja, se pudermos falar de um modernismo regionalista, este estava comprometido com a manutenção de tradições. Desta forma, a relação entre modernismo e tradicionalismo remonta a necessidade da literatura gaúcha de valorizar as particularidades do seu povo, de suas lutas e da sua cultura, desde a segunda metade do século XIX. A partir da análise de Marcon e Arendt sobre a obra de Vargas Neto, percebemos que há como incluí-lo em um movimento de perpetuação de uma

²⁸⁹ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. 2012. *Op. Cit.* P. 95.

²⁹⁰ Sobre este tema, podemos compreender mais esta rede de relações e intervenções do Estado no esporte no trabalho de DRUMMOND, Maurício. Os Gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da e SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes - Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora/FAPERJ, 2006. P. 107-132.

²⁹¹ *Ibidem*. P. 95.

tradição regionalista e que reverenciava um modelo de herói gaúcho.²⁹² De acordo com estes autores, esta tradição se baseava nas experimentações narrativas do Romantismo do século XIX, na tentativa de valorizar o passado glorioso do povo gaúcho e, principalmente, do herói daquelas terras. Lembramos que um dos artifícios utilizados por este autor anos mais tarde no *JS* seria a rememoração do passado e da exaltação do herói, no caso, o esportivo.

À guisa de trazermos um exemplo desta tentativa de mediar o tradicionalismo na narrativa de Vargas Neto, apresentamos uma poesia representativa deste autor:

Farrapo

Esfarrapado senhor do seu desuno!

Nobre esbanjador da coragem!

Milionário dos impulsos generosos!

Pródigo do amor! Perdulário da fé!

Tua carne se esfarrapou como a tua roupa...

Teu sangue rolou como a água da chuva,

Empapando o coração de tua gleba

E fertilizando a liberdade no teu pago!

Mas a tua alma continuou inalterável,

clara e vibrante como uma adaga de prata,

no pulso firme da tua vontade!

Vibraste pela glória de ser livre,

pela ventura de ser forte, leal e bom...

Foste tão generoso para a vida de tua ideia

que nunca lhe regateaste a paz do teu rancho

nem a vida do teu corpo!...

²⁹² MARCON, Daniele e ARENDT, João Claudio. Tradição e Modernidade na Poesia Regionalista de Vargas Neto. In: *E-Scrita, Revista do Curso de Letras UNIABEU*. Nilópolis, V. 5. n.º 1, Jan./Abr. 2014. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/1211/pdf_196>. Acesso em: 16/11/2015.

E morreste, como Deus quis,
 no grande leito do campo!
 Teu coração deu o último latido
 sobre o chão da tua querência...
 Face a face com o mesmo céu,
 que doirou as tuas vitórias
 no velho ouro do sol,
 e, depois, te amortalhou naquele veludo imortal
 de uma noite profunda do pampa!²⁹³

A homenagem aos soldados da Revolução Farroupilha do século XIX denota um profundo comprometimento do autor com as emoções heróicas despendidas no conflito histórico brasileiro.²⁹⁴ Destacamos também a ideia de herói protagonista na poesia de Vargas Netto, pois desde esta fase como o autor da poesia regionalista gaúcha até seu período de cronista esportivo no *JS*, costumava tematizar seus textos com a presença de personagens, anônimos ou famosos, ou ainda fictícios, mas que tinham como característica principal a ação ativa na história contada. Ou seja, o homem, no meio das histórias deste autor assumia seu papel de protagonista, uma noção de intervenção direta na sua própria história. Outro interessante exemplo deste estilo literário e narrativo deste autor, que marcaria esta trajetória também como cronista do *JS*, pode ser vista na poesia abaixo:

Carreteiro
 Carreteiro é a paciência caminhante!
 Jamais na vida soube o que era pressa!
 Ao passito desceu pelo lançante...
 Ao passito a subida ele começa...
 Sempre ao passito, vai seguindo adiante...
 A vida toda leva a viagem essa!

²⁹³ VARGAS NETTO, Manoel. *Poemas Farrapos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiras, 1978.

²⁹⁴ Outra poesia, dentre tantas que pesquisamos, que ilustra este perfil de heróis protagonistas, é a chamada “Lança dos Guedes”. Ver em: VARGAS NETTO, Manoel. Lança dos Guedes. In: FAGUNDES, Antonio Augusto. *Antologia da Poesia Épica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: AGE, 1992.

Sob o sol quente ou sob o frio cortante,
 Segue assim, sempre assim, nunca se apressa.
 Leva n'alma gemidos de carreta...
 E é impassível, por mau ou por bondade,
 Embora a desventura lhe acometa.
 Nesse viajar sem fim, que ele não sente,
 Lembra a viagem constante da saudade,
 Carregando passado p'ra o presente.²⁹⁵

Ao longo de sua trajetória como cronista, Vargas Netto iria privilegiar além das nuances regionalistas de seu discurso, um padrão de defesa dos clubes, não só os chamados grandes clubes do futebol carioca, mas os pequenos, os amadores, as instituições associativas. Uma forma de entender o esporte como ato regulatório da sociedade humana, uma ferramenta de civilidade e aperfeiçoamento eugênico. Desta forma, as duas principais linhas de defesa em torno das suas obras como cronista seriam a disciplinarização do campo esportivo e a defesa dos clubes, sendo um dos representantes do que chamamos da linha editorial do clubismo que o *JS* empreendera em sua jornada desde a década de 1930.²⁹⁶ Apesar disso, seria deposto do cargo como Presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, depois de quase dez anos por lá (contando o tempo em que era vice-presidente também) chamada de Federação Metropolitana de Futebol (FMF) por uma desavença com alguns grandes clubes como Fluminense e Botafogo, em abril de 1950.²⁹⁷ Tornou-se um dos mais longevos cronistas do *JS* atuando desde o final dos anos 1930 até a década de 1950, com uma regularidade impressionante, pois seus textos eram publicados quase diariamente. Sua narrativa era considerada conservadora e austera, mas utilizava figuras de linguagem e técnicas específicas

²⁹⁵ *Ibidem.*

²⁹⁶ Exploraremos esta característica clubística mais adiante, mas por ora, à guisa de compreendermos melhor o que entendemos sobre o clubismo, informamos que se trata não apenas da valorização das paixões clubísticas dos leitores e de muitos dos cronistas que escreviam no *JS*, além das notícias e informações sobre os clubes (seu dia a dia por meio das colunas sociais dos clubes), mas também como uma visão associativa e organizativa do campo esportivo, um processo de disciplinarização da prática desportiva.

²⁹⁷ Ver o detalhamento do caso nas crônicas e comentários de SERRAN, Ricardo. Os acontecimentos do Ano. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.552, 31 de dezembro de 1950. P. 9; RODRIGUES FILHO, Mário. O Football Carioca Mergulha na Anarquia. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.341, 26 de abril de 1950. P. 5; REGO, José Lins do. O Presidente Vargas Netto. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.341, 26 de abril de 1950. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

do discurso como o uso de interlocutores e palavras comuns, como observaremos no próximo capítulo.

Esporte e vida: a objetividade apaixonada de José Lins do Rego

José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957), mais conhecido como José Lins do Rego, é considerado como um dos maiores romancistas regionalistas da literatura nacional ao lado de Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Jorge Amado e Rachel de Queiróz. Sua obra tornou-se referência até os dias de hoje, em destaque para “Menino de Engenho” (1932), seu primeiro livro que apresentava um romance em torno do panorama social da sociedade açucareira nordestina. Nascido em Pilar, no estado da Paraíba, escreveria ainda mais quatro livros na primeira parte da década de 1930, todos de alguma forma com o tema sobre o mundo da cana-de-açúcar na região de seu nascedouro.²⁹⁸ Posteriormente, escreveria uma série de romances e coletâneas de crônicas, com destaque para “Riacho Doce” (1939) e “Fogo Morto” (1943). Era proveniente de família proprietária de terras e de usinas de cana-de-açúcar, o que lhe garantiria sucesso nos estudos, tendo obtido ingresso ainda bem jovem na Faculdade de Direito, em Recife (1920). Nesta cidade ampliou seu leque de relacionamentos ao conhecer Gilberto Freyre e colaborando para o *Jornal do Recife*.²⁹⁹ Trabalharia ainda como promotor público em Manhauçu (1925), fiscal de bancos (1926-1930) e fiscal de consumo (1931-1935), ambos em Maceió. Na capital de Alagoas, colaborou com o *Jornal de Alagoas*, conhecendo e se comunicando com nomes importantes da literatura nacional como Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Hollanda e Rachel de Queiróz, dentre outros.

Sua entrada no *JS* deu-se em 1945, a convite de Mário Filho e escreveria neste jornal até a sua morte em 1957. De acordo com Hollanda, o contato entre os dois se dera desde o início de José Lins em *O Globo* quando ambos trabalhavam por lá e o que chamou a atenção de Mário Filho fora a paixão daquele por futebol, em especial ao seu clube do coração, o

²⁹⁸ Os demais livros deste ciclo denominado “Ciclo da Cana-de-açúcar” intitulavam-se “Doidinho” (1933), “Bangüê” (1934), “O Moleque Ricardo” (1935) e “Usina” (1936). Mais sobre sua obra e a importância literária deste autor, pode ser vista em: MOISÉS, Massaud. José Lins do Rego. In: *História da Literatura Brasileira. Vol. V: Modernismo*. São Paulo: Cultrix - Edusp, 1989.

²⁹⁹ De acordo com Hollanda, foi justamente José Lins que apresentou Gilberto Freyre a Mário Filho. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Op. Cit.* 2012B. P. 94.

Flamengo.³⁰⁰ Desta nova relação pessoal, resultaria uma produção de quase mil e quinhentas crônicas, tendo em vista sua regularidade e periodicidade diária de seus textos no *JS*. Assim como Vargas Netto, José Lins seria beneficiado por esta rede de relações literárias, jornalísticas e políticas, ao integrar o corpo de funcionários do CND (Conselho Nacional dos Desportos), vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, na época sob a gestão de Gustavo Capanema.³⁰¹ Na década de 1950, pertenceu aos quadros da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), chegando a presidi-la de forma interina.³⁰² Neste cargo, foi chefe da delegação da seleção brasileira de futebol em alguns campeonatos e torneios internacionais.³⁰³

Portanto, era um cronista inteirado com o mundo das letras e dos esportes, tendo uma rede de relações sociais que garantiam o respeito por sua produção na imprensa esportiva. Todavia, se é considerado por vários críticos literários como um autor que explorava bastante os estados psicológicos de seus respectivos personagens, além da sua capacidade de descrever a vida de uma forma despojada, mas detalhada do ponto de vista da criação literária, na coluna “Esporte e Vida”, publicada no *JS*, vemos algumas outras orientações e percursos.³⁰⁴ O que há em comum, então, sobre a trajetória literária de José Lins e sua atuação no cronismo esportivo? Podemos tentar responder esta pergunta ao analisar uma crônica deste autor que apresenta uma das suas principais características: sua paixão pelo Flamengo.

Não precisamos de Conselhos

QUANDO o Flamengo voltou da Europa, para registrar o acontecimento, que foi uma festa do povo um jornal de uma cadeira a qual pertence, como colaborador desde 1932, o chefe da delegação rubro-negra, teve o mau gosto e a indelicadeza de lançar esta manchete. “Apoteose no Manguê”. Ali estava a mesquinha de alma de quem não pode suportar a grandeza dos outros. Poderia fazer junto à direção do jornal, ocupada por um amigo de primeira qualidade, as reclamações que o caso impunha. Não o fiz porque sabia muito bem que mais responsáveis pela grosseria eram certos recalques infelizes. Ora, ao jornal que assim se portara, o próprio chefe da delegação havia prestado alguns serviços, no nome que deu para uso de

³⁰⁰ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Op. Cit.* 2012B. P. 93.

³⁰¹ *Ibidem.* P. 93. De acordo com Hollanda, a indicação ao cargo no CND teria se realizado por intermédio do literato Carlos Drummond de Andrade, conhecido de José Lins e Chefe de Gabinete do Ministro Gustavo Capanema.

³⁰² COUTINHO, Edilberto. *Zé Lins, Flamengo até morrer*. Rio de Janeiro: s.e., 1995.

³⁰³ Como, por exemplo, o Campeonato Sulamericano no Chile (1945) e no Peru (1953). HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Op. Cit.* 2012B. P. 93 e 94.

³⁰⁴ Além de Massaud Moisés, podemos citar como referência acerca da crítica literária da obra de José Lins do Rego a análise de CARPEAUX, Otto Maria. O brasileiroíssimo José Lins do Rego. *In: REGO, José Lins do. Romances Reunidos e ilustrados X - Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

correspondência que não escreveu. E o próprio Flamengo adiantara, de seu bolso, numerário para pagar as despesas com a Radio Tupi, em Estocolmo.

Até aí tudo estava muito certo. Os que nada têm para dar, os que são pobres de coração, não podem fazer mais do que sabem.

Pois bem, os que nos trataram assim, com tamanha mesquinaria, não podem nos dar conselho de espécie alguma. Fiquem com os seus conselhos e os ponham aonde devem pô-los.³⁰⁵

Não conseguimos identificar de forma exata o periódico comentado por José Lins na crônica acima, mas podemos realizar a análise da mesma iluminando duas principais questões: a primeira, mais evidente, possibilita entendermos que o cronista utiliza seu texto como linha de defesa do seu clube de coração, o Flamengo.³⁰⁶ Ele o faz de maneira cotidiana, tornando-se inclusive menos alvo de possíveis críticas como falta de isenção e ausência de neutralidade, mas mais como um fato de identificação do seu estilo de escrever para o *JS*. Inclusive, era motivo de provocações de outros cronistas em caso de insucessos e derrotas do time rubro negro, em especial por Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”).

A segunda questão é a crítica ao próprio papel da imprensa que segundo José Lins, principalmente em respeito às influências do fator clubístico (já que o chefe da delegação deste clube também era colaborador do mesmo jornal), deveria ter a função de apoiar os clubes e não de fazer críticas excessivas ou neste caso, de publicar um deboche em relação às origens de boa parte de seus torcedores. “Apoteose no mangue” é visto como um acinte diante do fato de muitos leitores deste mesmo jornal serem rubro negros e a preocupação de José Lins passa pela provocação mal feita (já que estava acostumado com a “bem feita”, pelos seus colegas de *JS*), exagerada e sem respeito ao clube e aos seus respectivos torcedores. Todo o protesto fazia sentido para o autor, deixando claro que a imprensa não teria este direito e perpassando a questão da paixão clubística da qual tratamos no parágrafo anterior.

Esta rede de influências a qual o jornal não tivera respeito estava sendo explicitada pelo próprio cronista que informava que poderia interferir junto à direção daquele periódico já que tinha laços de amizade com a mesma. Assim, como podemos observar, muitos favores

³⁰⁵ REGO, José Lins do. Não precisamos de Conselhos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

³⁰⁶ Apesar da inexatidão, suspeitamos que se trata de *O Jornal*, que na ocasião integrava os *Diários Associados*, conglomerado de comunicações de propriedade de Assis Chateaubriand. A “pista” que nos permite este raciocínio é a citação da *Rádio Tupi*, como integrante da empresa, também de propriedade de Chateaubriand.

eram realizados nas excursões internacionais e nacionais entre os clubes e as empresas de comunicação, conforme o relato dos serviços prestados pelo Flamengo à *Rádio Tupi*. Nos parece que esta poderia ser uma prática recorrente entre estas duas instâncias de atuação do campo esportivo, demonstrando uma relação de aproximação não tão evidente no dia a dia de ambos.

De qualquer forma, seu estilo narrativo o permitia retribuir o desrespeito do jornal com um protesto não apenas visível nas palavras ao longo do texto (“mesquinharia”, “grosseria” e “pobres de coração”), mas também com uma forma de desaforo com as últimas palavras: “(...) Fiquem com os seus conselhos e os ponham aonde devem pô-los.” Seu estilo objetivo e claro não ultrapassava muitas linhas em suas crônicas no *JS*. Apontava sua opinião com um estilo direto e breve. A irritação causada pela frase no jornal levou-o a escrever mais do que o normal, necessitando apresentar argumentos para a defesa de seu clube e de parte dos seus leitores. Formado em Direito, José Lins (Ou “Zé Lins”, como alguns colegas e amigos o chamavam, por vezes em outras crônicas) tornava-se o advogado das causas esportivas, especialista na defesa dos interesses e das idiossincrasias flamenguistas. Sua coluna, portanto, era considerada uma das mais simbólicas da crônica do *JS* devido ao seu estilo próprio e a sua capacidade autônoma de produzir textos sobre o campo esportivo, tendo a paixão como linha diretiva. Para Holanda, o cronista em questão, acreditava que sua função era “(...) análoga à do homem público e à do legislador que, em sua atividade política e jurídica, de se mostrar apto a discernir o que é justo do que é injusto, o probo do ímprobo, o lícito do ilícito”.³⁰⁷

De tão independente que era, por vezes fazia uso do deboche e do sarcasmo (típico em outros cronistas também) para olhar o dirigismo esportivo com certo desdém e desinteresse de suas respectivas falas. É interessante lembrarmos que o *JS* tinha como característica editorial o apoio à organização/disciplinarização/regulamentação do esporte assim como se vinculava às associações e órgãos esportivos pelas redes sociais a que estavam vinculados, tanto a direção do jornal, como seus cronistas, como José Lins. Todavia, este autor expressa suas opiniões de forma mais próxima do leitor, com um exercício de popularização de interesses esportivos, negando ou minimizando suas origens tanto sociais quanto no próprio meio jornalístico e político. Para exemplificar este ponto, fulcral para

³⁰⁷ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. 2004. *Op. Cit.* P. 157.

compreendermos o estilo narrativo de José Lins, trazemos mais uma crônica para a nossa discussão:

Condores de federações, calai os vossos bicos

Os discursos continuam a tomar muito tempo aos paredros dos esportes. Todos nós, sabemos que a oratória pode se transformar num vício mental deplorável. O orador a todo propósito, termina em verdadeiro suplício, arrastando-nos a terríveis obrigações de ouvi-lo, bater palmas, etc.

Ora, justamente entre esportistas, é que, o discurso só poderá ter uma função: a de não chatear, a de não massar, a de ser o mais simples possível.

Vamos cortar as asas dos condores de federações.³⁰⁸

Neste texto, o autor se refere à posse do novo Presidente da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), Abelard França, realizada em uma cerimônia cansativa e com excesso de discursos retóricos.³⁰⁹ Sua objetividade textual enquanto cronista o chancelava a preparar esta crítica em relação aos dirigentes esportivos, pois segundo ele o esporte exigia a agilidade necessária e compreendia um universo diferente de homens modernos. Todavia, para além desta leitura mais ampla de intolerância aos discursos formais, José Lins apresenta sua irritação com o dirigismo carioca por conta de seu formalismo e sua incapacidade administrativa de regular o campo futebolístico de forma mais ágil e dinâmica.

Por mais que houvesse uma determinada dependência em relação às organizações esportivas, sem falar na participação ativa na formação e direção das mesmas, José Lins adotava uma postura autônoma, buscando um jogo de palavras contextualizado com os possíveis interesses de seus leitores, seja na defesa da paixão rubro negra (em parte, a defesa do clubismo), seja em relação às denúncias que o jornal adotara como postura peculiar de sua linha editorial.

Do cinema ao cronismo esportivo: a erudição de Antonio Olinto

³⁰⁸ REGO, José Lins do. Condores de federações, calai os vossos bicos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.100, 18 de outubro de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

³⁰⁹ Outro autor que analisa este evento de forma bem crítica, como lhe era peculiar é Álvaro do Nascimento. Ver em: NASCIMENTO, Álvaro do (*Zé de São Januário*). *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.100, 18 de outubro de 1952. P. 2. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

Antonio Olinto, cujo nome oficial era Antonio Olyntho Marques da Rocha, nasceu em Ubá (MG) em 1919 e teve uma formação católica na capital mineira, formando-se em Teologia e Filosofia. Sua atuação na área da cultura ao longo da carreira é vastíssima, atuando como crítico literário e de cinema, além de ter escrito uma série de livros desde 1949. Posteriormente, assumiria uma série de compromissos com ocupações governamentais como, por exemplo, o cargo de Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas, durante o Governo Café Filho (1954), logo após o suicídio de Getúlio Vargas.³¹⁰ Posteriormente, no início da década de 1960, assumiria cargos diplomáticos de adido cultural na Nigéria e na Inglaterra. No país africano, pode ter contato com a cultura africana, o que influenciaria sua atuação no retorno ao Brasil, promovendo ações múltiplas na área da cultura (exposições, romances, palestras e eventos diversos).

Pertencia também, no campo da poesia e literatura, ao “Grupo de 1945”, um seleção de poetas de uma mesma geração que se autoidentificavam como um grupo de literatos que vivera no período entre o movimento modernista de 1922 e o do concretismo dos anos 1950, com todo o avanço tecnológico deste último período.³¹¹

Seu primeiro livro fora publicado pela Editora Pongetti (Rio de Janeiro) chamado “Presença” (1949) e dedicado a poesia. Porém, os quatro próximos livros foram todos editados pela Livraria José Olympio Editora, o que nos faz acreditar na capacidade de agregação desta empresa em torno de ter se tornado um pólo cultural e intelectual de aproximar uma série de escritores, o que impactava num círculo de relacionamentos sociais e profissionais bem próximos.³¹² Olinto pertencia a este grupo de intelectuais dos quais faziam parte José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Manoel Vargas Netto, Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, dentre tantos outros. A editora, por meio do seu proprietário José

³¹⁰ ANTONIO OLINTO. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/antonio-olinto/biografia>>. Acesso em: 16/06/2016. Neste *site* da Academia Brasileira de Letras, podemos conhecer uma breve biografia de Olinto, tendo em vista que era integrante da ABL, desde 1997.

³¹¹ De acordo com Olinto, “(...) Era natural que a poesia de 45 abandonasse o poema-piada, que fizera parte do protesto de 1922. Tivéramos um holocausto e uma verdadeira matança que reduzira a população de muitos países. Passáramos por uma ditadura de 15 anos. O ano de 1945 surgia como o início de uma libertação. Estávamos prontos para a mudança.” OLINTO, Antonio. Poetas de 45. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 de abril de 2009. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/poetas-de-45>>. Acesso em: 17/06/2016.

³¹² Os demais livros publicados na Livraria José Olympio Editora foram “Resumo” (1954), “O Homem do Madrigal” (1957), “Nagasaki” (1957) e “O Dia da Ira” (1959), todos dedicados à poesia e ao poema.

Olympio Pereira Filho, tornaria-se nas décadas de 1940 e 1950 a maior do país, publicando 2 mil títulos em 5 mil edições.³¹³

Não por acaso, suas relações sociais permitiram que tivesse contato com o meio político ao assumir os cargos supracitados e que também garantiram o acesso em várias instituições de ensino no mundo, como nos Estados Unidos, por exemplo.³¹⁴ Todavia, para o que nos interessa nesta pesquisa, uma outra empresa aglutinadora destes intelectuais impactou na formação dos quadros de cronistas e jornalistas do *JS*: era o jornal *O Globo*, presente na vida do primeiro desde a década de 1930. Olinto também dedicara um estudo sobre a relação entre o jornalismo e a literatura, publicado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), adotado em cursos de jornalismo pelo país e também era profissional de propaganda de algumas empresas comerciais da capital carioca.³¹⁵ Em *O Globo*, Olinto assinava uma coluna de crítica literária chamada “Porta de Livraria”, que resume bem sua relação com a produção literária e livreira do Rio de Janeiro. Por lá, tinha contato com Mário Filho, com o qual viria a trabalhar no *Jornal dos Sports* a partir de 1950 com textos sobre a Copa do Mundo em 1950 e, eventualmente, sobre algum evento relevante no futebol.³¹⁶ Porém, a frequência maior de sua atuação no *JS* seria como crítico e comentarista de cinema a partir de 1951, com uma coluna denominada “Cinema”. Consideramos que o jornal apontava para uma direção de ampliação do universo de acesso aos bens culturais urbanos ao agregar os valores do esporte à indústria do entretenimento como o cinema, teatro e shows, tendo em vista que diariamente os cartazes, notícias e colunas sobre estas áreas tinham destaque neste periódico especializado. Olinto fora “convocado”, então, para fazer parte deste time de intenções multiculturais, compondo uma equipe de cronistas que atuariam neste limite entre a literatura e o jornalismo, envolvidos pelos objetivos do *JS* em ampliar seu campo esportivo e cultural.

Nesta coluna, a crítica dos filmes e atores era realizada com uma erudição objetiva, ou seja, demonstrando conhecimento sobre a arte fílmica, mas sem passar um pedantismo que não combinava com a ideia de textos dinâmicos e ágeis da linha do jornal. À guisa de

³¹³ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 2005.

³¹⁴ ANTONIO OLINTO. *Op. Cit.*

³¹⁵ *Ibidem.*

³¹⁶ É o caso de um jogo disputado entre Vasco e Penãrol, amplamente divulgado pelo *JS* como uma oportunidade de revanche entre Brasil e Uruguai, tendo em vista que os times eram as bases dos jogadores das duas seleções. Ver em: OLINTO, Antonio. Vingança dos olhos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.636, 15 de abril de 1951. P. 5.

compreendermos melhor seu estilo narrativo, trazemos aqui um exemplo desta forma de se apresentar no *JS*:

“Anjos e Piratas”

Filmes desportivos sempre foram comuns em Hollywood. Houve mesmo uma película que série que, mudando a convenção estabelecida para as obras do gênero, ao invés de terminar seus episódios com os heróis na iminência de grande perigo, faziam-no com um “team” em vias de perder a partida. Depois, o cinema norte-americano passou algum tempo afastado dos temas de desportos. Sam Wood, com seu grande senso de humanidade, realizou, há cerca de dez anos, aquele extraordinário “ídolo, amante e herói”, que foi o que de melhor a América do Norte nos deu no terreno do cinema desportivo.

Agora, Clarence Brown, resolve ingressar na especialidade e fazer uma boa comédia de que o “base-ball” é o assunto. O ritmo da película “Anjos e piratas”, é bom, com um desenrolar agradável e cenas de alguma comicidade. Existisse o “base-ball” no Brasil e o filme teria um êxito muito maior. Contudo, o fato de um técnico esbravejar diante do fracasso de seu conjunto é algo que tem repercussão em grande parte do público brasileiro, que sente, nas competições desportivas, a possibilidade de uma enorme dose de emoção.

Como a imprensa é a maior animadora do esporte, a presença de um repórter no filme coloca o expectador quase que como participante da ação. O fato de constituir uma honesta diversão (o “honesto” é usado aí no sentido de estar em linguagem aceitável) já basta para que a película possa ser vista com prazer.

Paul Douglas domina o filme todo. Sua interpretação está muito boa, conseguindo ele viver o homem ligado a uma determinada prática desportiva com a maior das sinceridades. A beleza de Jane Leigh alegra muitas cenas do filme e a menina Donna Corcoran contribui para a maior parte de suas sequencias divertidas.

Podem ver “Anjos e piratas” como um bom “divertissement” desportivo, com um ritmo que não cansa – o que, no caso, já é muita coisa.³¹⁷

Nesta crônica peculiar, Olinto resume a análise de um filme norte-americano sobre o baseball, compreendido dentro das intencionalidades do *JS*: ou seja, aproximar o universo esportivo da indústria do entretenimento, não apenas por sua divulgação, mas também pela interpretação de suas respectivas naturezas. Olinto observa a forma como o cinema consegue absorver a emocionalidade do esporte, tornando aquela arte mais próxima do público. A crônica estabelece também uma análise do papel da imprensa no ambiente esportivo, com a descrição e comentário do personagem que a representa como repórter.

³¹⁷ OLINTO, Antonio. “Anjos e piratas”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.006, 1º de julho de 1952. P. 2.

A narrativa analítica das funções do esporte, do cinema e da imprensa encontra na descrição objetiva do cronista um resumo simples e crivado de identidades específicas dos três universos apresentados. O autor visava, desta forma, direcionar seus comentários para todos os públicos leitores possíveis, desde aqueles que queriam uma visão mais profunda sobre as histórias em torno do filme até aqueles que só queriam saber se era um divertimento garantido ou não.

Portanto, Olinto, com seu eruditismo refreado pela ideia de também ser um interlocutor do grande público, ávido pelas indicações fílmicas (muito mais do que aqueles que o liam sobre literatura em *O Globo*), conseguia dar conta das críticas as quais se propunha a apresentar, sem perder oportunidades para pensar sobre temas mais detalhados e profundos da indústria cultural. Em outra oportunidade, por exemplo, estabelece um diálogo de análise da sua própria função. Ou seja, realiza uma crítica da crítica, propondo uma postura de equilíbrio para tanto: “(...) A crítica leviana contenta-se com a notícia de gosto mais ou menos popular, com muitos adjetivos e pouca opinião. A intransigente insiste em que todo filme seja uma obra de arte, como se todos os livros publicados no mundo devessem estar no mesmo nível de “Guerra e Paz”.”³¹⁸ De acordo com o autor, a crítica de cinema não poderia se apequenar devido à sua funcionalidade transitória, de nortear as opções de entretenimento do público leitor. Deveria, antes de tudo, se ajustar ao objetivismo do cinema, que independente do subjetivismo do crítico, teria sua estrutura própria enquanto obra.³¹⁹

Os limites da análise crítica fílmica poderia ser comparada com as da função da crônica esportiva, tendo em vista que os autores percebem o momento, uma relação de tempo e espaço limitada e definida por critérios subjetivos, mas com uma objetividade própria que não poderia ser ignorada. Sua atuação na construção de textos como a da cobertura da Copa do Mundo, no entanto, procurava ampliar esta sua própria recomendação, enaltecendo a expectativa em torno da seleção brasileira, tornando sua narrativa carregada de sentimentos e personalismos subjetivos, apesar de respeitar e não ignorar seus “objetos” de análise.³²⁰

³¹⁸ OLINTO, Antonio. Função da Crítica. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.054, 26 de agosto de 1952. P. 2.

³¹⁹ De acordo com o autor: “(...) O subjetivismo crítico influi, por isto, em muito pequeno grau, no seu julgamento, porque o objeto impõe sua forma à visão.” *Ibidem*. P. 2.

³²⁰ No próximo capítulo, quando tratarmos da cobertura da Copa do Mundo de 1950, poderemos observar a sua atuação como cronista esportivo neste evento específico.

Os três autores que apresentamos aqui são exemplares de um grupo de intelectuais e literatos que alcançaram grande relevância nas páginas do *JS*. Todavia, podemos identificar a convivência destes com outros grupos, como o dos chamados “cronistas jornalistas”, como poderemos observar a partir de agora.

3.3 OS JORNALISTAS DE PLANTÃO TAMBÉM QUEREM CRIAR

Geraldo Romualdo da Silva: correspondente e objetivo

O jornalista, repórter de campo e enviado internacional em questão era um profissional que atuava no *JS* desde a década de 1930, ainda sob a gestão de Argemiro Bulcão (1931-1936). Como enviado especial atuou na cobertura da Copa do Mundo de 1938, na França, e, a partir daí, tornava-se o principal correspondente para eventos internacionais como as outras Copas da FIFA e os Jogos Olímpicos.³²¹

Durante os preparativos da Copa do Mundo de 1950, tornou-se um dos grandes articulistas da campanha pela construção do Estádio Municipal, o Maracanã, ao lado do diretor e editor do *JS*, Mário Filho.³²² Suas análises permeavam a defesa de uma modernidade no esporte que passava pela construção de estruturas modernas para a sua respectiva prática. Quando da ocasião dos eventos internacionais que cobria, comparava o campo desportivo dos países europeus e dos Estados Unidos com o brasileiro, com um discurso de admiração, acreditando que o Brasil deveria seguir os rumos civilizatórios traçados por aqueles. Desta forma, na ocasião de que tivéssemos uma chance de mostrar ao mundo a nossa capacidade e nossa qualidade, usava e abusava dos textos com este sentido, seja com o intuito de valorizar a nossa brasilidade, seja com o objetivo de criticar as organizações e entidades desportivas, combinando com a linha editorial do *JS*. A defesa do Maracanã, então, seria para ele, mais do que uma campanha, mas quase um “projeto de vida”, tendo em vista que passaria os anos

³²¹ Como poderemos observar no capítulo 4, quando tratarmos da cobertura dos cronistas acerca das Copas do Mundo de 1950, 1954 e 1958, além das Olimpíadas de 1952 e 1956.

³²² COUTO, André Alexandre Guimarães. *Op. Cit.* 2011. Para uma análise mais breve sobre a atuação de Geraldo Romualdo da Silva nesta campanha, ver: COUTO, André Alexandre Guimarães Couto. Todos os Homens do *Jornal dos Sports*. 9 de agosto de 2012. Disponível em: <<https://historiadosporte.wordpress.com/2012/08/09/todos-os-homens-do-jornal-dos-sports/>>. Acesso em: 18/06/2016.

seguintes assegurando esta linha de debate, conforme podemos verificar nesta carta enviada ao ex-administrador da ADEG (Administração de Estádios da Guanabara), o engenheiro Emílio Ibrahim:

Mensagem a Emílio

Meu caro e inflexível ex-Presidente da ADEG. Portugueses, ingleses e argentinos - até mesmo os sóbrios e solenes ingleses - não disfarçam a profunda admiração que o "novo Maracanã" deixou em cada um deles, dirigentes, técnicos, jogadores e jornalistas. A obra que você preparou com tanto desvelo está sendo também cantada em prosa e verso, nos jornais do mundo, como foi cantada e declamada a vitória do Brasil na deslumbrante noite de Pelé.

Os vestiários, então, meu velho, deixaram todos eles impressionadíssimos. Seu gosto esmerado, aquela "limpeza de Hospital", a excelência do serviço de atendimento, esse conforto extremado em tudo, foram objeto de crítica saudável e registros que marcam a sua inteligência e muito nos honram também.

Quando o equívoco substitui o homem de bem na administração pública desta Cidade e a mediocridade procura superar os grandes valores reais, é preciso que você saiba que sua obra, a obra que você construiu, se torna cada vez mais inesquecível.³²³

Geraldo Romualdo da Silva elogiava a gestão do ex-administrador, responsável pela reforma do Maracanã, empreendida no Governo Carlos Lacerda e lamentava ao mesmo tempo seu posterior afastamento do cargo. Mesmo antes da Copa do Mundo de 1950, embarcou em uma excursão pela Europa com o objetivo de acompanhar os preparativos da FIFA em torno do torneio que iria ocorrer. No retorno, fora recepcionado pelo próprio Mário Filho, além de dirigentes desportivos e colegas de redação ainda no aeroporto.³²⁴ Por ser correspondente internacional, tinha o capital simbólico necessário para tratar da modernidade e civilização a partir da Europa.

Do ponto de vista de seu estilo narrativo, mantinha uma visível objetividade em seu discurso, tornando seus textos uma mistura entre a crônica e a notícia. Se consideramos em toda a nossa análise a crônica como um texto híbrido entre a literatura e o jornalismo, o

³²³ SILVA, Geraldo Romualdo da. Mensagem a Emílio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 2 de junho de 1964.

³²⁴ REGRESSOU ontem Geraldo Romualdo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.247, 1º de janeiro de 1950. P. 1 e 6.

trabalho de Geraldo Romualdo pode ser considerado um hibridismo do hibridismo, ou seja, uma mistura ainda maior e homogênea na produção de notícias dialogadas com uma capacidade opinativa, criativa e imaginativa, com alta dosagem de subjetividade. Além do *JS*, atuava como jornalista de redação e repórter de *O Globo* e da *Rádio Globo*, o que nos mostra a relação bem próxima entre estas duas empresas e estes dois meios de comunicação, tendo em Mário Filho um elemento de integração peculiar.

Era de todos os cronistas do jornal, aquele que tinha mais identidade com a linha editorial coordenada por Mário Filho, o que nos leva a crer que era o que tinha maior incapacidade de autonomia em sua produção textual e profissão de repórter. Botafoguense declarado, era um defensor da linha clubística do jornal, ou seja, a exploração das paixões e identidades dos grandes clubes do Rio de Janeiro, assim como da defesa do caráter associativo e organizativo que o esporte deveria ter. Apesar da sua relação próxima com os clubes cariocas, por vezes e justamente por se identificar com sua paixão pessoal, sua atuação profissional sofria alguns melindres como ele mesmo poderia contar em suas memórias:

- Todo mundo sabia que eu era botafoguense, nunca escondi. Então, quando me designavam para cobrir o Fluminense, as pessoas me recebiam nas Laranjeiras como um espião. E se, no dia seguinte, me escalavam para trabalhar no Botafogo, era encarado como um traidor. Quer dizer, nunca conseguia ficar bem nem com Deus nem com o Diabo.³²⁵

O grau de interferência do jornalista assim como boa parte da imprensa esportiva voltava-se não só para a cobertura dos jogos, dos atletas e do dia a dia do clube, mas também para a participação ativa e conformação direta no campo futebolístico, como, por exemplo, na indicação de jogadores para o Botafogo, como no caso do argentino Basso, em 1950, logo depois da disputa da Copa do Mundo no Brasil.³²⁶

Portanto, entre desconfianças e atuação direta na vida dos clubes, tornava-se um dos principais jornalistas do *JS*, disputando palmo a palmo nas páginas deste jornal o interesse dos leitores pelas crônicas em torno dos esportes.

³²⁵ VAZ, Marcelo. Para quem torcem os nossos cronistas. In: *Placar*. São Paulo, n.º 645, 1º de outubro de 1982.

³²⁶ BASSO. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/biografias/338/basso>>. Acesso em: 18/06/2016.

Everardo Lopes: entre a secretaria e a redação

Everardo Lopes, assim como Geraldo Romualdo da Silva, era um dos principais personagens da equipe do *JS* pois atuava neste jornal desde a sua criação.³²⁷ Era o secretário, responsável pela administração da empresa, mas também atuava como jornalista/cronista e correspondente internacional. Posteriormente, assumia o cargo de redator chefe. Na Copa do Mundo de 1938, na França, acompanhou a seleção brasileira tão de perto que ousava tentar interferir na escalação da mesma, seguindo opiniões e valores clubísticos, pois assim como Geraldo Romualdo, era apaixonado pelo Botafogo. De acordo com matéria da revista *Placar* sobre as memórias da Copa na França, a atuação de Everardo Lopes pode ser observada no seguinte texto:

(...) Todos os dias, um dos jornalistas que acompanhavam a delegação, o botafoguense Everardo Lopes, insistia com Pimenta para que ele efetivasse Perácio e Patesko na ala esquerda: os dois eram do Botafogo. Já os jornalistas tricolores queriam que formasse a ala esquerda com Tim e Hércules, ambos do Fluminense. De início, Pimenta pensara mesmo em lançar Tim e Hércules como titulares, mas os argumentos de Everardo e de outros botafoguenses que integravam a delegação eram mais fortes. Por isso, quando o navio fez escala em Salvador – e a Seleção aproveitou para realizar um treino-exibição -, Pimenta já tinha decidido escalar mesmo a ala botafoguense.³²⁸

Apesar de relativizarmos o discurso da imprensa ao tratar dela mesma e sua atuação na história da seleção brasileira e das Copas do Mundo, numa narrativa de maximização de sua presença, este relato nos permite compreender o grau de proximidade com as equipes e com o selecionado nacional em um evento internacional como a Copa, por exemplo. Sua atuação como correspondente colaborou para que se tornasse comentarista na *Rádio Mayrink*

³²⁷ Everardo Lopes estreava nos créditos do *JS* na edição n.º 174, em 4 de outubro de 1931, no cargo de redator subsecretário.

³²⁸ 3ª COPA DO MUNDO (1938): A Itália no Caminho do Bi. In: *Placar*. São Paulo, n.º 827, 31 de março de 1986. Suplemento História das Copas. P. 16. Outra fonte relevante confirma esta informação: RIBEIRO, André. Thomaz Mazzoni: o jornalista esportivo. 5 de abril de 2012. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/04/thomaz-mazzoni-o-jornalista-esportivo.html>>. Acesso em: 19/06/2016. De acordo com este autor: “(...) Tim, jogador da seleção, declarou que o jornalista paulista, o narrador Gagliano Neto e Everardo Lopes tinham tanta influência nas decisões da seleção a ponto de serem convidados pelo chefe da delegação a participar de uma reunião para colocar “panos quentes” em discussão levantada pelo próprio jogador.” O jornalista paulista em questão era Thomaz Mazzoni, também conhecido como “Olimpicus”.

Veiga durante a Copa do Mundo de 1950, por exemplo.³²⁹ Percebemos, então, mais do que uma possível concorrência, uma aproximação entre os profissionais da imprensa esportiva que atuavam nos jornais e nas rádios. Além disso, compreendemos aqui uma questão de ordem econômica, já que o pertencimento a várias instituições de comunicação poderia racionalizar os custos de uma viagem cara.

Na redação do jornal, era por vezes homenageado por entidades desportivas assim como pela direção do *JS*, quando da ocasião do seu aniversário, em 24 de dezembro de 1952:

Everardo Lopes

(...) O nosso Everardo, com a sua voz de trovão, é o companheiro bondoso, afetivo, a distribuir sorrisos e palavras de bom humor.

A voz tronitroante de Everardo Lopes, que serviria para o grito de comando de um general à frente de suas forças, mais forte que a dos alto-falantes das praças públicas das cidades do interior, mais violenta que o roncar dos motores de um avião, tornou-se para nós tão suave, que a ouvimos e interpretamos como se fôra saída da garganta de um Tito Schipa.

O nosso Everardo Lopes é um homem sem defeitos. E se os tem, deixa-os à porta de entrada de JORNAL DOS SPORTS. Entre nós é aquele amigo correto e leal. Só não é um cronômetro de precisão protegida porque Everardo não conta os minutos e as horas de trabalho. Para ele é maravilhoso o trabalho até o sol raiar!...

Nós, de JORNAL DOS SPORTS quando falamos em Everardo Lopes, não recorremos a adjetivos e frases rendilhadas. Preferimos tratá-lo como realmente ele é, simples, sem vaidades, sem espírito de mando ostensivo.

O Everardo Lopes sabe que todos aqui lhe querem muito bem. E se ele sabe, não seria necessária tornar pública a nossa estima.

(...) Para nós, de JORNAL DOS SPORTS, basta que lhe digamos: Everardo, “tu é o maíó”...³³⁰

Um texto que nos revela a integração do jornalista diante seus comandados, além do respeito que tinha em relação a Mário Filho. Também cabe informar que este tipo de texto era incomum, o que nos mostra também o grau de importância que Everardo tinha na empresa.

Em relação à sua narrativa textual, tentava construí-la misturando a construção de um diálogo mais popular e simples com uma descrição dos fatos jornalísticos, principalmente dos

³²⁹ HEIZER, Teixeira. *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. Edição atualizada 2001. P. 82.

³³⁰ EVERARDO LOPES. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.157, 24 de dezembro de 1952. P. 6.

jogos dos times cariocas, em especial o Botafogo. Na década de 1950, era considerado um redator e jornalista experiente e procurava alçar vôos na criação de seus textos, tornando sua visão sobre o futebol cada vez mais criativa e imaginativa. Dentre os exemplos desta opção narrativa, podemos citar um texto em que aproxima a figura de Papai Noel com as pretensões do América no campeonato carioca, ou ainda com o balanço de final de ano, escrito de forma lírica e, logo a seguir, realizar um razoado entre a disputa de Botafogo e Bangu, sem deixar a sua paixão clubística desaparecer.³³¹ Portanto, sentimentos, paixões, narrativas criativas e objetividades descritivas eram combinadas e mescladas em doses mais líricas do que a de seu colega jornalista, Geraldo Romualdo da Silva.

Os espaços das crônicas no *JS* eram, portanto, disputados por estes grupos de autores/jornalistas que tentavam ampliar sua área de atuação, equilibrando muitas das vezes, diferentes funções na mesma empresa e, para tanto, tinham limites de autonomia em relação à linha editorial do jornal, tendo em vista que não possuíam a trajetória literária do primeiro grupo já analisado neste capítulo.

Por fim, selecionamos mais um jornalista que compunha a equipe deste segundo grupo, tendo em vista sua proximidade familiar com a direção do *JS*.

Mário Júlio Rodrigues: entre o lirismo e a missão familiar de noticiar o esporte

Filho de Mário Filho com Célia Rodrigues, nascido em 1928, Mário Júlio passara a trabalhar com o pai no *JS*, assinando uma espécie de coluna social chamada “Carnet do Fluminense”, e compondo uma política editorial do jornal que vinha desde sua fundação. Ou seja, de criar espaços para a divulgação das atividades sociais e do dia a dia dos clubes cariocas. Lembramos que ao longo da década de 1950 esta postura se manteve. Esta primeira intervenção de Mário Júlio de que temos notícias ocorrera no ano de 1946.³³² Já no ano seguinte, acumulara a função de diretor de publicidade e de cronista esportivo, o que nos

³³¹ LOPES, Everardo. Uma advertência sublinhada a lápis vermelho; Curiosa viagem de Papai Noel. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.157, 24 de dezembro de 1952. P. 5. Ver ainda: LOPES, Everardo. Pode ser que seja, mas também pode ser que não seja; Ajuste de contas Botafogo x Bangu. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.159, 27 de dezembro de 1952. P. 5.

³³² Para sermos mais precisos, na edição de 28 de agosto de 1946. Ver: RODRIGUES, Mário Júlio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 5.221, 28 de agosto de 1946. P. 6. Coluna Carnet do Fluminense.

informa mais uma vez sobre a capacidade de acumulação de ações dos principais jornalistas do *JS*.³³³

Sua capacidade narrativa seria moldada aos poucos não só sob a sombra de seu pai, mas também sob a tutela de vários outros colegas de redação, dentre os quais podemos destacar José Lins do Rego, Geraldo Romualdo da Silva e Álvaro do Nascimento. Inicialmente, procurava conciliar seu texto apenas com a capacidade de noticiar os jogos e os eventos esportivos com uma linguagem mais objetiva e pouco criativa/lírica. Todavia, aos poucos, passaria a ter uma narrativa mais subjetiva, utilizando bastante as possibilidades que o gênero crônica poderia lhe oferecer.

Sob a pressão de ser filho do diretor do jornal, era considerado pelo próprio pai como seu sucessor, o que ocorrera na década de 1960, por um breve período de tempo.³³⁴ No entanto, sua relação com o pai e com a família era deveras problemática, conforme relata Ruy Castro:

(...) Quando começou, Mário Júlio, era apenas um bebedor clássico: altos porres, sentimentos de culpa e novos porres. Mas aos poucos tornou-se um bebedor trágico, porque consciente de sua condição: depois de incontáveis passagens por clínicas de recuperação, podia dar palestras sobre alcoolismo. Só não conseguia parar de beber. Casou-se com Dalila, teve um filho – Mário Neto – em 1947, mas não adiantou. Mantinha uma relação adversária com seu pai e com todos os tios, exceto Paulinho, quase da sua geração. Era como se não quisesse ser um Rodrigues – o que ele era, por dentro e por fora, inclusive na admiração por Dostoiévski, que relia completo todo ano.³³⁵

Portanto, sua relação com a herança de seu pai, na administração da empresa, assim como na missão de narrar e contar o esporte por meio das crônicas era uma pressão que Mário Júlio tentava diminuir com o álcool. Apesar da relação conflituosa, seu pai usava todos os recursos para que pudesse participar de forma efetiva do dia a dia do jornal, seja na

³³³ Devemos levar em conta também o fator econômico de racionalizar os gastos com pessoal da empresa.

³³⁴ Vale lembrar que Mário Filho morreria em 1966, vítima de um ataque cardíaco e sua esposa, um ano depois se suicidaria. Mário Júlio assumiria a direção do jornal até 1972, quando morreria por conta de complicações de sua doença: o alcoolismo.

³³⁵ CASTRO, Ruy. 1998. *Op. Cit.* P. 347-348.

articulação de homenagens dos clubes (como no caso do Fluminense, por conta da coluna “Carnet”), sejam os próprios elogios proferidos pelo *JS* na ocasião de seu aniversário.³³⁶

Apesar do esforço em se tornar um cronista mais subjetivo e lírico, fora considerado muito mais como um autor burocrático, no dia a dia do jornal, que acompanhava os números, as informações dos clubes mais objetivas (principalmente, o Fluminense, que acompanhava mais de perto) como os resultados e atuações dos atletas e times. Sua melhor atuação nesta tentativa de aproximação com a literatura fora a produção de textos sobre a Copa do Mundo de 1954, quando conseguiu utilizar a expectativa em torno da seleção brasileira, um mote para o aprimoramento de suas crônicas, como poderemos ver no capítulo seguinte.

Além dos jornalistas que se agrupavam em torno da missão de noticiar e criar representações em torno do esporte, identificamos outro grupo que participava destes mesmos objetivos, mas tinham uma característica a mais nestas funções: adotavam uma postura proposital e conveniente de polemistas e, para tanto, adotavam um pseudônimo, que os tornavam, inclusive, mais populares.

3.4 OS JORNALISTAS POLEMISTAS: POPULARES E IRREVERENTES

“Zé de São Januário”: denunciata e provocador

Álvaro do Nascimento Rodrigues (ou simplesmente, Álvaro do Nascimento) esteve presente também nos primórdios do *JS*, assim como Everardo Lopes e Geraldo Romualdo da Silva. Na criação do jornal, assumia o posto de redator-gerente. Todavia, ganhou notoriedade nas páginas deste jornal por outros motivos, pois a partir da década de 1940, passou a escrever duas colunas: “O Vasco em Dia”, uma coluna social que tratava das ações sociais do clube e, o que mais nos interessa nesta pesquisa, “Uma Pedrinha na Shooteira”, quando assinava como

³³⁶ Nesta homenagem, o *JS* informava que Mário Júlio “(...) goza de grande estima, graças ao seu cavalheirismo. Mário Júlio Rodrigues, o nosso “benjamin”, que agora surge na arena da crônica desportiva carioca, tem a sua frente um futuro brilhante. Descendente de uma estirpe de grandes jornalistas, (...) será o grande continuador da obra ancetade por seu avô, o grande Mário Rodrigues, legada a seu pai, o nosso diretor Mário Rodrigues Filho.” Ver: MÁRIO JÚLIO RODRIGUES. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 5.411, 12 de abril de 1947. P. 4. Coluna Sociais.

“Zé de São Januário”.³³⁷ Nesta coluna, como o próprio nome pode sugerir, adotava uma postura de crítico feroz da desorganização esportiva, seja por conta da atuação de dirigentes que deveriam estar atentos a isso, sejam as próprias entidades relacionadas ao campo. Esta característica, no entanto, estava presente desde os primeiros anos do jornal, quando utilizava os textos para denunciar equívocos dos dirigentes esportivos, como no caso da Federação de Remo, esporte que inicialmente acompanhava como jornalista, inclusive por suas ligações com o Vasco do Gama.³³⁸ Suas fronteiras de ataque não tinham limites, atingindo, por vezes, seus próprios colegas de redação, como podemos exemplificar na crônica a seguir:

Por causa do football e ao Vasco já fui tudo neste mundo, inclusive guia de cego... Não me admiro por este motivo, que os meus amigos e companheiros Zé Lins do Rego, Geraldo Romualdo e Mário Júlio Rodrigues, neste final de campeonato, sejam astrônomos e astrólogos. Todos vivem no mundo da Lua, e, portanto, é justo que falem em constelações, astros e estrelas.

Para Mário Júlio só existe a constelação tricolor, de astros tão brilhantes que ofuscam o fulgor do sol. O Zé Lins do Rego, mesmo sem o capacete cônico de S. Cipriano e as suas longas barbas de feiticeiro, acredita na estrela do Flamengo. O Zé Lins do Rego tem visões noturnas. O Popeye aparece-lhe junto ao leito, vestido de fada, tendo na mão a varinha de condão com uma estrela na ponta. Ao menor movimento a varinha fará desaparecer o Diabo, envolto em fumaça, deixando apenas o cheiro típico de enxofre. O Pato Donald será transformado em pinto e o Cartola será fechado num castelo como príncipe encantado.

Eu admiro os sonhos do Zé Lins do Rego, sonhos orientais de ópio, que se esvaem quando se esgota a ação do tóxico.

Neste mundo de sonhos e ilusões, lirismo e poesia, há sempre um lugar à sombra para o sentimentalismo clubístico. Já construí muitos castelos de cartas que o vento derrubou ao primeiro sopro. O Zé Lins do Rego está vivendo horas que já vivi. Horas felizes, cheias de fé, que nos mostram um fundo negro, dissipado em parte por uma esperança remota, muito remota mesmo.

Eu não sou astrônomo, nem astrólogo, mas acredito numa estrela. Uma estrela solitária, que pode não ter o fulgor do sol, nem as seis pontas de Sion, mas, por onde passa, no seu rastro cadente, bota fogo...³³⁹

³³⁷ Também era conhecido como “Cascadura”. A estreia da coluna “Uma Pedrinha na Shooteira” nas páginas do *JS* ocorreu no dia 20 de janeiro de 1942.

³³⁸ Um bom exemplo desta postura denunciadora de Álvaro do Nascimento no início do *JS* pode ser conferido em: NASCIMENTO, Álvaro do. Um “sportman” não mente, “seu” Adamor. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 24, 11 de abril de 1931. P. 3.

³³⁹ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 5.273, 25 de outubro de 1946. P. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

Desta forma, Nascimento dialogava com seus pares sobre um tema pertinente aos leitores: os rumos finais do campeonato carioca. Mas, fazia-o de forma jocosa, provocativa e irônica, principalmente brincando com a paixão clubística de seus paredros. Nesta conversa tríplice entre o autor, seus companheiros de redação e os leitores fazia uso e abuso dos mascotes dos times, imagem bem consolidada na mentalidade dos torcedores. Criticava o excesso de sentimento clubístico, tão bem explorado nas vendas do jornal, ao mesmo tempo em que fazia uso dos símbolos e jogos de palavras que representavam estas paixões para os leitores.

Denunciava o excesso de confiança e por vezes a aproximação abusiva dos jornalistas com os seus clubes do coração. No entanto, apesar de seu senso crítico, tinha um envolvimento muito próximo com o Vasco da Gama.³⁴⁰

Tinha uma forma de narrativa textual que se tornaria bem famosa no *JS*, tornando-se, dos jornalistas de formação e atuação, aquele que mais se aproximava da capacidade lírica dos colegas literatos como José Lins do Rego e Manoel Vargas Netto, por exemplos. Aliado a esta característica específica, podemos salientar ainda o caráter denunciante de suas intervenções no jornal, como poderemos explorar no capítulo seguinte.

A coluna “Uma Pedrinha na Shooteira” tornou-se uma das principais do *JS* e alcançou tamanho sucesso que passou a ser apresentada, em 1952, na *Rádio Clube do Brasil*, reforçando a tese de que texto e radiodifusão eram veículos de comunicação complementares e alimentavam o universo de modernização do campo esportivo, além de compartilharem as características em comum entre elas, como o clubismo e o denunciamento.³⁴¹

Thomaz Mazzoni invade o Rio de Janeiro: Olympicus na área

³⁴⁰ Era sócio do clube desde 1917 e teve uma atuação ativa na construção do Estádio de São Januário, assim como na campanha da quitação das dívidas do clube na década de 1930. Fonte: ÁLVARO DO NASCIMENTO. Disponível em: <http://www.paixaovascao.com.br/wiki/%C3%A1lvaro_do_nascimento>. Acesso em: 19/06/2016. De acordo com este *blog*, o cronista seria responsável pela criação da palavra “frango”, ao tratar de uma falha grosseira de um goleiro do Vasco na década de 1940. Cabe lembrar que o autor escreveu um livro chamado “Cinquenta anos de glórias”, dedicado ao clube cruzmaltino e divulgado na sua outra coluna “O Vasco em Dia”, em várias oportunidades. Outra informação relevante é a de que em 1977 a inauguração da nova tribuna de imprensa do Estádio de São Januário passou a se chamar “Álvaro do Nascimento”. Ver: ANDRADE, Aristélio. Foi uma festa portuguesa com certeza. In: *Placar*. São Paulo, n.º 366, 29 de abril de 1977. P. 56.

³⁴¹ NASCIMENTO, Álvaro do. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.857, 3 de janeiro de 1952. P. 2. Coluna O Vasco em Dia.

Filhos de imigrantes italianos, Mazzoni (1900-1970), que posteriormente adotaria o pseudônimo de “Olimpicus” tinha uma relação com o esporte desde muito jovem quando tornou-se jogador de futebol de várzea.³⁴² Porém, por motivos de lesão, não deu continuidade em seus planos iniciais e começava, então, uma longa carreira como jornalista esportivo, em uma época onde não existia uma formação específica para tanto. Seu primeiro jornal fora o pequeno *São Paulo Esportivo*. Posteriormente, escreveria almanaques esportivos, além de atuar em uma série de outros periódicos.³⁴³

Porém, a partir de 1928, a convite de Cásper Libero, integraria a equipe de *A Gazeta* e, por lá, ganhou notoriedade ao conquistar um espaço na imprensa esportiva de significativa relevância, agora em um jornal de grande amplitude, sustentado pela ideia de jornal/empresa. Na década de 1930, entrara para a *Rádio Cruzeiro do Sul*, como comentarista esportivo.³⁴⁴ *A Gazeta Esportiva*, que era um caderno de *A Gazeta*, tornava-se em 1947 um periódico do mesmo grupo empresarial, mas agora dotado de autonomia editorial e liderado por Mazzoni.

Sua atuação como jornalista esportivo acompanhava o mesmo sucesso editorial do jornal que passara a editar e dirigir. De acordo com André Ribeiro,

(...) A ousada estratégia de vendas idealizada por Cásper, inspirada em Mário Filho, do *Jornal dos Sports*, com a promoção e organização de eventos esportivos de diversas modalidades, como bocha, malha, botão, várzea entre escolas, travessia do rio Tietê, a tradicional corrida de São Silvestre e a prova ciclística Nove de Julho, aumentou o público e, conseqüentemente, as vendas do jornal.³⁴⁵

Porém, a relação de Mazzoni com o *JS* não seria apenas de identificação da área esportiva ou ainda uma possibilidade de enfrentamento ou de ampliação de uma rivalidade entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Era uma aproximação baseada na necessidade de ampliação do campo da imprensa esportiva. E, portanto, “Olimpicus” entraria para a equipe de cronistas do *JS*. Cabe lembrar que Mazzoni escrevera antes, ainda na década de

³⁴² RIBEIRO, André. 2012. *Op. Cit.*

³⁴³ Como, por exemplo: *O Combate*, *São Paulo Jornal*, *Diário Nacional* e era diretor do semanário *A Estampa Esportiva*. RIBEIRO, André. 2012. *Op. Cit.*

³⁴⁴ *Ibidem.*

³⁴⁵ *Ibidem.* Aqui, como era de sua característica narrativa, demonstrava de forma clara o objetivo do cronista e do próprio jornal de ser um organizador da sociedade.

1940, para *O Globo*, uma porta de entrada para o *JS*, caminho de muitos jornalistas e cronistas da imprensa esportiva, pois Mário Filho trabalhava em ambos os periódicos.

Porém, antes de entrar no time do *JS*, já dialogava com os seus colegas cariocas e, por vezes, apresentava uma série de crítica à atuação da imprensa como um todo. À guisa de compreendermos este diálogo intersubjetivo entre a crônica carioca e a paulista, podemos apresentar o texto de Vargas Netto, apelando ao bom senso de Mazzoni:

(...) Eu quase não conheço os cronistas de São Paulo. Não tive tempo, nem oportunidades, para um contacto de observação e análise sobre o valor moral e intelectual dos jornalistas esportivos da Paulicéia. Sei, não obstante, que há um senhor sério, e que assim trata o esporte – o cronista de “A Gazeta” – Olympicus.

Peço a Olympicus que procure ordenar a mentalidade jornalística esportiva de Piratininga, dando o exemplo de seus comentários serenos, aconselhando esses ardegos meninos, que se iniciam com demasiada pressão, o que convem a missão do jornal e do esporte, o grau de elegância necessário a quem pretenda orientar a opinião pública. (...) ³⁴⁶

Desta forma, reconhecia-se a liderança e a capacidade de diálogo de Mazzoni, por conta da rivalidade em torno da organização e dos interesses específicos na ocasião da disputa do campeonato brasileiro de seleções. Se a interlocução, ora por críticas, ora por respeito entre o *JS* e seus cronistas com Mazzoni estabelecera-se na década de 1940, no ano de 1950 ocorria finalmente a estreia de Olympicus no jornal carioca. ³⁴⁷ Daí para frente os textos de Mazzoni poderiam ser discutidos nas colunas dos seus paredros do *JS*, como mote para uma defesa ou crítica de sua opinião. ³⁴⁸ Geralmente, a defesa dos interesses dos clubes de São Paulo era motivo de debate e crítica por parte dos jornalistas cariocas, mas, por outro lado, era conhecido por suas duras linhas contra o clubismo, tão difundido na imprensa paulista, e no próprio *JS*.

³⁴⁶ VARGAS NETTO, Manoel. Espírito Esportivo e Sentimento da Pátria. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 4.680, 16 de novembro de 1944. P. 1. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

³⁴⁷ MAZZONI, Thomaz (Olympicus). “Lasciate Ogni Speranza”... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.304, 12 de março de 1950. P. 9. A discussão desta crônica girava em torno do campeonato brasileiro de seleções.

³⁴⁸ Apenas como exemplo, podemos citar a crônica de: POLO, Mário. A Primazia de “Melhor de Três”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.312, 22 de março de 1950. P. 5.

No âmbito da cobertura da seleção brasileira, compôs uma equipe de jornalistas que defendiam severamente a equipe, associando-a quase sempre como uma instituição que representava os interesses na nação. Por vezes, debatia com outros integrantes da imprensa, por conta do excesso de críticas e falta de apoio ao selecionado nacional.

Uma dos grandes debates que empreenderia no *JS* seria a ideia de evolução tática no futebol, defendida por cronistas como Albert Laurence, por exemplo. Para aquele cronista, a diferença entre clubes grandes e pequenos sempre ocorreriam, assim como a distância de importância entre as seleções de futebol. Para Mazzoni, não haveria uma verdadeira evolução no posicionamento dos países que praticavam este esporte, demonstrando uma visão monolítica e conservadora deste esporte:

(...) Diremos mais ao colega Laurence: os países filiados à F.I.F.A. podem ser separados em três classes distintas. Nunca, jamais esses países subirão mais de classe. Os de primeira classe nunca jamais poderão descer, salvo em casos ultra excepcionais. O football já atingiu o máximo de maturidade no mundo. Tácticas, sistemas, isso tudo não vem ao caso. (...) Quem adquiriu classe elevada não a deixará mais. Os outros, por muito que façam não entrarão no grupo privilegiado. Este grupo privilegiado é constituído por Inglaterra, Escócia, Hungria, Tchecoslováquia, Áustria, Iugoslávia, Espanha, Itália, Argentina, Uruguai e Brasil. Os brasileiros, os argentinos, os finlandeses, etc., nunca jamais, nem daqui a cem anos terão a classe que têm os italianos e os franceses no ciclismo e na esgrima. (...)³⁴⁹

Desta forma, temos uma coluna assinada por Mazzoni que reproduzia uma posição conservadora e tradicionalista do futebol, e do próprio esporte, como a crônica acima apresentada. Mazzoni que tornou-se tão conhecido pela defesa do futebol praticado por São Paulo, alimentando uma rivalidade com a crônica esportiva carioca era, na década de 1950, a partir dos seus textos reproduzidos no *JS*, um grande incentivador e defensor da tradição nos esportes, sejam pelas grandes seleções ou pelos grandes clubes, tanto em São Paulo, como no Rio de Janeiro.

Apesar da autonomia dos seus cronistas no *JS*, o que explica uma diversidade de estilos e narrativas, Mazzoni fora convidado por se aproximar da ideia que Mário Filho tinha do futebol, ou seja, um ponto de tradição ou de criação de tradições em torno das identidades

³⁴⁹ MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). “Grandes” e “Pequenos” serão sempre “Grandes” e “Pequenos”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.135, 29 de novembro de 1952. P. 5 e 8.

da cultura do brasileiro. Desta forma, as aproximações entre estes dois autores explicam muito o convite do último para o primeiro se engajar de vez nas páginas do *JS*.

3.5 AS MULHERES E SUAS “VOZES”: UM CASO A PARTE

Inah de Moraes e o debate denunciasta em torno do turfe

Inah de Moraes que, como vimos, escrevia para o jornal *O Dia*, com sua coluna “Rondó dos Cavalões”, também atuava no *JS*.³⁵⁰ Sua função era escrever sobre os bastidores do hipismo de forma muito ocasional e eventual e muitas das vezes militava em favor dos proprietários de cavalos e haras, ou seja, representava os interesses de sua própria classe social. Antes mesmo de se tornar cronista, seu nome era regularmente informado nas páginas do *JS* como proprietária de cavalos de corridas desde a década de 1930.³⁵¹

Era considerada uma socialite, proprietária de haras em Itaipava (Petrópolis) e casada com Prudente de Moraes Neto que, por sua vez, era neto do ex-Presidente da República Prudente de Moraes (1842-1902). Seu marido era jornalista e poeta e dirigiu alguns jornais como o *Diário Carioca* e a sucursal de *O Estado de São Paulo* no Rio de Janeiro.³⁵² Era amiga pessoal de Manuel Bandeira, de onde podemos perceber de onde viera a origem do nome da coluna de Inah, “Rondó dos Cavalões”, clara homenagem ao poema deste literato chamado “Rondó dos Cavalinhos”.

Apresentava uma linha de debate em sua coluna que se encaixava na direção defendida pelo próprio periódico: a estratégia do denunciamento. Ou seja, como veremos no próximo capítulo, era uma forma de diálogo de vários cronistas com seus respectivos leitores com o objetivo de atacar os maus tratos que o esporte brasileiro recebia por parte das autoridades esportivas e políticas. Na verdade, temos a intenção do jornal de regular o campo

³⁵⁰ Sua coluna no *JS* também se chamaria “Rondó dos Cavalões”.

³⁵¹ A primeira aparição de seu nome no jornal data de 12 de fevereiro de 1933. P. 5.

³⁵² Também colaborou em *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa*, dentre outros, tornando-se presidente da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) em 1975. Usava em algumas crônicas o pseudônimo de Pedro Dantas.

esportivo pela defesa da organização e disciplinarização do mesmo, e, em casos de desvios, a denúncia era o caminho a ser trilhado e tratado por seus cronistas.

Inah, inclusive, utilizava a sua coluna para dialogar acerca da organização ou da falta dela em torno dos esportes hípicas, conforme podemos observar em um trecho de sua crônica:

O caso gravíssimo do Freitas e do Curupay, contra todas as expectativas parece que vai morrer sem que nada de maior aconteça, sem que nenhuma resolução enérgica tenha sido tomada sobre o mesmo. E, por incrível que pareça, até presente momento o único que pagou o pato, o único que está sofrendo as consequências, e injustamente, como vamos procurar mostrar, é o tratador do cavalo Nelson Pires. O tratador que nunca esteve no brinquedo e que foi quem deu o grito de alerta, este até agora é o único sacrificado. (...) ³⁵³

Nesta crônica, Inah apresentava um caso criminoso de tentativa de dopagem de um dos cavalos do *Jockey Club* do Rio de Janeiro, o Curupay, tendo o tratador levado a culpa de forma injusta de acordo com a cronista. Ela aproveitava a oportunidade para delinear sua atuação no jornal por dois vieses: o de narrar uma história (segundo ela própria afirmava uma “emocionante novela policial”) com tons fictícios e reais, mesclados no texto e que fugia da outra forma de publicizar o mundo do hipismo, mais objetivo e descritivo (resultados e opções de páreos e apostas, por exemplo); e o de realizar isso de forma denunciata, como seguia no decorrer das linhas:

(...) No dia da corrida, (...), não havia, como de costume, ninguém ali no Serviço de Repressão nem naqueles boxes lá do fundo, a não ser os cavalos com seus respectivos cavaleiros, pois nessa hora, todos os veterinários e empregados vão pra cerca ver a corrida. Aquilo lá fica inteiramente abandonado. Ninguém para fiscalizar os animais. Nesse momento quem quiser pode dar o que quiser para os cavalos, que ninguém vê, e ninguém sabe.

Se é assim pra que, então, essa fita, essa encenação toda dos bichos terem que chegar no prado duas horas antes do pareo para ficar sob a proteção do Serviço de Repressão ao Dopping? Pra que? Se fiscalização e guarda são coisas que não existem, como todos nós sabemos. (...) ³⁵⁴

³⁵³ MORAES, Inah de. O Caso de Curupay. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.712, 14 de julho de 1951. P. 9.

³⁵⁴ *Ibidem*.

Portanto, Inah, que abandonara seu famoso e “pesado” sobrenome (“Prudente”) na assinatura de sua coluna, por buscar uma autonomia de escritora, mesmo a sombra de um importante jornalista, usara o conhecimento do mundo hípico para trabalhar com histórias sob um peso denunciante e sobre a organização deste meio. De acordo com o jornalista Luis Nassif, Inah assessorava seu marido em suas crônicas no *Diário Carioca* em matéria de hipismo, tendo em vista que Pedro Dantas (pseudônimo de Prudente de Moraes Neto) se aventurava no cronismo esportivo deste jornal.³⁵⁵

Em relação ao estilo de sua narração, procurava se utilizar de palavras e expressões populares como “pagar o pato” e “estar no brinquedo” com o objetivo de aproximar o diálogo com os leitores, não só por aqueles que frequentavam os seus próprios círculos sociais, mas aqueles que liam sobre o turfe e que se interessavam pelas apostas. Tentava nas letras adquirir uma linguagem mais próxima do diálogo dos esportes mais populares como no futebol.

Além da herança política familiar de seu marido (e primo também), tinha uma aproximação com um círculo de amigos na área cultural bem seletos como Manuel Bandeira, Cândido Portinari e Mário Filho. Esta aproximação abria espaços em jornais como o *JS* que davam pouquíssimas oportunidades para autoras e cronistas mulheres acerca dos esportes, tornando Inah uma das raras exceções de seu gênero. Cabe lembrar que apesar de não proporcionar espaços para as cronistas no jornal, o *JS* também reafirmava a visão do período sobre os possíveis interesses das mulheres que poderiam ler o jornal, como a longa coluna “Notas femininas”. Na verdade, o objetivo deste espaço no jornal era dedicar dicas para o papel que a mulher invariavelmente deveria exercer na sociedade: a função de dona de casa, cuidadora do lar, do marido e dos filhos. Zeladora dos bons costumes e dos valores familiares. Apesar de regular e longa, a coluna por vezes não era publicada por conta de edições em que necessitavam de espaços maiores para as notícias e para a publicidade, demonstrando o quanto de prestígio faltava a ela.³⁵⁶ De forma geral, a coluna dava dicas de beleza, limpeza,

³⁵⁵ NASSIF, Luís. *O cronista do Rio*. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/o-cronista-do-rio-0>>. Acesso em: 6/07/2016.

³⁵⁶ Um exemplo disso era a edição n.º 5.406, de 6 de abril de 1947, quando o jornal informava que: “Devido à absoluta falta de espaço que nos assoberba na presente edição, deixamos de divulgar hoje a seção ‘Nota femininas’, o que faremos, excepcionalmente, na próxima terça-feira.” P. 4. Tal fato muito semelhante ocorreria em várias outras edições.

etiqueta social e moda para as mulheres e o esporte passava ao largo desta identidade narrativa.³⁵⁷

Desta forma, a coluna de Inah, mesmo se levarmos em conta a influência política e social de sua família (tanto no aspecto cultural como no jornalístico), era um raro momento de participação feminina no discurso em torno dos esportes, papel maior e motriz do *JS*, não só por sua especialização como no seu objetivo e função de intervir na prática e no campo e, por sua vez, adotar uma linha mestra do jornal que era a estratégia do denunciamento esportivo.

Inah, juntamente com Florita Costa, eram as “vozes femininas” em um ambiente masculino, e voltado para uma participação das mulheres resignificada de comportamentos pouco revolucionários e tradicionais, conforme podemos perceber na análise dos textos.

Florita Costa e os comentários apaixonados pelo rubro negro

Florita Costa era esposa de Flávio Rodrigues Costa (1906-1999), famoso treinador de futebol de clubes cariocas como Flamengo e Vasco da Gama, além de ter sido o escolhido para liderar a seleção brasileira na Copa do Mundo em 1950 no Brasil. Sua participação no *JS* deveu-se a dois fatos relevantes: a primeira mais óbvia, devido ao seu casamento com Flávio Costa e que, portanto, lhe abria oportunidades no universo do futebol; e segunda, por sua atuação no clube do Flamengo, que mesmo após a desvinculação de seu marido desta função por lá, mantinha uma ligação próxima e íntima com as cores do time rubro negro. Florita passara a militar em torno da defesa deste clube, inclusive ganhando a simpatia de Mário Filho, o que lhe rendera a chance de escrever uma coluna social específica: “Diário do Flamengo”.

Cabe lembrar que o jornal já dedicara desde sua criação, no início da década de 1930, um espaço para as notícias sociais dos clubes, desde os grandes clubes como até os pequenos como o Olaria e o São Cristóvão, por exemplo, alternando os dias de sua publicação ao longo da semana. Todavia, Florita tornara-se conhecida por ser escolhida em 1945 a escrever uma coluna de um dos times mais populares do Rio de Janeiro e do Brasil, revelando o prestígio que alcançara como colaboradora do jornal naquele momento.

³⁵⁷ A coluna na década de 1950 passara a ser assinada por Cecy Melo, da qual não obtivemos mais informações precisas.

Apesar de originalmente a coluna manter-se como um espaço dos eventos sociais do clube, Florita extrapolava os limites do colunismo social, ao discutir temas como a chegada de novos jogadores, excursões e personagens em torno do clube. Transformara seu texto em um misto de registros de eventos e análises sobre o futebol praticado pelos clubes, não esquecendo de mencionar figuras importantes como os dirigentes e jornalistas, autores e intelectuais apaixonados pelo Flamengo, como José Lins do Rego e Ary Barroso, por exemplo. Escreveria nesta coluna até 1947, quando seria substituída por Pedro Nunes na edição 5.386, publicada em 13 de março.

Daí em diante, seria responsável por outra coluna denominada “O meu comentário”, demonstrando que ainda tinha influência no meio esportivo e jornalístico o suficiente para continuar escrevendo para o *JS*, agora com um espaço ainda mais subjetivo e autoral como o próprio título assim o anunciava. Tornara seus textos cada vez mais apaixonados pelo clube do coração e exercitara sua verve emotiva e subjetiva agora com cada vez mais liberdade porque ficara “livre” das informações sociais mais objetivas, pontuais e eventuais. À guisa de percebermos este estilo narrativo, temos o texto abaixo:

O Flamengo é o reflexo da alma popular do Brasil. Por isso mesmo os maiores poetas da nossa música, aqueles que cantam nos seus versos, as belezas de nossa terra, não podiam deixar de ser rubro-negros. Aí está Ari Barroso, o gigante da “Aquarela do Brasil”- “flamengo” dos velhos tempos, nosso amigo de todas as horas. Como Ari Barroso, só outro nome desponta capaz de desafiá-lo para uma batalha de ritmos e melodias. Esse outro é Dorival Caymmi. Mas vocês dirão certamente: “Caymmi não é do esporte, Caymmi não gosta do football, Caymmi não tem clube”. Pois sim!... Estão muito enganados. Dorival Caymmi é flamengo!... Sim senhores o admirável autor de “Marina”, de “Dora”, de “Jangada”, de “O mar” – é rubro-negro. Flávio e eu fomos descobrir que Caymmi era rubro-negro quando o recebemos em companhia de Stela, no nosso apartamento, na última quarta-feira. Caymmi tornou-se sócio proprietário do clube, e ontem, depois de um “solene batismo”, visitou a concentração da Estrada da Gávea a convite do Dr. Gilberto Cardoso. Comemorava-se o aniversário de Pavão, e nós podíamos proporcionar momentos aos nossos rapazes de maior alegria. Dorival Caymmi cantou as suas lindas composições, acompanhado do seu violão, cujos acordes fazem a gente chorar de saudade de um mundo que se foi e não volta mais... Caymmi agora é nosso, dividindo com Ari Barroso, as horas rubro-negras de encantamento e poesia. São dois portentos da música cuja inspiração é motivo de orgulho para todo o Brasil e para nós do Flamengo. E agora, vejam! Temos, na Gávea, um scratch da música popular brasileira! Além dos seus intérpretes maravilhosos, como Araci de Almeida, Dircinha Batista, Déo, Gilberto Alves, Ciro Monteiro, Black-out, Manezinho Araújo, Joel, e outros craques consagrados, temos agora – Dorival

Caymmi – “top personality” dos compositores! Salve Caymmi, o novo rubro-negro!³⁵⁸

A diferença entre esta narrativa com a anterior (nos tempos de Diário do Flamengo) é perceptível não pela dedicação às notícias do clube rubro negro, mas pelo estilo mais livre e subjetivo, trazendo elementos que congregam sua capacidade e grau de relacionamento com o meio cultural e esportivo, com o conhecimento tácito sobre seu clube de paixão. A ideia central de enaltecimento extremo aos valores e símbolos do Flamengo torna a visita de um representante da música popular brasileira, como um “evento do ano”, tornando-o de imediato um representante da torcida da qual ela mesma fazia parte.

Apesar da narrativa autônoma da autora, invariavelmente sua sombra de entrada no *JS*, ou seja, seu marido, aparecia literalmente em seus textos, como se sua atuação como representante do Flamengo, quase uma embaixadora das causas rubro negras, estivesse vinculada radicalmente à figura de seu marido, Flávio Costa. Poderíamos ousar e identificar duas autoras neste estilo de crônica: a que cria, interfere e dialoga com o leitor e aquela que se auto identifica como uma personagem do mundo esportivo. Neste último caso, uma identidade dual, que aparece no texto como uma dupla: ela e Flávio. Em várias oportunidades vemos esta forma de se auto dirigir, seja de forma implícita ou explícita.

Nesta crônica, podemos perceber duas características do clubismo, tão defendido pelo *JS*, e presente em vários autores cronistas, e que também nos chama a atenção na trajetória de Florita Costa nesta função. Do ponto de vista da paixão clubística, Florita é uma das principais representantes desta linha ao tratar seus textos como uma forma de ultra valorização do clube flamenguista. Porém, de forma mais moderada e velada, a autora enfatiza a ideia de clube como representação coletiva, como local da associação e conjunção social em torno dos esportes ao citar a filiação de Dorival Caymmi ao clube. A filiação de uma autoridade cultural é um ato extremo da importância do clube em questão, mas também é valorizado pela defesa do associativismo e de pertencimento clubístico e identitário.

Enfim, além do Flamengo, seu tema principal era defender Flávio Costa seja das críticas dos demais cronistas seja dos leitores e demais torcedores. Era uma espécie de

³⁵⁸ COSTA, Florita. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.859, 5 de janeiro de 1952. P. 4. Coluna “O Meu Comentário”.

advogada ávida por escrever em prol do bom rendimento do time e do seu marido no cargo de treinador:

(...) Tenho a impressão de que não é essa a função do bom crítico. O bom crítico é aquele que se limita a escrever e a falar sobre os fatos, sobre os acontecimentos, sem se antecipar em conclusões futuras, muitas vezes apressadas que acabam por redundar em contradições tremendas.

Fiquei comovida ao ler a crônica de Geraldo Romualdo sobre o Flamengo. Isto sim, é estímulo, é colaboração, é uma espécie de prêmio para quem trabalha, luta por um ideal. O Flamengo está fazendo um trabalho de renovação, um trabalho com base sólida, esperando colher frutos dentro do tempo normal.

(...) O que eu sinto é que existe má vontade, incompreensão por parte de alguns amigos – amigos do peito – os quais pelo vício de doutrinar cometem injustiças clamorosas. Eles querem do Flamengo aquilo que o Bangú ainda não conseguiu com milhões à disposição, cracks famosos e um técnico de indiscutível competência. Se a nossa torcida acreditar em Flavio e acompanhar com paciência que a direção máxima do clube vem realizando, no setor do football, terá, breve, motivo para muitas alegrias...³⁵⁹

Para tanto, enfrentava a crítica de colegas, tanto do *JS* como de outros jornais como o *Última Hora*, por exemplo, assim como elogiava as notícias e crônicas que tratavam bem o desempenho do time ou que o analisava com a tal “boa vontade”, ou seja, uma forma de jornalismo e de cronismo que abria mão de uma crítica mais profunda e técnica. De acordo com Florita, o cronista que ia por outro caminho era considerado um “doutrinador”, aquele que torcia contra por um valor ou paixão clubística rival e, por outro lado, se afastava do seu “verdadeiro” ofício por fugir dos fatos e acontecimentos.

Desta forma, elogiava Geraldo Romualdo da Silva, por ser este o responsável de uma crônica em favor do Flamengo e, por consequência, de Flávio Costa. Florita, então, negociava sua permanência no jornal ampliando sua rede de relacionamentos com afagos aos jornalistas e cronistas mais próximos. Só não conseguira se auto enquadrar, realizando uma auto crítica na ideia de doutrinação ao permanecer com uma linha narrativa de valorização e enaltecimento de sua respectiva paixão.³⁶⁰

³⁵⁹ COSTA, Florita. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.911, 9 de março de 1952. P. 5. Coluna “O Meu Comentário”.

³⁶⁰ De acordo com Mário Filho, Florita Costa era tão apaixonada pelo Flamengo, que fora responsável pela demissão de Flávio Costa no Vasco da Gama, mesmo depois de ter conquistado o bicampeonato carioca em

Temos, então, assim como no ofício e ocupação de Inah, uma presença minoritária, mas protagonista no cronismo esportivo do *JS*: a feminina. Mulheres que souberam exercer muito bem sua capacidade de fazer uso de suas relações pessoais e sociais, com o objetivo de participar do campo esportivo e comunicacional. Estratégias utilizadas e que convergiam para uma rede cultural da qual os cronistas homens também participavam e dela faziam semelhante uso. Todavia, destacamos a atuação destas duas autoras por conta de serem casos excepcionais de gênero feminino nas páginas do *JS*, o mesmo jornal que ignorara uma posição mais ativa e marcante das mulheres na arte de escrever sobre o esporte e na consequente criação de representações sociais em torno do universo esportivo. O mesmo *JS* que ensinara suas leitoras a como dar brilho nas panelas ou retirar manchas das roupas de seus maridos e filhos, por exemplo.

Enfim, podemos conhecer neste capítulo um pouco mais sobre estes(as) cronistas e escolhemos tratá-los(as) em blocos distintos por uma escolha metodológica e epistemológica. Conhecemos seus estilos e formas narrativas, assim como vimos parcialmente suas escolhas subjetivas de diálogos com seus respectivos leitores, assim como vislumbramos algumas de suas redes pessoais e profissionais de atuação. Concluímos, que mesmo para aqueles que seguiam fielmente a linha editorial mestra do *JS*, ainda assim faziam uso de uma forma de narrativa autônoma que por vezes trazia o conflito, as rivalidades clubísticas e interpretativas acerca das notícias e representações sobre o esporte. Nada mais coerente para percebermos que esta miríade de estilos e narrativas textuais nos convence de que é preciso contestar o mito em torno do protagonismo único de Mário Filho na construção de um cronismo esportivo mais subjetivo e ficcional, assim como a própria ideia do avivamento da imprensa esportiva por parte quase exclusiva deste referido autor.

Aceitar tão posição fantasiosa e ainda eloquente da imprensa atual seria ignorar a produção rica e representativa do cronismo no próprio *JS*, tornando-o menos relevante do que realmente fora para sua época. Ao desamarar estas correntes lendárias, podemos valorizar ainda mais o papel de Mário Filho como editor e proprietário do jornal, ao entender que uma de suas façanhas fora selecionar uma equipe plural, heterogênea e talentosa nesta função específica: a de olhar o esporte sob pontos de vistas bem pessoais, subjetivos e diversos.

1949/1950. Ela acusara os vascaínos de não terem votado em seu marido nas eleições para vereador do Rio de Janeiro em outubro de 1950. Ver: RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. P. 295-296.

Poderemos corroborar com estas conclusões ao analisar os principais temas tratados por estes cronistas ao longo da década de 1950, e conhecer um pouco mais parte desta produção no capítulo seguinte.

4 POR QUEM OU POR QUE OS CRONISTAS DOBRAM?

Finalmente, chegamos a um ponto de discussão deste trabalho de bastante relevância, ou seja, procuramos aqui discutir alguns temas que se tornaram fundamentais na discussão interna das redações, escritórios e praças esportivas do Rio de Janeiro e, sem exagero, do Brasil também. Para tanto, procuramos selecionar dentro de uma miríade de possibilidades o que poderia ser de mais importante para o jornalismo esportivo do momento estudado, tendo em vista que seria muito difícil (talvez impossível), apontar e analisar todos os temas que foram discutidos pelos cronistas do *JS* em um trabalho deste fôlego.

Apesar de já tratarmos de forma exaustiva o fato de que o referido periódico procurava dar um tom nacional à sua visão carioca de enxergar o esporte (o futebol, em especial), é sempre bom lembrar desta questão, principalmente no momento em que apresentamos uma série de exemplos de crônicas neste capítulo. Um dos motes do cronismo analisado por aqui levava em consideração que esta visão específica e regional do esporte, que teimava em se mostrar nacional, passava pela necessidade em determinados momentos, de valorizar as rivalidades sejam elas regionais (como no caso da contraposição a São Paulo), seja pela comparação com a formação do campo esportivo de outros estados da federação, por meio do elogio e apoio. Obviamente, que neste último caso, como veremos, tais textos são criados a partir de um olhar hierárquico, de cima para baixo, de “pai para filho”.

Portanto, cabe aqui apresentar alguns critérios de escolha destes temas, mesmo porque deixamos para trás alguns outros pelos motivos já apontados logo acima. Procuramos destacar ao longo da década de 1950, três grandes eventos que se repetiram ao longo deste período histórico: as Olimpíadas (nas edições de 1952 e 1956), as Copas do Mundo (de 1950, 1954 e 1958) e a Copa Rio (1951 e 1952).³⁶¹ Como, para cada um destes jogos, tínhamos uma série de possibilidades de análise e mesmo de escolhas de tratamento por parte dos cronistas, resolvemos apontar apenas alguns fatores que pudessem ser representativos em nossa análise. Desta forma, formas de organização do evento, exaltação do outro (internacional), disciplina e demais aspectos foram privilegiados nesta análise, inclusive, em alguns momentos, sob os resultados obtidos.

³⁶¹ Este último evento esportivo foi um torneio internacional de futebol idealizado pelo CBD e que contou com pleno apoio da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e do *JS*, como veremos mais adiante.

Não satisfeitos ainda com estas escolhas analíticas, procuramos também dialogar com uma característica muito peculiar da própria formação (e criação) do *JS*, ou seja, o caráter denunciante do mesmo, principalmente no que concerne à visão dos cronistas sobre o que seria a conformação e organização ideal do campo esportivo carioca e brasileiro. Para tanto, vários cronistas apresentam, ao longo deste período, textos que cobram providências e ações específicas das autoridades esportivas e do poder público para que este campo estivesse mais desenvolvido e autonomia.

Por fim, e não menos importante, destacamos justamente a proximidade com os clubes que em nossa opinião extrapolava a pauta obrigatória do jornalismo esportivo. Arriscamos aqui a chamar tais abordagens como clubismo. Ou seja, além de todo o aparato de valorizar as ações sociais e esportivas dos clubes, que remonta a estratégia histórica do jornal de publicização e comercialização das mesmas, pois nenhum detalhe dos clubes escapava dos textos. Ainda assim, tal clubismo apresentava duas características singulares: 1) o fator organizacional e disciplinar dos mesmos. Neste caso, alguns autores valorizariam a existência dos mesmos do ponto de vista institucional e desenvolvimentista do esporte, chegando, por vezes, a desconfiar da continuidade das práticas desportivas sem os clubes e agremiações para este fim; 2) o envolvimento direto e, porque não, passional e emocional de determinados autores com os clubes de sua predileção, o que gerava comumente debates intersubjetivos entre os mesmos, uma discussão quase “de bar”, pessoal e carregada de provocações mútuas.

Procuramos, desta forma, destacar estes pontos supracitados nos exemplos a seguir, buscando, para tanto, selecionar os autores que consideramos mais representativos e que mantinham *a priori* uma regularidade na publicação de suas crônicas. Vamos a elas, então.

4.1 MOMENTOS DE EUFORIA, CHOQUE E CRIATIVIDADE: AS COPAS DO MUNDO

1950: Do orgulho ao choque

A Copa do Mundo de 1950, a primeira no Brasil e do pós-II Guerra Mundial (1939-1945), fora tratada como se nada antes fosse tão importante no universo esportivo nacional

como naquele momento.³⁶² O próprio jornal se orgulhava de ter participado da campanha pela construção do estádio (chamado naquele momento de Nacional, e, logo depois, Municipal) no bairro do Maracanã.³⁶³ Todavia, o que nos chama a atenção é o caráter de euforia e de valorização na nacionalidade em torno da seleção brasileira de futebol e do povo deste país. Nosso recorte aponta para momentos estancos da realização do evento, a partir dos aspectos apontados pelos cronistas até o choque final da derrota no dia 16 de julho.

Não nos interessou explorar os comentários específicos dos jogos e desempenhos pontuais de jogadores, mas sim a capacidade destes autores em debater outras questões importantes que, se a princípio poderiam estar apontadas de forma periférica e marginal pela grande imprensa esportiva, eram trazidas como prioridades dos seus textos acerca da Copa do Mundo. Ou seja, nossa percepção em eventos como esse, é de que a crônica procurava dar conta de um universo mais amplo de cobertura esportiva trazendo peculiaridades pontuais e específicas do evento. Também acreditamos na hipótese de que nestes momentos, a criatividade dos cronistas se ampliava pela necessidade de competição (tanto externa como interna) acerca das diversas abordagens possíveis sobre a Copa sem cair no detalhamento repetitivo de pontos iguais ou semelhantes.³⁶⁴

Por fim, e não menos importante nestas notas introdutórias, chegamos a conclusão de que os temas a serem explorados neste capítulo, mesmo após este esforço de seleção e análise dos mesmos, não são monolíticos e estancos. Ou seja, o que queremos dizer é que uma crônica invariavelmente poderia tratar de um assunto pontual, mas abordar outro de forma paralela. Não nos surpreende que a crônica esportiva do *JS* tivesse esta característica devido à diversidade dos estilos textuais e narrativos, da formação literária de alguns deles e da experiência de reportagens em campo de outros. Este amálgama de características, estilos e narrativas formavam um caleidoscópio de visões sobre o esporte.

Seguindo adiante, começamos nossa análise com um texto de Manoel Vargas Netto sobre a torcida brasileira e seu respectivo comportamento durante o evento:

³⁶² FARRUGIA, Beatriz; SALGADO, Diego; ZUCCHI, Gustavo e XIMENEZ. *1950 – O Preço de uma copa*. São Paulo: Letras do Brasil, 2014.

³⁶³ Ver trabalhos de COUTO, André Alexandre Guimarães de MOURA, Gisele. *Op. Cit.*

³⁶⁴ Não temos fontes ou relatos de que os cronistas se encontravam para discutir os temas que iriam abordar nas páginas do(s) jornal(is). Todavia, acreditamos, pelas crônicas investigadas e estudadas ao longo destes últimos quatro anos, que minimamente havia um contato entre eles, por conta da diversidade de abordagens, além, é claro, da subjetividade de estilo literário e textual de cada um deles.

Elegância e Entusiasmo

Uma das acusações que lançaram contra o Brasil foi a de falta de educação desportiva de sua torcida.

Houve alguns falsos amigos, que espalharam inverdades, acusações sem fundamento, procurando criar uma situação de desconfiança, de mal-estar para as nossas instituições desportivas e para os próximos visitantes. E não se diga que a veiculação tendenciosa, de mal intencionados, para essas acusações de má fé, não haja produzido nenhum eco nos países europeus! Produziu, sim! A prova disso está nas perguntas que me faziam. A todo momento, de modo disfarçado, lá vinha a clássica pergunta: de como a torcida brasileira tratava os visitantes... Perguntavam se os jogadores estrangeiros ficariam a vontade sem constrangimento, para atuar perante o nosso público.

Respondia-lhes que o povo brasileiro era muito cordial e cavalheiresco, imparcial mesmo diante das grandes jogadas, que costumavam aplaudir. Dizia-lhes que a nossa torcida era bem humorada e possuía espírito desportivo.

Então vinha uma leve referência aos argentinos, e a infalível interrogação sobre o motivo do seu não comparecimento, como quem relaciona os fatos...

Quando eu afirmava que a ausência deles era assunto apenas deles, sempre perguntavam qual era o grau de nossa rivalidade. Um dia me perguntavam porque se fizera o fosso, separando o campo de jogo do público! E essa pergunta, mostrando, aliás, como estavam perfeitamente a par de todas as características do nosso Estádio Municipal, encerrava uma certa malícia, uma espécie de acusação... Então lhes fiz ver: vocês são contraditórios e injustos. Pois então querem ficar a vontade isolados do público, e comentam depois como quem acusa, essa mesma segurança?!... Tudo que seja segurança não pode ser motivo de censura. Por esse motivo apelo para os torcedores no sentido de incentivar os nossos jogadores com a alegria e humor de sempre, sem quebrar as normas tradicionais (...).³⁶⁵

Neste texto, Vargas Netto parte para a defesa da nacionalidade brasileira, por meio de sua respectiva torcida. Diferentemente do que era apontado pelo próprio jornal desde a sua fundação, em 1931, de que a violência nos jogos de futebol era uma prática comum entre os jogadores e, por vezes, entre torcedores, o autor refuta a ideia de que o brasileiro fosse desrespeitoso ou violento com o adversário, seja no campo, seja nas arquibancadas. Tal defesa é assumida por Vargas Netto por três grandes razões: a primeira, de que se trata de um típico texto deste autor, ou seja, um exemplo claro do discurso de um dirigente esportivo que mantém uma regularidade na defesa da ordem e da disciplina no esporte. Como já vimos no capítulo anterior, esta é uma das principais características de Vargas Netto. A segunda razão é um recado direto e claro para os colegas argentinos, jornalistas e cronistas, que vieram ou não

³⁶⁵ VARGAS NETTO, Manoel. Elegância e Entusiasmo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6391, 24 de junho de 1950. P. 9. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

ao Brasil, mas que faziam a questão de apresentar fatos negativos da organização da Copa do Mundo. De forma educada e polida, o autor lembrava de que os boatos (para ele) de que o campeonato mundial de futebol estava aquém do que poderia ser, estavam relacionados com uma campanha anti-Brasil, provocada pela desistência da Argentina.³⁶⁶ Para o cronista, despeito e rivalidade sul-americana estariam ultrapassando os muros de nosso continente e chegando aos ouvidos dos europeus.

Neste ponto, chamo a atenção para um artifício narrativo muito comum na crônica e mais comum ainda em Vargas Netto, que é a ampliação de um diálogo realizado em duas “camadas”: a que ele tem com um interlocutor seja ele um colega de profissão (que é o caso), seja alguém que o interpela na rua ou em algum espaço público, ou ainda um leitor que escreve diretamente para ele. A segunda “camada” do diálogo é a exposição da história para quem o lê, ou seja, o leitor de sua coluna. Desta forma, a construção de suas ideias e posições acerca do esporte são dimensionadas a partir de terceiros personagens que interagem com o texto, mesmo que sejam, como acreditamos, por vezes, fictícios.³⁶⁷

Ficção ou não, o que nos parece é que a ideia de um povo cordial, aos moldes de uma adaptação do homem brasileiro freyreano é um destaque para o discurso conservador e disciplinador de Vargas Netto.³⁶⁸ Este é o terceiro grande argumento do autor. Pensar que a torcida pudesse ser “cavalheiresca” e “imparcial” diante de jogadas adversárias não é um delírio de um intelectual que frequentava os estádios, mas sim parte de um conjunto de visões regulamentadoras do esporte e da própria sociedade. Todo o entusiasmo (que compõe o título

³⁶⁶ Sempre importante lembrar que Argentina, que antes da II Guerra Mundial, era considerada a segunda preferida da FIFA a sediar o evento em 1950, perdendo apenas para a Alemanha, uma potência que viera de uma bem sucedida Olimpíada de 1936 em Berlim, tanto do ponto de vista organizacional, como do competitivo. A guerra trouxe outro panorama para a História e o Brasil, em 1946, conseguira ser escolhido em Luxemburgo para sediar a próxima Copa do Mundo. Os argentinos, então, se recusaram a participar do evento, quanto menos ainda ajudar em sua organização, alegando, inclusive, que não era possível formar uma seleção após o caos estabelecido por uma greve geral em 1948 e a consequente debandada para outras ligas (inclusive, a alternativa criada na Colômbia). Sobre mais detalhes, consultar: ANPUERO, Luiz e REUTERS. *Desistência argentina na Copa de 1950 causou décadas de ressaca*. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/desistencia-argentina-na-copa-de-1950-causou-decadas-de-ressaca,c6f0c7d7ad726410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20/01/2016. Sobre o campeonato disputado na Colômbia, uma boa e raríssima leitura sobre o assunto pode ser encontrada em: GOMES, Eduardo de Souza. *El Dorado – Os efeitos do profissionalismo no futebol colombiano (1948-1951)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

³⁶⁷ Não temos como comprovar que os personagens em diálogo nos textos dos cronistas realmente existiam, mas, por outro lado, não achamos que tal percepção seja relevante para este trabalho.

³⁶⁸ Sobre a contraposição do homem brasileiro cordial entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda, ver o trabalho de SOUZA, Ricardo Luiz de. As raízes e o futuro do “Homem Cordial” segundo Sérgio Buarque de Hollanda. In: *Caderno CRH*. V. 20 n.º 50. Salvador. Maio/Agosto 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000200011>. Acesso em: 20/01/2016.

desta crônica), alegria e bom humor, características, segundo o autor, de nosso povo, deviam ser celebradas mas sem nunca perder de vista “as normas tradicionais”. Desta forma, tradição, conservadorismo, disciplina, ordem e organização tornavam o futebol brasileiro, pelos menos do ponto de vista esportivo, apto a entrar para o clube dos países desenvolvidos. No aspecto tecnológico, a engenharia do Estádio Maracanã (conhecido como Municipal na ocasião) além de ter sido amplamente divulgada pelo jornal durante sua construção, servia agora para por fim às desconfianças estrangeiras de falta de capacidade de organização, pois a ideia do fosso, era para dar mais tranquilidade e paz para aqueles que iam estritamente trabalhar nos eventos esportivos e não um sinal de barbárie. Apesar do argumento um tanto contraditório, o cronista articula tecnologia/engenharia/segurança com a cordialidade e alegria da torcida brasileira, com o objetivo de criar um clima de festa. Uma festa nacionalista e moderna, por sinal.

O clima de euforia e entusiasmo nacionalista continuaria em várias outras crônicas, como a que destacamos a seguir de Pedro Nunes:

Onze por quarenta milhões

Tudo pronto. Se está bem ou mal, o futuro dirá. Agora, já não se pode pensar no que poderia ter sido feito. Temos é que fazer olhos fitos na grande conquista. Seja um lugar comum, ou não, a verdade é que todos os adversários são difíceis. E que esse México não joga tão mal, prova-o o resultado da temporada do Botafogo no país azteca. O Botafogo, é bom que se diga, que é um grande team do Brasil. Das forças máximas do football brasileiro. Claro que há várias circunstâncias que nos são favoráveis. Já não falo do fator campo. Praticamente os jogadores brasileiros não se familiarizaram com o gramado do Maracanã. Não houve tempo. Mas a terra é brasileira. E torcida é torcida. E quando se ouve aquele brado: “Brasil! Brasil! Brasil!” a força de vontade remove montanhas... É preciso considerar que, certa vez, quase ganhamos lá fora, frente a inúmeras hostilidades e ambientes. Tivesse Léonidas jogado, Tim compreendido as suas responsabilidades e Domingos conservado a necessária serenidade naquele match dramático com a Itália.

Toda a confiança, portanto, sem excesso de otimismo, nos rapazes que hoje começam a defender o pavilhão nacional no maior acontecimento esportivo do Brasil em todos os tempos. E eles tudo possuem para a grande façanha.

Se Valter Goulart foi grande no seu tempo, Barbosa é o goleiro de hoje. Se já não há a mestria de um Domingos da Guia, há a fibra de um Augusto, de um Juvenal, de um Nena, de um Santos. A flama de Zezé Procópio vamos reencontrar na de Bauer e na de Eli. As saudades da elegância de Martim mataremos com a precisão de Danilo, em “Príncipe”, como tanto se tem dito.

O espírito de luta é a virilidade de Afonsinho, revivem em Bigode, intensamente. Se não há Lopes nem Romero, Leonidas nem Peracio, nem Hercules, há, porém, Maneca e Zizinho, Baltazar, Jair e Rodrigues. Mudam os personagens. O enredo é o mesmo: colocar bem alto o nome do Brasil.

Daí essa expectativa ansiosa de quarenta milhões dependendo de onze, o que noz faz parodiar o velho Churchill: “Nunca tão poucos fizeram tanto por tantos...”³⁶⁹

Neste texto, Pedro Nunes realizava elogios exaustivos aos jogadores brasileiros, demonstrando, com isso, uma grande comparação com os atletas do passado da seleção nacional. Na verdade, a opção do cronista era valorizar a essência do futebol brasileiro, esporte tão importante para a nação e que agora poderia provar para o mundo todo as nossas reais capacidades. Vários nomes são citados e mudam de um plano histórico para outro, mas algumas características permaneceram como se fossem inerentes à camisa do Brasil, como “o espírito de luta” e a “virilidade”.

Temos aqui a ideia de confusão de um passado com o presente, ou seja, de um tempo vivido, mas que permanece intacto, porém, com outros personagens de uma mesma história, uma clara exploração do conceito de memória. Quase como se fosse uma peça a ser encenada por outros atores, em um outro cenário, já que a palavra “enredo” é utilizada pelo autor. A proximidade das palavras e expressões utilizadas nas crônicas esportivas com o universo cultural, ou seja, do teatro, do cinema e da música de forma geral, não é uma mera coincidência pois a década de 1950 ampliou uma sociedade já ávida pelos espetáculos culturais e esportivos, seja pelo crescimento populacional no período nas grandes cidades, seja pelas oportunidades criadas na indústria cultural e no campo esportivo ou, ainda, pela instrumentalização de aglutinar ambos.

O próprio jornal em suas páginas, especialmente entre a segunda e a terceira, trazia diariamente um espaço bem interessante sobre os principais filmes em cartaz nos cinemas cariocas, além de peças de teatro e espetáculos de música e dança (estes, em menor quantidade do que os primeiros). Além disso, eram frequentes as colunas de crônicas sobre cinema, teatro e música. Portanto, esporte e cultura frequentavam as páginas do *JS* e era de se esperar que tal fato se refletisse também na forma de ver e vivenciar os esportes por parte dos referidos cronistas.³⁷⁰

³⁶⁹ NUNES, Pedro. Onze por quarenta milhões. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.391, 24 de junho de 1950. P. 9. Coluna Bolas na Lagoa...

³⁷⁰ Um exemplo desta parceria entre esporte e cultura pode ser visto na obra de Antonio Olinto, cronista esportivo em grandes eventos como a Copa do Mundo de 1950 mas que assinava regularmente a coluna sobre cinema do próprio jornal.

Voltando para o plano mais geral e perceptivo desta crônica, vemos o quanto é interessante perceber que a nacionalidade exaltada neste momento (“Brasil! Brasil! Brasil!”) é somada ao clima de euforia e de apoio a todos os jogadores do selecionado, apesar de algumas ressalvas colocadas quase como obrigatórias no seu próprio texto: o desconhecimento do gramado, a força do time mexicano e dos demais adversários, o excesso de otimismo, etc.

Ambas as crônicas exaltavam o que Hall define como “narrativa de nação”, quando cultura e a mídia, dentre outras instâncias estabelecem os limites de pertencimento dos quais podemos chamar a atenção para as perdas, as vitórias, os desastres.³⁷¹ Estas experiências partilhadas criavam uma ideia de representação de nação, moldando o indivíduo em seu aspecto mais coletivo e cultural.

Outra característica bem comum neste período era aproveitar a oportunidade para citar um clube brasileiro e, apesar de não pontuarmos como uma aparição evidente do clubismo nas crônicas deste jornal, como em outros exemplos, é de chamar a atenção que o olhar para o clube de futebol (no caso, o Botafogo) servisse de exemplo para valorizar a seleção adversária. Portanto, identidade clubística e nacional são colocadas em contato neste texto e exploraremos mais adiante, em tópicos distintos, as características encontradas por cada uma delas no jornal.

O final do texto apresenta outra característica bem comum no universo das crônicas: a citação. Esta pode vir de várias formas: com uma carta ou trecho do discurso de um leitor, de um colega de trabalho, de um estranho, de um provérbio ou ditado popular, ou ainda, como é o caso, de uma personalidade mundialmente reconhecida: Winston Churchill.³⁷² O intuito geralmente é legitimar um determinado discurso com uma frase ou expressão de alguém que possa contribuir para a assertiva do autor. Neste caso pontual, foi utilizada uma frase que originalmente serviu para glorificar a força aérea britânica (RAF) diante de vitórias bem sucedidas e heróicas (por estarem em menor número que o inimigo, os aviões alemães da Luftwaffe) na primeira fase da II Guerra Mundial. A escolha desta frase, deslocada para a Copa do Mundo de 1950, em solo brasileiro, denota um tom nacionalista de apoio ao

³⁷¹ HALL, Stuart. P. 48.

³⁷² Winston Leonard Spencer-Churchill (1874-1965) foi o primeiro ministro da Inglaterra pelo Partido Conservador durante dois momentos: entre 1940-1945 e entre 1951-1955. Considerado uma das lideranças mais importantes para a resistência inglesa durante a II Guerra Mundial e pela aproximação com os Estados Unidos neste período. Sua biografia pode ser lida em: CHURCHILL, Winston S. *Memórias da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 2 V.

selecionado e também um viés de guerra, de enfrentamento, de postura heróica diante do incerto, do perigo da derrota, dos adversários misteriosos (como o México, por exemplo).

Se a defesa da nação era cumprida pelos cronistas esportivos do *JS*, a oportunidade de valorizar a cidade do Rio de Janeiro por meio do seu povo, do seu estádio e das suas ruas e belezas naturais também era celebrada neste momento de euforia, conforme podemos observar nos exemplos a seguir, sendo o primeiro texto de José Lins do Rego e o segundo de Antonio Olinto:

A cidade

A cidade mudou de cara com a “Copa do Mundo”. Por toda a parte se vê uma mudança de fisionomia. As bandeiras desfraldadas, e por toda parte a ansiedade pelo acontecimento. O Rio se entregou de corpo e alma aos visitantes que aqui chegaram, para ver de perto uma autêntica maravilha da natureza. O Rio não esconde um pedaço de mar, um recanto de floresta, uma nesga do céu. A cidade se preparou com suas melhores festas, aí está bonita como nunca.³⁷³

Neste texto acima, objetivo, claro e resumido, conforme características específicas deste autor, conforme vimos no capítulo anterior, podemos observar a fusão de um sentimento nacionalista, ao lembrar das bandeiras e da importância subjetiva da Copa do Mundo, com o de pertencimento da cidade e sua capacidade (extrema, de acordo com a crônica) de receber o mundo inteiro de forma bonita e cordial. A cidade que já era bela, por ser uma “autêntica maravilha do mundo”, apresenta ainda mais um bônus: a sua capacidade de se transformar para melhor sediar este grande evento, importante para toda nação. Aqui cabe uma ressalva de nossa parte: não foi de interesse desta pesquisa buscar crônicas que valorizassem as cidades sedes do campeonato em outros estados, mas cabe informar que apesar das informações dos jogos serem publicadas diariamente ao longo deste período, não encontramos uma crônica sequer que pudesse ter este objetivo. Ou seja, a relação da identidade nacional com a local se restringiu por completo à cidade sede do *JS*, ou seja, o Rio de Janeiro. Não nos surpreendemos com esta abordagem e opção de publicação sobre a cobertura do jornal na Copa do Mundo, porque retornamos à justificativa do veículo de enxergar o esporte nacional sob a ótica do Rio de Janeiro, do “mundo carioca” de perceber o esporte para todo o país.

³⁷³ REGO, José Lins do. A cidade. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.392, 25 de junho de 1950. P. 11. Coluna Esporte e Vida.

O segundo texto, publicado no dia derradeiro da final no Maracanã, exaltava não só a possibilidade de apoteose do esporte nacional com a iminente conquista do Campeonato Mundial de Futebol da FIFA, mas também da forma como ela se daria, com uma felicidade nas ruas das cidades pela conquista grandiosa. O tom era de desafio, mas lido como um prenúncio da glória que o povo mereceria, um degrau que finalmente seria alcançado na tarde daquele dia:

O Ápice do Clímax

Sinto o ambiente tenso de emoção. Pelas ruas da cidade, há pessoas estranhas que andam sem saber para onde. De que terras vieram? Que pensamentos têm? Que desejam? Parecem sonâmbulos. Carregam consigo um espaço diferente, um espaço feito de suprema expectativa. Compreendo que não conseguirão passar muito tempo assim. É preciso vir a eclosão, o libertar definitivo de todas as alegrias para a grande festa. Cada um esconde o mesmo pensamento, tão igual e, no entanto, tão pessoal, dosado pelo modo particular de receber as emoções. De vez em quando, falam. E é como se as portas dos oceanos tivessem sido abertas. Todas as profundezas de uma vida, tudo o que enche os momentos de silêncio, o que faz vibrar os pedaços inatingidos da paixão, tudo o que somente o amor consegue arrancar – surge, em gigantescas golfadas de sentimento, de esperança, de certeza.

É o ápice do clímax, é o momento único e final. É um povo em busca da glória. Já não há lugar para o sofrimento nem para a neutralidade. Existe somente uma grande vontade, única, feita das vontades de milhões de pessoas. E o nome de “Campeões” passa pelos sentimentos de cada brasileiro.

Hoje, somos todos um. Hoje, não existimos como pessoas separadas. Co-existimos. Formamos um todo, uma só voz, um desejo, um rosto, um corpo quebrado por muitas expectativas, mas que reservou as maiores energias para a hora suprema. O próprio sangue de um passa também pelas veias de outro. As arestas foram cortadas e a unidade é completa. Hoje, ficaremos confundidos com a estrutura do estádio. Superaremos a construção de metal e de pedra com a extraordinária força de muitas vidas fundidas em uma.

O clímax teve momentos de alegria que pareciam insuperáveis. Começou há pouco tempo e foi tomando conta de todos os desejos. Provocou gritos que ninguém esperava conseguisse dar, quebrou a fisionomia endurecida dos infelizes. O clímax despiu todas as vaidades, deixou as pessoas reduzidas a serem humanos na pureza de suas sensações mais simples. Arrancou os últimos vestígios de hierarquia. Uniu os insubmissos, dirigiu os sentimentos para o mesmo fim. Agora, é ápice, é o ponto mais alto da emoção coletiva.

E sinto que ninguém tem movimentos próprios no dia de hoje. Uma força diferente impele as pessoas para o mesmo lugar. E os terríveis gritos do homem ainda não foram dados. A infância de todos, vivida no interior de Minas, perto do rio Amazonas, nas fazendas de São Paulo, na terra agreste do Norte, nas colinas do Sul, sob a proteção de arranha-céus, nas casas coloniais cheias de passado – com as paisagens que cada um veio vendo pela vida, o rio envolvendo as montanhas, as noites vividas sob as estrelas, a fumaça do trem no meio do vale, o momento do lirismo e a humilde esquina de uma rua de qualquer cidade quieta – esta infância sobe das lembranças de cada um e grita também. Grita que nada disso terá sentido

se o ápice do clímax não for vencido. Grita o mais espantoso de todos os gritos: o grito da vitória.³⁷⁴

Antonio Olinto exercia aqui no exemplo acima todas as suas capacidades de escritor ficcional e de crítico de cinema ao retratar a ansiedade e o gozo reprimido da torcida brasileira diante da conquista imediata e ao mesmo tempo incerta, como somente o esporte poderia apresentar. A própria escolha do título do texto (“O Ápice do Clímax”) eleva o grau de expectativa do leitor no limite máximo de apreensão e angústia possível. Percebe-se que não só o autor procura captar este sentimento nas ruas e bares, ou seja, em todos os cantos da cidade, mas também procura acrescentar ainda mais este clima de euforia e medo, uma mistura de sensações e vibrações que conseguem dialogar, apesar de parecerem por vezes contraditórias no dia a dia do homem comum.

A partir deste clima provocado pela imprensa de forma geral e em destaque pelos cronistas esportivos, podemos pensar, apesar de não termos dados correspondentes de recepção, de que a forma de sentir e vivenciar os esportes sofria uma influência direta destes autores? Utilizando a interpretação em um período mais macro destas mudanças da capacidade do ser humano sentir, nos apoiamos em uma resposta positiva, a partir do trabalho de Haroche.³⁷⁵ De acordo com esta autora, os modos de funcionamento da sensorialidade com as impressões, sensações e modos de percepção estão desde a modernidade sendo abalados pela velocidade e intensificação de um modo de vida mais acelerado.³⁷⁶ Na verdade, toda a forma de percepção de mundo e de senti-lo é transformada a partir da modernidade, de acordo com a autora supracitada. O que queremos pensar é o quanto o dinamismo da década de 1950 ampliou esta capacidade do homem moderno de perceber e sentir novas formas de cultivar as emoções e sensações em torno do esporte. Neste aspecto, sem termos como mensurar tal questão, acreditamos que as crônicas contribuíram com este processo ao lado do rádio e, posteriormente, a televisão.

Olinto permeia seu texto e sua narrativa com visões que enaltecem os sentimentos em torno desta final, com o uso das palavras “emoção”, “alegrias”, “paixão”, “amor”,

³⁷⁴ OLINTO, Antonio. O Ápice do Clímax. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.410, 16 de julho de 1950. P. 9.

³⁷⁵ HAROCHE, Claudine. *Op. Cit.* P. 15-57.

³⁷⁶ *Ibidem.* P. 17.

“esperança”, dentre outras escolhidas para registrar o momento histórico do desporto nacional. As pessoas narradas pelo olhar ficcional do autor são apresentadas como se estivessem presas, em transe, numa catarse paralisada, aguardando apenas o momento adequado para a sua libertação final. A liberdade seria conquistada com a vitória contra os uruguaios, momento terminal, em um esporte nada definitivo, quando todos poderiam desamarrear sua apreensão e tornarem-se livres para a plena comemoração. A libertação final podia ser compreendida não só por essa necessidade de sair da prisão da ansiedade e expectativa mas também pela história do futebol brasileiro que atingiria seu ápice evolutivo no contexto mundial esportivo. Justamente no momento onde o Brasil poderia mostrar ao mundo que era um país de destaque na América Latina e que alcançara as raias da modernidade em outros aspectos da sua organização, como do ponto de vista da democracia liberal e representativa como também do desenvolvimento tecnológico e industrial. Um intenso clima de otimismo crescia mesmo com a possibilidade angustiante de encarar um adversário elogiado pela imprensa esportiva de todo o país. O papel das crônicas do *JS*, portanto, aumentava cada vez mais esta discussão ao cumprir seu objetivo de usar e abusar dos sentimentos nas páginas daqueles dias anteriores da grande final. A dúvida em torno da derrota era deixada de lado à medida que o texto progride em torno de um ritmo progressivo de confiança. No final do primeiro parágrafo, a “esperança” era seguida pela palavra “certeza”. Os sentimentos de alegria de milhões de brasileiros não poderiam ser abafados por uma tragédia ou uma derrota naquele estádio que teria sido construído apenas com um só objetivo: mostrar o mundo quem seria o Brasil de fato.

Mais uma vez, o recurso narrativo da memória era utilizado para dialogar entre os leitores e o autor, quando este remete o torcedor ao seu passado distante e remoto da infância. Para tanto, a memória era discutida a partir de imagens espaciais que ilustram o caminhar do torcedor em uma única direção: a da partida derradeira, a do bairro central do país – o Maracanã, a vitória merecida. A história é contada como se o início (a infância) tivesse um final feliz, como em um enredo de um filme hollywoodiano, como tantas películas já comentadas e criticadas por Olinto, inclusive nas mesmas páginas do *JS*. A própria infância tornava-se não só uma etapa significativa desta história pessoal e ao mesmo tempo coletiva dos brasileiros, mas ganhava vida particular no trecho “(...) esta infância sobe das lembranças de cada um e grita também”, como se ela se tornasse sujeito de uma trama e coadjuvante de outra, ao mesmo tempo.

O artifício utilizado por Olinto em seu texto nos remete à relação entre a memória individual e coletiva, amplamente explorado por Halbwachs, do qual a primeira está intrinsecamente relacionada com a segunda, tendo em vista que as lembranças são construídas e estabelecidas em um grupo.³⁷⁷ Sentimentos, paixões, sensações e afetos debatidos pelo esporte nacional, como numa Copa do Mundo, por exemplo, só fariam sentido se fossem inspiradas de forma coletiva e não apenas individual. Interessante percebermos que o conceito de subjetividade, tão caro para nós neste trabalho ao analisarmos as crônicas, não se perde com a construção de identidades, sensações e vivência de uma memória coletiva. A ideia de coesão do qual o cronista aponta com suas construções simbólicas representativas, para Halbwachs não era necessariamente monolítica, tendo em vista que os integrantes destes grupos atuam em um espaço de conflitos e de interação mútua e constante.

Voltando à análise do texto, podemos observar que o grito da vitória, portanto, libertaria a ansiedade explorada nas primeiras linhas da crônica e o próprio caminhar e trajetória do brasileiro, que vindo das partes mais distantes do país, agora estava no centro de tudo. A visão de sociedade de Olinto é centralista e urbana por conta da ideia de que o passado, invariavelmente rural, seria substituído pela vida na cidade, em um grande centro da Região Sudeste, aqui lembrado pela cidade do Rio de Janeiro como de outras áreas onde predominavam os arranha-céus.

Por fim, e não menos importante, o autor conclamava os sentimentos despertados neste texto e na própria análise da sua leitura do evento, como um momento de identificação nacional, mas também de um movimento de identificação coletiva que superaria todas as diferenças, sejam elas pessoais, sociais, de trabalho ou de classe. O esporte, no caso o futebol brasileiro e sua representação máxima, ou seja, a seleção brasileira, em um evento mais importante possível, disputando uma Copa do Mundo, em um local mais próximo possível de sua torcida, em seu próprio país, teria todas as condições de promover um rearranjo coletivo em nome da nação. A ideia de que “somos todos um” é tipicamente explorada pela imprensa em grandes momentos como esse, em que o processo de percepção de determinado evento não faz sentido por um viés individual, mas sim apenas pela compreensão do sentimento coletivo.

³⁷⁷ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

A imprensa, em especial a esportiva, possibilita(va) uma série de artifícios para tanto, seja nas várias formas de apresentar um determinado tema para os leitores, passando pelas escolhas das palavras, expressões, figuras de linguagem, provérbios, ditados populares, dentre outros para criar um texto que representaria de forma subjetiva a pauta em questão. No caso acima, na crônica de Antonio Olinto, a identidade nacional é bastante explorada por conta da conflagração de um sentimento coletivo em torno do esporte. Na verdade, podemos chamar a atenção para os vários sentimentos que são desenvolvidos neste texto específico, como vimos anteriormente. A frase “(...) O próprio sangue de um passa também pelas veias de outro” transforma a torcida brasileira e a própria população como um ser orgânico e que, portanto, deveria mirar num único objetivo, na busca e na comemoração da vitória. A noção de organicidade nacional traçava um perfil ideal e desejado de torcedor: aquele que pudesse se acoplar rapidamente ao “ser nacional” único, a essa identidade forjada, mesmo que de forma eventual. Além desta visão orgânica da torcida brasileira, Olinto usa a ideia simbólica de uma fusão com o estádio, motivo de orgulho da engenharia nacional, uma mistura entre sangue e cimento, músculos e ossos com as estruturas metálicas do ambiente esportivo. Enfim, uma verdadeira ode à construção de um sentimento de euforia, voltado para a união da nação neste momento.

O clímax, palavra chave do texto, seria o responsável pela quebra não só da possível infelicidade (seja ela subjetiva ou social) mas também das hierarquias que a sociedade apresentava. O jogo final seria uma oportunidade não só de unir os sentimentos em torno da nação, mas de unificar classes sociais ao redor de um propósito único. A identificação com o desejo nacional pela vitória esportiva se fundia, assim como a representação das vidas humanas com o estádio, como a união entre o sucesso no esporte e a melhoria da vida social da população, no início da década otimista. Apesar desta relação da representação destes esforços da imprensa e de setores do Estado em promover a euforia e a sensação de conquista e de vitória, os índices e indicadores sociais brasileiros caminhavam para outra direção.³⁷⁸

³⁷⁸ Os indicadores sociais divulgados pelo IBGE na década de 1950 são escassos de precisão e de informações mais conclusivas, mas ainda sim podemos utilizar dados relevantes. A inflação média anual da década de 1950, por exemplo, ficou na ordem de 19%. A carga tributária alcançava no ano de 1958 a taxa de 19% do PIB, por conta da tributação em torno das despesas domésticas e dos tributos diretos, além da criação de impostos sobre a renda e o consumo. Além disso, o aumento populacional na segunda metade do século XX (sabendo que de 1900 a 1950 a população triplicou no Brasil e daí para adiante o índice continuou seguindo uma rota de crescimento significativo, atingindo um índice recorde de 2,99% de taxa de crescimento entre as décadas de 1950 e 1960). Em resumo, apenas para explorarmos estas breves informações, temos uma tríplice aliança acerca das condições sociais médias nas cidades brasileiras no início da década de 1950: aumento da população, da carga tributária e

Porém, o autor adiantava que o ano de 1950 renderia frutos áureos para o esporte brasileiro e, também, para o otimismo nacional, pois iniciariamos uma década como campeões do mundo no futebol, elevando a importância do país nos padrões internacionais de relevância geopolítica. A insubmissão de alguns, citados na crônica acima pode ser interpretada como uma dupla referência: aqueles que faziam oposição à construção do estádio Maracanã e os seus respectivos gastos públicos com a obra gigantesca e aqueles que no dia a dia tornavam a harmonia social uma impossibilidade, como movimentos sociais e partidários contra o governo, por exemplo. A Copa do Mundo, agora, uniria tudo e a todos e, tal como num roteiro de cinema, da qual o autor era especialista, o enredo caminhava para um final de redenção e felicidade. Não por acaso, numa forma de realçar todo o seu texto, deixava como última palavra, a “vitória”.

Vargas Netto voltaria a debater a euforia e apoiar o clima de nacionalidade em torno da seleção brasileira. Discutindo mais sobre o papel e a responsabilidade da equipe brasileira, tirava um pouco o foco da torcida e jogava para os atletas do selecionado, sem, todavia, diminuir a importância do debate ao redor da nação, como podemos observar na crônica abaixo:

A Batalha Final...

Uma conquista de campeonato requer em grande match final. Por isso peço aos nossos atletas a sua maior e melhor “performance” contra os uruguaios.

Não peço que vençam, pois seria absurdo admitir outra solução que não fosse a vitória. Não admito a hipótese que não inclua o mais amplo e belo triunfo. Eu sei que os uruguaios são duros, têm muita fibra e usam todos os recursos. Mas sei também que “duro com duro não faz bom muro” e que “dois bicudos não se beijam...” Os nossos jogadores precisam dizer aquela quadra do “Martin Fierro”:

Con los blandos yo soy blando, y, con los duros soy duro, singuno en um apuro me ha visto andar titubeando!... Afinal de contas o mais certo é que “contra a força não há resistência”. Precisamos jogar o máximo, e levar o match dentro do maior cuidado, para a coroação final de nossa campanha.

Os uruguaios são lutadores e não se conformam em perder sem dar combate. Isso faz parte da tradição deles. Não se entregam nunca. É preciso dominá-los, imobilizá-los para que se conformem.

Nós temos altas qualidades técnicas. Desfrutamos um excelente padrão de jogo. Temos um sistema tático, com atletas conhecedores, dos segredos e em perfeita forma física. O moral de nossa seleção é elevado, a equipe está em ponto de bala, nada falta para vencer senão a vitória. Mas essa será nossa com certeza, se o team do Brasil jogar como sabe e como deve.

Só peço que joguem serio, com valor e espírito desportivo, fazendo tudo que puderem, lutando de principio a fim, sem subestimar o adversário. Os uruguaiois têm experiência e tradição, e são nossos amigos íntimos, de modo que conhecem nossos costumes e nossos sistemas. Eles não virão desprevenidos. Previnam-se vocês.

Levem em conta isso: o nosso adversário de logo mais, vem para vender caro a sua derrota, que será também sua última hipótese!

Vençam-no bem!

Não deixem dúvidas de que vocês serão os melhores para serem campeões do mundo.³⁷⁹

Os recursos literários de Vargas Netto, como já pudemos analisar anteriormente, ditava um ritmo narrativo com duas características centrais: a do subterfúgio de provérbios e frases populares e do uso da disciplina e organização em sua concepção sobre o esporte e o seu respectivo campo. No primeiro caso, logo no início da crônica, ao tratar da equipe adversária do Brasil na grande final, faz uso de duas frases populares: “duro com duro não faz bom muro” e “dois bicudos não se beijam...”.³⁸⁰ O tom do diálogo era iniciado pelo uso de dois provérbios de fácil entendimento por qualquer leitor, devido aos usos populares das frases e de rápida percepção da informação que o autor queria passar. A ideia de euforia e de confiança era salientada desde o início do texto, pois Vargas Netto não ousara nem pedir a vitória, pois esta seria uma condição incontestada da existência da própria final da Copa. Todavia, o que nos parece por aqui era a construção de uma peça de retórica mais voltada para a valorização do adversário do que propriamente da dúvida da capacidade da seleção nacional vencer seu desafio. “Dois bicudos” e “duro com duro” coloca as duas equipes em pé de igualdade, num mesmo plano de capacidade de vencer a partida, apesar de todo o otimismo.

Possibilita pensarmos também que o autor valorizava a partida não apenas pela final ou pela vitória iminente, mas, sobretudo, porque jogaríamos contra os uruguaiois, um rival

³⁷⁹ VARGAS NETTO, Manoel. A Batalha Final... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.410, 16 de julho de 1950. P. 9. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

³⁸⁰ Destacamos que ambas as frases são provérbios populares portugueses amplamente utilizados no Brasil, sendo impossível para nós identificar as origens de seus usos em nosso país.

histórico no futebol e em outros esportes.³⁸¹ A rivalidade sulamericana era um ingrediente a mais neste contexto de final e possibilitaria também, para o autor, explorar mais uma vez, assim como os outros, a força e a capacidade da nação, mesmo que esta fosse representada no momento por uma equipe esportiva.

Todavia, cabe ressaltar que Vargas Netto fez uma opção bem interessante quando trouxe “Martin Fierro” para sua leitura do jogo entre Brasil e Uruguai. “Martin Fierro” é considerada uma obra pátria da identidade do gaúcho argentino, escrito pelo poeta, político e jornalista José Hernandez.³⁸² As escolhas do autor quando trouxe uma referência literária para dentro da sua própria produção textual, era eivada de um tradicionalismo cultural que tem fortes bases no regionalismo gaúcho. De acordo com Ricardo Carle, Martín Fierro é um personagem “(...) fiel aos sentimentos da gente pampeana. Hernández não negaceou nem mesmo o lado mais feio, ainda que para ele talvez nem fosse tão feio. Seu guasca falastrão é violento, machista e cheio de ódio contra índios e *gringos*.”³⁸³ Em outra passagem de sua análise sobre esta obra, Carle, informa que: “(...) O exagero é evidente. Hernández tentou capturar o linguajar gaúcho e o fez à sua moda. Além disso, muitos termos empregados no poema perduram nas vozes do pampa”.³⁸⁴

Portanto, os versos “*Con los blandos yo soy blando, y, com los duros soy duro, singuno en um apuro me ha visto andar titubeando!*”, do texto de Hernández sobre Martín Fierro, o autor da crônica trazia para o debate sobre o jogo entre Brasil e Uruguai um embate gauchesco e uma necessidade da seleção brasileira de assumir este espírito de luta que vem das fronteiras do sul do país, que, obviamente era a origem do próprio cronista.³⁸⁵

³⁸¹ Como no remo, por exemplo, nas competições no final dos anos 1920 e início dos anos 1930, do qual o Brasil participou em várias ocasiões.

³⁸² José Hernandez (1834-1886) além de ter investido na literatura e na imprensa, também participou de movimentos políticos importantes na Argentina do século XIX, lutando ao lado de revoltas dos gaúchos de províncias deste país contra a centralidade da província de Buenos Aires. Criou o personagem Martín Fierro, um revolucionário gaúcho argentino em duas grandes obras: “El Gaúcho Martín Fierro” de 1872 e “La Vuelta de Martín Fierro” de 1879. As obras de Hernandez são consideradas como pilares fundamentais da literatura argentina. No dia 10 de novembro, data de seu nascimento, comemora-se o dia da Tradição na Argentina. Ver mais em LAVIÉ, Humberto Quiroga. Vida y Obra de José Hernández, su ambiente político. El Martín Fierro. Buenos Aires: Editorial Bunken, 2015.

³⁸³ CARLE, Ricardo. A sombra de Martín Fierro em Livramento. In: *Zero Hora*. 29 de março de 1998. Caderno Cultura.

³⁸⁴ *Ibidem*.

³⁸⁵ Tradução do texto: “(...) com os brandos sou sempre brando, e sou duro com os duros, e ninguém, noutros apuros, me viu andar titubeando.”

A valorização das qualidades uruguaias como a de que nunca desistem e de que lutam até o fim, não aceitando a derrota era, em certa medida, uma própria exaltação da origem gauchesca de uma região brasileira. Criava, por esta medida, uma identificação direta contra o adversário, contra o “inimigo” de antigas batalhas do século XIX. A certeza da vitória nas primeiras linhas abriria espaço para a dúvida da capacidade de resistir do time uruguaio e das possibilidades do Brasil. Reforçando a origem de luta dos uruguaios, o autor usava mais um provérbio português acerca da força deste time, ou seja, “contra a força, não há resistência”.

Este é um exemplo bem significativo de porque optamos por analisar as crônicas e seus respectivos autores pelo conceito de cena, de Maingueneau.³⁸⁶ Este autor, defensor da análise do discurso, permite que possamos discutir as nossas fontes a partir de um ponto de centramento no autor e suas intencionalidades, não apenas no que está enunciando, mas de que ponto de partida, origens sociais e culturais e relações culturais envolvidas neste processo. No caso específico de Vargas Netto, a linguagem utilizada denota uma forma específica de diálogo com seu público leitor, a que traduzia uma origem de dirigente esportivo que vivenciara períodos da História brasileira, desde os mais autoritários ao de abertura democrática liberal (com o final da ditadura do pós-1945, justamente do seu tio, Getúlio Vargas). Voltaremos a este ponto mais adiante, quando tratarmos de outras questões como o clubismo. Por ora, outra característica que resgata os usos de Maingueneau nesta análise é a ideia de subjetividade enunciativa, ou seja, de um processo de assujeitamento do discurso, da relação entre sujeito e autor de determinada fala, o que o possibilita ser enxergado como uma autoridade institucionalizada e legitimada.³⁸⁷

Esta autoridade permitia a consolidação de um discurso austero, mas que nem por isso se eximia da exploração contínua das emoções e sensações em torno do esporte. Para que pudessemos alcançar o triunfo coletivo, se posicionava diante de tamanha euforia da torcida. Identificava que a seleção brasileira tinha todas as condições técnicas e superiores aos uruguaios para alcançar seus respectivos objetivos, porém, precisaria jogar com seriedade e espírito desportivo, o mesmo espírito que fora defendido pelo autor em quase duas décadas de atuação no *JS* e no dirigismo esportivo carioca e nacional. Enquanto cronista do jornal, utilizava seus textos pela defesa do uso extremo da disciplina e organização do universo

³⁸⁶ MAINGUENEAU, Dominique. *Op. Cit.*

³⁸⁷ *Ibidem.*

esportivo. Este espírito, no momento, era mais identificado com o compromisso com o jogo, com a prática desportiva, com a técnica, mesmo que toda a festa e euforia fossem mais relevantes em outras análises do evento, como pudemos perceber na crônica de Antonio Olinto e de Pedro Nunes, por exemplos.

O tom de prevenção e cuidado aumentaria à medida que o texto seguia para o seu término, como se a partida estivesse prestes a iniciar e a atenção deveria ser total neste momento derradeiro da competição: “(...) Eles não virão desprevenidos. Previnam-se vocês.” Se o grau de confiança diminuiria com estas frases na reta final do texto, também cabe dizer que cuidado, prevenção e respeito ao adversário eram palavras recorrentes na visão do autor sobre o esporte e que a mesma acompanhava a narrativa de Vargas Netto ao longo de sua carreira como cronista esportivo. A dúvida para tornar-se campeão do mundo existiria, mas deveria ser encarada com a manifestação da técnica e da euforia que viria das arquibancadas. Se o autor exagerava nas citações e referências literárias e abusava dos provérbios populares em seus textos, mantinha como forte característica também uma passionalidade bastante contida, disciplinada e organizada. Mesmo quando fazia usos de exclamações e chamadas de diálogo (inter)subjetivo, como quando apresentava cartas de seus leitores, era em tom de disciplinar de alguma forma a prática e o próprio campo esportivo.

Uma análise muito próxima da de Vargas Netto sobre as expectativas acerca da grande final pode ser comparada com a crônica de José Lins do Rego, no dia da final. Com um tom ufanista, mas ainda sim reverenciando o futebol dos uruguaios, o cronista literato chamava a atenção para a força do adversário:

Hoje

Os NOSSOS grandes adversários, na disputa desta “Copa do Mundo”, teriam que ser mesmo os uruguaios. E aí estão eles, para a última batalha. Por duas vezes, este ano, tivemos que nos empenhar, para vencê-los por score mínimo. Pensar em uruguaios é ter a certeza de que há sempre adversário duro a combater. O peito dos homens da “Celeste” é peito de combatentes valorosos. E além de peito têm classe bastante para serem, como são, campeões do mundo, como já foram, por duas vezes. Rapazes do Brasil, não vacilem um instante sequer. A “Celeste” sabe combater como autênticos bravos. Vamos vencer estes bravos.³⁸⁸

³⁸⁸ REGO, José Lins do. Hoje. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.410, 16 de julho de 1950. P. 9. Coluna Esporte e Vida.

Em seu formato narrativo sintético e objetivo, José Lins do Rego aproveitava suas poucas linhas para lembrar aos leitores e à torcida brasileira de que os uruguaios eram adversários de tradição e que eram uma seleção bastante dura de vencer. Apesar do apoio depositado no selecionado brasileiro, a desconfiança e o temor permeava esta última crônica antes do duelo final entre as duas seleções. Algo que chama a atenção é que o autor destacava a palavra “Nossos”, escrita em caixa alta, com letras maiúsculas, com a intencionalidade de tratar os adversários como rivais a ser batidos por toda uma nação, por todos os brasileiros em questão. Em tese, os uruguaios iriam, na visão do autor, enfrentar toda uma nação e não simplesmente um selecionado de atletas representando um país.

José Lins exalta a nacionalidade brasileira pelo viés da outridade, da ideia de que nossos brasileiros, a partir do embate, mesmo que no esportivo, com outra nação rival. O discurso deste autor avança na necessidade de transitar entre o tempo de vitórias contra os vizinhos e a redenção do futuro. Trazendo Hall para a nossa análise, acerca da formação e da cultura sobre as identidades nacionais, temos que “O discurso da cultura nacional não é, assim tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro.”³⁸⁹

Diante da alta expectativa do jogo da decisão da Copa, os discursos publicados nas crônicas do *JS* caminhavam para uma onda de otimismo e confiança, porém, com um certo “perigo”, por conta da “bravura”, “tradição” e qualidade técnica da equipe adversária. Desta forma, o que viria logo a seguir possibilitou uma releitura destas mesmas capacidades, porém com o foco no fracasso da seleção brasileira, ou seja, passou-se a discutir a falta destas qualidades que sobravam para a seleção “celeste”. Teríamos, então, uma grande discussão no *JS* sobre as causas da derrota. Na verdade, boa parte deste debate, promovido por estes cronistas, alimentaria uma série de interpretações acerca do resultado da Copa do Mundo de 1950.

O desconfiado José Lins do Rego iniciava a fila de autores que tentavam compreender os porquês da “tragédia” do Maracanã, como podemos observar na crônica a seguir:

³⁸⁹ HALL, Stuart. P. 56.

A Derrota

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal, como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu no coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzidos a uma pobre cinza de fogo apagado. E, de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada tem que esperar, seria assim o alimento dos nossos corações.

Não dormi, senti-me alta noite, como que mergulhado num pesadelo. E não era pesadelo, era terrível realidade da derrota.³⁹⁰

O autor constrói um panorama de funeral, inclusive citando uma comparação com o enterro do próprio pai, exemplo de profunda dor para qualquer pessoa, e de rápido entendimento para quem passara por tal infortúnio, ou que imagina como seria. Para tanto, a utilização de palavras que denotam amargura e tristeza generalizada é escolhida para ilustrar o cenário que invade não só a visão de quem estava por lá no Estádio Maracanã, como para aqueles que não o foram.³⁹¹ Participante *in loco* de todo aquele momento, o autor incorporava a visão do narrador e do narrado simultaneamente, à medida que se identificava com a multidão triste e chorosa. Todavia, a dor da derrota ainda assim poderia ser suplantada por algo ainda pior: a ideia trazida pelo autor da natureza derrotada da torcida, do desporto nacional e quiçá, da própria nação. “Um povo sem sorte” é a definição bem clara e objetiva que José Lins do Rego nos apresentava como a primeira identificação do Brasil, após sua leitura mais sentimental da derrota no futebol. Uma visão psicológica e social da falta de sorte e de ventura da nação, como uma característica quase inata da identidade nacional brasileira, como se tivéssemos todas as possibilidades para alcançarmos um patamar significativo de civilidade e sucesso, mas por algum fator (inclusive, inesperado) não o faríamos.

José Lins traz Camões para sua análise como um elemento da nossa herança lusitana, mas por meio de um peculiar ponto de vista: a tristeza e a melancolia, características presentes na literatura maneirista portuguesa desde o século XVI. De acordo com Lino Machado, “(...) A desilusão que resulta da experiência temporal está muito presente na lírica de Camões, a tal

³⁹⁰ REGO, José Lins do. A Derrota. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

³⁹¹ Cabe lembrar que o Estádio Maracanã também era conhecido como Estádio Municipal por conta dos investimentos da Prefeitura do Rio de Janeiro na sua construção, sob a gestão do Prefeito Ângelo Mendes de Moraes (1947-1951).

ponto que, devido a essa mesma desilusão o poeta procura reprimir tanto as saudades do passado, quanto descrê de algum bem futuro.³⁹² Desta forma, compreendemos que os usos de Camões na crônica sobre a derrota brasileiro trazia um sentido de perda de confiança no futuro da nossa nação, ou, pelo menos no futuro do esporte brasileiro, não porque tínhamos saudades do passado mas porque nossos tempos idos permeavam nossa história com ausência de sorte ou de glórias significativas. O porvir seria preenchido pelo risco de uma total falta de interesse no próprio futebol, ou do que esperar deste esporte.³⁹³ Por fim, o sonho de toda a organização do torneio, desde a luta pela construção do estádio, campanha empreendida arduamente pelo próprio JS, o debate em torno da técnica e das habilidades específicas de nossos atletas e da calorosa e irresistível alegria da torcida brasileira (imaginário da ideia de povo brasileiro) tornaram-se um pesadelo na cor azul, o azul “celeste”.

Assim como José Lins, a desconfiança do futuro permearia o discurso dos demais cronistas, preocupação justa não só pelo calor do momento, mas porque o resultado da Copa do Mundo poderia interferir na própria *performance* da imprensa esportiva na medida que esta retroalimentaria o seu campo de atuação com a cobertura dos eventos, mas também na promoção e intervenção nos mesmos.³⁹⁴

Vargas Netto, devido à sua importância no JS, também apresentaria suas teses em relação à derrota para os uruguayos, tentando, como os demais, achar as causas para tanto:

Depois da Festa

NADA TENHO COM ISSO A NÃO SER COMO BRASILEIRO...

Muita gente me telefona, uns dando pêsames, outros perguntando, porque perdemos.

Mas senhores porque deve eu receber pêsames? Pêsames merecem todos os brasileiros e, principalmente, os atletas e os dirigentes do football nacional. Eu sou um cidadão como outro qualquer. Sinto a derrota do Brasil com os que mais a sentiram, mas não tenho cargos nem responsabilidade alguma na direção do nosso football. Não os tenho nem quero tê-los. Mas antes de tudo temos necessidade de

³⁹² MACHADO, Lino. Maneirismo em Camões: uma Linguagem de Crise. In: REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários. Vitória, a. 4, n.º 4, 2008. P. 5.

³⁹³ Como veremos a seguir, em outro item deste capítulo, poderemos entender a importância da criação da Copa Rio, torneio internacional interclubes e com presença de equipes europeias e sulamericanas.

³⁹⁴ Como veremos, também neste capítulo, a intervenção no campo esportivo pelo JS se dava, dentre outras formas, com o fator de denunciamento contra as ações consideradas antidesportivas por parte das instituições esportivas ou mesmo autoridades públicas.

não ser injustos. Como por uma derrota de dois a um, vocês querem esquecer todas as outras exibições e as grandes vitórias obtidas?

Foram infelizes os rapazes no último compromisso do Campeonato do Mundo. Foram vencidos por um adversário que luta como poucos. Não tem mais jogo que a nossa equipe, mas teve mais peito e mais coração. O segundo goal que fizeram foi produto de uma dupla infelicidade de Bigode e Barbosa. Se jogássemos novamente venceríamos na certa.

Precisamos reconhecer a tradição do football uruguaio e a experiência dos grandes embates. O Uruguai levantou dois torneios olímpicos: o de Amsterdam e o de Paris. E dois campeonatos do Mundo – o de Montevideú em 1930 – e o de agora. Venceu todos a que compareceu. O que precisamos é reagir. Não vamos pensar que se acaba o mundo porque perdemos um campeonato. Nem vamos pensar que não poderemos vencer fora do Brasil.

Os italianos venceram o campeonato de 38 na França e os uruguaiois venceram três no estrangeiro.

Nos últimos campeonatos sul-americanos temos vencido sempre os uruguaiois, e algumas vezes por alto score. Nem por isso os orientais pensaram em suicídio, ou desanimaram na disputa. Vamos recuperar terreno.³⁹⁵

Parece-nos que Vargas Netto tentava eximir não só ele próprio, mas a imprensa esportiva como um todo ao trabalhar com a ideia de que os “pêsames” deveriam ser dados aos verdadeiros responsáveis pelo funeral: os jogadores, a comissão técnica e os dirigentes esportivos da seleção. Temos aí três pontos importantes neste tipo de interpretação do autor: a primeira é de que ao receber os “pêsames” ele, mesmo não concordando, subtendia para o seu leitor como sendo um importante elemento da formação do campo esportivo por se tratar de um cronista de relevância, dentro do próprio jornal.³⁹⁶ Ou seja, ao recusar as condolências pela derrota, enfatizava que era merecedor das mesmas devido à sua posição de destaque no meio esportivo. O segundo ponto de compreensão deste ponto do texto é, por conta de episódios anteriores à Copa do Mundo, uma forma de jogar a culpa nos dirigentes esportivos daquele momento. Uma espécie de vingança velada, discreta e fria diante da sua retirada forçada da presidência da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro, por parte de dirigentes de alguns grandes clubes da cidade.

Por último, e não menos importante, Vargas Netto refletia sobre a própria posição da imprensa, em especial o *JS*, diante de tudo que ocorrera, ou seja, as campanhas em favor da

³⁹⁵ VARGAS NETTO, Manoel. Depois da Festa. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

³⁹⁶ Lembramos mais uma vez que Vargas Netto era também, além de importante cronista esportista, um ex-dirigente esportivo.

organização da Copa, os recursos defendidos como necessários para a conclusão das obras e o apoio incondicional da seleção em sua preparação para o torneio internacional. Queria dizer que a imprensa realmente teve um papel de apoiar e mesmo interferir na realização do evento, mas, agora, não mereceria receber a culpa pelo infortúnio no esporte.

Sobre as causas da derrota, apresentava uma explicação que seria perpetuada (e ainda é por muitos analistas do esporte até hoje) ao longo de muitas décadas: os atletas do Uruguai não teriam mais técnica e talento do que nós, mas teriam mais coração e raça. Era uma forma de dizer que apesar dos brasileiros serem considerados superiores do ponto de vista técnico, o esporte se consagrava por outras características mais subjetivas como, por exemplo, o lado emocional e a força de vontade. Neste aspecto, os uruguaios foram imbatíveis. Outras causas significativas para a derrota foram os erros individuais dos brasileiros, em especial o goleiro Barbosa e o lateral-esquerdo Bigode, o primeiro ao cometer uma falha no chute do atacante Ghiggia (um “frango” para muitos) e o segundo por não cobrir a área do campo onde o atacante uruguaio deveria ter sido marcado e parado.

Também ressaltava o histórico de conquistas do adversário ao ter vencido dois torneios olímpicos de futebol (ambos em solo europeu) assim como a primeira Copa do Mundo da FIFA, disputada em sua própria casa. Chamava a atenção para o fato de que sempre que o Uruguai estava presente nestes grandes e maiores torneios internacionais de futebol, ele vencia, o que enfatizava a raça e o lado emocional bem trabalhado dos vizinhos sulamericanos.

Todavia, o tom do discurso deste cronista não era o de derrota total ou de tragédia que poderia desestabilizar a própria organização do futebol brasileiro. Para tanto, citava exemplos de que os próprios uruguaios perderam algumas partidas para os brasileiros e nem por isso desistiram de nos vencer. A frase “Nem vamos pensar que não poderemos vencer fora do Brasil” era uma estratégia discursiva de dizer alguma coisa sem querer fazê-lo, ou seja, enfatizava que a seleção poderia sim conquistar um título importante fora de casa, mas ao mesmo tempo trazia esta discussão para o leitor, colocando um ponto de interrogação na cabeça do mesmo. Seria possível? A avaliação do autor, mesmo otimista, apresentava um desafio relevante para o futebol nacional: vencer fora de casa, o que os adversários vitoriosos souberam realizar bem na nossa casa.

Os uruguaios, também chamados de orientais (mais uma expressão sulista e tradicionalista utilizada por Vargas Netto, demarcando bem o território de quem fala, de proximidade com os moradores do lado leste do rio de mesmo nome, ou seja, o Uruguay) tinham atingido estas metas da quais o Brasil ainda precisava alcançar (vencer e vencer fora de casa). “Recuperar terreno” significava superar nossas dificuldades emocionais e pensar no futuro, nos próximos torneios que viriam. O cronista não gastou suas linhas com o objetivo de refletir sobre a torcida, as condições técnicas dos demais jogadores ou mesmo das potencialidades dos atletas uruguaios, nem mesmo da complexa organização da Copa até aquele momento. Seu texto é uma espécie de “pêsames”, um alento ou conforto para os brasileiros, o mesmo que ele recusara no início da crônica. Sua posição era a daquele convidado para um funeral e tinha a responsabilidade de apoiar a família, sem ter muito o que dizer, a não ser algumas palavras otimistas, principalmente, a de que a vida seguia seu ritmo natural e irreversível.

Podemos perceber que apesar da preocupação do autor supracitado, o sentimento de otimismo imperava no texto, um pouco diferente da análise de José Lins do Rego, como já vimos. Outro cronista que apresentou suas opiniões na edição derradeira de 18/07/1950, principalmente porque tinha sido um dos autores mais ufanistas e otimistas no dia do jogo final, foi Antonio Olinto, conforme podemos conferir abaixo:

Depois da Batalha

Perdemos. O amargor da derrota ainda contrai muitas fisionomias. Perdemos quando não podíamos perder. Perdemos depois de mais brilhante campanha deste Campeonato Mundial. Não merecíamos a derrota. O Uruguai não merecia a vitória. Não existe, porém, uma tabela de méritos no mundo das coisas humanas. Um esforço passado não tem o menor valor de decisão na hora do último passo. Caímos como heróis que não contavam com o destino, que não acreditavam na fatalidade. Perdemos sem acreditar que perdíamos, repetindo-nos, a cada instante: “Isto não aconteceu! É um pesadelo!” Quando digo que o Uruguai não merecia a vitória, é porque me lembro do jogo de domingo e sinto que o “team” brasileiro foi vítima de uma desgraça. Não jogou para perder. Jogou, no mínimo, para empatar. A derrota foi resultante de dois erros, semelhantes a muitos que qualquer “team” comete em qualquer jogo, mas que, por circunstâncias de momento, foram fatais. Há uma diferença mínima entre a vitória e a derrota. Uma fração de segundo pode decidir uma vida ou uma partida. E foi essa fração de segundo que perdemos. E foi com desespero que tentamos recuperar o tempo perdido. O campo tornou-se palco de uma tragédia. Onze homens atingidos pela angústia do fim. Cada passo, cada salto,

representava um segundo a menos, num gradativo eliminar das possibilidades de vitória.³⁹⁷

O tom de lamúria e tristeza generalizada se sobrepôs a qualquer análise mais técnica e detalhada, com um discurso de inconformismo por conta da derrota brasileira, da forma como ocorreu, um infortúnio pontual, um desastre não anunciado. De acordo com Olinto, inicialmente, não havia uma explicação mais plausível sobre o que ocorrera, pois o Brasil era indiscutivelmente superior aos adversários: “(...) Caímos como heróis que não contavam com o destino, que não acreditavam na fatalidade.” Só um ato do destino poderia explicar o que ocorrera com a nossa seleção, justamente na final. A consternação se espalhava na crônica deste autor como se ainda também não acreditasse no que ocorrera dois dias antes no Maracanã. O uso de expressões dialógicas, aspecto frequente que encontramos nas crônicas, em especial nestas esportivas que analisamos em toda a pesquisa, tornava o discurso ainda mais emotivo e sentimental: “Isto não aconteceu! É um pesadelo!”. Olinto se colocava na posição de torcedor, aproximando o contato entre o enunciador e o leitor, ao demonstrar um sentimento que era geral e coletivo, mas ao mesmo tempo passível de um sofrimento que cada um poderia sentir, individualmente. Os jogadores seriam mais do que culpados, os “heróis” da nação, mas que foram, por algum motivo não explicado, traídos pela sorte. Na verdade, pela falta dela.

Apesar deste discurso, erros técnicos foram apontados em ambos os gols do Brasil (um avanço de análise mais técnica, porque apenas o segundo gol fora comentado pelos demais cronistas, por ser, inclusive o que tiraria das mãos da seleção a possibilidade de título). O segundo gol introduziria um fator que até então estava do lado dos brasileiros: o tempo.³⁹⁸ Tempo que restara para acabar a partida, que atacara os nervos dos jogadores e que desestabilizaria a equipe com um golpe definitivo na capacidade de reação do time como um todo:

Costumamos apontar “culpados”. Temos, em alto grau, o senso da culpa e é preciso que alguém sofra as conseqüências da derrota. Não houve, porém, um culpado. Esse admirável half esquerdo que é Bigode – herói de tantos jogos anteriores –

³⁹⁷ OLINTO, Antonio. Depois da Batalha. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 5.

³⁹⁸ Cabe lembrar que o gol de Ghiggia, o segundo dos uruguaios, ocorreu aos 34 minutos do segundo tempo.

errou duas vezes. Devemos condená-lo por isso? Não. Bigode errou como toda a “torcida” errara antes do jogo. O Brasil inteiro foi vítima de um afastamento da realidade. É alguma coisa que a realidade não perdoa, a ser esquecida. Não há necessidade de descobrir “culpados”. Podemos dizer que Flavio Costa errou desde o momento em que não convocou Heleno para o “scratch”. E é muito fácil, a qualquer pessoa, afirmar agora: “Heleno foi o homem que faltou àquela linha”. Mas isto também não é, de todo, verdade. Não foi Heleno quem faltou à linha atacante brasileira. O que ela não teve foi desconfiança de si mesma. A confiança realista e objetiva exige sempre um pouco de desconfiança. Quem desconfia de si mesmo é capaz de ir além de suas forças e descobrir energias onde elas não podem existir. Flavio Costa não foi culpado da derrota. Um acúmulo de detalhes, natural à própria vida, provocou o que hoje é uma tragédia. Mas ninguém pode se conformar com a força cega das coisas. Por isto, sofremos e procuramos apontar os “culpados”.³⁹⁹

Ao informar que não teríamos grandes culpados neste momento fatal para o esporte nacional, Olinto apontava um, já protagonizado na crônica anterior de Vargas Netto e que se tornaria frequente nos dias seguintes, um elemento fundamental para explicar as causas da derrota brasileira e da perda do título ao lado de Barbosa. Bigode era considerado culpado pelos erros fatais na partida, e acusado pelo cronista que justamente considerou que os atletas foram heróis e que no final das contas, não tinha culpa na derrota. Como contar uma história esportiva no *JS* sobre um dos assuntos mais importantes de toda a história do jornal sem apresentar heróis e vilões? E se pensarmos ainda mais sobre um autor que lidava com análises fílmicas, tendo em vista que era crítico de cinema no próprio período? Obviamente, Olinto utilizava seu discurso em prol de uma narrativa que, ao seu modo, criava estes personagens dentro de uma realidade específica. Ou seja, a equipe como um todo era formada por heróis, mas os vilões estariam por lá, não tratados *stricto sensu* como tais mas falseados pelas palavras do autor, ao aparentemente defendê-los mas iluminando um destaque negativo por conta de seus respectivos erros.

O treinador Flávio Costa também seria um dos alvos desta dupla intencionalidade e subjetiva de Olinto, ou seja, um dos possíveis culpados pela derrota, tendo a convocação (ou não convocação de Heleno) como um erro que agora era apontado como decisivo. Por que realçar uma ausência de um atleta na equipe se logo depois ela seria relativizada pelo cronista? Como já exploramos no exemplo anterior e um pouco mais neste, tratava-se de uma estratégia narrativa de “jogar os fatos” para o leitor e mesmo que o enunciador reafirmasse

³⁹⁹ *Ibidem.*

suas intenções, os efeitos poderiam pulverizar uma série de interpretações distintas, a cargo, das vontades e subjetividades de quem os recebiam. Um jogo duplo de intenções e reações.⁴⁰⁰

Sobre as reações do pós-jogo, Olinto utilizava um artifício bem peculiar da crônica: a caracterização de um personagem anônimo seja pelo diálogo e conversas travadas com o autor, seja com terceiros:

Nunca assistira a espetáculo semelhante em minha vida. A multidão em silêncio. Duzentas mil pessoas, que não acreditavam na realidade, com a cabeça baixa. Aquela moça loura. De “sweater” azul, chorava, convulsivamente e dizia muitas vezes: “Por que fomos perder”? Senti que o Brasil inteiro se concentrava naquela fisionomia que se contraía em choro. Era desespero, inconformação, revolta, raiva. O título estivera tão perto. “Por que fomos perder”? Fiquei olhando para a angustia da moça de azul e senti como se o estádio tivesse desabado sobre a multidão em silêncio. Quando o “team” uruguaio correu pelo campo, com um dos jogadores exibindo a taça, a torcida bateu palmas. Eram palmas que vinham da dor, de uma profunda magoa, do fracasso inesperado na última batalha. Era o culminar da tragédia.⁴⁰¹

No caso, há uma fala apresentada (“Por que fomos perder?”) e uma descrição de uma moça loira com suéter azul (detalhes a princípio sem a menor importância, mas que ajuda a compor o cenário narrado). A existência ou não da personagem na vida real pouco importava para a composição geral do texto, menos ainda para a interpretação dos fatos. A moça, no entanto, deveria existir na imaginação de quem estava na recepção da crônica, criando, neste caso, uma leitura mais global e uma identificação direta com os sentimentos e afetos criados no final daquela partida. A ideia era também de reviver o momento triste, papel mais geral da imprensa, principalmente em momentos extremos e chocantes como esse. Desta forma, os sentimentos dispersos pelas arquibancadas se reproduziriam duplamente: no vivido e no

⁴⁰⁰ Lembramos que o *JS* tinha uma relação muito próxima com Flávio Costa, já que sua esposa durante um determinado período na década de 1950 escrevia crônicas, em período espaçados para o jornal. Florita Costa tinha como tema de seus textos, os clubes cariocas, em especial o Flamengo, principalmente porque seu marido treinava este time também. Desta forma, os seus colegas de trabalho no jornal teriam que conviver com o desafio de criticar o trabalho de Flávio Costa sem que causasse um mal estar na empresa sob a direção de Mário Filho, um articulador e mediador profissional dos jornalistas e cronista do *JS*. Sobre a “cultura da desculpa”, estratégia discursiva do *JS* para apresentar as possíveis causas do fracasso nesta Copa, ver: FREITAS Jr., Miguel Archanjo de. Copa do Mundo de 1950: a cultura da desculpa como justificativa de um fracasso. In: CAPRARO, André Mendes e FREITAS Jr., Miguel Archanjo de. (Orgs.). *Passe de Letra: Crônica Esportiva e Sociedade Brasileira*. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012. P. 118-147.

⁴⁰¹ OLINTO, Antonio. Depois da Batalha. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 5.

comentado (com possibilidades de muitas interpretações e comentários diversos). As palavras “desespero”, “inconformação”, “revolta”, “raiva” são sentimentos e sensações que permeavam toda a história contada por Olinto, concentradas na moça loira como se fosse uma catalisadora de tudo que se viveu e sentiu naquele tarde e que ainda perpetuaria nas próximas horas e dias.

Uma conjuntura muito triste e de emoções negativas para os torcedores brasileiros. Até a gentileza e cordialidade da torcida brasileira, tão decantadas ao longo do torneio, agora tornavam-se uma “válvula de escape” de revolta como se não sobrasse outra alternativa do que aplaudir a equipe vencedora. As palmas seriam batidas mais por raiva e desespero do que pelo reconhecimento da superioridade da seleção adversária ou de suas capacidades e técnicas para vencer o Brasil. A tentativa do autor era captar os sentimentos e emoções desenvolvidas na história, até na hora de ir embora, sem que isso pudesse demonstrar um ponto positivo para a imagem da torcida brasileira. O desespero de Olinto ultrapassava qualquer tentativa de visualizar a gentileza na arquibancada do Maracanã, a mesma que tinha sido ressaltava por outros autores nas crônicas acerca da Copa do Mundo de 1950, como José Lins do Rego e Manoel Vargas Netto, por exemplos.

No parágrafo final, Olinto reconstituiu a paisagem (como afirma com suas próprias palavras), como num plano cinematográfico de descrição das imagens. Quando afirmava que “(...) começamos, pouco a pouco, a voltar à vida.”, o autor propunha uma pausa fulminante com a tragédia do Maracanã e que agora poderíamos retomar um ritmo normal de vida, ou, no caso, também de narrativa. O gol de Ghiggia não só derrubaria a seleção brasileira e os torcedores nacionais, mas também a própria noção de tempo, ao colocarmo-nos em um limbo de desespero que demoraria alguns dias para ser superado.

Para tanto, além de toda esta contextualização com altas doses de subjetividade e emotividade, o cronista finalizava seu trabalho textual com a retomada de uma orientação bem racional e funcional do próprio periódico em que atuava: a valorização dos esportes e a perpetuação do seu contínuo desenvolvimento. A mensagem que o futebol, em muito breve, retomaria seu lugar nos corações e mentes do povo, era mais do que uma constatação da importância do esporte. Era, também, o reconhecimento da efemeridade das emoções que o

esporte permitia viver e perceber.⁴⁰² “Novas emoções e desesperos”, são palavras que remetem a esta característica do futebol e era justamente por isso, que o torcedor deveria continuar apoiando o desenvolvimento do campo esportivo. Desta forma, o jornal poderia continuar beneficiando-se de toda uma movimentação e circulação do interesse crescente do torcedor e aficionado pelo futebol, já que acima de qualquer empreendimento cultural, era uma empresa e dependia das vendas e dos anúncios para continuar sobrevivendo em um mercado cada vez mais competitivo.⁴⁰³ Percebemos que esta visão do resultado da Copa poderia mostrar toda a dor da torcida brasileira, mas precisava apresentar também uma esperança de continuidade e principalmente de que o esforço valera a pena. Mais uma vez, o autor se utiliza da estratégia de intradiálogo, ou seja, trazia para a conversa do texto, um personagem anônimo que poderia existir de fato ou não, sendo sua mensagem mais importante do que sua real existência: “Agora, vamos pensar no campeonato na Suíça, em cinquenta e quatro”. Os cronistas e o próprio *JS* enfatizariam o que nos sobrara a partir daquele evento: “futuro”, “cabeça erguida” e “vitória do amanhã”. Era preciso, agora, recuperar a credibilidade da seleção brasileira e administrar a dor e o tormento que entraram para a nossa história esportiva.

Um dos personagens mais participativos e enfáticos do *JS* na década de 1950 e que contribuiria para a formação de uma equipe de cronistas bem diferenciada dos jornais da grande imprensa carioca, devido à sua heterogeneidade e capacidade de complementação e diálogo entre os mesmos era “Zé de São Januário”, pseudônimo de Álvaro do Nascimento. Este autor era repórter do *JS* desde a década de 1930, nos primórdios da criação do jornal. Passara a assinar uma coluna social do clube Vasco da Gama chamada “O Vasco em dia”, além de uma coluna de crônicas: “Uma pedrinha na Shooteira”. Enquanto a primeira tratava dos assuntos pertinentes ao dia a dia social daquele clube, assim como havia uma série de outras colunas dos demais clubes do Rio de Janeiro com o mesmo propósito; a segunda era

⁴⁰² Apesar da tentativa de muitos cronistas do *JS* em propor um esquecimento deste sofrimento causado pela final da Copa do Mundo de 1950, ao valorizar o futebol de forma mais lúdica, as memórias deste evento comporiam a trajetória da seleção brasileira em Copas do Mundo e até mesmo retornaria em outros momentos críticos do futebol, como a Copa do Mundo de 2014, também ocorrida no Brasil. O discurso destas memórias, todavia, invariavelmente, era e continua sendo em tom de lamentação.

⁴⁰³ Na década de 1950, por exemplo, temos o surgimento de periódicos esportivos, como por exemplo, a revista *Manchete Esportiva*, semanário que adotava a estratégia do fotojornalismo, fenômeno recorrente em alguns países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Ver mais em COUTO, André Alexandre Guimarães. O discurso pela imagem: *Manchete Esportiva* e sua proposta fotojornalística (1955-1959 e 1977-1979). In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

destinada a uma análise bem crítica e sarcástica dos principais eventos esportivos da cidade e do país.

Portanto, “Zé de São Januário” ou Álvaro do Nascimento tornara-se um dos principais cronistas do *JS* na década de 1950, por sua capacidade de provocar não somente os leitores dos jornais, mas também os dirigentes esportivos e, também, os seus próprios colegas de trabalho, como veremos em vários exemplos neste capítulo.⁴⁰⁴ Sobre a Copa de 1950, destacamos um texto que complementa a análise dos demais cronistas, também no panorama de pós-derrota:

Todos estão a pensar que eu vou atacar o selecionado Brasileiro.

Absolutamente não desejo tratar de tal assunto.

Se o selecionado não atacou nem defendeu, não é justo que eu o ataque ou defenda.

Dentro das leis do tratamento recíproco, idealizadas pelo C.N.D., não ataco nem defendo.

Quem não ataca ou defende fica em terreno neutro. Desejo manter essa neutralidade. Para quê falar no selecionado nacional?

Duzentas mil pessoas assistiram, como eu, ao desenrolar da pugna. E essas duzentas mil almas abandonaram o Estádio Municipal descontroladas, cabisbaixas, sem acreditarem na dura realidade dos acontecimentos.

Não, meus amigos, não quero falar hoje sobre a atuação do selecionado nacional.

Em muitos lares houve lágrimas, justamente no dia em que todos se preparavam para uma festa de gala.

Não, meus amigos, não falarei mais no selecionado nacional. (...) ⁴⁰⁵

O texto de Nascimento é carregado de ironias e sarcasmo em quase todos os momentos, a iniciar pelas primeiras linhas pois se o autor era reconhecido pela acidez textual contra os dirigentes e atletas que se comportavam mal por diversos motivos – daí a própria escolha do título da sua coluna de crônicas “Uma pedrinha na Shooteira”, ou seja, algo que

⁴⁰⁴ Cabe lembrar que Álvaro do Nascimento assinava seu nome formal na coluna “O Vasco em dia”, mas usava o pseudônimo “Zé de São Januário”, para a outra. Desta forma, o cronista conseguia apresentar dois tipos de textos, com objetivos bem pontuais e diferenciados.

⁴⁰⁵ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

estava ali para incomodar, perturbar o jogo, colocar uma dificuldade pontual no futebol -, já era esperado que ele descarregasse toda a frustração dos torcedores e leitores no time brasileiro e de seus dirigentes. Sua reação, entretanto, começava com uma sutileza, informando que não iria atacar a equipe, porque ela, na final, não atacara e nem defendera e, portanto, ele faria o mesmo. Desta forma, apresentava logo de início as fraquezas do seu desempenho: o time não tivera equilíbrio entre a defesa e o ataque. Mais do que isso, fora incompetente nas duas funções vitais do jogo.

A partir daí, usara um artifício de repetição textual para reforçar suas teses ou intenções: “(...) Não, meus amigos, não quero falar hoje sobre a atuação do selecionado nacional.” Ao informar que não queria falar sobre a seleção brasileira, o autor propunha uma ideia de revolta ou resignação, um sentimento de inconformismo diante do resultado, como se ao se recusar a falar, ele desabafara não para seus leitores, mas para seus amigos mais próximos. A aproximação com o leitor era, também, uma escolha do cronista para discutir um determinado assunto e Nascimento esbanjava esta técnica em suas colunas subjetivas.

O autor apresentava um quadro de tragédia com “duzentas mil almas cabisbaixas e descontroladas” assim como as demais que estavam em suas casas, com muitas “lágrimas”. Porém, como se deveria esperar, por conta do seu estilo narrativo, ele descrevia alguns vilões para a derrota brasileira: a falta de fibra de Bigode (já citado em crônicas anteriores de outros autores), de vigor físico de Ademir e a de chutes de Jair. Interessante é que o autor poupava um dos atletas mais comentados ao longo da história desta final: o goleiro Barbosa, considerado por muitos o principal responsável pela derrota da seleção naquele dia.⁴⁰⁶ Nascimento informava que não culparia os jogadores e a comissão técnica, mas o faz inclusive citando os jogadores mais deficientes, além de apresentar também as especificidades das suas respectivas dificuldades. E acusaria também a organização do CBD, CND e Prefeitura do Rio de Janeiro que abusariam de otimismo e de falta de disciplina e organização. Lembramos aqui que estas duas últimas questões eram conteúdos discursivos muito utilizados pela linha editorial do *JS* e que se espalhava pelos textos das crônicas do mesmo.

⁴⁰⁶ Sobre o processo de vilanização dos jogadores na seleção brasileira, ver importante trabalho de: COSTA, Leda Maria da. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. Tese de Doutorado em Letras.

Se encontramos um discurso mais formal e disciplinador em Manoel Vargas Netto, em *Zé de São Januário*, o tema não ficaria atrás e seria retomado de forma mais irônica e sarcástica, quase em tom de piada e, por vezes, de detratção pessoal. Todavia, a perspectiva de um esporte ordenado e sob uma ação disciplinadora era recorrente em todos os autores analisados, mesmo com as diferenças dos estilos narrativos e, sobretudo, acerca de opiniões de determinados eventos esportivos. As visitas de autoridades, familiares e amigos e demais pessoais à concentração do selecionado seriam um exemplo desta falta de ordem e disciplina, considerados vitais para a conquista do torneio. O clima de festa, euforia e otimismo alcançaram um nível muito exagerado, determinando também o reflexo em campo. Em outra parte desta crônica, continua a vociferar e a lamentar:

(...) Demos tudo aos rapazes que defenderam o Brasil. Tiveram o apoio do governo e da municipalidade e o encorajamento de uma assistência jamais vista em qualquer parte do mundo numa competição de football.

Se cumprimos com o nosso dever, para quê falar mais no selecionado nacional?

Eu, meus amigos, não falarei hoje sobre a seleção nacional.

Sim, porque se tivesse de falar, condenaria as ofertas de milhões de cruzeiros a jogadores, para que cumprissem o seu sagrado dever – servir ao esporte nacional.

Não, meus amigos, prefiro silenciar e deixar à margem a seleção nacional.

Silenciando, curto a minha dor e a de milhões de brasileiros, que tudo fizeram para dar ao Brasil o título máximo do football mundial. Dormiram nas calçadas, sujeitaram-se às imposições dos cambistas, vieram de terras distantes, depois de abandonarem seus lares e, no final, regressaram, levando consigo a mais amarga desilusão de que temos memória.

Não, meus amigos, hoje não falarei sobre o selecionado nacional.

Prefiro ficar mudo nesta hora triste em que ouço sinos a dobrar e clarins a tocar a silencio...

Lancemos uma pá de cal nas nossas esperanças desperdiçadas e voltemos os olhares para o futuro, servindo-nos da lição do presente.

Não, meus amigos, não falarei hoje na seleção nacional.

Prefiro ficar mudo e quêdo...

Agora meus amigos, vou para a fila do Carlos Gomes comprar o meu ingresso para a Copa do Mundo...

É verdade... O Campeonato do Mundo já acabou!...

Devo estar maluco!... E eu que fiz um juramento de não falar mais no selecionado nacional.

Agora, meus amigos, juro por todos os santos que não falarei mais no selecionado nacional.

“Não quero mais saber dele... Não quero mais saber dele...”⁴⁰⁷

A culpa, enfim, era sobretudo dos jogadores que receberam todo o apoio possível, seja do município do Rio de Janeiro, do governo federal e de toda a torcida brasileira. As autoridades e as empresas que apoiavam a organização do evento também tiveram uma parcela significativa no desempenho da seleção brasileira, ao prometer uma quantia de dinheiro para os atletas. Mas, para além do estilo narrativo do cronista, utilizando a forma de repetição e de negação para justamente ir na direção oposta, Nascimento propunha um descarregamento de todas as causas da nossa derrota, sem, no entanto, aprofundá-las. O discurso purista e moralista acerca do bônus em dinheiro que os jogadores iriam receber se adequava com os demais projetos de disciplinarização e organização esportiva, tão defendida pelos demais autores, assim como pela própria direção do jornal.

O autor utiliza imagens de torcedores em “frangalhos”, em pleno desespero assim como trazia para a leitura o som dos sinos dobrando e de clarinetes “silenciosos”, como num funeral sem fim. De acordo com Sá, “(...) o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito”.⁴⁰⁸ O “aspecto oral” e “visual” da crônica é uma das suas principais características pois precisa trabalhar nas dimensões com um tempo escasso e ágil para que a mensagem pudesse atingir seu enunciatário.

Apesar de todas estas críticas e de apontamentos casuísticos da derrota, o que nos sobrara era a esperança, o futuro. Numa forma de terminar seu discurso, demonstrando todos os sentimentos do próprio torcedor, Nascimento comentava que: “(...) Agora meus amigos, vou para a fila do Carlos Gomes comprar o meu ingresso para a Copa do Mundo...”⁴⁰⁹ Logo a seguir, se dava conta de que estava tendo um delírio, de que não precisava comprar mais nada, porque a Copa do Mundo já teria terminado. Enfim, uma forma de compactuar com os

⁴⁰⁷ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

⁴⁰⁸ SÁ, Jorge de. *Op. Cit.* P. 10-11.

⁴⁰⁹ Lembramos que Carlos Gomes refere-se ao Teatro Carlos Gomes, localizado até os dias de hoje na Praça Tiradentes, área central do Rio de Janeiro.

sentimentos e emoções que perpassavam as mentes e corações de todos: a não aceitação da derrota, a tristeza incondicional e a sensação de que o destino do futebol brasileiro tinha tudo para ser diferente. As frases finais desta crônica: “(...) ‘Não quero mais saber dele... Não quero mais saber dele...’”, com aspas, como se abrisse um espaço para o torcedor, causa uma sensação maior de mais do que apoio aos sentimentos daquele, de que há uma fusão entre as falas do autor com leitor/torcedor. Ou seja, não se fica mais claro quem estava terminando o texto: se era o cronista, se era o torcedor e ou se ambos amalgamados num único personagem anônimo: o brasileiro inconformado.

Como podemos perceber, a Copa do Mundo de 1950 trouxe uma série de possibilidades de exploração por parte da imprensa esportiva, em particular do cronismo por conta dos momentos díspares (da euforia à tragédia) e da quantidade de emoções, sentimentos e sensações que surgiram tanto no mundo real do campeonato disputado como aqueles que foram criados e reforçados pelos jornais como o *JS*.

Momentos como a Copa do Mundo tornavam-se um ápice para a realização de textos que valorizavam elementos essenciais no campo esportivo, como a exploração de valores como a maximização de uma identidade nacional e de todos os sentimentos que estavam em jogo neste evento. Para reforçar esta percepção, era preciso que os cronistas procurassem diferenciar suas respectivas abordagens com elementos novos, tentando criar personagens na torcida brasileira, assim como captar as emoções desenvolvidas de formas pontuais e de acordo com o estilo narrativo de cada autor. As Copas do Mundo criavam, então, uma oportunidade de desenvolvimento de textos criativos em torno de vários aspectos deste evento.

Para compreendermos um pouco mais a cobertura das crônicas sobre este torneio internacional, vamos dar outros exemplos significativos sobre a edição de 1954.

1954: a volta por cima?

Em 1954, a imprensa brasileira tinha uma nova oportunidade de criar os discursos em torno da nação e da exploração das emoções e das sensações em torno do esporte. Após o fracasso de 1950, os cronistas esportivos discutiam o que fazer para continuar com o crescente

interesse sobre o futebol brasileiro e o esporte como um todo. Neste aspecto, a Copa Rio tornava-se uma saída para o apelo à autoestima do futebol brasileiro, conforme veremos mais adiante. Porém, a relação entre torneio de clubes e de seleções tinha uma diferença muito gritante: a seleção brasileira era uma forma de encarnar a própria nacionalidade da torcida, enquanto os clubes tinham sua característica nacional sombreada pelos interesses mais particulares, de uma parte limitada da torcida nacional.

Manoel Vargas Netto, neste sentido, tentava contribuir com suas intervenções como no exemplo abaixo:

Aviso aos Navegantes...

Na porta dos estádios suíços há um farol vermelho para os “penetras”... Naquele mar de gente não há lugar para os que chegarem sem ingressos e não tiverem função definida nos quadros pré-estabelecidos pela entidade organizadora! Essa história de convidados pela C.B.D. lá não pega. Lá é tudo bem organizado e sério...

Talvez prevendo a facilidade com que certa classe de “penetras” poderia conseguir títulos de representantes de jornais, a Federação Suíça estabeleceu um limite para os representantes credenciados. Preenchido o limite, o resto sobra...

Também as Delegações oficiais foram limitadas. Não poderão entrar mais de vinte e cinco pessoas, discriminando o aviso: vinte e dois jogadores, o técnico, o médico e o chefe da delegação. Esqueceram até do massagista! Quem sabe se não foi de propósito para evitar as “fitas” de jogadores, os “pombos correios” e outros truques!?!... (...) ⁴¹⁰

Vargas Netto escolheu um tema para discorrer sobre a atuação da seleção brasileira de futebol durante o torneio mundial, na Suíça: a capacidade de organização de um evento internacional como esse. Logo em suas primeiras linhas, apontava que lá as coisas seriam bem diferentes do que ocorrera por aqui. Para tanto, interpretamos tais assertivas por três vieses: 1) o ressentimento com a perda da Copa do Mundo no Rio de Janeiro em 1950 quando, após a derrota na final, foram apontados vários problemas de organização por este e outros cronistas, como vimos anteriormente. Ou seja, com o fracasso, apareceram na pauta da imprensa esportiva, os erros e falhas como a falta de atenção e disciplina, principalmente fora de campo, o que acabara por refletir dentro deste; 2) para alguns cronistas, como é o caso de Vargas Netto, a Suíça teria uma forma de organizar bem diferente da sede brasileira, por se

⁴¹⁰ VARGAS NETTO, Manoel. Aviso aos Navegantes... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.581, 20 de maio de 1954. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

tratar de um país europeu e, portanto, altamente civilizado. Os problemas encontrados no Brasil não seriam vistos por aqui, em sua concepção eurocêntrica de conveniência, já que destilava elementos nacionalistas em seu texto⁴¹¹; 3) finalmente, e não menos importante, entendemos esta visão do referido autor como sendo coerente com todo os seus demais discursos em torno do processo de controle e disciplinarização do campo esportivo.

A organização local limitou as autorizações de entrada nos estádios à imprensa internacional e às confederações participantes, além das autoridades envolvidas, mas não seria como nas práticas da CBD, ou seja, com disponibilidade para atender aos “penetras”. Nem algumas funções comuns presentes em nosso futebol estariam autorizadas a participar dos jogos na Suíça, como os massagistas e os roupeiros. Sem contestar o exagero da comissão organizadora local, o cronista admirava esta postura acrescentando, inclusive, que se não houvesse este controle, poderia ter pessoas demais nos campos de futebol das partidas do torneio. Chega a afirmar que os jogadores teriam um secretário ou assistente para cada um, caso não existisse este controle, como, por exemplo, na comparação com as touradas espanholas, onde os protagonistas desta prática teriam alguns ajudantes.⁴¹²

Vargas Netto se utilizava mais uma vez de uma estratégia de narrativa bem característica e específica: trazer para seu texto um elemento cultural para ilustrar ou compor uma ideia mais simples, além, obviamente, de demonstrar erudição e autoridade literária no diálogo com os leitores. Neste caso, a associação com as touradas, assim como em outras oportunidades fora utilizado a cultura regional gaúcha, eram artifícios ou opções de tornar seus textos mais interessantes e lúdicos.

Voltando ao aspecto da organização, até mesmo a torcida precisaria se adaptar aos novos ares do torneio mundial: primeiro porque os torcedores não poderiam fazer tudo que gostariam nos estádios da Suíça, pois, segundo o cronista “(...) lá tudo é proibido.” Além disso, os valores dos ingressos estavam além das possibilidades da maior parte dos brasileiros, com um custo alto até para os mais abastados. Portanto, seria mais interessante se a torcida acompanhasse pelo rádio, opção mais barata e segura para todos. Todavia, um ponto nesta

⁴¹¹ Na verdade, o discurso moderno em torno da nacionalidade brasileira coexistia com a reverência e admiração dos feitos norte-americanos e europeus no campo esportivo.

⁴¹² Apesar das touradas no Brasil não terem na década de 1950 a mesma popularidade que tivera antes, inclusive no século XIX quando era praticada em pontos centrais do Rio de Janeiro, ainda assim estava presente no imaginário dos leitores do *JS*, pelo histórico na prática na cidade carioca, seja também pela associação direta com a cultura espanhola.

parte do discurso do cronista nos chama bastante a atenção: se a torcida brasileira precisava se adequar ao ordenamento da organização local, lembramos que quatro anos antes, vários cronistas, inclusive Vargas Netto, defendiam a assistência dos brasileiros como ordeira, gentil e calorosa, com capacidade unívoca de receber todos que fossem aos jogos. Por que o discurso, agora, parece ter mudado um pouco? Se antes o nacionalismo exaltado ou ufanista influenciava as análises do cronista, inclusive ao relatar o comportamento dos torcedores nos estádios, nas ruas, na cidade como um todo, em 1954, o ranço do fracasso poderia ser facilmente percebido, trazendo mesmo que de forma inconsciente, o derrotismo, a incivilidade e a inferioridade de organização do futebol brasileiro.

Fechava o seu texto, então, apontando a capacidade de exploração turística do país sede. Mais do que uma crítica, o autor aponta esta característica com admiração e exemplo a ser seguido, comparando, inclusive com as estações de água no Brasil. E avisa que ir para a Suíça naquela oportunidade seria um risco muito grande. Porém, os perigos não seriam bem os “estreitos baixios”, “rochedos submersos” ou “correntes traiçoeiras”, por exemplos. Ali há uma associação com os verdadeiros desafios: preços dos ingressos (além da ausência deles no mercado para a compra), das estadias, das viagens, rigor na organização e na disciplina das torcidas) e outros ainda. Desta forma, o autor sugere que o melhor seria ficar no Brasil e evitar todos estes fenômenos “naturais”.

Ainda sobre estas dificuldades financeiras e econômicas, o cronista *Olympicus* (pseudônimo de Tomaz Mazzoni) que escrevia de forma regular para o *JS*, apesar de ser radicado na cidade de São Paulo, apresentava também a sua opinião sobre o tema:

As Taxas e o Rádio

Curiosa e estranha a alegação dos suíços segundo a qual gastaram com a reforma dos seus estádios 400.000 francos e esse dinheiro querem agora recuperá-lo cobrando taxas absurdas dos rádios da América do Sul.

Sem dúvida eles gastaram todo esse dinheiro, mas em benfeitorias dos seus estádios já antigos, pois são todos de madeira, benfeitorias estas que ficarão para sempre. Quem deve recuperar esse dinheiro são as rendas das partidas da Taça do Mundo, e não à custa das irradiações. Não é possível que os suíços tenham gasto todo esse dinheiro – como eles dizem – nas reformas com os reservados para a Imprensa e rádio. Estão fazendo confusão e a imprensa e o rádio pagam o pato...

Rádio comercial, como eles dizem não são as estações da América do Sul só porque não pertencem ao governo ou à municipalidade. A alegação de que o rádio deixa o

torcedor em casa também não procede na questão atual. Que diabo desejam os suíços que os rádios sul-americanos impeçam de a torcida brasileira, uruguaia, etc, de ir à Lausane, Zurique, Berna, etc assistir às partidas? Mas como?... Isso poderia suceder, digamos, em relação à torcida francesa, italiana, etc. de países vizinhos, pois que – por exemplo – de Milão à Lugano vai-se até de bicicleta... Mas, que o rádio sul-americano vá impedir o torcedor do Brasil ou do Uruguai atravessar o Atlântico é coisa simplesmente ridícula. Portanto eis mais uma desculpa esfarrapada que não pega. A FIFA não é dos europeus para se submeter somente aos critérios. Eles no velho mundo devem saber que o “rádio comercial” nas Américas não quer dizer que uma empresa esteja sobrando de público para fazer as transmissões. Eis o importante. A questão, segundo rezam os telegramas, está para ser revista. Diz-se também, embora não tenha havido qualquer confirmação, que um trust fotográfico se encarregará de vender as fotografias para os jornalistas visitantes, não podendo os fotógrafos profissionais da imprensa operar no gramado. Isso seria o fim do mundo! Verdadeiro atentado à liberdade de imprensa. (...)⁴¹³

Olimpicus debate duas questões bem pontuais acerca da organização do evento: a primeira lida com o tratamento dado à imprensa da América do Sul, devido à cobrança de taxas para as emissoras de rádio deste continente. Nos faltam dados para saber se estes impostos seriam cobrados apenas para as rádios sulamericanas ou se seriam uma cobrança imposta a todas as difusoras participantes, inclusive as europeias. Todavia, além desta discriminação continental, o elemento que mais reforça a denúncia do cronista era a destinação dos recursos provenientes destas taxas: subsidiar os gastos com as reformas dos estádios nas cidades que sediariam os jogos da Copa do Mundo. Para Olimpicus, não seria justo que a imprensa arcasse com estes gastos, principalmente porque outras fontes de renda poderiam ser acessadas como os caros ingressos para as partidas.

Havia uma discussão em torno da natureza da rádio que iria pagar estas taxas, pois a noção de “comercial” seria compreendida pelos suíços como uma empresa qualquer apenas por elas não serem estatais. O que o cronista sugere era um tratamento especial aos organismos de imprensa não estatais, tendo em vista que seu objetivo central é a informação e não a obtenção de lucros simplesmente.⁴¹⁴

Outro debate bem relevante era o argumento de que as rádios tirariam o público dos estádios, pois na década de 1950, este meio de comunicação era considerado, inclusive no Brasil, um veículo de massa, inclusive no acesso às informações sobre os jogos de futebol.

⁴¹³ OLIMPICUS. As Taxas e o Rádio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.576, 14 de maio de 1954. P. 5.

⁴¹⁴ Lembramos que esta visão liberal da imprensa atravessou as décadas e ainda é um nó para as autoridades e governos, tendo em vista que a autorização de funcionamento das emissoras de rádio e televisão no Brasil é regulada pela ideia de concessão pública.

Neste caso, o autor ressaltava que era um artifício para que as rádios comerciais sustentassem a organização do evento, pois apenas poucos brasileiros teriam disponibilidade de tempo e principalmente de recursos financeiros para viajar à Europa nos meses de junho e julho.

Olimpicus, com o intuito de defender as emissoras brasileiras (apesar de usar o termo “sulamericanas”) chega a ponto de questionar a própria autoridade da FIFA no sentido de que ela deveria representar de fato os interesses de todos os países filiados e não só dos europeus: “(...) A FIFA não é dos europeus para se submeter somente aos critérios.”⁴¹⁵ Tal argumento era importante no âmbito maior, ou seja, na tomada de decisões para o decorrer da própria Copa e dos futuros eventos a serem organizados por esta entidade esportiva. A América do Sul precisava ser defendida, pois já mostrara em campo e fora dele, seu valor, tanto na organização como no desempenho de suas seleções (no caso, fazendo a final entre Brasil e Uruguai) na edição de 1950.

Mazzoni, de seu lugar de fala ou de sua “cena” (conforme conceito de Maingueneau)⁴¹⁶ se posiciona como sujeito integrante do mundo dos negócios da imprensa esportiva paulista, não apenas como jornalista na *Gazeta Sportiva*, mas também em programas de rádios. Sua defesa do liberalismo comercial ou econômico transcende os fatos e abre espaço para a tensão causada pelo “excesso” de organização das autoridades suíças.

Outra reivindicação do autor, dentro desta mesma linha de raciocínio, é que não se justificava o monopólio sobre a forma de cobertura dos repórteres e fotógrafos, ou seja, a organização do evento credenciaria apenas uma empresa de comunicações europeia para tal tarefa, principalmente a da captação das imagens jornalísticas. Tal decisão fazia parte de um conjunto de estratégias decidido pelas autoridades suíças com a FIFA para que o acesso ao campo de jogo (e até mesmo nos estádios como vimos na crônica de Vargas Netto mais acima) fosse bem limitado, a um número de profissionais o menor possível.

Lembramos que para o cronista anterior, a capacidade de organização dos suíços deveria ser motivo de louvor e de exemplo, principalmente na comparação com a experiência brasileira (tanto para o evento mundial, como nas competições do dia a dia, ou seja, nos jogos amistosos nacionais ou internacionais e nos campeonatos regionais, como o carioca, por

⁴¹⁵ Ainda mais sabendo que a FIFA fora fundada em Paris em 1904, mas sua sede ficava justamente em Zurique, no país que recebia a Copa naquele momento.

⁴¹⁶ MAINGUENEAU, Dominique. *Op. Cit.*

exemplo). Os “penetras”, a “bagunça” e a falta de disciplina das autoridades esportivas brasileiras tinham no discurso de Vargas Netto um capítulo que compunha sua trajetória como cronista e dirigente esportivo.

Todavia, naquele momento, seu colega de jornal refutava tal capacidade de organização suíça como um afronte ao direito da imprensa e da liberdade desta em exercer suas respectivas funções. É um texto de defesa do meio jornalístico liberal e da imprensa brasileira. Principalmente, em um panorama de pós-Guerra, quando a cobertura jornalística e fotográfica avançara bastante com a experiência do conflito mundial revelando ao mundo a capacidade da imprensa em estar nos *fronts* de batalha. Não por acaso o fotojornalismo tornara-se um modelo de cobertura de imprensa nos principais países do mundo ocidental e liberal, inclusive no Brasil.⁴¹⁷

Para Olimpícus, estas medidas seriam um retrocesso para a atuação da imprensa esportiva que necessitava estar próxima do evento, do jogo e dos atletas para participar deste campo como agente ativo e não com a passividade de meros compradores de fotos do truste contratado pela organização. A própria ideia de truste, de concentração e monopólio de informações e serviços, abalava os preceitos do liberalismo econômico tão defendido pelas empresas de comunicação, pelo menos no seu aspecto teórico, como no caso dos editoriais e discursos da imprensa brasileira.⁴¹⁸ Segundo o autor: “(...) Isso seria o fim do mundo!”, ou seja, se utilizava de uma expressão bem exagerada, típica do cronismo esportivo para reafirmar sua opinião acerca dos possíveis exageros da comissão organizadora da Copa do Mundo de 1954. Uma posição inaceitável em todos os seus ambientes: liberal, esportivo e comunicacional.

Por fim, e não menos importante, em dois momentos do texto, o cronista, ao tratar das taxas abusivas cobradas às rádios comerciais sulamericanas, apontava o estado da arte da infra estrutura suíça para sediar os jogos: até ali, os estádios, por exemplo, eram “antiquados”, “antigos” e “de madeira” e que, portanto, os gastos com as reformas seriam exorbitantes e

⁴¹⁷ Ver: MAUAD, Ana Maria. O Olho da História: Fotojornalismo e a Invenção do Brasil Contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e Imprensa: Representações Culturais e Práticas de Poder*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

⁴¹⁸ Lembramos que o processo de monopolização das comunicações brasileiras já estava em curso no Brasil e atinge hoje seu momento máximo, tendo em vista o modelo cartelizado e centralizado em poucas empresas da área, inclusive envolvendo diversos meios de comunicação como os jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão, dentre outros.

caros. Neste momento, mesmo que de forma breve e oculta, *Olympicus* deixara transparecer a ideia de que os europeus não estavam em um patamar de desenvolvimento tecnológico e econômico tão mais elevado do que os países sulamericanos, pelo menos do ponto de vista do campo esportivo. Isso fica bem claro para nós, quando o autor informava que os suíços estariam confundindo a Copa do Mundo com uma feira de exposições ou de um parque de diversões, ou seja, de que não teriam a capacidade de discernir a real importância deste evento para o futebol mundial, mesmo sediando a entidade máxima deste esporte.

Visões distintas sobre a Copa do Mundo de 1954 e sua respectiva capacidade organizativa poderiam ser debatidas de forma indireta entre os autores citados nesta nossa pesquisa, mas que alcançavam valores que tornaram-se chaves para a compreensão da importância do *JS* no período esportivo: por ora, chamamos a atenção para estes dois pontos: o tema da organização/disciplinarização do campo esportivo e a capacidade da imprensa esportiva em denunciar os desvios, desmandos e desacordos deste mesmo campo. Chamamos este último ponto de análise como a “prática denunciante” do jornal como poderemos ver mais adiante, com outros exemplos.

Por ora, fechamos as análises sobre a cobertura do cronismo esportivo do *JS* do torneio mundial de 1954 com mais uma crônica. Desta vez, trazemos uma análise sobre um aspecto comum em início de uma Copa do Mundo ou de uma competição importante para os brasileiros: a emoção acerca da expectativa da estreia e, conseqüentemente, das possibilidades da nossa seleção:

Dia “D”, Hora “H”

1 – Bem, se alguém disser que está calmo hoje neste Rio de Janeiro, neste Rio de Janeiro ou em todo o Brasil, eu mato. Porque o caso é de matar mesmo. Eu, inclusive, já estando quase morto. De morte horrívelíssima. Com sofrimentos pra lá de atrozes e tudo o mais. Meu consolo sendo mais de cinquenta milhões de brasileiros. E um consolo de cinquenta milhões de brasileiros é consolo pra chuchu. Consolo no duríssimo.

(...) 5 – Também tenho, verdade, meus momentos de euforia. Sentindo vontade de cantar o “Nós somos da Pátria amada”. Ou de sair pela rua gritando Brasil! até não poder. Depois de um drible do Didi. Ou vendo o Carbajal, sinto muito mas só conheço este nome de keeper mexicano, batendo com as mãos no chão. Depois do sétimo goal. Será só de sete?

6 – Não, sete é muito. Dois a zero mesmo chegam. Ainda que todo mundo venha dizer que positivamente estamos mal. O scratch sendo vaiado a quilômetros de

distância. Muita gente jurando que da outra vez não vai perder tempo. Que tempo é dinheiro. E noventa minutos de irritação é muito tempo. Ainda mais quando perdemos com vagabundos. Ou jogador de football é outra coisa. Digam! Digam! Digam!

7 – Eu já não posso dizer mais nada. Tampouco escrever. E tenho de seguir escrevendo. Ainda que escreva besteira prá burro. (...)

8 – E vamos acabar com êste artigo psíquico. Totalmente psíquico. E toca a torcer. Que agora só adianta torcer. Calado aos urros, torcer de qualquer maneira. Mesmo à distância. E como é: êste jogo começa ou não começa?⁴¹⁹

Mário Júlio Rodrigues, filho de Mário Filho, e que ocuparia a direção do *JS* após o falecimento de seu pai (em 1966), tinha uma narrativa de crônica ágil e dinâmica, e, portanto, específica dentro do jornal. Além dos limites da prática profissional dentro de uma empresa da qual sua família era proprietária, procurava aumentar a carga de emoção e diálogo intersubjetivo com os seus leitores. Na Copa de 1954, alcançou um de seus melhores momentos na carreira, pois procurava fugir de outras estratégias textuais já consolidadas em outros cronistas mais experientes como por exemplo no aspecto jocoso e denunciante de Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”), no discurso disciplinador/organicista e erudito de Vargas Netto ou ainda na brevidade e objetividade de José Lins do Rego, sem falar de outros como a linguagem com um pé na cinematografia em momentos mais raros com Antonio Olinto.

Era preciso construir uma narrativa diferenciada, mas que não se afastasse da linha editorial do *JS*. Desta forma, Mário Júlio alcançara espaços maiores na cobertura do futebol a partir da metade da década de 1950, com um estilo que enfatizava uma espécie de “conversa de bar”, mas não em um bar de eruditos ou pessoas das camadas mais ricas e cultas da sociedade, mas um ambiente bem popular e informal. Podemos perceber este formato nas frases: “(...) se alguém disser que está calmo hoje neste Rio de Janeiro, neste Rio de Janeiro ou em todo o Brasil, eu mato.” e “(...) um consolo de cinquenta milhões de brasileiros é consolo pra chuchu.” Tratando do aspecto das emoções que o início do torneio mundial para os brasileiros traria, a linguagem utilizada era direta, mas permeada de expressões cotidianas e coloquiais. Estabelecia uma linha tênue entre o enunciador e seus leitores ao mesmo tempo ao

⁴¹⁹ RODRIGUES, Mário Júlio. Dia “D”, Hora “H”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.603, 16 de junho de 1954. P. 5. Nesta crônica, para valorizar mais os pontos que nos interessava, optamos por não reproduzir a crônica inteira, mas partes significativas das mesmas.

propor este diálogo, assim como se posicionava ao lado destes, sendo mais um torcedor entre os 50 milhões de brasileiros.

Além do uso da “oralidade”, tinha como meta no próprio *JS* alcançar um espaço disputado por literatos e jornalistas mais experientes. Desta forma fazia o seu texto num modelo bem “aprendido” de crônica, conforme uma das várias possibilidades de contextualização encontradas nos estudos de Antonio Candido: “(...) o seu intuito não é o dos escritores que pensam ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”.⁴²⁰ Neste caso, a conceituação de Candido se adéqua ao enunciador, devido às suas pretensões limitadas no *JS*.

Outro elemento importante neste discurso era o apelo à nacionalidade, comum nestes períodos esportivos eventuais. A grande diferença aqui era que Mário Júlio apela para as características mais simples (ou simplistas, por vezes) de demonstrar o(s) afetos(a) pela nação, como, por exemplo, na vontade de cantar o hino nacional. No aspecto estritamente esportivo, sugeria a exaltação de um novo herói: Didi, já conhecido da torcida brasileira pela vitória no torneio de futebol dos Jogos Pan-Americanos de 1952 (no Chile).⁴²¹ De fato, a expectativa pela estreia era aguardada com um grande otimismo, a ponto de o cronista especular uma vitória com sete gols ou mais em prol do selecionado brasileiro, mesmo sendo corrigido por ele mesmo, logo depois. Para um profissional de imprensa esportiva, em uma Copa do Mundo, seria deveras estranho que o mesmo não soubesse pelo menos os nomes dos jogadores das seleções que o Brasil enfrentaria. Porém, em mais um exemplo de tentativa de aproximar seu discurso com o do leitor, demonstrando pouca informação e muita emoção, Mário Júlio informava que só sabia o nome do goleiro, Carbajal, possível vítima do ataque brasileiro.

O otimismo do autor divergia do posicionamento dos torcedores brasileiros, que vaiavam sua seleção, mesmo tão distante dela, e com isso muitos não teriam interesse na Copa. Mas, e o apoio e suporte dos 50 milhões de brasileiros, no início da crônica? Não

⁴²⁰ CANDIDO, Antonio. 2000. *Op. Cit.* P. 14.

⁴²¹ Valdir Pereira (1928-2001), também conhecido como Didi, era jogador do Fluminense e jogou os Jogos Pan-Americanos de Santiago (Chile) na seleção brasileira ao lado de Castilho, Nilton Santos, Bauer, Ademir, dentre outros que vinham da geração de 1950, mas que também reunia atletas jovens que se destacariam em 1958. Posteriormente, se transferiu para o Botafogo (1956). Fonte: SOTER, Ivan. *Op. Cit.* P. 339.

parece bem contraditório? Já vimos em mais de um exemplo que a contraditoriedade do próprio cronista era um artifício narrativo de (re)afirmar um ponto central de seu respectivo argumento. No entanto, não é o caso deste exemplo. Pelo menos, não totalmente. Aqui, havia uma tentativa de animar o torcedor brasileiro, que por motivos diversos, não estava crente nas reais possibilidades da vitória final. Seja por conta do fracasso de 1950, seja pela distância com o continente europeu, ou ainda porque não se podia perder tempo com futebol e mesmo com jogadores “vagabundos”.

Obviamente, não era a posição do cronista, mesmo porque seu discurso estava alinhado com a empresa (de sua família, inclusive), voltada para o desenvolvimento e expansão do campo esportivo, mas tratava-se, como já dissemos, de um discurso que valorizava o diálogo coloquial e que chamara o leitor e suas respectivas idiossincrasias e impressões subjetivas para o debate: “(...) Digam! Digam! Digam!”. Desta forma, tornava expressões do senso comum, como alvo de críticas tendo em vista que o selecionado brasileiro e o próprio futebol mereceriam uma atenção maior e melhor do torcedor.

O próprio cronista chamava justamente a atenção para esta questão ao dizer que “(...) Ainda que escreva besteira prá burro”. Sua intenção era menos desvalorizar sua pessoa e menos ainda sua profissão (assim como também não o era ao tratar dos jogadores de futebol) e muito mais se posicionar ao lado do homem comum, do torcedor de bar, de colega de escritório ou conhecido de uma feira livre, de seu bairro, seu vizinho: ou seja, a ideia de o que principal não era ficar escrevendo no jornal, mas torcer de forma apaixonada pelo Brasil. Como ele próprio afirmava em sua crônica: “(...) E toca a torcer. Que agora só adianta torcer. Calado aos urros, torcer de qualquer maneira. Mesmo à distância.” Para encerrar esta angústia da estreia, encerrava com uma frase tão comum para o torcedor, seja ele de clube ou da seleção, a beira da competição, seja ao lado do rádio, ou *in loco*, nas arquibancadas dos estádios: o jogo começaria ou não?

Mário Júlio, em outra oportunidade, ao tratar do esquema tático da seleção de Zezé Moreira, enumerava as dificuldades de aceitação do mesmo pelo torcedor e por boa parte da imprensa esportiva, inclusive no próprio *JS*:

(...) 5 – Bem, pensávamos que interpretávamos o pensamento de Deus e todo mundo, mas ficamos praticamente sós. A brilhante campanha das eliminatórias serviu para nada. Ou melhor: não serviu, vírgula. Serviu de pretexto para queixas. Recrudescendo as críticas contra a marcação por zona. Todo mundo virando olimpista. A vitória sendo mera alternativa de uma partida. O que passava a importar era a grande exibição. O football bonitinho.

6 – Outra prova de que estamos praticamente sós está no aumento de nossa correspondência. Raramente recebíamos uma carta. Fato que, absolutamente, não sucede agora. E as cartas vêm baseadas em uma só razão: a marcação por zona. Críticas furiosas são feitas à marcação por zona. E à este cronista. Que é tachado de louco furioso para cima.

7 – O objetivo desta crônica não é só falar sobre a marcação por zona. Ainda que estejamos mais certos do que nunca das mil e uma vantagens da marcação. Esta crônica tem também outro objetivo. É acusar, ainda que com um atraso tremendo, uma carta recebida. Carta escrita por uma pessoa cujas iniciais são H. A. S. e que termina assim: “sentir-me-ia muito grato se esta missiva fosse pelo menos acusada numa de suas crônicas”.

8 – O negócio é que eu ando meio impressionado com esta série de cartas com críticas à marcação por zona. E dei de folhear as cartas recebidas. A esperança é a última que morre. E acabou não morrendo. Acabei achando outro maluco. Que elogia a marcação por zona. E o que é pior: elogia as minhas crônicas.

9 – Esta carta passa a ter para nós, pois, valor inestimável. Será colocada em um quadro, posta em seguro, etc. E será nossa bíblia. Para ser lida todo santo dia. Com toda a justa razão. Pois, não? Aí fica, pois, acusado o recebimento da carta H. A. S. E não faça cerimônia. Pode escrever quando quiser.⁴²²

Neste texto, Mário Júlio se aventurara pela análise tática ao debater que a qualidade do futebol apresentado nas eliminatórias sulamericanas estava comprometida pela marcação por zona.⁴²³ Todavia, mais do que uma crítica, que viria na verdade de muitos torcedores e parte da imprensa, o cronista nos revela sua opinião: de que era melhor ser objetivo e eficiente do que jogar bonito e não vencer.⁴²⁴ “O futebol bonitinho”, de acordo com o autor deveria ser ignorado diante da melhor organização tática da seleção. O equilíbrio, que para tantos analistas, faltou ao grupo de 1950, era a melhor solução para agora. No entanto, numa demonstração do processo de recepção de seus textos, mesmo em desacordo com o conteúdo, os leitores aumentariam a quantidade de suas cartas, questionando a marcação por zona. O autor, mais uma vez dialoga a partir da linguagem coloquial, se colocando como “louco

⁴²² RODRIGUES, Mário Júlio. Um Bom Sinal. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.581, 20 de maio de 1954. P. 5.

⁴²³ Cabe lembrar que o Brasil disputou a vaga para esta Copa contra Paraguai e Chile, vencendo os 4 jogos que disputou (sistema ida e volta), fazendo 8 gols e sofrendo apenas 1. Ver em: SOTER, Ivan. *Op. Cit.* P. 341-342.

⁴²⁴ Esta discussão na verdade atravessaria todo o século XX, chegando ao XXI ainda com discursos conflitantes e redundantes acerca do futebol bonito, vistoso ou futebol arte. No entanto, é interessante rompermos com a lógica saudosista que ainda acredita que o passado era melhor porque o futebol era jogado com mais interesse, brilho ou outras palavras românticas.

furioso” (denominação, segundo ele, aferida pelos próprios leitores) e aproveitava a oportunidade para destacar uma carta específica, assinada por H.A.S.⁴²⁵

Neste caso, temos a escolha deste leitor por se tornar uma exceção nas opiniões sobre a marcação por zona e, portanto, fora pinçado por Mário Júlio para que servisse de apoio à sua base de sustentação opinativa e argumentativa. O cronista, então, encontrara “outro maluco”. Independente da existência ou não de H.A.S., o que importa é descobrirmos mais uma vez que as crônicas do *JS* apesar de apresentarem uma linha multifacetada bem definida, divergiam e muito no campo das ideias sobre determinado tema, mas principalmente sobre os estilos das narrativas. Mário Júlio, por exemplo, informava que o objetivo desta crônica não era tratar da marcação por zona, escolhida pelo treinador Zezé Moreira, mas, sim, apresentar as ideias deste leitor. Todavia, estas embasavam seu argumento e concordavam justamente com o esquema tático, defendido pelo cronista. Mais uma vez, o uso da negação e da contradição para atingir o resultado final: a defesa de uma tese.

Elogios ao posicionamento tático da seleção brasileira e às próprias crônicas do autor eram norteados pela ironia e linguagem coloquial quando afirma que: “(...) Esta carta passa a ter para nós, pois, valor inestimável. Será colocada em um quadro, posta em seguro, etc. E será nossa bíblia(...)”. Opções de aproximação e negação na escolha das palavras e do próprio texto, como numa conversa pessoal, amistosa e íntima. Desta forma, suas opiniões são sustentadas por este estilo despojado e carismático de dialogar com os leitores do jornal, ao mesmo tempo em que discordava de outros cronistas, no formato e no conteúdo.⁴²⁶ Vimos aqui a moldura de um estilo narrativo, forjado no arranjo coletivo da equipe de jornalistas/cronistas que atuavam no *JS*.

⁴²⁵ É importante lembrar que muitos cronistas do *JS* não identificam seus leitores quando estes enviavam suas cartas para a redação do jornal. Se por um lado era uma forma de preservação do anonimato dos seus interlocutores e por vezes fontes dos temas trabalhados nas crônicas, nos traz uma dúvida sobre a veracidade destas informações, ou seja, se estas pessoas realmente existiam ou se eram personagens fictícios, criados como tantos outros no cronismo esportivo.

⁴²⁶ Sobre o conteúdo, por exemplo, um texto de Geraldo Romualdo da Silva, chamava a atenção para o desgaste e desconfiança que a seleção adquirira junto à torcida brasileira por conta de uma série de fatores, dentre eles, o esquema tático. Este autor informava, por exemplo, que era preciso evitar: “(...) 1º - o excesso de estagiários nas concentrações, para onde fatalmente acorrerão “misses” e muitas outras novidades nacionais; 2º - A exagerada auto-suficiência de que somos os definitivos, ao passo que os europeus nada valem; 3º - Ou, então, o desmesurado temor ao estrangeiro, cuja influência é tão danosa como a crença que se alimenta em sentido positivo, fenômenos ambos falsos; 4º - A ausência calamitosa de um delegado permanente junto à Comissão de Arbitragem da FIFA (imprevisão, parece, especificamente brasileira); 5º - Assim, como poderá ser também, não propriamente o sistema que já se vulgarizou como sendo de Zezé – e que não passa do mais puro, simplesmente W.M. ortodoxo – porém, **a falha execução do dito cujo.** (...)”. SILVA, Geraldo Romualdo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.576, 14 de maio de 1954. P. 5. Grifo nosso.

Portanto, as Copas do Mundo de 1950 e 1954 possibilitaram recriar um panorama amplo das representações que o jornal queria criar e desenvolver por meio das crônicas. Ao dar conta de temas como o comportamento, o apoio, as emoções e afetos gerados pela torcida brasileira, a relação entre América do Sul e Europa no campo esportivo, as rivalidades entre os países sulamericanos e a organização/disciplinarização do campo esportivo, dentre outras discussões relevantes no período, o *JS* ampliava sua área de influência para além da cobertura restrita dos jogos e dos resultados. Mais do que uma leitura fria dos dados sobre o futebol, por exemplo, a narrativa dos cronistas, mesmo como suas diferenças estilísticas, ampliavam o espectro das representações sociais e culturais já existentes, inclusive no senso comum. Mas, deixavam espaços para a criação de novas como a ideia de redenção do brasileiro em 1950, assim como sua consequente queda fatal no mesmo evento.

Mais adiante vamos explorar como não só a Copa do Mundo de 1954 fora apresentada como uma forma de recuperação de uma imagem desgastada da seleção brasileira por conta do que ocorrera quatro anos antes, mas também pela proposta de criação de um torneio internacional que pudesse colocar o futebol brasileiro em foco novamente no mapa mundial deste esporte.

Todavia, antes abordaremos o tratamento dado pelos cronistas principais à cobertura da Copa do Mundo disputada na Suécia, com relações diretas com 1950 e com posturas distintas entre o caráter de euforia e subalternidade de nossa prática futebolística mundial.

1958: Desconfiança inicial e a redenção da Pátria

O final da década de 1950 veria novamente a discussão em torno da frustração do futebol brasileiro por não ter conquistado um título mundial. Muitos clubes já faziam excursões pela Europa e alguns destes resultados eram bem relevantes. O debate em torno do nosso bom futebol, de acordo com os cronistas e jornalistas esportivos, merecia uma atenção especial, principalmente na comparação com as demais seleções. A Copa do Mundo da Suécia, então, poderia ser uma grande oportunidade não só de superação das derrotas anteriores, mas, inversamente, de conformação diante do nosso *status* de não protagonismo no cenário mundial.

Mais do que nunca, após as experiências em casa e na Suíça, o tom era de muita cautela e preocupação com a seleção brasileira, o que gerou conflitos entre estes narradores, inclusive ao longo do torneio. A memória de 1950 tornava-se uma das principais referências das crônicas do *JS*, conforme podemos observar no texto de Everardo Lopes:

(...) O ideal, portanto, é que se esteja preparado para tudo. Claro que sempre para receber notícias do melhor do que do pior. Mas nunca separando o pior do melhor. Do contrário aquele impacto de 16 de julho não teria o efeito que teve. Havia México, Suíça, Iugoslávia, Suécia, Espanha. Houve até touradas de Madri. A vista ficou deslumbrada. Os sentidos foram tomados de euforia. E não sobrou lugar para a gente recordar que havia também Uruguai. Ou melhor: na tarde de 15 de julho, que ficou inesquecível, infelizmente, para este cronista, êle argumentou com os companheiros que o Uruguai poderia perfeitamente estragar a festa. E logo ganhou um apelido: - torcida organizada dos gringos. À noite, na oficina, insistiu. Então os companheiros operários condescenderam. O cronista estava com a razão. O Uruguai poderia perfeitamente fazer uma falseta. E os que estavam palpitando Brasil, cinco a zero, passaram a ser Brasil, quatro a um. Ou três a zero. Era uma concessão que faziam a este cronista.

E como de doze em doze meses há, fatalmente um dia 16 de julho, embora não seja em todo 16 de julho, mesmo a cada quadriênio, que se decida uma Copa do Mundo, a gente deve ter sempre as barbas de molho. Desta feita, aliás, muito antes de 16 de julho, o troféu já estará decidido. No dia 29 do mês que hoje nasce, já se saberá quem é o novo campeão do mundo. Pode ser que isto representava um bom augúrio. Pode ser que o 16 de julho, no Brasil, seja no horóscopo uma data fatal para o football brasileiro. E que 29 de Junho, na Suécia, seja exatamente o oposto. Os astros dizendo que 29 de junho é um dia de sorte. O sujeito vai de casa, pela manhã, encontra um vendedor de loteria, que lhe enfie um bilhete no bolso. Não, não seja por falta de dinheiro. Depois, êle, o bilheteiro, aparecerá para cobrar. Chega de tarde, corre a roda e o bilhete sai premiado. Vamos torcer, portanto, para que o horóscopo aponte 29 de junho como o dia do bilhete premiado. Uma data de sorte para o football brasileiro.⁴²⁷

Nesta crônica, Lopes compara as datas que poderiam estar no caminho da seleção brasileira: uma trágica, no passado recente, e outra, próxima, mas que precisaria ser atingida, entrar para nossa História. Mais do que uma visão futuróloga da nossa capacidade de vencer, o cronista apresentava uma possibilidade de redenção do futebol brasileiro, apesar de toda a cautela. O autor, inclusive, se vangloria de ter sido bem cuidadoso em 1950, quando não se impressionara com a campanha brasileira pois tínhamos um valioso adversário pela frente.

⁴²⁷ LOPES, Everardo. Horóscopo. 16 de julho e 29 de junho. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.817, 1º de junho de 1958. P. 13.

Seus diálogos com os colegas de redação e com os operários do setor gráfico demonstram uma estratégia narrativa comum nas crônicas, ao trazer novos personagens para o diálogo com o leitor com o objetivo de reforçar seus respectivos argumentos. Outra estratégia bem interessante era apresentar uma imagem popular, seja uma metáfora, seja um fato, ou ainda, como já vimos, um provérbio ou dito popular, por exemplos. Ou seja, aproximar o objetivo da crônica com o universo de leitura de mundo do leitor. No caso, “loteria” e “bilhete premiado” eram elementos deste mundo do jogo e do entretenimento esportivo que cabiam aos torcedores e aficionados pelo futebol.

A memória recente do desastre em 1950 daria a este grupo de cronistas a incumbência de explorar não só os apelos à nacionalidade, mas também, no limite, as emoções reprimidas. Pierre Ansart, na busca pela definição de uma história e uma memória dos ressentimentos, em sua quarta proposição enquadra um determinado grupo social limitado como porta-vozes destes sentimentos e sensibilidades comuns.⁴²⁸ Para este autor, este conjunto de pessoas seria formado por escritores e líderes carismáticos, inclusive alguns religiosos. O carisma e o grau de habilidade dos cronistas o colocariam em menor ou maior nível de aceitação entre os leitores do jornal. Daí a necessidade de apresentar os leitores que apoiavam seu respectivo discurso. A consolidação do cronista se fazia, também, pela capacidade de fidelização de seus leitores, competindo, de certa forma, na produção narrativa dos demais autores.

Tom cauteloso também fora apresentado por Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”), porém, como era de seu costume, com uma visão cáustica e crítica em relação à organização dos bastidores da participação brasileira. Cabe lembrar que esta postura tem no autor a coerência argumentativa, tendo em vista que já recordava destas questões nos torneios mundiais anteriores:

(...) Para conseguirmos a perfeição na seleção da C.B.D., foram evitadas entrevistas de jogadores e as costumeiras “patriotadas” dos oradores de comícios e centros recreativos.

O isolamento dos jogadores da crônica desportiva sensacionalista, dos “patriotas” e oradores de inauguração de botequins nos subúrbios, deu resultados satisfatórios.

⁴²⁸ ANSART, Pierre. *Op. Cit.* P. 20.

Infelizmente, segundo nos informam os nossos “cupinchas”, centenas de telegramas estão a chegar a Europa, cheios de frases rendilhadas uns e de baboseiras outros.

(...) Não enviem telegramas, cartas, ou mensagens radiofônicas. Tudo isso é prejudicial à seleção. Criam responsabilidades aos jogadores e provocam as habituais tremedeiras. A experiência têm nos dado grandes lições.

Perdemos o campeonato de 1950, por excesso de discursos, “patriotadas”, e telegramas de incentivo.

Esses telegramas, esses discursos, essas “patriotadas” e essas mensagens radiofônicas não encerram sinceridade. Se encerrassem sinceridade, essas manifestações se verificariam em relação aos desportos amadoristas, onde residem as glórias do desporto brasileiro.

Fiquem quietinhos, pelo amor de Deus!... Deixem as manifestações de entusiasmo para o final de campeonato.

O campeonato do Mundo não se ganha com telegrama, discursos e mensagens. Ganha-se, sim com esfera a rolar de pé e o véu da noiva a balançar...⁴²⁹

Aqui o autor propõe que todas as festividades, celebrações e tietagens ficassem de lado, como a organização da CBD fizera, sendo contrário a qualquer ufanismo exagerado que contaminasse o desempenho dos atletas. As “patriotadas” seriam o exagero da exploração do espírito nacionalista que não levariam a lugar nenhum antes do torneio começar. Nascimento, que era um crítico mordaz aos exageros da imprensa de forma geral, também o era na condição de não exaltar o futebol, tão característico em nossa sociedade, em detrimento dos demais esportes, considerados amadores.

Mesmo ao se referir aos seus colegas de redação, como no caso de Geraldo Romualdo da Silva, tratava-os como “cupinchas”, que tanto pode ser lido como colega ou camarada, como também, como cúmplice ou comparsa.⁴³⁰ De qualquer forma, apesar de sua larga experiência como redator e jornalista, Nascimento era, naquele momento, “Zé de São Januário”, um personagem que tinha autonomia para deflagrar suas guerrilhas pessoais e suas batalhas estratégicas, seja em defesa dos esportes menos favorecidos, seja em defesa dos interesses do Vasco ou de uma imprensa “isenta” de vícios, sendo estes, por exemplo, uma aproximação tendenciosa e interesseira com os órgãos e associações esportivas.

⁴²⁹ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.818, 3 de junho de 1958. P. 9. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

⁴³⁰ Cabe lembrar que Geraldo Romualdo da Silva, em mais esta oportunidade, era o enviado internacional do JS. Seus textos não serão analisados aqui por uma questão de escolha, já que tinha um olhar específico sobre a descrição das seleções, suas potencialidades e seus atletas.

A memória da Copa realizada no Brasil há oito anos sugeriria um distanciamento do otimismo desenfreado e patriótico. Para finalizar sua análise, trazia para o diálogo, as palavras que expressavam o verdadeiro espírito da vitória no futebol: a bola e o gol, que aparecem em seu texto com palavras bem populares: a “esfera” (bola) e o “véu de noivas” (a rede). Nascimento, portanto, estabelecia na análise das possibilidades da seleção brasileira, a partir da crítica ao nacionalismo otimista, assim como ao desprezo da maior parte da população em relação aos esportes dos quais era um defensor desde jovem (como o remo, por exemplo), ao mesmo tempo em que trazia, como Everardo Lopes, a memória de 1950.

Porém, a memória do nosso fracasso diante dos uruguaios estava presente em muitas das crônicas do jornal, apesar de discursos mais otimistas ganharem força à medida em que o selecionado ganhava os jogos treinos contra grandes times da Itália e iniciava bem as primeiras partidas no campeonato mundial.⁴³¹ Já que tornamos a tratar da ideia de memória, o controle dela poderia ser disputado pelos cronistas, quando estes tornavam-se de fato, narradores de uma determinada experiência.⁴³²

Mário Júlio Rodrigues, que zigzagueava na busca por um estilo narrativo próprio, pelos problemas e questões pessoais que apontamos nas páginas anteriores, teve na Copa do Mundo de 1958 mais uma oportunidade de transformar sua rotina de acompanhar o Fluminense e os demais clubes cariocas nas competições estaduais em um momento de criação textual mais ousada e imaginativa. Apesar da ligação de vários jornalistas e cronistas com o veículo rádio, encontramos em um texto de Mário Júlio uma inflexão de ponderação devido aos estilos narrativos diferenciados percorridos em comparação com a imprensa impressa. A ideia central era a oposta da de Nascimento e Lopes, ou seja, contestar a cautela e valorizar o nosso selecionado, mas o mote, para tanto, era criticar a narrativa radiofônica que, para ele, enxergava outro jogo:

A grande dúvida

Vencemos e vencemos bem. Mas, pelo jeito ou a julgar por várias e sensacionais descobertas de alguns senhores speakers e comentaristas não jogamos níquel de

⁴³¹ O Brasil ganhara em jogos treinos de Fiorentina e Internazionale, ambos por 4 a 0. Algumas fontes, no entanto, consideram estas partidas como jogos amistosos.

⁴³² SARLO, Beatriz. *Op. Cit.* P. 24-25.

tostão furado. A Áustria, sim: a Áustria foi um colosso. Então o tal de Halla! E o Buzek? Que perigo o Buzek!

E nós, pobres coitados, mal passávamos do meio de campo:

- A valsa supera o samba! berrava sadicamente, de minuto a minuto, um impune cavalheiro de microfone colado a boca.

Os ouvintes? Os ouvintes dispostíssimos a entoarem o Ouviram do Ipiranga ao primeiro vestígio de goal?

Na era da televisão, do avião a jato e dos foguetes, recuamos no tempo, voltáramos a trinta e oito, dependíamos do rádio, exclusivamente do rádio, E o cavalheiro speaker, decididamente certo de seu poder absoluto, abusava, não fazia por menos:

- Outra sensacional defesa de Gilmar!

Insistente, dramático:

- Não foi, fulano?

E o fulano compenetradíssimo:

- Até agora ainda não sei como esta bola não entrou!

(...) A tensão crescia, o assassinato, a sangue frio de cinquenta e tantos milhões de brasileiros estava a ponto de consumir-se. E bem que o speaker espumava, caprichando na matança inominável:

- Agora o placard dos outros jogos, senhores ouvintes!

E o fulano contentíssimo:

- A Argentina já vence a Alemanha; o Paraguai a França!

Parou aí, mas juro que pensou mais:

- Somos a vergonha das três Américas!

(...) A crônica poderia terminar aqui. E terminaria fatalmente, se não tivesse uma perguntinha a fazer:

- Será que vencemos mesmo o jogo?⁴³³

A velocidade e interatividade do rádio levaram-nos a uma dependência negativa diante da “verdade jornalística”, ou seja, deixara o torcedor a mercê das subjetividades e

⁴³³ RODRIGUES, Mário Júlio. A grande dúvida. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.824, 10 de junho de 1958. P. 5.

intencionalidades de seu interlocutor.⁴³⁴ Ora, observemos que a crítica se faz em duas direções: ao excesso de pessimismo por parte da imprensa esportiva e pelos exageros emotivos e pessoais dos profissionais da mídia “concorrente”. Todavia, o jornal fazia uso destes artifícios ao evocar a passionalidade, a uma visão esgueirada da realidade e dependente de análises e olhares altamente subjetivos. Concorrência ou crítica? Ou ainda, uma autocrítica? Como lidar com a mídia que evocava as paixões de forma mais imediata e talvez irradiada de interpretação dos fatos; no caso, das partidas. Apesar de não ter sido o objetivo deste trabalho em avançar no debate dos usos das transmissões esportivas do rádio, já apuramos e apontamos que importância da interdependência dos dois veículos (rádio e jornal), tendo em vista que muitos dos seus protagonistas circulavam por ambos.

O “poder absoluto” do locutor de rádio era na década de 1950 reflexo da modernização da sociedade brasileira, principalmente, porque estes, muitas das vezes, se relacionavam também com a “novíssima” televisão. Modernidade, para Mário Júlio, talvez fosse sinônimo (ou pelo menos, um deles) de objetividade jornalística e observação realística dos fatos, exatamente o que faltara nas crônicas do jornal em que trabalhara.

Todavia, apontava também contra o sentimento pessimista dos jornalistas e cronistas que teimavam em torcer contra a seleção ou ainda por serem cautelosos em demasia, fruto de dois sentimentos que perpassavam parte da imprensa: a de dificuldade de acreditar numa possível redenção do futebol brasileiro, pelas nossas incapacidades de atingir o topo do esporte mundial, principalmente em relação aos países europeus na primeira linha do futebol internacional; ou ainda, pelas frustrações decorrentes de um passado próximo, quando mostrávamos para o planeta, o quanto éramos modernos na organização de uma Copa da FIFA, mas não capazes de conquistá-la. De acordo com Mário Júlio, em outra crônica semelhante:

Não são só os cavalheiros speakers que urram e esbravejam contra a primeira vitória. Os eternos pessimistas são encontrados em todas as esquinas da cidade, pousam de urubus com a maior tranquilidade deste mundo. E sucede, então, um

⁴³⁴ Mário Júlio não esclarece que locutores e comentaristas fizeram este trabalho, nem mesmo a empresa radiofônica em questão. Porém, como o *JS* realizara a propaganda da *Rádio Tupi* ao longo de todo o período da Copa na Suécia, com a narração de Oduvaldo Cozzi, desconfiamos de que se tratava dos mesmos na narrativa do cronista. Cozzi era um dos mais importantes narradores esportivos da década de 1950, tendo inclusive ingressado sua carreira na televisão em 1955.

fato gozadíssimo: a Áustria que até pouco jogava um football maravilhoso, a mesma Áustria que até pouco era praticamente invencível, agora simplesmente não existe – a cortaram, sumariamente do mapa.

E, sem maiores explicações urram ofendidíssimos com o triunfo inexplicável:

- Os homens não marcam ninguém!

Discussão é que não pode haver:

- Eu quero ver é com os ingleses, com os russos!

Fulminantes, aniquiladores:

- Os russos! Ah, os russos! (...) ⁴³⁵

No entanto, logo após a conquista na Suécia, os discursos dos jornalistas mais otimistas e nacionalistas como Vargas Netto tomaram espaços nas páginas do *JS*, criando um clima de superioridade esportiva assim como de irradiação de um sentimento ufanista renovado, agora com exemplos claros de que estavam certos em seus argumentos. O próprio Everardo Lopes, contido e por vezes pessimista, escreveria uma espécie de mea culpa por conta da dúvida em torno da capacidade de nossa seleção. ⁴³⁶ Vargas Netto, que adotara em sua narrativa do *JS*, desde a década de 1940 um ideário nacionalista, defensor do patriotismo e disciplina nos esportes, exultava com o clímax de um povo, de uma nação, dos valores de arregimentação harmônica e pacífica que o futebol poderia trazer:

A seleção de football do Brasil pos sobre a própria cabeça a clássica coroa de louros. Ganhou a taça de ouro que significa a hegemonia do football mundial pelo espaço de quatro anos, no mínimo. Mas não são os elogios da imprensa estrangeira, a apologia dos aficionados europeus, as ofertas aos atletas, o galardão oficial de um título supremo, as maiores benesses que encherão de luz a alma desses denodados defensores da nossa glória desportiva! A glória maior estará na acolhida de seu povo, no sol que acenderam em cada sorriso, no sorriso das mães, das noivas, das esposas, dos filhos pequeninos, no mar de bênçãos e ofertórios que desabrocharam em cada alma de torcedor.

Nunca vi um jogo de futebol valer tanto! Essa vitória foi quase uma aleluia de verdadeira expressão do nosso povo.

⁴³⁵ RODRIGUES, Mário Júlio. Os Urubus passam fome. Mas outros engordam e tomam banho de piscina. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.825, 11 de junho de 1958. P. 4.

⁴³⁶ LOPES, Everardo. Mão à Palmatória. Conversão de um descrente. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.845, 5 de julho de 1958. P. 5.

Depois daquele acaso de 1950 apareceram falsos sociólogos, pretendendo estabelecer teorias nefandas a respeito da força moral e da coragem dos nossos atletas. Em 1954 fomos para o pecado oposto: caímos nas demasias...

Em 1958 o Brasil foi ele mesmo, sereno e confiante, lutador e forte, paciente e altivo! Esse é o verdadeiro espírito do Brasil!

(...) Espero que essas lágrimas que tantos olhos verteram na tarde gloriosa do nosso triunfo, caíam como chuva abençoada, fertilizando os corações para a colheita da gratidão. As lágrimas da vitória nunca envergonharam nem deprimiram ninguém, porque só as almas generosas as derramam... (...) ⁴³⁷

Dotado de uma narrativa lírica e sentimentalista, o autor apresentava um cordel de redenção e libertação das tristezas do povo brasileiro, principalmente no que concernia à família brasileira, peça fundamental do conservadorismo e tradicionalismo social de Vargas Netto. Atacava, por outro lado, os “sociólogos” sem formação, que seriam os arautos do derrotismo do Brasil, fazendo uma alusão clara a Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho e que escrevia para *O Globo*, *Manchete Esportiva*, *Última Hora*, sendo autor da teoria de “complexo de vira-lata”, ou seja, que o brasileiro tinha uma baixa auto estima diante dos revezes no futebol e na vida diante do mundo.

Vargas Netto definia sua visão sobre a vitória de forma poética e lírica, própria do seu estilo narrativo, aliando os valores morais e nacionais do brasileiro. Em outra crônica, reforçava esta tese, comparando os atletas brasileiros como heróis míticos da era clássica, um elemento do seu eruditismo somado à veia poética de sua formação:

A Volta triunfal

Como deve ser doce o caminho da volta para os heróis que trazem a vitória. Há um beijo da Pátria em cada brisa do mar ou da montanha, uma carícia no ar, um abraço sem braços da atmosfera toda feita hosanas!

Os heróis desportivos têm muita semelhança com os guerreiros antigos, que se confundiam com os seus próprios deuses nas refregas legendárias, cujos tipos se imortalizaram através do seu próprio povo transformado em artistas do pincel ou do escalpelo. Estes do nosso football, que trouxeram os lauréis do mundo, já começaram a serem cantados nas toadas populares, nos sambas espontâneos das ruas, na voz dos rapsôdos, que, afinal, são os responsáveis pela transmissão e perpetuação da glória de todos os heróis.

⁴³⁷ VARGAS NETTO, Manoel. Autoconfiança. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.842, 1º de julho de 1958. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

Este heroísmo que vitoriamos agora não tem segregação de casta, nem cor de raça, nem cheiro de classe. Veio da habilidade e do talento dos homens do povo, que exaltam o próprio povo de onde saíram com os aplausos e as admirações, que foram colher em terra estranha, ante olhos sem intimidade patriciana, fazendo chocar mãos ignoradas de palmas insopitáveis dos que ainda conservam a graça da alegria e da admiração pura. E esses rapazes que saíram da multidão brasileira, sem discriminação de coisa alguma. Acenderam, em todos os corações da massa solidária, àquela luz de esperança de quem ainda poderá ser o mesmo tipo de vencedor, ou a consolação de quem poderia ter sido...

Cada um quase aplaude o futuro ou o passado quando vitoria o presente, tomando a multidão a força irresistível dos elementos ululando como o vento ou bramindo como o mar, ou crepitando como o fogo, ou tendo a força telúrica da terra, porque cada um adquire a certeza que poderia ter sido ou ainda será um desses heróis! Vocês são o exemplo rapazes! Exemplo de vitória, de alegria, de habilidade e de força! Vocês reintegraram todas as forças do Brasil na consciência e na certeza de si mesmas!

Vocês são afinal, de mistura com a satisfação do presente luminoso dessa taça de ouro, a tranquilidade de uma força que se domina e a responsabilidade de um futuro sem temores.⁴³⁸

Aponta em sua narrativa elementos culturais que atendiam a classes distintas, do samba mais popular ao rapsodo clássico, inclusive enfatizando que o heroísmo dos atletas aboliriam toda e qualquer ideia de distinção de classe ou raça. Nesta epopeia de Vargas Netto, a natureza do povo brasileiro seria moldada pela vitória do selecionado brasileiro, esculpida pelas forças naturais como a água, o vento, o fogo e a terra, palavras escolhidas pelo autor para garantir mais impacto em sua narrativa lírica. Percebemos ainda que os eixos do tempo, como o passado (positivo de nossa formação e esquecível pelas derrotas nas Copas do Mundo), o presente (vitorioso) e o futuro (esperançoso) se confundiria neste momento mágico da torcida e da nação brasileira.

Esta última crônica de Vargas Netto sintetizava suas origens na poesia e na literatura ficcional anunciado uma camada de subjetividades das quais o autor compartilhava em sua coluna: a defesa da nacionalidade e de seu povo, o uso dos elementos da natureza e a verve poética, ficcional e ufanista além de todo o jogo de palavras acerca do ordenamento do campo esportivo (mais explorado em outros textos do que exatamente aqui). De acordo com Eni Orlandi, “Do ponto de vista discursivo, as palavras, os textos, são partes de formações discursivas que, por sua vez, são partes da formação ideológica. Como as formações

⁴³⁸ VARGAS NETTO, Manoel. A Volta triunfal. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.843, 2 de julho de 1958. P. 8. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

discursivas determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, assim é que considera o discurso como fenômeno social”.⁴³⁹ Desta forma, mais uma vez reforçamos a ideia de que o exame detalhado das crônicas e de que qualquer fonte discursiva textual ou falada, deve levar em conta os usos e as escolhas semânticas.

As Copas do Mundo, como pudemos perceber, seriam momentos de irradiação de uma nacionalidade, não exatamente purista e ufanista qualquer, mas uma que dialogasse com os sentimentos subjetivos dos autores. As paixões e emoções do futebol seriam levadas a cabo por uma ideia de diálogo frenético com opiniões pautadas na análise do esporte onde poderiam ser discutidas as tensões entre os autores, a modernidade dos veículos de comunicação, o comportamento da torcida, a confiança nas diversas visões da imprensa, a maturidade de se auto enxergar como povo vitorioso, dentre tantas questões levantadas nas crônicas aqui analisadas.

Inclusive, em períodos como estes, era mister adotar pautas que pudessem sair do senso comum, forjando ou reforçando os estilos narrativos que tanto caracterizaram os cronistas do *JS*. Apesar de não ter o glamour da Copa do Mundo, outros eventos importantes foram pautas destas análises como, por exemplo, a Copa Rio, que trataremos a seguir.

4.2 A COPA RIO: O BRASIL EM EVIDÊNCIA PELOS CLUBES

1951: A Copa do Mundo não acabou para todos

Logo após o fracasso na Copa de 1950, o clima em torno do futebol era bem desanimador. Por certo, os torneios e campeonatos regionais retornariam com seu papel de alimentar o interesse dos torcedores e leitores da imprensa esportiva, ou seja, aficionados por este esporte no geral. No entanto, a ideia de derrotismo e subalternidade do futebol brasileiro aos demais países de tradição neste esporte (agora, inclusive em relação ao vizinho Uruguai) gerava um sentimento de desânimo e insatisfação por parte das autoridades esportivas, de parte da imprensa e de muitos torcedores. Desta forma, sob a iniciativa da CBD e com apoio e

⁴³⁹ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense. P. 146.

patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro, a Copa Rio que recebera vários nomes ao redor do mundo ao longo do processo de divulgação, tornava-se uma realidade: a ideia central era realizar um torneio que pudesse reunir os campeões dos principais campeonatos nacionais do mundo, um verdadeiro torneio mundial de clubes, com a autorização da FIFA, porém sem a participação efetiva desta.⁴⁴⁰

Com a participação inicial no ano de 1951 de 8 clubes de 7 países distintos (Brasil com 2 representantes, Uruguai, Portugal, Áustria, França, Itália e Iugoslávia), a competição seria disputada em duas cidades: Rio de Janeiro (Maracanã) e São Paulo (Pacaembu).⁴⁴¹ Os critérios a serem utilizados, depois de muita discussão na CBD com contatos diretos com a FIFA ficaram definidos: a posição das seleções dos clubes na última Copa do Mundo. Apesar das desistências e recusas, o que gerou substituições fora destes critérios preliminares, além do convite a Portugal por conta da aproximação com o Brasil, era um indício claro e evidente de atrelar a recém-nascida Copa Rio ao torneio de seleções do ano anterior. Na edição de 1952, antecipada a pedido do Fluminense por conta das comemorações dos seus 50 anos de fundação, o grau de organização e de participação dos grandes clubes mundiais cairia por conta de fatores econômicos e desinteresse de vários clubes europeus.

O Brasil teria mais uma vez uma oportunidade de demonstrar sua capacidade de organizar um evento internacional deste porte, além de poder brigar por um título de clubes inédito e que poderia (assim como foi por parte da imprensa brasileira) elevar o brilho do futebol brasileiro no mundo. Não nos cabe aqui neste trabalho explorar de forma esmiuçada os detalhes da organização do evento muito menos debatê-la sob a luz da conjuntura atual se os títulos conquistados pelo Palmeiras (1951) e Fluminense (1952) são mundiais ou não. Nosso interesse por aqui é compreender como este torneio fora explorado pelas crônicas do *JS* e quais representações em torno do futebol foram criadas a partir daí. Começamos nosso trabalho com a crônica de Vargas Netto, que apresenta sua opinião desta forma:

⁴⁴⁰ Também chamado de Torneio dos Campeões, Torneio Mundial de Campeões e Torneio Internacional de Campeões, dentre outros nomes, em jornais dos países envolvidos como Itália, Portugal e Espanha, por exemplos. Apesar do representante espanhol não ter participado por desistência, a imprensa deste país deu ampla divulgação à competição. Sobre este torneio e a campanha do time vencedor, o Palmeiras, ver o livro: GALUPPO, Fernando Razzo. *Palmeiras: Campeão do Mundo – 1951*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2011. Apesar da obra ser de caráter de exaltação ao clube paulista e de ordem pouco acadêmica, colabora com dados, fotos e trechos de matérias publicadas na ocasião. Desta forma, torna-se uma fonte rica para análises mais profundas.

⁴⁴¹ Os representantes da França (Nice), Iugoslávia (Estrela Vermelha) e Áustria (Áustria Viena) substituíram os da Inglaterra, Espanha e Suécia. A Escócia também convidada, recusara o convite para participar.

Copa Rio

Uma outra competição de football volta a pôr o Brasil em evidência no mundo. Não há dúvida que se tem valorizado o football brasileiro. Todas as informações que tenho da Europa são unânimes sobre o virtuosismo e a potencialidade do nosso soccer.

O Arsenal chegou a Londres e declarou: “Não temos desculpas a dar. Perdemos porque o Brasil tem o melhor football do mundo”.

Os rapazes do Nice vinham encantados para o Rio. Vibravam ao avistar as luzes da cidade, com aquela admiração alegre dos franceses: Olalá! Olalá!

Chegaram os austríacos e os uruguaios, vêm aí os italianos e os iugoslavos, já chegaram os portugueses. Bastam estes para os nomes do Brasil morar em milhões de bocas, povoar milhões de imaginações, agitar um sem número de curiosidade, criar admirações! (...).⁴⁴²

Vargas Netto insistia na tese de que temos um futebol brasileiro virtuoso e de primeira linha. Neste ponto, destacamos o caráter ufanista de seu discurso, tão presente em seus respectivos textos, assim como reforçamos a compreensão de que a luta de todos os jornalistas e cronistas do *JS* era também, no limite, valorizar o seu produto, ou seja, a notícia e o debate sobre os esportes e, para tanto, era importante que o mercado consumidor estivesse cada vez mais ampliado e consolidado para a recepção de novos subprodutos, como no caso a Copa Rio. A fuga do fracasso da Copa do Mundo de 1950 era uma meta a ser cumprida pelo jornalismo esportivo nos anos seguintes e a Copa Rio se colocava como uma “válvula de escape” de toda a frustração do ano anterior, inclusive nos negócios da empresa, ou seja, os interesses comerciais do próprio *JS*. Não obstante ao desenvolvimento mais amplo, de médio e longo prazos do campo esportivo, havia o esforço de manutenção da empresa, inclusive junto aos anunciantes do periódico.

O cronista não divulgava suas fontes na Europa, mas ainda assim é crível que o futebol brasileiro tornara-se mais famoso a partir dos dois últimos torneios mundiais (antes da II Guerra Mundial, em 1938, quando alcançamos o terceiro lugar na competição e destacamos o artilheiro Leônidas com sete gols e em 1950, quando ficamos com o vice-campeonato, após uma grande campanha, sem falar em todo o processo de organização e divulgação da Copa).

⁴⁴² VARGAS NETTO, Manoel. Copa Rio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

Apesar da recusa de algumas equipes, outros clubes importantes vieram ao Brasil para a disputa do torneio.

Para justificar a força do futebol brasileiro, Vargas Netto lembrava da viagem do Arsenal, então campeão da *FA Cup* (Copa da Inglaterra) de 1950, ao Brasil quando perdeu de forma retumbante para alguns times como o Vasco da Gama, por exemplo.⁴⁴³ E apontava um discurso de reconhecimento da superioridade brasileira nestes confrontos pelos próprios ingleses, sem, todavia, citar a fonte correta. A própria cidade do Rio de Janeiro mais uma vez era um elemento de orgulho para a boa recepção que o esporte daria mais uma vez ao mundo: as luzes, naturais e artificiais poderiam saudar os visitantes, numa comparação clara com o que ocorrera no ano anterior, sem falar no desenvolvimento do turismo internacional. O autor utilizava mesmo que de modo bem impessoal a expressão de surpresa dos franceses, caindo como de costume em uma visão estereotipada sobre as apreensões europeias do que seria de fato o Brasil. De qualquer forma, tinha muita razão sobre o alcance que a competição poderia ter, tendo em vista a cobertura jornalística de sete países envolvidos diretamente sem contar os demais centros de futebol (como a Espanha e a Inglaterra) que chamariam a atenção neste encontro entre clubes e países da Europa com a América do Sul. Realmente, poderia ser um produto bem vendável para a imprensa internacional.

Mas, o que o autor de fato quer dizer quando escrevia que esta imprensa poderá divulgar as “afirmações do Brasil”? Conforme já trabalhamos os textos de Vargas Netto, não só por sua origem regionalista no campo da literatura, mas também por ele acreditar na ampliação das imagens da nossa cultura pelo mundo afora com os preparativos para a Copa de 1950, podemos afirmar que se tratava não exatamente das diversas identidades locais, regionais e específicas do nosso país. Tratava-se, porém, de uma visão amalgamada e homogênea das representações culturais que grassavam pelas belezas naturais das cidades, da cordialidade e gentileza do seu povo e, obviamente, do virtuosismo do nosso futebol. Talvez seja um exagero de nossa parte dizer que Vargas Netto e outros autores do *JS* colaboraram para a construção da ideia de um “país do futebol” ou mesmo de uma forma específica de se jogar este esporte.⁴⁴⁴ Talvez, não. De qualquer forma, consideramos bastante razoável a ideia de valorização deste esporte no país em comparação aos demais (europeus e sulamericanos)

⁴⁴³ O jogo terminou em 4 a 0 para o time carioca em partida disputada no Maracanã.

⁴⁴⁴ Algumas das melhores discussões acadêmicas acerca da construção destas representações podem ser vistas em HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *Op. Cit.*

mesmo antes da vitória vindoura de 1958, seja por questões mercadológicas ou mesmo sob as nuances da construção da identidade nacional a partir ou com o esporte. A imagem perfeita do Brasil, voltado para uma modernidade esportiva⁴⁴⁵, e esta, por sua vez, enquadrada em um projeto de modernidade mais amplo, seria reconhecido pelo mundo afora, principalmente, o desenvolvido e europeu, como nos chama a atenção o seu autor:

(...) Vamos interessar milhares de torcedores de cada um desses países, chamar a atenção das respectivas nações através de suas representações desportivas, de seus dirigentes, de seus jornalistas, de seus locutores, dos fans que seguem as equipes.

Esses milhões fixarão os seus sentidos nas notícias, nas fotografias, nas transmissões radiofônicas, nas correspondências particulares, que levarão, que revelarão, que elucidarão, que hão (...) pormenores, aspectos, situações, paisagens, possibilidades brasileiras, belezas brasileiras, afirmações do Brasil...

Já agora toda a Europa fala do Brasil através de seus jogadores e de seu football. Os clubes brasileiros por suas equipes encheram a atenção de grandes públicos de todo o continente europeu desde o Oriente ao Ocidente, do Norte ao Sul, da Velha terra européia. O São Paulo-Bangú fez ótimas demonstrações, a Portuguesa de São Paulo fez um Record de vitórias da Turquia à Suécia. O Flamengo igualou o Record da Portuguesa e chega hoje sem nenhuma derrota e sem nenhum empate. Só teve vitórias em dez jogos (...). Os clubes ingleses voltaram entusiasmados com o Brasil e seu football. Por toda a Europa se fala no Vasco, nos jogadores do Vasco, nas performances do Vasco...

Os jornalistas de Londres preocupam-se com as notícias do Rio. Os de Paris, os de Roma, os de Madri, Lisboa, Belgrado, Oslo, Copenhagen, falam no Brasil para seus leitores, publicam notícias e fotografias. Gente de todos esses lugares vem conhecer nosso país. E tudo por que? Pela divulgação do football.

Esse é o mérito e a utilidade da Copa Rio. As cidades do Rio e de São Paulo estarão em todas as lembranças.⁴⁴⁶

Todos os olhos do mundo esportivo continuariam a olhar para o Brasil, mesmo que este país fosse representado por duas cidades da região sudeste: o Rio de Janeiro e São Paulo. A ressalva no texto era mais para valorizar estas duas cidades, cuja importância no panorama esportivo era vista de forma cotidiana nos principais jornais do Brasil, do que para admitir um centralismo da imprensa especializada em torno do eixo Rio-São Paulo. Aliás, por mais que a

⁴⁴⁵ Um estudo profundo sobre a modernidade enquanto discurso no *JS* pode se encontrado em: FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *No Meio do Caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Curitiba: UFPR, 2009. Tese de Doutorado em História.

⁴⁴⁶ VARGAS NETTO, Manoel. Copa Rio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

cidade de São Paulo fosse referenciada nas matérias e crônicas do *JS*, a visão deste jornal era de forma obstinada, desde sua criação, a sobrepôr o esporte carioca sobre os demais estados, inclusive em relação a São Paulo. Em várias oportunidades, podemos perceber que o *JS* para dentro do país, defendia de forma velada uma visão carioca de esporte, enquanto que para fora, acreditava na mistura entre Rio e São Paulo, como elementos quase únicos da representação de nossa identidade nacional (esportiva ou mais ainda de forma mais ampla).⁴⁴⁷ A Copa Rio, portanto, seria uma das ferramentas embaixadoras da nossa brasilidade, de nosso futebol e de nossas cidades.

José Lins do Rego, também lançava ideias sobre esta competição e seu significado para o país, conforme observamos no texto abaixo:

Cuidado

Todos nós estamos numa maré de otimismo em relação ao football brasileiro. Temos razão para tanto, mas nada que nos faça mais mal do que a máscara. O brasileiro é muito sujeito a doença do “ufanismo”. É uma doença que ataca senso crítico e pode muito bem conduzir a um delírio de grandesa deplorável.

Temos, e disto demos prova, em todo o mundo, desde o Mediterraneo ao Báltico, um football de primeira qualidade. Nada a opor a esta conclusão.

Mas aí está o Torneio dos Campeões e precisamos cuidar. Nada de pensar em passeio, em baile, dentro do campo. O Vasco e o Palmeiras carecem de nosso apoio. E os responsáveis pelos dois melhores quadros brasileiros devem estar a postos para o que der e vier.⁴⁴⁸

De forma breve e objetiva, como lhe era peculiar nas crônicas esportivas do *JS*, José Lins critica a presença do ufanismo nas análises sobre o futebol brasileiro, chegando a concluir que esta forma de pensar seria o equivalente a uma doença que minaria as nossas

⁴⁴⁷ De acordo com Alvarus de Oliveira, “(...) Felizmente, porem, o Palmeiras se recuperou. Armou-se e fez belas partidas. E de onde não se esperava, saiu o campeão... O clube paulista campeão do seu Estado, e do Torneio Rio-São Paulo se sagrou também o vencedor dos clubes campeões mundiais, levantando a Taça Rio. Ainda bem. Se de um lado, o carioca perdeu a sua taça, de outro, a faixa do “melhor” tendeu para outro clube brasileiro, e sejamos sinceros – clube que mereceu pelo esforço e pelo brilho que deu ao certame. O complexo de que somos os melhores do mundo, mas só quando não disputamos título a valer, felizmente se desvaneceu. Pelo menos uma copa vencemos. E a cidade, exultante com a gloria do Palmeiras, soube tributar ao campeão as homenagens merecidas, agradecendo-lhe pelos momentos alegres da satisfação popular!”. OLIVEIRA, Alvarus de. Uma “Copa” Afinal! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5. Este cronista participava do *JS* com uma periodicidade mais efêmera do que os demais analisados nesta pesquisa.

⁴⁴⁸ REGO, José Lins do. Cuidado. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 de junho de 1951. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

forças esportivas. Apesar de acreditar na potencialidade do nosso futebol em comparação a todo o continente europeu (interessante pois não faz referência aos vizinhos sulamericanos), tinha uma postura cuidadosa (a começar pela escolha do próprio título do texto) e combatente aos exageros sobre nossa superioridade esportiva. De qualquer forma, era um recado direto para alguns colegas de redação que no afã de cobrir a Copa Rio como uma grande novidade vendável para o público internacional e para os leitores cariocas (no caso do *JS*) teriam aumentado demais as expectativas em torno dos dois representantes do futebol nacional: o Vasco e o Palmeiras, campeões de seus estados nos anos anteriores. O “Torneio dos Campeões” (expressão utilizada pelo autor e que nos mostra o quanto havia uma diversidade de nomes e incongruências para se chegar a uma nomenclatura definitiva) precisaria ser vencido em campo e, para tanto, o exagero das coberturas e crônicas deveria ser contido antes que contaminasse os próprios jogadores destes dois times. Se o cronista já era contido em seu otimismo, quando éramos declarados favoritos majoritariamente pela imprensa de forma geral, após a experiência de 1950, passara a adotar um discurso ainda mais cauteloso.

Uma leitura mais profunda e ácida sobre a capacidade brasileira de se tornar uma potência no cenário do futebol internacional pode ser vista em um texto de Geraldo Romualdo da Silva, que faz um histórico das recentes frustrações deste esporte e tem na Copa Rio, uma possibilidade de reversão da situação a qual o nosso esporte se encontrava:

A outra “Copa do Mundo”

O Brasil é o Rei do Football: só falta a Coroa

Vai o football brasileiro entrar em sua segunda hora H. Já tivemos uma, aqui mesmo, a onze de junho de mil novecentos e cinquenta, e breve teremos outra. É verdade que sob rótulo diferente. Inclusive, com alguns personagens desconhecidos. Mas, no fundo, igual a todos aqueles que chegaram, viram e venceram – ou só chegaram – mas não obstante isso, trataram de alcançar o que depois de tudo, depois do “consumatum est”, pareceu-nos nada mais nada menos do que um castigo do céu...

Vamos, assim, para a experiência número dois num prazo mínimo de doze meses.

Não poucas entidades desejariam ter a ventura de patrocinar, orientar e fiscalizar esta “Copa Rio”, que não deixa de constituir uma prova concreta do extraordinário prestígio adquirido pelo Brasil. Como cultura desportiva, e como mercado sem rival no cômputo geral dos considerados grandes centros de atrações do football.

(...) Mas quantas vezes atingimos o princípio do fim de uma grande jornada esportiva e quantas vezes atingimos verdadeiramente o fim, para então perdermos o bom bocado que nos deveria tocar como melhores, como reconhecidamente os mais

rutilantes, etc, etc.? Inúmeras vezes. Desde mil novecentos e trinta e seis (Buenos Aires), que vivemos perdidos de euforia. Ganhando só na véspera. Recebendo as homenagens em dinheiro e todas as outras homenagens não materiais na véspera. Principiou em trinta e seis. Em trinta e seis, perdemos a primeira “boca” numa repetição de match com os argentinos.

Curioso é que antes da derrocada o técnico era bom. Depois dela, todavia, passou a não valer nada.

Dois anos mais tarde, em Marselha, tornamos a calcular mal o pulo. E lá se foi, de roldão, a Copa do Mundo. Mais críticas ao técnico. Veio mil novecentos e quarenta e cinco (Santiago do Chile). Novo dissabor. O técnico havia trocado de nome e o sumário de culpa transferido. Idem, em mil novecentos e quarenta e seis. Idem, pior ainda, em cinquenta. Fatalidade ou que é que acontece?⁴⁴⁹

Geraldo Romualdo que transitava entre o universo de campo do repórter esportivo, inclusive como enviado especial para eventos internacionais como Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, e o de cronista, com matérias assinadas e opinativas, deixa bem claro que a Copa Rio era além de uma nova oportunidade de sucesso do futebol brasileiro e de apagar uma memória recente e desastrosa das nossas atuações, uma chance de gerar rendas e recursos para os clubes e as instituições dirigentes envolvidas (CBD e federações do estado do Rio de Janeiro e de São Paulo). Como o próprio jornalista aponta: “cultura desportiva” e “mercado” caminhavam juntos nesta empreitada que era amplamente divulgada pelo *JS*.

Valorizando este torneio internacional, Geraldo revivia o histórico de fracassos e frustrações brasileiras, desde a década de 1930, quando perdera várias competições importantes como o Campeonato Sulamericano em 1936 (finalizando no início de 1937, no entanto); a Copa do Mundo da França em 1938; o Campeonato Sulamericano Extra de 1945; o Campeonato Sulamericano de 1946 e a Copa do Mundo em 1950 em casa.⁴⁵⁰ Apesar de algumas poucas conquistas brasileiras no período, e que são completamente ignoradas pelo autor, nada explicaria o nosso fracasso a não ser pelo acaso, falta de sorte e coincidência, tendo em vista que, segundo ele, não só teríamos uma boa técnica, mas a melhor técnica de todos os países, pelo qual “(...) o universo inteiro vem de consagrar como absoluta.”⁴⁵¹ Mas,

⁴⁴⁹ SILVA, Geraldo Romualdo da. A outra “Copa do Mundo”. O Brasil é o Rei do Football: só falta a Coroa. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 5.

⁴⁵⁰ SOTER, Ivan. *Op. Cit.* P. 325-338. O jornalista se quisesse enfatizar ainda mais a trajetória derrotista da seleção brasileira poderia ter citado as derrotas na Copa Roca em 1939 e 1940 (contra a Argentina), as Copas Rio Branco de 1940, 1946 e 1948 (contra o Uruguai) e o Sulamericano em 1942.

⁴⁵¹ Dentre as vitórias brasileiras neste período (1936-1950), sem contar com as partidas amistosas disputadas, podemos citar: a Copa Roca de 1945, a Copa Rio Branco de 1947 e 1950, a Taça Oswaldo Cruz em 1950 (contra o Paraguai) e o Campeonato Sulamericano de 1949. SOTER, Ivan. *Op. Cit.* P. 325-338.

como referenciar tal assertiva apenas pelo azar e/ou pelo destino? O pleno desenvolvimento de nosso futebol por meio dos clubes, suas temporadas e sucessos nos torneios e partidas amistosas, sejam jogados por aqui, sejam no exterior poderia ser um parâmetro para a nossa seleção? Apesar de considerar a alta qualidade do futebol praticado por aqui, o cronista considerava que o grande mal de nossa seleção seria a falta de objetividade, conforme notamos na continuidade do texto:

Mas, fatalidade ou apenas cisma, cisma ou mera coincidência, o caso é que não temos conseguido ir além do “quase” – de quase campeões sul-americanos e de quase campeões mundiais – nos últimos vinte anos de seguidas batalhas nos mais estranhos e nos mais longínquos campos da terra.

(...) Não é possível. Não é mais possível permanecermos à mercê de azares subjetivos. Permitindo que uma escrita tão velha e tão absurda insista em anular tamanha prova de eficiência. Tantas e tão exuberantes provas de boa técnica. Da melhor técnica. Que o universo inteiro vem de consagrar como absoluta.

Alguma coisa deve andar desacertada e alguma coisa mais objetiva deve andar tramando contra a consumação dos sonhos que sonhamos antes do instante exatamente propício.

Talvez seja excesso de teoria. Talvez, seja excesso de capricho. De requinte na manobras. De abuso nos dribles. Nas “bicicletas”. Quando o mais simples é pura bola na rede. Arte, na qual, os uruguaios têm sido mestres sem rivais. Ainda que venham da banda oriental com o cartaz um pouco abalado e um pouco comprometido, como de lá parece estar chegando o velho, temível e campeoníssimo Nacional.⁴⁵²

Assim como em outras crônicas, podemos perceber por aqui que o momento do fracasso esportivo ou ausência de títulos significativos possibilitava, como hoje, debater os rumos do futebol brasileiro, e, desta forma, a desconfiança em torno da seleção era colocada em torno da dualidade em jogar de forma objetiva e eficiente ou jogar de modo bonito, artístico e exuberante. Certamente, uma discussão que atravessou o século XX e que se mantém nos dias de hoje. Seria um debate infrutífero e sem fim? Mote da cobertura do jornalismo esportivo que necessita ter o que tratar? Neste caso, a história deste debate nos ilumina para refletirmos sobre estas representações? Ou não são necessariamente representações esportivas e culturais em torno de um possível estilo de jogo? Questões sérias, mas que não temos a pretensão de respondê-las em sua completude. O que podemos afirmar é

⁴⁵² SILVA, Geraldo Romualdo da. A outra “Copa do Mundo”. O Brasil é o Rei do Football: só falta a Coroa. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 5.

que as causas de nosso período sem títulos mundiais levou a exaltação de nosso futebol em dois modelos de interpretação: a de que atingíamos um patamar de qualidade sem igual, por conta das excursões e das campanhas da seleção em determinados torneios e a de que só não completávamos este ciclo bem sucedido, por conta do imponderável e da falta de sorte. Não é o caso necessariamente da análise de Geraldo Romualdo, pois para este autor, sobram caprichos, dribles, requinte nas manobras, enfim, arte. Deveríamos, segundo ele, aprender com os uruguaios que eram considerados modelos de objetividade e eficiência, ou seja, “bola na rede”.

A aproximação com os vizinhos, no entanto, ficara por aqui mesmo porque não há nem neste, nem em outro cronista o posicionamento do futebol brasileiro frente aos vizinhos da América do Sul. Ou seja, se o Brasil atingira um nível internacional de igual para igual com os países europeus, não o era em relação a Uruguai e a Argentina, por exemplos, devido a uma série de derrotas brasileiras frente a estes dois países. Nossa exaltação futebolística estava mais voltada com a comparação com os países e times europeus, sendo a presença da valorização dos nossos vizinhos no discurso de comparação uma exceção a esta regra.

De acordo com Olimpicus, o sucesso alcançado pela competição estava além do título que o Palmeiras conseguira em campo, mas por conta da nossa capacidade de dar a volta por cima, de sairmos de uma prostração coletiva de lamúrias e derrotismo. Mais uma vez, o olhar de que precisávamos da aprovação dos europeus aparece em mais este texto:

Transformemos o Torneio Rio-São Paulo em “Taça do Brasil”

Para os que temiam pouco êxito na Copa Rio desapareceu qualquer dúvida muito antes de chegar à final, porque o sucesso se esboçou desde a rodada inicial.

Se outros torneios terão que ser realizados os poderemos organizar sem temor algum. O caso da dúvida do sucesso acerca do torneio é devido à nossa infelicidade na final da Copa do Mundo de 50. Julgou-se na Europa que haveria desânimo aqui. Que poderia interessar aos brasileiros um simples torneio de clubes quando havíamos sofrido a maior desilusão com o selecionado? Não se assustem, porém, se na Europa se pensava assim, com acerto, porque lá ninguém liga a clubes em matéria de confronto internacional e sim às seleções nacionais. Ademais, lá nunca se havia organizado um certame de clubes à base mundial. Não pensavam por tudo isso que a Copa Rio tivesse mais da metade da renda do campeonato mundial de 50. (...) ⁴⁵³

⁴⁵³ OLIMPICUS. Transformemos o Torneio Rio-São Paulo em “Taça do Brasil”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5.

Esta crônica tinha o objetivo de propor a criação da Taça Brasil, a partir da ampliação do Torneio Rio-São Paulo, mas é iniciada com o propósito de exaltar o sucesso da Copa Rio e de como as expectativas em torno desta competição seguiam os parâmetros dos europeus. O texto é como se disséssemos que temos condições de anunciar para todo o mundo de que somos capazes de organizar uma competição internacional e com relativo sucesso de público. Desta forma, nossa identidade em torno do futebol passara a ser moldada na visão de outridade, ou seja, na ideia de que nos reafirmamos enquanto potência esportiva apenas se atingirmos padrões europeus de disciplina, organização e reconhecimento internacional. Outro ponto importante também era a preocupação com o sucesso financeiro do evento, pois o mercado de entretenimento seria um elemento a ser considerado na discussão de nossa capacidade esportiva e organizativa para este fim. Retorno do mercado e ampliação do campo esportivo, com o apoio e intervenção da imprensa, caminhavam em direções precisas e próximas. Inclusive, suportado por estas premissas e levando em conta a hegemonia dos estados do Rio e São Paulo, Olympicus propunha a criação da Taça Brasil a partir da necessidade de termos uma competição nacional, digna (mais uma vez) dos padrões europeus de organização esportiva como podemos perceber na continuação da crônica supracitada:

(...) Nós, porem, não temos a competição tipo da taça, mas não precisamos criá-la, ou seja, precisamos apenas instituir a taça, porque o Torneio Rio-São Paulo se presta idealmente para tanto. O certame dos “grandes” das duas capitais, cujo sucesso já está garantido pelas disputas de 1950 e 1951, passaria a se denominar Taça do Brasil. Sendo assim, o torneio em questão, cuja realização anual ninguém mais duvida, daria o vencedor da Taça Brasil. Lembrem-se de que o último Torneio Rio-São Paulo, sem os preços extraordinários nos ingressos, rendeu Cr\$ 11.679.802,00 mais de a metade da renda da recente Copa Rio, e os concorrentes foram oito também. Vejam que já dissemos em artigos anteriores que os torneios dos esquadrões de São Paulo e do Rio estão destinados a ser num futuro próximo o campeonato máximo do football profissional das duas capitais. Mas, campeonato ou torneio, deveríamos convertê-lo desde já em Taça Brasil. Que tal a idéia?⁴⁵⁴

A proposta de Olympicus, que estava radicado em São Paulo, mas também encaixaria no discurso carioca da imprensa esportiva, resumia a ideia de que a identidade do futebol brasileiro nasceria e se consolidaria apenas com as federações e clubes destes dois locais. A

⁴⁵⁴ *Ibidem.*

discussão em torno da integração com os demais membros da União não era pensada pelos demais articulistas do futebol como os cronistas do *JS*, por exemplo. Tornar o Rio-São Paulo em uma competição de caráter nacional parecia um caminho natural para quem divulgava a qualidade do nosso futebol a partir destes centros, com raras menções ao demais, mesmo com alguma ou outra experiência de torneios interestaduais.⁴⁵⁵ Por outro lado, cabe lembrar que a proposição insistente em torneios nacionais não era apenas um projeto de modernizar o futebol brasileiro e organizá-lo aos moldes europeus, mas também de ampliar o campo de atuação da imprensa esportiva e todos os negócios que a partir dela circulariam. Mazzoni, assim como outros proponentes de eventos e ações esportivas, como Mário Filho, circunscreviam-se em um modelo de imprensa interventora, conforme abordagem apresentada por Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado.⁴⁵⁶

Porém, a proposta só iria se concretizar a partir de 1959, com a criação da Taça Brasil, reunindo os 16 clubes campeões estaduais com separações regionais (pré-eliminatórias), mas com entrada direta dos representantes de Rio de Janeiro e São Paulo apenas nas semifinais, um privilégio declarado pela CBD. Apesar de toda a discussão em torno da aceitação de nossos torneios pelos olhares europeus, o grande estímulo pela criação da Taça Brasil seria a necessidade de elegermos um representante da novíssima competição: a Copa dos Campeões da América (1960), ou seja, uma competição com a participação dos times da América do Sul.⁴⁵⁷ Passávamos a voltar nossos olhos identitários para a América, em oposição/composição com as seleções deste continente, adotando um discurso sobre a garra dos vizinhos, mas nos diferenciando acerca do nosso talento.

Desta forma, o *JS*, por meio de seus cronistas propunha o fortalecimento de nosso futebol a partir da criação de um torneio nacional, mas com clara, forte e decisiva presença dos clubes paulistas e cariocas. A vitória do Palmeiras na Copa Rio em 1951 deixou raízes fortes deste projeto, possibilitando pensar numa edição no ano seguinte, como acabou ocorrendo.

⁴⁵⁵ Como, por exemplo, a realização do Torneio dos Campeões da região Sudeste, promovido em 1936 pela extinta Federação Brasileira de Futebol, com a presença do Atlético-MG (vencedor da competição), Portuguesa de Desportos (SP), Fluminense (RJ) e Rio Branco (ES). Ver em: UNZELTE, Celso. *O Livro de Ouro do Futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002. P. 420-421.

⁴⁵⁶ CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980. P. 19.

⁴⁵⁷ A decisão desta criação fora tomada no Congresso da Confederação Sulamericana de Futebol (CONMEBOL) em 1958, no Rio de Janeiro.

1952: O enfraquecimento de um projeto?

Após o relativo sucesso da edição de 1951, com divulgação da competição em vários jornais dos principais centros do futebol mundial, a CBD pretendia organizar uma segunda edição em 1953. Todavia, influenciada pelo Fluminense (que iria participar por ter sido campeão carioca em 1951), sob a justificativa de que comemoraria os 50 anos de sua fundação a entidade resolvera antecipar para o ano de 1952, contando, novamente com o patrocínio da Prefeitura da cidade carioca.⁴⁵⁸ Todavia, por conta de datas já assumidas por vários dos grandes clubes convidados, ocorreram muitas desistências o que diminuiu a sua importância no cenário internacional.

O *JS*, neste momento de enfraquecimento da importância da competição, tornara-se um grande defensor da mesma, exagerando nas matérias sobre os clubes e jogadores, exaltando a participação do Fluminense e minimizando bastante a comparação com o sucesso da edição anterior. Seus cronistas apontavam os problemas, mas deixavam bem claro o quanto o torneio era um grande investimento para a própria cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Vargas Netto, a torcida carioca era um dos maiores patrimônios do futebol brasileiro, conforme analisaremos no texto abaixo:

Torcida Carioca

A torcida carioca reafirmou o que eu garanti em nome dela: é uma torcida exemplar para os grandes embates! É uma torcida que se poderia constituir em paradigma para as grandes platéias do mundo, pelo seu sentido de humor, pelo seu senso estético nas manifestações coletivas, pela sua esportividade.

Todos os estrangeiros, que aqui estiveram e que agora se retiram, unanimemente, declararam que era um prazer jogar no Maracanã, pela segurança, pelas condições técnicas do estádio e do gramado, pela cordialidade desportiva da torcida e pelo espírito comunicativo e jovial do carioca! Expliquei-lhes que poderiam dizer, confiantemente, do brasileiro, porque nenhuma platéia poderia representar tão perfeitamente o Brasil como a torcida carioca. E isso porque aqui se dá a polarização do sentimento, pela concentração de patricios de todos os quadrantes do nosso imenso território. Aqui os nortistas se contara aos milhares, os mineiros e os fluminenses formam uma grande massa. Homens do sul, do nordeste, do centro, do extremo norte e do oeste bravio, do ericado, misterioso e agreste Mato Grosso, aqui se reúnem, vivem, amam e procriam. Aqui se reúnem o grosso das forças

⁴⁵⁸ Em 1952, inclusive, o nome “Copa Rio”, em homenagem à Prefeitura do Rio de Janeiro, fora muito mais divulgado nos canais de imprensa do que no ano de 1951, como vimos nas páginas anteriores.

armadas, com o exército, marinha, e aeronáutica. Aqui estão todos os Ministerios e a sede do Governo, reunindo os funcionários de todas as procedências. Aqui é ponto de fusão dos regionalismos provincianos e ridículos no grande espírito brasileiro.⁴⁵⁹

Não era a primeira vez que Vargas Netto tornava a torcida ou o perfil dos torcedores brasileiros em tema de suas crônicas. Era uma espécie de “porta de entrada” para os visitantes de nosso país, mas também para um discurso de civilidade e modernidade que havíamos alcançado. O comportamento do torcedor brasileiro (aqui, lembramos que carioca era o brasileiro) mereceria um capítulo a parte nas histórias esportivas contada por este cronista, sobretudo porque o futebol apesar de mexer com todas as emoções do ser humano, estas ainda estariam controladas pela cordialidade e alegria do carioca. Uma típica representação do torcedor do Rio de Janeiro, tão bem explorada nas crônicas do *JS*, que encontramos nos textos de Vargas Netto. A reafirmação de que o espírito, comportamento, “jovialidade” do carioca representavam a alma brasileira era uma criação típica deste periódico e considerada uma das chaves de interpretação de nosso povo. A alegria promovida pelos esportes seria um fator de catalisação de todas estas características “inatas” desta terra carioca. Portanto, o mundo conheceria as belezas de nossa nação a partir de seu melhor ponto de vista: o Rio de Janeiro e seus torcedores.

Para reforçar tal pensamento, Vargas Netto se apoiava na composição social, política e econômica do Rio de Janeiro como Distrito Federal, com a formação de nosso povo sendo debatida a partir de uma vivência de capitalidade. Ou seja, a vinda de conterrâneos de partes diversas do território brasileiro dera origem a um povo miscigenado, tanto do ponto de vista cultural como também do étnico-racial. Uma versão ainda influenciada pelas teorias freyreanas da década de 1930, porém, aqui com uma nuance de identidade local/regional e que impactava numa identidade do nosso campo esportivo.

O uso das palavras “extremo norte”, “oeste bravio”, “erizado, misterioso e agreste Mato Grosso” era próprio de uma força de expressão específica do autor, que aliava erudição e grau significativo de ficcionalidade para forjar uma representação de nossa torcida carioca e brasileira. A força de nossa composição social estaria justamente originada a partir das

⁴⁵⁹ VARGAS NETTO, Manoel. Torcida Carioca. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.034, 2 de agosto de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

características de nossa “mistura”, porém, não uma miscigenação qualquer, mas uma que fosse realizada a partir de um centro: o Rio de Janeiro. Apesar das qualidades desta formação, o autor destilava uma ironia quando afirmara que: “(...) Aqui é ponto de fusão dos regionalismos provincianos e ridículos no grande espírito brasileiro”. Seria deveras estranho esta última afirmação, tendo em vista sua origem literária e social a partir do regionalismo gaúcho. Não só por sua origem, mas nos exemplos, histórias e narrativas baseadas neste mesmo regionalismo ao longo da produção de suas crônicas esportivas. Por que o uso aqui, então? Muito provavelmente para dispor de uma crítica a outra centralidade, a paulista que também agregava culturas e pessoas de várias partes do país. O Rio, no entanto, se destacaria por ser um centro administrativo, militar e burocrático do governo federal.⁴⁶⁰ O destaque às forças armadas, remete a ideia de que a ordem institucional e a paz social estariam salvaguardadas na cidade.

Outro ponto relevante desta narrativa é a valorização dada à juventude carioca, capaz de agregar o melhor da cultura brasileira, porém, sempre de forma ordeira, cívica e disciplinada, discursos específicos deste autor:

⁴⁶⁰ Acerca da rivalidade entre Rio e São Paulo, Vargas Netto aprofundaria o debate a partir da crítica de maus tratos do time do Vasco recebidos pela ocasião de um jogo em um torneio amistoso contra o Palmeiras: “É, sem dúvida, interessante, para o progresso desportivo deste país, que se agitem as rivalidades entre Rio e São Paulo. Falo da rivalidade no sentido da emulação, desejo de progresso, anseio de superação. Não importa que os centros rivais se acalorem na procura da hegemonia. Aliás, o desporto, procurando o equilíbrio de saúde e moral, incentivando as reservas de resistência do espírito e habituando o físico às elasticidades do esforço, é uma aspiração constante de ascensão. O que é condenável é a paixão, o escurecimento de todos os motivos determinantes de uma prática e de um intercâmbio, para preponderar, um sentimento passageiro e destruidor de vaidade mal inspirada. (...) Vocês estão num pedaço do Brasil, e com os outros retalhos do mesmo território devem marchar coesos em busca do futuro. O interesse maior é um só. Cada um tem a sua parcela de responsabilidade. Eu conclamo os homens decentes de São Paulo para o controle dos fatos”. VARGAS NETTO, Manoel. Sinal Vermelho. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.039, 8 de agosto de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto. Álvaro do Nascimento, acerca deste jogo, informava que: “Decididamente, o Pacaembú deixou de ser uma praça de desportos. Transformou-se em arena de touros. Tenho a impressão de que os quadros de football quando pisam o gramado do Pacaembú não o fazem com o propósito de jogar football. Entram para o gramado para contenda de luta livre. (...) Enquanto os pequenos clubes da Federação Paulista excursionam pelo interior do Estado, jogando a troco de duas mariolas e um picolé, os grandes clubes monopolizam o Pacaembú, promovendo touradas e espetáculos de luta livre com artistas de football. Os grandes clubes de São Paulo conseguem uns niqueis para o petróleo de lampeão. Os pequenos, entretanto, estão as portas da falência, paralisados e sem esperanças. Se a coisa continua como vai, dentro em pouco tempo os artistas de football preferirão passar uma quinzena de férias na ilha de Anchieta a jogarem no Pacaembú. É preferível morrer de fome na Ilha Anchieta, a morrer de pancada no Pacaembú”. NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.039, 8 de agosto de 1952. P. 8. Coluna Uma pedrinha na Shooteira. Importante realçar que Nascimento faz referência à Ilha Anchieta, local em Ubatuba (norte do estado de São Paulo), onde funcionara um presídio e palco de uma rebelião que resultou em 118 mortos em junho de 1952. Fonte: REBELIÃO da “Alcatraz Brasileira” faz 60 anos. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,rebeldiao-da-alcatraz-brasileira-faz-60-anos-imp-,890677>>. Acesso em: 24/07/2016.

E a exuberante juventude carioca também é descendente dessa comunhão de migrações estaduais.

Eu conheço e admiro a torcida carioca, que pode dar lições de espírito olímpico, de educação social e cívica.

O Dr. Schwartz concordou comigo e com a cordialidade do legítimo espírito brasileiro. Disse-me que era um prazer, para ele e para seus companheiros assistir o espetáculo das manifestações humanas da assistência no Maracanã. Afirmou-se que o Austria desejaria atuar de novo no Rio. E fez-me este resumo admirável da sua observação: Paris é a cidade que atrai os desejos do mundo. Brasil é o país que atrai todos os homens de boa vontade, que desejem trabalhar em paz. Paris, promete conforto, alegria e inquietação. O Brasil oferece segurança, cordialidade, paz e fartura para quem quer construir. Ele viu no Maracanã uma torcida sem ódios, sem complexos, de peito aberto para a justiça e para a crítica. Obrigado, estrangeiro! Conheceste e reconheceste bem o Brasil!⁴⁶¹

Não por acaso, o termo “educação social” é apresentado como uma das características da torcida carioca. Percebemos que o comportamento da torcida é um dos valores com maior índice de aparição em todas as fases do cronismo elaborado por Vargas Netto. Todavia, concluímos que em vários momentos a cobertura esportiva do *JS* destacava as brigas e embates entre torcedores ao longo de sua história, contrariando a passividade e ordenamento, expressos nas representações criadas por este autor.

A partir de uma interlocução com um dirigente do Áustria Viena (“Dr. Schartz”), Vargas Netto comparava a cidade do Rio de Janeiro, com a cidade de Paris, não só por serem centros turísticos de relevância mundial, mas porque no Brasil, poderíamos sintetizar o conhecimento de nosso país, pela leitura de sua capital e suas diversas qualidades. Se Paris oferecia conforto e inquietação, no Rio, teríamos paz e segurança, enfim, um ambiente propício para a construção do novo, com um povo justo e cordial. O discurso final do cronista tornou-se uma narrativa em prol da nação brasileira, mesmo que visto de forma particularista e específica sob o olhar de uma cidade, ou melhor, parte de uma cidade: o Rio do Maracanã e de suas belezas naturais.

Ainda com o objetivo de divulgar estas mesmas paisagens cariocas e ainda assim tratar do torneio internacional, Zé de São Januário (ou Álvaro do Nascimento), comentava

⁴⁶¹ VARGAS NETTO, Manoel. Torcida Carioca. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.034, 2 de agosto de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

sobre a chegada do time do Sporting, um dos grandes times da Europa nesta edição da Copa Rio e, é claro, celebrado pelas rivalidades clubísticas do Rio de Janeiro:

Escondeu-se o Sporting nas matas do Corcovado, bem perto do Cristo Redentor. Andaram bem avisados os dirigentes do grêmio luso. Se os rapazes do Sporting estivessem hospedados em qualquer hotel do centro da cidade, ou mesmo em Copacabana, teríamos uma peregrinação constante, dia e noite, ao local da concentração. Teríamos uma romaria de maiores proporções de que aquelas realizadas em louvor a Nossa Senhora de Fátima.

No Hotel das Paineiras, apesar da distancia, do custo das passagens e dificuldade na condução, os simpáticos rapazes do Sporting não vivem sossegados.

Não criticamos ou condenamos aqueles que vão levar a sua solidariedade à delegação do Sporting. Ao contrario, vemos nessas visitas sentimentais e afetivas, uma nota fora do comum, que desvanece os homenageados. Acontece, entretanto, que os rapazes do Sporting têm uma nobre missão a cumprir. Essa missão exige repouso e despreocupação de espírito.

Ora, se alguém vai perturbar a calma dos rapazes do Sporting, que abandonam as delicias do centro da cidade e das praias para se isolarem no alto da montanha, esse refugio tão desejado pelos mentores do grêmio luso torna-se inoperante. Logo que termine a disputa da “Copa Rio”, todos poderão abraçar e homenagear a simpática rapaziada do grêmio alvi-verde. No momento, todas as atenções dos jogadores devem estar voltadas para o jogo de domingo, uma vez que o Fluminense, a nosso ver, é o mais forte adversário da serie de jogos a serem disputados no Rio de Janeiro. (...)⁴⁶²

Nascimento valorizava a presença do clube português no Rio de Janeiro e na competição coberta pelo *JS*. Um dos grandes motivos seria a identidade lusitana de seu clube do coração, o Vasco da Gama, e rival do representante do Rio no torneio, ou seja, o Fluminense. A crônica deste autor nos possibilita apontar e resumir algumas características que perpassam os textos deste estilo narrativo e que se tornaram típicos da identidade editorial do *JS*: uma valorização das paisagens cariocas, a queixa contra a falta de organização/disciplinarização do campo esportivo e a discussão clubística (esta, inclusive, presente de forma leve e velada).⁴⁶³

⁴⁶² NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.013, 9 de julho de 1952. P. 14. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

⁴⁶³ É o caso por exemplo de uma crônica de José Lins do Rego, quando o autor promete inclusive que iria torcer para o time português, conclamando seus leitores a fazerem o mesmo. Como já tratamos, José Lins era um torcedor apaixonado do Flamengo, também rival do Fluminense. Neste texto, o autor escreve que: “(...) Vamos hoje, torcer pelos bravos Leões do Sporting. A vitoria sobre o Peñarol seria a valorização do empate com o

O cronista apresentava as paisagens do Rio como as Paineiras (mata do Corcovado), Cristo Redentor e Praia de Copacabana, inseridas na lógica de recepção da comissão técnica e equipe do time português. Para o cronista era importante que os atletas pudessem ter paz e tranquilidade para o embate decisivo contra o Fluminense. Além do apoio ao time do Sporting, Nascimento chamara a atenção de que a receptividade dos torcedores cariocas diante deste time deveria ser restringida por conta de experiências negativas de outros times e até mesmo da seleção brasileira que não tiveram disciplina suficiente para se prepararem para a conquista de um título.

Por mais que o discurso ufanista estivesse presente nas crônicas aqui analisadas e mais nitidamente apresentada nos textos de Vargas Netto, por exemplo, em momento de embate e inflexão da rivalidade clubística local, esta se sobressaía para determinados autores como Álvaro do Nascimento e José Lins do Rego. Isso posto, podemos refletir sobre a capacidade de autonomia destes profissionais, tendo em vista que a orientação editorial seguia para outra direção. Mário Filho, além da direção do jornal, também escrevia suas crônicas cujos conteúdos variaram entre uma tentativa de construir uma história do futebol brasileiro e a cobertura dos principais eventos esportivos do momento, como a Copa Rio. Desta forma, valorizava a participação brasileira acima de qualquer rivalidade clubística, fazendo apenas a ressalva entre a rivalidade Rio/São Paulo. Ou seja, o torcedor carioca deveria apoiar os times de São Paulo apenas quando os cariocas estivessem fora da competição. Segundo Mário Filho: “(...) Assim o carioca entra na Copa Rio com uma preocupação a mais. Não se trata do Fluminense ou do sistema de jogo do Fluminense: foi com o mesmo sistema que o Fluminense levantou o campeonato da cidade.”⁴⁶⁴ A preocupação a qual Mário Filho se refere tratava-se da possibilidade de mais uma vez um título de relevância (agora, no caso, internacional) parar nas terras paulistas, tendo em vista que a edição anterior da Copa Rio fora vencida pelo Palmeiras, além das conquistas de São Paulo nas últimas edições do Torneio Rio-São Paulo e Campeonato Brasileiro de Seleções.⁴⁶⁵

Fluminense. E credenciará o Sporting para a conquista do troféu.” Ver em: REGO, José Lins do. Vamos torcer pelo Sporting. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.019, 16 de julho de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

⁴⁶⁴ RODRIGUES FILHO, Mário. A Emoção da Copa Rio. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.016, 12 de julho de 1952. P. 5.

⁴⁶⁵ O Torneio Rio-São Paulo fora vencido, respectivamente, por Corinthians (1950), Palmeiras (1951) e Portuguesa (1952). Em 1952, o Campeonato Brasileiro de Seleções fora vencido pela equipe do estado de São Paulo.

Portanto, concluímos que se a gestão editorial do *JS* privilegiava o apoio incondicional aos clubes cariocas, seus cronistas por vezes não perseguiram tal orientação, tendo em vista que as paixões clubísticas individuais influenciavam na pauta de seus textos, assim como na abordagem dos mesmos. Este é um dos pontos fulcrais deste nosso trabalho, pois acreditamos que os autores estudados nesta pesquisa compunham um verdadeiro caleidoscópio de estilos narrativos, apesar das discussões gerais próximas. Estas, por sua vez, poderiam ser resumidas em alguns temas como: o nacionalismo impulsionado pelo campo esportivo, a defesa da organização e da disciplina no esporte, o clubismo e o denunciamento. Todavia, aproximações e diferenças entre os autores estavam referenciados pelo alto grau de autonomia literária e narrativa de que todos os cronistas tinham neste periódico, inclusive, por vezes, como exemplificamos logo acima, se distanciar da orientação mais central de Mário Filho.

Não só podemos perceber esta autonomia, como também analisamos de forma mais peculiar os estilos de cada cronista. É possível, então, continuarmos a acreditar numa imprensa esportiva que fosse dependente da força, do trabalho e da gestão de Mário Filho? Acreditamos que não, pelos motivos com os quais trabalhamos até aqui e ousamos a refletir que se não podemos deixar de lado a capacidade subjetiva destes cronistas na criação das representações sociais e culturais em torno do esporte carioca, em especial o futebol, também não aceitamos que os mesmos estavam sob influência direta de Mário Filho. Nem mesmo dentro do *JS*.

Os cuidados excessivos de Nascimento em relação à preparação da delegação portuguesa do Sporting denotam uma iniciativa de apoio ao time rival do Fluminense, orientação contrária à direção do jornal. Como as mensagens dos cronistas são multifacetadas, cabe também uma discussão em torno do papel do torcedor e da organização em torno do esporte e sua respectiva preparação, ao mesmo tempo em que valorizava as paisagens naturais da cidade do Rio de Janeiro.

Outro exemplo para compreendermos este nosso argumento era a avaliação geral em torno do próprio torneio. Enquanto a direção do jornal apresentava uma visão de vitória e de pleno sucesso do evento, realçando a participação brasileira diante dos times internacionais, outros cronistas apontavam as várias dificuldades como podemos observar no “debate” entre Mário Filho e José Lins do Rego. O primeiro avalia a Copa Rio da seguinte forma:

(...) Um motivo de orgulho

Foram importantes esses resultados já que exibem a vitalidade da Copa Rio. Num ano absolutamente anormal pelas dificuldades inesperadas e quase intransponíveis, a Copa Rio ainda constituiu um sucesso. Foi uma atividade altamente compensadora para os clubes que dela participaram, servindo, também, para propaganda do Brasil. O football brasileiro mais uma vez se consagrou e é preciso que se saliente esse fato. A Copa Rio é o maior certame de clubes do mundo. Um clube brasileiro levantou-a, outro clube brasileiro foi para o final. E para o football carioca do Fluminense teve uma significação especial. É a serie de vitórias do football paulista que se interrompe e que se interrompe numa disputa que São Paulo presa acima de todas as outras. Não se esqueceu, ainda o que foi, para São Paulo, como motivo de vibração, a conquista da Copa de 51 pelo Palmeiras. Em tempo algum São Paulo festejou com tamanho entusiasmo qualquer vitória. S. Paulo soube dar a importância devida à vitória do Palmeiras que era uma das maiores vitórias do football brasileiro. E o Rio também. O Rio se esqueceu de que o Palmeiras era um clube paulista para se lembrar apenas que era um clube brasileiro. É preciso dar o verdadeiro valor à vitória do Fluminense, verdadeiramente excepcional. Não há vitória no football que o Fluminense possa exibir com mais orgulho. Representou na Copa Rio o football brasileiro: e o honrou, sendo o primeiro campeão invicto da Copa Rio.⁴⁶⁶

Para o jornalista/cronista (e editor/proprietário) do jornal, a Copa Rio, tão defendida pelo *JS* desde o ano anterior, era um sucesso apesar de todas as dificuldades. Aliás, estas apesar de serem “inesperadas” e “intransponíveis” enalteciam ainda mais a realização da competição por conta da capacidade de superação. Não há dúvidas neste discurso de que Mário Filho considerava a Copa Rio como um campeonato mundial de clubes, como podemos perceber em seu texto, e não apenas um torneio intertemporadas. Em sua crônica, utilizava a rivalidade Rio-São Paulo e rememorara a edição de 1951 para reafirmar toda a importância da conquista do Fluminense, um clube brasileiro (mas, acima de tudo, carioca).

No grau de comparação entre São Paulo e Rio, chama a atenção do apoio que a torcida carioca dera ao time paulista e, apesar de vários jornais minimizarem os feitos da edição de 1952, Mário Filho atesta: o Rio de Janeiro estaria muito melhor representando por ter conquistado o título de forma invicta. Desta forma, o Rio ganhava até quando perdia, com a torcida carioca demonstrando o seu apoio ao Palmeiras e, neste ano, fora recompensada pela vitória tricolor. Obviamente, o cronista não levava em conta a rivalidade com os demais clubes cariocas, seja porque construía um discurso apontado para outros tipos de distensão

⁴⁶⁶ RODRIGUES FILHO, Mário. (...) Um motivo de orgulho. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.036, 5 de agosto de 1952. P. 5.

esportiva (no caso Rio x São Paulo, ou ainda Brasil x os outros), seja porque não o interessava explorar uma discussão para dentro da cidade, não neste momento, pelo menos.

Porém, nem todos os cronistas aceitavam esta postura (ou ao menos uma direção, como podemos observar) e contestavam com o apoio nas rivalidades clubísticas ou ainda nas queixas e reclamações contra a organização de um evento coberto com afinco pelo *JS*. Neste contexto, como exemplo, José Lins do Rego apresentava uma visão bem diferente daquela de Mário Filho:

O povo é mais sabido que se pensa

As estatísticas da Copa Rio revelaram uma queda de mais de cem mil fans às praças de esportes. Verificou-se assim acentuada falta de interesse pela parada internacional de football.

Acredito que a ausência dos grandes teams da Europa tenha influído para tamanha queda de freqüência. O povo, com o seu maravilhoso instinto, sabe o que é bom e o que nada vale. O tal team alemão que apareceu em São Paulo foi uma verdadeira calamidade. Os promotores do certame quiseram impingir gatos por lebres, mas não conseguiram. O povo é mais sabido do que se pensa. Fatos como este desmoralizam empreendimentos destinados ao sucesso.

Para a próxima Copa Rio, os nossos homens responsáveis deverão agir com mais cuidado.⁴⁶⁷

Neste texto, José Lins traça um panorama diametralmente oposto ao de Mário Filho. Ou seja, para aquele autor, a Copa Rio teria sido um fracasso em todos os sentidos, mas principalmente pela ausência do público torcedor. E aponta as causas para este insucesso: a ausência de grandes clubes europeus e a fraqueza técnica dos times representantes deste continente.⁴⁶⁸ O clube alemão ao qual o cronista se refere era o Saarbrücken, finalista (que

⁴⁶⁷ REGO, José Lins do. O povo é mais sabido que se pensa. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.038, 7 de agosto de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

⁴⁶⁸ Dentre os times que foram convidados para participar mas, que não o aceitaram o convite ou desistiram por motivos diversos podemos apontar: o Barcelona e Real Madrid (Espanha), Newcastle e Manchester United (Inglaterra), Hibernian (Escócia), Internazionale, Juventus e Milan (Itália), Millionarios (Colômbia), Nice (França), Racing (Argentina) e Nuremberg (Alemanha Ocidental). Dentre os principais motivos, podemos citar a opção por disputar outros torneios internacionais como a Copa Latina (disputada entre clubes de Portugal, Espanha, França e Itália) e a Pequena Copa do Mundo (disputada na Venezuela por clubes sulamericanos e europeus, como na Copa Rio). Sobre os times que realmente disputaram a Copa Rio de 1952, podemos citar: o Fluminense, Corinthians, Peñarol (Uruguai), Sporting (Portugal), Grasshopper (Suíça), Saarbrücken (Alemanha Ocidental), Libertad (Paraguai) e o Áustria Viena (Áustria). Uma obra que nos enriquece com detalhes, mas que carece de uma visão mais profunda e metodológica de história, mesmo porque assim como o livro de Galuppo (sobre o Palmeira) tem o objetivo central de enaltecer o clube é a de: COELHO, Eduardo. 1952: *Fluminense*

posteriormente, tornou-se vice-campeão da Alemanha Ocidental) do campeonato alemão, já que o Nuremberg não poderia viajar para o exterior, por uma determinação de uma lei federal que impedia os times deste país de realizar estas excursões. O Saarbrücken, como era da região do Sarre, administrada pela França, estava livre desta obrigação. De acordo com o jornalista do *JS*, Albert Laurence, o time alemão se credenciara para participar do convite porque além de finalista do campeonato nacional de seu país, tinha aplicado goleadas no Athletic Bilbao, Real Madrid e Liverpool, além de ter vencido o Áustria Viena duas vezes.⁴⁶⁹ Todavia, apesar de seu retrospecto, o clube alemão fora goleado nos três jogos que disputara, perdendo para Corinthians (6 a 1), Áustria Viena (5 a 1) e Libertad (4 a 1).

Ao utilizar uma expressão bem popular, “trocar gatos por lebres”, o autor nos chama a atenção para a falta de organização do torneio, que tentara enganar os torcedores, principalmente os cariocas, de que seria um torneio de primeira linha do futebol internacional. A ideia de sustentar o campo esportivo por aqui, como ocorria na linha editorial de Mário Filho e na postura de outros cronistas passava ao largo da intencionalidade de José Lins, que era de apresentar uma visão objetiva e clara do que realmente achara do torneio, principalmente de um ponto de vista onde a racionalidade também não estava presente. Ou seja, o que percebemos no texto deste autor é que a paixão clubística se sobressaia à ideia de vivência e sobrevivência da imprensa enquanto campo esportivo e à própria posição do jornal que era o apoio incondicional ao clubismo positivo, fenômeno que valorizava diariamente os clubes cariocas, das colunas sociais às matérias específicas do dia a dia das equipes, sem falar na maximização dos jogos, excursões e competições disputadas.

Daí o fato da falta de público nos estádios, conforme atesta o cronista, porque o povo seria esperto o suficiente para perceber um “produto” de segunda linha, ou seja, alguém do que estaria sendo valorizado nas páginas dos jornais (inclusive, o próprio *JS*). Terminava seu texto alegando que mais do que celebração e comemoração, o Rio de Janeiro deveria evitar este tipo de evento desmoralizante, sem apontar uma única linha de apoio ou parabenização ao título conquistado pelo Fluminense, rival de seu Flamengo, o que explica bastante seu lugar

Campeão do Mundo. Rio de Janeiro: Maquinária, 2012. Este livro reforça, inclusive, a ideia de que a Copa Rio seria uma realização do *JS*, informação da qual não concordamos por ausência de fontes que reforcem tal tese. Acreditamos que esta cabe no bojo de muitas lendas e mitos em torno de Mário Filho, como o grande “(re)criador da imprensa esportiva ou ainda do cronismo esportivo.” Nosso trabalho, inclusive, preza por caminhar em outra direção.

⁴⁶⁹ LAURENCE, Albert. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.015, 11 de julho de 1952. P. 5-6. Coluna A Crônica Internacional.

de discurso. Desta forma, independente das posições subjetivas e autorais de cada cronista dos quais tratamos neste trabalho, fica evidente para nós que as posições dos mesmos poderiam ter uma estrutura com referências macro no interior do *JS*, mas que divergiam de forma subjetiva de acordo com os interesses e intencionalidades de cada um e em cada período/evento específico.

Contrapondo também com a visão de José Lins, Everardo Lopes, repórter experiente no *JS*, e Geraldo Romualdo da Silva, escreviam crônicas mais voltadas para linha editorial de exaltação aos clubes. Lopes apontava no dia 5 de agosto de 1952 uma verdadeira ode à conquista tricolor, alimentando uma rivalidade contra os paulistas de forma mais veemente do que o próprio Mário Filho que o fizera de forma mais sutil e polida. Lopes enaltecia a vitória do Fluminense como a conquista do Rio de Janeiro diante do Mundo (mas, também diante de São Paulo), conforme podemos verificar no texto abaixo:

Uma escrita que era preciso quebrar

Vitória do Fluminense, Alegria da Cidade

(...) Bem, fosse lá o que Deus quisesse. E a multidão resolveu ver o fantasma de perto. Afinal de contas, mal de muitos é consolo de todos. Se a escrita do Maracanã continuasse garatugeando contra os cariocas, o azar seria de todos – de todos menos dos paulistas. Dos torcedores de São Paulo, desde sexta-feira formavam fila de automóveis de placa S.P. e não davam uma folga aos funcionários da barreira de Campo Grande. Era automóvel de São Paulo que nunca mais acabava. Todo mundo querendo fazer uma reprise de gozo de 51: “O Maracanã também é paulista; vocês construíram este colosso foi para São Paulo levantar campeonatos”. E a torcida carioca de crista caída como galo depois da rinha. Sem poder dizer nada porque não tinha nada a dizer. Foi assim que o torcedor resolveu fazer fila em frente aos guichês. E o estádio enchendo-se. E a avenida Maracanã não dando vasão aos Cadilacs, às camionetes, aos Fords transformados em lotação – apagando do parabrisa (...) de Estádio Municipal ainda em frente à Central, porque mesmo antes dali a lotação já estava completa.

(...) Aquele Fluminense X Corinthians fazia lembrar uma anedota de cinema. Só que tem é que o torcedor não ia enganado como o personagem da anedota. Na anedota, o herói, pouco dado a frequentar cinemas, entrara, tomara lugar na platéia e, mal iniciava-se a fita principal, deixava a poltrona, queixando-se de conto do vigário em que caíra. Afinal de contas, anunciavam o filme como novo. Mas ele já o tinha visto na semana anterior, ali mesmo naquele cinema. Sim, aquele filme que se iniciava com o leão da Metro, rugindo, parecendo que até queria saltar sobre a platéia, ele já o vira. Pois com o torcedor dava-se o contrario. Ele não ia enganado – ou supondo que iria enganado. No Fluminense x Corinthians o torcedor ia ver os mesmos personagens, o mesmo cenário, as mesmas caras conhecidas. Mas, as emoções, sim, é que poderiam ser outras. Para melhor, ou mesmo para pior. Mas,

alguma coisa estava dizendo que seria para melhor. Apesar da superstição do fantasma paulista.⁴⁷⁰

Everardo Lopes, apesar de possuir uma experiência narrativa como repórter e correspondente do *JS*, apresentava um texto carregado de emocionalidade e subjetividade, típicos do cronismo esportivo, conforme podemos perceber em vários trechos desta crônica. O uso de frases populares como, por exemplo, a que compara a tristeza dos cariocas diante da felicidade dos paulistas com a conquista do Palmeiras em 1951: “crista caída como galo depois da rinha”, é um elemento presente no texto, além das possíveis interlocuções (imaginárias) com os torcedores tanto vencidos como vencedores.

Outro integrante de apelo popular importante, ou pelo menos do leitor do jornal, era a aproximação com a indústria cultural como no caso do exemplo do cinema, com a referência e tudo ao “leão da Metro”. Aqui, a referência atendia à intenção do cronista em apresentar o receio de um “dejá vu”, de uma derrota carioca ou vitória paulista anunciada entre o embate de Fluminense e Corinthians. Se a Copa do Mundo deixara um legado do “Fantasma uruguaio”, a crônica carioca do *JS* em mais de uma oportunidade, como pudemos verificar, apontava um novo medo do torcedor da cidade maravilhosa, uma nova sombra: o “fantasma paulista”.

Mais uma aproximação com uma figura de linguagem era apresentada ao leitor como a comparação das intenções de vitória do time tricolor com o modo de fazer do café, elemento integrante da identidade nacional e cultural do brasileiro, cujo hábito alimentar e social está presente na vida do povo deste país. A ideia de representar o desejo de vitória pelo café fervido, assim como o resultado do empate como o café em banho-maria era um esforço do autor em pensar uma forma original e que não fora utilizada nos textos dos demais colegas. Sair do lugar comum era um desafio para os escritores de crônicas do *JS* pois apesar da diversidade narrativa e discursiva, as ideias poderiam se aproximar bastante umas das outras em determinadas defesas eventuais, de um time, vitória, competição ou atuação de um atleta relevante.

⁴⁷⁰ LOPES, Everardo. Uma escrita que era preciso quebrar. Vitória do Fluminense, Alegria da Cidade. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.036, 5 de agosto de 1952. P. 5 e 10.

Este exercício narrativo era um formato para que a mensagem principal pudesse ser explorada, que era justamente a rivalidade entre paulistas e cariocas, uma espécie de troco, revide ou revanche na final da Copa Rio de 1952:

(...) Pois o Fluminense venceu, empatando. E se alguém descer a minúcias, verá que o Fluminense só pensou em vitória. A vitória foi, durante os noventa minutos, o grande objetivo dos tricolores. Se houve cogitação de empate, este ficou relegado a um segundo plano. Conservado em banho-maria. Como o café doméstico. Tomando-se em café fresquinho, saído do coador, ainda com o aroma do pó estorricado pela água fervente. Mas, deixando-se na cafeteira o restante de líquido. Em banho-maria. Para a próxima oportunidade de novamente tomar café. Ninguém dá preferência ao café em banho-maria havendo o café saído da fervura. Pois, para o Fluminense, a vitória era o café saído da fervura. O empate representava a vitória em banho-maria.

(...) Com banho-maria e tudo – duas vezes o Fluminense tomara o café fresquinho, no um a zero e depois no dois a um – a Copa Rio ficou no Rio. Realmente, se tornava meio esquisito que, tendo a Copa o nome de Copa Rio – Copa, o nome e Rio uma espécie de sobrenome – São Paulo se metesse sempre no meio para atrapalhar. Não dando uma vezinha ao Rio. O torcedor paulista bem que tinha razões para o gozo: “Vocês fazem os estádios, e nós somos quem levanta os títulos; o prefeito de vocês dá os troféus, e nós somos quem os leva. Quá-quá-quá!” Pois desta vez foi diferente. Nem os automóveis de placa S.P., nem quem vinha dentro dos S.P., ninguém pôde levantar a crista desta vez. Todo mundo murcho. E era um gozo – o gozo humano do torcedor do lotação, ao passar por um carro de placa S.P. O torcedor botava a cabeça de fora, como pombo na panelinha de pombal, quando vê o dono espalhando milho no chão. E tome piada: “Acabou-se a sopa”! Ou, então: “Agora, vocês que guardem de baixo! Acabou-se a macumba do Maracanã!”

Corroborando com esta mensagem, Lopes apresenta em mais de uma oportunidade uma estratégia narrativa como a interlocução com pseudopersonagens, ora criado no imaginário popular, ora moldado na relação intersubjetiva com os seus leitores. O diálogo do torcedor paulista acerca das vitórias de São Paulo em tom de deboche aponta uma escala crescente de expectativa do leitor carioca para a promessa de um final arrebatador e heróico: a vitória do Fluminense.

Inclusive, ao chegar no ápice da narrativa, o troco carioca era apresentado também numa relação velada entre o carioca popular e o paulista abastado, quando o primeiro dentro do lotação se dirige ao segundo em tom também de deboche diante da decepção pelo empate final (que daria o título ao time do Rio). As placas de São Paulo são objetos de identificação do poderio econômico daquela cidade que seriam alvo da provocação da felicidade dos cariocas. A imagem do carioca colocando a cabeça para fora do ônibus (lotação), também

comparada com outra como a dos pombos no pombal, é tipicamente uma representação de uma vitória efusiva, tratada como histórica por Lopes. Os diálogos finais apresentam uma imagem exaustiva de que os fantasmas tinham desaparecido, pois a “macumba” (mais uma representação cultural e religiosa de amplo conhecimento dos brasileiros) havia se esvanecido. Sobravam, agora, o deboche e as provocações de quem deveriam de fato “mandar” no Maracanã: os cariocas. Todavia, conforme já exploramos, Lopes assim como Mário Filho, mas diferentemente de Álvaro do Nascimento e José Lins do Rego, explorava a união em torno da vitória de um time do Rio de Janeiro, mas ignorara o fato de que os próprios torcedores poderiam ter outras visões como a identificação com o time que enfrentaria o seu rival local.

A Copa Rio de 1952 mesmo perdendo força entre os meios de comunicação, por conta dos problemas de público, das desistências dos chamados grandes clubes internacionais e do fraco desempenho dos que vieram, tornara-se objetiva no papel de recuperar, mesmo que parcialmente, a autoestima do brasileiro diante do futebol internacional. Não temos como dimensionar esta recuperação, já que a consideramos bastante subjetiva e exagerada se levarmos em conta o trauma que 1950 causou ao torcedor brasileiro. Todavia, consideramos que a competição, em ambas as edições, possibilitou uma pauta de discussões do *JS* que podia explorar questões e debates caros à conformação do campo esportivo na imprensa: a identidade nacional e regional dos torcedores, a exploração das paixões e emoções do futebol e o papel organizacional/disciplinar da qual seríamos capazes de demonstrar diante do panorama internacional esportivo. Tudo isso, por meio de narrativas e debates pessoais e intersubjetivos das quais se podiam perceber uma autonomia discursiva em relação à linha editorial do *JS*.

A identidade regional carioca, característica precípua dos cronistas do *JS* seria desenvolvida por este jornal e seus cronistas não apenas pela valorização dos elementos constitutivos do torcedor do Rio de Janeiro (entendidos como representação), mas pela ideia de oposição ao seu correspondente paulista. Tal ideia encontra nos estudos de Arfuch, uma justificativa plausível quando esta autora nos apresenta sua interpretação possível sobre o

conceito de outridade: “(...) *eu sou tal* aqui em relação a certos *outros* diferentes e exteriores a mim.”⁴⁷¹

Dentro da linha de raciocínio de percebermos na cobertura dos grandes eventos esportivos, uma fonte inesgotável de criação de representações coletivas e nacionais acerca do esporte, selecionamos fontes que abordam os Jogos Olímpicos dos anos de 1952 e 1956. Podemos, desta forma, complementar o estudo realizado até então, abraçando outras observações acerca do esporte para além do futebol.

4.3 O JS É OLÍMPICO? UMA VISÃO DE ADEQUAÇÃO AO UNIVERSO ESPORTIVO

Helsinque é logo ali: Os Jogos Olímpicos da Finlândia de 1952

No início da década de 1950, o grande interesse pelos esportes olímpicos levou a União Soviética a participar dos Jogos de Verão, tornando ainda mais exacerbado o caráter político e ideológico das competições esportivas globais.⁴⁷² De acordo com Proni, “A pressão pela vitória a qualquer preço foi aos poucos corroendo os nobres valores do esporte amador nos Jogos Olímpicos.”⁴⁷³ Já no início da década de 1950, o amadorismo esportivo estava em xeque por conta das bolsas de estudos oferecidos aos atletas nos países capitalista e no bloco socialista, o Estado financiava os mesmos, visando uma atuação eficaz para a propaganda política daquele sistema de poder.⁴⁷⁴

Desta forma, os meios de comunicação foram fundamentais para o alargamento do esporte profissional e da massificação de uma cultura esportiva.⁴⁷⁵ Todavia, os Jogos Olímpicos de Verão na década de 1950 foram cobertos pela imprensa brasileira com muita parcimônia e timidez se levarmos em conta a importância deste evento e a capacidade de mobilização da mídia em torno dos elementos definidores de uma identidade nacional, tão

⁴⁷¹ ARFUCH, Leonor. *Op. Cit.* P. 129.

⁴⁷² PRONI, Marcelo Weishaupt. A Reivenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. *In: Esporte e Sociedade*. Niterói, UFF, n.º 9, 2008.

⁴⁷³ *Ibidem.*

⁴⁷⁴ *Ibidem.*

⁴⁷⁵ McPHERSON, B. D.; CURTIS, J. E. & LOY, J. *The social significance of sport: an introduction to the sociology of sport*. USA: Human Kinetics Books. 1989. Capítulo 7.

explorados no mundo esportivo. Muito colaborou neste processo a distância dos países que sediaram o evento neste período, com a dificuldade de comunicação e de envio de jornalistas e cronistas que pudessem cobrir de perto o mesmo. As poucas informações que os leitores tinham sobre a Finlândia e a Austrália foram latentes quando muitos jornalistas passavam vários dias descrevendo a sociedade, a geografia, a culturas destes países, em detrimento do pouco espaço dedicado às modalidades esportivas ou ao desempenho dos atletas.

O *JS* não teve uma postura tão distinta da chamada grande imprensa, como poderemos observar nos exemplos que apresentaremos por aqui, com a diferença de que era um periódico especializado e tinha a pressão e a função de dar uma cobertura compatível com o título de sua empresa. Poucos cronistas se dedicaram a discutir os temas esportivos que as Olimpíadas geraram, pela dificuldade das informações que chegavam pelas agências de imprensa, ou pela falta de interesse, tendo em vista que o futebol, mesmo durante o evento olímpico, dominava as pautas e textos das matérias e das principais crônicas diárias. Entendemos que o futebol do campeonato carioca movimentava um apelo de pauta mais urgente e perene do que o “espírito olímpico” porque tratava-se de se manter fiel ao interesse clubístico dos leitores. Além do fato de que as esperanças de vitórias da delegação brasileira eram pequenas e não motivavam os cronistas a exaltá-las como faziam em momentos de Copa do Mundo da FIFA, por exemplo.

Um dos cronistas que fugiam desta escolha editorial era Geraldo Romualdo da Silva, mesmo porque era correspondente do *JS* e de *O Globo* desde a década de 1930 e apresentava seus textos com um cunho jornalístico de que lhe era peculiar, como observamos no exemplo abaixo:

O que mais importa é competir

Democracia, Comunismo e Racismo nas Olimpíadas

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso: assim ocorre, igualmente, no mundo novo dos atletas, que não mais se separam apenas pela cor da pele que Deus lhes deu; nem mais, somente, pela espécie de cruz que antes traziam no peito, na alma e no espírito, às vezes, mas já agora pelas duas intransponíveis fronteiras que Stalin estabeleceu da Rússia até a Alemanha, e os países amigos da liberdade mais humana, desde a América, grande, rica e jovem, aos confins da França, um pouco ao norte também pelos lados da Suécia, Dinamarca, assim, assim a Finlândia (já a Noruega nem tanto), e, ao sul, graças à Itália; mais acima, de fato, nas alturas da

Suíça, da Iugoslávia de Tito, da Austria e um bom pedaço da Alemanha, que poderia ser maior.

(...) Os moços negros norte-americanos, por exemplo, não se juntam muito com os seus irmãos de língua, de pátria e de constituição, mais loiros, senão loiros de todo, mais brancos por certo.

É o Harlem e a Quinta Avenida, em dias normais passeando pelas alamedas da Vila Olímpica de Helsinki. Tal qual como se verifica na venturosa República de Lincoln, onde a teoria expele o racismo, mas compreende e admite o racismo integralmente.

A prova mais do que provada desse separatismo, aqui o temos, em alta escala.

Em compensação, lá pelos lados da “Cortina de Ferro”, dentro de Otaniemi, que se formou exclusivamente para tirar todos os “vermelhos” do contágio com os que não são “vermelhos”, ideologicamente, os húngaros escapam ao rigorismo da vigilância em que vivem (um pouquinho), e simpaticamente, democraticamente, sorriem dão autógrafos e falam de suas coisas, de suas esperanças e de seus records, especialmente de seu football (pouco, é verdade), do qual se orgulham tão imensamente como nós nos orgulhamos imensamente do nosso. (...) ⁴⁷⁶

Geraldo Romualdo apresentava uma visão de Olimpíadas a partir de um quadro de guerra fria estabelecida desde os finais da II Guerra Mundial.⁴⁷⁷ Todavia, seu didatismo jornalístico, assim como a postura ideológica liberal que assumira, tinha mais o interesse em aplaudir as virtudes das sociedades da democracia ocidental do que estabelecer um quadro mais amplo e exploratório da curiosidade dos leitores do *JS*. Estabelecia relação entre o caráter fraterno dos Jogos, com a humanidade superando momentos da História onde a luta por territórios e a disputa política e econômica pelos povos estariam em segundo plano. Tudo seria perfeito, na visão do autor, com a exceção da política soviética de montar uma “cortina de ferro” no leste europeu.⁴⁷⁸ Os termos usados para a defesa da Europa Ocidental são bem interessantes: “países amigos da liberdade mais humana”, incluindo aí a admiração que o autor tem pelos Estados Unidos, a “grande”, “rica” e “jovem” nação. Geraldo chegava a informar que a Alemanha merecia um território maior, referindo-se claramente à Alemanha Ocidental em detrimento do lado Oriental.⁴⁷⁹ Desta forma, apresentava um quadro geopolítico de crítica ao socialismo soviético, deixando as modalidades esportivas em segundo plano.

⁴⁷⁶ SILVA, Geraldo Romualdo da. O que mais importa é competir. Democracia, Comunismo e Racismo nas Olimpíadas. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.020, 17 de julho de 1952. P. 5.

⁴⁷⁷ Para uma visão geral sobre o período, ver: HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Capítulo 8.

⁴⁷⁸ Expressão cunhada por Winston Churchill como forma de crítica ao regime stalinista.

⁴⁷⁹ Alemanha Oriental, formalmente conhecida como República Democrática Alemã, fora criada em Berlim Oriental no dia 7 de outubro de 1949.

Tal quadro se reflete inclusive na segregação política-ideológica entre os atletas de países socialistas dos demais no interior da vila olímpica de Otaniemi.⁴⁸⁰ A aproximação do jornalista com os atletas húngaros se deu por uma identificação com a prática do futebol, esporte em que os húngaros haviam se destacado nos últimos anos e na atualidade.⁴⁸¹

Outra observação que Geraldo Romualdo apresenta era a de segregação racial na vila olímpica já que ele informara que os atletas norte-americanos negros não se socializavam com os demais de sua mesma nação. Poderia ser um apontamento importante para análise social para além do esporte por parte do jornalista, se ele não iniciasse o mesmo informando que os atletas negros era que não se juntavam com seus “irmãos de pátria” e não exatamente vice-versa. O autor consegue perceber neste exemplo a presença do racismo naquele “grande” país, mas fazia uma distinção entre ricos e pobres, entre o “Harlem” e “Quinta Avenida”, resumindo em demasia a questão racial apenas aos limites de uma análise social frágil.⁴⁸²

Finalmente, apresentava aos seus leitores uma visão estereotipada sobre os atletas olímpicos em relação às escolhas de bebidas e alimentação, inclusive comparando com as dos brasileiros. O aspecto cultural fora apresentado como uma característica da diversidade dos povos ali representados e o aspecto religioso (do ponto de vista da cultura afro-brasileira, como no candomblé e na umbanda).⁴⁸³ O autor, como costumava fazer em suas viagens como correspondente, apresentava uma crônica com objetivos culturais sobre o entorno do esporte, com um caráter pedagógico acerca de sua leitura específica de mundo. Uma leitura calcada na interpretação da democracia liberal ou mesmo de uma democracia reformista de caráter nacional-desenvolvimentista pela qual o Brasil passara com o segundo Governo Vargas.⁴⁸⁴ Daí, a crítica aos atletas dos países socialistas que viviam em trajes sólidos e discretos, cientes de que estavam em um “regime condenado”, ao contrário dos demais que viviam “tranquilos”,

⁴⁸⁰ A vila olímpica fora criada no campus da Universidade de Tecnologia de Helsinque em Otaniemi, um distrito na fronteira da cidade. Os russos ficaram afastados dos demais atletas.

⁴⁸¹ Cabe lembrar que a Hungria seria vice-campeã mundial de futebol em 1954, na Suíça. E nesta edição dos Jogos Olímpicos conquistaria a medalha de ouro, ao derrotar a Iugoslávia por 2 a 0 na final do torneio.

⁴⁸² O bairro do Harlem, localizado em Manhattan na cidade de Nova Iorque, é caracterizado pela presença de afro-americanos mais pobres. Originalmente era um assentamento de holandeses que homenagearam a cidade de Haarlem. Já a Quinta Avenida, também localizada em Manhattan, é um dos endereços mais caros do mundo, com setores financeiros e comerciais famosos, além de propriedades residenciais de altíssimo valor.

⁴⁸³ A palavra “saravá” é uma interjeição utilizada para saudar e constituiu-se de acordo com a fala dos escravos presentes no Brasil de origem banta, ao pronunciar a palavra “salvar”. Fonte: Dicionário Houaiss.

⁴⁸⁴ LEOPOLDI, Maria Antonieta P. O difícil caminho do meio: Estado, burguesia e industrialização no segundo governo Vargas (1951-1954). In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Vargas e a Crise dos Anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

de “shorts”, numa relação com a natureza mais leve e fluida, pois voltariam confiantes para suas casas, para o regime da liberdade. Desta forma, o posicionamento ideológico de Geraldo Romualdo apresentava um primeiro grande conflito nos espaços olímpicos: a disputa entre a democracia liberal e o socialismo da chamada “cortina de ferro”. Em outra passagem, informava que os húngaros viviam “(...) ostentando enormes escudos em que se vêem à distancia um martelo tosco e uma touceira de trigo”.⁴⁸⁵ Sua análise, portanto, apresentava de forma jocosa, consciente ou não, o lema olímpico ao combinar um texto ideologicamente carregado, mas com um título digno do Barão de Coubertin.⁴⁸⁶ Se o importante era competir, o esporte nesta visão ficava em segundo plano diante dos projetos de sociedade que estavam em disputa.

Como tratamos, a ideia da cobertura dos Jogos Olímpicos esbarrava em alguns fatores que dificultavam um debate mais amplo como a distância, ausência de informações precisas, poucos correspondentes e, principalmente, a concorrência com as competições de futebol, como o campeonato carioca, a Copa Rio de 1952 e os amistosos interestaduais e internacionais. O futebol reinava inclusive em momentos olímpicos. E os cronistas acompanhavam esta linha editorial. Geraldo Romualdo, principalmente quando assumia a posição de enviado especial, adotara a postura de narrador-repórter.⁴⁸⁷ Com isso se adequara piamente à ideologia do veículo em que atuara assim com aos interesses de seus “consumidores”, ou seja, os leitores de *JS*.

Álvaro do Nascimento (o “Zé de São Januário”) apesar de também questionar o excesso de pautas em torno do futebol, era um observador deste esporte e crítico voraz das organizações e entidades esportivas. Talvez, por conta de apoiar o olimpismo, este cronista voltou-se para uma postura otimista em torno da atuação brasileira neste evento:

Terminaram os Jogos Olímpicos de Helsinki. O pequeno país escandinavo pode orgulhar-se pela sua extraordinária organização. Superou em número, em organização e em ordem tudo quanto o mundo esportivo fez até aos nossos dias.

⁴⁸⁵ SILVA, Geraldo Romualdo da. O que mais importa é competir. Democracia, Comunismo e Racismo nas Olimpíadas. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.020, 17 de julho de 1952. P. 5.

⁴⁸⁶ Pierre de Frédy (1863-1937), ou Barão de Coubertin, foi um pedagogo e historiador francês sendo um dos principais responsáveis pela criação das chamadas Olimpíadas Modernas.

⁴⁸⁷ SÁ, Jorge de. *Op. Cit.* P. 7-8.

As Olimpíadas de Londres, em 1948, perto das de Helsinki não passam de uma brincadeira de criança.

A Finlândia demonstrou a sua adiantada cultura e espírito de organização de seu povo.

Não fora a atitude pouco cortez de alguns elementos da equipe de basketball do Uruguai, nada haveria a lamentar numa reunião de sessenta e nove nações de todo os credos políticos, seitas religiosas e varias pigmentações.

Os uruguaios, com a mania da “celeste”, que representa para eles a bandeira da pátria, desvirtuam os fins olímpicos, que desconhecem nações e glorificam homens.

(...) Meus amigos, o espírito olímpico não admite paixões nacionalistas em competições desportivas. O derrotado de hoje é o vencedor de amanhã e vice-versa. Deus nos livre que assim não fosse. Seria muito triste assistir a derrota de uma nação dentro de uma praça de desportos.

O esporte é um veículo de conagraçamento de homens de todas as raças, onde a competição é tudo e a vitória quase nada.

A delegação brasileira que participou dos Jogos Olímpicos de Helsinki venceu e perdeu muitas porfias. Soube ganhar e soube perder. Isso demonstrou o elevado espírito olímpico da nossa representação.

Obtivemos os melhor resultados olímpicos até hoje conseguidos no maior certame mundial.

Se mais não fizemos é porque não foi possível. Mas o nosso dia chegará!...⁴⁸⁸

Além da valorização do que seria um “espírito olímpico” e da “real” ideia do esporte, que era permitir a superação do homem pelo esporte, percebemos algumas outras representações e ideais que perseguem a prática deste cronista ao longo de sua trajetória no *JS*: a provocação e a rivalidade com os nossos vizinhos, como no caso dos uruguaios (muito por conta do que ocorrera na Copa do Mundo de 1950) e a parabenização pela realização do evento aos finlandeses, demonstrando que o desenvolvimento do esporte passava necessariamente pelo mais alto nível de sua respectiva organização.

Todavia, o que mais nos chama a atenção é a tentativa de separar o valor do esporte olímpico que, de acordo com o autor, não se preocuparia com questões políticas, nacionais, raciais ou religiosas, sendo o indivíduo mais importante do que a nação ou o país que o representa. Mas, em contrapartida, há também um recado para os brasileiros, de que o nosso momento de brilhar nas Olimpíadas chegaria. Não nos parece uma contradição esta escolha narrativa do autor em maximizar o diletantismo esportivo e quase pedir desculpas à população

⁴⁸⁸ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.036, 5 de agosto de 1952. P. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

brasileira diante dos resultados de nossa delegação. A ideia de vitória nacional era diluída pela conquista individual dos atletas enquanto o Brasil, enquanto nação, não obtivesse grandes feitos e resultados expressivos, apesar do cronista apontar um crescimento de nossa *performance*. O eixo do debate, no entanto, não dialogava com a visão de caráter ideológico que Geraldo Romualdo da Silva apresentava em seus textos. No entanto, era um avanço na cobertura do cronismo, já que seus colegas de trabalho não tinham a mesma preocupação com o olimpismo.

Thomaz Mazzoni (“Olimpicus”), apesar do seu pseudônimo, dedicava suas crônicas quase que exclusivamente ao mundo do futebol, mesmo quando se propunha a lidar com a cobertura olímpica, como podemos observar logo abaixo:

Já não é mais possível...

O Torneio Olímpico de 1952 foi igual a todos os demais. Tinha os seus grandes favoritos e estes venceram sem qualquer surpresa. Antes de se iniciar o Torneio, estava-se sabendo que Hungria e Iugoslávia seriam os dois finalistas... se a Rússia não fosse confirmar tudo quanto dizia a seu próprio respeito, ou seja que era “invencível”...

Conversa.

O mistério do football russo não foi há mais tempo desventurado simplesmente porque nunca havia, de modo estranho, se exibido sua seleção oficial, mesmo contra um selecionado representativo de um país da “cortina de ferro”. Por que? Não se sabe. De modo que ficou de pé o mistério até as vésperas das Olimpíadas. Então se realizaram várias partidas, todas em campo russo, e pelos resultados quase todos obscuros para os vermelhos, ficamos sabendo que o football russo tinha que atender... muito tempo ou nunca para ser classificado entre os principais.⁴⁸⁹

Ao se propor a tratar da cobertura das Olimpíadas de Helsinque, Mazzoni escolhia o futebol para privilegiar suas análises esportivas. Além de mais uma vez demonstrar a despreocupação em dar um foco maior aos demais esportes, em contraposição à supervalorização da cobertura do futebol, podemos sintetizar esta crônica em três principais pontos de análise: a primeira é a de que o futebol da Rússia (na verdade, a representação correta era a União Soviética) era acanhado e aquém de muitas análises da imprensa. Assim como Geraldo Romualdo, Mazzoni aproveitava sua análise sobre o torneio olímpico de

⁴⁸⁹ OLIMPICUS. Já não é mais possível.... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.038, 7 de agosto de 1952. P. 5 e 8.

futebol para realizar uma crítica ao esporte desenvolvido pelos comunistas daquele país. De forma mais discreta, mas firme, apontava o favoritismo russo nas Olimpíadas como uma invenção daquela sociedade e que fora “comprada” por parte de uma imprensa que seria desinformada, na visão do autor. A condição construída de seleção “invencível” seria balizada por resultados “obscuros”, alcançados em seu próprio país. Desta forma, pinçava um país, por razões ideológicas, para destituí-lo de qualquer autoridade ou respeito no alto padrão de rendimento no futebol. Não comentara, por exemplo, que a União Soviética vencera a Bulgária pelo placar de 2 a 1 e que empatara com a Iugoslávia por 5 a 5 na fase preliminar da competição.⁴⁹⁰

A segunda questão que podemos apontar nesta crônica de Mazzoni é uma análise mais macro sobre o desenvolvimento do futebol ao redor do mundo e uma espécie de “teoria da evolução” deste esporte, quando analisara por meio de seus critérios pessoais, os três estágios em que se encontravam os países que praticavam o futebol. Haveria, de acordo com o autor, uma fase de maturação da prática futebolística e que a mesma já teria sido atingida pelos países, havendo uma barreira de superação daqueles que não conseguiram alcançar tal nível de força técnica e física:

(...) A verdade é que o “association” com os seus 90 anos de existencia, não pode eleger mais países de classe excelsa. Não à mais possível, jamais existirá outra revelação como o Uruguai em 1924. Os que tinham que constituir o círculo privilegiado já estão há muito eleitos...nos 5 continentes. Os que não elevaram até agora a sua classe não elevarão mais. Os três grupos: “privilegiado”, “médio” e “modesto” já estão devidamente limitados. Pode-se admitir que do último grupo se possa ir ao segundo, mas ao primeiro já não é mais possível. O football é um jogo que não se aprende com teorias... Os povos que não aprenderam a jogar até aqui com classe superior jamais o farão, embora seus “onze” nacionais possam acertar com períodos felizes. Mas, conta a escola, o padrão, a classe.

Na Europa, jamais será superada a classe da Inglaterra, Itália, Hungria, Áustria, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Espanha, Escócia, como nas Américas nunca mais poderá surgir quem possa superar a escola do Brasil, Argentina e Uruguai. O football russo tem que ser limitado à escola do futebol turco, búlgaro e polonês, em relação ao físico, e ao alemão, sueco, dinamarquês, em relação à classe.

Não creiam, igualmente, que os Estados Unidos um dia possam atingir a alta classe em football. Nunca. Se os norte-americanos não aprenderam até agora, não aprenderão mais. Não é para eles. Nem todas as teorias deste mundo poderão tornar crack um futebolista modesto ou medíocre.⁴⁹¹

⁴⁹⁰ A União Soviética jogaria uma partida de desempate com a Iugoslávia e perderia por 3 a 1.

⁴⁹¹ *Ibidem*.

A preocupação do autor era montar um modelo hierarquizante em relação à prática do futebol, posicionando o Brasil, por exemplo, como uma das potências do esporte apesar de não termos resultados significativos nos últimos anos. A teoria de Mazzoni não resultaria numa análise coerente, pois os resultados vindouros o contestariam de forma significativa: a Alemanha Ocidental, por exemplo, seria campeão mundial em 1954 e a União Soviética ganharia a medalha de ouro nas Olimpíadas de 1956, em Melbourne (Austrália). De qualquer forma, insere-se no rol de representações culturais acerca do esporte como as demais criadas e sustentadas pelo *JS*, assim como o modelo olímpico romântico criado por Álvaro do Nascimento. De sua “cena”⁴⁹², podemos enxergar um apoiador constante dos esportes amadores e que brigava contra a monopolização do futebol nas pautas do jornal.

Por fim, a última questão que apontamos neste texto revela a antipatia pelo fato dos Estados Unidos terem conquistado o maior número de medalhas em 1952, num total de 76 (sendo 40 de ouro, 19 de prata e 17 de bronze).⁴⁹³ O autor não deixa claro suas intencionalidades a este respeito, pois só se referia à incapacidade daquele país em jogar o futebol de forma minimamente eficiente. A única partida norte-americana tinha sido uma estrondosa derrota para a Itália por 8 a 0, que também não foi comentada. Por que, então, chamar a atenção para o desempenho desta seleção, que, de fato não era relevante por seus últimos resultados? A resposta era em alguma medida norteadada pelo fato de sermos, enquanto brasileiros, superiores em alguma coisa: o futebol. Sentimento nacional, escondido por uma visão mais ampla de uma pseudo hierarquia deste esporte, sem contar que para o autor existia uma ideia de que os estilos diferentes de se jogar o futebol já poderiam ser percebidos em cada nação específica.

Todavia, o tom de fracasso de nossa delegação olímpica trazia uma grande contradição entre o valor que os brasileiros e a própria imprensa (geral e esportiva) dava ao futebol em nossa cultura: teríamos condições de adquirir um “espírito olímpico”? E, por consequência disso, alcançaríamos um patamar de respeito entre as nações olímpicas e esportivas para além do futebol? Geraldo Romualdo informava que em sua opinião ainda não tínhamos o interesse necessário nos esportes olímpicos: “(...)Depois, vivemos encerrados num

⁴⁹² MAINGUENEAU, Dominique. *Op. Cit.*

⁴⁹³ Cabe lembrar que os Estados Unidos já monopolizavam o *ranking* de medalhas desde o início da era moderna, apenas não atingindo a primeira colocação em 1900 (Paris), 1908 (Londres) e 1936 (Alemanha), por conta das vitórias dos países sede, mas ainda assim ficando na segunda posição.

perigoso quarto escuro, do qual, como única salvação é ficar de braços cruzados, sem um sinal de reação, conformados com o que já temos e achando que o que andar por fora não passa de “vigarice”...”⁴⁹⁴ Nossa cegueira olímpica teria as causas na supervalorização do futebol, uma forma de “autosuficiência esportiva”, não sobrando tempo, recursos e interesses para outras modalidades. Em resumo, para Geraldo Romualdo, “(...) Atleticamente, que éramos nós, nesse meio tempo de tentativas infrutíferas, de aprendizagens desorientadas, senão um país que apenas possuía, como ainda possui, uma fabulosa escola de football?”⁴⁹⁵

Outro ponto significativo seria a ausência de apoio suficiente dos órgãos e entidades esportivas brasileiras com vistas a um bom rendimento em eventos como esse.⁴⁹⁶ Aqui esta posição refletia uma característica forte do jornal: o denunciamento que era, muitas vezes, uma postura do *JS* em realizar críticas aos órgãos, associações e entidades esportivas com intuito de interferir e promover o desenvolvimento do campo.⁴⁹⁷ De acordo com o colunista Adolpho Shermann, que fazia parte da FIBA (Federação Internacional de Basquetebol), deveríamos refletir sobre o olimpismo e valorizá-lo com medidas imediatas:

Auxilie-se os desportos amadores

(...) Auxiliem definitivamente e com tempo os desportos e fiquem certos que os nossos atletas honrarão o glorioso pavilhão auri-verde.

Não há razão para ficarmos abaixo da Jamaica, Turquia, Irã, Suíça, Tchecoslováquia, Austrália, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Noruega e África do Sul.

A posição do Brasil deve ser dentre as dez primeiras nações do universo mas para isso temos que tomar novos rumos, dar a educação física e aos desportos o mesmo lugar de destaque que lhe dão os povos mais adiantados do mundo. É preciso que se afaste o conceito atrasado de que quem pratica esporte é vagabundo! Justamente um país como o nosso, que se está impondo no conceito mundial em todos os seus

⁴⁹⁴ SILVA, Geraldo Romualdo da. A lição dos XV Jogos Olímpicos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.034, 2 de agosto de 1952. P. 5.

⁴⁹⁵ *Ibidem*. P. 5. Em outra passagem do texto, o autor aponta que: “(...) Infelizmente, somos de uma mentalidade que luta desesperadamente por compreender o alto alcance de uma competição assim. Queremos tê-la conosco, como festa para o mundo, e ainda não a entendemos bem...”.

⁴⁹⁶ Alguns colunistas mais pontuais, responsáveis pelos esportes amadores no dia a dia do jornal, fariam a crítica nesta mesma linha. Todavia, percebemos que mesmo durante os Jogos os seus espaços ao longo das páginas e a periodicidade semanal permaneciam os mesmos.

⁴⁹⁷ Como exemplo destas posições, assim como de colunistas de esportes amadores citados na nota acima, podemos apontar a crônica de CACHIMBÃO. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.013, 9 de julho de 1952. P. 7. O colunista de natação reflete sobre a decisão do Conselho Técnico de Natação em contratar um técnico norte-americano para aprimorar o desenvolvimento deste esporte no Brasil.

setores, deve dar uma maior e mais constante assistência à cultura do corpo para que possamos, com o tempo, ter uma raça forte e definida.

Faço votos que os nossos governantes e legisladores dêem maior atenção a este importante problema e assim tenhamos nos XVI Jogos Olímpicos de Melbourne em 1956 a projeção que o nosso querido Brasil merece.⁴⁹⁸

O discurso nacionalista e eugênico de Shermann, cronista com pouca participação no dia a dia das crônicas do *JS*, denotava uma preocupação com o futuro do esporte nacional, assim como era a de vários outros cronistas do jornal. Desta forma, apesar de vários cronistas citarem os feitos de Adhemar Ferreira da Silva (medalha de ouro no salto triplo), José Telles da Conceição (medalha de bronze no salto em altura) e de Tetsuo Okamoto (medalha de bronze na natação, com a prova de 1.500 m, nado livre), em geral, a cobertura das Olimpíadas pelo *JS* seria ofuscada pela preocupação com o futebol no gosto cotidiano dos leitores; e mesmo aqueles que se dedicariam à cobertura do evento, as visões distintas variavam entre a valorização do espírito olímpico, em contradição com os ideais da nacionalidade, subestimadas por nossos resultados no presente. Tudo isso integrando uma visão ideológica de mundo, seja no ataque ao socialismo soviético, seja numa visão ingênua de que o esporte poderia unir as nações e os povos.

Em 1956 na cobertura dos Jogos Olímpicos de Melbourne, alguns traços desta linha editorial permaneceriam como poderemos atentar nos exemplos a seguir.

Futebol X Esportes Amadores: uma Olimpíada a parte na cobertura dos Jogos de Melbourne em 1956

Nos Jogos Olímpicos de Melbourne, a cobertura do *JS* ficara restrita às matérias de Geraldo Romualdo da Silva, histórico correspondente do jornal, assim como ocorrera em eventos anteriores, como os Jogos de 1952. Poucos cronistas se deram ao trabalho de abrir espaços em suas colunas para tratar com mais veemência sobre as histórias relativas às Olimpíadas, da Austrália, das modalidades ou dos atletas, brasileiros e internacionais. A exceção neste processo fora, mais uma vez, Álvaro do Nascimento, em sua coluna “Uma

⁴⁹⁸ SHERMANN, Adolpho. Auxilie-se os desportos amadores. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.035, 3 de agosto de 1952. P. 8. O convite para que Shermann escrevesse para o *JS* revelava uma tentativa do jornal em contribuir para o debate olímpico, tendo em vista que muitos dos seus principais cronistas ignoraram o tema.

pedrinha na Shooteira”. Assinando como “Zé de São Januário”, Nascimento trazia questões e visões ácidas e cáusticas sobre o esporte de forma geral e, nestes Jogos específicos, mirava suas críticas para algumas discussões já ensaiadas em momentos anteriores. A primeira destas questões pode ser resumida em sua defesa em torno da valorização dos demais esportes (amadores e olímpicos) diante do exagero da exaltação do futebol. Neste caso, comprara uma disputa em torno deste debate com Geraldo Romualdo da Silva, que era um dos grandes defensores do futebol, apesar de ser correspondente de vários eventos esportivos desde a década de 1930.

Sobre esta discussão, trazemos as crônicas (ou trechos das mesmas) de ambos os autores que trataram deste assunto para a nossa análise:

(...) As coisas, nas Olimpíadas, não estão boas para o nosso lado. Apenas o basketball está dentro de suas possibilidades, tendo obtido um brilhante triunfo sobre o Chile.

Manda a verdade que se diga: O basketball é um dos poucos desportos que, quando sai do Brasil, não conta vantagens. E faz sempre bonito.

O football, ao contrário do basketball, quando sai do país, é para dar lições, embarca com cetro e corôa e, quando volta, de leão só traz a pele...⁴⁹⁹

Nascimento faz uma provocação em torno da falta de grandes resultados internacionais do futebol brasileiro no exterior, como as Olimpíadas de 1952 e a Copa do Mundo de 1954, comparando com um leão que perdia a coroa e o cetro quando retornava ao país. Já o basquetebol, de acordo com o cronista, representava melhor o país, pois sobre ele não cabiam decepções, tendo em vista que fizera bons resultados nos Jogos, como o 6º lugar em Helsinque.⁵⁰⁰ Lembramos, ainda, que o Brasil assim como os demais países da América do Sul optou por não enviar sua respectiva equipe de futebol diante do alto custo da viagem até a Austrália.⁵⁰¹

⁴⁹⁹ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.358, 24 de novembro de 1956. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

⁵⁰⁰ Posição que seria mantida em Melbourne, poucos dias depois da publicação desta crônica. Neste texto o autor referia-se à vitória de 78 a 59 sobre o Chile, na estreia da fase preliminar.

⁵⁰¹ No Torneio Olímpico de futebol, apenas 11 seleções disputaram as medalhas.

Por outro lado, Geraldo Romualdo, mesmo com uma perspectiva de fracasso do futebol olímpico devido às condições da viagem, opinava em torno deste debate, esquentando a provocação de Nascimento:

(...) Football e atletismo são, como de fontes de hábito, as duas principais fontes de atração dos Jogos. Na realidade, vai mais gente ver os dois do que a todos os outros juntos. Daí a lógica subentendida e a razoável explicação para que os “puritanos do esporte” sempre procurem “fechar os olhos” aos cracks de football, embora fartos de saber que se trate de profissionais declarados.

Êste ano, como já ninguém mais ignora o torneio não contará com a presença dos húngaros, brilhantes campeões de 1952. Desistindo, à ultima hora, de defender o título, cederam seu favoritismo aos russos. Os soviéticos estão em boa forma e não terão, com certeza, dificuldades em levantar o troféu.⁵⁰²

De uma forma crítica, apontava o fato de que muitos atletas do futebol não eram amadores, como estabelecia as normas do COI. Todavia, muitas seleções do Leste Europeu eram formadas por atletas não profissionais, porém, eram “amadores de fachada”. Os chamados “puritanos do esporte” seriam aqueles que defendiam estas regras, desleais com as seleções do ocidente. Ainda assim, o cronista exaltava a prática do futebol colocando-a como em pé de igualdade com o atletismo como chave de interesses gerais do público assistente dos Jogos.

Nascimento, no entanto, aproveitaria os Jogos de Melbourne para continuar sua cruzada a favor dos esportes amadores, como nos aponta seu texto publicado em 6 de novembro de 1956:

(...) Conhecemos centenas de cronistas e locutores que entraram para os jornais e estações irradiadoras como noticiaristas de remo, natação, atletismo, tennis de mesa, volleyball, basketball e outros desportos. Ao fim de três meses, esses cronistas e locutores especializados passaram para o football. De todos os cronistas e locutores que conhecemos, apenas um saiu do football para o basketball. É o cronista Melo Júnior, antigo player do Confiança.

⁵⁰² SILVA, Geraldo Romualdo da. Cítius – Altius – Fortius. Poucos Países Estão Em Condições De Gastar O Que A Austrália Vai Perder Com As Olimpíadas. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.356, 22 de novembro de 1956. P. 5.

Não é de estranhar, portanto, que os nossos jornais e estações irradiadoras só tratem de football. As seções desportivas dos nossos jornais fazem lembrar aquela canção do Ivon Curi:

“Pra fazer economia,

“Fui morar numa pensão,

“Onde a bóia todo dia,

“Era só feijão, feijão...

“Domingos e feriados,

“Variava a refeição,

“Vinham ovos estrelados,

“Carne sêca e feijão...

“Feijão, feijão, feijão e mais feijão!...”

Aos dias de semana, o torcedor toma uma indigestão de football. Nos dias feriados, toma football e mais football. Aos domingos, football ao café, football ao almoço, football ao jantar!...

Quando o cidadão vai dormir, é embalado pelo football noturno. Só dá football!...

Football na primeira página, na segunda, na terceira, em suma, em tôdas as páginas. Há jornais que, para ampliarem o noticiário do football já usam babadinhos nas páginas...

O prato é sempre o mesmo. Feijão, feijão e mais feijão!...⁵⁰³

Neste exemplo de crítica mordaz em relação ao tratamento que o futebol tinha nas páginas do *JS*, Nascimento de forma sarcástica comparara a cobertura da imprensa esportiva como sendo praticamente formada por profissionais interessados exclusivamente pelo futebol, o que impediria o avanço e o desenvolvimento dos demais esportes. O entendimento aqui era de que havia uma contradição de que se os cronistas mudavam seus comentários de outros esportes para o futebol, com o objetivo de atender ao público leitor, este estaria fatigado de tantas informações monopolizadas por esta única modalidade. Ou seja, como o leitor ou o público em geral poderia demonstrar interesse em outros esportes se a imprensa não tinha condições ou interesse no processo de interferência dos gostos daqueles? A associação com a música de Ivon Curi era um artifício narrativo de aproximação com o leitor, popularizando

⁵⁰³ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.368, 6 de novembro de 1956. P. 6. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

ainda mais a sua atuação como cronista do *JS*.⁵⁰⁴ Além disso, estabelecia relações do universo cultural que estava presente nas páginas do jornal, como o espaço dedicado ao cinema, ao teatro e aos demais espetáculos, enfim, uma conjugação com o universo do entretenimento no Rio de Janeiro.

Nesta crônica “antifutebol” identificamos um estilo bem característico deste gênero híbrido e do próprio cronista: o sarcasmo, o humor, a criatividade e as conexões com o universo cultural do qual a imprensa estava inserida. O que se sugere que podemos pensar em mais uma representação criada neste periódico e que escapa aos grandes modelos de preocupação em relação aos estudos sobre futebol e esporte pelos historiadores e pesquisadores do tema.⁵⁰⁵ Pensar o futebol também deve ser pensar o discurso em favor das demais práticas tendo em vista esta tensão originada no jornal que mais dava atenção ao tema na cidade do Rio de Janeiro.

A crítica de “Zé de São Januário” também era dirigida aos cronistas que colaboraram com este processo ao principiar para a cobertura e atenção quase exclusiva ao futebol, deixando os demais esportes órfãos da criação literária e jornalística.⁵⁰⁶ Via nesta prática, problemas de diminuição do campo esportivo, ou mesmo de impedimento tendo vista que o futebol recebia todas as atenções diárias. Desta forma, dentro de suas intencionalidades denunciadoras, se apoiava na ideia de enunciador com autoridade e, de acordo, com Sá, assumia uma das funções primordiais do cronista, tornando-se “(...) antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para depreender, (...), descortinando para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo.”⁵⁰⁷

⁵⁰⁴ Ivon Curi (1928-1995) foi cantor, compositor e ator. Na década de 1950, tornou-se conhecido por suas aparições como cantor e ator nos filmes de chanchada da Atlântida.

⁵⁰⁵ De acordo com RIBEIRO, Luiz Carlos. *Op. Cit.* P. 32-33.

⁵⁰⁶ Outro cronista que privilegiava a cobertura sobre o futebol, dentro dos próprios Jogos Olímpicos de 1956, era “Olimpicus” (Thomaz Mazzoni). Apesar do Brasil não disputar este esporte em 1956, este cronista, então, resolvia escrever sobre as memórias da participação brasileira (ou no caso, da não participação) em 1920. De acordo com Mazzoni, “(...) Volvendo nosso pensamento para o passado lamentamos sempre não ter o Brasil participado do Torneio Olímpico de 1920. (...) Faltou verba. A CBD teve que reduzir pela metade a delegação e se iludiu muito com o polo-aquático e o remo, achando que neste esporte o Brasil poderia ser melhor representado, e o football acabou ficando. Os treinos, em São Paulo e no Rio ficaram sem efeito, a convocação anulada. Deveria ter sido ao contrário sacrificar a parte aquática e assim o football poderia ir. Era aquele o apogeu da velha geração, pois ainda estávamos sob aquela grande impressão que fôra a conquista do Sul-Americano de 19. Foi destino. Quem sabe o Brasil em 1920, teria sido o Campeão Olímpico de Football. Que glória teria sido aquela, a mesma que os uruguaiois tiveram e, anos depois em Paris.”

⁵⁰⁷ SÁ, Jorge de. P. 9-10.

Como suporte a esta forma de campanha do cronista, resolveu publicar uma carta de leitor, incomum para a sua coluna, mas que o apoiava neste momento olímpico:

De Jandir Assis, residente à rua Mario Ribeiro na Gávea, recebemos a carta abaixo:

“Eu, praticante de atletismo e admirador de todos os esportes amadores praticados no mundo, fiquei bastante satisfeito com o seu artigo de hoje, que fala sobre o excesso de football que contem nas páginas dos nossos jornais. De fato, o senhor tem toda a razão. Os cronistas esportivos se esquecem que existem em nosso país, milhares e milhares de leitores que se interessam por esportes amadoristas, entre os quais eu me situo.

Agora, quando um atleta como Ademar Ferreira da Silva consegue o máximo que um atleta pode aspirar em sua vida, aí então, os cronistas “do football” abrem manchetes em letras garrafais narrando o feito, e depois, caem novamente no círculo vicioso do football quando seria mais conveniente que eles continuassem a escrever sobre esportes amadoristas, tornando-os portanto, mais conhecidos de nossa Pátria, e, conseqüentemente, conquistando novos praticantes para continuarem os feitos de tão grande atleta.

Senhor “Zé de São Januário”: apresento-lhe meus votos de congratulações pela campanha encetada pelo senhor para a maior difusão dos esportes amadores que apesar das incompreensões e falta de estímulo da imprensa especializada, muito fez e ainda espera fazer pela eugenia de nossa raça e para o engrandecimento do Brasil esportivo no mundo.”

Sem mais, despeço-me atenciosamente

(as.) Jandyr Assis.⁵⁰⁸

O leitor em questão apoiava integralmente a campanha de Zé de São Januário, exaltando, como podemos observar, os valores dos esportes amadores, inclusive eugênicos. O tom da carta enaltecia o feito de Adhemar Ferreira da Silva, único medalhista (ouro) do Brasil nos Jogos de 1956 e pedia para que este atleta não fosse esquecido em poucos dias por conta das manchetes dedicadas ao futebol, como de costume. Apesar do termo “eugenia” apresentar-se como uma forma de aprimoramento da raça, não detectamos aqui uma discussão em torno do racismo, tendo em vista que o debate avançara, no panorama nacional para uma discussão voltada para o mito da “nação sem preconceitos”.⁵⁰⁹ O diálogo (inter)subjetivo entre cronista e leitor apresentava uma forma de aproximação clara em torno de uma campanha tácita que marcou significativamente a cobertura do *JS* nos Jogos da Austrália.

⁵⁰⁸ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.370, 8 de dezembro de 1956. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

⁵⁰⁹ AGUILAR FILHO, Sidney. Racismo à brasileira. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/racismo-a-brasileira>>. Acesso em: 25/07/2016.

Outros elementos poderiam ser apontados como a relevância da conquista do atleta Adhemar por alguns cronistas, mas isto ocorreria com dois grandes objetivos para além do reconhecimento do seu valor como esportista: para maximizar a importância dos esportes amadores, como podemos perceber nos exemplos acima; ou, ainda, como forma de realizar uma crítica feroz diante das nossas (in)capacidades de organização do campo esportivo brasileiro.⁵¹⁰ Daí, percebemos ao longo da análise das crônicas do *JS* nesta década de 1950, e em segundo plano para a cobertura dos Jogos de 1956, o caráter denunciante que o caracterizaria como veículo de comunicação de massa voltado para o esporte. Críticas e denúncias voltadas, inclusive, para a própria imprensa, como é o caso de “Zé de São Januário”, personagem de Álvaro do Nascimento, que se “travestia” nesta alteridade para desafiar os campos consolidados da pseudo organização administrativa do esporte brasileiro e carioca. Sobre a cobertura da imprensa neste evento, atacava sem muita parcimônia os exageros em torno da desordem e da falta de autoridade dos órgãos disciplinadores esportivos: “(...) Isto vem demonstrar claramente, que a C.B.D. não levava cronistas mas, sim turistas em suas delegações. Como não levava locutores mas, sim agências de recados para os familiares das delegações numa contravenção e concorrência ao serviço de correios e telégrafos, cujas penalidades são previstas em lei. (...)”.⁵¹¹ O recado também era dirigido ao colega Geraldo Romualdo da Silva, que era correspondente mas prestava serviços para a CBD, apesar de ter suas despesas pagas pelo *JS*.

Mesmo o tema da guerra fria, tão amplamente vislumbrado por Geraldo Romualdo nos Jogos de 1952, era agora, em Melbourne minimizado pela cobertura e embate de uma

⁵¹⁰ Para citar exemplo de textos construídos com esta característica, ou seja, de exaltar o feito de Adhemar Ferreira da Silva e de denunciar a desorganização e os maus resultados obtidos pela delegação brasileira, ver: NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.363, 30 de novembro de 1956. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira. Nesta crônica o autor valoriza a vitória do atleta, oriundo do Vasco da Gama, clube que sofria no momento punições políticas da Federação de Atletismo. Ver ainda: SCASSA, José Maria. (...) Clima, etc... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.369, 7 de dezembro de 1956. P. 6. Coluna Sua Excia, o Esporte. Aqui, o cronista que tinha uma coluna pouco regular no *JS* também exaltava Adhemar, mas atacava frontalmente a troca de treinadores da seleção de basquetebol: “(...) A preocupação eterna de afastar da seleção o maior técnico brasileiro por questões pessoais e proporcionar sempre ao itinerante Carlos Chagas os melhores passeios a fim de que possa mais tarde escrever as suas viagens maravilhosas longe do controle, da autoridade e da competência de Togo Renan Soares.” Scassa, flamenguista declarado, participaria de programa de televisão entre 1963 e 1971 (TV Rio até 1966 e TV Globo daí em diante), uma mesa redonda esportiva chamada de “Grande Revista Esportiva” e, posteriormente, “Grande Resenha Facit”, ao lado de Armando Nogueira, João Saldanha, Nelson Rodrigues, Hans Henningsen, Luiz Mendes, Vitorino Vieira e Ademir de Menezes. Fonte: GRANDE RESENHA FACIT. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/grande-resenha-facit/formato.htm>>. Acesso em: 16/06/2016.

⁵¹¹ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.361, 28 de novembro de 1956. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

necessidade de continuar a explorar o mundo do futebol, mas absorvendo as críticas, inclusive internas, lado a lado, da pouca dedicação que os esportes amadores tinham no Brasil e que, portanto, não tínhamos os resultados que o povo de nosso país tanto aguardava. Enquanto nos Jogos de Helsinque, o ataque ideológico de Geraldo ao socialismo soviético era frontal; em Melbourne, apesar dos eventos ocorridos no Leste Europeu, seus textos eram mais objetivos e, por vezes, enaltecia a capacidade de investimento nos esportes daquele país: “(...)Depois, então, pondo à prova e em prática todo o interêsse manifestado, no sentido de selecionar um conjunto superior ao de 52, o Kremlin fez constar do seu orçamento, verbas excepcionais destinadas à saúde pública e à cultura física; não é nada, não é nada mais de 29 bilhões de rublos, isto é, aproximadamente 150 bilhões de cruzeiros!”⁵¹² A manifestação de admiração ou mesmo constatação dos gastos do comunismo soviético para a prática da educação física e desenvolvimento do esporte de alto rendimento era discretamente um contraponto com as nossas dificuldades financeiras de, inclusive, levar um selecionado para a prática do futebol em 1956.

Desta forma, o heroísmo de Adhemar, então, serviu de exemplo de uma campanha particular e denunciante de alguns cronistas como Álvaro do Nascimento e outros cronistas menos regulares em defesa dos esportes amadores.⁵¹³ E serviu também para demonstrar, em mais uma oportunidade para nós, do grau de autonomia que os cronistas tinham em relação à sua linha editorial e principalmente da capacidade de discordância e de provocação entre os colegas que atuavam neste jornal. Todavia, esta forma de ampliar as críticas internas e externas sobre o esporte brasileiro era uma estratégia de continuidade da popularidade que as crônicas alcançaram nesta década.

⁵¹² SILVA, Geraldo Romualdo da. A Batalha dos Records; A Rússia gastou 150 bilhões para ganhar as Olimpíadas. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.362, 29 de novembro de 1956. P. 5. Sobre os acontecimentos ocorridos no Leste Europeu, nos referimos aqui à invasão soviética na Hungria em 4 de novembro de 1956, por conta da Revolução Húngara, que objetivava contestar a presença dos soviéticos naquele país.

⁵¹³ CACHIMBÃO. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.369, 7 de dezembro de 1956. Coluna Crawlando. P. 7. De acordo com este colunista que escrevia sobre natação e esportes aquáticos, “(...) Interessante que os nossos atletas saíram daqui para tentar lugares de finalistas. Não conseguiram nem esta situação que se, já era difícil quando dos prognósticos, tornou-se de situação precária ante o vulto das performances dos demais. A nossa organização precária pela falta de recursos, ainda vai esbarrar com uma crise de nadadores interessados na verdadeira natação. E o trabalho terá de continuar a ser feito, embora pareça que durante muito tempo estaremos dando murros em faca de ponta e isto é triste, porque só os escritores e os poetas podem pensar que “a glória está no esforço e não no sucesso”. Nós do esporte só queremos e nos conformamos com o sucesso.”

Para continuarmos a tratar de mais um ponto relevante dos temas que interessavam aos cronistas estudados durante este período, apesar de já o termos mencionando ao longo destes três itens, vamos dar exemplos do caráter denunciante do *JS* e tentar compreendê-lo em uma lógica colada aos demais assuntos explorados no mesmo.

4.4 DE DENÚNCIA EM DENÚNCIA: REGULANDO O CAMPO?

Se a defesa de uma representação em torno da união do torcedor carioca não era consenso entre os cronistas do jornal, assim como as opções e estilos narrativos destes autores, sendo em alguns casos mais formais e eruditos em contraposição ao discurso mais popular e debochado em outros, podemos apontar alguns valores presentes neste periódico muito comum em vários deles: o caráter denunciante e vigilante das práticas desportivas como podemos verificar em alguns poucos exemplos a seguir:

Só pode merecer elogios o Prefeito João Carlos Vital se levar à frente a construção da raia Olímpica e a doação dos terrenos aos tradicionais clubes de Santa Luzia – Natação, Internacional, Boqueirão do Passeio e Vasco da Gama.

O remo, esporte imprescindível à mocidade brasileira, que terá de formar a reserva naval de um país que tem uma costa imensa a defender, não tem merecido grandes atenções dos poderes públicos.

Os nossos homens públicos confundem arte com esporte. O football profissional, cujos artistas são os melhor remunerados do mundo, ainda merecem, entre nós, o título de desportistas e como tais são tratados. Os esportes amadoristas, aqueles que não produzem rendas e são praticados por diletantismo, estão abandonados. O remo, por exemplo, tão necessário à formação de uma reserva naval, está na última lona, às vésperas da falência.

O Boqueirão do Passeio, Natação, Internacional e Vasco da Gama, quatro grandes expressões do remo nacional, estão quase impossibilitados de praticar o esporte que define a sua existência.⁵¹⁴

Como dissemos anteriormente, apesar de considerarmos uma característica comum nos cronistas do *JS*, podemos afirmar que um dos autores que mais faziam uso deste tema era

⁵¹⁴ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.035, 3 de agosto de 1952. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”). Um dos fatores que justificam isso era a possibilidade de uso de um pseudônimo para as suas colunas mais significativas, com textos mais líricos e criativos, o que colaborava com uma identidade quase anônima diante dos leitores. Portanto, o deboche e acidez poderiam ser melhor destilados por este cronista que não obstante também militava pela organização/disciplinarização do esporte.

Neste texto, o autor fazia um apelo ao prefeito do Rio de Janeiro, João Carlos Vital, para que o mesmo pudesse garantir novas instalações para as práticas dos clubes de remo, cuja atividade estaria em um patamar inferior em relação ao futebol, por exemplo.⁵¹⁵ Inclusive, o remo, de acordo com o cronista seria o responsável pela formação de nossa força naval, uma necessidade para um país com litoral continental como o nosso. Mas, o que chama bastante a nossa atenção é a antítese criada por Nascimento acerca dos valores esportivos diante de duas modalidades distintas e que marcaram, inclusive, a identidade esportiva do carioca: o remo e o futebol. A atenção total dada ao futebol destoaria da real proporção que este esporte mereceria:

Criaram-se ídolos de barro no football profissional. Há mais crentes no football que nos terreiros de macumba. E a crença é tão grande, que se confunde football com os sentimentos mais puros do patriotismo.

Remo, atletismo, tennis, natação e todos os esportes amadoristas, praticados com fins eugênicos e não com intuito de lucros, andam por aí ao Deus dará sem provocarem as explosões do sentimento patriótico.

Os “patriotas” do esporte são os jogadores de football profissional, os seus técnicos, médicos, massagistas e até diretores especializados...

As “tournées” artísticas do nosso football profissional são mais aclamadas do que Radamés após o seu triunfo sobre os etíopes.

⁵¹⁵ O prefeito João Carlos Vital (1900-1984) era engenheiro civil de formação e foi indicado pelo então presidente Getúlio Vargas para a Prefeitura do Rio de Janeiro. De acordo com os arquivos do CPDOC, “(...) Em abril de 1951 foi nomeado (...) prefeito do Distrito Federal, em substituição ao general Ângelo Mendes de Moraes (1947-1951). À frente da prefeitura elaborou o Primeiro Plano de Obras, iniciando em sua administração a construção da primeira adutora do rio Guandu, que visava reforçar o abastecimento de água da cidade, e a elaboração do anteprojeto do Metropolitano do Rio de Janeiro. Nesse período foram duplicados vários trechos da avenida Brasil, foram construídas as estradas Grajaú-Jacarepaguá, Itararé-Itaóca e Areia Branca, e outras estradas cariocas foram pavimentadas. Foi feito ainda o estudo preliminar para o estabelecimento do Código de Fundações e Escavações do Distrito Federal, aprovado em maio de 1955 pelo prefeito Alim Pedro (1954-1955), e apresentado ao Legislativo um projeto de lei tributária que desencadeou intensa polêmica na imprensa e incompatibilizou o prefeito com a Câmara, resultando, em dezembro de 1952, na sua demissão da prefeitura. Foi substituído pelo general Dulcídio do Espírito Santo Cardoso (1952-1954). Ver em: VITAL, João Carlos. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vital-joao-carlos>>. Acesso em: 07/06/2016.

O football profissional, fez crentes e fanáticos que às vezes se degladiam como se estivessem nas lutas das Santas Cruzadas.

Há centenas de clubes pelo Brasil afora que praticam, apenas, o football profissional e se inculcam batalhadores em prol da eugenia da raça!

Uma coisa maravilhosa!...

Se o Prefeito João Carlos Vital construir a raia Olímpica e ceder os terrenos aos clubes náuticos de Santa Luzia, terá prestado um grande serviço ao esporte da Metrópole.

Até agora, o que se tem feito, apenas beneficiou os artistas do football profissional.

Se o Prefeito João Carlos Vital, levar à frente os seus propósitos, poderemos dizer:

O remo já tem espaço Vital...⁵¹⁶

A idolatria em torno dos atletas de futebol seria compreendida como negativa tendo em vista que estes personagens eram, no limite, forjados por “barro” e que a crença era cega a ponto de confundir os sentimentos pela seleção brasileira como ato patriótico.⁵¹⁷ Um ponto importante de inflexão em relação ao espírito discursivo presente ao longo da história do jornal, inclusive na década de 1950, contrariando, inclusive (e mais uma vez) a linha editorial do mesmo. Na defesa dos esportes amadores como o remo, a natação e o atletismo e até mesmo o elitista tênis, Nascimento explicitava que o caráter eugênico destes esportes não deveria estar descolado da cultura e educação da saúde dos brasileiros pelas quais o país deveria investir. Esta posição em plena década de 1950 denotava ainda a ideia de um eugenismo moderno, que interpretava a melhoria da “raça” brasileira por meio das práticas esportivas, dentre outras ações saudáveis. O discurso do patriotismo (ou do verdadeiro e “legítimo” patriotismo) passaria necessariamente pela valorização dos esportes capazes deste feito.

Outro ponto bem importante na pauta das discussões em torno das crônicas esportivas do período era o processo de desenvolvimento dos esportes por meio da valorização dos clubes, instituições estas que não necessariamente eram os chamados “grandes clubes” do futebol carioca. Ou seja, mais uma vez confirmamos nossa tese de que as crônicas deste jornal apontavam temas conjuntos, que dialogavam entre si e que não necessariamente eram hierarquizados dentro do texto. No exemplo acima, temos o debate de

⁵¹⁶ *Ibidem.*

⁵¹⁷ Note-se o uso da palavra “macumba” em mais esta crônica do *JS*, tendo em vista que a proposta era uma aproximação com o universo popular dos leitores.

caráter denunciante sobre as melhorias das instalações para a prática do remo, ao mesmo tempo em que defendia as organizações nucleares da prática de esporte, no caso os clubes de remo, como o Boqueirão do Passeio, Vasco da Gama, Internacional e Natação. Desta forma, percebemos que apesar de escolhermos alguns temas para aprofundar a nossa pesquisa como a cobertura de eventos como a Copa do Mundo e a Copa Rio ou a prática do denunciante, como neste item, é importante salientar que o tratamento dado pelos cronistas tendiam a abordar dois ou três debates em um único texto, procurando resumir ao máximo as discussões escolhidas pelos mesmos. Em resumo, logo acima temos a união entre o denunciante e o clubismo, presentes em vários momentos na linha editorial do jornal no período estudado.

A denúncia em torno do aprimoramento das instalações do remo, passava ainda pelo argumento de que havia muita atenção, recursos, idolatria e importância direcionada ao futebol, sobrando pouco para os demais esportes. A ironia e o sarcasmo presentes no texto do cronista refutava a ideia de identificar os profissionais do futebol como os verdadeiros “patriotas” do Brasil, assim como reclamava da visibilidade dada pela imprensa sobre as excursões dos times brasileiros e a violência empreendida pelas discussões verbais e brigas entre os torcedores e aficionados por um determinado clube. O uso de nomes e expressões como “Radamés” ou as “Santas Cruzadas” também denotava uma necessidade de apresentar um discurso sarcástico e popular com doses de erudição, tendo em vista que se supunha que os leitores do jornal atravessavam classes sociais distintas.⁵¹⁸ Nascimento desabafava com a ironia que lhe era peculiar: “(...) Uma coisa maravilhosa!...”, resumindo sua crítica ao excesso de atenção dado a um esporte que trazia poucos benefícios para a sociedade em relação a outros como o remo. Portanto, os recursos financeiros do município poderiam ser melhor utilizados e investidos como a raia olímpica na região de Santa Luzia, no centro da cidade carioca, local de atuação de vários clubes de remo. Mesmo porque, segundo ele, muito dinheiro teria sido gasto pela prefeitura do Rio de Janeiro, principalmente com a construção

⁵¹⁸ O uso da palavra “Radamés” faz menção à ópera *Aída*, de Giuseppe Verdi, que conta a aventura do general egípcio Radamés em sua excursão bélica à Etiópia e tendo se apaixonado pela escrava etíope Aída. A comparação entre esporte e arte, ou melhor, entre futebol e arte, era um deboche do cronista acerca do sentido artístico que uma prática esportiva alcançava, podendo superar até mesmo o valor de uma peça clássica de ópera. Já as “Santas Cruzadas” faziam referência às guerras travadas entre cristãos e muçulmanos, entre os séculos XI e XIII, a partir das expedições dos primeiros sobre o território considerado “santo” para os mesmos e que estavam sob o domínio de outros povos. É uma forma de exemplificar o grau de rivalidade entre os torcedores de determinados times que tornavam-se inimigos mortais e destilavam ódio entre eles por conta das paixões clubísticas.

do estádio do Maracanã (também chamado de Municipal) e preparativos para a Copa do Mundo de 1950, além de outros recursos (em escala menor) para Copa Rio (1951 e 1952).⁵¹⁹

Finalmente, o autor revelava que em caso de aprovação da obra para o desenvolvimento do remo, a obra seria chamada doravante de “espaço Vital”, em dupla homenagem: à vida que seria valorizada pelas práticas eugênicas e saudáveis e, obviamente, ao prefeito cujo sobrenome era exatamente este: Vital. Nascimento com o seu “Zé de São Januário”, se apresentaria como um crítico ferrenho e denunciante das ações governamentais e organizacionais que porventura não se coadunasse com o espírito esportivo do carioca, mesmo que este fosse uma construção simbólica do cronista.

Em outra oportunidade, por exemplo, o cronista reclamava da atuação dos cambistas chamados por ele de “profiteurs”, que na língua francesa significa “explorador”, “especulador” ou “proveitador”, dependendo do contexto em que é utilizado.⁵²⁰ Tal feito seria uma vergonha ainda maior para o Brasil por se tratar de jogos da Copa do Mundo de 1950 como ele aponta: “(...) Os que vão ao Estadio Municipal, levados pelo sentimentalismo patriótico, não podem ficar sujeitos aos aventureiros e negociatas que, como chacais, se aproveitam dos restos e da miséria alheia.”⁵²¹ Desta forma, seu caráter denunciante contra a venda de ingressos mais caros para a torcida brasileira, realizado pelos cambistas, é outro exemplo da força de uma crônica em que apontava os problemas de organização do evento internacional que o Brasil sediara. A denúncia aponta os problemas de ambos os lados, dos exploradores e dos explorados: “(...) aqueles que concordaram com os cambistas, nada podem reclamar. Os que se deixaram explorar, não têm o direito a queixas. O único direito que lhe assiste é o de se queixarem ao bispo...”⁵²²

Outro autor que se apresenta como um interlocutor de Álvaro do Nascimento e dos demais que se pronunciavam em prol dos esportes com um discurso denunciante e organizativo do campo esportivo, era João Machado que propunha uma reinvenção da cidade a partir do sucesso que os esportes alcançaram no Rio de Janeiro nas últimas décadas. Era necessário,

⁵¹⁹ Dentre os gastos com a Copa Rio, temos o patrocínio para a compra dos troféus, por exemplo.

⁵²⁰ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.410, 16 de julho de 1950. P. 9. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

⁵²¹ *Ibidem*.

⁵²² *Ibidem*.

para o autor, que houvesse uma mudança correspondente na infraestrutura da cidade, como podemos perceber no texto abaixo:

Novas praças de desportos

O Rio de Janeiro é uma cidade grande em superfície.

Digo, justamente, cidade grande quando seria mais agradável aos cariocas dizer: grande cidade.

A nossa capital, porem, ainda não pode ser considerada uma grande cidade, pois são numerosos os motivos que concorrem para torná-la atrasada em comparação com outras capitais.

É grande, porem, porque cresceu desordenadamente, principalmente no sentido horizontal. Os terrenos da zona urbana, em sua divisão primitiva, foram reduzidos a proporções insignificantes e em cada um foi edificado um prédio acanhado de um ou dois pavimentos; assim ainda se conserva a maior parte da zona comercial urbana.

Ao lado desta, e, mesmo constituindo manchas deploráveis nos bairros residenciais, estão as favelas desafiando com os seus trezentos mil habitantes a capacidade administrativa do Governo local.

A lamentável incapacidade de nossos antepassados, seguida de perto por muitos dos atuais administradores, permitia que a cidade se estendesse pelos subúrbios, tão desordenadamente quanto já se instalara no Centro.⁵²³

A visão elitista do autor propunha uma leitura sobre a cidade do Rio de Janeiro a partir do seu (des)ordenamento urbano e geográfico. Apesar deste tom, próprio de um lugar de fala de quem vivia os rumos de uma posição social privilegiada, o discurso denunciante estava presente não só do ponto de vista da crítica de uma estética própria, da qual as favelas destoariam do resto da cidade, como também da necessidade da criação de espaços esportivos mais condizentes com o crescimento da população. Este, por sua vez, pressionaria o poder público a investir no lazer e na prática desportiva como “válvulas de escape” da tensão social e urbana. As favelas (as chamadas “manchas deploráveis nos bairros residenciais”), assim como o surgimento desordenado dos subúrbios seriam resultados da falta de iniciativa do poder público em tornar a cidade carioca mais racional e ordenada. Mas, de qual ponto de vista? Como já adiantamos, tratava-se de um discurso sanitário que ignorava a ideia de que as populações mais pobres da sociedade carioca usufruíam de redes de solidariedade e uma

⁵²³ MACHADO, João. Novas praças de desportos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 de junho de 1951. P. 5. Coluna Às quintas-feiras.

ocupação espacial distinta do imaginado pelas autoridades no assunto, como se autodeclarava o referido autor:

Vemos, por isso, bairros que têm menos de cinquenta anos, atravessados pelas ruas estreitas e tortas, insuficientes para o sistema circulante existente.

Nem grandes avenidas, nem praças que existiriam se, em tempo, fossem reservadas as áreas necessárias.

É razoável admitir que a mentalidade dos nossos antepassados não comportasse a idéia do rápido desenvolvimento verificado, nesse período, em nossa cidade.

Não se justificará, porem, o que vem sendo observado em relação ao loteamento de grandes áreas localizadas nas zonas suburbanas e rural, porque os atuais administradores não podem alegar desconhecimento dos erros cometidos pelos seus antecessores.

O fato, porem, é que o crescimento da área habitada no Rio de Janeiro continua a ser feito desordenada e criminosamente.

Em qualquer parte das zonas suburbana ou rural, continuam a ser feitos loteamentos de grandes extensões, permitindo-se a abertura de ruas estreitas ao lado do incompreensível desaparecimento da zona rural, hoje, transformada em grande parte, em residências para “weekend” ou mesmo domicílios de famílias modestas. (...)

É chegado o momento, portanto, de impedir que a cidade continue a crescer desordenadamente em superfície, ou, pelo menos, que se proíba a abertura de ruas de menos de vinte metros de largura, exigindo-se, a existência de praças ajardinadas no centro de cada área, loteada e, o que é muito mais importante para os desportistas, reservando-se sempre o espaço necessário para a instalação de campos de desportos que compensariam o desaparecimento de mais de trinta pequenos clubes amadoristas, de cujas praças de desportos foram criminosamente arrancados, perdendo anos de trabalho e sacrifício, sem qualquer espécie de indenização, ante a incompreensível indiferença dos poderes públicos. (...) ⁵²⁴

A proposta era impedir que a ocupação da cidade do Rio de Janeiro seguisse um rumo de desordem, indisciplina e atraso do ponto de vista social. Aliás, as questões sociais das quais os moradores suburbanos e das áreas rurais dependiam em seu dia a dia são completamente ignoradas pelo autor, que tem seu foco apenas na ocupação crescente destas regiões menos centrais da cidade. ⁵²⁵ Como impedir, de acordo com o cronista, este processo? O que tem o esporte a ver com estas propostas? Valendo-se da legitimidade da revisão da lei

⁵²⁴ *Ibidem.*

⁵²⁵ As áreas suburbanas acompanhavam as linhas de trem da Central do Brasil e da Leopoldina, enquanto as áreas rurais se concentravam mais em direção à Zona Oeste, como em Campo Grande e Santa Cruz, por exemplos.

municipal que tratava das obras públicas no período, Machado informava que os esportes de clubes pequenos e amadores seriam os grandes perdedores deste processo urbano. Ou seja, ao (re)fazer o ordenamento urbano dos subúrbios e áreas rurais, cerca de trinta clubes amadores poderiam ser recompensados pela perda de suas atividades devido à falta de espaços específicos que garantiriam a permanência de sua prática.⁵²⁶ Desta forma, o esporte enquanto ação civilizadora reconstituiria uma ordem urbana e social, desequilibrada pela ocupação desregrada e sem limites. As praças públicas e voltadas para os esportes poderiam resgatar o papel social e regulatório do poder público, trazendo saúde e lazer para os clubes amadores locais e seus respectivos participantes.

Por um discurso elitista, como nós já apontamos, a denúncia aqui também seguia vinculada ao interesse dos clubes, amadores, mas ainda assim associações que promoviam os esportes (no caso, como desconfiamos, o futebol). Portanto, em mais um exemplo do cronismo esportivo do *JS*, mesmo com um tom social diferente, temos a união das intenções de valorização do denunciamento e do clubismo, sob uma visão de urbanização específica. Há também uma evidente pressão diante do poder público, com a frase final do cronista que propunha que suas sugestões fossem atendidas pelas autoridades municipais, relevando o papel de influência da imprensa assim como demonstrando uma relação de proximidade com o círculo do poder.

Cabe pensar também que esta defesa em torno dos clubes amadores pequenos não estava descolada de uma lógica desenvolvimentista de sociedade que proporcionava uma busca pelo movimento de participação comunitária que não ousasse romper com as estruturas de classe, nem com o sistema de produção e de trabalho, muito menos com as formas de institucionalização da dominação social. De acordo com Souza: “(...) Nas décadas de 1950 e 1960, a participação comunitária foi utilizada como dispositivo de controle do Estado em relação aos aglomerados urbanos, como mecanismo de controle social.”⁵²⁷

Se neste caso temos uma visão elitista sobre uma situação popular, ou seja, o crescimento de ruas e bairros mais pobres em determinadas regiões da cidade, o *JS* por meio

⁵²⁶ O autor, todavia, não informava a origem destes dados, muito menos citava quais clubes e locais específicos teriam sido prejudicados pela ocupação destas áreas. Acreditamos, entretanto, que se tratavam de clubes amadores de futebol, por conta da dificuldade na composição local do ordenamento espacial.

⁵²⁷ SOUZA, Rodriane de Oliveira. Participação e controle social. In: SALES, Mione Apolinário; MATOS, Maurílio Castro; LEAL, Maria Cristina (Org.). *Política social, família e juventude: uma questão de direitos*. São Paulo: Cortez, 2004. P. 167-187.

de seus cronistas militavam também na área esportiva mais rica da sociedade carioca e, por vezes, em outras cidades também. O denunciismo no campo esportivo neste caso, então, era direcionado para o entendimento e apoio de camadas mais altas da sociedade e não exatamente uma estratégia de ganhar a atenção dos leitores de classes mais pobres, tornando-se, por exemplo, um jornal esportivo de causas populares. Como exemplo deste nosso raciocínio, temos algumas crônicas da socialite Inah de Moraes, que além de possuir um haras, escrevia em uma coluna para o *JS*: “Rondó dos Cavalões”. Em geral, este espaço no jornal era dedicado ao turfe, porém em uma análise sobre o mesmo, podemos afirmar que mais do que noticiar as notícias sobre este esporte ou mesmo sobre os cavalos, sua coluna era dedicada às denúncias e ataques à administração dos *jockeys clubs* no Rio de Janeiro e São Paulo, como podemos aferir no texto abaixo:

Idéia do Thomazinho...

A obrigação das Diretorias de Jockey Clube é exatamente essa: cuidar, zelar, providenciar tudo o que for necessário ao bom andamento do turf. Se por inépcia ou incompetência não fizeram, não é justo que os proprietários, e principalmente os pequenos proprietários, paguem por isso. (...)

Se um proprietário resolver recorrer à Justiça, será barbada. Ganhará de ponta a ponta, trocando orelhas. Logo, essa arbitrariedade só ficará de pé, e vigorando, se, como os proprietários do Rio, os de São Paulo também foram desunidos e carneiros, sujeitando-se a tudo o que a Diretoria quer, e resolve. Do contrário a luminosa idéia do Thomazinho, logo convertida em resolução pela C.C., não terá tempo de começar a produzir os seus efeitos, pois se verá imediatamente caída por terra. Basta, para isso, que os protestos dos proprietários não sejam só de boca, e se convertam em ação. (...)

Está dando margem aos mais veementes protestos a resolução tomada pela C. C. Paulista na qual, alegando: 1) “que há falta de cocheiras para alojamento dos potros a chegar”; 2) “que o turfe de São Paulo está requerendo, e o público turfista exigindo a melhoria da classe dos animais que figuram em seus programas, o que quer dizer maior número de animais novos e são;” 3) “que apesar da existência de hipódromos subsidiários vizinhos a Capital onde, definitivamente, deviam estar correndo esses animais, seus responsáveis insistem em mantê-los nesta Capital” a dita C.C. resolveu: “não permitir, por tempo indeterminado, o ingresso, na Vila Hípica, de animais de 6 anos a mais, que não tenham ganho pelo menos Cr\$ 100.000,00, em prêmios de primeiro lugar”.

Eis aí a decisão arbitrária e ilegal a Comissão de Corridas do Jockey Club Paulistano.

E sabem, vocês, de que bestundo saiu semelhante estalo? Do bestundo do Handicapeur Thomazinho Assunção! É ele o pai de tão aberrante idéia, imediatamente aprovada pelos oito novos comissários que, com isso, iniciam brilhantemente a sua gestão.

Consideremos a medida. Ela é, sem a menor dúvida, arbitrária e ilegal. Uma C. C. ou uma diretoria inteira do Jockey Club não pode prejudicar os proprietários proibindo-os de fazer correr os seus animais sob o pretexto de que o Jockey Clube não tem onde alojá-los, ou de que “o turfe está requerendo e o público exigindo a melhoria da classe dos animais” em atividade, uma vez que estes estejam dentro do limite de idade previsto pela lei de nacionalização do Turfe.

Não há cocheiras? Pois fizessem, cocheiras, ora bolas!⁵²⁸

A denúncia aqui referida tratava-se de novas regras estabelecidas no *Jockey Club* de São Paulo pela Comissão de Corridas (CC) desta associação/clube que, segundo a cronista, traria uma série de problemas para os proprietários dos cavalos. Para tanto, informava às autoridades desportivas daquele *Jockey Club* que os mesmos poderiam fazer uso da justiça, pois assim conseguiram manter os seus animais em plena atividade. Interessante é que a forma escolhida para trabalhar a narrativa textual era a que utilizava expressões e jargões do mundo do turfe como, por exemplo, “barbada” ou “(...) Ganhará de ponta a ponta, trocando orelhas.” Apesar de o seu texto apresentar um debate denunciante com linguagem clara e direta para os seus interlocutores (tanto os leitores quanto a quem se dirigia a crônica/denúncia) fez uso destas expressões, reforçando seu lugar de origem, ou seja, uma colunista que se dedicava em sua vida particular e familiar à prática do esporte equestre e à criação destes animais. Mais do que uma visão do esporte sobre os mal feitos dos seus devidos organizadores ou autoridades esportivas e associativas, Inah defende seus interesses próprios por meio da imprensa especializada da qual fazia parte, como cronista e membro de uma família de jornalista.⁵²⁹

De acordo com Inah, a decisão do *Jockey Club* paulistano iniciara um processo de modernização das atividades de forma arbitrária e desastrosa, pois indicaria um padrão de participação dos animais a partir de critérios de mérito, ou seja, a partir de sua juventude e desempenho nas corridas (neste último caso, medido pela quantidade de prêmios recebidos). Tal mudança na administração poderia criar uma insatisfação generalizada além de excluir tradicionais participantes das corridas daquela praça desportiva (como, inclusive, ela mesma). Em sua crônica, que tornava-se mais um manifesto em causa própria, apesar do caráter anti(regulatório) do campo esportivo, não aliviava as ofensas contra os idealizadores das

⁵²⁸ MORAES, Inah de. Idéia do Tomazinho... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 9. Coluna Rondó dos Cavalões.

⁵²⁹ Como já apontamos, Inah de Moraes tornou-se esposa de Pedro Dantas de Moraes Neto, jornalista, cronista, jurista, poeta e professor, tendo atuado em diversos jornais do Rio de Janeiro.

medidas supracitadas: as ofensas e ironias marcavam a participação nesta campanha. A palavra “bestundo”, que significa a pessoa com a capacidade mental limitada ou de inteligência curta, foi a escolha para designar o idealizador de tal fato.

A autora, todavia, de fato e no limite não teria uma visão conservadora e tradicional ou mesmo antimoderna da visão administrativa do esporte, mesmo porque no texto deixara claro de que as obras para construção de novas cocheiras deveriam ser a solução para os tais problemas e não exatamente a limitação de atividades de determinados animais e seus respectivos proprietários, razão de existir do próprio clube. Temos, no limite, vários projetos de modernização do campo esportivo, tendo em vista os diversos interesses envolvidos.

Em resumo, seja em defesa própria ou de um lugar de ocupação profissional que lhe conferisse autoridade para apontar as falhas dos poderes públicos e privados em torno da organização do esporte, o *JS* se notabilizou na década de 1950 por uma característica de denunciar o que considerava “curvas fora do padrão” no desenvolvimento do esporte. Todavia, este padrão tinha um alto tom de disciplina e particularismo como podemos observar nos exemplos estudados. Apesar do argumento sobre o bem comum ser uma das premissas dos textos com este tom discursivo, nem sempre o era de fato, tendo em vista interesses pessoais ou de grupos específicos (proprietários de cavalos e não exatamente o público da assistência ou, ainda, os clubes amadores em contraposição às camadas mais pobres da cidade que, inclusive, usufruíam das práticas esportivas mais populares, como o futebol, por exemplo). Cabe lembrar que a conjuntura histórica brasileira, do pós-1945, criou uma onda reprimida de movimentos judicialistas em torno do acesso aos direitos, sejam eles mais amplos, inclusive englobando processos de solidariedade entre determinadas comunidades, ou mais restritos como a própria força que a imprensa passou a ter em uma democracia liberal, reformista ou desenvolvimentista. Se antes o controle social vinha em um movimento crescente da força do Estado autoritário sob as instituições sociais e a população como um todo, a década de 1950 atingiria o ápice de um momento histórico de pós-ditadura com um Estado reformista (ainda conservador e parcialmente autoritário) com o desenvolvimento de novas formas de controle social, sendo agora, uma mão dupla de atuação por conta dos movimentos sociais e da própria imprensa. Todavia, estas manifestações não lograram êxito em sua representatividade política diante de um panorama de crises econômicas e sociais

frequentes. Mesmo diante do momento crítico com o final do Governo Vargas, a imprensa em geral particularizava os seus próprios interesses como os da sociedade como um todo.⁵³⁰

Desta forma, e fazendo bastante sentido, a imprensa esportiva de então (no caso, nos referimos ao *JS*), fazia mais este papel de vigilante das ações das autoridades públicas e governamentais, porta voz das ações em torno do desenvolvimento dos esportes, sejam eles voltados para os interesses dos clubes privados, dos torcedores abastados ou proprietários de animais de porte. Esta postura denunciava extrapolar o caráter de reivindicação das ações do Estado, criando uma cultura voltada para ampliação da atuação pública da imprensa. A crônica esportiva, por cunhar um padrão subjetivo, emotivo e opinativo em sua base de formação, contribuía bastante para o fortalecimento desta estratégia dos meios de comunicação, em particular os jornais impressos.

A subjetividade presente nas escolhas dos temas e das críticas específicas em torno de um determinado tema criava uma identidade específica em torno do perfil de cada cronista, seja mais ácido e debochado em alguns casos, mais austero e cortês em outros, ou mais complacente em alguns. De acordo com Mansano, levando em conta o conceito de subjetividade de Deleuze:

Pode-se notar que essa consideração de Deleuze também rompe com a noção de uma unidade evidente atribuída ao sujeito, ou seja, com a noção de um ser prévio que permanece. Para ele, o sujeito não está dado, mas se constitui nos dados da experiência, no contato com os acontecimentos. Questionamos: como isso acontece? Nos diferentes encontros vividos com o outro, exercitamos nossa potência para diferenciar-nos de nós mesmos e daqueles que nos cercam. Existem diferentes maneiras de viver tais encontros. Alguns deles podem passar praticamente despercebidos. Já outros são fortes, marcantes e até mesmo violentos. Dependendo dos efeitos produzidos pelos encontros, o sujeito é praticamente “forçado” a questionar e a produzir sentidos àquela experiência que emergiu ao acaso e que, sem consulta, desorganizou um modo de viver até então conhecido. Obviamente, o contato com esse tipo de dado e de acontecimento gera uma série de estranhamentos, incômodos e angústias. A vida se desenrola nesse campo complexo do qual fluem ininterruptamente os dados e os acontecimentos. Os enfrentamentos aí emergentes não conhecem parada.⁵³¹

⁵³⁰ Nos referimos ao momento da crise do segundo governo Vargas, com o consequente suicídio do presidente, resultado da pressão múltipla que sofria por parte de vários setores da sociedade, como parte significativa da imprensa por exemplo.

⁵³¹ MANSANO, Sonia Regina Vargas. *Op. Cit.* P. 115.

De qualquer forma, o conjunto destes autores moldou uma forma de contribuir as visões diversas sobre o esporte carioca, a ponto de entendê-lo como nacional. Ou seja, reforçava-se a ideia de que para o *JS* era possível disseminar uma leitura de identidades específicas do Brasil, por meio do esporte e por meio de uma forma de noticiar as mesmas, reforçando seu peso criativo, imaginativo e ficcional, sem perder a objetividade, através das crônicas. Um elemento a parte de um jornal, mas que mantinha um diálogo com a necessidade comercial da empresa, assim como ampliava um espectro cultural de textos que militavam no limite da literatura e do jornalismo.

4.5 O CLUBE ACIMA DE TUDO: O SENTIMENTO CLUBÍSTICO

Uma das principais linhas editoriais do *JS*, além das discussões em torno das identidades nacionais e locais, que tanto foram exploradas nos grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo, Jogos Olímpicos e Copa Rio e do fator denunciante do jornal, fora a exploração do sentimento clubístico dos seus leitores e da torcida de forma geral. Ou seja, chamamos este fenômeno de clubismo. Todavia, o jornal adotara esta estratégia sob dois vieses: o primeiro era o de abraçar os valores e sentimentos causados pelas paixões dos torcedores em torno dos seus respectivos clubes, mas também percebemos um segundo movimento (que se coaduna com o primeiro de forma dialética), ao apoiar e valorizar o sentido organizativo, disciplinador e associativo do esporte. Ou seja, para além dos afetos e sentimentos em torno do ato de torcer por um clube, os valores esportivos estavam condicionados à sua formatação e disciplinarização. Nada melhor do que o clube para garantir e perpetuar estes valores morais e físicos.

Desta forma, alguns cronistas foram, no período, intérpretes desta relação dual do clubismo e transformaram parte de sua produção textual em campanhas em defesa dos clubes, não apenas os de maiores torcidas, mas aqueles escondidos, próximos de uma determinada comunidade ou localidade em que o esporte ou lazer pudesse ser vivenciado e regulado. Dos autores que trataram do tema, destacamos alguns como Vargas Netto:

Náutico Atlético Cearense

Recebi os convites para o banquete e para as festas de inauguração de suas dependências sociais, bem como o programa dos festejos, que é uma bela plaquete. Bem impressa e decorada com gosto.

Eu sempre tive simpatia pelos cearenses. Possuo muitos e bons amigos vindos dessa terra ou ficados nela.

Desde a minha infância que os verdes mares bravios da terra natal de José de Alencar enfeitam o côncavo longínquo da minha imaginação. Os leques das tuas palmeiras nunca abanaram as minhas sestras, mas compõem a paisagem das minhas lembranças como a doçura de uma saudade boa...

Mas tu não és, oh! bravo Ceará da resistência legendária, apenas o excesso de luz do teu sol tinindo, dos retirantes sob a poeira no sertão esturricado, ou a continência de um mar bravio batendo a praia...Tu és o berço de uma gente admirável, que trabalha, que pensa, e, sobretudo, que ama! Não conheço amor mais firme, mais constante e menos agressivo do que o do cearense pela sua terra. O cearense tem reservas de idealismo que ainda não foram suficientemente exaltadas, amando Deus e o Ceará! Sendo o brasileiro que mais emigra – o cearense é que mais retorna ao torrão natal. Eles saem pelo mundo, como abelhas que buscassem pólen para seu mel, e voltam sempre à colméia com a sua colheita e com seu amor.⁵³²

O autor acima constrói um texto em que apresenta suas principais características como cronista do *JS*: exagera nas palavras líricas e poéticas ao tratar do Ceará e do seu povo e com este fim, revive uma trajetória heróica e pulsante, marca da narrativa assentada na poesia regionalista do mesmo. O tratamento dado ao povo, às paisagens e à capital do estado abre caminho para uma conclusão de defesa dos princípios esportivos do autor: o clube e seus respectivos espaços resumem o sentimento desenhado ao longo da crônica, tornando-se o espaço privilegiado e idealizado para a prática desportiva e do lazer:

Fortaleza é uma bela e progressista cidade, que tirou o laço de fita das tranças, mas não perdeu o caráter nas imitações da moda. Tem personalidade. Gosto de seus coqueiros e de suas praias, tenho encanto pelas suas jangadas – constante lenço branco acenando ao perigo no dorso enrugado do luar. E esses são os motivos da decoração do programa.

Fortaleza é uma cidade de belos clubes, com ambientes simpáticos, acolhedores.

O Náutico resume a energia do cearense que constrói, o amor dos que pensam no Ceará e a poesia das coisas formosas e amadas...

⁵³² VARGAS NETTO, Manoel. Náutico Atlético Cearense. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.020, 17 de julho de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

Daqui, desta distância de tantas milhas, eu mando as minhas felicitações e os meus aplausos por tão grande conquista, agradecendo a gentileza do convite com a mesma intensidade com que lamento a impossibilidade de estar presente.⁵³³

O estilo narrativo de Vargas Netto conseguia dar conta, invariavelmente, em uma mesma crônica as suas linhas de defesa: a visão mítica de um povo ou de um determinado local (no caso acima, lida com ambos), a beleza das paisagens e a admiração e citação de importantes nomes da cultura nacional e internacional (o eruditismo do qual tratamos no capítulo anterior que aqui é lembrando pela importância de José de Alencar) e, finalmente, de forma apoteótica (como neste exemplo), os valores disciplinadores exercidos nos e pelos clubes esportivos. Tudo isso representado pelo imaginário poético e narrativa lírica, re(criando) histórias onde a memória e a noção de tempo poderia ser forjada de acordo com os interesses subjetivos do autor. No final das contas, além de tratar da importância dos clubes e dos demais temas acima relatados, tornamos aqui o “miúdo” da questão, conforme aprendemos com Antonio Candido: a necessidade de comentar um convite pessoal e social.

Para compreendermos ainda mais esta lógica clubística, principalmente do ponto de vista do associativismo e da organização do campo esportivo, chamamos a atenção para outra crônica da Vargas Netto:

Minas T.C.

Começa hoje o Quadrangular de Basket promovido pelo Fluminense. Os três grêmios visitantes são organizações exemplares nos seus respectivos territórios: Minas T. C., de Belo Horizonte; Pinheiros, de São Paulo; Santos, da cidade de mesmo nome.

Há pouco, quando estive em Belo Horizonte, visitei as instalações do Minas Tennis Clube. O que mais me impressionou não foi o aspecto material desse clube, que, diga-se de passagem, nada fica a dever a qualquer organização do Continente.

Talvez por possuir o Minas um grande técnico e entusiasta do basket – Dr. Gerson Sabino – é fácil constatar naquele clube, apesar das boas instalações para tennis, natação e outros desportos, a preponderância dos praticantes do basketball. Além das quadras descobertas, possui a simpática agremiação de Belo Horizonte um formidável ginásio, ultra-moderno, para prática de vários desportos de quadra, prestando-se também para os espetáculos dos bailados no gelo.

A sede do Minas é digna de admiração pelo conforto que representa, pela amplitude de suas dependências, pelo cuidado minucioso e racional de todos os detalhes e

⁵³³ *Ibidem.*

utilidades, inclusive a seção médica de catalogação e controle dos atletas e sócios comuns. Para qualquer idade e necessidade há cuidados especiais e instalações adequadas.

Mas, o que mais me impressiona é o volume da freqüência, o entusiasmo daquela juventude cheia de vida e idealismo, toda entregue às sadias atividades dos desportos. Já se pode notar o tipo mineiro de amanhã, desenvolto, robusto, alegre, equilíbrio de elasticidade física e confiança em si mesmo.

Ali se encontra a primeira sociedade da bela cidade que é a capital de Minas Gerais, mas também os atletas que se formam para a glória das competições. É uma forja de campeões.⁵³⁴

O discurso de Vargas Netto em prol do associativismo e do clubismo o acompanhou durante toda a sua trajetória, seja por vir de um enunciador que assumira diversos cargos políticos no dirigismo esportivo, como na FMF e CND, por exemplos, seja por narrar histórias em torno do esporte de uma forma conservadora e tradicionalista. O clube, portanto, para este autor refletia menos uma possibilidade de análises apaixonadas sobre o esporte, mas mais sua capacidade de aprimoramento de um povo, uma teoria eugênica moderna e desenvolvida a partir da supervalorização das atividades físicas e seus respectivos efeitos na saúde da população. Com este fim, não por acaso, a juventude e a associação com os esportes é um elemento recorrente nas crônicas de Vargas Netto, pois representaria o futuro de um povo, de uma localidade ou ainda da nação.⁵³⁵

A admiração pelas instalações do clube mineiro competia com a percepção de que a sociedade mineira e jovem estaria sendo aprimorada pelas práticas desportivas, como o autor mesmo afirmara: o clube, mais do que uma sede de equipamentos modernos e instalações esportivas, era uma “forja de campeões”.

A sociedade brasileira, em especial nas grandes cidades, desenvolveria a ideia de uma modernização reformadora, não só com o avanço tecnológico que a década de 1950 inaugurava em vários ambientes profissionais, como também nos meios de comunicação, transporte, indústria leve, engenharia, dentre outros. Os esportes também eram vistos para

⁵³⁴ VARGAS NETTO, Manoel. Minas T. C. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.040, 9 de março de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

⁵³⁵ Sobre a importância do clubismo sob o ponto de vista do associativismo, ver o trabalho de: CAMARGO, Laura Alice Rinaldi e SILVA, Marcos Ruiz. Os clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro: uma relação de hábitos e costumes. In: *XI Simposio Internacional Proceso Civilizador*. Buenos Aires. Todavia, os autores adotam interpretação de Norbert Elias, que, em nossa opinião, transita no aspecto evolutivo da sociedade e não o complexifica do ponto de vista multicultural.

determinados autores como um campo de desenvolvimento da sociedade, porque envolvia de alguma forma o avanço tecnológico e o aperfeiçoamento da juventude, dentre outras possibilidades.⁵³⁶

Todavia, outros cronistas exploravam mais o viés “apaixonado” do clubismo, tão difundido pelo *JS*, mesmo que para tanto, de forma disfarçada apelasse para a importância da tradição dos clubes, que seriam de alguma forma, acima do bem ou do mal. Mesmo para cronistas que denunciavam todas as autoridades esportivas, sociais e políticas como Álvaro do Nascimento, cabia, quando preciso, defesas emotivas e profundas do clube, como podemos observar logo abaixo:

Uma campanha sórdida vem sendo feita contra o coronel Povia, presidente do Vasco da Gama. A campanha visa menos o presidente Povia que a própria estrutura do grêmio da Cruz de Malta.

Desafio qualquer pessoa honesta, ou medianamente honesta, a provar que qualquer direção de clube carioca ou de outra parte do Brasil, tenha feito realizações equivalentes a dez por cento das conseguidas pelo coronel Povia durante a sua administração. (...)

Os infelizes, os despeitados, os pobres de espírito, os possuidores de quatro dedos de espessura craneana, cegos de inveja dos fatos. Acham que o presidente de um grande clube é um escravo de qualquer departamento esportivo, amadorista ou profissional.

O engrandecimento material do clube, o bem estar dos associados e suas famílias, nada representa para os eternos maldizentes.

Os associados do Vasco da Gama devem ficar prevenidos contra a campanha organizada por meia dúzia de tomadores de uísque e jogadores de batota que, com os seus bafos alcoólicos pretendem trazer a desarmonia num clube que vive em paz, a trabalhar pelo engrandecimento do esporte brasileiro, sem se preocupar com a vida alheia. Os vascaínos nada pedem aos seus detratores. Desejam apenas que todos se preocupem tanto com o Vasco, como o Vasco se preocupe com eles. (...)

Um clube como o Vasco da Gama não pode ficar sujeito aos ataques de desocupados, aos intrigantes de esquina de botequim, nem aos “filadores” de média e pão com manteiga.

O Vasco da Gama é um clube conservador, onde as suas diretorias sejam quais forem, são respeitadas pelo quadro social. Não há partidos políticos no grêmio da

⁵³⁶ João Machado, por exemplo, identificava em sua coluna semanal, o valor dos clubes de subúrbio ao citar o Grêmio Esportivo Vital. De acordo com o documento enviado ao cronista pelos responsáveis pelo clube que surgira no bairro de Quintino Bocaiúva, “(...) foi idealizado por um grupo de garotos com o objetivo de educar social e esportivamente a rapaziada do local, bem como os adultos interessados na concretização de um ponto onde (...) sua famílias pudessem, após as labutas diárias, recrear o espírito em ambiente sadio e eminentemente familiar. (...)”. Ver em: MACHADO, João. Grêmio Esportivo Vital. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.893, 13 de fevereiro de 1952. P. 5. Coluna Às quintas-feiras.

Cruz de Malta, como não há privilegiados ou donos. A grandeza moral e material do Vasco da Gama reside na união indissolúvel do seu quadro social.

Os que pretendem indispor o quadro social vascaíno, cindindo-o para satisfazerem intuítos inconfessáveis, estão redondamente enganados. “Os cães ladram e a caravana passa”. Os intrigantes gritam e o “Almirante” está cada vez, mais cada vez!...⁵³⁷

No afã de defender seu clube do coração, Nascimento ou “Zé de São Januário” se apegava à administração do presidente do então Clube de Regatas Vasco da Gama, enfatizando suas realizações ao longo de sua gestão. Destilava palavras duras contra aqueles que “atacavam” o clube, pois de acordo com este autor, seriam pessoas “infelizes”, “despeitados”, “pobres de espírito”, “possuidores de quatro dedos de espessura craneana” e “cegos de inveja dos fatos”, dentre outras denominações. Todavia, duas passagens do texto nos aproximam das duas visões do clubismo que o JS se caracterizou como grande porta voz: “O engrandecimento material do clube, o bem estar dos associados e suas famílias (...)” e “união indissolúvel do seu quadro social”. Ou seja, os valores vascaínos, de defesa apaixonada de Nascimento, combinaram com a capacidade associativa e o respectivo impacto na vida dos sócios e das suas famílias.

Desta forma, a compreensão do clube, nesta segunda vertente de valorização do clubismo perpassa as paixões que o esporte e o futebol causavam, inclusive entre os próprios cronistas. Estas emoções, sentimentos e paixões podem explicar não só os movimentos políticos internos dos clubes, mas também o próprio fazer do cronista esportivo. Para compreender, então, estas vivências subjetivas e passionais do esporte, temos que fugir de uma análise mais macro e dada pelo senso comum. De acordo com Ribeiro, entendê-lo desta forma, torna a paixão por este esporte, “(...) vazia, autorreferida e não nos ajuda na compreensão do futebol. É preciso desconstruir esses axiomas a partir da experiência complexa dos indivíduos, dos grupos sociais e das instituições”.⁵³⁸

A oposição aos feitos e realizações dos dirigentes esportivos esbarrava nos sentimentos, afetos e paixões que os próprios cronistas tinham, seja pela necessidade do próprio ofício (lembramos que Nascimento tinha duas colunas, sendo uma específica sobre os

⁵³⁷ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

⁵³⁸ RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol: Por uma História Política da Paixão Nacional. In: *História: Questões & Debates*. Curitiba, n.º 57, jul./dez. 2012. P. 33.

eventos e notícias sociais do clube cruzmaltino) já que precisara de “portas abertas” para que pudesse trabalhar de forma direta e livre com os atletas, sócios, dirigentes do clube, seja pela confusão dos papéis entre o cronista/jornalista e o torcedor apaixonado.

Neste último aspecto, Álvaro do Nascimento não estava só em sua estratégia/forma de narrar o clubismo, pois outros autores também compartilhavam desta narrativa textual, como José Lins do Rego e Florita Costa, por exemplo, sendo ambos considerados “embaixadores flamenguistas”, por conta de suas defesas inconfessáveis do clube rubro negro. Sobre esta última autora, associando as duas faces do clubismo, enaltecendo a paixão pelo clube e a necessidade de estruturação de suas instalações, debatia a grandeza do clube, incompatível com seu quadro social:

O Flamengo é um clube “sui-generis”. Senão vejamos. É o mais popular do Brasil, o mais querido, mas tem um quadro social reduzido. A sua popularidade não se constitui uma fonte de renda, porque existe uma “falsa elite” dentro do clube que seleciona sócios de acordo com a fisionomia, a cor da gravata e o lustro dos sapatos. Podia ter o Flamengo quarenta mil sócios e não tem dez mil. (...) O Flamengo é o clube que possui o maior patrimônio que a organização esportiva poderia almejar. (...) Pois muito bem... O Flamengo não tem praça de esportes. E se tem hoje, uma sede em construção, deve unicamente ao esforço pessoal e a audácia de um só rubro-negro, que se chama Hilton Santos. Hilton Santos fez tudo no peito, porque se tivesse que convocar o Conselho para levar a cabo os seus planos... o terreno do Morro da Viúva estaria no mesmo estado que o terreno da Gávea. Traduzindo em miúdos, o Flamengo tem oitenta milhões e luta com problemas financeiros. (...) mas não precisaríamos (...), se transformássemos parte do patrimônio estagnado em fontes de renda, inclusive no aumento do quadro social, na construção de campos de esporte, garagem náutica, na valorização do nosso plantel de profissionais com aquisição de cracks de fama, cracks que pudessem corresponder aos anseios de uma torcida que enche o Maracanã de ponta a ponta. Enfim, movimentando o que atualmente se transformou em depósito de aterro, poderíamos fazer o Flamengo crescer na proporção de sua própria grandeza. Somos o mais popular, o mais querido, temos um patrimônio colossal, e eu pergunto: o que somos?... o que temos? Somos e temos um nome que é uma legenda de glórias, sacrifícios e lutas. (...)⁵³⁹

Florita Costa consegue enaltecer o clube com um discurso de torcedora apaixonada, tomando para si a missão de defender as cores rubro negras como pertencente a este clube. Trata o Flamengo como parte de seu local de enunciação, ao usar os verbos “somos” e “temos” e não como um interlocutor que tratasse de forma mais afastada, mesmo com

⁵³⁹ COSTA, Florita. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6.893, 13 de fevereiro de 1951. P. 3. Coluna “O Meu Comentário”.

intenções clubísticas. Não há, desta forma, uma separação imediata entre a cronista e a conselheira do clube.

Por outro lado, informa que o clube precisaria investir em instalações adequadas para desenvolver o esporte da forma mais condizente com a grandeza do mesmo: a construção de praças esportivas aumentaria a relação de importância que o clube teria com seus aficionados e torcedores, tornando-se orgulho de parte da população da cidade do Rio de Janeiro. O investimento que o clube possuía, informação oriunda dos conselhos das quais Florita participava, deveria desenvolver dividendos mais lucrativos, como o aperfeiçoamento de espaços esportivos que seriam incorporados ao clube. Uma referência a uma década onde apesar de toda a crise financeira e social que aplacava o país, existia uma discussão em torno do desenvolvimentismo reformista de investimento em infra estrutura das grandes cidades e de parte do país. Aqui, porém, seriam recursos privados fortalecendo a importância do clubismo em seu aspecto social e passional. Lado a lado com a ampliação do patrimônio material do clube, sugeria-se apoio na contratação de grandes jogadores que fizessem com o time tornasse mais forte dentro de campo, passando a colecionar vitórias mais regulares.

Desta forma, no contexto geral, acenava para o fato de que o clube enquanto espaço de ressonância de um imaginário social, subjetivo e passional só fazia sentido com o correspondente crescimento de seus valores materiais enquanto estrutura e local de práticas esportivas significativas.

As paixões clubísticas e a defesa dos clubes permitiam um diálogo constante entre os cronistas do *JS*, ora com as provocações entre os mesmos, ora motivado pelo apoio e compartilhado das emoções e sensações em torno do ato de torcer por determinado clube, conforme podemos citar texto de Vargas Netto a respeito de José Lins do Rego:

(...) Ele é um extrato da massa flamenga. É mengo até debaixo d'agua, mas como torcedor solto na rua, tripulante de lotação, tripulante de lotação e frequentador de arquibancada, desejando apenas o seu quinhão mazoquista de sofrimento, o seu direito de gritar, a plenos pulmões: Mengo, tu és o maior! Mengo, eu me rasgo todo por sua glória! O escritor José Lins do Rego, homem de pensamento e sentimento, como romancista que espelha os fatos e os tipos populares, colecionador e revelador das emoções do homem comum, ainda não teve tempo para perceber que ele está acima do comum! Ele só sabe que é solidário com os sofrimentos e as aspirações do homem comum, que ele defende, exalta e estima, como estima o seu povo e ama o seu Flamengo! E está nesse aspecto generoso de sua alma nobre a sua

principal característica: ele não pede nada! Ele se dá todo, integral no seu entusiasmo, maciço na sua solidariedade, profundo no seu amor, sincero e impetuoso nos seus impulsos, leal e áspero nas suas dedicações, porque ele é o nordeste feito homem!...

(...) Escritor popular, que retrata e honra o povo brasileiro, só deseja ser depois disso: um flamengo sobre todas as coisas!...⁵⁴⁰

Nesta crônica onde o autor queria explicar os motivos que levava os impeditivos de José Lins do Rego não se candidatar a presidência do Flamengo, por dois grandes motivos essenciais: pela inconveniência deste autor ser secretário geral da CBD e por ser um escritor mais adequado à torcida e paixão clubística do que a de um dirigente mais elitista. Desta forma, Vargas Netto com sua verve poética e lírica, explorando por meio de sua narrativa peculiar as origens regionalistas de José Lins, entendia que este último era um exemplo claro da abnegação do torcedor, que tanto compreendia as paixões pelo futebol de seu clube, como, mais do que isso, as vivenciava e sentia.

O próprio José Lins era cobrado por suas declarações em sua coluna no *JS*, seja por exagerar nos ânimos em torno de sua paixão de torcedor, seja de forma inversa, pelo desânimo em determinadas situações, a ponto de ter que se explicar diante de tais fatos, como podemos nos deter no texto a seguir:

Não estou desiludido com o Flamengo

O brilhante jornalista Giampaoli Pereira para uma entrevista. Dei-lhe a entrevista, respondi a todas as suas perguntas, e o jovem profissional foi admiravelmente fiel a que lhe disse.

Mas, é sempre este mas, o homem que lhe fez o título da reportagem achou de arranjar palavras escandalosas para chamar a atenção do público e, sem que do texto conste qualquer intenção de minha parte, atribuiu-me uma declaração que não fiz. Em absoluto não me mostrei desiludido com o Flamengo.

De nossa conversa não se depreende o menor sinal de desânimo. Se, em dias passados, após a partida contra o São Paulo, escrevi uma crônica de cabeça inchada, isto tudo já foi superado. E, como sempre, como todo rubro-negro de coração, estarei na linha de frente para ver o que toda nossa torcida sempre foi e é: crente de nossa fibra, de nossa gente, de nosso futuro.

Domingo estarei no meu posto e acredito que todos os rubro-negros estarão atrás da vitória.⁵⁴¹

⁵⁴⁰ VARGAS NETTO, Manoel. Talvez Por Isso... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 7.117, 7 de novembro de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

O autor refuta a tese de que estaria desanimado, apesar de admitir que fizera declarações desta natureza em momentos anteriores. Reflete de forma ligeira sobre o caráter sensacionalista da imprensa esportiva da qual ele mesmo fazia parte, seja na ânsia de torcer pelo seu clube do coração, seja na forma bem popular e impactante que procura narrar as histórias do esporte, por meio das suas crônicas no *JS*. José Lins percebia que não poderia deixar seus leitores, fiéis ao clubismo apaixonado, esmorecidos seja com o time em questão em má fase, seja com o desânimo de um dos seus principais defensores no jornal e na imprensa de forma geral.

Florita Costa, que também era uma cronista apaixonada, como já podemos perceber nos capítulos anteriores, tomava a frente dos seus colegas de jornal e pedia que José Lins revesse seu comportamento em relação ao possível esmorecimento em relação às possibilidades do time, mostrando duas questões importantes para a nossa análise: a concorrência diante do público leitor de quem era o maior defensor das cores do Flamengo, uma disputa direta de quem teria mais legitimidade para segurar o “estandarte” rubro negro na imprensa esportiva. Em segundo lugar, podemos perceber como as crônicas se tornavam espaços privilegiados dos diálogos entre os autores, tornando-se um círculo de relações sociais criativas, virtuais e reprodutivas da vida social dos mesmos. De acordo com ela, temos a narrativa de protesto em relação ao comportamento de José Lins:

É com tristeza que vejo quase diariamente, o então, vibrante chefe da delegação do Flamengo, na triunfal viagem à Europa no ano passado, amargando lamurias em torno das possibilidades do Flamengo, no campeonato que ora se inicia.

Aquele que emocionado soube contar aos estrangeiros de vários idiomas, em cem discursos, o que valia o rubro-negro, agora como um mau torcedor apupa, e acusa nossos valorosos defensores de inapetência por vitórias. Acredito que seja a convivência da tribuna de honra do Maracanã, que esteja minando a fé, do nosso pobre Zé Lins, a ponto de desencorajá-lo de sofrer pelo nosso Flamengo. – Sai daí, Zé Lins e venha para as populares e voltará a sentir as coisas rubro-negras por outro ângulo mais otimista. Poderá até ver qualidades em um conjunto que embora sem grandes estrelas e de formação recente (às vezes se necessita de mais de ano para uma equipe de clube se estruturar bem) tem fibra e um porvir assegurado.⁵⁴²

⁵⁴¹ REGO, José Lins do. Não estou desiludido com o Flamengo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº. 7.052, 23 de agosto de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

⁵⁴² COSTA, Florita. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº. 7.052, 23 de agosto de 1952. P. 7. Coluna “O Meu Comentário”.

Florita, que adotara uma linha em defesa das causas populares, conforme podemos perceber em sua última crônica citada neste capítulo, reivindicando uma guinada ao povo de um clube dito popular, critica José Lins não apenas pelo desânimo, mas também por uma postura elitista ao se colocar na tribuna de honra do Maracanã, longe do povo e das verdadeiras razões de existência da popularidade de seu clube: a torcida e as camadas mais simples da população.

O artifício de diálogo com José Lins, chamando-o diretamente para o retorno aos assentos da arquibancada é um símbolo de convocá-lo também ao comportamento anterior de um torcedor apaixonado: o de nunca analisar seu clube de forma objetiva ou racional, mas sim colocar as emoções acima de qualquer postura ou intenção. Pelo que observamos em textos anteriores, apesar de entendermos uma determinada concorrência entre ambos, a relação era boa, conforme identificamos na crônica a seguir:

Muito Obrigado

Muito obrigado amiga Florita Costa, pelas boas notícias que você me deu... Quisera que todos os flamengos do Nordeste pudessem ler as suas magníficas informações.

Estou satisfeito, e disposto a ser o que sempre tenho sido: um flamengo dos que estão na cantiga do Piranhas: “até debaixo d’agua”.

Pelo que você me fala, as coisas vão melhor para o nosso lado.

Que melhorem. É só o que deseja este seu amigo. E é o que desejam os milhares de rubro-negros, espalhados por todos os recantos do Brasil.

Precisamos trabalhar, e trabalhar muito. Ninguém melhor do que Flávio para programa desta natureza.⁵⁴³

O elogio a Flávio Costa era a senha para percebermos o bom estado de apaziguamento e companheirismo entre os respectivos autores. Aliás, como já notamos e apresentamos em análises anteriores, Florita defendia em seus textos o trabalho de Flávio, para além da idolatria ao Flamengo. Neste último caso, encontrava em José Lins o parceiro

⁵⁴³ REGO, José Lins do. Muito Obrigado. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º. 6.928, 29 de março de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

ideal para esta empreitada, apesar deste por vezes creditar sua suspeição e desconfiança do seu clube de forma pública.

Por fim, chamamos a atenção também das provocações mais jocosas entre os cronistas do *JS*, como as travadas entre José Lins e Álvaro do Nascimento, como podemos perceber abaixo:

O meu velho amigo Zé Lins do Rego não gostou da derrota do Flamengo, frente ao São Paulo. O desespero do popular romancista não se prende, propriamente, à derrota. O que o aborreceu, em boa verdade, foi aquela contagem berrante. Aqueles 4 x 1 que não condizem com a eficiência técnica e o valor individual dos elementos que compõem a equipe rubro negra.

Nunca acreditei no sapo sêco que, segundo se afirma, foi enterrado no estádio de São Januario pelo player Arubinha e que levou o Vasco da Gama a não conquistar campeonatos de football durante uma serie de anos consecutivos.

Diz-se, agora, que aquele tento consignado por Valido, contra o Vasco da Gama, no retorno de 1944, provocou a ira dos deuses contra o grêmio da Gavea.

Afirma-se ainda, que dez anos passarão antes que o Flamengo conquiste um campeonato.

Não acredito na magia negra de Umbanda. Há coisas, entretanto, que me levam a conclusões fatídicas. O Vasco da Gama, que sofreu a influencia do sapo sêco de Arubinha, conquistou um campeonato em 1936 e só em 1945 conseguiu repetir esse feito. Nove anos se passaram sem que o Vasco conquistasse um campeonato.

O tento de Valido, que passou à história como fatídico, foi conquistado em 1944. Esse tento que deu o tri-campeonato ao Flamengo e arrancou o campeonato ao Vasco, provocam lágrimas de sangue. Foi o tento mais discutido de todos os tempos, sendo enaltecido por uns e chorado por outros.

Sete anos são passados e já vamos a caminho de oito. O Flamengo vive a brilhar no estrangeiro. Quando chega ao Rio de Janeiro, entretanto, cai de produção.

Meu amigo Zé Lins do Rego, há uma força misteriosa a impelir o Flamengo para a derrota.

O defeito não é do quadro e muito menos do técnico. Tanto isso é certo, que o Flamengo ao abandonar o país é bafejado pelos bons fados.

O “macumbeiro” quando preparou o “despacho” circunscreveu-o aos campos brasileiros. Lá fora, o Flamengo não perde. Cá dentro, a “escrita” se transforma.
(...)

Amigo Zé Lins do Rego, já sofri os males que agora o afligem durante nove anos.
(...)

Os vascaínos, (...), passaram a acreditar no sapo sêco de Arubinha. Os rubro-negros já começam a acreditar no goal fatídico de Valido...

De nada valem o choro e imprecações. Quando o urubu anda de azar o de baixo cospe no de cima.

Os rapazes do Flamengo precisam usar umas figas de guiné preventivos, com função de amuletos (...), e uns raminhos de arruda nas shooteiras. Com esses, excelentíssimo, reverendíssimo doutor Mengo, o Peladinho voltará a dizer com ênfase: “Mengo, tu és o maior!...”⁵⁴⁴

Nascimento analisa a má fase do Flamengo, trazendo José Lins para o debate, e utiliza uma lenda, a do sapo que Arubinha, jogador do Andaraí, teria sido enterrado em São Januário após uma derrota para o clube vascaíno por 12 x 0 e que, portanto, seria responsável pela maldição de 12 anos sem títulos do time cruzmaltino.⁵⁴⁵ Nesta crônica, temos o reforço da importância que as lendas e mitos do futebol tinham (e ainda têm) no imaginário social e coletivo dos torcedores brasileiros. Além disso, o aspecto religioso e “mágico” teria lugar especial nesta forma de narrar o esporte, enfatizando o caráter imponderável e maravilhoso de compreender o futebol e as fases de cada clube.

O Flamengo, de acordo com “Zé de São Januário”, atentaria para esta maldição tendo em vista que sofrera há alguns anos com a ausência de títulos, que segundo o autor, seria causado por um título contestado pelos vascaínos em 1944. Por fim, utilizara o caráter sobrenatural pelas desventuras do clube, aumentando ainda mais a capacidade de crença dos torcedores por seus clubes, como também, tornava-se uma peça de provocação ao colega José Lins devido à rivalidade travada entre os dois clubes.

Conseguira trazer para o debate chaves de compreensão como uma memória afetiva e coletiva em torno dos esportes, além de incentivar as emoções e sentimentos, envolvidos pelas paixões clubísticas dos cronistas. Estas relações (inter)subjetivas não se tratavam apenas na relação entre autores e leitores. Como pudemos observar, entre os próprios cronistas, a conformação e o aprimoramento de suas técnicas narrativas ganhavam espaços no *JS*. Relembrando Berenstein, já citado neste trabalho, sob o ponto de vista psicanalítico, a criação

⁵⁴⁴ NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 7.037, 6 de agosto de 1952. P. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

⁵⁴⁵ Esta história foi destacada numa publicação que reunia crônicas de Mário Filho em: RODRIGUES FILHO, Mário. *O Sapo de Arubinha – Os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

de um espaço intersubjetivo pode intercambiar emoções, sentimentos e afetos (incluindo, por nossa conta, as paixões).⁵⁴⁶

Um jornal como o *JS* que nascera com a intenção de consolidar uma imprensa esportiva que se desenvolvera nas primeiras décadas do século XX e que apoiara e acompanhara a vida social dos clubes, mantendo colunas do cotidiano, adotara na década de 1950 uma relação ainda mais próxima e íntima com estas associações.⁵⁴⁷

Com a ideia de valorizar o esporte de forma organizativa, associativa e disciplinada, os clubes eram tratados como um espaço onde as práticas esportivas ditavam o universo em torno do lazer e da competição, mas essencialmente, em torno da vida social dos sócios, torcedores e moradores próximos destas agremiações. Por outro lado, mas não visto de forma dicotômica, as paixões clubísticas eram amplamente exploradas pelos cronistas do jornal, chegando a ponto de travarem diálogos intersubjetivos de apoio e aliança, mas também de provocação e disputa de espaço institucional no *JS*.

O clubismo, assim como o denunciamento, tornaram-se chaves significativas de interpretação da capacidade do jornal e de seus cronistas de interferirem no campo esportivo e comunicacional, dialogando e debatendo a partir de criação de representações sociais e culturais em torno das identidades nacional, regional, local, clubística, sem falar nas campanhas em torno da regulamentação do esporte de forma mais organizativa e disciplinada possível. Para tanto, os grandes eventos como as Copas do Mundo, Jogos Olímpicos e Copa Rio eram momentos oportunos para a exploração de suas intenções e “missões” deste modelo de imprensa especializada.

As crônicas, por seu caráter híbrido, (inter)subjetivo e dialógico, dentre outros, tornaram-se mais do que ferramentas para as intencionalidades do jornal. Passaram a ser a caixa de ressonância diversa, mista e heterogênea de narrativas que procuravam interpretar o limite entre a realidade e a ficção em torno dos esportes, em especial do futebol e criaram ao longo da década de 1950, representações culturais e sociais que podiam dizer tanto dos seus objetos de análise, quanto mais dos seus narradores.

⁵⁴⁶ BERENSTEIN. *Apud* de: PIVA, Ângela; PONSI, Andréia; SALDANHA, Carime et al. *Op. Cit.* P. 86.

⁵⁴⁷ COUTO, André Alexandre Guimarães. 2011. *Op. Cit.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após quatro anos e meio de estudos sobre a crônica esportiva carioca na década de 1950, principalmente no jornal que escolhemos pesquisar, o *JS*, pudemos perceber que este periódico em questão tornou-se ainda mais polivalente, heterogêneo e múltiplo em suas opiniões. De acordo com Capelato e Prado, “A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção da vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.”⁵⁴⁸ Apesar de termos escolhido alguns de seus principais cronistas e suas respectivas produções para viabilizar esta pesquisa, cabe informar que outros mereceriam estudos pontuais daqui para diante, inclusive para complementar o nosso trabalho. Também faz-se necessário um estudo mais atento sobre a crônica esportiva de outros veículos de comunicação, como jornais, revistas e até mesmo os usos do rádio do período para que possamos ter uma visão mais geral e ampla da história da imprensa esportiva brasileira.

O *JS*, como jornal/empresa, conseguiu empregar uma quantidade significativa de jornalistas, cronistas, fotógrafos, redatores, funcionários administrativos, trabalhadores de serviços gráficos, dentre outras ocupações do mundo do trabalho das comunicações. Do ponto de vista da criação textual e narrativa, os cronistas se destacavam com uma visão de mundo e sociedade esportivos onde algumas características eram moldadas em favor de uma linha editorial, que por sua vez, não era pétrea e monolítica, tendo em vista que existia uma relação dialógica entre a direção do jornal e a autonomia literária e subjetiva dos autores que por ali trabalhavam. Por meio da análise das nossas fontes, pudemos perceber que tal procedimento era menos contraditório do que se poderia imaginar, pois o processo de autonomização dos cronistas, o que nos aproxima do conceito de campo de Bourdieu, tinha no *JS* um local apropriado para se manifestar e compor um mosaico de representações sobre os esportes e a organização destes.

⁵⁴⁸ CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. P. 19.

Mais do que um projeto de modernidade na construção de um ideário sobre a vida esportiva brasileira, os cronistas do *JS* procuravam delinear e exercitar uma forma narrativa híbrida de construção de representações culturais e sociais sobre o futebol, o torcedor, os clubes e o campo esportivo como um todo.

Portanto, concluímos que uma série de autores, alguns consagrados na vida literária brasileira como Antonio Olinto e José Lins do Rego, assim como dirigentes esportivos importantes e influentes, como Manuel Vargas Netto (que transitava entre a política formal, esportiva e a literatura), jornalistas experientes que atuavam em outros veículos de comunicação (só para citar os que mais trabalhamos, como Geraldo Romualdo da Silva e Álvaro do Nascimento), além de mulheres de famílias mais ricas e cuja influência no mundo da imprensa e do esporte se fazia presente; não poderiam sob nenhuma hipótese, por mais mítica que fosse esta realidade, se tornarem apenas coadjuvantes na formação do cronismo esportivo carioca. Diferente desta visão, propomos um olhar mais cuidadoso e microscópico sobre a produção textual destes autores, incluindo aí, elementos de intersubjetividade na construção de suas ideias e pensamentos.

A ideia de que Mário Filho teria inventado a “fórmula mágica” de realizar uma nova imprensa esportiva no Brasil, criando e recriando maneiras de valorizar o campo esportivo deve ser relativizada de maneira muito cuidadosa. Dentre o conjunto de méritos a frente do *Globo Sportivo* e do *JS*, podemos citar sua atuação no mundo executivo da imprensa com uma trajetória ímpar nos negócios (incertos) da criação de um jornal, além de sua capacidade de aglutinar profissionais que sustentassem as vendas do *JS*, sem falar na habilidade de mobilizar um *modus operandi* de criar uma narrativa sobre o esporte que levava em conta a tentativa de construção de um passado e de uma memória sobre o futebol brasileiro, por exemplo, sem perder de vista um discurso moderno acerca da organização dos esportes. Todavia, podemos afirmar, ao analisar centenas de crônicas deste veículo durante o período de doutoramento, que o estilo destas narrativas, apesar de seguirem determinados padrões de construção textual, era o mais plural e diverso possível, criando uma heterogeneidade significativa no ofício de escrever crônicas esportivas.

Ao longo desta pesquisa, percebemos que a década de 1950 proporcionou uma mudança na concepção de produção de textos jornalísticos, levando em conta o lema (talvez, um “mantra” para os mais desavisados na formação do jornalismo contemporâneo)

“objetividade, neutralidade e imparcialidade”, e que invadiu as redações dos veículos de comunicação como uma “grande onda objetiva”. Manuais de redação e cursos de formação de jornalistas passaram a florescer em alguns centros acadêmicos das grandes cidades brasileiras, elevando esta “modernidade” literária/textual para padrões e limites antes desconhecidos no mundo da imprensa. O próprio estudo do *marketing*, com formação de agências específicas para tanto, moldou uma nova forma de compreensão da mídia.

Todavia, a cobertura esportiva, como pudemos perceber em nossos objetos de análise, grassava por outro olhar: o de enviesar pelo universo das emoções e das subjetividades autorais, estabelecendo limites bem difusos entre o jornalismo e a literatura. Esta última associação, inclusive, classificaria a crônica como um gênero efetivamente híbrido, mesclado entre estes dois campos de intencionalidades e de atuação. Se a crônica em geral tinha esta amplidão de objetivos e características específicas, a esportiva, que foi privilegiada neste trabalho, tinha alguns pontos interpretativos e explicativos a mais, pois poderia se aproveitar de uma aproximação com as emoções, sentimentos e afetos que marcam os esportes na vida humana. Neste enquadramento de percepções no mundo das comunicações ditas modernas, podemos aferir que o *JS* perseguia o ideário de uma modernidade mediada ou ainda de uma contramodernidade (pelo menos, do ponto de vista de uma imprensa modificada por estes padrões tecnicistas).

Para tanto, histórias eram contadas a partir de uma heterogeneidade de temas e assuntos relativos não só aos jogos, clubes e atletas, mas pelo estabelecimento de uma ressignificação de objetos e olhares do entorno do esporte, ou seja, das possibilidades de discussão da cidade, do torcedor e de suas respectivas paixões, dos limites e rompimentos de fronteiras sociais, da defesa da organização e da disciplinarização dos esportes, das conquistas de novas praças esportivas, do ideário de identidade nacional, dentre inúmeras possibilidades de análise e discussão.

Se a “onda objetiva” ganhava corpo, a crônica era uma “válvula de escape” de diálogo pessoal, subjetivo, autoral e criativo que conquistava cada vez mais espaços nos jornais da grande imprensa, seja na área esportiva, seja nas demais áreas culturais, como, o cinema, o teatro e a música. Não por acaso, o *JS* tinha seções destas áreas, muito próximas inclusive das colunas e matérias sobre o esporte.

Não satisfeitos como esta observação, fomos perceber que muitos dos cronistas do *JS* também atuavam em outros jornais, escrevendo textos sobre Teatro, Cinema e Literatura, como era o caso de Antonio Olinto, Manuel Vargas Netto e José Lins do Rego; sem falar nas relações sociais muito próximas entre outros cronistas como Inah de Moraes, Florita Costa e Geraldo Romualdo da Silva, dentre outros, com representantes do universo cultural do Rio de Janeiro e do Brasil, como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramo, Manuel Bandeira, Haroldo Costa e outros. O mundo cultural se fazia presente na composição do time de cronistas do jornal, seja pela própria formação de literatos dos mesmos, seja pela capacidade de interação com outros indivíduos e instituições que alargavam o grau de relacionamento das representações esportivas. Portanto, esporte e cultura, faziam parte da formação de profissionais autores como também do cotidiano das colunas publicadas pelo jornal. Tal fato nos remete ao desenvolvimento das estruturas de espetáculos culturais e de lazer que a década de 1950 encontraria nas grandes cidades brasileiras, como no caso do Rio de Janeiro. Ou seja, a indústria do entretenimento caminhava a largos passos apesar de um período de crise econômica e, por vezes, de instabilidade política.

Difícil mensurar o tamanho da contribuição que o *JS* deu para o fortalecimento de uma imprensa esportiva, que nesta década de 1950, já contava com o rádio na vida dos brasileiros; menos como uma concorrência em nossa visão e mais como um elemento de composição com o que era produzido e escrito pelos periódicos, especializados ou não. O campo esportivo se espalhava para a conformação cada vez maior de aficionados pelo futebol, aumentando a quantidade de torcedores para além dos limites das cidades e dos estados de onde eram originários os grandes clubes de futebol. Não por acaso, e inclusive por razões econômicas das empresas de comunicação, vários jornalistas, cronistas e repórteres atuavam em mais de uma empresa (seja ela impressa ou radiofônica).

Todavia, tornamos ao nosso ponto central de reflexão: com uma miríade de interpretações sobre os esportes, colada com estilos narrativos bem distintos e com o crescimento do interesse por este universo, o jornalismo esportivo e mais especialmente o cronismo esportivo não poderia ficar dependente da estruturação e invenção de um único homem, por mais genial que ele mesmo pudesse ser. Os grandes temas que trabalhamos no capítulo 4 deste trabalho, como a cobertura das Copas do Mundo ocorridas na década de 1950, assim como os Jogos Olímpicos, foram grandes “arenas” de debate e criação de

representações culturais criadas por este time de cronistas do *JS*. Da exploração da identidade nacional por conta dos selecionados e atletas brasileiros a uma defesa eugênica moderna de raça, passando pela crítica do “monoesportivismo” e da supervalorização do futebol pela imprensa brasileira, temos chaves de interpretação do esporte brasileiro oriundas de diferentes origens sociais, culturais e regionais. E, o que se tornou muito interessante com o apoio da metodologia da análise do discurso, para cada uma destas formas subjetivas de apresentar suas chaves de interpretação, havia um arcabouço narrativo que marcava o enunciador. Ou seja, texto e contexto, que em nossa proposta não poderiam se separar, mesmo em uma análise mais profunda da literalidade das proposições, conforme entendemos em Antonio Candido, nos revelaram que os estilos narrativos marcavam uma individualidade específica de cada autor/cronista. E que tais marcas possibilitaram o processo de fidelização destes sujeitos com seus respectivos leitores além de desenharem os limites de interação entre os próprios cronistas tanto para dentro do jornal como para fora dele.

A ideia de cena, da qual nos apropriamos de Maingueneau, nos ajudou bastante a entender a produção dos cronistas pela posição em que eles se encontravam, de um ponto de visão específico, calcado em uma gama de interesses, intenções, origens sociais e percepções de sua realidade. Melhor do que uma encenação do vivido, os cronistas foram analisados nesta pesquisa como construtores de verdades mediadas, elementos de uma tentativa de regular e ordenar o campo. Porém, não de uma forma homogênea, monolítica e guiada, mas plural, heterogênea e, por vezes, contraditória e divergente entre eles.

Um jornal como uma experiência e uma vivência como essas, caleidoscópica, teria como uma de suas grandes características o grau elevado de autonomia, seja no seu estilo narrativo seja nas camadas de opiniões diversas que compunham o mesmo. A defesa da identidade nacional, estimulada pelas Copas do Mundo, por exemplo, trazia um misto de desconfiança e apreensão por um lado, mas também de esperança e alegria por outro, dependendo de qual cronista se tratava, mesmo que a linha editorial de Mário Filho e do jornal apontasse para um lado otimista da nacionalidade, tendo em vista a propulsão que os esportes traziam para a modernidade. Apesar de não termos discutido este último conceito de forma pura e aprofundada e apenas periférica, concordamos que na década de 1950, do ponto de vista da imprensa brasileira, experimentou-se um tempo de transformações significativas na sociedade urbana e do próprio desenvolvimento das cidades, a partir de mudanças na vida

política, econômica e social do país. Nossa visão, inclusive, é que a ideia de modernidade, por vezes (de forma equivocada) associada a progresso e inovação, tem mais relação, em nosso trabalho, com as narrativas sobre o esporte, que convergiam elementos de tradição, perpetuação, organização e disciplinarização do que com as grandes inovações técnicas redacionais presentes nas principais redações da imprensa.

Do ponto de vista empresarial, o dinamismo comercial das cidades e a evolução da dualidade jornal/empresa permitiram ampliar os negócios em torno da venda de periódicos como revistas e jornais. A exigência por melhores produtos e serviços além da necessidade de atender a cada vez mais novas demandas da indústria dos espetáculos e cultural incrementou uma relação com os leitores de forma diferenciada. Portanto, o *JS* se adequava aos novos tempos, utilizando para isso, sem que fosse uma contradição, fórmulas antigas da década de 1930 e 1940: a defesa do clubismo e do denunciismo em prol do desenvolvimento do campo esportivo. Elementos que já vinham no bojo das discussões do *JS*, desde a sua fundação em 1931 (ainda sob a administração de Argemiro Bulcão), em outra conjuntura histórica, onde o apego e apoio às decisões do Estado eram mais evidentes e necessárias.

Tudo isso, considerando o caráter subjetivo que as crônicas poderiam oferecer não apenas pelo modelo opinativo em que as mesmas eram forjadas, mas porque fugiam a qualquer tentativa de separação entre o mundo público e o privado. De acordo com Arfuch, este desnudamento do privado, comum na literatura dos romances, possibilita enxergarmos por espaços menores de compreensão da realidade. As crônicas esportivas do *JS* nos auxiliaram neste caminho de visualizar as representações criadas por autores que buscavam no privado, na vida dos clubes, associações, práticas esportivas e jogadores, dentre tantas outras possibilidades, realizar uma discussão pública de interesse intersubjetivo e mais amplo. Tal empreendimento contara com o projeto institucional deste periódico, que fora capaz, em determinado período de sua história, aglutinar sujeitos capazes de criar textos que ousavam modelar e ordenar o campo esportivo com seus discursos em torno dos sentimentos, afetos e emoções e voltado para uma visão carioca que pretendia se tornar nacional.

Com o aparecimento de um novo formato de noticiar e publicizar os esportes de forma opinativa, criativa e subjetiva, a partir da década de 1940, as crônicas tornaram-se os elementos mais importantes do jornalismo esportivo impresso, trazendo em si mesmas a antítese da modernidade presente nos anos 1950 acerca da “onda objetiva”. A visão autoral e

imaginativa dos cronistas construía representações culturais e sociais sobre os esportes que englobavam questões nacionais caras sem perder a identidade regional que as disputas locais poderiam apontar, sem falar na ideia de apoiar de forma incondicional a estratégia de fomentar as paixões clubísticas e a organização dos esportes por meio dos clubes e das associações esportivas. Missões que foram cumpridas por um time de narradores, cuja produção rica em criatividade e imaginação merece igual tratamento pelos futuros olhares historiográficos.

REFERÊNCIAS

A FOTOGRAFIA no Brasil” de Gilberto Ferrez na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Fonte: História da Fotografia no Brasil. Disponível em: <<http://www.girafamania.com.br/montagem/fotografia-brasil1.htm#topo>>. Acesso em: 31/03/2015.

ABREU, Alzira Alves de. O Brasil de JK: Imprensa. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Imprensa>>. Acesso em: 30/06/2015.

_____; WELTMAN, Fernando Lattman; FERREIRA, Marieta de Moraes e RAMOS, Plínio de Abreu. *A Imprensa em Transição – O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

AGUILAR FILHO, Sidney. Racismo à brasileira. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/racismo-a-brasileira>> . Acesso em: 25/07/2016.

ÁLVARO DO NASCIMENTO. Disponível em: <http://www.paixaovascao.com.br/wiki/%C3%A1lvaro_do_nascimento>. Acesso em: 19/06/2016.

ANOS 50 – A história da televisão no Brasil. Disponível em: <<http://www.tudosobrevtv.com.br/histortv/tv50.htm>>. Acesso em: 16/06/2015.

ANPUERO, Luiz e REUTERS. *Desistência argentina na Copa de 1950 causou décadas de ressaca*. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/desistencia-argentina-na-copa-de-1950-causou-decadas-de-ressaca,c6f0c7d7ad726410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20/01/2016.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas: EdUnicamp, 2009.

ANTONIO OLINTO. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/antonio-olinto/biografia>>. Acesso em: 16/06/2016.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAHIA, Ricardo. *Das Luzes à Desilusão – O conceito de Indústria Cultural em Adorno e Horkheimer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BASSO. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/biografias/338/basso>>. Acesso em: 18/06/2016.

BASTOS, Pedro Paulo Z.; FONSECA, Pedro Cezar D. (Org.). *A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BENEVIDES, Maria Victoria. O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991. P. 9-22.

BOOTH, Douglas. *The Field: Truth and Fiction in Sport History*. New York: Routledge, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *A Economia das Trocas Linguísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRESCIANI, Maria Stella. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – Fundamentos de um lugar-comum”. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas: EdUnicamp, 2009.

BREVE EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO SISTEMA EDUCACIONAL. OEI/MEC. Disponível em: <<http://www.oei.es/quipu/brasil/historia.pdf>>. Acesso em: 16/06/2015.

BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BRITO, Mário da Silva. Vargas Neto. In: *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMARGO, Laura Alice Rinaldi e SILVA, Marcos Ruiz. Os clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro: uma relação de hábitos e costumes. In: *XI Simposio Internacional Proceso Civilizador*. Buenos Aires.

CAMILOTTI, Virgínia e NAXARA, Márcia Regina Capelari. História e Literatura: Fontes Literárias na Produção Historiográfica Recente no Brasil. In: *História: Questões e Debates*. n.º 50. Curitiba, Editora UFPR, 2009.

CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

_____. *Literatura e Sociedade – estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Queroz, 2000.

CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Curitiba: UFPR, 2007. Tese de Doutorado em História.

_____. Mario Filho e a “Invenção” do Jornalismo Esportivo Profissional. In: *Movimento*. Porto Alegre, v. 17, n. 2, abril/junho de 2011. P. 213-224. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/15154/13139>>. Acesso em: 1/07/2015.

_____ e FREITAS Jr., Miguel Arcanjo de. (Orgs.). *Passe de Letra: Crônica Esportiva e Sociedade Brasileira*. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012.

CARLE, Ricardo. A sombra de Martín Fierro em Livramento. In: *Zero Hora*. 29 de março de 1998. Caderno Cultura.

CARPEAUX, Otto Maria. O brasileiríssimo José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. *Romances Reunidos e ilustrados X - Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Vida e morte do Correio da Manhã*. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=328&titulo=Vida_e_morte_do_Correio_da_Manha>. Acesso em: 23/06/2015.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHURCHILL, Winston S. *Memórias da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 2 V.

COELHO, Eduardo. *1952: Fluminense Campeão do Mundo*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2012.

COELHO, Maria Beatriz Ramos de Vasconcelos. *A Construção da imagem da nação Brasileira pela fotodocumentação: 1940-1999*. São Paulo, 2000. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CORRÊA, Thomaz Souto. A Era das Revistas de Consumo. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, Helouise e RODRIGUES, Renato. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

COSTA, Leda Maria da. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. Tese de Doutorado em Letras.

COUTINHO, Edilberto. *Zélins, Flamengo até morrer*. Rio de Janeiro: s.e., 1995.

COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

_____. O discurso pela imagem: Manchete Esportiva e sua proposta fotojornalística (1955-1959 e 1977-1979). In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

_____. Todos os Homens do *Jornal dos Sports*. 9 de agosto de 2012. Disponível em: <<https://historiadesporte.wordpress.com/2012/08/09/todos-os-homens-do-jornaldos-sports/>>. Acesso em: 18/06/2016.

CUNHA, Diogo da Silva. *Manchetes, títulos e suas formas de expressão: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver*. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 2010. Monografia de Graduação em Comunicação Social (Jornalismo). Disponível em: <<https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/juntos.pdf>>. Acesso em: 23/06/2015.

DA MATTA, Roberto. Futebol: Ópio do Povo X Drama de Justiça Social. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, V. 1, Nº 4, Novembro/1982.

DALBEN, André. Inezil Penna Marinho: formação de um intelectual da educação física. In: *Movimento*. Porto Alegre, n.º 17, 2011. P. 59-76.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001.

DRUMMOND, Maurício. Os Gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da e SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória Social dos Esportes - Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora/FAPERJ, 2006. P. 107-132.

ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____ e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESTATÍSTICAS DO SÉCULO XX. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/29092003estatisticasecxhtml.shtm>>. Acesso em: 11/05/2016.

FARRUGIA, Beatriz; SALGADO, Diego; ZUCCHI, Gustavo e XIMENEZ. *1950 – O Preço de uma copa*. São Paulo: Letras do Brasil, 2014.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995.

FERRARI, Danilo Wenseslau. Diretrizes – A Primeira Aventura de Samuel Wainer. *In: Revista Histórica*. Arquivo Público do Estado de São Paulo. São Paulo, Nº 31, junho de 2008.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. *In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA JÚNIOR, José e ROCHA, Larissa Leda F. Jornalismo e literatura: hibridismos culturais no comentário. *In: Revista Contracampo*. Nº 18. Niterói: UFF, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/336/140>>. Acesso em: 17/02/2015.

FIBA. *FIBA World Championships History*. Disponível em: <http://www.fiba.com/downloads/v3_abouFiba/mp/FIBA_world_championships_history.pdf>. Acesso em: 03/07/2015.

FILIPPO, Leonardo. Há 100 anos, nascia Mário Filho, o “Criador das multidões”. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL587551-9825,00-HA+ANOS+NASCIA+MARIO+FILHO+O+CRIADOR+DAS+MULTIDOES.html>>. Acesso em: 25/07/2016.

FONSECA, Bárbara Ribeiro e VIEIRA, Soraya Maria Ferreira. Construção da memória urbana: uma comparação entre as narrativas jornalística e literária. *In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia*. Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/construcao-da-memoria-urbana-uma-comparacaoentre-as-narrativas-jornalistica-e-literaria>>. Acesso em: 18/02/2015.

FORTES, Rafael. *O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FRANÇA, Viviane Amaral. *Jornalismo e Literatura: Uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould*. Monografia de Conclusão de Curso em Jornalismo. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, 2008. Orientado por Juarez Dias.

FREITAS, Paulo Eduardo. *Faces de um Eu Enunciador*. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2004. Dissertação de Mestrado em Letras.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *No Meio do Caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Curitiba: UFPR, 2009. Tese de Doutorado em História.

FREITAS, Paulo Eduardo. A Crônica: sua trajetória, suas marcas. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/205/284>>. Acesso em: 17 de junho de 2012.

GALUPPO, Fernando Razzo. *Palmeiras: Campeão do Mundo – 1951*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2011.

GIL, Gilson Pinto. *Humildes, Mascarados e Gênios. Ética, História e Identidade Nacional na Obra de Mário Filho*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997. Tese de Doutorado em Ciências Humanas (Sociologia).

GOMES, Eduardo de Souza. *El Dorado – Os efeitos do profissionalismo no futebol colombiano (1948-1951)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade e CAMARGO, Vera Regina Toledo. *A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura*. Trabalho apresentado no V Encontro de Núcleos de Pesquisa da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-2.pdf>. Acesso em: 27/12/2008.

GRANDE RESENHA FACIT. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/grande-resenha-facit/formato.htm>>. Acesso em: 16/06/2016.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 2005.

HAROCHE, Claudine. Les Manières de sentir ont une Histoire. In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, Nº 59, Jul./Dez. 2013. Editora da UFPR.

HAROLDO BARBOSA. In: *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/haroldo-barbosa/biografia>>. Acesso em: 30/06/2015.

HEIZER, Teixeira. *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. Edição atualizada 2001. P. 82.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HILL, Jeffrey. Anedotal Evidence: Sport, the Newspaper Press, and History. In: PHILLIPS, Murray (Org.). *Deconstructing Sport History*. New York: State University of New York Press, 2006.

HISTÓRIA DA Fotografia no Brasil. Disponível em: <<http://www.girafamania.com.br/montagem/fotografia-brasil1.htm#topo>>. Acesso em: 31/03/2015.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O Descobrimento do Futebol: Modernismo, Regionalismo e Paixão Esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

_____. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

_____. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1960. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de e MELO, Victor Andrade de. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso: A Síntese Radiofônica Mundial que Fez História*. Porto Alegre: AGE/EDIPUC, 2008. KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso: A Síntese Radiofônica Mundial que Fez História*. Porto Alegre: AGE/EDIPUC, 2008.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LAVIÉ, Humberto Quiroga. *Vida y Obra de José Hernández, su ambiente político. El Martín Fierro*. Buenos Aires: Editorial Bunken, 2015.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. O difícil caminho do meio: Estado, burguesia e industrialização no segundo governo Vargas (1951-1954). In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Vargas e a Crise dos Anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Luiz Costa. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUCA, Tania Regina de. *Revista do Brasil (1938-1943), um projeto alternativo?* In: DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves. *Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política*. São Paulo: Annablume/Olhares, 2006.

_____. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, Lino. Maneirismo em Camões: uma Linguagem de Crise. In: *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*. Vitória, a. 4, n.º 4, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. In: *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2). 2009. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>. Acesso em: 05/01/2015.

MARCON, Daniele e ARENDT, João Claudio. Tradição e Modernidade na Poesia Regionalista de Vargas Neto. In: *E-Scrita, Revista do Curso de Letras UNIABEU*. Nilópolis,

V. 5. Nº 1, Jan./Abr. 2014. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/1211/pdf_196>. Acesso em: 16/11/2015.

MARQUES, Fabrício. Literatura e jornalismo: convergências, divergências. In: *Temas: ensaios de comunicação*. v. 1, n.1, p. 15-17, 2002.

MARQUES, José Carlos. *Todo dia ela sempre faz tudo igual (O texto literário e a crônica na imprensa esportiva brasileira)*. Trabalho apresentado no XXVII Congresso Brasileiro da INTERCOM. Porto Alegre: PUC/RS, 2004.

_____. A função autor e a crônica esportiva no Brasil: representações da Copa do Mundo em alguns jornais cariocas e paulistas. In: *Logos*. Rio de Janeiro, UERJ, Edição 33, V. 17, n.º 2, 2010.

MAUAD, Ana Maria. O Olho da História: Fotojornalismo e a Invenção do Brasil Contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e Imprensa: Representações Culturais e Práticas de Poder*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

McPHERSON, B. D.; CURTIS, J. E. & LOY, J. The social significance of sport: an introduction to the sociology of sport. USA: Human Kinetics Books. 1989.

MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil*. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras.

MELO, Victor Andrade de: Inezil Penna Marinho: notas biográficas. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Aracruz: Editora da Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998. V.3;

_____. *História da Educação Física e do Esporte no Brasil: Panorama e Perspectivas*. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1999.

_____. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MOISÉS, Massaud. José Lins do Rego. In: *História da Literatura Brasileira*. Vol. V: *Modernismo*. São Paulo: Cultrix - Edusp, 1989.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MORAES, Hugo da Silva. *Jogadas Insólitas: o Amadorismo e o Processo de Profissionalização do Futebol Carioca (1922-1924)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOTTA, Marly da Silva. O Rio de Janeiro Continua Sendo? In: AZEVEDO, André Nunes (Org.). *Anais do Seminário Rio de Janeiro: Capital e Capitalidade, Rio de Janeiro, 23 a 26 de outubro de 2000*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

_____; FREIRE, Américo e SARMENTO, Carlos Eduardo. *A Política Carioca em Quatro Tempos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

NASSIF, Luís. O cronista do Rio. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/o-cronista-do-rio-0>>. Acesso em: 6/07/2016.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e Texto Literário: Alguns Apontamentos. In: *História: Questões e Debates*. n.º 44. Curitiba, Editora UFPR, 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/issue/view/564>>.

NEVES, Guilherme Pereira das. *História, teoria e variações*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.

OLIVEIRA, Jéssica. Aldyr Schlee recorda criação do uniforme canarinho, desenhado por ele em 1953. 31/05/2014. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/especialcopa/curiosidades_20140531_01.asp>. Acesso em: 25/06/2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma História Social do Futebol do Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINTO, José Marcelino de Rezende; BRANT, Liliane Lúcia Nunes de Aranha Oliveira; SAMPAIO, Carlos Eduardo Moreno e PASCOS, Ana Roberta Pati. Um Olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, V. 81, Nº. 199, setembro/dezembro 2000. P. 511-524. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/137/137>>. Acesso em: 16/06/2015.

PIVA, Ângela; PONSI, Andréia; SALDANHA, Carime et al. Origens do conceito de Intersubjetividade: Uma trajetória entre a Filosofia e a Psicanálise Contemporânea. In: *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*. Porto Alegre, n.09, Jan/Jun 2010. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo234.pdf>>. Acesso em: 06/01/2015.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981.

PROENÇA FILHO, Domício. *A Linguagem Literária*. São Paulo: Ática, 2001.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A Reivenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. In: *Esporte e Sociedade*. Niterói, UFF, n.º 9, 2008.

RESENDE, F. *Textuações: ficção e fato no Novo Jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escalas. A Experiência da Microanálise*. FGV.

_____. A biografia com problema historiográfico. In: REVEL, Jacques. *História e historiografia. Exercícios críticos*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História. Imprensa do Rio de Janeiro de 1950*. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2000. Tese de Doutorado em Comunicação.

_____. Modernização e Concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e Imprensa: Representações Culturais e Práticas de Poder*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo – histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

_____. Thomaz Mazzoni: o jornalista esportivo. 5 de abril de 2012. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/04/thomaz-mazzoni-o-jornalista-esportivo.html>>. Acesso em: 19/06/2016.

RIBEIRO, Luiz Carlos. O futebol no campo afetivo da história. In: *Revista Movimento*. Porto Alegre, Vol. 10, n.º 3, set/dez de 2004, P. 99-111.

_____. (Org.) *Futebol e globalização*. Jundiaí: Ed. Fontoura, 2007.

_____. Futebol: Por uma História Política da Paixão Nacional. In: *História: Questões & Debates*. Curitiba, n.º 57, jul./dez. 2012. P. 33.

RITTER, Eduardo. *New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura*. In: *Rizoma*. V. 1 n.º 1. Santa Cruz do Sul: UNISC, Julho, 2013. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/3459/2763>>. Acesso em: 17/02/2015.

ROCHA, Dora. O Brasil de JK>Literatura. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Literatura>>. Acesso em: 24/09/2016.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Sapo de Arubinha – Os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 4ª ed.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1987. 3 ed.

SALDANHA, Ana Claudia. A realidade em uma abordagem epistemológica. In: *Revista Jus Navigandi*. Teresina, ano 15, n.º. 2.589, 3 ago. 2010. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/17107/a-realidade-em-uma-abordagem-epistemologica>>. Acesso em: 23/07/ 2015.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: EdUSP, 2005. 5. ed.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Que Brasil é este? Manual de Indicadores Políticos e Sociais*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1990.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

SARGENTINI, Vanice. As relações entre a Análise do Discurso e a história. In: GASPAR, Nádia Regina e MILANEZ, Nilton (Orgs.). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O Mundo do Futebol nas Crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. Dissertação de Mestrado em Letras – Estudos Literários.

SIQUEIRA, Carla. Sensacionalismo e Retórica Política em *Última Hora, O Dia e Luta Democrática* no Segundo Governo Vargas (1951-1954). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e Imprensa: Representações Culturais e Práticas de Poder*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, 1999, n.º. 23. P. 119-146.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977. 2ª edição. Mauad, 1999. 4. ed.

SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção: As Seleções Brasileiras de Futebol – 1914-2002*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_li_chang_sousa.pdf>. Acesso em: 16/06/2015.

SOUZA, Jhonatan Uewerton. *O Jogo das Tensões: Clubes de Imigrantes Italianos no Processo de Popularização do Futebol em Curitiba (1914-1933)*. Curitiba: UFPR, 2014. Dissertação de Mestrado em História.

SOUZA, José Inácio de Melo. E as famílias na sala de jantar: aprendendo a ver televisão na década de 1950. In: *Revista USP*. São Paulo, n.º 69, março/maio 2006. P. 159-180.

SOUZA, Mário Luiz De. *As Letras e o Consenso: Burguesia, Educação, Imprensa e Hegemonia*. Niterói: UFF, 2010. Tese de Doutorado em Educação.

SOUZA, Ricardo Luiz de. As raízes e o futuro do “Homem Cordial” segundo Sérgio Buarque de Holanda. In: *Caderno CRH*. V. 20 n.º 50. Salvador. Maio/Agosto 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000200011>. Acesso em: 20/01/2016.

SUSSEKIND, Flora. *O Cinematógrafo das Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade e o jornal: a *Gazeta Esportiva* e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

TRIGO, Luciano. *Marques Rebelo: mosaico de um escritor*. Rio de Janeiro: Relume–Dumará, 1996.

UNZELTE, Celso. *O Livro de Ouro do Futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.

VAZ, Marcelo. Para quem torcem os nossos cronistas. In: *Placar*. São Paulo, n° 645, 1° de outubro de 1982.

VELLOSO, Monica Pimenta. História, literatura e memória: uma discussão sobre universos fronteiriços. In: *Mouseion*. n.º 11, jan./abril, 2012. P. 19. Disponível em: <www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/.../274>.

VILARINHO, Sabrina. *Fábula*. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/redacao/fabula.htm>>. Acesso em: 23/07/2015.

VITAL, João Carlos. Verbetes Biográfico. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vital-joao-carlos>>. Acesso em: 07/06/2016.

WHITE, Hayden. *Meta-história. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.

FONTES

3ª COPA DO MUNDO (1938): A Itália no Caminho do Bi. In: *Placar*. São Paulo, n.º 827, 31 de março de 1986. Suplemento História das Copas. P. 16.

A HELIOTHERAPIA como factor sportivo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 08, 25 de março de 1931. P. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

ANDRADE, Aristélio. Foi uma festa portuguesa com certeza. In: *Placar*. São Paulo, n.º 366, 29 de abril de 1977. P. 56.

AS INSCRIÇÕES dos Amadores na AMEA. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 02, 16 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. P. 2.

CACHIMBÃO. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.013, 9 de julho de 1952. Coluna Crawlando... P. 7.

_____. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.369, 7 de dezembro de 1956. Coluna Crawlando. P. 7.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. Várias edições. 1950 a 1958.

COSTA, Florita. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.859, 5 de janeiro de 1952. P. 4. Coluna “O Meu Comentário”.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.893, 13 de fevereiro de 1952. P. 3. Coluna “O Meu Comentário”.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.911, 9 de março de 1952. P. 5. Coluna “O Meu Comentário”.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.052, 23 de agosto de 1952. P. 7. Coluna “O Meu Comentário”.

EVERARDO LOPES. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.157, 24 de dezembro de 1952. P. 6.

FAIXA. Procurados sem Procuração. *In: O Dia*. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1955. P. 7.

FOGUEIRA HUMANA! *In: O Dia*. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1951. P. 1.

GAMA, Paulo. Que saudade dos tempos do Mosquito Elétrico. Disponível em: <http://raialeve.com.br/conteudo/index.php?cod_cont=59687&&cod_secao=3&&mes=03&&ano=2015>. Acesso em: 25/06/2015.

INCENDIOU-SE o avião. *In: O Dia*. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1951. P. 1.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, n.º 05, 20 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. P. 2.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro. Várias edições. 1950 a 1958.

LAURENCE, Albert. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.015, 11 de julho de 1952. P. 5-6. Coluna A Crônica Intermacional.

_____. A atuação dos Jogadores. *In: Última Hora*. Rio de Janeiro, n.º 668, 17 de agosto de 1953. P. 3.

LOPES, Everardo. Uma escrita que era preciso quebrar. Vitória do Fluminense, Alegria da Cidade. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.036, 5 de agosto de 1952. P. 5 e 10.

_____. Uma advertência sublinhada a lápis vermelho; Curiosa viagem de Papai Noel. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.157, 24 de dezembro de 1952. P. 5.

_____. Pode ser que seja, mas também pode ser que não seja; Ajuste de contas Botafogo x Bangú. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.159, 27 de dezembro de 1952. P. 5.

_____. Horóscopo. 16 de julho e 29 de junho. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.817, 1º de junho de 1958. P. 13.

_____. Mão à Palmatória. Conversão de um descrente. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.845, 5 de julho de 1958. P. 5.

LOPES, Joel. Coluna “Pênalti!”. *In: O Dia*. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1955. P. 8.

MACHADO, João. Novas praças de desportos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 de junho de 1951. P. 5. Coluna Às quintas-feiras.

_____. Grêmio Esportivo Vital. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.893, 13 de fevereiro de 1952. P. 5. Coluna Às quintas-feiras.

MÁRIO JÚLIO RODRIGUES. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 5.411, 12 de abril de 1947. P. 4. Coluna Sociais.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). “Lasciate Ogni Speranza”... *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.304, 12 de março de 1950. P. 9.

_____. Transformemos o Torneio Rio-São Paulo em “Taça do Brasil”. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5.

_____. Já não é mais possível.... *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.038, 7 de agosto de 1952. P. 5 e 8.

_____. “Grandes” e “Pequenos” serão sempre “Grandes” e “Pequenos”. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.135, 29 de novembro de 1952. P. 5 e 8.

_____. As Taxas e o Rádio. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.576, 14 de maio de 1954. P. 5.

MELO JUNIOR. Esforço Exaustivo! *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.498, 27 de outubro de 1950. P. 1.

_____. Estreou Vencendo o Brasil! *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.497, 26 de outubro de 1950. P. 1.

MORAES, Inah de. Idéia do Tomazinho... *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 9. Coluna Rondó dos Cavalões.

_____. O Caso de Curupay. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.712, 14 de julho de 1951. P. 9.

NASCIMENTO, Álvaro do. Um “sportman” não mente, “seu” Adamor. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 24, 11 de abril de 1931. P. 3.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.857, 3 de janeiro de 1952. P. 2. Coluna O Vasco em Dia.

NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 5.273, 25 de outubro de 1946. P. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.410, 16 de julho de 1950. P. 9. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.013, 9 de julho de 1952. P. 14. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.035, 3 de agosto de 1952. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.036, 5 de agosto de 1952. P. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.037, 6 de agosto de 1952. P. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.039, 8 de agosto de 1952. P. 8. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.100, 18 de outubro de 1952. P. 2. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.368, 6 de novembro de 1956. P. 6. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.358, 24 de novembro de 1956. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.361, 28 de novembro de 1956. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.363, 30 de novembro de 1956. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.370, 8 de dezembro de 1956. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.818, 3 de junho de 1958. P. 9. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

NUNES, Pedro. Onze por quarenta milhões. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.391, 24 de junho de 1950. P. 9. Coluna Bolas na Lagoa...

O DIA. Rio de Janeiro. Várias Edições. 1951 a 1958.

O GLOBO. Rio de Janeiro. Várias Edições. 1951 a 1958.

O ORGULHO de Lutar por um Objetivo Nacional. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 2.646, 13/04/1938. Coluna Críticas e Sugestões. P. 2.

OLINTO, Antonio. O Ápice do Clímax. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.410, 16 de julho de 1950. P. 9.

_____. Depois da Batalha. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 5.

_____. Vingança dos olhos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.636, 15 de abril de 1951. P. 5.

_____. “Anjos e piratas”. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.006, 1º de julho de 1952. P. 2.

_____. Função da Crítica. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.054, 26 de agosto de 1952. P. 2.

_____. Poetas de 45. *In: Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 de abril de 2009. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/poetas-de-45>>. Acesso em: 17/06/2016.

OLIVEIRA, Alvarus de. Uma “Copa” Afinal! *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5.

OS BRASILEIROS campeões sul-americanos de remo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 07, 23 de março de 1931. P. 1.

POLO, Mário. A Primazia de “Melhor de Três”. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.312, 22 de março de 1950. P. 5.

PRECISAMOS de entidades especializadas! *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 04, 18 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. P. 2.

REBELIÃO da “Alcatraz Brasileira” faz 60 anos. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,rebeldiao-da-alcatraz-brasileira-faz-60-anos-imp,-890677>>. Acesso em: 24/07/2016

REGRESSOU ontem Geraldo Romualdo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.247, 1º de janeiro de 1950. P. 1 e 6.

REGO, José Lins do. O Presidente Vargas Netto. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.341, 26 de abril de 1950. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

_____. Não tem culpa os operários. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.391, 24 de junho de 1950. Coluna Esporte e Vida.

_____. A cidade. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.392, 25 de junho de 1950. P. 11. Coluna Esporte e Vida.

_____. Hoje. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.410, 16 de julho de 1950. P. 9. Coluna Esporte e Vida.

_____. A Derrota. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

_____. Cuidado. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 de junho de 1951. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

_____. Não precisamos de Conselhos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

_____. Muito Obrigado. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.928, 29 de março de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

_____. Vamos torcer pelo Sporting. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.019, 16 de julho de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

_____. O povo é mais sabido que se pensa. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.038, 7 de agosto de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

_____. Não estou desiludido com o Flamengo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.052, 23 de agosto de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

_____. Condores de federações, calai os vossos bicos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.100, 18 de outubro de 1952. P. 5. Coluna Esporte e Vida.

RODRIGUES, Mário Júlio. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 5.221, 28 de agosto de 1946. P. 6. Coluna Carnet do Fluminense.

_____. Um Bom Sinal. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.581, 20 de maio de 1954. P. 5.

_____. Dia “D”, Hora “H”. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.603, 16 de junho de 1954. P. 5.

_____. A grande dúvida. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.824, 10 de junho de 1958. P. 5.

_____. Os Urubus passam fome. Mas outros engordam e tomam banho de piscina. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.825, 11 de junho de 1958. P. 4.

RODRIGUES FILHO, Mário. O Football Carioca Mergulha na Anarquia. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.341, 26 de abril de 1950. P. 5

_____. O Football como Profissão (2). *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.878, 27 de janeiro de 1952. P. 10.

_____. A Emoção da Copa Rio. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.016, 12 de julho de 1952. P. 5.

_____. (...) Um motivo de orgulho. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.036, 5 de agosto de 1952. P. 5.

_____. A República Paz e Amor (1). *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.122, 13 de novembro de 1952. P. 5.

SCASSA, José Maria. (...) Clima, etc...*In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.369, 7 de dezembro de 1956. P. 6. Coluna Sua Excia, o Esporte.

SERRAN, Ricardo. Os acontecimentos do Ano. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.552, 31 de dezembro de 1950. P. 9

SILVA, Geraldo Romualdo da. De Wembley ao Derby Club; História de Estádios Famosos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.095, 7 de julho de 1949. P. 5.

_____. A outra “Copa do Mundo”. O Brasil é o Rei do Football: só falta a Coroa. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 5.

_____. O que mais importa é competir. Democracia, Comunismo e Racismo nas Olimpíadas. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.020, 17 de julho de 1952. P. 5.

_____. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.576, 14 de maio de 1954. P. 5.

_____. A lição dos XV Jogos Olímpicos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.034, 2 de agosto de 1952. P. 5.

_____. Cítius – Altius – Fortius. Poucos Países Estão Em Condições De Gastar O Que A Austrália Vai Perder Com As Olimpíadas. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.356, 22 de novembro de 1956. P. 5.

_____. A Batalha dos Records; A Rússia gastou 150 bilhões para ganhar as Olimpíadas. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.362, 29 de novembro de 1956. P. 5.

_____. Mensagem a Emílio. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 2 de junho de 1964.

SHERMANN, Adolpho. Auxilie-se os desportos amadores. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.035, 3 de agosto de 1952. P. 5.

SUSPENSO Juvenal por 15 Dias! *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.515, 17 de novembro de 1950. P. 1.

SUSPENSO Zizinho Por Dois Jogos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.516, 18 de novembro de 1950. P. 1 e 6.

ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro. Várias Edições. 1951 a 1958.

VARGAS NETTO, Manoel. Espírito Esportivo e Sentimento da Pátria. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 4.680, 16 de novembro de 1944. P. 1. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Controle Médico. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 5.429, 4 de maio de 1947. P. 7. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Desportista do Acre. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 5.432, 8 de maio de 1947. P. 4. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Elegância e Entusiasmo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.391, 24 de junho de 1950. P. 9. A Crônica de Vargas Netto.

_____. A Batalha Final... *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.410, 16 de julho de 1950. P. 9. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Depois da Festa. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.411, 18 de julho de 1950. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Copa Rio. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Náutico Atlético Cearense. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.020, 17 de julho de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Torcida Carioca. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.034, 2 de agosto de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Sinal Vermelho. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.039, 8 de agosto de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Minas T. C. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.040, 9 de agosto de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Talvez Por Isso... *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.117, 7 de novembro de 1952. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Inconvenientes. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 6 de abril de 1954. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. Aviso aos Navegantes... *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.581, 20 de maio de 1954. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. *Tropilha Gaúcha e Gado Xucro*. Porto Alegre: Globo, 1955. Coleção Província.

_____. Autoconfiança. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.842, 1º de julho de 1958. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. A Volta triunfal. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.843, 2 de julho de 1958. P. 8. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

_____. *Poemas Farrapos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. Lança dos Guedes. *In: FAGUNDES, Antonio Augusto. Antologia da Poesia Épica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: AGE, 1992.

_____. Tapera. *In: NUNES, Rui Cardoso; NUNES, Zeno Cardoso Nunes e RETAMOZO, José Hilário. Tentos e Loncas*. Porto Alegre: AGE, 1993.

ANEXO 1 - TIRAGEM DOS MATUTINOS CARIOCAS (EM MIL EXEMPLARES)

Jornais/ano	51	52	53	54	55	58	60
Diário Carioca	45	35	40	40	40	17	17
Jornal do Brasil	60	70	45	40	40	57	59
Correio da Manhã	56	70	70	72	72	57	53
O Dia	-	60	90	90	115	240	230
Jornal do Commercio	33	60	20	32	32	-	-
O Jornal	70	60	60	60	60	-	27
Diário de Notícias	64	55	63	-	54	47	47
Luta Democrática	-	-	-	20	30	117	130

Fonte: Anuário Brasileiro de Imprensa (1950-57), Anuário de Imprensa, Rádio e Televisão (1958-60) e RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese de Doutorado em Comunicação, UFRJ/ECO, 2000. *Apud*: BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* P. 155.

ANEXO 2 - TIRAGEM DOS VESPERTINOS CARIOCAS (EM MIL EXEMPLARES)

Jornais/ano	1951	1952	1953	1954	1955	1958	1960
Última Hora	-	70	85	92	92	105	117
Tribuna da Imprensa	30	25	25	40	40	24	18
O Globo	100	120	100	110	110	187	218
A Notícia	120	130	130	95	60	58	56
Diário da noite	95	129	88	75	90	70	40

Fonte: Anuário Brasileiro de Imprensa (1950-57), Anuário de Imprensa, Rádio e Televisão (1958-60) e RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese de Doutorado em Comunicação, UFRJ/ECO, 2000. *Apud*: BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* P. 155.